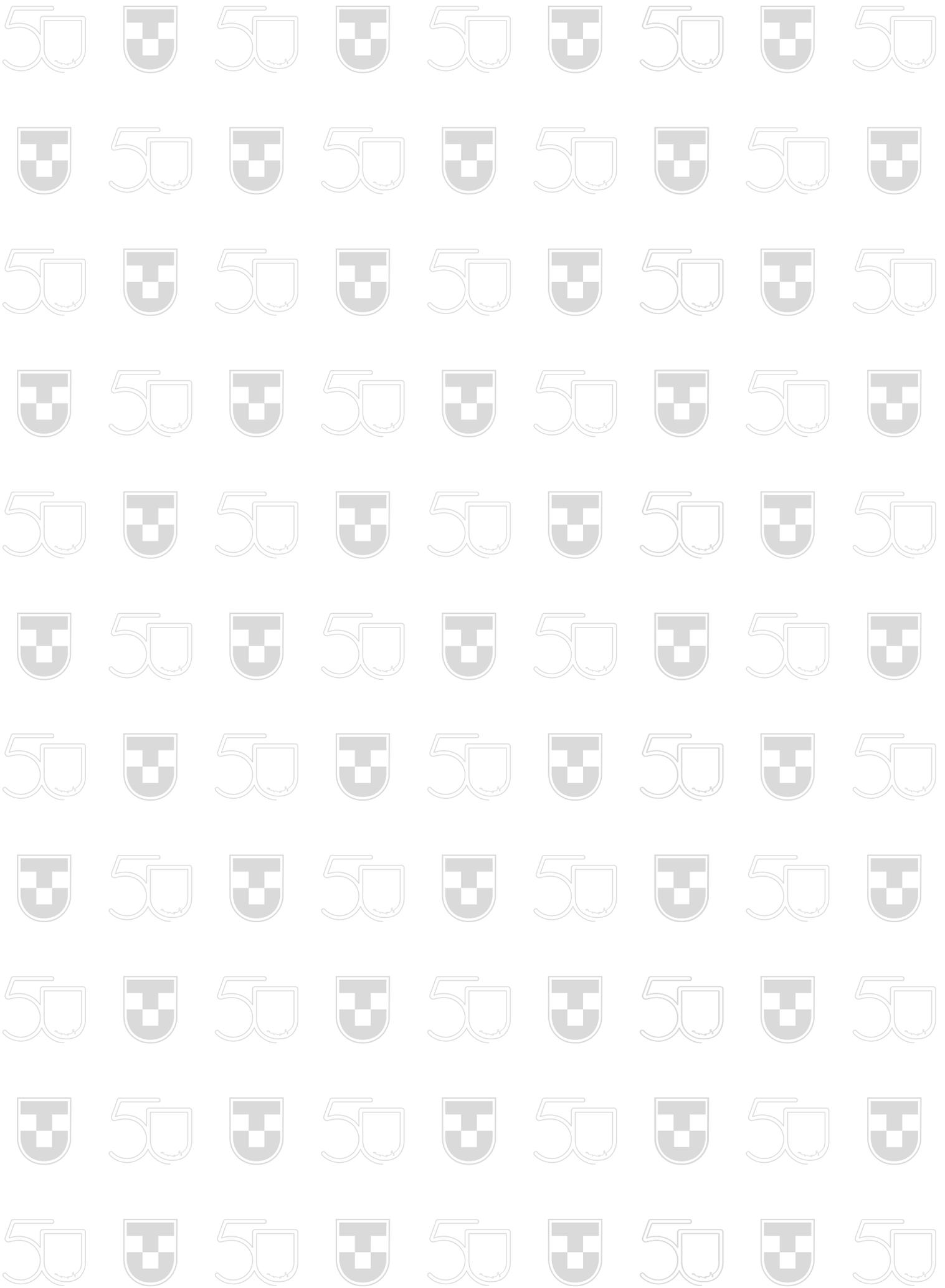


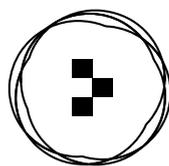


UNITAU
Universidade de Taubaté



unitau
na • sua
vida

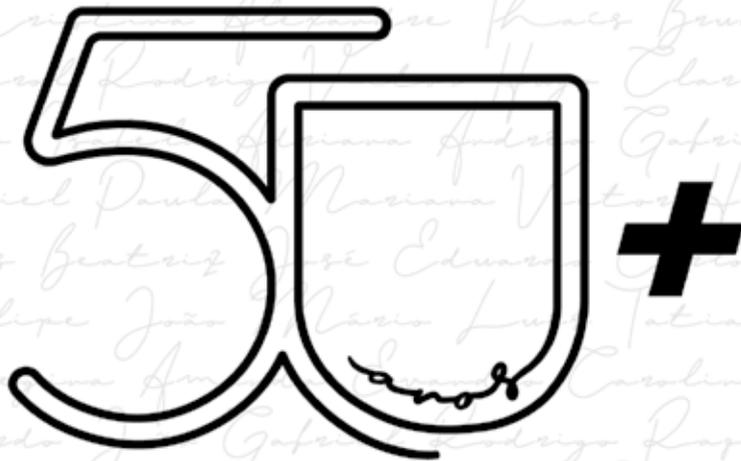




Taubaté-SP
2024



UNITAU
Universidade de Taubaté



unitau
na • sua
vida

Letícia Maria Pinto da Costa
Suzana Lopes Salgado Ribeiro
organizadoras

EXPEDIENTE EDITORA edUNITAU

| Diretora-Presidente: Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes

Conselho Editorial

| Pró-reitora de Extensão: Profa. Dra. Letícia Maria Pinto da Costa
| Assessor de Difusão Cultural: Prof. Me Luzimar Goulart Gouvêa
| Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas: Shirlei de Moura Righeti
| Representante da Pró-reitoria de Graduação: Profa. Dra. Emari Andrade
| Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação: Prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão
| Área de Biociências: Profa. Dra. Milene Sanches Galhardo
| Área de Exatas: Prof. Dra. Érica Josiane Coelho Gouvêa
| Área de Humanas: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
| Consultora Ad hoc: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

Equipe Técnica

| Coordenador de Produção Editorial: Alessandro Squarcini

| Projeto Gráfico: Nádia Lemos - ACOM
| Diagramação: Nádia Lemos e Karina R Dias - ACOM
| Revisão: dos autores
| Impressão: Editora Papel Brasil

Ficha Catalográfica

| Bibliotecária Ana Beatriz Ramos - CRB-8/6318

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU

Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

C575	50 + Unitau na sua vida [recurso eletrônico] / organizadoras Letícia Maria Pinto da Costa, Suzana Lopes Salgado Ribeiro. Dados eletrônicos. – Taubaté : EdUnitau, 2024. 312 p. Formato: PDF Requisitos do sistema: Adobe Modo de acesso: world wide web ISBN: 978-85-9561-176-4 (on-line) 1. História de vida. 2. Memória. 3. Unitau - Instituição. 4. História. 5. Educação. I. Costa, Letícia Maria Pinto da (org.). II. Ribeiro, Suzana Lopes Salgado (org.). III. Título.
------	--

CDD - 378.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático

História de vida – 378.09
Memória – 920
Unitau - Instituição – 378
História – 900
Educação – 370

Copyright © by Editora da UNITAU, 2024

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

EXPEDIENTE LIVRO

| Organização

Letícia Maria Pinto da Costa
Suzana Lopes Salgado Ribeiro

| Pesquisa

Suzana Lopes Salgado Ribeiro
Isabella Cristine Cesar dos Santos
Lívia Gsellman Moraes
Marina Parede Félix
Rachel Duarte Abdala

| GELP

Emari Andrade
Renato França
Isabel Rosângela dos Santos Ferreira
Caio Pascoal
Eduardo Meirelles
Victória Maria Bussi
Cecília Vera de Moraes
João Victor Gonçalves

| Alunos(as) ACC

Alan Cunha Ferreira
Beatriz Braga Silvaston
Camyle Vitória Toledo Silva
Daniel Augusto Pinto Bandeira
Felipe Borelli Galdini
Gabriel Silva Costa
Gabriel Hespana Guimarães Pires
Gabriel Henrique Marucci
Gilson Kacprzak Filho
Giovana Nunes dos Santos
Guilherme Alves Barbosa
Luana Cursino dos Santos
Lucas Henrique Felix da Silva
Mariana Paulino Torres Portugal
Nicolas Moreira da Mota
Nícollas Lopes Cardozo Albano
Pedro Fernandes Corrêa
Vitória Regina Chiaradia

| TV UNITAU

Ana Carolina Freitas
Danilo César Monteiro
Pedro de Almeida e Souza
Thiago Vasques Molina
Tiago Ferreira

| CDPH

Luis Eduardo Bragança Tolosa
Felipe Arneiro de Almeida Pedroso
Mauro Castilho Gonçalves

| Central de Comunicação - ACOM

André Leite
Karina R Dias
Nádia Lemos



Índice

ABERTURA	12
INTRODUÇÃO	14
1. Nara Fortes	26
2. Luis Carlos Maciel	34
3. Alessandra Borges	42
4. Amali Mussi	46
5. Ana Patrícia	51
6. Ana Paula Barboza	54
7. Andreia Santos	59
8. Armino Boll	66
9. Artur Rezende	71
10. Benê Mello	76
11. Daniel Drumond	82
12. Éder Minhoto	85
13. Edilene Dutra	90
14. Edson Trajano	92
15. Emerson Iser Bêñ	101
16. Fabíola Nejar	107
17. Felipe Amaral	110
18. Geraldo Alckmin	115

19. Guilherme Santos	117
20. Heder Ferreira	122
21. Isnard Neto	129
22. Itamar Martins	135
23. Joel Abdala	140
24. José Carlos Sebe	143
25. Felício Murade	148
26. José Roberto Moura	157
27. José Rui Camargo	162
28. Juliene Rezende	169
29. Lucilei Bonato	174
30. Luiz Arthur	179
31. Manoel Sebastião	184
32. Pretta Ribeiro	187
33. Cristina Balbi	190
34. Maria José Abud	194
35. Maria Júlia Xavier	198
36. Maria Lucila Barbosa	207
37. Marluce Leão	211
38. Mauro Castilho	216

39. Mércia Oliveira	221
40. Michelle Sampaio	223
41. Paulo Fortes	227
42. Quésia Kamimura	234
43. Rachel Abdala	239
44. Reinaldo Xavier	249
45. Robson Monteiro	252
46. Rosemeire Análio	258
47. Sabrina Moraes	269
48. Samuel Costa	277
49. Selma Gobbo	279
50. Sérgio Badaró	284
51. Stella Zöllner	291
52. Susana Veiga	296
53. Vanda Cursino	300



Abertura

50 anos de UNITAU nas nossas vidas. É uma honra, para mim, estar reitora no Jubileu de Ouro de uma das maiores universidades municipais do Brasil. E tão grande quanto o orgulho de fazer parte deste momento de celebração é a responsabilidade de preparar a Universidade de Taubaté para as próximas cinco décadas.

As histórias reunidas neste livro são uma pequena mostra, uma parte das centenas de vidas dedicadas à construção de uma instituição que, por meio da Educação, tem contribuído para o desenvolvimento social e econômico de Taubaté, da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e do país. Ensino, pesquisa e extensão de excelência.

Nos últimos anos, realizamos conquistas importantes para o nosso futuro: a sustentabilidade financeira, as inovações pedagógicas e administrativas, a valorização dos recursos humanos e, não menos importante, as ações de responsabilidade socioambiental.

Pensar e planejar a UNITAU dos próximos 50 anos exige de nós compromisso e, mais que isso, ações efetivas alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU. Iniciativas que transpõem os muros da nossa Universidade e se tornem uma realidade também nas comunidades onde estamos e estaremos presentes.

A UNITAU é um patrimônio de Taubaté, mas o poder transformador da Educação não conhece fronteiras. Que os próximos 50 anos levem a nossa Universidade para destinos inimagináveis e faça de Taubaté uma referência de Educação Superior para o mundo.


Prof.ª. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes
reitora



UNITAU E VIDAS

tecendo histórias
com mais de 50 fios

A Universidade de Taubaté - UNITAU, instituição tradicional no Vale do Paraíba paulista, celebra, em 2024, seus 50 anos de existência. Para marcar essa data histórica, um projeto ambicioso foi elaborado: registrar mais de 50 histórias de vida de alunos, professores, funcionários e egressos que contribuíram para tecer a história e a identidade da UNITAU e da região.

Não se trata apenas de um registro documental, mas também de uma celebração da diversidade de experiências e contribuições que moldaram a universidade e narram uma história afetiva da instituição. Por meio de entrevistas que retomam lembranças particulares e experiências subjetivas, o projeto buscou tecer uma trama com vários fios de diferentes cores, para ressaltar a importância da UNITAU na vida de muitas pessoas, na formação de profissionais, e também no desenvolvimento comunitário, municipal e regional.

A metodologia empregada combina o registro de entrevistas de história oral e o levantamento de fotografias históricas em arquivos como o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH-UNITAU). Uma equipe composta por professores, alunos bolsistas e voluntários e a equipe da TV UNITAU encarregaram-se da gravação e da edição das entrevistas e da seleção e formulação de legendas para as imagens que constam deste livro.

As 53 entrevistas que compõem este livro indicam o caminho percorrido nos cinquenta anos e iniciam a contagem dos próximos aniversários da nossa Universidade. Assim, temos entrevistas para celebrar cada ano de vida institucional e outras três para indicar a expectativa de um futuro promissor.

As entrevistas foram realizadas de junho a outubro de 2024. Cada entrevistado foi carinhosamente indicado por sua trajetória junto à Universidade, buscando-se ilustrar a diversidade de áreas, grupos de pesquisa e estruturas que envolvem o dia a dia da UNITAU. Sendo assim, não temos a pretensão de que este seja um livro definitivo ou completo sobre a história e sobre as atividades da Universidade de Taubaté, mas que seja, principalmente, uma porta de entrada, para que as pessoas possam perceber sua grandiosidade e conhecer partes que não conhecem.

Cada entrevistado foi contactado e, após a proposta do projeto apresentada, os agendamentos e registros foram feitos, assegurando o engajamento e o consentimento de todos os participantes. Nem todos os contactados conseguiram participar do projeto. Questões particulares e de compromissos assumidos anteriormente faziam com que nossas agendas não conseguissem atender a todas as demandas. O que aqui se apresenta é o resultado dos empenhos e envolvimento de sujeitos que, não apenas contaram suas histórias, como também sentiram a importância de ceder seu tempo para fazer isso pela instituição. Assim, nosso muito obrigado a cada um que fez dessa iniciativa um projeto coletivo, e realmente, nosso.

As entrevistas foram transcritas e editadas – passando por um processo de textualização, transcrição e conferência, conforme perspectivas da História Oral praticada pelo Núcleo de Estudo em História Oral (NEHO-USP). Depois disso, os textos foram lidos e categorizados em eixos de análise que apresentam temas recorrentes nas narrativas e que formam a base da estrutura desta introdução e que narram a história coletiva da UNITAU por meio de histórias pessoais e vivências.

Assim, teceu-se história com fios de memórias. As palavras que sussurram lembranças também desvendaram uma identidade institucional. Cada voz conta um trecho de

uma história que é ao mesmo tempo particular e coletiva, de modo a cruzar tempos e espaços. São vivências que marcam uma jornada partilhada, uma trama de sonhos que nos faz caminhar.

O QUE DIZEM OS ENTREVISTADOS?

Uma questão central destacada em várias narrativas é a conexão entre pesquisa, ensino e extensão. Esse tripé do ensino superior aparece em suas várias nuances nas entrevistas, sustentando a ação e o pensamento de cada sujeito participante deste projeto. Assim, esses são os três principais norteadores para a escrita deste texto.

As mais de 50 histórias mostram a profunda influência da UNITAU na formação profissional de seus egressos, docentes e discentes, enfatizando as oportunidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e aprendizado contínuo proporcionadas pela instituição. A forte cultura de colaboração, apoio e amizade entre os membros da comunidade UNITAU é um testemunho dos laços construídos ao longo dos anos, demonstrando sua capacidade de superar obstáculos e construir relações duradouras.

UM POUCO DE HISTÓRIA DA UNITAU

Os fios das histórias das pessoas contam diferentes momentos da história institucional. Sendo assim, tentamos aqui mostrar um pouco desse tecido, que foi tramado fio a fio nesses 50 anos.

No coração do vale do Paraíba paulista, a história da Universidade de Taubaté não começou em imponentes prédios, mas em diversas escolas municipais. Essas escolas, em seus primórdios, representavam o embrião do que hoje é a instituição que comemora seus 50 anos de excelência em ensino superior. A trajetória da UNITAU, no entanto, é muito mais rica.

Sua gênese foi em 1974, ocasião em que diversas instituições de ensino superior uniram-se, impulsionadas pela visão de criar um centro acadêmico de referência no eixo Rio-São Paulo – uma região privilegiada e estratégica para o desenvolvimento do conhecimento. Esta união marcou o início de uma jornada de crescimento e impacto social que mudaria profundamente a região.

A UNITAU foi oficialmente criada no dia 6 de dezembro, com a aprovação da Lei Municipal nº 1.498/74.

Sendo assim, pode-se dizer que a história da UNITAU foi tecida por fios que se entrelaçam ao longo do tempo, e que assim foram se interconectando faculdades, pessoas e formações. Das entidades isoladas, a universidade cresceu para uma instituição reconhecida, marcando seu crescimento com expansão física, aumento no número de cursos e alunos, e uma crescente complexidade administrativa bem representada na fala dos servidores da instituição. Esta trajetória de sucesso não se deu sem desafios: crises financeiras, disputas políticas e necessidade de adaptação às mudanças no cenário da educação superior brasileira. E vencer esses desafios somente foi possível graças ao trabalho e ao comprometimento de pessoas que fizeram da UNITAU sua casa. Sendo assim, a história da UNITAU é uma jornada de constante

desenvolvimento, desde seus primórdios até se tornar a universidade moderna que conhecemos hoje

O fio condutor do presente livro comemorativo mostra que a história da UNITAU não se resume apenas a números e conquistas institucionais. Experiências pessoais, laços afetivos construídos ao longo dos anos e histórias de vida permitem ver a trama dessa instituição.

Assim, conduzida pelo fazer de cada um dos sujeitos que fizeram possível sua existência, a UNITAU destaca-se como uma universidade de grande importância no Vale do Paraíba, sempre com um forte compromisso com a responsabilidade social e com o engajamento comunitário. Sua qualidade abrange também os ensinamentos Fundamental, Médio e Técnico. A Escola Dr. Alfredo José Balbi, criada em 1969, mais conhecida como Colégio UNITAU, é prova de seu comprometimento com a educação em todos os níveis.

Ao longo desses 50 anos, a UNITAU formou milhares de jovens e continua a promover o desenvolvimento integral de seus alunos, em busca da excelência. A responsabilidade social da UNITAU manifesta-se fortemente em seu amplo programa de extensão, que reforça amarrões entre a universidade e a comunidade.

Como a primeira universidade da região e a maior universidade municipal do país, seu tamanho não se mede em números, mas em experiências humanas que constroem a identidade UNITAU. As vozes potentes deste livro destacam momentos pessoais impactantes — o êxito profissional de ex-alunos, a alegria de acompanhar o desenvolvimento dos alunos e a superação da pandemia— que enriqueceram a trajetória da instituição e que são parte integrante dessa história. A liderança e o exemplo de figuras importantes na história da UNITAU, que contribuíram significativamente para o sucesso da universidade, são temas igualmente relevantes e demonstram que a história da UNITAU é, acima de tudo, uma história de pessoas, de sonhos e de realizações.

ESTRUTURA

Funcionários técnico-administrativos tecem argumentos em suas narrativas que mostram o crescimento da universidade e os desafios para fazê-lo acontecer. Destacando os trabalhos dos bastidores, falam das conquistas de cada gestão e das diferenças da prestação de serviços ao longo do tempo, com a informatização e o crescimento de alguns eventos.

Desde sua fundação, em 1974, a Universidade de Taubaté consolidou-se como uma instituição de ensino superior e também como um agente transformador da sociedade, guiada por um compromisso com a responsabilidade social e o engajamento comunitário. A Universidade de Taubaté é, portanto, mais que um conjunto de prédios e salas de aula. É um universo complexo, em que se tecem atividades e interações que se estendem muito além de suas fronteiras físicas.

Outra faceta da vida acadêmica também é apontada pela narrativa dos professores: o envolvimento em comissões e conselhos. A UNITAU possui uma estrutura administrativa organizada hierarquicamente pela reitoria e vice-reitoria e conselhos que, com atribuições específicas, supervisionam diferentes aspectos da administração universitária. O Conselho Universitário (Consuni), órgão máximo da universidade, é responsável pela definição de polí-

ticas gerais, garantindo que as ações estejam alinhadas com os objetivos e valores da instituição. O Conselho de Administração (Consad) gerencia os aspectos administrativos, econômicos e financeiros, e o Conselho de Ensino e Pesquisa (Consep) cuida da normatização e coordenação das atividades acadêmicas. Estes órgãos trabalham de forma integrada para garantir o funcionamento eficiente e eficaz da universidade. A participação de representantes de professores, funcionários, alunos e comunidade garante a inclusão democrática na tomada de decisões.

A Vice-Reitoria desempenha papel crucial na gestão da universidade, substituindo o (a) Reitor (a) em suas ausências, validando relatórios e avaliando as ações da instituição para garantir excelência no ensino e a busca de novos rumos. A Pró-reitoria de Graduação (PRG) é responsável pelas questões relacionadas ao ensino nos cursos de graduação da UNITAU, tanto presenciais quanto a distância, garantindo educação de qualidade, orientando o processo acadêmico dos 20 Departamentos, buscando aprimorar práticas pedagógicas e envolvendo professores e alunos. A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) regulamenta e coordena as atividades de pesquisa, o ensino de pós-graduação e a divulgação científica. A Pró-reitoria de Extensão (PREX) que permite que o conhecimento desenvolvido nas salas, laboratórios e bibliotecas chegue ultrapasse os muros da universidade, trazendo cursos, eventos e atividades que proporcionem o respeito, o diálogo, a cooperação, a ética e a solidariedade. A Pró-Reitoria Estudantil (PRE) atua como elo entre a instituição e os alunos, incentivando a participação estudantil, promovendo atividades e oferecendo apoio em diversas áreas. A Pró-Reitoria de Administração (PRA) é responsável pela gestão de recursos humanos e materiais, infraestrutura, licitações, compras, e bem-estar dos funcionários. Por fim, a Pró-Reitoria de Economia e Finanças (PREF) planeja e gerencia as finanças da universidade, zelando pela sua estabilidade econômica.

A complexidade da estrutura da UNITAU reflete-se em suas instalações e atividades. Além das salas de aula, a universidade mantém em funcionamento:

- uma rádio, uma TV e uma editora universitárias, que disseminam o conhecimento e que possibilitam aos alunos envolvimento em atividades de comunicação desde o início de sua formação;
- clínicas, que fazem alunos compreenderem seu papel social desde o momento do ensino;
- uma cozinha e uma fazenda piloto, que fornecem recursos, servindo também como laboratórios para o aprendizado prático dos alunos;
- bibliotecas com vasta coleção de livros, periódicos e bancos de dados on-line;
- vários prédios históricos, como o Solar da Viscondessa, do século 19 – que contam nossa história, e ajudam a preservar o patrimônio histórico arquitetônico do município de Taubaté.

Esses e outros elementos combinam-se para proporcionar uma experiência educacional bastante diferenciada, que valoriza a formação social e culturalmente referenciada.

Esse legado de 50 anos é processo de construção coletiva que se renova a cada semestre com a entrada de novos alunos.

ENSINO

Os professores, em suas narrativas, tenderam a compartilhar experiências vividas em sala de aula e a destacar a responsabilidade do professor em encorajar e apoiar seus alunos. Situações em que os professores são desafiados pelos alunos ilustram a importância de reconhecer os limites de seus saberes, a necessidade de fazer a sala de aula ser lugar de interação e produção do conhecimento e também da força da honestidade acadêmica.

A necessidade de constante atualização, dada a facilidade de acesso à informação e a variedade de ferramentas tecnológicas disponíveis para os alunos, também se evidencia nas narrativas. A fala de vários professores reforçam a necessidade de diferentes metodologias em sala de aula, para tornar o aprendizado mais acessível e prático.

No grupo dos entrevistados egressos da UNITAU, é marcante a percepção de que professores foram formadores e influências positivas para a vida profissional e particular de seus alunos. Assim, a experiência de ter sido aluno da Universidade evidencia a construção de um legado intergeracional e a importância dos vínculos que se formam na instituição. Destacam-se nas falas, portanto, o quanto a formação na UNITAU foi especial, em termos de qualidade e de acolhimento.

A partir dessas falas, é possível afirmar que a UNITAU está comprometida com o desenvolvimento integral de seus alunos, indo além da formação profissional. A instituição acredita que o espírito crítico é essencial para formar cidadãos atuantes e engajados com o progresso do país. Este compromisso se reflete em uma variedade de programas e iniciativas que promovem o bem-estar físico, mental e profissional dos estudantes.

A instituição oferece ampla gama de cursos de graduação, pós-graduação e ensino a distância, mantendo altos padrões educacionais, reconhecidos nacionalmente. A UNITAU adota uma abordagem holística da educação, combinando teoria e prática e integrando a responsabilidade social à formação acadêmica. A experiência dos professores entrevistados exemplifica o sucesso deste modelo, que forma profissionais comprometidos com pesquisa, ensino e extensão universitária.

As oportunidades de desenvolvimento são apontadas nas narrativas dos egressos, que fazem referências a estágios, empregos e experiências internacionais. Convênios com instituições nacionais e internacionais abrem portas para intercâmbios, estudos, pesquisas e atividades em diversos países. A UNITAU já colhe frutos significativos: milhares de alunos atuam em estágios profissionais na região e a própria universidade oferece um número expressivo de vagas de estágio interno.

Professores das três áreas de atuação da universidade – humanidades, exatas e biociências - contam das conquistas de suas carreiras na universidade, narrando sobre a criação de laboratórios e o desenvolvimento de pesquisas.

A preocupação da UNITAU com o bem-estar dos alunos vai além do âmbito acadêmico. A universidade incentiva a prática de atividades físicas e a integração por meio do esporte, promovendo os Jogos Universitários de Taubaté (JUTA) há décadas, e organizando grande variedade de eventos culturais, esportivos e de lazer. A instituição fomenta a convivência, o

compartilhamento de ideias e o respeito à diversidade, reconhecendo a importância da troca de experiências para o aprendizado e o crescimento pessoal.

A excelência do ensino na UNITAU é comprovada por avaliações nacionais, como o Enade e o Guia do Estudante, e pelos relatos positivos de seus egressos. Esta excelência se apoia em uma infraestrutura moderna, que inclui laboratórios, clínicas, bibliotecas, centros de pesquisa e documentação. A universidade tem buscado modernizar sua estrutura física e curricular, promovendo a reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos e formando cidadãos conscientes e preparados para o futuro.

Nos fios de memória professores falam dos desafios da criação de cursos, de desenvolvimento de matrizes curriculares, da atualização dos projetos pedagógicos, das experiências da transição do sistema anual para o semestral, e da implementação da curricularização da extensão.

Outro capítulo importante para memória recente da instituição foram os desafios enfrentados na pandemia de 2020, a necessidade de rápida adaptação ao ensino remoto e a importância do trabalho em equipe para manter a universidade funcionando, mesmo com cursos que acabavam de ser criados. Cabe notar que muitas entrevistas apontam a pandemia como um marco histórico, que divide as lembranças entre antes e depois desse período.

Mas talvez a conquista mais representativa no âmbito do ensino, e que representa uma grande aposta no futuro, é a criação e desenvolvimento do campus de Caraguatatuba. Esse capítulo da história da Universidade ainda está sendo escrito, mas ganha corpo nas narrativas de funcionários, professores e alunos que vivenciam dia a dia a construção de novas salas, disciplinas e cursos no primeiro campus da universidade fora de Taubaté.

PESQUISA

A pesquisa na UNITAU é um dos fios de cores vivas de nossa trama. Atividades vibrantes e multifacetadas permeiam todos os níveis, desde a graduação até os programas de *stricto sensu*. Seu sucesso mostra sua posição de liderança na produção científica no vale do Paraíba paulista.

A alta qualidade da pesquisa, aliada à expertise de seus pesquisadores, atrai financiamento de importantes órgãos de fomento, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp, Financiadora de Estudos e Projetos - Finep, Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, o que demonstra a credibilidade do trabalho desenvolvido. E esse é tema recorrente nas entrevistas dos professores que atuam junto aos programas de pós-graduação.

As pesquisas abrangem muitos temas, refletindo o caráter científico e interdisciplinar da universidade. Em humanidades, o foco é a reflexão sobre valores humanos e as complexas relações da prática social. As biociências concentram-se no avanço das ciências biológicas e da terra, com ênfase na saúde física e mental, e na biodiversidade local. Em exatas, o foco está nos métodos precisos das engenharias, sempre com o objetivo de contribuir para um desenvolvimento tecnológico sustentável. Pesquisas em educação, saúde, política e economia

integram com destaque o portfólio de ofertas de formação da instituição.

A UNITAU demonstra grande responsabilidade ética, especialmente em pesquisas com seres vivos. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNITAU) atua rigorosamente na avaliação de projetos, garantindo a integridade e dignidade dos participantes.

A iniciação científica é um importante diferencial da UNITAU, formando jovens pesquisadores e articulando formação profissional com a pesquisa. O programa vem crescendo significativamente ao longo dos anos, incluindo atualmente a orientação de alunos do ensino médio, o que demonstra sua amplitude e abrangência.

A pesquisa na UNITAU promove a formação e também investe na divulgação do conhecimento científico, por meio de eventos anuais, como o Encontro de Iniciação Científica (ENIC) e a Mostra de Pós-graduação, que acontecem dentro do CICTED (Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento). Esses eventos divulgam pesquisas, promovem jornadas, seminários e simpósios, estimulando a disseminação do conhecimento.

O CICTED cresceu de um pequeno evento interno, o ENIC (Encontro de Iniciação Científica), para um grande congresso que se tornou um marco na trajetória da universidade. Seus primórdios foram modestos, com divulgação limitada e participação restrita à comunidade acadêmica da UNITAU. Entretanto, o trabalho dedicado de professores e a visão estratégica lançaram as bases para seu crescimento e sucesso.

Os relatos apresentam a transformação do ENIC em CICTED, destacando a importância do evento como ferramenta de ensino que gera lembranças positivas e fortalece o senso de comunidade. Embora tenha enfrentado desafios logísticos, principalmente nos anos iniciais, o CICTED tornou-se importante fórum para a divulgação de pesquisas e para o desenvolvimento da ciência na região, atraindo participantes de fora da universidade. A colaboração entre professores e alunos é fundamental para seu sucesso, pois o ambiente de aprendizado e mentoria contribui para o fortalecimento da produção científica da UNITAU e para a formação de novas gerações de pesquisadores.

Outra faceta importante da pesquisa é a história da criação das primeiras publicações da UNITAU e de revistas científicas nas áreas de biociências, humanas e exatas. Esse foi também um caminho de reconhecimento percorrido por professores que narram o quanto tais questões são importantes para a ciência brasileira.

Além disso, cabe lembrar a atenção dada à sustentabilidade e ao meio ambiente. O Centro UNITAU Sustentável - CEUS - também merece destaque entre as ações de responsabilidade social, não somente pelo cunho educativo, mas, principalmente, pelo olhar de uma entidade que comemora sua história olhando para o futuro – tanto seu quanto de todo o planeta. Com isso, mais do que cumprir sua missão, a UNITAU reforça, ano a ano, a sua identidade com o espaço em que se situa, com as questões que a circundam e, acima de tudo, com as pessoas que escrevem a sua história. Dessa forma, não poderia ser diferente a sua atuação com a responsabilidade e a sensibilidade sociais dessa Instituição que é tida como patrimônio regional, mas que faz da sua comunidade o seu maior patrimônio.

Assim, a UNITAU destaca-se pela sua produção científica abrangente e ética, que contribui para o avanço do conhecimento e o desenvolvimento sustentável da região e do país. Seu comprometimento com a pesquisa evidencia-se desde a formação inicial dos alunos até a

produção de conhecimento, realizada por pesquisadores experientes e consolidados.

EXTENSÃO

A extensão universitária possibilita a atuação de alunos e professores em ações comunitárias, disseminando o saber acadêmico e promovendo a transformação social. Essa missão é viabilizada por uma equipe docente altamente qualificada – especialistas, mestres e doutores – que impulsionam o papel da UNITAU como agente de mudança na sociedade.

A importância da extensão universitária para o desenvolvimento do vale do Paraíba paulista é um tema recorrente nos relatos sobre a UNITAU. Diversas iniciativas concretas, mencionadas em entrevistas, demonstram o impacto positivo da universidade na comunidade local e regional. Este engajamento comunitário, que se manifesta de diversas formas, contribui para o progresso da região e fortalece os laços entre a instituição e a sociedade.

Dito isso, é possível afirmar que UNITAU transcende a mera formação profissional, abraçando um compromisso profundo com a responsabilidade social e o desenvolvimento comunitário. Essa atuação abrangente e impactante, que chamamos de extensão, define seu alcance e legado.

A UNITAU desenvolve inúmeras atividades de extensão, cursos e projetos que se desenvolvem com o objetivo de atender à comunidade. Articulados com o ensino, constituem laboratórios de aplicação prática dos conhecimentos constituídos na formação acadêmica. Com essas ações, alunos, professores e comunidade se encontram, disseminam o conhecimento e promovem a transformação social.

As narrativas que compõem este livro mostram várias iniciativas que intencionam atender a comunidade. O projeto Rondon é atividade que ganha destaque nas entrevistas. Em parceria com o Ministério da Defesa, o projeto leva alunos da UNITAU a diversas comunidades no Brasil, compartilhando conhecimento, aprendendo sobre novas realidades e promovendo o desenvolvimento local. Essa experiência gera impactos positivos nas comunidades visitadas, fomenta ações de cidadania e promove a troca cultural. Atualmente, com a criação do Núcleo Regional do Rondon, um número maior de alunos, inclusive da pós-graduação, tem tido a oportunidade de participar de ações em municípios da região do vale do Paraíba, fortalecendo ainda mais a sua formação profissional por meio da extensão universitária.

Outros envolvimento com projetos, como o Comunidade Solidária são também lembrados com carinho. O “UNITAU na Praça” aparece nos registros fotográficos e nas lembranças, levando recursos e atividades da universidade para os espaços públicos, aproximando a academia da população e promovendo a inclusão social.

Essa última ação recebeu uma nova roupagem a partir de 2023, com o Programa “UNITAU na sua vida”, que ampliou a inserção efetiva dos alunos em atividades que acontecem mensalmente em diversos pontos de Taubaté e também de cidades vizinhas, como Caraguatuba, onde existe o primeiro campus fora de sede da universidade. Um ponto alto do programa “UNITAU na sua vida” foi a Operação Padroeira, que, em 2024, contou com a participação de cerca de 450 alunos no atendimento dos peregrinos rumo à Aparecida na semana de 12 de outubro.

Ainda no seu compromisso com a formação integral do aluno e responsabilidade social, a UNITAU disponibiliza suas instalações para oferecer serviços à população, incluindo clínicas de fisioterapia, psicologia, odontologia e nutrição, e o Hospital Universitário de Taubaté (HMUT). Além disso, a universidade oferece apoio jurídico, por meio do Juizado Especial Cível (JEC) e do Escritório de Assistência Jurídica (EAJ). O Centro de Educação Alimentar e Terapia Nutricional (Ceatenut) desenvolveu um programa inovador de tratamento para obesidade, atendendo adultos e crianças gratuitamente. Ao abrir as portas da Clínica de Psicologia, para atendimento realizado por alunos sob supervisão de professores, também contribui, oferecendo tratamentos com o apoio de serviços de psiquiatria. Na área de odontologia, as clínicas disponibilizam tratamentos realizados por graduandos e pós-graduandos, combinando ensino, pesquisa e responsabilidade social. Por fim, a UNITAU oferece apoio jurídico à comunidade por meio do Juizado Especial Cível (JEC) e do Escritório de Assistência Jurídica (EAJ), garantindo acesso à justiça para aqueles que mais precisam.

O CDPH (Centro de Documentação e Pesquisa Histórica) é um espaço de formação de pesquisadores e profissionais. Mais do que um arquivo, o CDPH, um centro de referência regional e nacional para pesquisa histórica, preserva a memória e fomenta o estudo da história do vale do Paraíba paulista e da própria UNITAU. Seu acervo, que é bastante rico (inclui jornais, obras raras e fotos de Mazzaropi), é um recurso para a preservação da memória e para desenvolvimento da comunidade.

O Nupes (Núcleo de Pesquisas Econômico-Sociais) da UNITAU é um importante centro de pesquisa aplicada que contribui para a compreensão da realidade econômica e social do vale do Paraíba paulista. Por meio de pesquisas mensais (cesta básica) e anuais (variação de preços), o Nupes fornece dados confiáveis à população, auxiliando tomadas de decisões e contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da região. Sua atuação demonstra o compromisso da UNITAU com a pesquisa aplicada e com o impacto positivo do conhecimento na vida das pessoas.

O envolvimento da UNITAU com a comunidade local, o que agora faz parte obrigatória das matrizes curriculares de todos os cursos de graduação presencial e a distância, demonstra forte compromisso social, traduzido em ações concretas que vão além da sala de aula. A universidade promove o envolvimento cultural e a preservação da história local, reconhecendo que a educação, para ser completa, deve considerar as necessidades e a cultura da comunidade. Este compromisso, intrínseco à identidade da UNITAU, manifesta-se no trabalho de extensão universitária, que contribui para o desenvolvimento do Vale do Paraíba e a construção de um futuro melhor, demonstrando que a instituição caminha junto com a sociedade em seu processo de desenvolvimento.

BALANÇO POSSÍVEL

A narrativa sobre os 50 anos da UNITAU revela a busca por um equilíbrio entre o conhecimento técnico e a compreensão das ciências humanas, demonstrando a importância da formação acadêmica. Mas a história vai além dos aspectos institucionais, pois os relatos traçam um retrato humano e marcante da universidade, revelando os laços afetivos construídos ao longo dos anos e as experiências pessoais dos seus membros.

Alguns pontos específicos ganham destaque. A evolução do ENIC para o CICTED, por exemplo, simboliza o crescimento da UNITAU e sua crescente abertura à comunidade externa. A história detalhada de alguns cursos evidencia sua importância na formação de profissionais e seu forte vínculo com a sociedade. A profunda ligação da universidade com a cidade de Taubaté, além de sua presença física, também se destaca, mostrando a integração da UNITAU com a história e o desenvolvimento local.

O projeto de registro da memória dos 50 anos da UNITAU resultou, portanto, em uma complexa e plural coleção de relatos que oferecem uma visão ampla e multifacetada da instituição. Estas narrativas interconectadas indicam as experiências acadêmicas dos professores, a importância da comunidade universitária, a interação entre ensino, pesquisa e extensão, os desafios superados, e as recompensas do trabalho na UNITAU. A história é contada com riqueza de detalhes e emoções, mostrando o impacto da universidade nas vidas das pessoas – englobando experiências pessoais e familiares e formação profissional.

Nas narrativas registradas, a UNITAU apresenta-se como uma universidade dinâmica, comprometida com a excelência acadêmica, o engajamento comunitário e a responsabilidade social. O projeto destaca o compromisso de formar indivíduos completos e preparados para o mundo moderno. As experiências relatadas demonstram a perspectiva individual dos professores sobre a docência, a pesquisa e a extensão universitária.

O mais interessante é que este livro, mesmo sendo uma narrativa histórica sobre as conquistas dos últimos 50 anos, enfatiza a importância da sustentabilidade da universidade, a transparência na gestão. As entrevistas indicam os desafios da UNITAU para planejar os próximos 50 anos, destacando a necessidade de trabalhar de maneira democrática e de expandir sua influência para além do vale do Paraíba.

ENTREVISTAS





Nara Fortes

reitora

Eu sou Nara Fortes, estou na UNITAU desde 1993. Muita história! Foram 31 anos de Universidade de Taubaté. Iniciei a minha carreira como professora-colaboradora do Departamento de Ciências Agrárias, para a disciplina de fitopatologia.

Sou natural de Ronda Alta, Rio Grande do Sul, fiz a minha graduação em Ciências Biológicas em Passo Fundo, na Universidade de Passo Fundo e mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Lá eu conheci um ex-aluno da Universidade de Taubaté, engenheiro agrônomo, que estava fazendo mestrado lá na mesma área que a minha, no departamento e no programa de Agronomia. Era o professor Paulo Fortes. Ele dizia que estudava em Taubaté, que tinha feito Agronomia e que foi para Porto Alegre, inclusive, por indicação dos professores dele da UNITAU, que também haviam feito mestrado lá. Disse também que tinha uma proposta do reitor à época, professor Milton Chagas, que era para ele estudar, se qualificar e voltar para ser professor. Ele voltou. E eu vim encontrá-lo.

Aqui, ele assumiu disciplinas no Departamento de Ciências Agrárias.

Fiquei seis meses aqui, e ia com ele ao departamento. Foi quando eu eu recebi o convite para assumir a disciplina de um professor, justamente na minha área, que havia passado num concurso na UNESP. Aqui, ingressávamos como colaboradores e, nesse ponto, eu tinha uma vantagem, porque eu já tinha o título de mestre, numa época em que as universidades ainda estavam investindo na qualificação de seus professores.

Eu assumi a disciplina e foi aquele grande desafio, porque eu vinha de universidades que tinham muita tradição em pesquisa. Na graduação, por exemplo, os TGs (trabalhos de graduação) eram pesquisa pura, pesquisa

aplicada! Por isso, logo de cara, eu queria aplicar todo aquele conhecimento, vindo forte com a questão da pesquisa e o principal desafio daquele momento foi montar o laboratório para desenvolver essas pesquisas. Na época, a gente teve todo o apoio do departamento, da universidade.

Então, eu fui desenvolvendo isso, com muita iniciação científica junto aos alunos, me envolvendo no CONDEP, no departamento, nas comissões científicas que nós tínhamos. O Departamento de Ciências Agrárias sempre teve muita tradição em pesquisa. Eles tinham até revistas, na época, publicações científicas...

Em seguida, a gente criou o primeiro Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais no departamento. Começamos como mestres, é claro que a gente ficava mais na retaguarda, mas os doutores assumiram o Programa.

Naquele momento, percebi que tanto o reitor quanto os pró-reitores queriam realmente formar um corpo docente que permanecesse na universidade por um longo tempo, investindo nos profissionais, nos professores que tinham já mestrado. Quem não tinha mestrado estava sendo incentivado a fazer; quem tinha, a fazer doutorado. Como membro, fui convidada pelo professor Milton Chagas, reitor à época, a assumir a Comissão Permanente de Seleção Acadêmica, a Copesa, que não era o meu objetivo porque eu era muito jovem, era o meu primeiro emprego na universidade.

Trabalhamos muito! Eu representava a área de biociências dentro dessa comissão com outros professores, e fomos formatando essa comissão, todos os trabalhos da COPESA, desde a divulgação do processo seletivo, com todos os seus cursos, no Brasil inteiro, mudamos o formato do processo seletivo. Foi um trabalho de 20 anos.

Nós éramos a única universidade no Vale do Paraíba com essa característica, com 12 mil alunos matriculados no ensino presencial e era uma corrida bastante ativa para conseguirmos manter essa meta. Tínhamos, alguns anos com 8 mil... 9 mil alunos inscritos no vestibular. Atingimos nesse período também, no decorrer desses anos, 12 mil inscritos no processo seletivo. Era uma festa na cidade! Tínhamos até alojamento, porque eram dois dias de vestibular. Então, eu fiz parte de todas as mudanças desse processo: de passar de dois dias para um dia somente um turno, enfim.

Fiz parte de toda essa expansão da Universidade do Taubaté. E os gestores, os reitores, na época, valorizavam esse trabalho, e acho que isso foi fundamental. Foram visionários em termos uma agência de publicidade e propaganda para levar a universidade para o Brasil inteiro. Quando nós assumimos, não tínhamos: a divulgação era feita em cartaz e folder.

E mesmo eu estando no departamento, ministrando aulas, fazendo parte do CONDEP, fazendo pesquisa, eu também estava na Comissão Permanente de Seleção Acadêmica e na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, assessorando a Pró-reitora nas publicações.

Nós fizemos as primeiras publicações da Universidade do Taubaté, uma coletânea de todas as defesas de mestrado e doutorado. Fizemos também as revistas de Biociências, de Humanas e de Exatas, os três primeiros lançamentos científicos da universidade. Era um envolvimento intenso e contínuo.

Depois de toda essa trajetória, e trabalhei sempre, tive o privilégio, desde o início da mi-

nha carreira na Universidade do Taubaté, de trabalhar muito próximo das Pró-reitorias. Por conta do vestibular, próxima da graduação; por conta da COPESA, da extensão que cuidava de toda essa expansão da universidade, desse relacionamento; e da pesquisa, que era, na verdade, quando eu cheguei aqui.

Eu queria dar aula e fazer pesquisa, dar aula e fazer pesquisa. E toda essa trajetória mudou. Continuei no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais, continuei na COPESA e, em 2010, fui convidada para ser Pró-reitora Estudantil, na gestão do professor José Rui Camargo.

Durante essa trajetória na Copesa e assessorando as pró-reitorias, muitas coisas aconteceram. Com a chegada de outras instituições, começou uma grande concorrência. Era preciso reinventar o processo seletivo. Então, a gente foi captar alunos em outras regiões, mostrando o nosso diferencial como universidade. E o que nos firmava cada vez mais era ensino, pesquisa e extensão. A gente mostrar o diferencial de um aluno estudar em uma universidade que tinha e que tem esses pilares bem fortes e definidos.

Bom, engravidei e, depois de ter a minha filha, fiz o doutorado. Primeiro foi o Paulo Fortes, meu marido, que fez o doutorado, e depois eu fiz o doutorado na Unesp, em Botucatu, na Agronomia, bem direcionado na minha área de conhecimento.

Concluindo o doutorado, em 2010, eu assumi a Pró-reitoria Estudantil. E lá foi um grande desafio. Nós ainda tínhamos matriculados 8 mil alunos. Eu tinha o conhecimento e a vivência de captar alunos antes da chegada deles, depois da experiência como professora. Mas de ver os problemas, as dificuldades, e também quanto era a expectativa do aluno de fazer o ensino superior.

A Pró-reitoria Estudantil me possibilitou essa experiência. Nessa época, nesses quatro anos, além de a gente trabalhar com a empregabilidade – tínhamos até um programa na Pró-reitoria de ensinar e incentivar a fazer o currículo, como se apresentar numa entrevista de emprego, de estágio... –, tínhamos a Feira de Oportunidades, trazendo o setor produtivo para a universidade, o aluno ter o contato ainda na graduação. Também a gente ampliou o programa de bolsas, mas o feito mais importante foi o FIES.

Naquela época, foi entre 2011 e 2012, nós conseguimos cadastrar a universidade, que não poderia ingressar no FIES porque é uma instituição pública. A gente conseguiu reverter isso, explicar qual era a nossa modalidade e conseguimos trazer esse benefício, que foi fundamental para os alunos e para a universidade. Foi uma grande ação, um grande projeto para a universidade naquela época.

Em 2014, no segundo mandato do professor José Rui, fui convidada a assumir a Pró-reitoria de Graduação, com outros desafios e grandes mudanças: a mudança do regime anual para semestral, a metodologia de avaliação e o sistema acadêmico informatizado da universidade. Eu cheguei ali no início dessa mudança e a gente conseguiu trabalhar com todos os projetos pedagógicos, com a renovação de reconhecimentos junto ao CEE (Conselho Estadual de Educação). No decorrer dos anos, a gente conseguiu organizar tudo, mudar a matriz curricular, criar o NDE (Núcleo Docente Estruturante), criar programas como o PROFOCO (Programa de Formação Continuada), criamos novos cursos.

Foram desafios de aprendizado, ter mais contato com os professores, com os departa-

mentos, e sempre trabalhando o ensino juntamente com pesquisa e extensão, não perdendo o foco de universidade, trabalhando a qualidade do ensino, nos indicadores.

O Ensino à Distância também, que foi um grande desafio. Foi a COPESA que fez o primeiro vestibular do Ensino à Distância, para que a gente também entrasse nessa outra modalidade. Até então, a universidade era totalmente presencial, os nossos professores, a nossa formação toda... tínhamos até dificuldades de entender o Ensino à Distância, mas fomos em frente.

Concluindo o meu tempo na pró-reitoria de graduação, veio a oportunidade de me candidatar como reitora da universidade. Em julho de 2018, assumi a reitoria.

Desde então, esse tem sido o maior desafio de todos. Acho que é uma coisa que fico sempre me perguntando. Em algum momento, antes disso, antes de começar a campanha, a candidatura, eu pensei: “não”! Era uma coisa muito clara para mim ficar na pró-reitoria de graduação.

Mas veio a oportunidade, a discussão do grupo à época, e achamos que era o momento. Conversei com a minha família. Era o momento? Era o momento! Então, já tinha feito o meu mestrado, doutorado, já tinha passado pela estudantil, graduação, tendo uma longa trajetória na universidade.

E aí assumimos o desafio. Tínhamos um plano de trabalho, uma proposta de gestão: melhorar as condições de trabalho dos professores e dos servidores: seguir a progressão na carreira, fazer uma reforma administrativa, melhorar as condições estruturais, trabalhar na expansão da universidade, na criação de novos cursos.

Estávamos no auge do processo de implementação do plano e das primeiras conquistas, quando somos surpreendidos pela pandemia da COVID-19.

Esse foi o grande desafio para todos nós. Nós estávamos há 1,5 ano da gestão. Achávamos que íamos ficar oito dias em casa, depois 15 dias. “Daqui a um mês a gente volta”. E não voltamos. E foi a grandiosidade da universidade, a união de professores, funcionários e alunos, que fez com que não parássemos.

Até março de 2020, estávamos trabalhando para a criação de um campus fora de sede, em Caraguatuba e na criação do curso de Medicina Veterinária, que era uma demanda da região. Trabalhávamos também na melhoria das questões estruturais da universidade uma questão que vinha muito latente durante a campanha para a reitoria. Como pró-reitora de graduação, eu sentia essa demanda que vinha dos diretores, dos professores.

Começamos a fazer a unificação de departamentos e cursos, trabalhar intensamente para que os diretores fossem gestores, não somente com o olhar pedagógico, mas também de todo o departamento. Uma verdadeira mudança de cultura. Esse era o momento em que estávamos trabalhando nas melhorias das instalações, na progressão na carreira, na qualificação de funcionários. E aí chegou à pandemia.

Na pandemia, tivemos que parar com esses projetos. Começamos a pensar na universidade virtual naquele momento. Como a gente ia colocar mais de 6 mil alunos, 1.100 servidores on-line, se a gente não sabia trabalhar on-line? E ainda tínhamos um agravante, que era o medo. Nós tínhamos muito medo. Era o desconhecido: a doença e o modo que deveríamos trabalhar para a universidade continuar viva!

Conseguimos tudo em uma semana. Nós voltamos, então, com tudo. Foram aulas síncronas, virtuais, e a gente não conhecia os sistemas. Fomos conhecendo os programas que tinham, as plataformas. Mas isso foi muito rápido, e, no decorrer, fomos aperfeiçoando. Todos em home-office, mas a gestão vinha se encontrando no presencial, obviamente, respeitando as regras.

E a gente conseguiu! Fomos acompanhando todos os protocolos do governo qualificando os professores para aulas on-line, incentivando os alunos. Nós tivemos as pró-reitorias, principalmente as pró-reitoria de extensão e a pró-reitoria de pesquisa, criando lives, intensificando as atividades, as oficinas. Nós estávamos sempre on-line.

O que também fez a diferença foi que a gente já tinha o EVA, o Espaço Virtual de Aprendizado, e a TV. A nossa produtora foi grande, e é ainda até hoje, uma grande ferramenta. O que a gente conseguiu fazer foi por conta da TV, da rádio, dos profissionais que ali estavam com seriedade, da nossa comunicação, que trabalhou incansavelmente.

A união de todos nos fez chegar a 2022. Mas sempre respeitando os protocolos, nós voltamos a fazer as aulas práticas. Foi uma das primeiras universidades a voltar com as aulas práticas. O desafio de voltar o presencial também foi um medo. Então, foi um processo de aprendizagem, de desafios e de conquistas. Acho que foi um processo que passamos, mas com a compreensão de todos.

Tivemos de continuar mais lentamente com a criação do campus de Caraguatatuba e com a criação do curso de Medicina. Na verdade, já tínhamos criado o curso de Medicina Veterinária. Era o primeiro vestibular e, com ele, tinha todo o projeto da clínica, dos laboratórios, outros cursos também na área de engenharia, que a gente criou à época.

Enfim, foram aqueles dois anos que a gente conseguiu fazer. Mas o principal: a universidade honrou com todos os seus compromissos, que era uma insegurança, tanto dos gestores quanto da comunidade toda. Será que a gente vai conseguir? Então, nós conseguimos, a gente manteve todos os compromissos: já que não tínhamos tranquilidade nas questões de saúde, garantimos a tranquilidade dos compromissos com os nossos colaboradores.

A gente trabalhou muito também na primeira gestão para melhorar as condições das nossas fundações, integrá-las muito mais com a administração, conscientizá-las que elas são da Universidade Taubaté. Todos os conselhos também funcionaram em home-office. Era um outro modo de condução e de ação, mas ela continuou com todas as suas atividades.

Passada a pandemia, a gente conseguiu consolidar o campus fora de sede, fazendo o primeiro vestibular no primeiro semestre de 2022. Tínhamos já o novo curso de Medicina Veterinária e os cursos de graduação e de pós-graduação ativos.

Estávamos também pleiteando doutorado nos programas de pós-graduação, com a nossa escola também super atuante, com reforma física e continuando a unificação dos departamentos.

Findo o primeiro mandato, tinha a possibilidade de uma reeleição, de uma recondução. E lá fomos nós, então, para essa reeleição, no primeiro semestre de 2022, quando estávamos voltando praticamente da pandemia e, efetivamente, toda a universidade presencial.

Sempre agradeço toda a comunidade acadêmica, os alunos, enfim, toda a universidade,

pela recondução. E seguimos aqui nesse desafio, faltando cerca de 1,5 ano para terminar o segundo mandato, com outros projetos, nunca perdendo o foco na qualidade.

Nessa segunda gestão, investimos muito na melhoria e modernização das salas de aula, das áreas de convivência, que foi uma exigência desse novo modelo pós-pandemia dos alunos, do comportamento. Esse foi um desafio da Pró-reitoria estudantil de avaliar, de reconhecer, de estar presente nesse atendimento, nesse acolhimento ao aluno.

Uma outra questão muito importante e forte na nossa gestão, que é a qualidade do ensino, passa também pela satisfação do professor. Então seguimos firmes com a progressão na carreira. A gente já está instalando os procedimentos para a segunda progressão na carreira, feita nessa gestão. Melhoramos a questão salarial, tivemos um enfrentamento com a questão do abono, considerado inconstitucional, que foi transformado em auxílio-alimentação, com reajustes anuais.

Então foram desafios, desafios na qualidade de ensino, na estrutura, no relacionamento e nas melhorias das condições dos servidores. Foi um trabalho em equipe, e está sendo em equipe.

Hoje nós temos, uma clínica de Medicina Veterinária, iniciada antes da pandemia, que é referência; temos um doutorado em Desenvolvimento Regional; temos os nossos programas de mestrado, todos reconhecidos, com notas ótimas para a formação nesses programas, que não estão somente em Taubaté.

Tivemos também a curricularização da extensão implantada em todos os cursos. Hoje a nossa pró-reitoria de extensão, faz todo o trabalho de relacionamento com a comunidade, com prestação de serviço. Hoje nós temos o Unitau na Sua Vida, que é um programa maravilhoso, que ele está junto à comunidade. As nossas clínicas foram melhoradas, a nossa clínica de fisioterapia teve um avanço, nós melhoramos as condições de trabalho, mas também com equipamentos. A odontologia também recebeu melhorias na clínica, psicologia, nutrição.

Na verdade, o que eu posso, nesse tempo aqui de dois anos e três meses de gestão do segundo período, é o quanto nós avançamos em forma de qualidade de ensino, no atendimento ao aluno, nas melhorias para os servidores e também na melhoria de infraestrutura na universidade.

Eu vejo que a universidade cresceu em qualidade!

A Universidade de Taubaté é referência aqui e por onde a gente passa. Secretários municipais de toda a região passaram pela formação na UNITAU, então, em todas as áreas, os engenheiros, os advogados, enfim, todas as profissões foram mais de 100 mil profissionais formados.

Estamos completando 50 anos de Universidade de Taubaté no dia 6 de dezembro, com grandes conquistas para comemorar. É olhar para trás e ver o quanto a gente cresceu, quanto a gente progrediu, e o desafio de mais 50 anos, e é importante que toda a comunidade acadêmica tenha consciência que o nosso trabalho aqui é ativo o tempo inteiro, é de conhecimento, é de muito estudo, é de resultados, então esse é o grande desafio da nossa universidade para os próximos 50 anos.

Acho que a próxima gestão deve ampliar o crescimento da universidade em outros muni-

“ A Universidade de Taubaté foi o meu único trabalho. E eu sempre falo que tenho a Universidade como a minha segunda família. E ela se mistura com a primeira também.

cípios. A universidade tem de estar presente em toda a nossa região. Se hoje a principal escolha do aluno é pela localização, defendo que a universidade precisa levar o seu conhecimento, os seus cursos, para essas regiões. Esse é um grande desafio, continuar oferecendo cursos e formação com qualidade, trabalhar nos seus indicadores, na valorização dos professores, na melhoria da infraestrutura.

Nossos prédios foram adquiridos ou doados há muito tempo, são prédios antigos, exigem uma manutenção sempre, contínua. Estamos na luta para construir o campus integrado do Bom Conselho. Já temos o projeto para a venda dos imóveis, que hoje não são mais utilizados para o ensino, que vai possibilitar a melhoria das condições de alguns prédios, e de novos investimentos no Bom Conselho. Ou seja, temos muita coisa ainda para fazer, muitas conquistas, mas não podemos perder de vista o que já conquistamos, o que nós avançamos como universidade, e não é uma gestão, duas gestões, é toda a comunidade acadêmica que tem o mérito e que tenho que agradecer por todas essas conquistas.

Acho que uma outra questão também importante que a gente tem que colocar e deixar isso registrado e para os próximos é a sustentabilidade da Universidade. O gestor tem que ter a responsabilidade dos seus compromissos, de praticar o orçamento, de fazer um orçamento que é a realidade da Universidade. Trabalhar sempre, fazer a gestão sempre com os conselhos, deixar transparente o que está acontecendo na Universidade. Isso foi uma coisa que eu falo demais, mas eu coloco sempre os conselheiros com todas as questões grandiosas da Universidade que precisam ser discutidas, eu procuro levar. Então, a sustentabilidade da Universidade é fundamental. E nós nunca deixamos desse período todo de gestão, deixar de pa-

gar licença-prêmio, deixar de fazer o que tem que ser feito, suas obrigações, como prevê a lei. Então, esse é um momento interessante e importante para a Universidade que tenha consciência que a gente precisa ser responsável com toda essa comunidade que depende da Universidade de Taubaté.

Fui a segunda mulher reitora da universidade de Taubaté e a primeira reconduzida para uma segunda gestão. Considero isso uma grande conquista, porque esse cargo sempre foi ocupado, na maioria, e ainda até hoje, por homens. A gente tem mudado um pouco essa configuração, mas é uma grande luta.

E é importante também colocar que a Universidade de Taubaté, nesse período de 6,5 anos, foi projetada externamente, tanto na AIMES (Associação das Universidades Municipais do Estado de São Paulo), em que ocupo hoje a vice-presidência, sou secretária-geral da Associação das Universidades Municipais do Brasil, ANIMES, e, recentemente, fui eleita como vice-presidente da ABRUEM (Associação das Universidades Estaduais e Municipais do Brasil).

Sempre procurei levar a Universidade de Taubaté, colocar a universidade no cenário nacional. Estou sempre presente nas discussões, sempre levo as questões da universidade.

Nessa gestão, fizemos aqui o encontro da AIMES. Recebemos a visita de um ex-aluno, hoje vice-presidente da República, Dr. Geraldo Alckmin. Trouxemos também representantes do Conselho Estadual de Educação. Então, a universidade realmente tem hoje um papel importante no cenário do ensino superior, das universidades.

Neste período, fiz várias visitas e tive agendas no Governo Federal, no Governo Estadual. Procurei sempre estar presente e valorizando e empoderando a nossa universidade.

A universidade não pode ficar só na nossa área de atuação. Isso é a universidade. E isso é muito constante na nossa instituição: nossos professores têm essa vocação, participando de congressos, de várias comissões. Os nossos pró-reitores e pró-reitoras fazem parte das câmaras nacionais de graduação e de extensão. Agora estamos na Câmara de EAD, na Câmara de Internacionalização, Pesquisa e Pós-graduação, também assuntos estudantis. Então, a gente tem essa capilaridade.

A Universidade de Taubaté foi o meu único trabalho. E eu sempre falo que tenho a Universidade como a minha segunda família. E ela se mistura com a primeira também. A Universidade é extremamente importante na minha vida. Eu vivo a Universidade. Não consigo separar, porque está comigo sempre. Passei por tantas etapas dentro da Universidade, conquistas, e sou uma pessoa que gosta de desafios e vibro com as vitórias. E a Universidade de Taubaté me proporcionou isso. “Não é possível fazer isso”. “Não. É possível, sim”. Ela é a minha vida. Aqui eu me casei, aqui tive minha filha, aqui fiz meu doutorado, aqui estou conduzindo, chegando ao final desse ciclo profissional. E com muitas realizações. Eu posso falar que não sou uma profissional frustrada na profissão que escolhi, na escolha que fiz pela Universidade de Taubaté, e que hoje o que tenho, o que sou, sou muito grata à Universidade e às pessoas com quem convivi toda essa minha trajetória.

É vida. A Universidade é vida.

2

Luiz Carlos Maciel

vice-reitor

Sou Luiz Carlos Maciel, médico, estou na Universidade de Taubaté desde 1988, quando iniciei a graduação. Esse período todo, fiquei apenas dois anos fora da UNITAU e rapidamente retornei. Sou uma pessoa realizada, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Acho difícil falar sobre qualquer coisa da minha vida sem citar a Universidade.

Nasci e cresci em Taubaté. Teve um período na infância, por questões de trabalho da família, que fiquei em Campinas

Minha relação com a UNITAU é longa. Graduação, Residência em Cirurgia Geral e depois professor. Eu me formei em Medicina em 1993. Fiz a Residência no Hospital Universitário (HUT) em 1994 e 1995. Em 1996 e 1997, fiquei em São Paulo fazendo a Residência em Urologia, pois ainda não tinha a especialização na UNITAU, como existe hoje. Recebi convites para trabalhar em outras cidades distantes. E houve uma mudança no currículo do curso de Medicina da UNITAU e iria precisar de mais pessoas na disciplina de Urologia. Então, em janeiro de 1998, retorno a Taubaté ingressando na UNITAU como professor. Estou aqui desde então.

Quando eu era criança, morava no Jardim Russi, que é próximo do Campus Bom Conselho, e os amigos, de vez em quando, brincavam de jogar bola lá. Não tinha muro, o Bom Conselho era aberto. E não tinha grama, ali era terra. E depois de jogar um pouco de futebol, a nossa diversão era ir até as janelas do Laboratório de Anatomia para ficar olhando os cadáveres. No dia seguinte, víamos quem tinha conseguido dormir. Lógico que todos mentiam, dizendo que tinham dormido à noite. Era brincadeira de criança, entre 1978 e 1980.

Estudei no colégio Monteiro Lobato, escola estadual pública, que tinha laboratórios muito bem montados. Gostava muito do La-

boratório de Biologia e recorde das aulas da professora dona Leatrice. Ver como as coisas funcionavam, as atividades celulares eram encantadoras. Ela mostrava isso tudo no laboratório, utilizando plantas, insetos e pequenos animais. Assim, o interesse por essa parte biológica já vinha desde o antigo colegial, hoje ensino médio. E no final, no terceiro ano, eu fazia o colegial de manhã e um cursinho à noite. Foi quando realmente comecei a ter interesse em fazer Medicina. Até então, ficava entre veterinária e medicina humana.

De 1986 para 1987, fiz meu primeiro vestibular com algumas classificações muito boas, mas não o suficiente para aprovação. No ano seguinte, fui aprovado no vestibular e comecei a graduação em Medicina.

A UNITAU foi uma escolha. Era a minha cidade, já tinha a vivência no Bom Conselho, e conhecia algumas pessoas formadas na UNITAU, o que acabou despertando esse interesse de iniciar a minha formação e fazer a minha carreira aqui.

O curso de Medicina é integral e muito intenso. As disciplinas marcantes para mim, no primeiro ano, foram Anatomia e Histologia. Gostava muito. No segundo ano, em Fisiologia Médica, tive a oportunidade, por meio de um dos professores, o Sandro Vestri, de ir até o Instituto de Ciências Biomédicas da USP, num período de férias, para conhecer a estrutura. Ele dava aula lá e estimulava muito a questão de pesquisa, de busca de conhecimento por meio de artigos.

Hoje, possível acessar artigos pela internet. Nós tínhamos que pegar o ônibus, ir até São Paulo, na Biblioteca Regional de Medicina, pegava o Index Medicus, um livro enorme, com todos os títulos de artigos que haviam sido publicados no mês anterior. Buscava pelo título do artigo se interessava ou não para o trabalho que estava fazendo. Aí pedia para o tirar a cópia para ler e estudar. O Prof. Sandro, o Prof. Ângelo e dois ex-alunos UNITAU, me estimularam com relação à carreira acadêmica.

No terceiro ano, tive a oportunidade, por meio do contato com o professor Walter Muragaki, da Cirurgia Pediátrica - também ex-aluno - de acompanhar cirurgias na cidade de Pindamonhangaba. Entre uma aula e outra, eu corria para lá. Nas férias, tirava poucos dias para descansar e já voltava. Tinha semanas que ia todo dia para Pinda para entrar em cirurgia com ele. Lá, ele me apresentou para outros colegas médicos, que não eram professores, mas foram pessoas que acabaram ajudando muito, dentre eles o Dr. Hélio, o Dr. João Paulo. Assim, quando cheguei na disciplina de Cirurgia, já tinha muita vivência em centro cirúrgico. E a vontade de seguir na área cirúrgica foi se aprofundando cada vez mais.

Estudar Medicina era muito diferente de hoje. Tínhamos um ambiente mais envolvente, porque não tinha internet. A vivência era no campus, com os colegas. As festas eram organizadas, tanto no campus quanto nas repúblicas. Havia vivência com outros cursos. Minha esposa, Patrícia, era aluna da Odontologia da UNITAU, a conheci nessa

integração com outros cursos. mais de 30 anos de convívio entre namoro, noivado e casamento, e dois filhos: Gabriela e Lucas.

Tenho amigos até hoje - veteranos, calouros, colegas de turma. A cada cinco anos fazemos reuniões. Nem todo mundo consegue participar. Temos colegas espalhados pelo Brasil inteiro e isso também é muito legal. Às vezes, vou a um lugar e tem colegas morando por lá, entro em contato, para ver, conversar e relembrar das histórias do período de estudantes.

Recordo de um vídeo promocional que a UNITAU fez para divulgar o curso de Medicina, em 1989. A minha turma foi filmada para essa divulgação. Apareço assistindo aula, numa sala muito diferente da de hoje. A mesma sala, porém, com carteiras de madeira, quadro de giz, retroprojeter. Eram os recursos daquele momento. Mas o curso teve sempre muita qualidade, aulas intensas, muito vivas, um período muito bom.

No terceiro ano, eu e uma colega de turma, a Eunice, assumimos uma revista, que era a REMUT - Revista Médica da Universidade de Taubaté. Essa revista já vinha de turmas anteriores. Não me recordo quais foram os números que participei, ajudando a editar, imprimir e divulgar. Ela tinha como objetivo publicar os trabalhos que eram apresentados no COMUT (Congresso Médico Universitário). E eram impressas. Nós éramos alunos de Medicina, então diagramação, editoração, tudo isso era muito difícil.

Eu e a Eunice conseguimos uma agenda com o professor Milton Chagas, ele era o Reitor. Pedimos ajuda, porque não estávamos conseguindo o patrocínio para poder custear a revista. Ele ligou na Comunicação e avisou que iriam dois alunos da Medicina para poder ver essa questão da diagramação, editoração da revista, que era para ajudar. Ele ligou também no antigo Banespa, disse que iriam dois alunos que precisavam de patrocínio para poder custear a revista, a impressão, a publicação, a divulgação e a distribuição da revista.

Fomos ao setor de Comunicação e me recordo que os dois professores de lá, um deles era o Luiz Carlos e o outro Ismael, disseram que iriam ajudar, mas que seríamos nós a realizar as atividades. Eles nos ensinaram a fazer fotolito, editoração, diagramação e a manusear papel couchê de 125 gramas, que foi o utilizado na revista. O Banespa, de fato, patrocinou e cobriu os custos que não conseguimos arcar na gráfica da UNITAU e na Comunicação. Temos essa revista na biblioteca do Bom Conselho, e existem mais números, não apenas esses. Foi um período bastante interessante, proporcionando uma vivência

diferenciada em relação ao que é feito em uma graduação em Medicina. Na Comunicação, aquilo era rotina, mas na Medicina, não.

Posso afirmar que a primeira vez que coloquei os pés no Hospital Universitário foi quando nasci, já que nasci ali. Brincadeiras à parte, como aluno, começamos a entrar no hospital a partir do terceiro ano, nas disciplinas de Semiologia e Técnica Cirúrgica, que hoje correspondem a Clínica Cirúrgica I e Clínica Médica I. Embora já chamássemos de Hospital Universitário, ainda o referíamos como Hospital Escola. Foi ali que damos nossos primeiros passos no hospital, e no ano seguinte, aprofundamos até chegarmos ao Internato, que representava a verdadeira imersão no hospital nos anos finais do curso.

A presença de um hospital vinculado à Universidade confere um controle maior sobre as decisões relacionadas ao acompanhamento dos alunos e ao planejamento de ensino. Isso torna a gestão educacional muito mais eficaz do que quando se tem apenas um convênio com outra instituição hospitalar. É evidente que a existência de um hospital traz uma diferença significativa ao curso. Acredito que isso seja um diferencial para a Universidade de Taubaté, pois permite atender à comunidade e possibilitar a realização de pesquisas e estudos com muito mais amplitude e facilidade, em comparação à falta de uma instituição de saúde que sirva como campo de estágio e prestação de serviços.

Foi muito gratificante começar a dar aula, um retorno para casa. Comecei na Urologia a

buscar uma alternativa para desenvolver a pós-graduação, que já era um sonho que vinha lá de trás. Na realidade, quando aluno, na minha concepção, faria o mestrado, doutorado e depois iniciaria a carreira como professor, mas a coisa foi inversa. Já dava aula quando fui para a Unicamp buscar essa formação, fazer o mestrado e o doutorado.

Foi um período de bastante trabalho, tinha que estar no meu consultório, na UNITAU e desenvolver os projetos na Unicamp, mas foi uma experiência muito gratificante, porque me moldou muito como professor. Posso dizer que era muito diferente o professor de 1998, e o que me tornei em 2007, após a finalização do mestrado. O engraçado é que a Unicamp tem muito claro isso. Mestrado é para formar professor universitário, doutorado é para formar pesquisador.

Tenho muitos projetos desenvolvidos com alunos, como iniciação científica, publicações e apresentações em congressos. Sempre faço questão de que os nomes deles apareçam como autores principais, pois acredito que é justo reconhecer que foram eles quem realizaram todo o trabalho. Eu apenas atuo como tutor e orientador.

Os profissionais da saúde, como médicos, dentistas e veterinários, em geral, têm a característica de se comunicar bastante. Costumo enfatizar para os alunos a importância de se expressar. Quando tiverem oportunidade de fazer uma apresentação, seja em congresso, seminário ou nas aulas, devem aproveitar. É fundamental treinar essa habilidade, pois a comunicação será uma constante em suas vidas.

Cada paciente que entra em seu consultório representa uma apresentação, uma palestra. É necessário colher informações, elaborar uma hipótese diagnóstica e comunicar sua conduta de forma clara aos pacientes e seus familiares. Esteja confiante ao expor suas decisões, pois, mesmo estando certo, a falta de clareza na comunicação pode não transmitir a segurança necessária. Acredito que essa habilidade de falar e se apresentar é crucial, e as funções de professor e médico se entrelaçam nesse aspecto.

Junto com os demais membros da disciplina de Urologia, como Federico, Alberto, Otávio e Cleverson, começamos a estruturar a Residência em Urologia. Ao longo dos anos, a responsabilidade pela disciplina foi se alternando entre nós. Fui coordenador do Internato em várias ocasiões e sempre atuei de forma ativa no departamento, participando dos Conselhos Universitários. Uma virada inesperada foi meu convite para ser vice-reitor.

Recebi essa proposta quando a professora Nara me telefonou. A criação do campus de Caraguatatuba havia sido aprovada recentemente e, inicialmente, pensei que ela queria discutir algo relacionado ao curso. Não imaginei que era um convite para a vice reitoria. Aceitei o desafio e, neste momento, ocupo a posição de vice-reitor.

É uma experiência diferente, intensa, mas que traz possibilidades que jamais teria na Universidade. Conhecer a Universidade inteira, não apenas um único curso, ver o quanto importante a UNITAU é no cenário do ensino no Brasil, sua dimensão e a representação que ela tem. Onde quer que estejamos tem pessoas que ligadas à Universidade. É incrível a penetração que a Universidade tem, não só na região. A oportunidade de participar, dar ideias e sugestões com relação a projetos, na área da saúde, e em outros setores da Universidade, trazer um pouco da minha vivência de outra instituição pública também, com características diferentes, que é a Unicamp, e sugestões que acabam vindo ao encontro daquilo que a Uni-

versidade pode ter como útil dentro das suas atividades. Acho que estou ajudando.

Em 1990, Fernando Collor venceu a eleição presidencial, assumiu no início de 1991, quando eu estava no quarto ano de Medicina. Uma das primeiras medidas que o

governo tomou foi encerrar o crédito educativo, um sistema de financiamento do governo federal por meio da Caixa Econômica. Consegui o crédito educativo logo no final do primeiro ano, 100%. Tinha regras com relação à nota e à frequência.

Quando acabaram as aulas do primeiro semestre, recebi um comunicado da Universidade que teria que passar na Pró-reitoria de Finanças para acertar o que tinha em atraso, porque o crédito educativo não havia sido pago. Nós imaginávamos, mas à época, as notícias demoravam muito, havia uma dependência de jornal, não tinha velocidade de uma notícia que se tem hoje. Os alunos que tinham o crédito educativo se reuniram, inclusive de outras instituições do Brasil, e entramos com ações contra o governo federal, mas nós não sabíamos como e nem por quanto tempo isso iria caminhar.

Fiquei com aquela preocupação grande nas férias. Um domingo minha mãe me acorda logo cedo e me entrega uma cartela do bingo do Taubaté que comprou para mim. Chegamos em horários diferentes no estádio, meus pais se sentaram na arquibancada e eu consegui entrar no gramado. Eram cinco carros de premiação, quatro Escort Hobby e uma caminhonete Chevrolet cabine dupla. E me recordo que estava já nos números finais dessa caminhonete, quando o rapaz que estava cantando os números falou o que eu estava esperando. Lembro que me levantei e saí correndo com a cartela na mão, gritando que tinha ganhado. Uma pessoa me pegou, me colocou em cima do palco, bem no centro do gramado. Alguém tirou a cartela da minha mão, olhei a multidão e pensei na vergonha que iria passar se tivesse comido bola. Nisso veio o rapaz com a cartela e falou que eu tinha ganhado, e sozinho.

Vendi a caminhonete, semanas depois. Peguei o dinheiro, acertei aquele período que tinha de dívida, paguei mais alguns meses. O governo federal perdeu as ações, o crédito educativo se normalizou e depois usei parte desse dinheiro para pagar coisas do meu casamento, parte para entrar na sociedade que trabalho até hoje, no consultório privado. Foi uma ajuda divina, muito boa. Foi marcante.

Estava numa situação em que conhecia diversas pessoas que estavam tentando vender imóvel, carro, ou seja, procurando alguma alternativa para poder, se não solucionar, ao menos contornar o problema. Vender a caminhonete, trouxe uma tranquilidade para completar a graduação.

Dar crédito ao ensino superior é fundamental. É imprescindível manter e fomentar políticas de financiamento. As cotas nas universidades públicas são muito

importantes, mas não são suficientes para atender a todos. O financiamento nas outras instituições de ensino também é crucial e precisa ser tratado com mais respeito do que temos visto recentemente.

A falta de recursos gera uma grande sensação de insegurança. Imaginem um curso de Medicina, que é integral; a carga de dedicação aumenta à medida que o curso avança, tornando inviável a possibilidade de trabalho. Precisamos democratizar a profissão. É essencial estimular e melhorar outros sistemas de financiamento, evitando que os alunos, ao se

formarem, sejam sobrecarregados com dívidas enormes. O apoio financeiro deve ser justo e não servir apenas para gerar lucro para instituições financeiras; a devolução do dinheiro é justa, mas a cobrança de juros é contrária ao objetivo social do financiamento estudantil e não constitui uma política pública.

Não posso contar a minha trajetória sem incluir a UNITAU. Foi aqui que me formei, iniciei a especialização e construí toda a minha carreira como docente, um sonho que tive enquanto aluno. Tive experiências momentâneas fora da Universidade, como a Residência em Urologia. Em 2025, celebraremos os 25 anos da Residência em Urologia da UNITAU, um programa respeitado que atrai muitos interessados. Todos os nossos ex residentes atuam como urologistas e possuem o título de especialista da sociedade; alguns seguiram em pós-graduação e hoje lecionam em outras instituições. Isso demonstra que a Residência está cumprindo seu papel.

Na época, o mestrado e o doutorado eram oferecidos apenas em Odontologia, e fui para a Unicamp para cursá-los. Hoje, a UNITAU já conta com mestrado e doutorado em Ciências da Saúde, refletindo o crescimento da Universidade ao longo dos anos. Desde 1988, só estive fora da UNITAU por dois anos. Em 3 de dezembro de 2024, completo 31 anos de formado; somando os seis anos de curso, tenho 37 anos dedicados à Universidade. Isso é muito tempo.

Ao longo desses anos, participei de muitos projetos. Um dos mais especiais é a Liga de Urologia, criada em 2004. Naquela época, os alunos não se interessaram, e a iniciativa foi encerrada em 2009. Em 2015, durante um ambulatório no hospital com um residente, um grupo de alunas entrou na sala expressando o desejo de reabrir a Liga. Assim, ela foi reativada. Dentro da Liga, temos um projeto iniciado em 2017, que consiste em campanhas de atendimento à população carente. A ideia começou em Campos do Jordão, inicialmente prevista para 2016, mas não consegui retorno das prefeituras de Taubaté,

Pindamonhangaba e Caçapava. Conversando com meu amigo Marcos Vinicius, que também é urologista e meu compadre, ele sugeriu que realizássemos o projeto lá. A prefeitura, em parceria com o Rotary, viabilizou a iniciativa. Desde então, continuamos realizando essa campanha em Campos do Jordão todos os anos em novembro. A estrutura de Saúde da Família seleciona os pacientes carentes que precisam de atendimento, e eu preparo os alunos antes de realizarmos as consultas.

Cada sala conta com três alunos: um participante da campanha pela primeira vez, outro pela segunda e um terceiro pela terceira vez. Diversas pessoas me auxiliam durante o evento, como o Marcos e a Carol, que oferecem apoio aos alunos e ajudam no atendimento. Essa campanha cresceu significativamente; atualmente, estamos presentes no distrito de Campos Novos, em Cunha, e em São Bento do Sapucaí. Atendemos, em média, de 300 a 400 pacientes por ano.

Inicialmente, o foco era o diagnóstico do câncer prostático, mas hoje também identificamos casos de câncer de pênis, câncer de pele, diabetes descompensado (encaminhando os pacientes para o posto de saúde), hipertensão (que enviamos ao pronto socorro para atendimento) e sífilis, por meio de testes rápidos. Conseguimos identificar pacientes na fase assintomática da sífilis, que, de outra forma, talvez não procurariam ajuda médica.

Uma das coisas que sempre enfatizo, quando há mudanças na equipe organizadora, é que estamos ali para atender a população carente, que não teria fácil acesso a esses serviços

se não estivéssemos disponíveis. Embora eu não possa afirmar que este seja o melhor projeto, ele, com certeza, é aquele que gera mais carinho.

Mencionei algumas pessoas que foram importantes ao longo dessa trajetória. Destacar apenas uma delas é difícil, pois muitas pessoas contribuíram para a minha formação ao longo do tempo, não apenas durante a graduação. Embora tenha mencionado uma professora de Biologia do ensino médio, outros educadores também deixaram marcas significativas na minha vida.

Me lembro da Dona Silvinha, de Língua Portuguesa, cujo marido foi reitor. Me recordo da Dona Olga, de Ciências Sociais, me recordo do Juju, de Matemática, rígido, santista roxo, adorava a escola de samba do Chafariz. São tantas pessoas que, de uma forma ou de outra, fui pegando um pouquinho de cada uma delas. Não citei, mas poderia citar o professor Kather, professor Antônio Carlos Bartolomucci, professor Deomir Germano Bassi,

professor Manlio, professor Evanil Pires de Campos, professor Ivan, tantos professores da graduação que tiveram influência em minha formação. Na Residência, em São Paulo, o doutor Sidney Glina, o doutor Luiz Figueiredo Melo, o doutor Toy, Gabriel. Muitas pessoas na Unicamp, que foram meus professores, mas já eram colegas médicos, mas naquela situação, era meu orientador, era, meu professor. O Cássio Riccetto, que era um assistente da urologia, hoje, diretor no Hospital das Clínicas da Unicamp, também foi crescendo dentro da instituição na qual ele trabalha. O professor Palma, o professor Ubirajara, e o professor D'Ancona. O professor Netto, que era o chefe, falecido professor Nelson Rodrigues Neto Júnior.

Recordo que fui até a Unicamp, cheguei no professor D'Ancona e falei que era de Taubaté, que o professor Sidney Glina deveria ter conversado com ele. Ele me olhou e perguntou se eu estava querendo fazer o mestrado e respondi que sim. Isso era uma sexta-feira. Pediu para eu voltar na terça-feira, de manhã, quando tinham a reunião da pós, para apresentar o projeto. Sete e meia, no terceiro andar do Hospital das Clínicas. Liguei para o Sidney e falei que ele queria um projeto para terça-feira. O Sidney me deu uma ideia, passei o fim de semana bolando um projeto. Terça-feira de manhã fui e apresentei. Um milhão de críticas. Eu parado, ouvindo aquelas críticas todas e pensando que não iriam me aprovar. Quando terminou, o professor Netto, que era o chefe, o único que não tinha falado nada olhou para todos e deu parabéns, e falou que eu estava ali precisando fazer o mestrado e perguntou quem iria me orientar. O professor Palma falou que ficaria comigo. Todas essas pessoas participaram da minha formação.

Em 2019 recebi um convite para dar uma aula em um congresso de urologia e nefrologia em Paris. Infelizmente a pandemia fez esse congresso ser cancelado. Isso foi um trabalho de aluno, de iniciação científica, bolsista PiBic. Um excelente aluno, urologista hoje. São alguns exemplos das diversas oportunidades que a UNITAU me proporcionou.

Um dos projetos que a reitora, professora Nara, me pediu foi com relação ao novo Laboratório de Simulação da Universidade. Nós tínhamos um Laboratório de Simulação, mas chegou um dado momento que a professora Nara sentiu que havia necessidade de ele ser modernizado. Não trabalho com isso, conheço, sei como é, mas não é algo que tenha um envolvimento muito grande. Tive a oportunidade de ir em diversas instituições de ensino para conhecer os laboratórios, li muito sobre o assunto, e diversas

peças me ajudaram, entre elas o professor Walney. E nós fizemos um Laboratório de Simulação muito moderno.

Há dois momentos que me deixaram muito satisfeito. Na instalação dos equipamentos, ouvi o funcionário de uma das empresas que vendeu os novos simuladores falar para a Tamires, que é a professora responsável, que esse era um dos mais bonitos do Brasil. E o outro foi num evento que nós organizamos de urologia. Tinha uma aluna de outra instituição muito respeitada que foi conhecer o laboratório. Ela entrou, olhou, viu o laboratório, olhou para um outro aluno e disse que eles não tinham algo como aquilo. Então, são oportunidades que não teria tido se não estivesse onde estou.

A história da Medicina UNITAU faz parte da vida de uma quantidade muito grande de pessoas. Nasceu em 1963, quando foi aprovada a lei municipal que criava a autarquia municipal da Faculdade de Medicina. Alguns percalços, até ter a aprovação para a primeira turma, que entrou em abril de 1967, na Praça Coronel Vitoriano, onde é a Defensoria Pública hoje. Ali eram as salas de aula e o Laboratório de Anatomia. E os demais laboratórios eram no Instituto Adolfo Lutz, e funcionavam por meio de um convênio com o Estado.

Em 1969, ficou pronta a reforma do Bom Conselho, aquela faixa lateral, porque a frente dele ainda funcionava como um colégio. Já em 1970, o curso muda em definitivo para aquele espaço. E de 1967 até hoje, a quantidade de pessoas que se formaram é muito grande. E fazer parte dessa história, como um ex-aluno, é algo que nos deixa sempre muito satisfeitos. Sinto que estou dentro dessa história, e da história da própria Universidade que, em 1982, tem a oportunidade de trazer de volta o curso para o município.

Em 1972, o curso passou para a iniciativa privada. Em 1979 apresentou uma crise financeira extremamente grave. Até que, em 1982, o professor Badaró, o Pró-reitor de Administração, foi a São Paulo, no Conselho Estadual de Educação, representando o reitor da época, e a UNITAU assumiu a Medicina. E o curso de Medicina da Universidade de Taubaté teve primeiro vestibular em julho de 1982. Em agosto inicia a nova turma, já como Universidade de Taubaté. A Universidade assumiu os alunos que não iriam se formar, e dá continuidade a essa história. Há mais de 40 anos, a Universidade contribui para a formação. Se não tivesse feito isso, não estaria aqui. Poderia estar em outro lugar, seria médico, seria formado em algum outro lugar, mas estaria em alguma outra cidade, talvez num contexto muito diferente.

Uma vez, conversando com o professor Nader, de anatomia, que foi reitor da Universidade Federal de São Paulo, com formação na Escola Paulista de Medicina, e ele disse uma frase que que guardei: “Uma grande escola se faz com ex-alunos”.

A UNITAU para mim é oportunidade. Uma coisa que nunca imaginei na minha vida. Estou trabalhando no projeto de tornar Caraguatatuba um curso sedimentado, com a cara da UNITAU. Poucas pessoas têm essa oportunidade. As campanhas que citei, de atendimento à população, não teriam acontecido se não fosse professor aqui. O mestrado e o doutorado, talvez tivesse feito. Mas, veja bem, depois que fiz, tive diversas publicações, inclusive com alunos. Quem me deu essa oportunidade foi a UNITAU.

3

Alessandra Borges

Meu nome é Alessandra Borges Serra, estou há 24 anos na Universidade de Taubaté. Trabalho na Pró-reitoria de Extensão (PREX), no Núcleo de apoio e eventos. Eu entrei na Universidade com o intuito de estudar, porque eu sabia que o funcionário – quando entrasse, passado o período probatório – teria direito à Bolsa 100%. Um pouquinho antes de completar esse período, já comecei a faculdade e após completar o período consegui a Bolsa.

Sou muito grata à UNITAU por isso, porque eu entrei e, depois de um ano e meio, já comecei a estudar. Fiz a minha graduação e a minha pós-graduação em Gestão de Negócios e tive a oportunidade também de fazer alguns cursos fora, como o da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), e com a Gilda Meireles, tudo referente a eventos. Desde então, me enveredei para essa área.

O primeiro lugar em que comecei a trabalhar foi na secretaria da Pós-graduação da Odontologia. Lá, conheci alguns professores que são da área básica e isso foi muito bom. A administração engloba muitas áreas, tanto que, hoje em dia, a Administração e a Comunicação são unificadas. Essa experiência foi muito enriquecedora para a minha carreira.

Quando trabalhava na administração da Pós-graduação, o professor Gerval de Almeida me falou assim: “Olha, gostaria muito que você fizesse a formatura da Ortodontia”, que era o curso de especialização na época, curso esse do qual eu também cuidava. Eu respondi: “Professor, mas nunca fiz um cerimonial, nem sei como funciona”. Ele falou que eu poderia ficar tranquila, que ele iria escrever e me ensinar. Antes, eu lia tudo corrido, tal qual um Saramago. Ele me falou: “Nas vírgulas, você respira”. Eu respondi: “Está ótimo, então”.

No dia do evento, que foi em um buffet fora da universidade, ele me fazia um sinal

de positivo por baixo da mesa e dizia que estava legal; eu ficava toda orgulhosa. Aquele momento, para mim, foi o clique que me fez pensar: quero trabalhar com isso também!

Logo em seguida, também fiz a formatura do professor Edson Querido, que era do Mestrado em Desenvolvimento Regional, que também me chamou para fazer as formaturas dele. Assim, fui caminhando para esse outro lado.

Nessa época, o pessoal da ACOM (Central de Comunicação), que tinha o setor de relações públicas, me chamou para trabalhar e eu fui com muito prazer. A experiência foi muito boa nesse período. Participei de vários projetos, como o UNITAU na Praça.

Assim, fui me enveredando para essa parte, mesmo começando a trabalhar com o antigo ENIC (Encontro Nacional de Iniciação Científica), após entrar na Pós-graduação. Desde 2000, também tenho a experiência de trabalhar no CICTED (Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento), que tem sido maravilhosa para mim.

O ENIC acontecia no departamento do GEN, dos cursos de Gestão & Negócios. Em outro momento, também fizemos em outros dois prédios: no da JUTA e no do Direito. Antigamente, era mais a iniciação científica, com pôsteres mesmo, e no decorrer do tempo a comissão foi aprimorando isso tudo. Houve também os trabalhos da pós-graduação, como apresentação oral.

O evento cresceu tanto naquela época que, se eu não me engano, foi o professor Edson Aparecido de Araújo Querido Oliveira quem disse: “Vamos trazer gente de fora”. Assim, graças ao outro pró-reitor, e atualmente à professora Mônica Franchi Carniello, da área de pesquisa, que o CICTED foi crescendo, se transformando em internacional e se tornou o sucesso que é hoje em dia.

Estou lá desde o primeiro encontro, quando era necessário mandar as cartinhas para todas as universidades. Nós carimbávamos uma por uma, etiquetando e mandando para essas universidades com o cartaz, o ofício e o convite em um envelope. Era assim que fazíamos.

Depois eu fui trabalhar na secretaria do gabinete na Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Depois, fui para a ACOM e lá eu trabalhava mais com as campanhas e eventos institucionais na Reitoria, Vice-Reitoria e nas Pró-Reitorias.

Na época, a professora Ana Aparecida da Silva Almeida me falou assim: “Vou te puxar para a PREX, porque eu quero que você trabalhe com todos os eventos, inclusive dos departamentos”. Também, nesse período, havia sido instituído na ACOM o Núcleo de apoio a eventos, ideia que surgiu da professora Letícia Maria Pinto da Costa, que, na época, era a responsável pelo setor. Concordou-se que teria mais a ver com a Pró-reitoria de Extensão por funcionar como um braço dos eixos da extensão, sendo um desses eixos os eventos. Desde então, estive lá até o momento.

O meu primeiro evento foi o seminário de extensão que ocorreu no departamento de Ciências Sociais e Letras. Foi muito bacana para mim, tanto que estou envolvida até hoje.

Para mim, a extensão e os eventos, de uma forma geral, transitam por tudo, pelos três eixos. Tanto o ensino, como a pesquisa e a extensão. Mas a extensão toca o meu coração demais, porque os projetos e os eventos são com a comunidade. É uma experiência de vida mesmo que trago para mim.

Nós criamos um sistema único de eventos da universidade, o SEU: Solicitação de Uso de Espaços. Nesse sistema, todas as pessoas têm de inserir esses eventos. Controlamos o cadastro por meio de um formulário. Assim, todos os outros setores conseguem enxergar o que será necessário fazer. Pedimos uma previsão antecipadamente, porque também depende de fazer uma previsão orçamentária. Mas o sistema é aberto para todos: professores, servidores que pretendem propor o evento etc.

Quando são palestras, ou algo que é mais acadêmico, que não dependa tanto do núcleo de eventos, é possível gerenciar de longe, para ver se está tudo certo. Porém, existem alguns eventos para os quais se cria uma comissão, com uma portaria, que é um evento de grande dimensão, como, por exemplo, o CICTED, o Volta às Aulas, o Profoco – Programa de Formação Continuada. Para esses eventos que são mais pontuais e que precisam da ajuda de todo mundo, criam-se essas comissões.

Dentro disso, também contamos muito com a boa vontade e apoio de algumas pessoas que são ímpares, como o Sr. Manuel de Jesus – que está sempre presente – e com o pessoal da Pró-reitoria de Administração (PRA), que são como um braço para nós. Todos são muito importantes, pois dependemos dos serviços deles, seja para acompanhar, seja na segurança, seja na limpeza ou na montagem.

Na equipe de eventos, somos o Carlos Eduardo Rodrigues do Nascimento e eu atualmente. Cuidamos também das colações de grau e, já na parte do cerimonial, o NAE – Núcleo de Apoio aos Eventos que é responsável por escrever, revisar e acompanhar. Também acabo fazendo a cerimônia quando necessário, mas a intenção é, de fato, expandir essa equipe e ter pessoas capacitadas para que possamos ter mais um braço do núcleo de eventos, já que há momentos em que as colações são seguidas, cada uma em um dia.

Eu escolhi essa área, porque queria estudar. Minha vontade de fazer faculdade era muito grande e a educação é primordial na nossa vida. No outro trabalho em que eu estava, eu não tinha essa perspectiva de mudança, não tinha como pagar com o salário que eu ganhava. Eu trabalhava com contabilidade e quando fui até o meu chefe, ele me disse: “Você vai trocar seis por meia dúzia”.

Quando ingressei na UNITAU, minha função na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) era na parte administrativa. Quando recebemos uma bolsa, ela deve estar ligada ao que fazemos no cotidiano e ao que isso vai nos acrescentar no trabalho. Era a justificativa perfeita para eu pedir minha bolsa: ter a ver com o trabalho exercido, com a função assumida. Por conta disso, fui cursar Administração. Mas, no fim, meu coração foi para os eventos, para a comunicação e para as relações públicas. Nem contabilidade, nem administração, mas um pouquinho de cada coisa. Nos eventos, acabamos aprendendo um pouco de tudo, até de obra, de acessibilidade, de um monte de coisa para as quais devemos olhar. Na verdade, os eventos também têm muito disso: de gestão, de pessoas, de buscar parcerias. O administrativo conta muito. Foi o que me abriu portas para isso e me despertou para esse lado do evento, que me ajudou profissionalmente a crescer aqui dentro.

Na época, o professor José Felício Goussain Murade, que é das Relações Públicas e que era Pró-Reitor de Extensão, me falou: “Nossa, menina, mas você não tem hora para sair, não tem hora para entrar, não tem dia, não tem nada”. E foi o que me apoiou muito nesse momento de

transição para a função que eu exerço hoje. Sou muito grata também a ele e a todos que vieram e reconheceram o meu trabalho e dentre essas pessoas agradeço aos outros pró-reitores que confiaram no meu trabalho e, atualmente, à Profa Leticia Maria Pinto da Costa.

Não tem embate na nossa equipe, até porque sou mais flexível e acho que é necessário ser. Graças a Deus, nunca tive grandes problemas. Foram mais acontecimentos bons do que ruins, com alguma coisa que trava de vez em quando, parte burocrática mesmo, já que somos público. São coisas que às vezes precisamos esperar, que é um processo, que é licitatório. Não é assim: “Estou com dinheiro aqui, vou fazer um evento, vou fazer uma festa”, é mais que isso. Em relação às pessoas, eu só tenho grandes amizades que eu conquistei nesse período aqui.

A UNITAU tem um papel muito importante na minha vida. Por meio dela, conquistei meu espaço no núcleo de eventos e, além disso, consegui comprar meu apartamento, que é uma conquista pessoal. Acho que isso é muito gratificante.

Mais do que isso tudo. No meio do caminho, eu tive um câncer de mama e fui muito bem amparada pelos meios legais e amorosos também, de grandes amigos e de grandes parceiros. Sou muito grata a muitas pessoas que não vou nem nomear aqui por medo de esquecer alguém. Mas foi muito bom. Nessa passagem, tive um bom acolhimento e fiquei muito em paz em relação a tudo. No tempo do meu tratamento, muitas pessoas me ajudaram e me substituíram com muito amor, com muito afeto e com dedicação ao trabalho, enfim, com profissionalismo. Sou muito grata a tudo isso.

Definir a UNITAU é difícil, mas tenho muito orgulho. Muito orgulho de ser UNITAU, de viver o que vivi, de olhar para trás e ver tudo o que conquistei e que vivo até hoje. Tenho muito orgulho disso. É uma vida aqui dentro. De manhã, de tarde e de noite. É muita gratidão que tenho mesmo.

4

Amali Mussi

Sou Amali de Angelis Mussi. Ingressei na Universidade de Taubaté em 1982, para fazer o curso de Pedagogia. Em 1986, a universidade abriu uma seleção para auxiliar de ensino, da qual participei e passei. Ainda em 1986, fiz o curso de especialização na UnitaU em Psicopedagogia, do qual fui da primeira turma. Em 1987, participei da seleção para Professora Auxiliar na disciplina de Didática, fui aprovada e iniciei minha carreira como docente da UNITAU, passando, ao longo da carreira, para Professora Assistente. Trabalhei na UNITAU no período de 1987 a 2003, desenvolvendo uma carreira baseada no ensino, na pesquisa e na extensão.

Fui coordenadora do curso de Pedagogia; lecionei a disciplina de Didática e Práticas de Ensino, com Supervisão de Estágios praticamente em todos os cursos de licenciatura da universidade. Coordenei a antiga Central de Estágios e os cursos de pós-graduação na área de educação na Universidade de Taubaté. Fui assessora da pró-reitora de graduação, que na época era a professora Maria José Mílhazes e Abud. Sou da mesma época da atual reitora da UNITAU, Professora Nara Fortes. Ela trabalhava na Pró-reitoria de extensão no acesso de estudantes para o vestibular e eu, na Pró-reitoria de graduação.

Participei dos 25 anos da Universidade de Taubaté. Assim, estar aqui com vocês, nessa comemoração dos 50 anos, não é só uma honra, mas é uma emoção gigantesca.

Na UNITAU, tive um desenvolvimento profissional muito importante. Sinto-me pertencente a essa comunidade até hoje, mesmo ao trilhar outros caminhos e ao estar em outros espaços, a Universidade de Taubaté é a minha universidade, é o principal espaço da minha formação e do meu desenvolvimento profissional. Tive muita sorte em ter professoras, como a saudosa Marilda Prado, professora Maria José, professora Sônia Romeu, Professora Maria Helena, Professora Marília

Badaró, e tantos outros professores que permaneceram ao meu lado, me impulsionaram, acreditaram no meu potencial e me deram oportunidades.

A Universidade de Taubaté aproveita os seus talentos. Nós temos pessoas muito talentosas: professora Neuza Banhara, professora Patrícia Albieri Almeida, professor Mauro Castilho e tantas pessoas que passaram ou continuam na Universidade e que deixaram um legado, que deixaram uma marca. Gostaria de destacar todos os meus colegas do Departamento de Pedagogia, que são pessoas amáveis e comprometidas, aos quais eu gostaria de os abraçar.

Na Universidade de Taubaté, pude entender o que é uma universidade, o que me despertou a fazer outra pós-graduação em gestão estratégica universitária.

Me lembro, ainda na década de 1980, quando eu era auxiliar de ensino, eu ia junto com a professora Maria Helena nas suas aulas de mestrado, na PUC de São Paulo, e isso me motivou a dar continuidade na carreira profissional. Fiz o mestrado e doutorado na PUC de São Paulo, com um grande grupo da Unitaú, e cabe destacar que todas as pessoas que chegavam à PUC de São Paulo para fazer o mestrado ou doutorado eram vistas com um olhar diferente. Eles diziam: “Se vêm da UNITAU é bem-vindo.” Pessoas comprometidas com a universidade e com a educação. A UNITAU sempre se destacou pela excelência de seus profissionais!

Porque nós, na Universidade de Taubaté, trabalhávamos com muito amor, com muita dedicação, mas nós nos prontificávamos a nos atualizar o tempo todo. Então, o nosso processo de construção de uma universidade como a UNITAU é fruto de uma construção coletiva, de uma multidão de pessoas que se prontificou a investir profissionalmente. A universidade deu esse apoio e, a partir dele, eu acabei trilhando outros rumos.

Em 2003, a Universidade de Taubaté tinha uma parceria com a Universidade de Araras, que era o centro universitário da UniAraras. Representei a UNITAU, a princípio, para instalar o Instituto Superior de Educação, e de lá, acabei saindo da universidade e fiz o concurso para a Universidade Estadual de Feira de Santana. Também trabalhei na Universidade de Ribeirão Preto, mas foi um tempo curto e intenso.

Essa forma de se comprometer com a instituição eu aprendi na Unitaú. Sempre costumo dizer que a Unitaú brilha, mas ela não ofusca, porque dá suporte e apoio para toda a sua equipe; toda a sua comunidade. Então, esse jeito de ser da Unitaú me levou para a Bahia, onde estou hoje. Aqui já tive várias experiências: entrei como professora adjunta, hoje sou professora titular, coordenei cursos de graduação, estou na pós-graduação, no mestrado, assumi a Pró-Reitora de Ensino de Graduação em 2015, fui vice-reitora no período de 2019 a 2022, e hoje estou no cargo de Reitora da UEFS, gestão de 2023 a 2027. Para além do cargo na universidade, também faço parte do Fórum Estadual de Educação da Bahia, sou membro desde seu nascedouro, 2010. Atualmente, estou como presidente da Associação Nacional de Didática e Prática de Ensino, a ANDIPE e assumi a Presidência da Câmara de Graduação da ABRUEM – Associação Nacional de Reitoras e reitores das Universidades Estaduais e Municipais. Desde o início de minha trajetória me mantenho na área de Educação, principalmente, na área de Pedagogia Universitária e Políticas para a formação de professores.

Também estou como membro da CAPES, do Conselho Técnico-Científico da CAPES Educação Básica; sou membro da rede internacional de formação de professores e tenho outras representações, para além da Universidade Estadual de Feira de Santana, que me dão hoje

um suporte para pensar a gestão em uma amplitude maior do que uma rede de universidades. Atualmente, também sou presidente do Fórum de Reitores e Reitoras do Estado da Bahia e assim nós vamos construindo a educação, construindo o ensino superior, fortalecendo as universidades do país.

Eu fiz o curso de magistério no antigo Instituto de Ensino Santo Antônio (IDESA), na época, era ainda administrado pelos padres. Desde que entrei para o curso de magistério, já trabalhava com educação, fui auxiliar de ensino na escola Dinâmica, que foi meu primeiro emprego. Aliás, fui aluna da Dinâmica, da primeira turma, que hoje nós chamamos de ensino fundamental. Quando fiz o vestibular, já trabalhava dando aulas na educação básica, na rede estadual de ensino, no antigo Estadão. Lecionava da primeira à quarta série, mas tinha uma grande paixão por arquitetura. Por isso, optei por prestar vestibular para Arquitetura e passei em sexto lugar. Eu me lembro que o vestibular tinha uma prova específica e era muito seletiva. Mas por que escolhi a UNITAU? Primeiro, porque eu sonhava com isso. Passava em frente aos prédios da Universidade de Taubaté e sempre dizia: “Um dia vou estudar aqui”. A UNITAU já era uma paixão, um desejo, um objetivo de vida. Quando fiz o vestibular para Arquitetura e fui aprovada, na hora da matrícula, senti um grande senso de responsabilidade, pois já estava na carreira docente, dando aulas para crianças com deficiência e trabalhando com alfabetização no Estadão. Já tinha uma forte ligação com a educação. Na matrícula, voltei para conversar com o professor Milton Chagas, na época reitor, junto com meu pai. Conversamos e fiquei na lista para conseguir a transferência para Pedagogia. Eu costumo dizer que não entrei diretamente no curso de Pedagogia, mas que a Pedagogia já tinha me conquistado muito antes de eu perceber isso. Por isso, valorizo muito a orientação profissional oferecida pela universidade através do curso de Psicologia. Sempre recomendo. Minhas filhas fizeram, meus amigos também, pois é fundamental ter esse diálogo para nos encontrarmos profissionalmente. Foi assim que entrei no curso de Pedagogia e, a partir daí, dei continuidade à minha carreira. Tornei-me professora do curso de magistério no Estadão, assumi a implantação e coordenação do CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, depois fui coordenadora pedagógica no IDESA e desenvolvi minha trajetória tanto na educação básica quanto no ensino superior.

Em todo tempo em que estive na UNITAU, mantive o pé na educação básica, porque entendia a importância de manter esse vínculo para entender a escola por dentro e, também, para que a universidade não se distanciasse e não criasse muros nem barreiras em relação à educação básica. Sempre nos preocupamos em defender isso no departamento de Pedagogia. É muito importante que a universidade esteja próxima, embora ela não consiga estar próxima apenas falando sobre a escola; ela precisa falar com a escola de dentro da escola. É por isso que eu digo: esse desenvolvimento profissional que tive, diante das oportunidades vivenciadas na Universidade de Taubaté, me deu uma régua, um compasso sólido. Foi uma luz muito grande para mim que iluminou a minha trajetória e, hoje, sou o que sou pelos laços construídos nessa universidade, que agrega tantas pessoas boas, competentes e generosas, as quais me ajudaram a ir adiante.

Tenho um sentimento de reconhecimento por tudo que eu construí nessa universidade e uma gratidão profunda por todos os profissionais que ainda estão aí, ou que já se foram, mas que se fazem presentes de uma ou de outra forma.

A Universidade de Taubaté estabeleceu um convênio com o projeto de Ruth Cardoso, por meio do qual fomos para o Nordeste, para o interior da Bahia e para o interior do Ceará, a fim de desenvolver projeto de extensão em alfabetização de adultos. Esse projeto, chamado Comunidade Solidária, foi muito importante e diferenciado, pois também conseguimos levar os alfabetizadores conosco.

Muitos foram os desafios na Universidade de Taubaté. Eu vivi o tempo da intervenção e o período em que a Pró-Reitoria de Extensão estava se consolidando. Naquela época, não existia uma concepção do que ela é hoje. Há 30 anos, vivi a luta de sobrevivência da Pró-Reitoria de Extensão e a crise sobre ser Pró-Reitoria ou, ou se deveria ser uma diretoria; vivi também o início da pós-graduação na Universidade de Taubaté e estive junto com o pessoal da Funcabes. Na Universidade de Taubaté, fui presidenta da Funcabes, junto com a Marilda Prado. Preciso destacar o nome da Marilda, porque ela sempre me levou com ela, foi uma inspiração muito grande para mim. A presença da Marilda se faz em mim até hoje. Tenho muita honra e orgulho de ter tido a oportunidade e o privilégio de viver esse momento na Universidade de Taubaté.

Nós tivemos muitos desafios, mas tinha algo que diferenciava a Universidade de Taubaté no enfrentamento deles, que era o desejo maior da Unitaú de se manter como uma universidade de referência no Vale do Paraíba. Por mais divergências e desafios que pudéssemos enfrentar, enfrentávamos, mas o sentido e o comprometimento com o projeto da universidade sempre foram maiores do que os nossos desafios. Participar de projetos de extensão de magnitude, como foi a Comunidade Solidária, nos trouxe uma visão do Brasil e a UNITAÚ fazia isso muito bem.

A UNITAÚ passou por uma crise quando o Conselho Estadual questionou se ela realmente era uma universidade pública municipal, uma autarquia municipal. Lembro-me quando fomos defender a universidade: os desafios foram muitos e sempre conseguimos mostrar, com o nosso projeto, que a Unitaú tinha toda a potencialidade para se manter como uma universidade, como uma autarquia municipal de referência no Estado de São Paulo.

Desde que cheguei à Universidade estadual de Feira de Santana, a UEFS, passei vivências no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão universitária. Eu cheguei à universidade assumindo muitos cargos. Em um mês já estava como coordenadora de colegiado, assessora na Pró-reitoria de graduação e coordenadora da área de prática de ensino. Atuei no projeto da implantação do mestrado e assim que ele foi implantado, em 2012, já me cadastrei como membro. Foi uma trajetória acelerada.

Não é muito fácil para alguém que vem de outro estado se consolidar assim. Tenho 14 anos de Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que não é muito tempo, mas já estou na reitoria. Isso não foi algo planejado, nem uma meta, tudo aconteceu muito rápido por conta da bagagem de 20 anos que trago da Universidade de Taubaté.

Essa bagagem, essa história de vida e os vínculos profissionais que pude estabelecer na universidade me deram, na própria UEFS, uma condição de desenvolver uma carreira muito rápida. Mesmo tendo sido rápida, consegui passar por todas as fases: coordenação de colegiado, de pesquisa, de extensão. Na universidade, já atuei aqui em todos os espaços que possam imaginar, participando de diferentes comissões. Já em 2015, assumi a Pró-Reitoria de Gradua-

ção. Em 2019, assumi a vice-reitoria e, recentemente, em 2023, pela primeira vez, uma chapa de duas mulheres foi eleita para a reitoria, algo de que me orgulho muito, especialmente pela luta e pelo empoderamento feminino.

A UNITAU, para mim, é superação. Tivemos de superar muitas barreiras desde o início, quando fui estudante de Pedagogia, depois como assessora na Pró-reitoria de graduação, na central de estágio, na coordenação de cursos. Houve também o período da intervenção e da crise com o Conselho Estadual de Educação, como já mencionei, além da crise de identidade. Dessa forma, a Unitaú me ensinou que os desafios podem ser superados.

Falar da Universidade de Taubaté é realmente falar de uma etapa fundamental de minha vida e de meu desenvolvimento profissional. Não podemos deixar de destacar que a Unitaú tem em seu corpo técnico, docente, pessoal terceirizado e estudantes uma comunidade muito comprometida. É uma universidade que se faz com todos esses segmentos, de modo que a valorização e união entre eles em torno de um projeto em comum é o que nos trouxe até aqui para comemorar os 50 anos da instituição.

Muito obrigada a todos os envolvidos por este momento de reviver e rememorar tantos momentos bons da minha vida.

5

Ana
Patrícia

Meu nome é Ana Patrícia Marinho. Ingressei na UNITAU em 2023 para cursar Jornalismo, um desejo que surgiu há cerca de três anos.

Nunca nutri uma vocação específica para uma profissão. Explorei diversas áreas, mas, à medida que amadureci, percebi em mim uma inclinação para as Humanidades, embora ainda qual carreira sem definir seguir nessa área do conhecimento. Hesitei entre História, Direito e Jornalismo. Para me decidir, recorri à pesquisa, consultando o site da UNITAU e analisando as grades curriculares dos três cursos: História me pareceu interessante, mas não era exatamente o que buscava; Direito também não se encaixava em meus interesses; mas, ao analisar o curso de Jornalismo, percebi que ele abrangia todas as áreas que me agradavam, confirmando minha escolha.

Sou carioca, nascida no Rio de Janeiro, mas moro em Taubaté desde os dois anos de idade e, portanto, me considero mais taubateana do que carioca, apesar de os meus amigos taubateanos insistirem que eu tenho um sotaque forte que denuncia rapidamente as minhas origens. Optei por estudar na UNITAU devido à proximidade com a minha família e ao meu apreço pela cidade. Antes de ingressar na Instituição, já tinha conhecido a infraestrutura por meio de visitas pedagógicas durante o ensino médio, em que visitei o Museu do Corpo Humano e participei da Feira de Profissões.

A escolha pela UNITAU também se baseou na reputação da Universidade, reconhecida pela excelência em diversos cursos, incluindo Jornalismo, o qual é uma graduação tradicional e consolidada na Instituição.

O curso de Jornalismo superou minhas expectativas! Descobri minha aptidão para a Comunicação e me encontrei nesse campo. A abordagem multidisciplinar, abrangendo di-

versos temas, tem sido uma experiência enriquecedora. O que mais me atrai no Jornalismo é seu caráter educativo, mesmo que indireto. Ao refletir sobre meu interesse em História e Jornalismo, percebi que meu desejo não era apenas estudar História, mas sim explicar conceitos e informações para outras pessoas. Sempre gostei de ensinar e explicar temas complexos de forma didática.

Ao longo da graduação, compreendi que o Jornalismo possui esse caráter educativo intrínseco. Transmitir informações também é compartilhar conhecimento, e, conseqüentemente fomentar o senso crítico nos receptores. A amplitude da Comunicação e suas possibilidades de transmitir informações de maneiras variadas me fascinaram!

As disciplinas que mais me impactaram até o momento foram Fotografia e Fotojornalismo. A experiência prática de construir imagens, comunicar ideias visualmente e explorar a subjetividade da imagem foi bem marcante.

O Departamento de Comunicação da UNITAU oferece diversos laboratórios: edição digital, rádio, estúdio de TV e estúdio de fotografia. As aulas utilizam esses espaços, além do próprio campus, para entrevistas e reportagens, tornando o curso bastante dinâmico e prático. A parte técnica é importante, mas a experiência prática é igualmente fundamental.

Fui uma das últimas turmas a estudar no antigo campus da Avenida do Povo. A mudança para o novo campus, mesmo após um curto período no antigo local, me causou um certo sentimento de nostalgia, uma ligação mais com a essência do Departamento do que com o espaço físico em si. Contudo, compreendi que o ambiente físico não define o Departamento de Comunicação, mas sim as pessoas, a atmosfera e a experiência compartilhada. O novo espaço é amplo e moderno, com ótimas instalações. Atualmente, dividimos as aulas entre o antigo e o novo prédio.

Meu primeiro estágio começou no primeiro mês de aula. A pesquisa sempre me tranquilizou e me ajudou a enfrentar as incertezas. Entrei no curso preparada, conhecendo em detalhes o conteúdo programático e conversando com profissionais da área. A UNITAU sempre incentivou a prática por meio de estágios obrigatórios a partir do quinto período. Logo no início do primeiro semestre, me inscrevi para estágios na Central de Comunicação (ACOM), na TV e na Rádio da UNITAU e fui aprovada no estágio da ACOM em menos de um mês de aula.

Essa experiência de estágio foi incrível! Trabalhei por um ano, conhecendo diversos setores e pessoas na Universidade. Em março de 2024, me inscrevi novamente para um estágio na TV e fui aprovada, me transferindo da Central de Comunicação para a TV. Na ACOM, foquei em assessoria de imprensa, redação de reportagens e elaboração de textos para diversos meios. Já a TV me proporcionou uma nova perspectiva na área audiovisual, que eu não tinha explorado antes. O estágio na TV expandiu os meus conhecimentos técnicos no mundo do audiovisual. Descobri, também, a minha aptidão para atuar em frente às câmeras. Lá, estou aprendendo muito sobre captação, edição e os processos que uma produção audiovisual demanda. Pretendo continuar na TV, embora ainda não tenha certeza quanto ao tempo que ficarei por lá.

As disciplinas de abordagem audiovisual foram importantes para também me mostrarem essa minha paixão por esse setor. Ainda pretendo estagiar em Rádio e Fotografia... mas a Comunicação é muito ampla.

Desde o início da graduação, sonho trabalhar na área de Geopolítica e Jornalismo Internacional. Gosto muito de analisar situações geopolíticas em diferentes contextos: históricos, sociológicos, religiosos, geográficos, etc. Percebi no ensino médio a minha facilidade em analisar essas complexidades. Pretendo me dedicar a essa área, provavelmente na TV ou em outros meios audiovisuais. Inicialmente, tinha receio de falar para a câmera, mas, com a prática, superei essa insegurança.

Essa graduação tem sido uma jornada de autoconhecimento, além de aprendizagem. Ao longo dela, pude descobrir coisas que gosto e nem sabia, desenvolver novas habilidades e me conhecer cada vez melhor. A atmosfera da UNITAU, a união entre os alunos e a experiência prática das aulas têm sido muito importantes para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Eu e minha turma concluímos um trabalho em grupo grande para a disciplina de Telejornalismo no final deste quarto semestre e a experiência foi muito gratificante!

Para mim, a UNITAU significa autoconhecimento. Se eu pudesse deixar um bilhete para a UNITAU seria: “Parabéns e muito obrigada por tudo! Muito obrigada por me mostrar quem eu sou”.

6

Ana Paula Barboza

Sou Ana Paula Barboza, estive na Unitau de 1989 a 1994. Foram seis anos e dois cursos. Fiz comunicação social com especialização em relações públicas e jornalismo.

A UNITAU sempre foi muito próxima de mim. Cresci no Vale do Paraíba. Minha mãe mora em Aparecida e minha família toda está entre Aparecida, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e São José dos Campos. Todas as minhas referências de infância, adolescência e juventude estão na região e a UNITAU é parte dessa história. Não tem como pensar em Vale do Paraíba e não pensar em UNITAU.

Quando a gente termina o ensino médio no interior, dá aquela vontade de explorar lugares novos, como a capital, São Paulo, e outras cidades. Na época, considerei opções fora do Vale do Paraíba, mas a Unitau foi, sem dúvida, a melhor escolha para mim. Comecei a trabalhar nessa mesma época e tive a oportunidade de estudar à noite e trabalhar durante o dia. Essa combinação proporcionou uma exploração tanto acadêmica quanto profissional, e isso foi muito positivo. Estar no Vale do Paraíba e na UNITAU me permitiu viver essa experiência. Talvez, se eu tivesse optado por uma faculdade fora, precisasse me dedicar exclusivamente aos estudos naquela fase da minha vida. Não acredito que exista certo ou errado; as pessoas seguem caminhos diferentes. Porém, para a minha escolha e meu momento, a UNITAU foi a melhor opção.

Gostaria de abordar a questão da minha família como referência. Meu irmão mais velho formou-se em medicina na UNITAU, e minha sobrinha seguiu o mesmo caminho, formou-se recentemente em medicina. Meu outro irmão também se formou na UNITAU, em Ciências da Computação. Nós, como família, temos muito orgulho dessa trajetória na UNITAU.

A UNITAU oferece uma base acadêmica sólida, aliada à experiência da comunidade, o que favorece a inserção do estudante na vida profissional e torna a transição mais suave.

No início, não sabia o que queria fazer. Minha família é composta em sua maioria por professores, e acreditava que seguiria a carreira de magistério. Contudo, havia dúvidas entre pedagogia e comunicação.

Sempre fui uma pessoa que apreciou estar envolvida em grupos de amigos, em atividades comunitárias. Expressar-me, compartilhar ideias e defender pontos de vista sempre foi muito natural para mim. Entre pedagogia e comunicação, naquele momento, considerei que comunicação me proporcionaria mais oportunidades profissionais futuras. Conversei com uma referência na faculdade de pedagogia e ela me disse: “Se você fizer Letras, vai ser professora. Não é que eu não quisesse ser professora, mas acreditei que a comunicação abriria mais horizontes. Assim, optei por comunicação, mesmo sem ter clareza sobre minha futura profissão.

Dois anos depois, enfrentei outro dilema: não sabia se deveria seguir jornalismo ou relações públicas. Optei por relações públicas, pois achava que o curso estava mais alinhado aos meus objetivos de desenvolvimento pessoal e profissional. No entanto, ao me formar, me senti extremamente frustrada. Entendi que relações públicas era uma profissão, na época, pouco estabelecida no Brasil e achei que não conseguiria utilizar meu diploma. Estava tão desanimada que, após a formatura, decidi prestar vestibular para cursar jornalismo. Pensava: “Se em dois anos consigo um diploma de jornalismo, serei jornalista, que é uma profissão consolidada e terei mais oportunidades.

E foi o que fiz. Lembro-me de momentos em que, por morar em Aparecida e estudar em Taubaté, viajava muito pela Dutra. Recordo-me de olhar as empresas no eixo do Vale do Paraíba e pensar: “Isso é um mar de oportunidades.” Cada empresa que observava, com seu centro produtivo, escritório ou centro de desenvolvimento no coração da nossa região, poderia proporcionar uma oportunidade profissional. Isso me levava para as relações públicas, pois o profissional de relações públicas cuida da relação que as empresas têm com as comunidades onde estão inseridas, promovendo benefícios mútuos para causas comuns. Traz desenvolvimento, empregos e muitas oportunidades. Naquela época, eu não enxergava claramente isso, mas conversava com a minha mãe sobre essas indagações típicas da juventude — sem saber o que fazer da vida.

Durante os dois anos de jornalismo, enquanto me deslocava para concluir o curso, trabalhei como repórter na rádio Aparecida. Antes disso, dava aula e estava sempre envolvida em trabalho e estudo. Para mim, nunca foi apenas a faculdade separada. Tive a oportunidade de participar de um processo seletivo para uma posição de comunicação social na BASF, em Guarará, e consegui a vaga. Quando me formei em jornalismo, já estava trabalhando em relações públicas. Precisei experimentar esse caminho para chegar às descobertas que fiz. Foi maravilhoso encontrar professores que me apoiaram e me ajudaram a acreditar no meu potencial.

Ingressei na BASF como relações públicas, na área de comunicação social — assim, comecei minha vida profissional. Minha formação não se limitou ao período universitário. Educação e carreira caminham juntas.

Penso que uma das vantagens do curso de relações públicas é que a turma era pequena.

Ter um grupo reduzido proporciona mais profundidade nas aulas e na comunicação entre as pessoas. Lembro-me muito dos professores que foram fundamentais para fortalecer minha autoconfiança. Quando você é estudante universitário, há uma pressão constante: “Vou me formar, e o que vai acontecer com a minha vida? Onde vou? Como conseguirei me estabelecer?” Ter professores nesse momento, quando surgem mais perguntas do que respostas, é crucial. Não se trata apenas de oferecer respostas, mas de mostrar caminhos. Isso é muito importante.

Professores que olham para você e dizem: “Continue, porque você tem potencial.” Explorar essas oportunidades, sabendo que pode conseguir, e acreditar em si mesma, é algo que me ajudou bastante. Definitivamente, essa foi a experiência que tive com meus professores. Estava aqui tentando lembrar alguns nomes, pois foram muitos nessa fase. Uma delas foi Maria San Martin. Não tenho palavras para descrevê-la. Uma mulher distinta, com conhecimento, profundidade e sensibilidade.

Tenho lembranças de como conduzia as aulas e como olhava para mim e dizia: “Desenvolva a maneira como escreve e a maneira como fala.” Sempre gostei muito de escrever. A forma como ela fornecia análises e feedback sobre o que escrevia e as conversas que tínhamos foram muito marcantes. Ela foi uma referência para mim, uma profissional com uma carreira mais estabelecida e que tinha essa tranquilidade e sabedoria, que vão além da disciplina. Tenho muita gratidão.

Posso mencionar muitos outros professores, tanto da época de relações públicas quanto do jornalismo. Robson Bastos foi um professor inspirador que me motivou a acreditar em mim e a seguir em frente, dizendo que tudo daria certo. Eu frequentemente perguntava: “O que estou fazendo aqui? Ninguém sabe o que é isso, que profissão é essa que escolhi?”. E ele sempre me incentivava: “Vai, segue em frente que vai dar certo.” Sem dúvida, o Robson foi uma figura marcante em minha trajetória.

Outro professor que me impressionou foi Joaquim Maria Botelho, que trazia uma perspectiva muito prática, com vasto conhecimento de mercado, o que me ajudou a explorar diversas oportunidades. Ele tinha experiência em jornalismo e TV, sendo bem conectado à indústria. Para mim, foi ótimo poder testar essas possibilidades. Cheguei a fazer cursos na área de telejornalismo, mas acabei seguindo pelo caminho das relações públicas. O Joaquim foi fundamental para eu experimentar essas novas direções de forma muito positiva.

Arcione, que dava aula de estatística, representava uma área mais analítica e exata. Deve ser um desafio para um professor de exatas lecionar numa faculdade de comunicação, onde os alunos normalmente têm interesses diferentes. Eu sempre admirei e respeitei muito o trabalho dele.

Além disso, tive professores que se tornaram amigos, como Maurílio, que é meu conterrâneo e com quem compartilho laços de amizade entre nossas famílias. Ele foi meu professor na área de fotografia e eu fiquei muito feliz por essa experiência.

E finalmente meu grande mestre Felício, com quem tive intensas discussões ideológicas e filosóficas. Ele é um verdadeiro relações públicas e foi responsável por me convidar de volta para dar aulas na UNITAU após minha formatura. Durante dois anos, lecionei no curso de Relações Públicas. Tenho gratidão por todos esses educadores.

Sobre os colegas, com exceção a Letícia que é minha grande amiga de infância, não mantenho contato direto. Acompanho por onde andam pelas mídias sociais. Tenho muito respeito e gratidão por todos esses relacionamentos que se formaram ao longo do tempo.

Como fiz magistério no ensino médio, estagiei e lecionei por dois anos no ensino fundamental. Durante a faculdade, sempre estudei à noite e trabalhei de dia. Minha vida sempre foi uma combinação das duas atividades. Na época em que me formei, já estava na BASF, atuando na área de relações públicas. Quando surgiu uma oportunidade, Felício me convidou para dar aulas no curso de Relações Públicas. Recebi o convite de braços abertos. A sensação de ser nova e ter essa liberdade para abraçar oportunidades e assumir riscos foram fundamentais, pois eu era recém-formada e de uma geração próxima à dos alunos.

Não tive medo. Achava que era uma ótima oportunidade para descobrir se essa era uma carreira que eu realmente queria seguir. Não precisava escolher entre trabalhar e ensinar; eu trabalhava durante o dia e lecionava à noite. Não era fácil — das sete e meia às cinco na BASF, depois pegava o ônibus para Taubaté, dava aula e retornava para casa às onze e meia da noite. No dia seguinte começava novamente.

Isso me deu a chance de manter meu vínculo com a universidade, algo que sempre amei. Eu lia e me preparava muito. Minha experiência profissional trazia valor para as aulas, relacionando o conhecimento acadêmico com o mercado de trabalho. Foi uma experiência excelente. Lecionei por dois anos e também orientei Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Talvez eu não enxergasse isso claramente na época, mas tinha a intuição de que poderia fazer mais. Felício tornou-se meu mentor nessa fase da jornada.

Depois surgiu a oportunidade de me transferir da BASF, de Guará, para o Rio de Janeiro, onde a empresa operava seu setor farmacêutico. Com isso, precisei me mudar e, infelizmente, interromper as aulas na faculdade, pois não seria viável ir e voltar toda semana para lecionar em Taubaté. Assim, desliguei-me da faculdade para me dedicar exclusivamente à vida profissional e à família. Continuei meus estudos, fiz meu MBA no Rio, enquanto me tornava mãe! Tenho certeza de que foi a melhor escolha, mas para tomá-la, precisei abrir mão de lecionar.

Sempre encarei meu trabalho de forma fluida e natural. Na BASF, comecei a atuar na área de saúde, depois de ter trabalhado no setor químico. Isso remete à reflexão que fazia com minha mãe ao observar as empresas na Dutra — se tratando de áreas, como a química e, posteriormente, a saúde, todo setor produtivo precisa construir relações de confiança com stakeholders e comunidades onde atua. Essa dinâmica gera a sustentabilidade tanto da empresa quanto da comunidade, e esses aspectos caminham juntos. Isso é algo que carrego comigo ao refletir sobre minha vivência na Unitau.

Um aluno formado em relações públicas pode atuar em qualquer setor com o qual tenha afinidade e interesse. Ele será aquele profissional que ajuda a empresa a estabelecer estratégias de relacionamento com a comunidade onde está inserida e criar um ambiente favorável para o desenvolvimento dos negócios. Quando falamos em comunidade, referimo-nos à sociedade civil, lideranças, governos, sistemas e universidades — todas essas áreas têm algo em comum. O profissional de relações públicas está na posição central de ajudar a construir essas estratégias, e isso é uma força que sempre levei comigo em minha vida profissional.

Acredito que, à medida que as instituições encontram objetivos comuns, conseguem po-

tencializar suas realizações, valendo para qualquer setor. É isso que um profissional de relações públicas faz e é o que trouxe para minha vida.

Em 2024, completei trinta anos de trabalho na indústria. Trabalhei no setor químico em Guará por três anos, na área de saúde no Rio por quatro anos, e depois me transferei para São Paulo, onde permaneci por oito anos na mesma empresa. Tive a chance de ir para a Matriz, nos Estados Unidos, e estou aqui desde 2010.

As relações públicas podem se aplicar tanto a comunidades locais quanto a estratégias mais amplas - nacionais ou globais. O fundamento é o mesmo: trazer essa conexão a outras esferas. Envolve conhecer os grupos ao redor da empresa, estabelecer oportunidades de parceria, identificar objetivos comuns ou esclarecer divergências para buscar o desenvolvimento benéfico para todos.

Empresas bem estabelecidas e em crescimento trazem tecnologia, inovação e empregos para as comunidades. Elas atraem talentos que estão adentrando o mercado profissional. É essencial buscar oportunidades de desenvolvimento, de acordo com as regulamentações e do contexto em que as empresas e seus stakeholders operam.

Acredito que esse princípio é importante, independentemente da posição que você ocupa em uma empresa. Tenho a sorte de trabalhar com profissionais talentosos de várias partes do mundo, oferecendo uma diversidade incrível de cultura, de pensamento e de experiências. Viajo bastante, mas o mundo não precisa ser explorado apenas fisicamente. Com a tecnologia, ele está interconectado em termos de desenvolvimento de negócios e empresas. Viajo para estar perto de todos, já que atuo em uma empresa global, a qual possui operações em vários países, exigindo estratégias globais e locais que estejam alinhadas. A empresa tem um conjunto de valores e estratégias que devem ser implementados nos diversos países onde ela atua. Dentro da minha área de responsabilidade, contribuo para que essas estratégias sejam consistentes com o que a empresa estabelece em seu core, seu ponto central – e ajustadas às necessidades locais.

O papel da universidade na minha vida foi abrir caminhos em um momento repleto de dúvidas típicas da juventude. O conhecimento acadêmico é fundamental para que possamos nos tornar melhores profissionais.

A UNITAU é a base de onde venho. Dizer que é minha raiz parece transmitir uma ideia de enraizamento, que não é exatamente o que quero expressar. Trata-se de um ponto de partida para minha vida profissional. Tenho orgulho de saber que venho da UNITAU, uma universidade situada na região onde cresci e onde minha família está.

É importante alçarmos vôos altos, mas sempre mantendo a referência de onde viemos. Para mim, a UNITAU representa isso. É um compromisso contínuo em ser um polo de formação para o Vale do Paraíba, para o Brasil e para o mundo.

Acredito que a UNITAU deve continuar a exercer esse papel de despertar a curiosidade e fomentar a ciência. Um lugar onde os alunos se sintam seguros para ter dúvidas, sejam encorajados a questionar e que isso contribua para um bem maior. É fundamental que a universidade acolha tanto a tese quanto a antítese, permitindo que nós, como cidadãos, exerçamos o pensamento crítico. Precisamos de universidades que promovam esse ambiente, e espero que a UNITAU continue fazendo isso.

7

Andréia Santos

Sou Andréia Maria de Andrade Santos, embora todos me chamem de professora Andréia ou tia Andréia, um jeito mais carinhoso de se referir a mim, especialmente por estarmos no colégio. Estou na universidade desde 2016, iniciando minha trajetória como coordenadora pedagógica, inicialmente do ensino fundamental. Depois, passei a coordenar outros segmentos também e, em 2019, assumi o cargo de direção do Colégio UNITAU.

Tem sido uma experiência cheia de desafios. Apesar de já estar familiarizada com o ambiente e conhecer alunos e professores, sempre surgem novos desafios. Em 2020, enfrentamos a pandemia da Covid-19, que trouxe mudanças significativas para a educação básica. Isso representou um desafio enorme e, ao mesmo tempo, um aprendizado tanto para os professores e a gestão quanto para os alunos. A transição para a direção, junto com esse período difícil, foi realmente desafiadora.

Sou natural de Taubaté, onde nasci e cresci. Comecei minha carreira como auxiliar de sala na prefeitura, e foi nesse cargo que despertei o interesse em cursar pedagogia. Trabalhei também na Secretaria de Cultura, desenvolvendo projetos pedagógicos. Meu primeiro contato com a universidade foi através das experiências do meu irmão, que é sete anos mais velho e cursou engenharia aqui. Eu sempre o observei, acompanhando sua trajetória acadêmica.

Assim, após iniciar como auxiliar de sala e cursar pedagogia, trabalhei na prefeitura de Taubaté, onde ensinei na educação infantil e no ensino fundamental. Quando surgiu o concurso para a universidade de Taubaté, inicialmente pensei em me candidatar para o cargo de professora, que era minha carreira de origem. Porém, meu marido sugeriu que tentasse para a coordenação pedagógica, já que eu desejava fazer parte da universidade.

Assim, fiz o concurso, fui aprovada e comecei a atuar aqui em 2016. Vale ressaltar que meu curso foi em outra faculdade.

Minha família não tem uma tradição universitária, meus pais, que vieram da zona rural, só concluíram seus estudos mais tarde, tendo feito a EJA quando já estavam mais velhos. Eles são muito inteligentes, mas não tiveram acesso à educação formal durante a juventude. No entanto, meu irmão me inspirou. Quando prestei o Enem, pude conseguir uma bolsa de 100% através do Prouni. Como fui mãe aos 18 anos, estudar fora de Taubaté era desafiador.

Trabalhei como auxiliar de sala enquanto cursava pedagogia e participei de processos seletivos para trabalhar na Secretaria de Cultura. Fui aprovada e trabalhei lá por dois anos. Em 2011, começamos a desenvolver projetos em Taubaté, como o “Praça Animada” e outras iniciativas pedagógicas no Museu Monteiro Lobato e no Parque do Itaim. Minha função na Secretaria de Cultura era integrar a educação com a cultura, trazendo atividades voltadas para crianças, como oficinas pedagógicas e incentivos à leitura, um trabalho que continuo a desenvolver paralelamente à minha atuação na universidade, pois é algo que realmente gosto.

Na Secretaria, realizamos diversas oficinas, contação de histórias e atividades culturais para as crianças em várias comunidades. O projeto “Praça Animada” incentivava as visitas às bibliotecas de Taubaté, mostrando às crianças a importância da leitura e o que poderiam descobrir nesses espaços. Embora naquela época o acesso a celulares não fosse tão comum, já lidávamos com a influência dos videogames e da TV, e procurávamos estimular as crianças a explorar o mundo dos livros.

Após minha experiência na Secretaria de Cultura, retornei à Secretaria de Educação, onde comecei a trabalhar com a Educação Infantil, posteriormente passando para o Ensino Fundamental. Gosto muito de acompanhar o desenvolvimento infantil, desde a educação infantil até as fases iniciais do Fundamental, quando as crianças começam a se alfabetizar. É fascinante observar o crescimento delas ao longo dessas etapas, que incluem uma pré-adolescência. Essa diversidade de experiências é algo que valorizo imensamente.

O início da minha docência foi bastante idealizado, mas logo percebi que havia uma quebra na realidade. Embora eu já tivesse atuado como auxiliar de sala, onde minha função principal era a recreação, ao me deparar com a teoria da pedagogia, percebi os desafios que viriam. Quando entrei em uma sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental, enfrentei o desafio de não apenas desenvolver atividades, mas também transmitir conteúdos e lidar com toda a parte administrativa e burocrática. Hoje, a tecnologia facilitou com a digitalização do diário, mas antes dependíamos de cadernetas.

Lembro da minha primeira turma de segundo ano, que era bem agitada, com 31 alunos. Quando fiz minha primeira aula de contação de histórias, não consegui atenção deles; as crianças mal paravam para ouvir. Esse foi o meu primeiro desafio. Apesar de ter recebido muito apoio de colegas professoras, que eram maravilhosas, a minha inexperiência tornava essa situação ainda mais difícil. Acredito que, por mais que estudemos pedagogia e teorias, a prática em sala de aula é, sem dúvida, um grande desafio.

Com o tempo, aprendi a chamar a atenção dos alunos, principalmente por meio de combinados, que funcionavam muito bem. Sempre busquei trazer novidades para as aulas, enfatizando que tudo precisa fazer sentido, tanto para eles quanto para mim. Também gosto de

lembrar que cada dia é uma oportunidade de aprendizado, não só para eles, mas também para mim.

Particpei do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, pela Prefeitura de Taubaté, que foi uma experiência muito valiosa. Nesse programa, eram trabalhadas atividades de alfabetização com jovens. Tivemos um ano focado em português e outro em matemática. Sabemos que a matemática muitas vezes é um desafio para muitos alunos, e, infelizmente, algumas professoras de pedagogia tendem a priorizar as linguagens, deixando a matemática em segundo plano.

No entanto, quando implementamos o pacto e oferecemos diversas atividades e exercícios, foi gratificante ver os resultados nas avaliações dos alunos. Trabalhar com jogos trouxe uma nova dimensão ao aprendizado, e ao ver as crianças começando a entender os conteúdos oferecidos, percebi o impacto que isso teve na sala de aula. Apesar de serem pequenos, eles conseguiam fazer autoavaliações, com corações para indicar o quanto a aula foi interessante, uma prática significativa que resultou em melhorias nas avaliações, especialmente em matemática. Eles se divertiam, principalmente com os jogos, que sempre acreditei que fazem a diferença na prática.

Até hoje, lembro de um dia específico em que estava focada em concursos, participando de várias provas. Quando fui chamada para trabalhar aqui, inicialmente fui convocada em Caçapava. Meu envolvimento em concursos sempre foi muito intenso.

Pensei que era melhor dispensar do que não ter a oportunidade. Por estar na correria dos concursos, eu me envolvi em grupos no Facebook, onde ex-alunos compartilhavam editais. Foi em um desses grupos que vi o edital da Universidade de Taubaté. Sempre vi a UNITAU como uma instituição de qualidade, tanto pelo nome forte que carrega quanto pela experiência do meu irmão, que se formou aqui. Quando li o edital, inicialmente hesitei, pensando se eu teria o perfil adequado para participar, mas decidi me candidatar.

Lembro claramente do dia em que estava lendo o edital. Minha primeira ação ao pegar um edital é lê-lo por completo, e foi exatamente isso que fiz. Quando percebi que havia uma vaga para professora com cargo de coordenação, pensei em fazer a inscrição. Meu marido me encorajou a tentar a coordenação, e mesmo tendo uma formação mais voltada para a docência, eu tinha a especialização em coordenação pedagógica. Decidi, então, que iria me candidatar.

Estando empregada como professora, achei que não havia problema em tentar. A prova incluía uma redação com um tema interessante sobre como abordar alunos com necessidades especiais. Foi uma experiência enriquecedora, e o melhor de tudo foi ser aprovada.

Ao começar na universidade, percebi que meu estilo de vestimenta era um pouco diferente; eu costumava usar camisetas e, às vezes, jalecos. Decidi que, ao representar a Universidade de Taubaté, deveria me vestir de maneira mais formal, então comprei roupas novas e fui de terninho, com o cabelo arrumado. Coincidentemente, foi no mesmo dia em que pedi exoneração na prefeitura. Quando cheguei lá para assinar os documentos, ouvi comentários sobre meu jeito de me vestir, e brinquei que me visto assim todos os dias. Para mim, era importante transmitir a felicidade de estar na Universidade de Taubaté.

Estava ansiosa no meu primeiro dia, pois era um ambiente bem diferente do que estava

acostumada. Trabalhar em uma autarquia municipal, que é uma escola particular, traz desafios únicos, como lidar constantemente com leis e deliberações públicas. Nossos alunos e suas famílias buscam qualidade na educação, algo que, infelizmente, às vezes falta na rede pública, apesar dos esforços dos profissionais de lá. Por isso, os alunos nos procuram, buscando a qualidade que a Universidade proporciona aos nossos professores, enquanto equilibramos as demandas de ser uma autarquia municipal.

Foi uma experiência muito rica, pois acho que o que ajuda bastante é minha trajetória por diversos cargos dentro da educação. Comecei como auxiliar, trabalhei em projetos pedagógicos e, depois, fui professora tanto da educação infantil quanto do ensino fundamental. Sempre gostei de pesquisar e criar novos materiais, o que me levou a preferir não repetir a mesma série anos a fio. Esse desejo de renovação se intensificou quando assumi a coordenação, um desafio que envolveu conhecer a Universidade e entender como os processos aqui são diferentes dos das escolas.

Embora já fosse professora, os processos aqui exigiam uma adaptação, especialmente em relação à proposta pedagógica do colégio e ao que buscamos em termos de formação dos alunos. Questões como “Qual aluno queremos formar?” e “O que esperamos dele após 12 anos conosco?” são relevantes até hoje, já que temos alunos que começam no primeiro ano do fundamental e se formam no ensino médio, seguindo assim um longo caminho conosco.

Os desafios como coordenadora foram muitos, mas minha experiência anterior ajudou a compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores. O coordenador desempenha um papel de conexão e entendimento das realidades da sala de aula, que mudam a cada ano e trimestre. Aqui, temos professores maravilhosos, e o papel do coordenador é organizar e alinhar esses esforços.

Sempre valorizei a gestão democrática e mantive um bom diálogo com as famílias, acreditando que todos os envolvidos no processo educacional devem participar das decisões. Ao trazer essa abordagem da coordenação para a direção, consegui promover um ambiente colaborativo.

Desde 2016, tive a oportunidade de acompanhar alunos que estão se formando agora, os quais conheci quando eram ainda pequenos, no quarto ano. É gratificante ver seu crescimento, aprendizado e transformação ao longo do tempo. Isso reflete a importância da Universidade: quando trabalhamos com um aluno, devemos saber que ele está inserido em sua família e comunidade. Ao transformar um aluno, estamos também impactando seu entorno, fazendo dele um agente de mudança.

É sempre bom estar próximo, ouvir e criar um ambiente de escuta, pois isso é fundamental tanto para os professores quanto para os alunos. Contudo, a direção também envolve um lado administrativo e burocrático, o que representa um desafio, pois acaba afastando um pouco do aspecto pedagógico de estar junto com os alunos, conversar com as famílias e colaborar com os professores em projetos. Nesse contexto, o foco muda um pouco.

Na gestão, trabalhamos com questões como a matriz curricular e a organização dos órgãos colegiados, como a associação de pais e mestres e o conselho de classe. Assim, a direção tende a ser mais burocrática. Embora sempre estejamos em contato com os professores, o coordenador estabelece uma conexão mais direta com eles, enquanto o orientador educacional

está mais ligado às famílias e alunos, trazendo suas preocupações para a direção.

Nos esforçamos constantemente para manter uma organização que garanta qualidade de ensino e inovações. Um exemplo disso foi a importante conversa sobre a implementação da educação socioemocional dentro da matriz curricular. Queremos que essa formação seja integral, não apenas um projeto isolado. Já estamos em nosso terceiro ano com o programa de educação socioemocional e os resultados têm sido muito positivos. Assim como oferecemos componentes tradicionais, como português, matemática e ciências, é essencial abrir espaço para a educação socioemocional, criando um ambiente de diálogo que já está dando frutos.

Além disso, introduzimos o programa bilíngue, que considero vital para a formação dos alunos. Essa busca por experiências enriquecedoras é constante, pois queremos preparar os alunos para serem cidadãos ativos. Muitas vezes, na direção, temos que acolher os alunos mais bagunceiros. Nesses momentos, converso com eles sobre a importância do ensino de qualidade e de prestar atenção, sempre destacando que todos estamos em uma via de mão dupla. Estou pensando no futuro, e quero vê-los se tornarem profissionais bem-sucedidos.

É gratificante encontrar, anos depois, alunos que reconhecem e apreciam seu tempo na escola. Às vezes, ao caminhar pela rua, são eles que me chamam de “tia”. É maravilhoso ver o crescimento, suas conquistas e a alegria que trazem. Isso é o que realmente importa.

Sempre digo que sou mãe de dois filhos; um deles está se formando agora no ensino médio e já fez suas opções para o futuro. Quando cheguei aqui, me encantei com o ambiente. Meu filho mais velho ainda estava no quinto ano, e decidi que ele deveria vir para cá, pois queria que ele tivesse essa experiência em um espaço bem arborizado e integrado, que faz toda a diferença no convívio com os colegas.

Como mãe, fiquei impressionada com o trabalho desenvolvido aqui e com o compromisso de oferecer um conteúdo de qualidade que realmente fará a diferença na vida dos alunos, especialmente para os exames como o Enem e os vestibulares. É fundamental que tenham uma base sólida para seguir suas carreiras acadêmicas. Desde o primeiro ano do fundamental, trabalhamos com iniciação científica, algo que considero um grande diferencial. Embora outras escolas também promovam isso, aqui começamos desde cedo e continuamos ao longo dos anos, resultando em alunos que aprendem a pesquisar. Essa habilidade é crucial, pois um aluno que sabe como buscar informações consegue se sair bem em qualquer área.

Desde o primeiro ano, incentivamos os alunos a falar e se apresentar, habilidades essenciais que eles levarão para a vida toda. Tenho um filho saindo do fundamental e outro do ensino médio, e sempre destaco para as famílias como os projetos da escola fazem uma grande diferença. Por exemplo, no ensino médio, nossos alunos têm acesso à graduação da Universidade de Taubaté. Recebemos muitos alunos da universidade que trazem propostas para estágio, o que promove uma aproximação entre as instituições.

Essa conexão é enriquecedora; visitamos diversos departamentos e, recentemente, alunos nossos estavam no laboratório de simulação da agronomia. Essa interação com a universidade amplia a experiência dos alunos, pois eles podem aplicar o que aprendem em sala de aula em situações práticas, como em cursos de engenharia. Assim, nossos alunos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e vivenciar de maneira concreta o que estão estudando, tornando a aprendizagem muito mais significativa.

A experiência aqui também proporciona um gostinho da vida universitária, e isso leva os alunos a começarem a refletir sobre suas escolhas futuras. Sempre digo aos pais que quanto mais amplo for o repertório de um aluno, maior a chance de fazer uma escolha assertiva. Aqui, eles têm a oportunidade de explorar diversas áreas, como comunicação, onde muitos se sentem realizados e buscam aprofundar seus conhecimentos.

Este ano, por exemplo, alguns alunos do primeiro ano do ensino médio tiveram contato com o departamento de psicologia e descobriram que querem seguir essa área. Participaram do programa PIBIC de Iniciação Científica, colaborando com uma professora da graduação e ganhando bolsa para desenvolver seus trabalhos. Isso abre a mente deles e os transforma em estudantes mais interessados, levando-os a ler livros de psicologia e contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento na educação básica. Esse tipo de aprendizagem e inserção os capacita a se destacarem em diferentes campos, ampliando assim suas linguagens e conhecimentos.

Esse repertório é fundamental. Trabalhei com uma turma do nono ano que visitou o Museu do Corpo Humano no Bom Conselho, e foi uma experiência incrível. Ao longo do caminho, conversamos e nos conectamos, já que os departamentos estão todos próximos, exceto a agronomia. Durante a visita, alguns alunos expressaram o desejo de saber mais e aprofundar seus conhecimentos, enquanto outros perceberam que essa não era a direção que desejavam seguir. Essa clareza é importante, pois muitas vezes idealizamos uma profissão e, ao buscá-la, percebemos que não é o que realmente queremos. Estar em contato com professores que os ensinarão na graduação ajuda a tornar essas escolhas mais acertadas.

Nosso colégio, associado a uma universidade, faz toda a diferença na vida dos alunos. No mundo atual, é essencial que desenvolvam suas habilidades de pesquisa e funcionalismo, pois o mundo precisa de pesquisadores. Essa conexão com a universidade é forte e proporciona oportunidades únicas.

Na próxima semana, por exemplo, teremos um evento na área de odontologia. Recebemos uma cadeira de atendimento que faz muito sucesso entre nossos alunos do 1º ao 5º ano. Eles adoram brincar e ao mesmo tempo aprender sobre saúde bucal. Essa vivência permite que compreendam a importância dos cuidados com a higiene dental, tanto como pacientes quanto como futuros profissionais.

Essas visitas aos departamentos e essa interação geram aprendizagens significativas. Eles não encaram mais a graduação como algo distante; estão sendo preparados para ela. Quanto mais se desenvolvem na educação básica, mais preparados chegarão ao ensino superior, conseguindo estudar e aproveitar o conteúdo de maneira muito mais eficaz. Assim, construímos profissionais cada vez melhores.

A importância da educação em minha vida é imensa. Eu devo muito a essa oportunidade de proporcionar aos meus filhos e à minha família uma educação de qualidade. Para mim, é fundamental ver o que eles estão aprendendo e se desenvolvendo, tanto como mãe quanto como educadora e profissional. Sempre busco o melhor para eles e para mim mesma. A universidade também desempenha um papel crucial no meu desenvolvimento como profissional e mulher, e acredito que cada função que desempenhamos contribui para um mundo melhor.

Desejo que minha passagem aqui na universidade, tanto a deles quanto a minha, seja uma experiência linda e transformadora, sempre buscando a excelência. Essa é uma palavra difícil, mas fundamental. Acredito que a excelência deve ser nossa constante busca, desde os alunos do primeiro ano até os profissionais que aqui trabalham. Meu filho Leandro, por exemplo, começou sua trajetória aqui com apenas seis anos de idade.

É gratificante ver antigos alunos se tornarem professores e retornarem ao colégio, com o brilho nos olhos ao reviverem suas memórias e o carinho que sentem pelo lugar. Para muitos, voltar ao colégio é como retornar para casa, repleto de familiaridade e nostalgia. Também conhecemos funcionários da universidade que estudaram aqui e trazem suas memórias, lembrando dos cantinhos que viveram.

A energia que se constrói nesse ambiente é sempre voltada para a busca da excelência. Eu vejo a universidade assim, sempre transformando seus professores e alunos, e esta é uma perspectiva que valorizo.

Um projeto muito especial que tivemos no colégio, o “Cada Aluno, Minha História”, idealizado junto com o professor João, que já se aposentou, é uma das iniciativas de que mais temos carinho. Nesse projeto, os alunos têm a oportunidade de explorar vários gêneros textuais e compartilhar suas histórias, tanto as que viveram no colégio quanto em suas vidas familiares. Durante o lançamento do livro, as famílias são convidadas para um momento de autógrafos. Lembro de uma mãe que se emocionou ao ouvir a homenagem do filho a ela. Essas memórias são muito significativas, pois cada aluno é uma história única.

Desde 1969, muitos estudantes passaram por aqui e se tornaram profissionais de sucesso, retornando para contribuir. O Colégio e a Universidade de Taubaté foram construídos com os sonhos e memórias de cada um deles. É, de fato, a realização de um sonho, e nossa construção diária continua. Meu desejo é que muitos outros sonhos ainda venham a se concretizar aqui.



8

Armindo Boll

Sou Armindo Boll, professor de História. Ingressei na UNITAU em 1996 e me aposentei em 2021, mas continuo ligado à Instituição.

Nasci em um distrito muito bonito, Flor da Serra, atualmente município de São Martinho, localizado entre o Alto Uruguai e a região dos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Essa experiência foi interessante por ter crescido na zona rural, andava cerca de cinco quilômetros diariamente para ir à escola, usando chinelos e carregando minha mochila com lanche.

Meu primeiro professor me marcou profundamente. Em eventos festivos eu costumava declamar poesias, o que contribuiu para minha desenvoltura para falar em público, e que facilitou minha atuação como professor. Naquele período também sofri grande influência da Igreja Católica, devido às visitas dos padres do Sagrado Coração de Jesus. Desse modo, desenvolvi o desejo de seguir a fé cristã.

Tinha uma grande família, composta por um irmão e oito irmãs. A convivência com tantas mulheres foi crucial para minha formação, e isso me influenciou a participar do movimento feminista desde a década de 1990. Sou casado e tenho quatro filhas, portanto, tenho vivido e sendo influenciado por um ambiente feminino.

Minha formação acadêmica iniciou-se em Filosofia, em Brusque, Santa Catarina. Posteriormente, estabeleci-me em Taubaté, cursando Teologia pela PUC-RJ, aliás me identifiquei com essa cidade histórica e mais antiga do Vale. O ditado popular “Quem bebe da água da Bica do Bugre nunca mais se desliga de Taubaté” retrata minha relação com a cidade.

Durante esses estudos de Teologia, fui convidado a participar de missões no Município de Monções, Maranhão, carente de infraestrutura, a nossa locomoção, inclusive, era feita em “Jegues” (jumentos), pois as estradas eram muito precárias. Foi nesse contexto que

deixei minha barba crescer, como a tenho até hoje, como símbolo da resistência desse povo pobre e sofrido. Essa experiência me marcou profundamente.

Em Taubaté, após o estudo de Teologia, o professor Gilio Giacomozzi, já falecido, então diretor do Departamento de Ciências Sociais e Letras, da UNITAU me convidou para trabalhar nessa Universidade. Em março de 1996 iniciei minhas atividades na Instituição. Os anos iniciais foram desafiadores devido ao autoritarismo da época. No entanto, a partir de 2002, meu espaço se ampliou e pude lecionar em outros 12 cursos, além de História.

Fui o primeiro professor de História concursado da UNITAU, o que me proporcionou estabilidade e a oportunidade de construir minha trajetória profissional como professor titular de História Contemporânea e História Moderna, e fui Coordenador do Curso de História por duas vezes. Durante meus 25 anos lecionei para alunos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas, Nutrição, Fisioterapia, Odontologia, Educação Física, Direito, Pedagogia e Letras. Nesses cursos lecionei as disciplinas de Sociologia, Antropologia e Filosofia, entre outras.

Uma das últimas disciplinas que lecionei foi Humanidades, no curso de Medicina, cuja experiência me permitiu aprender muito com os jovens e proporcionou uma especial e valiosa troca de conhecimento nesta área, talvez, porque foi em plena Pandemia, que nos atingiu a todos.

Valorizo profundamente a interação com os alunos. A filosofia me levava ao mundo das ideias, da teoria, mas a prática me aproximava da realidade. Considero fundamental a relação de teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem.

Antes de trabalhar na UNITAU, tive produtiva experiência exercendo o ministério sacerdotal (1983-1988), nesse período me dediquei ao trabalho com as comunidades carentes e operários, atuando como Coordenador da Pastoral Operária em São Paulo, trabalhando junto com Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Celso e Dom Angélico, então Bispos da Arquidiocese de São Paulo, posteriormente, fui Coordenador de favelas em Santo André junto com Dom Cláudio Hummes.

Após deixar esse ministério, em 1988 precisei buscar trabalho para me manter. Meus amigos me ajudaram a construir uma casinha de madeira na favela Tamarutaca, no Município de Santo André, na maior favela da cidade, na qual vivi durante dois anos, e felizmente, logo consegui trabalho na região do ABC, quando, lecionei para alunos de sétima e oitavas séries. Mesmo com esse trabalho, precisei dar aulas em Itatiba para financiar meu mestrado, na Faculdade de São Francisco. Lecionar para estas duas realidades me foi desafiador, pois adaptar-me a uma realidade diferente exigiu tempo e esforço. No entanto, meu sonho era atuar no espaço universitário, o que se concretizou na UNITAU.

O conhecimento da Teologia da Libertação me fez perceber a importância do curso de História e minhas aulas na UNITAU passaram a incluir questões relacionadas ao mundo do trabalho e à realidade da população mais vulnerável. O mestrado na PUC-SP, sobre a História do Brasil me auxiliou a integrar essa perspectiva com a prática docente.

Acredito que ninguém sabe tudo. Paulo Freire, com sua pedagogia libertadora, me ensinou a valorizar a troca de saberes entre professor e aluno. Essa experiência exigiu criatividade, pesquisa e planejamento. Nesta direção busquei tornar minhas aulas mais atrativas, utilizando recursos audiovisuais como data show e imagens. Nos anos iniciais, eu dedicava mais tempo à leitura. A necessidade de selecionar os textos me obrigou a pensar estrategicamente

em relação ao tempo dos alunos. No entanto, essa seletividade proporcionou momentos de grande aprendizado.

O relacionamento com os alunos se iniciava na apresentação deles, buscando me inteirar sobre seus conhecimentos prévios e seus interesses, para tanto utilizava questionários para nortear as aulas e verificar seus gostos.

Também brincava com aqueles alunos que tinham simpatia por times de futebol. Como gaúcho, ficava mais fácil, pois não precisava ser torcedor dos times paulistas como o Corinthians, o Palmeiras, o São Paulo, o Santos. Buscava interagir com os alunos e, brincando, procurava tornar as aulas mais descontraídas.

O trabalho com os alunos me levou a refletir sobre a importância de levá-los a pensarem criticamente sobre sua própria história. Todos nós carregamos memórias, e a História Oral se torna uma ferramenta para a construção de narrativas significativas, que eram construídas pela troca de experiências com os alunos, os quais se tornavam protagonistas dessas mesmas histórias. Esse pensamento sempre norteou minhas ações, tanto no ensino, quanto na extensão universitária, de modo que pude desenvolver projetos importantes.

Durante minha trajetória na UNITAU participei de vários projetos, mas destaco três deles: o primeiro foi o projeto “Figureiros de Taubaté” (2001-2011), desenvolvido em conjunto com professores do curso da Comunicação, no qual entrevistamos os artesãos da região. Os depoimentos nos revelaram seus sonhos, suas expectativas para o futuro. Há um caso marcante de uma figureira que, por sofrer com a desaprovação do marido, conseguiu realizar seus sonhos artísticos apenas após a morte dele, mostrando um possível caminho de independência feminina.

O segundo projeto foi intitulado “Taubaté: Tempo e Memória” (2012-2021) que teve, como objetivo a pesquisa com trocas de informações e a produção de roteiros sobre a História e a Memória da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e, de modo especial, no Município de Taubaté, com o nosso Projeto no qual continha levantamentos de dados, registros, catalogação, conhecimento e apropriação dos Patrimônios Materiais e Imateriais objetivando a preservação deles junto aos professores / alunos e à sociedade.

O terceiro projeto foi a realização de viagens pedagógicas com alunos do curso de História e outros cursos, iniciada em 2006 explorando o Vale do Paraíba e, ampliando posteriormente para Ouro Preto, Rio de Janeiro, além de outras cidades do Brasil. Essa experiência proporcionou aos alunos a ampliação de seus conhecimentos, em várias viagens de campo e nelas era possível estar mais próximos deles e mostrar a história por meio de monumentos, edificações e culturas.

Outra atividade marcante consistiu na participação da criação de um time de futebol alunos do Departamento de Ciências Sociais Letras e Serviço Social, em 2017/18, para os Jogos Universitários, estimulando vivamente os alunos a participarem das atividades extracurriculares da Universidade. Nesses anos eles resolveram confeccionar as camisetas. E, para minha surpresa, colocaram nelas minha foto dizendo: “selo Boll de qualidade” e “professor Boll 10”, ou seja, criaram camisetas para homenagear minha atuação na Unitau, o que me emocionou profundamente.

Meus temas preferidos, compartilhados com os alunos, foram História Regional e História Oral. A História Oral foi o foco de vários projetos de extensão, citados acima, que contribuíram significativamente para a minha experiência na Unitau.

A metodologia da História Oral, aprendida no Departamento de História da USP, junto ao professor José Carlos Sebe Bom Meihy, foi aplicada na minha pesquisa de mestrado com o tema: “Quilombo dos Palmares – a luta pela conquista da moradia, em Santo André, no período 1978 – 1992”.

Na Unitaú pude aplicar essa metodologia, como Coordenador de dois Projetos: “Figureiros de Taubaté” até 2011 e “Taubaté Tempo e Memória” até a minha aposentadoria.

Assim, tive a oportunidade de fazer entrevistas nesses dois Projetos com os Figureiros e também registrar as histórias dos patrimônios materiais e imateriais de Taubaté e Região do Vale do Paraíba Paulista.

Apresentamos os resultados de nossas pesquisas em diversos simpósios e congressos, recebendo diversos prêmios, principalmente do Instituto de Estudos Valeparaibanos - IEV e da UNITAÚ. Essa atividade resultou em mais de 50 apresentações em eventos, em formato de banner que, futuramente, serão compilados em um livro.

Fui também professor de História Regional, disciplina esta que considero relevante e pertinente para o conhecimento histórico local e regional. Não basta conhecer a África, a Ásia e a Europa sem conhecer a própria região. Incentivei meus alunos a pesquisar a história de suas cidades, como Jacareí, Pindamonhangaba, Taubaté, Guaratinguetá, Aparecida, Cruzeiro, Campos do Jordão, entre outras. Levei meus alunos a realizar pesquisas de campo e a participar de projetos, ampliando a formação acadêmica além das salas de aula.

Um aluno, morador de uma pequena cidade, em Mato Grosso, descobriu nosso trabalho por meio de fotos de nossas viagens e banners divulgados na internet. Impressionado, candidatou-se a uma vaga na UNITAÚ e tornou-se professor de História.

Meus alunos demonstraram grande criatividade, divulgando nosso trabalho pelas redes sociais, como no Facebook, Google, blogs, Instagram, ampliando o alcance do curso de História e da UNITAÚ. Nossa participação em Congressos, Simpósios, palestras e debates foi constante. A partir de 2000, a Pró-reitoria de Extensão nos estimulava a apresentar nossos trabalhos e em eventos internos e externos, nos quais meus alunos obtiveram diversas premiações, muitas em primeiro e segundo lugares, ao longo dos anos. Nossa atuação rendeu a admiração de outros professores.

Além deste trabalho como professor, me envolvi em projetos sociais em atividades do Terceiro Setor. Ajudei na fundação de uma ONG – Ação Comunitária Cantinho Feliz, que me mostrou a força e o protagonismo das mulheres na luta por melhorias em suas comunidades. Observando trabalhadores buscando melhores condições de trabalho, percebi a riqueza de suas histórias de vida e luta.

Considero relevante a autonomia concedida pela UNITAÚ aos Projetos da Pró-reitoria de Extensão. A gestão superior não interferia, permitindo a criatividade. Agradeço, de modo especial, aos bolsistas e demais alunos e professores que nos apoiaram, sem os quais esse trabalho não seria possível. Em 25 anos, muitos sonhos foram semeados com a participação destes. Realizamos aos sábados diversas caminhadas pelos patrimônios históricos, convidando alunos e professores de outros cursos e a sociedade em geral, sendo reconhecido não apenas pela docência, mas principalmente pelo fomento à pesquisa e à participação comunitária.

Essa autonomia que a UNITAU nos concedia permitiu que eu e meus alunos sonhássemos e alcançássemos resultados significativos. Uma experiência democrática e enriquecedora que demonstra a riqueza de oportunidades em um ambiente sem medo e sem autoritarismo. O trabalho na UNITAU proporcionou muitos frutos ao meu magistério e meu concurso público foi fundamental para a minha estabilidade e para construir uma carreira repleta de experiências significativas.

Minha experiência profissional me ajudou a compreender o trabalho e a vida das pessoas que sofrem com as desigualdades. O estudo da história e a convivência junto às comunidades mais carentes me ensinaram que o trabalho com essa população é uma luta contínua e gratificante.

Conheci a realidade das favelas em 1983 e, a partir dessa experiência, me dediquei ao trabalho social. A experiência com essas comunidades me mostrou as desigualdades sociais e me inspirou a lutar pela justiça social. Fui ameaçado diversas vezes em função deste trabalho social, mas isso não me impediu de continuar a lutar.

Trabalhando com crianças que pediam esmolas, conhecendo as favelas da região Sudeste de São Paulo iniciamos um trabalho de apoio alimentar e recreativo para as crianças em situação de rua. Percebemos a necessidade de construir creches, o que foi possível através de parcerias com doadores e, a partir de 2002, realizamos um convênio com o Partido dos Trabalhadores e com o poder público da época, o que possibilitou a locação de uma creche e um telecentro onde funcionava nossa antiga creche a partir de 1985, ambos na rua Mauro, no bairro da Saúde. Ampliamos o trabalho com a criação de um estatuto fundando a ONG Ação Comunitária Cantinho Feliz (1997).

Atualmente, sou presidente de três unidades desta ONG, com 114 crianças, no CEI -Cantinho Feliz (nas favelas Mauro I e II) no bairro da Saúde, e no CEI - Cantinho dos Tesouros com 136 crianças (cortiços Muniz de Sousa e regiões), no bairro Cambuci e o Telecentro na rua Mauro 807. Minha atuação com essa população me sensibilizou para as desigualdades e injustiças sociais.

Em relação à minha atuação política como cidadão, me levou a participar ativamente na preparação da Constituição de 1988, levando propostas da população de São Paulo e acampando junto com os meus companheiros e companheiras em Brasília. Compartilhei alguns abaixo-assinados destacando aquele em defesa dos direitos da mulher. Meu trabalho na Igreja Católica me expôs a pressões políticas, com ameaças vinda do “status quo” reinante, dos governos e de setores da Igreja Católica. Inclusive, fui interrogado e ameaçado pelo DOPs, em 25/04/1984 data em que foi rejeitada a Emenda Dante de Oliveira, pelas direitas, no Plenário da Câmara dos Deputados. Participei ativamente desse movimento pelas “Diretas Já”, na praça da Sé e no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, no qual a população pedia a volta da eleição direta para Presidente da República. Essas experiências me aproximaram da realidade social, fortalecendo minha atuação docente e ampliando minha consciência política.

A UNITAU me desafiou e me inspirou. Construí uma trajetória muito rica e me sinto honrado de ter participado da história da Unitau.

9

Artur Rezende

Sou o professor Artur Luiz Rezende Pereira, mas conhecido por Artur Rezende, nasci em 15 de fevereiro de 1965, na Grande São Paulo e estou na UNITAU desde 2010. Me formei em 1995 na FEI, Faculdade de Engenharia Industrial, em São Bernardo do Campo, e trabalhei por um tempo na indústria. Em 1997, minha filha estava na adolescência e minha esposa achou que estava muito difícil educá-la na capital, então, como tínhamos parentes e amigos em Taubaté e gostávamos muito de visitar a cidade, ela resolveu vir para cá. Eu disse “ela resolveu”; eu só obedeci.

Quando criança, entre 12 e 14 anos, achava que o homem, para ser feliz, tinha de estudar matemática, crer em Deus e ouvir música clássica. Eu queria muito voar; queria ser piloto, mas desejava pilotar meu próprio equipamento, algo projetado por mim. Não obstante gostar muito de matemática e achar que ela me faria feliz, eu não queria ser professor naquela idade. Não tinha em mente essa profissão, mas acreditava que a matemática me levaria à felicidade. Dessa forma, a matemática e o projeto de avião me pareceram algo que me levaria à engenharia. Portanto, optei por seguir a área da engenharia mecânica, já que desde pequeno brincava de construir aviõezinhos com todo o material que encontrava.

Então, era certo e inato: isso me levou, naturalmente, para a engenharia. Após concluir Engenharia Mecânica, fui para a indústria, mas ainda desejava a área da aeronáutica, pois a indústria não me proporcionava a experiência do voo e nem me levava para a atividade aeronáutica. Depois, fiz mestrado em Engenharia Aeronáutica, com ênfase em Estruturas Aeronáuticas. Nesse período, percebi que não conseguiria construir um avião sozinho, o que me deixou muito chateado por ter estudado intensamente e descobrir que essa realização não seria possível. Come-

cei a dar aulas e pesquisei formas de realizar meu sonho com um equipamento próprio. Foi assim que encontrei no parapente a maneira de voar com meu próprio equipamento e satisfazer meu sonho. Hoje, sou piloto de parapente.

Quando era mais jovem, também tinha a preocupação com a empregabilidade. Embora gostasse de matemática, acreditava que o curso, na época, me limitaria a ser professor. Em contrapartida, a engenharia, ao usar a matemática, ampliaria minhas possibilidades de trabalho, porque, quando trabalhava na indústria, na década de 90, havia um preconceito muito grande em relação ao profissional que se dedicava à indústria e buscava fazer mestrado ou doutorado. Naturalmente, eu havia incorporado essa ideia e esse preconceito, muito por conta do ambiente em que trabalhava. No fim, fui descobrindo que era necessário continuar estudando; percebi que podia trabalhar na indústria, fazer mestrado e até doutorado, independentemente daquele pensamento. Encarei essa realidade, saí de São Paulo e vim para Taubaté.

Comecei a lecionar em escola pública, no ensino médio. A partir desse momento, minha visão mudou completamente, um novo mundo se abriu para mim. Eu já gostava de ensinar e, enquanto cursava a graduação e trabalhava na indústria, tive algumas oportunidades de me ver no papel de professor. Gostei muito disso, porque me trouxe satisfação e reconhecimento, embora não fosse considerada minha atividade profissional principal na época. Após me mudar para Taubaté e deixar a indústria, passei a dar aulas e senti a necessidade de continuar minha formação acadêmica. Foi assim que decidi fazer o mestrado no Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA e me dedicar integralmente à profissão docente, na qual estou até hoje e sinto que encontrei meu caminho.

Quanto às experiências no ensino básico na escola pública, fui motivado por questões pessoais. Durante meu tempo no ensino fundamental e médio, tive muita dificuldade de ser visto pelos professores e também de me relacionar. Percebi que, devido ao meu isolamento, quando me dedicava aos estudos e dominava a matéria, as pessoas se aproximavam de mim para aprender. Eu explicava bem e senti que isso ajudava na minha socialização. Basicamente, foi por isso que, quando tive a oportunidade de atuar no ensino médio aqui em Taubaté, meu empenho se fundamentou. Percebia que muitos alunos estavam na mesma situação que eu e poderiam se beneficiar dessa experiência. Assim, dediquei-me intensamente, obtendo bons resultados nas escolas em que trabalhei. Fui realmente muito feliz e aprendi a ser professor e a lidar com jovens e adolescentes nessas instituições.

Basicamente, trabalhei no IDESA e no Jardim das Nações. Essas escolas tiveram um papel fundamental na minha formação pedagógica, nas quais também fui muito feliz. Depois de ter feito o mestrado, foi um salto para chegar à universidade. Estava dando aula no Jardim das Nações quando abriu um concurso para professor temporário na UNITAU, em 2010. Depois de me inscrever e prestar a prova, passei no concurso e tive a oportunidade de lecionar no ensino superior. Foi um verdadeiro achado, um novo nascimento. Tive a chance de ensinar disciplinas nas quais era bom durante a graduação e as primeiras disciplinas que lecionei na UNITAU foram aquelas nas quais tinha experiência prática da indústria. Mais uma vez, me encontrava como professor.

Assim começava a minha história aqui na UNITAU. Com a minha bagagem, me senti muito à vontade durante as aulas. Foi uma experiência muito gratificante, realmente muito feliz.

Minha adolescência estudantil, as dificuldades que enfrentei, as barreiras que tive de superar e as habilidades que desenvolvi ao longo desse caminho foram essenciais para minha formação. Minha experiência nas escolas de Taubaté, especialmente no Jardim das Nações, moldou minha trajetória. Fiz outra formação na UNITAU, que foi um lastro formidável: estudei Metodologia do Ensino de Matemática e Física. Enquanto dava aula nas escolas, era exigido que os professores tivessem formação pedagógica, o que me levou a buscar todos os cursos de formação pedagógica que consegui. Não fui registrando, apenas fui fazendo. Levava os certificados para a escola como se fosse uma exigência legal. Embora eu tenha feito muitos cursos, o principal foi a prática pedagógica nessas escolas.

Estou na instituição desde 2010 e hoje sou professor no IBE (Instituto Básico de Exatas), lecionando a disciplina de Resistência dos Materiais. Dou aulas em outra instituição também, mas dar aula na UNITAU é uma alegria enorme. Conto as horas para o início das aulas e espero ansiosamente para ir à faculdade; é como uma criança esperando por algo especial. Trabalho o dia todo e realizo muitas atividades, mas fico contando os minutos para esse momento, pois é algo que faço com grande vontade. Para os alunos, talvez não seja a mesma coisa, mas, para mim, é uma felicidade, uma alegria, uma brincadeira. É onde me sinto vivo, onde meu cérebro se expande. Sinto que minha relação com eles é simplesmente uma consequência disso. Creio que eles me vejam como uma pessoa que faz o que gosta e que sente felicidade naquilo. Como disse, tive a oportunidade de experimentar na prática, na indústria, as disciplinas que eu leciono. Então, essa alegria, essa vontade e esse conhecimento fazem com que o aluno perceba quando professor está contente dando aula.

Eu sempre me empolgo e não falto. A minha aula termina às 22h40. Quando termino cedo – porque às vezes o aluno gosta que o professor libere um pouco mais cedo –, eu libero lá pelas 22h38, 22h39. Entretanto, passar do horário no começo era uma coisa constante. Houve situações em que eu terminava a aula às 23h, porque me empolgava. Não deixava ninguém sair e simplesmente continuava. Hoje, já consigo me controlar melhor e não passo do limite. Continuo com o mesmo empenho, mas já obedeço ao horário.

Atuo como Coordenador Pedagógico em outra instituição já há alguns anos. Sinto que me dá uma percepção do contexto em que o meu aluno está inserido, no contexto educacional, e não só no contexto do mercado de trabalho. Eu olho para a formação do aluno como um todo; não me preocupo apenas com a minha disciplina, com a forma como leciono, ou com os instrumentos que utilizo; minha preocupação abrange todos os cursos que coordeno. Atualmente, coordeno seis cursos de engenharia, o que envolve muitos professores e alunos. Isso é um privilégio, pois me permite ter uma visão ampla da vida acadêmica dos nossos alunos, da participação dos professores, do papel da direção da escola e das políticas educacionais e como essas impactam nossa atividade diária.

Gosto muito dessa área de gestão, mas o maior desafio, como para quase todos os professores, é lecionar disciplinas. No início da minha carreira, enfrentei a dificuldade de ensinar matérias nas quais não tinha muita afinidade ou experiência prática. Muitas vezes, isso significava um contato mais superficial com a teoria. Como resultado, levava muito mais tempo para preparar as aulas de disciplinas que não dominava completamente. Embora as disciplinas fossem da minha área, naturalmente, eu me concentrava em algumas delas, e, de 2010 a 2014, tive de ensinar algumas disciplinas que não eram exatamente meu metiê. Sou muito

dedicado e exigente com o meu trabalho e os resultados que entrego, então, quando preparo uma aula, quero que ela seja a melhor possível, dentro das minhas possibilidades. Essa exigência me levou a preparar aulas de forma muito dispendiosa.

Não é necessário dar um show, mas minha aula precisa ser significativamente acima do satisfatório. Isso se torna um desafio quando se trata de um assunto que não está dentro da minha frequência habitual. Não é apenas entender o conteúdo, mas também conseguir apresentar uma aula de alta qualidade. Por isso, nunca dou aulas com consulta. Decoro todos os textos, cálculos e conceitos, para que os alunos percebam que domino o assunto. Chegar a esse nível de domínio em pouco tempo é um grande desafio, especialmente quando o tempo de preparação é curto – às vezes, apenas uma semana ou até mesmo algumas horas antes da aula. Passar de uma posição de quase nenhuma experiência com uma disciplina para dar uma aula de alto nível, horas depois é realmente desafiador. Eu não consigo consultar materiais, anotações ou mesmo apresentações em PowerPoint. Para mim, lecionar é ser professor de giz e lousa. Escrevo tudo à mão, com comentários e explicações, o que torna ainda mais difícil para uma disciplina na qual não tenho hábito. Essa é uma parte significativa do meu trabalho que me desafia constantemente, mas também é quando vejo oportunidades de crescimento e aprendizagem.

Eu gosto do que faço, mas prefiro trabalhar dentro do meu quadrado. Um dos projetos de que participei, se é que podemos chamá-lo assim, foram as orientações de trabalhos de conclusão de curso. Apesar de ter tido boas experiências e de os alunos terem gostado, acredito que, para ser um bom orientador, é fundamental ter uma formação adequada. Não basta apenas ter se saído bem, é necessário estar preparado para lidar com as diversas necessidades dos alunos durante o processo de orientação. Tive apenas duas experiências como orientador e, por isso, não consegui desenvolver plenamente essa habilidade. Embora tenha identificado as lacunas e fraquezas nos trabalhos dos alunos, não tive a oportunidade de trabalhar em outros projetos que me permitissem aprimorar essa orientação. Isso me deixou com a impressão de que realmente precisamos de uma formação específica para professores que desejam atuar como orientadores.

Sobre a interação com os alunos, sempre me preocupei em estabelecer um bom relacionamento com eles. Quando lecionava na agronomia, criava um ambiente muito descontraído. Eu costumava fazer brincadeiras, como fingir que batia nos alunos com um chicote imaginário quando eles não conseguiam resolver os exercícios. Essa abordagem gerava uma interação divertida, na qual todos participavam da brincadeira. Embora hoje seja um pouco mais sério, aqueles momentos eram marcantes e contribuíam para um ambiente de aprendizado mais leve e prazeroso. Essas experiências me moldaram como educador.

Meu tempo no IDESA e na Escola Jardim das Nações foi fundamental, mas foi na UNITAU que realmente construí minha identidade como professor de ensino superior. Quando me chamam de professor ou mestre, isso está intrinsecamente ligado à minha experiência na Universidade de Taubaté. De certa forma, representa quem eu sou como educador. Se fosse definir a UNITAU em uma palavra, seria: “eu”. Essa reflexão é interessante, pois evidencia a conexão profunda que estabeleci com a instituição e com o meu papel dentro dela.

Dez anos é um período significativo, mas, comparado a alguns colegas que estão na UNITAU há vinte ou trinta anos, pode parecer pouco. No entanto, o que realmente conta é a inten-

sidade das experiências vividas. Acredito que, mesmo se fossem apenas dois anos, a intensidade com que vivi esse tempo teria um impacto similar na minha identidade como educador.

Agradeço pela oportunidade de compartilhar minha experiência. Isso me levou a refletir sobre muitos aspectos da minha trajetória. Em relação à minha dedicação, é uma realidade desafiadora para os professores no Brasil. Gostaria muito de poder me dedicar exclusivamente a uma única instituição de ensino. Se pudesse escolher, essa instituição seria a UNITAU, pois minha esperança é a de que um dia eu possa garantir minha sobrevivência e qualidade de vida trabalhando apenas nela. Para que isso se torne possível, seria necessário um debate mais amplo sobre as transformações que poderiam ser feitas. Não tenho respostas claras sobre isso, mas é um desejo que nutro. Ser parte integral, de forma exclusiva, seria um grande objetivo para mim. Agradeço novamente pela oportunidade de expressar meus pensamentos. Foi gratificante e estimulante, isso me levou a pensar em outras coisas que, talvez, nem tivesse considerado antes.

10

Benê Mello

Eu sou Benedito Assagra Ribas de Mello. Estou na Unitau desde 1988. Sou de família Mogiana e sempre tive relações com Taubaté: meu pai estudou no Idesa e passávamos sempre por aqui, mas vim efetivamente trabalhar aqui em 1988. Na Unitau, fui convidado para dar aula de História da Arquitetura Brasileira, no antigo departamento, durante a administração do professor Flávio Malta.

A princípio, fazia viagens todos os dias e depois passei a dormir em alojamento, até que, por fim, comprei um imóvel e me estabeleci. Estudei Arquitetura na Universidade Braz Cubas, então chamada Federação das Faculdades Braz Cubas, onde também lectionei por mais de 20 anos, em Mogi das Cruzes. Ao concluir minha graduação, fui fazer pós-graduação na Universidade de São Paulo, em Patrimônio Cultural.

Sempre gostei de desenho e muito de história. Acho que a arquitetura tem o poder de transformar espaços, de tornar algo que talvez seja ruim em algo positivo e bom. Esse poder transformador da arquitetura é sensacional e gosto de transmitir isso para meus alunos. Na minha família, há uma predominância de advogados: meu avô, meu pai, meus irmãos. Meu avô foi delegado, meu irmão é delegado, então eu saí desse roteiro pré-estabelecido. Antes mesmo de terminar a graduação, tive uma experiência didática no colégio em que estudei. A diretora me convidou para substituir professores que, eventualmente, faltassem. Durante os dois últimos anos da faculdade, já vivenciei essa experiência didática. Depois, ao me graduar, em 1985, substituí uma professora do departamento de Arquitetura, por três meses. Gradativamente, fui consolidando minha carreira, até que, em 1988, cheguei aqui.

A carreira, o ato de ensinar, mais do que o de ser professor, é meu encanto. Gosto

muito de ensinar e sinto muita falta. Não faz nem um ano que me aposentei. Das experiências ruins, não tenho memória ou não guardo nada que não seja positivo. Sempre é uma alegria, principalmente porque, sendo professor, você é também um eterno estudante. Está sempre se atualizando, acompanhando as novas pesquisas, e, de certa forma, isso nos mantém jovens. O que sou hoje é um acumulado de tempo e, neste tempo, tenho pelo menos 36 anos de Unitau.

Havia uma professora na Unitau, Estela Polimeno, que saíra do curso e não encontrava um professor de Arquitetura Brasileira para substituí-la. O coordenador da Univap me indicou. Entrei em contato com o Departamento de Arquitetura, mas, de início, não fui aceito. Acho que, num segundo momento, lembro que estava em casa, numa festa familiar. O telefone tocou, fui atender no escritório por causa do barulho da casa, e era o professor Flávio Malta pedindo que eu comparecesse para assumir essas aulas. Desde então, estou aqui. Fiquei um pouco ansioso, talvez porque era o momento de conhecer uma nova turma. Talvez também um pouco inseguro, porque todo novo projeto, de certa forma, traz um sentimento de insegurança, mas foi algo totalmente administrável. Em minha família, nunca houve imposição, exceto a de que precisávamos estudar, talvez como é o projeto da classe média de chegar ao nível superior. Mas isso já acontecera com meus pais, então era uma trajetória normal. Nunca houve, por parte do meu pai ou da minha mãe, uma pressão para que eu seguisse o Direito. Foi uma escolha livre, totalmente minha, graças a Deus.

Há muitos desafios na carreira, talvez seja difícil elencá-los, mas acho que, no princípio, por exemplo, quando comecei a dar aula, estabeleci uma prática que as faculdades ainda não tinham: a viagem pedagógica. Saíamos de Taubaté para visitar fazendas, São Luiz do Paraitinga, Bananal. A princípio, alguns professores achavam isso estranho. Cheguei a ouvir uma pedagoga dizer que eu não gostava de dar aula, porque tirava os alunos da sala. Houve até uma pequena oposição dentro do próprio departamento, mas logo depois o próprio Ministério da Educação, por portaria, indicou que os cursos de Arquitetura deveriam ter viagens. Isso silenciou aqueles que não acreditavam muito no projeto e, de certa forma, o Departamento de Arquitetura da Unitau foi pioneiro, pois estabelecemos as viagens bem antes da imposição do MEC.

Dividimos as viagens pedagógicas em duas categorias: viagens e visitas. A visita, por exemplo, é ao Solar da Viscondessa, à Vila Santo Aleixo ou à Fazenda Quilombo, quando vamos e voltamos no mesmo dia. Já as viagens incluem pernoite em outros lugares. No Departamento de Arquitetura, estabelecemos quatro grandes viagens, como ao Rio de Janeiro, além das visitas a São Paulo, que são as duas metrópoles próximas a Taubaté. Vamos também a Ouro Preto, Mariana e Otim, com programação sobre arte contemporânea e barroco mineiro. No Rio, temos uma vasta gama de temas arquitetônicos, desde o período colonial até a contemporaneidade, inclusive mazelas urbanas que a cidade enfrenta, como em São Paulo. Visitamos também Curitiba, onde o planejamento urbano foi uma experiência bastante positiva desde os anos 1960, com o projeto de Jorge Wilhelm e Jaime Lerner. Lá, o planejamento urbano se mantém até hoje, uma exceção no país. A visita inclui uma palestra no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba e aos projetos urbanísticos da cidade. A quarta viagem é a Brasília, mais distante e talvez cansativa, pois vamos de ônibus. Brasília é referência na arquitetura e merece ser estudada. Essa prática se disseminou para outros cursos, como História, em que visitas a monumentos e documentos históricos são fundamentais. En-

fim, para aquelas profissões que se dedicam ao estudo do espaço, da geografia e da história, as visitas são fundamentais.

Em todos esses anos no Departamento de Arquitetura, o que mais me marcou, do ponto de vista de uma realização, foi a conquista do nosso edifício, que simboliza também a consciência dos alunos em defesa do patrimônio da cidade. Foi um ato de protesto contra o que entendemos como uma afronta — o destombamento e a demolição de parte do complexo da CTI — Companhia Taubaté Industrial - e a ocupação da torre da CTI pelos alunos, por volta de 1990.

Essa tomada de consciência, que se estabelece não só com os alunos, mas também com a própria comunidade e a sociedade, talvez seja o meu maior patrimônio emocional. A CTI foi um grande complexo construído no final do século XIX, em Taubaté. Entre 1989 e 1990, fizemos um estudo no Departamento de Arquitetura, na época dirigido pelo professor Romeu Simi, com a participação de outros professores renomados, como Paulo Mendes da Rocha e Guilherme Motta, Ângelo Bucci, entre outros. A ideia era transformar a antiga CTI em um campus universitário. Pensávamos que a própria torre poderia abrigar a reitoria e as pró-reitorias, enquanto os demais blocos acomodariam os vários cursos da universidade, mantendo também o hospital-escola e o campus do Bom Conselho, formando um “L” entre as avenidas Nove de Julho e Tiradentes, de modo que tudo ficasse acessível a pé.

Naturalmente, o curso de Agronomia exigia a fazenda, algo inviável no centro urbano. Contudo, esse era o plano que havíamos idealizado. Nesse meio tempo, a Prefeitura autorizou que a quadra da Nove de Julho fosse destelhada. Acontece que, sem a estrutura da cobertura, as grandes alvenarias de tijolos do prédio ficaram vulneráveis. Durante uma tempestade de verão, em janeiro, uma das paredes caiu sobre um carro, resultando na morte de um adolescente. Esse acidente foi usado como justificativa para o destombamento do conjunto. Logo em seguida, as máquinas chegaram e, de maneira impressionantemente rápida, demoliram tudo.

Eles começaram a construir um posto de gasolina, que, ao que parece, era projeto do próprio secretário da Prefeitura — algo que levantou muitas suspeitas. Diante desse cenário de caos e destruição, ao voltarmos para a faculdade em janeiro, foi impossível não sentir uma profunda indignação, compartilhada por todos, inclusive por mim. Há 30 anos, éramos muito mais combativos. Então, em um impulso, reunimos alguns alunos e fomos até a CTI para verificar a situação. Na época, eu era bem mais magro; pulei por uma janela, tirei os pinos da porta dos fundos e invadimos a torre da CTI. A torre já era, tecnicamente, um edifício público, pois havia sido entregue como pagamento de dívidas à Fazenda do Estado pela massa falida da Companhia Nova América, que foi quem realmente faliu, e não a CTI.

Nossa ideia era transformar a torre no prédio de Arquitetura, pois, ao mesmo tempo, as dependências do departamento de Arquitetura no centro da cidade já eram insuficientes para o tamanho do curso, que estava em franco crescimento. Ao subir na torre, imaginamos que cada andar poderia ser um ateliê, com algumas salas de aula no térreo, entre outras adaptações. No entanto, logo percebemos que o elevador era pequeno e que precisaríamos resolver algumas questões de circulação para transformá-lo em uma faculdade prática e funcional. Durante a segunda ocupação que fizemos, acompanhados da professora Dalva Elias Thomás, olhamos do alto para o prédio que hoje abriga o curso de Arquitetura e comentamos entre nós que aquele espaço seria ideal: uma praça central, dois blocos, ateliês, salas de aula.

De certa forma, naquele momento, desenhamos mentalmente a faculdade naquele espaço. Daí as coisas foram acontecendo, os movimentos se desenvolvendo.

Durante a administração do professor Chiquinho, a universidade acabou adquirindo a quadra onde hoje funciona o curso de Arquitetura. Nós ocupamos o espaço ainda com o pedreiro trabalhando. Dávamos aula ao lado dele, que estava ali arrumando o telhado na escada, justamente para ocupar o edifício o quanto antes.

A partir desse momento, fizemos grandes melhorias no prédio, sempre respeitando suas características originais e provando que é possível usar edifícios históricos de forma contemporânea, valorizando a história e trazendo elementos de modernidade. Resgatamos, inclusive, alguns trechos dos folclóricos túneis da CTI. Temos ali um pequeno segmento desses túneis de serviço, e, até hoje, de vez em quando, aparece alguém da cidade querendo visitar, e nós abrimos as portas com o maior prazer.

Tenho grande orgulho do nosso departamento de Arquitetura. Acredito que é um dos melhores prédios para uma escola de arquitetura em todo o estado de São Paulo, e isso não sou só eu que afirmo; outros professores compartilham essa opinião. Na comemoração dos 45 anos do departamento, o professor Marcos Acaiaba, professor titular aposentado da USP e também nosso antigo professor, disse, ao visitar o prédio: “Depois da FAU, este é o edifício que eu mais gosto.” Esse é um testemunho idôneo da beleza e da qualidade das nossas instalações. Fico bastante emocionado com isso.

Nunca digo “eu”, sempre digo “nós”, porque a luta pela memória e pela preservação é uma luta coletiva. Buscamos a qualidade de vida — preservar a memória e os bens públicos e culturais que a cidade possui é essencial para o bem-estar de todos. Pensamos no futuro ao guardarmos o passado. São mais de 35 anos de dedicação.

Tenho uma relação excelente com meus alunos. Nunca tive problemas sérios, talvez um ou outro caso isolado, mas nunca por questões didáticas. Nunca fui um professor “bonzinho”. Se perguntarem a meus alunos, eles dirão que minhas provas eram de tirar o sono, mas acredito que o aluno respeita aquele que ensina com rigor. A pior coisa é um professor bonzinho demais, pois o “bonzinho” é aquele que ensina de maneira insuficiente, com pena de exigir.

Tenho muitos amigos dentro do departamento e também na cidade de Taubaté. No ano passado, tive a honra de receber o título de cidadão taubateano e, desde então, me considero um taubateano. Gosto muito desta cidade e da universidade, a ponto de me incomodar quando alguém as critica.

Estudar arquitetura brasileira é fundamental para construir repertórios. Nossa produção artística reflete tradições e rupturas; no campo da arquitetura, essas tradições são influenciadas pelo clima, pela geografia e pela evolução do morar. A história da arquitetura, para um estudante, não é apenas o estudo de eventos históricos, mas a compreensão da evolução dos espaços e da tecnologia que caracterizaram a construção de uma arquitetura específica para cada época. Costumo lembrar que a arquitetura é uma intervenção na geografia pela ótica da história.

Por exemplo, ao observar hoje a Capela do Pilar, construída em terreno plano e com taipa de pilão, ela explica muito bem o período colonial e a relação de Taubaté com as minas. Da mesma forma, ao olharmos para a Torre da CTI, construída em concreto, com certo

destaque para o estilo art déco, vemos uma modernidade que remonta às décadas de 1920 e 1930, inserida na paisagem da cidade. Nosso papel principal é formar profissionais ligados à arquitetura e ao urbanismo. Muitos de nossos ex-alunos, como o atual secretário de obras e planejamento da cidade, ocupam posições importantes; outros, que já passaram por secretarias, também foram nossos alunos. Pensamos o espaço urbano, pensamos a arquitetura.

O arquiteto é o único profissional que pensa o espaço com essa sensibilidade, que tem consciência da memória. Acredito que essa formação constrói profissionais mais conscientes do ambiente em que vivem e as visitas à região reforçam essa conscientização, tornando-os mais preparados para a prática profissional. Essa é uma contribuição não só para Taubaté, mas para toda a região.

Nós também temos, dentro da Arquitetura ligada à Pró-Arquitetura de Extensão, o Núcleo de Preservação do Patrimônio Cultural. Ele foi criado originalmente para atender à necessidade de preservação dos edifícios históricos pertencentes à própria universidade, que necessitavam de reforma. O restauro, entretanto, é diferente de uma simples reforma e requer outra sensibilidade para lidar com esses edifícios. No entanto, somos o único órgão técnico em toda a região. Por conta disso, acabamos estabelecendo parcerias com municípios, como na criação da Lei de Tombamento em Pindamonhangaba. Também atuamos em Bananal e em muitos dos trabalhos usados para a reconstrução dos edifícios de São Luís do Paraitinga, que foram levantamentos realizados pelos alunos dentro desse núcleo. Esse espaço do Núcleo de Preservação, em conjunto com o curso de Arquitetura, permitiu que estudássemos os projetos de restauro com um viés prático.

Intervimos no Conjunto do Bom Conselho, promovendo obras de restauro e de conservação neste prédio, no próprio Prédio da Arquitetura, no Solar da Viscondessa e, mais recentemente, na Vila Santo Aleixo, que está em fase final de acabamento. Atualmente, temos também a preocupação com o Conjunto do Rosário e com a Escola Lopes Chaves.

Sinto muita falta dessa rotina. Tanto que estou aqui hoje; pude participar da viagem pedagógica ao Rio de Janeiro com os alunos, semana retrasada, e, de vez em quando, atendo a alguma orientação que me pedem. Continuo sendo sempre um professor e, ao mesmo tempo, um estudante, porque estou constantemente estudando arquitetura. Agora, vamos ver o que o futuro nos reserva. Ninguém fica parado.

A UNITAU teve um papel importante na minha vida durante esses 35 anos de convivência, colaborando de forma fundamental comigo e me permitindo também colaborar com a universidade. Fiz o mestrado em Ciências Ambientais dentro da Universidade de Taubaté, onde estudei a relação entre o cemitério e as cidades do Vale do Paraíba no século XIX. A UNITAU me proporcionou essa oportunidade, e, mais do que tudo, possibilitou a convivência com inúmeros alunos, com os quais, ao longo de 36 anos, tive o prazer e a honra de conviver, ensinar um pouco e aprender muito.

Como a área de conhecimento é Ciências Ambientais, resolvi estudar a arquitetura do século XIX e a criação de cemitérios municipais, que surgem a partir de uma lei sanitária proibindo os enterros dentro das igrejas, como era comum no chamado enterro eclesiástico do século XIX. Sob pressão das sociedades médicas e dos próprios médicos, foram criados então os cemitérios públicos. Aqui em Taubaté, temos o caso específico do cemitério da Venerável

Ordem Terceira, ao lado do convento, que não é público. Ele foi concebido para os irmãos da Ordem Terceira de São Francisco, mas acabou sendo utilizado por boa parte da população. O cemitério municipal, por sua vez, é o do Alto do Humaitá, do outro lado da Dutra, que foi estabelecido por orientação do Dr. Winter, que estudou os ventos e temia que o ar pestilento do cemitério contaminasse a cidade. Na época, acreditava-se na teoria miasmática, que considerava que vapores pestilentos — os chamados miasmas — contaminavam as pessoas. A teoria microbiana ainda não era conhecida, e, com base nessa ideia, os cemitérios foram concebidos e acabaram por influenciar o desenho das cidades ao longo do tempo.

A Fazenda Quilombo é um exemplo típico do século XIX, com arquitetura em taipa de pilão e localizada em terreno plano. O que torna a fazenda especialmente interessante é o fato de que todas as suas instalações estão praticamente intactas. Em muitas fazendas, resta apenas a casa-sede. Na Fazenda Resgate, em Bananal, por exemplo, temos um belo solar, mas já não existem atulhas, senzalas e terreiros; aquela espacialidade típica da produção cafeeira se perdeu. Na Fazenda Quilombo, contudo, essa organização espacial ainda é preservada. Ela possui uma casa com estrutura tradicional, com sala na frente, alcovas no meio e áreas de serviço no fundo, além de anexos para os serviços. O vazio do terreiro é o elemento que, de certa forma, define a disposição das construções na unidade cafeeira.

Gostaria que a UNITAU fosse mais integrada com a cidade e a prefeitura. Meu sonho, como professor, é o de que tivéssemos uma atuação mais próxima para as benfeitorias da cidade. Seria interessante que a medicina, a odontologia, a fisioterapia e as áreas biomédicas atuassem mais na saúde pública e que os arquitetos, engenheiros e outros profissionais colaborassem no planejamento e na concepção dos espaços urbanos. Mas, infelizmente, isso ainda não é possível. Não é por falta de vontade, mas porque as relações entre a prefeitura e a UNITAU não são tão fáceis.

Uma atividade que realizo com os alunos é sair pelas ruas para observar a arquitetura que temos. Infelizmente, não temos o hábito de caminhar. A caminhada permite um ritmo e um tempo maior para observar o entorno, o que nos ajuda a perceber estilos e influências arquitetônicas diferentes. Com esse conhecimento, preservamos melhor o que temos. Sempre mantemos uma troca muito rica com a professora Raquel Abdala, do Departamento de História, e acredito que essa interação é enriquecedora para ambos os lados, para a universidade e para a cidade.

11

Daniel Drumond

Eu sou Daniel Drumond e estou na Universidade de Taubaté desde agosto de 2022, na abertura do campus em Caraguatatuba. Nasci em Montes Claros, Minas Gerais, e a escolha pela Medicina, para mim, foi muito natural e espontânea. Na verdade, nem sei como escolhi a Medicina, não tenho médicos na minha família, foi algo muito interno. Claro que tive o apoio de todos, principalmente dos meus pais, mas foi algo bem individual. Sempre gostei de cuidar de pessoas e acho que vi na Medicina uma forma de fazer isso. Foi algo que desde criança exteriorizei para os meus pais, que queria ser médico sem ninguém nunca ter falado ou me direcionado nesse sentido. Por isso digo que foi algo bem pessoal, bem interno.

Fiz a graduação e a primeira residência de clínica médica, na Universidade Estadual de Montes Claros e me mudei para Ribeirão Preto em 2014, para fazer a segunda residência em nefrologia. Em Ribeirão Preto fiz o meu doutorado também, na Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão, tanto a residência de nefrologia quanto o doutorado e, final de 2018, resolvi ir junto com a minha família (nós resolvemos nos mudar para o litoral norte) para Caraguatatuba. Moro em Caraguatatuba há seis anos, no final de 2024, e o convite para fazer parte do time de docentes da UNITAU e fazer a coordenação pedagógica do curso em Caraguatatuba foi feito no início de agosto de 2022, logo na abertura do campus.

Já tinha sido professor em outra instituição, em Ribeirão Preto. Na verdade, sempre gostei de dar aula, desde monitoria para vestibular, durante as duas residências, durante o doutorado, já tinha sido médico assistente do Hospital das Clínicas da USP de Ribeirão, dando aula para residentes, para alunos do internato da USP de Ribeirão, de outra instituição de ensino superior também, mas nunca de forma tão intensa e desafiadora como há dois anos na Universidade de Taubaté.

Como médico, finalizei a minha gradua-

ção em 2011, há 13 anos (me formei em julho de 2011), e as minhas primeiras experiências foram bem enriquecedoras. A cada nova experiência, tinha a certeza de que escolhi a profissão certa, a profissão que me faz feliz, realizado, que faz com que consiga cumprir aquele meu objetivo, que é cuidar de pessoas, fazer a diferença na vida das pessoas. Em cada profissão, isso faz sentido, mas para mim, pessoalmente, na Medicina, me encontrei e consegui contemplar esse que sempre foi o meu principal objetivo.

Minha palavra em relação à área da docência, de professor, é desafio. Ser médico é algo intrínseco para mim, algo, como disse, natural. Sempre gostei de dar aula, mas para mim ser professor foi muito mais desafiador e, na verdade, isso me desafia todos os dias. Vejo que, na área da docência, tenho a oportunidade de ser uma pessoa melhor, não só um profissional, mas uma pessoa melhor, mais completa, mais capacitada, mais útil.

Acho que essa é a verdadeira missão que o educador precisa assumir, uma missão e um compromisso de ensinar, de educar, de mostrar o caminho, de orientar. Vejo a oportunidade de formar profissionais como algo muito louvável e rico. Falo isso para os alunos, sempre que tenho oportunidade “nós não queremos formar apenas médicos capacitados tecnicamente, nós queremos formar médicos humanos, empáticos, médicos que se importam, médicos que têm empatia com o paciente, que se colocam no lugar do outro”. Nós temos uma missão de fazer com que, durante seis anos, o aluno saia com toda a capacidade técnica, com todo o conhecimento científico necessário para uma prática médica embasada, mas queremos formar também um ser humano preocupado, ativo, empático, que presta a melhor assistência para os pacientes que eles precisam.

A cada semestre, temos novas disciplinas, a turma mais avançada no campus está no quinto período. A cada semestre é um desafio, são novas disciplinas, novos professores, tudo mais desafiador. Mas, pelo fato de ser tão desafiador, vejo que é ainda mais gratificante quando vemos as coisas funcionando, os nossos planos sendo concretizados, os alunos recebendo uma educação de qualidade. Brinco que, quanto maior o desafio, mais gratificante é para nós quando vemos fluindo bem.

Para mim, pessoalmente, o maior desafio para além de dar aula e ensinar foi assumir a coordenação pedagógica de um curso de Medicina, em uma universidade tão tradicional e conceituada como a Universidade de Taubaté. Acrescento a isso a questão de se tratar de um campus novo, numa região - o Litoral Norte -, que nunca teve um curso de Medicina. De longe, isso foi o mais desafiador. Foi e ainda é. Mas isso nunca me desmotivou ou amedrontou, pelo contrário, isso me motiva ainda mais para fazer um bom trabalho e poder fazer a diferença para os alunos.

Entrei na UNITAU como coordenador pedagógico, e ainda estou. Falo que o coordenador pedagógico que não leciona, que não consegue exercer a função da forma que deveria, tem que estar dentro da sala de aula para fazer a coordenação com mais propriedade e segurança.

São 60 alunos por semestre, a cada semestre ganhamos mais 60 alunos. Atualmente, em 2024, estamos com cinco turmas, 300 alunos, e vamos chegar aos 720 quando nós tivermos os 12 períodos, as 12 turmas, em 2028. A partir deste ponto, sempre teremos as 12 turmas. Até lá nós vemos essa ampliação semestre por semestre, e os desafios só aumentando e corremos atrás para manter o ensino de qualidade que a UNITAU preza e tem.

Desenvolvemos muitos projetos importantes, não consigo eleger um ou dois. Tenho vários exemplos de projetos extremamente gratificantes para mim como coordenador pedagógico, para

os outros professores, para os alunos, para a comunidade do litoral. Nós vemos nos vários projetos de extensão, na atuação das ligas acadêmicas benefícios diretos para a população da região. Os projetos desenvolvidos ajudam e dão assistência. Os alunos participam junto aos hospitais, às unidades básicas, às unidades de pronto-atendimento, até junto à rede de escolas municipais. Assim, são muitas iniciativas que a universidade traz como ganho para a região, para a população, para alunos, ou seja, para todos os envolvidos, para nós professores. São vários projetos que me deixam orgulhoso, motivado e estimulado a crescer, vamos dizer, dar suporte para que isso aumente e se desenvolva cada vez mais ao longo do tempo.

Temos alguns projetos de extensão, como o projeto Bem Gestar, que participa em várias ações na Casa de Saúde Stella Maris, nas unidades básicas de saúde. O projeto de extensão Foco na Mente, que participa mais na área de saúde mental e apoio aos pacientes, servidores públicos, alunos, professores, que está em franca expansão em Caraguatatuba, e existe há mais tempo em Taubaté. Temos as ações do nosso Diretório Acadêmico, Stella Zöllner, em homenagem à professora Stella, que se aposentou, mas começou a implementação do campus comigo e me ajudou bastante no início da coordenação pedagógica. O Diretório Acadêmico recebeu o nome dela em homenagem a todo o trabalho que fez. Os alunos do Diretório Acadêmico têm bastante iniciativa, social e educacional, em Caraguatatuba e nas outras cidades do Litoral Norte. Quando teve a catástrofe em São Sebastião, em fevereiro de 2023, salvo engano, vimos a universidade se mobilizando para ajudar, nós vivenciamos as ligas, os projetos de extensão, o Diretório Acadêmico, a atlética, quando teve essa catástrofe no sul do país, da mesma forma.

Isso é importante, pois como disse, não queremos formar o profissional só com capacidade técnica, só com conhecimento científico. Queremos formar o ser humano, preocupado com o meio social que ele está envolvido, e quando vemos isso acontecendo de forma tão natural, espontânea e engajada é muito bonito. Recompensa todo o nosso esforço e é bastante gratificante para mim e para todos os professores.

Estes são apenas alguns exemplos, mas teriam vários outros, de como nós percebemos os alunos engajados, e a UNITAU dá todo o suporte e todo o incentivo necessário para que isso aconteça.

A UNITAU representa para mim uma verdadeira transformação. Acho que posso dizer que para mim e para todos que estão envolvidos na universidade. Falo que a educação de qualidade, a educação como a universidade proporciona, transforma todos os envolvidos, transforma o aluno, os servidores, os professores, transforma vidas. A educação de qualidade que a UNITAU proporciona para todos os envolvidos é transformadora! Se tivesse uma palavra para escolher o que representa a Universidade de Taubaté para mim, seria, com certeza, transformação.

A UNITAU trouxe uma oportunidade, quando falei que escolhi a Medicina porque cuidar de pessoas sempre foi importante para mim, a UNITAU me dá uma oportunidade de fazer algo que considero ainda mais impactante, mais importante, que é ensinar outras pessoas, outros alunos, a cuidar de pessoas. Conseguir levar essa mensagem de que o médico não tem que se preocupar com questões financeiras, tem que se preocupar em cuidar de pessoas. A satisfação que tenho em ter a oportunidade de ensinar isso para os alunos e mostrar para eles, direcioná-los nesse caminho, maximiza, e muito, esse meu desejo lá atrás que compartilhei com vocês. É como se isso me fizesse ainda mais realizado como profissional. Sinto-me muito grato e honrado por ter essa oportunidade.

12

Éder Minhoto

Eu sou Eder Salim Minhoto, natural de Taubaté, e a Universidade de Taubaté faz parte da minha vida desde 1974, ou seja, 50 anos. Nesse ano entrei no famoso Colégio Industrial, hoje conhecido como Colégio Dr. Alfredo José Balbi, da Universidade de Taubaté. Depois do colégio, cursei Engenharia Elétrica na mesma universidade e comecei a lecionar nesse Colégio a partir do terceiro ano de Engenharia. Desde então, até a minha aposentadoria em 2020, fiz parte dessa grande Instituição de ensino.

Após me formar em Engenharia, trabalhei fora, na Hidroelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu. Depois, trabalhei em plataforma de petróleo. Em seguida, fui contratado pela Eletropaulo, Eletricidade de São Paulo, onde trabalhei em São Paulo, São José dos Campos, até retornar a Taubaté, sempre atuando como Engenheiro nessa companhia e concomitantemente como professor na Unitau, já que lecionar sempre foi minha grande paixão.

A Engenharia sempre foi um sonho para mim. Sempre me interessei pela área da Engenharia Elétrica, especialmente na geração, transmissão e distribuição de energia. Desde o colégio, o curso de Eletrotécnica se encaixou perfeitamente nos meus interesses. Posso mencionar com toda certeza que o colégio e o curso de engenharia dessa Universidade me deram uma sólida formação na minha carreira.

Entre com 14 anos. Portanto, estou na universidade desde essa idade; é uma instituição muito importante na minha vida. Meus irmãos também fazem parte dessa história da UNITAU. Meu irmão Djalma trabalhou na UNITAU por muito tempo; ele é engenheiro civil e se formou na Universidade, sua vida profissional inteira foi na Unitau. Meu irmão mais novo, também estudou na UNITAU, formou-se em Engenharia Mecânica. Minha irmã estudou na Universidade e se

tornou professora; a maioria da família é de engenheiros. Somos três engenheiros, uma professora e o outro irmão foi comerciante, era o famoso Salim das esfihas, depois de ter cursado administração nessa instituição.

Meu pai não era engenheiro. Ele trabalhou na Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, e minha mãe cuidava com muito zelo dos cinco filhos. Os dois sempre nos mostraram a importância dos estudos.

Me tornar professor foi uma experiência interessante. Estava no terceiro ano de Engenharia quando um amigo professor, que também foi meu professor no colégio, precisou fazer um estágio na Volkswagen, daí surgindo uma vaga para lecionar. Ele me sugeriu as aulas, fiz o concurso e, assim, fui “mordido pela mosquinha” do ensino. Desde então, me apaixonei pela docência. Comecei a dar aulas com 20 anos, praticamente para alunos quase da minha idade. Depois de formado, fui trabalhar fora, mas sempre que voltava para a região, dava aulas à noite e/ou aos sábados para os alunos do colégio.

Como disse anteriormente, eu trabalhei como engenheiro durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu, em 1983. Depois, fui para plataforma de petróleo que ficava em águas oceânicas, ficando sempre 14 dias diretos no mar; primeiramente em Ilhéus, na Bahia, e depois seguimos para a Bacia de Campos. Embora tivesse 14 dias de folga, não conseguia conciliar com a docência. Porém, quando entrei na Eletropaulo, realizei outro sonho, pois era a área da Engenharia Elétrica que mais me atraía. Isso aconteceu graças à indicação de professores da universidade. Assim que entrei, comecei a dar aulas aos sábados e/ou à noite. Em 2000, decidi me dedicar exclusivamente à carreira acadêmica. Foquei em ser professor, que sempre foi a minha verdadeira vocação, e passei a lecionar, primeiramente, nos cursos de Engenharia e depois nos diversos cursos da Universidade.

A experiência como engenheiro foi valiosa, colaborou muito na carreira docente. Isso porque eu vi os conceitos aprendidos sendo aplicados nas empresas, trazendo uma bagagem valiosa para os alunos. Comecei dando aulas de eletricidade na Universidade de Taubaté e, após fazer pós-graduação em Matemática, passei a ensinar Cálculo Diferencial e Integral, que é uma disciplina fundamental para os cursos de Engenharia. A Matemática também sempre foi uma grande paixão. Lecionando Cálculo, sempre buscava enfatizar a importância da base da Engenharia para a profissão.

Em 2000, fiz mestrado em Ciências Ambientais, também na UNITAU, na primeira turma desse mestrado. Fui chefe do Departamento de Engenharia Civil por dois mandatos e da Engenharia Elétrica por mais dois mandatos. Também participei de vários conselhos, por inúmeros mandatos, como o CONSAD, CONSEP e CONSUNI, por exemplo. Sempre estive muito envolvido na vida acadêmica da UNITAU. Tenho orgulho de dizer que faço parte dessa instituição desde muito jovem.

O maior desafio, como professor, sempre foi motivar os alunos e mostrar a importância dos estudos, especialmente em um país que precisa de profissionais qualificados. Sempre mostrando aos discentes o grande potencial que cada um possui. Que a pior coisa que eles poderiam fazer era não tentar. Como Diretor de departamento, havia desafios diários, como atender os interesses dos alunos e professores da melhor forma possível, visando um curso e uma formação de excelência. Ser Diretor traz grandes responsabilidades, principalmente em

relação à qualidade do curso e às exigências de diversos organismos oficiais. Mas, no final, tudo valeu a pena e foi muito gratificante.

Nos conselhos, me lembro que discutíamos desde a atribuição de bolsas de estudo até questões mais complexas, como o orçamento da universidade, parcerias, eleições, etc. Foram inúmeros assuntos discutidos.

Como diretor do Departamento de Engenharia Civil, em minha gestão, reformulamos fisicamente todo o departamento, atualizamos as ementas e grades curriculares e adquirimos novos equipamentos. O curso de Engenharia Civil era muito procurado, possuindo muitos alunos. A rotina era bastante dinâmica. A Engenharia Elétrica, com menos alunos, era mais alinhada com minha área de interesse. Procurei sempre modernizar os cursos, com ementas atualizadas buscando melhorias e enfrentando muitos desafios com responsabilidade, sempre com foco no aluno.

Um dos maiores desafios era trabalhar com alunos que vinham com a base das escolas anteriores deficientes e ajudar a transformá-los, motivando-os a não desistir e mostrando que seriam capazes de realizar seus sonhos. A matéria que eu lecionava, Cálculo, muitas vezes era considerada a mais difícil do curso, mas sempre procurei mostrar a sua beleza, o seu encanto e importância. A satisfação era enorme quando, anos depois, eles me reencontravam e expressavam gratidão. Eu terminava minhas aulas com a seguinte frase: “Foi um prazer incomensurável”, a qual até hoje eles lembram, pois era isso mesmo. Receber mensagens de ex-alunos relembando esses tempos é extremamente gratificante. O que realmente não tem preço é ver um aluno se formando, a alegria do aluno, dos familiares e o orgulho dos pais. Essa experiência é a mais satisfatória para um professor.

Como eu disse, minha disciplina era Cálculo, que é um pouco complexa e exige uma base sólida do segundo grau. Sempre procurava motivar os alunos, pois o professor também tem um papel de psicólogo e motivador. Eu gostava de atender alunos que tinham dificuldades, e isso me dava mais prazer: ajudá-los a perceber que todos têm potencial e que são capazes. Só porque vieram de uma base mais fraca não significa que não podem igualar-se. Conseguia fazer isso, a maioria das vezes, e era muito gratificante. A relação com os alunos era muito boa. Dava aula no primeiro ano, de uma matéria difícil, e por várias vezes fui convidado para ser paraninfo da turma. Achava curioso, pois o professor de Cálculo é considerado o “terror da turma”, mas eles viam que eu realmente estive sempre ao lado deles.

Fui muito feliz como professor, muito mesmo; era minha vocação. Sempre digo que sou engenheiro, trabalhei como engenheiro, mas lecionar era a parte mais deliciosa, mais desafiadora, mais dignificante. Às vezes, vinha para a aula com problemas de fora, mas quando chega em classe e começa a lecionar, é como se fosse uma terapia. Eu saía leve e feliz, e dava aula até tarde da noite, o que me trazia muito prazer.

Salientando, como aluno, fiz o curso técnico de Eletrotécnica, depois Engenharia Elétrica, em seguida especialização em Matemática e, por fim, mestrado em Ciências Ambientais. Minha formação foi toda aqui na UNITAU; brinco que sou filho da UNITAU. Tudo que sou, devo a esta universidade, a qual sempre tive muito orgulho.

Tive muitos professores exemplares ao longo da minha trajetória. Se eu for citar nomes, posso ser injusto com outros, mas vários professores foram fundamentais na minha forma-

ção. Segui o exemplo deles e tinha uma ânsia enorme por conhecimento. Eram excelentes professores que, em grande parte, também trabalhavam em empresas, e eu ficava sempre perto deles, buscando aprender algo.

No primeiro ano do curso, já pensava em ser professor. Quando surgiu a oportunidade de dar aula, fiquei um pouco apreensivo, pois olhando para aqueles alunos que estavam quase da minha idade, pensei: “O que eu faço agora?”. Mas com o tempo, fui criando empatia com todos e ganhando experiência, e fui seguindo em frente, criando a minha história. Afinal, tudo tem um começo.

A UNITAU teve um papel fundamental na minha vida. Tenho quatro filhos: Vinícius, Luísa e as gêmeas Renata e Flávia. A Luísa cursou Direito nessa Universidade e hoje é uma excelente advogada. Uma das minhas maiores emoções foi entregar o diploma para ela no dia da formatura. As gêmeas cursaram Medicina; uma trabalha no HU de Taubaté e a outra está em São José dos Campos, no Hospital da Vila Industrial. Todas as três filhas se formaram na UNITAU, e isso representa muito para mim. Ir a uma formatura de um filho ou filha é uma emoção incrível, especialmente de uma universidade que você tanta ama e que foi tão importante na sua vida.

Não vejo Taubaté sem a Universidade de Taubaté. Ela é um orgulho para todos nós. A cidade deve muito à universidade, que tem formado diversos profissionais que se tornaram prefeitos, vereadores, empresários, ótimos profissionais, etc. A maioria dos profissionais da área de exatas, que trabalham na região, se formou na UNITAU, e ao longo dos anos, eu vi muitos alunos se tornarem empresários de sucesso. A UNITAU é vital para a cidade; sua importância é algo extraordinário.

Quanto ao ensino, eu vi a modernização e muitas mudanças, até no jeito de dar aula. Hoje, temos celulares e equipamentos que ajudam bastante. Vi muitos cursos crescendo e outros que tiveram que se adequar para atender à demanda. Vejo a universidade avançando e caminhando para frente. Desejo uma vida longa para ela.

Eu orientei vários alunos no CICTED, mas, na época, era mais chefe de departamento e não tinha muito tempo. Cheguei a orientar alguns alunos nesse projeto e sempre participava da avaliação dos trabalhos, que era muito interessante. O trabalho de alguns alunos era realmente de nível muito alto.

Me aposentei em 2020, logo após o início da pandemia. Lembro que cheguei a dar aulas online enquanto a pandemia ainda estava acontecendo. Sinto falta da universidade; vamos criando novas rotinas, mas sempre bate a saudade. Hoje, por exemplo, uma aluna me mandou uma foto antiga da sala de aula da engenharia Civil, onde dei aula por muito tempo. Isso trouxe à tona boas memórias, como as aulas de Cálculo nessa sala imensa que chamávamos de “Maracanã”.

Fiz excelentes amizades na UNITAU e ainda tenho muitos amigos na universidade. Participei muito da vida acadêmica e construí fortes relações de amizade, desde o pessoal da reitoria até os operacionais, pois passei muitas horas na Universidade e isso gerou um vínculo especial com alunos e colegas. Sempre falava em minhas aulas que era um prazer incomensurável.

Sempre houveram muitos episódios marcantes. Uma lembrança que me vem à mente é

de um aluno que, na época, era muito inseguro. Ele pensou em desistir várias vezes, e eu o incentivei a seguir em frente, ressaltando o seu valor. Hoje, ele é um empresário de sucesso e um dia me encontrou para me agradecer, emocionado, por não ter desistido. Costumo citar Fernando Pessoa: “tudo vale a pena se a alma não é pequena.”

Minha história valeu a pena, com certeza. Hoje, vendo minhas filhas formadas e trabalhando na área, isso já faz valer a pena. Devo muito à UNITAU; mesmo tendo trabalhado como engenheiro, foi como professor que me realizei bastante. A universidade faz parte da minha vida há 50 anos; me formou, me deu os recursos necessários e me ajudou a formar meus filhos. Ela tem total importância na minha trajetória.

Se eu fosse definir a universidade em uma palavra, seria amor. É uma relação de amor, onde passamos por alegrias e tristezas, mas na maioria das vezes foram alegrias. Existe muito amor pela universidade.

Foi um orgulho muito grande para mim, ver meus filhos estudando na UNITAU. Sou muito grato a toda a formação por eles adquirida aqui nessa universidade. Como sempre digo ao finalizar minhas aulas, foi uma grande honra fazer parte dessa universidade, que ainda está no meu coração. E acho que deixei uma lembrança nos alunos e no departamento.

Desejo vida longa à nossa querida universidade e reitero que foi um prazer incomensurável.

13

Edilene Dutra

Meu nome é Edilene Dutra Morais da Fonseca. Trabalhei na Universidade de Taubaté por 37 anos, ingressei na universidade aos 18 anos, como auxiliar administrativo no Setor de Arrecadação e, posteriormente, fui transferida para a Coordenadoria de Tecnologia da Informação, onde trabalhei por 35 anos. Ocupei os cargos de programadora, analista de sistemas e, finalmente, coordenadora da Central de Tecnologia da Informação nos últimos 11 anos de minha carreira, aposentando-me em 6 de junho de 2024. Nasci em Santo Antônio da Platina, Paraná, e vim para Taubaté porque meu pai mudou-se para cá por motivos profissionais, e toda a família o acompanhou.

Aqui estabelecemos nossa vida. Formei-me em Tecnologia em Processamento de Dados e, em 2000. Concluí também a licenciatura em Matemática, ambos os cursos na UNITAU.

Sempre fui apaixonada pela área de exatas, incentivada por minha mãe, que, apesar de ter pouca formação acadêmica, possuía grande facilidade em matemática e me ajudava bastante nos estudos. Acredito que essa influência familiar contribuiu para minha escolha profissional.

Minha experiência como professora foi gratificante, mas precisei deixar o magistério na escola de Aplicação da UNITAU após o nascimento do meu filho, pois não conseguia conciliar as responsabilidades do cargo técnico (analista de sistemas, na época) com a docência, que era noturna.

A Central de Tecnologia da Informação é responsável por toda a infraestrutura tecnológica da Universidade de Taubaté: redes cabeadas e sem fio, sistemas e demais recursos de T.I.. O cargo de Coordenadora de T.I. exigia alta disponibilidade, pois imprevistos ocorriam a qualquer hora: problemas na fibra óptica, nos Data centers, sistemas, entre

outros. Era um trabalho intenso, mas que eu adorava muito as atividades que desenvolvia. Ao longo dos 11 anos em que atuei como coordenadora, vivenciei diversas mudanças.

Quando iniciei minhas atividades na Central de Tecnologia da Informação, contávamos com poucos sistemas disponíveis. Posteriormente, começamos a desenvolver sistemas próprios, incluindo o de folha de pagamento, o de processo seletivo e o sistema de gestão acadêmica. Esses sistemas foram desenvolvidos internamente, pelos próprios servidores da UNITAU, sem a contratação de empresas externas. Utilizávamos a linguagem de programação COBOL e CLIPPER, hoje consideradas obsoletas.

Com o tempo, aprimoramos os sistemas existentes e implementamos novos para atender às crescentes demandas da universidade. A pandemia intensificou a necessidade de recursos tecnológicos, exigindo um trabalho intenso e dedicado da equipe. Conseguimos manter as atividades da universidade em funcionamento, mesmo com o regime de trabalho remoto, o que representou um grande desafio e uma vitória para a instituição, considerando que muitas universidades com recursos muito superiores não conseguiram o mesmo feito. Nós, na Central de Tecnologia da Informação, formamos uma equipe coesa e eficiente de 17 servidores, o que foi fundamental para o sucesso.

Comecei a trabalhar na universidade em 3 de abril de 1987, aos 18 anos, na função de auxiliar administrativo, no setor de Arrecadação, no ano seguinte, ingressei no curso de Tecnologia em Processamento de Dados. Após dois anos, solicitei transferência para a Central de Tecnologia da Informação (na época com outro nome, Secretaria de Informática). Essa transferência foi crucial para minha carreira.

Particpei da melhoria da infraestrutura de rede de dados, da contratação de sistemas especializados para folha de pagamento e gestão administrativa/financeira e para a gestão acadêmica. Tudo isso deixou uma marca significativa na universidade. Também dei aulas para o Ensino Médio e no curso técnico em Processamento de Dados, na Escola de Aplicação. Foi gratificante ver o sucesso dos meus alunos, muitos dos quais hoje trabalham na área de tecnologia, em empresas renomadas, inclusive nos Estados Unidos.

É emocionante falar sobre meu papel na Unitau, pois tenho imensa gratidão por essa instituição. Trabalhei aqui por 37 anos, e sou formada e casada com um egresso da UNITAU. A universidade contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, além de nos auxiliar no crescimento financeiro. Gostaria que meu filho pudesse estudar aqui. Sinto muita falta da universidade e de meu trabalho como coordenadora de TI, cargo que ocupei por 11 anos. Foi um grande desafio, mas gratificante. Preparei-me para a aposentadoria buscando novas atividades. Comecei a fazer cerâmica, e essa nova atividade me agrada muito. Também pratico atividade física regularmente.

Apesar de ter me aposentado, ainda visito a universidade com frequência, e encontro meus antigos colegas de trabalho e amigos. A UNITAU é parte fundamental de Taubaté, e não consigo imaginar a cidade sem a universidade. A instituição é gigante, e suas ações se fazem presentes na vida das pessoas. Tive o privilégio de conviver com diversos reitores e adquirir grande experiência durante meus 37 anos de trabalho. Guardo a logomarca da UNITAU em meu coração.

14

Edson Trajano

Sou Edson Trajano. Fui aluno da Universidade de Taubaté de 1991 a 1995 e sou professor desde o ano 2000. Sou natural do Paraná e vivi até os 10 anos na zona rural do estado, onde frequentei uma escola rural e completei meu ensino primário, até a quarta série. Posteriormente, eu mudei para o Mato Grosso do Sul, onde a escola ficava muito distante de casa, o que me levou a ficar afastado dos estudos por oito anos. Aos 18 anos, retomei os estudos por meio de um supletivo, iniciando na primeira série do ensino fundamental, pois não possuía documentação que comprovasse a conclusão do primário. Em um ano, completei as disciplinas no sistema modular e o ensino fundamental. Assim, comecei o curso de magistério. Na época, havia duas opções: contabilidade ou magistério. Optei pelo magistério, pois sempre quis ser professor.

Em 1989, mudei-me para o município de Taubaté, onde resido há 35 anos. Recebi o título de cidadão taubateano pela Câmara de Vereadores. Hoje, sou um cidadão Taubateano! Minha mudança para a cidade ocorreu devido à presença de familiares e a uma oportunidade de emprego. Realizei um curso técnico de Raio - X, na época radiologia, que me ajudou a custear meus estudos e despesas, já que não contava com apoio financeiro familiar. Não tinha patrocinador e nem pai podia bancar essa faculdade! Conseqüentemente, eu trabalhava no hospital e fazia a faculdade de economia. Trabalhava mais aos finais de semana, razão pela qual eu tinha bastante tempo para estudar ao longo da semana. Trabalhei por 8 anos, durante a graduação e do mestrado, todos os domingos para facilitar os meus estudos.

Cursei a graduação em economia entre 1991 e 1995. Na faculdade, participei de tudo o que era possível! Fui representante do centro acadêmico por três anos e ocupando o cargo de primeiro secretário. Também integrei o Conselho Nacional de Estudantes de Economia e o Conselho Regional de Estudantes de Economia. Viajei o Brasil pelo movimento estudantil, par-

ticipando de vários trabalhos ligados à discussão sobre a formação dos economistas e as políticas econômicas do país a época, como Plano Collor e Plano Cruzado.

Sempre adotei uma postura conciliadora, uma discussão de economia mais de centro. Tínhamos dentro do movimento estudantil um grupo de alunos mais ligados aos partidos de esquerda, sobretudo mais ligados aos partidos comunistas no Brasil da época e alguns poucos mais ligados a uma direita liberal. Trabalhava mais como um mediador dentro do movimento estudantil. Era uma política mais propositiva, sem esse embate político que é mais tradicional do movimento estudantil, sendo um conciliador nessa trajetória.

É interessante, pois no curso de economia, estudamos três teorias principais: a economia clássica, de Adam Smith, que originou a economia liberal; a linha marxista, que foca na rentabilidade do trabalho e propõe a substituição do capitalismo pelo socialismo; e o keynesianismo, que defende a participação ativa do Estado no desenvolvimento econômico.

Adam Smith é o pai da economia moderna até os dias atuais, que é a escola de economia clássica e hoje a escola de economia liberal. Atualmente, há extremismos, mas, de um modo geral, essa escola de economia liberal defende que o crescimento das atividades econômicas é a prioridade, trabalhando dentro de uma política de pleno emprego, voltada para as empresas do setor privado. Os economistas que estudam essa área estão preocupados com o lucro da atividade econômica ou a rentabilidade do capital. É interessante destacar isso. Quem quer trabalhar no setor privado, normalmente, ou no setor financeiro, entra nessa área pensando em como maximizar o lucro do capital. Essa é a linha liberal. A questão que se coloca é que muitos liberais querem trabalhar no governo com essa mesma lógica. Isso é um grande problema, porque o Estado, um governo, tem uma outra perspectiva, que é promover o desenvolvimento e a qualidade de vida das pessoas.

Há uma outra linha, que é marxista. Essa perspectiva, dentro da faculdade de economia, é minoritária. A preocupação é com a rentabilidade do trabalho. Então, a partir de uma revolução e até uma substituição do sistema econômico capitalista por um socialismo, reduziria ou acabaria com a mais-valia, que é a renda produzida pelo trabalhador e apropriada pelo capitalista. O foco é uma política social.

Entre essas duas, nós temos o sistema econômico keynesiano, pensando o capitalismo com a participação ativa do Estado dentro de uma política desenvolvimentista. E o que vem a ser isso? É uma reforma do sistema econômico capitalista, que ocorreu principalmente após a grande depressão da década de 1930, que tem nessa ação de política econômica uma participação do Estado na atividade econômica, em um sistema econômico capitalista. Ou seja, as empresas continuam capitalistas, mas o Estado é o responsável por promover o desenvolvimento econômico com justiça social. Temos aí questões importantes, por exemplo, as políticas sociais e as políticas ambientais, que são políticas que precisam ser feitas pelo coletivo. Se o mercado dá conta das questões econômicas, as questões ambiental e social precisam de uma participação ativa do Estado na economia.

Em alguns lugares do mundo, como Canadá e norte da Europa, você tem uma participação da economia que chega a 50% do PIB. Esse modelo, que defendo, é também defendido por uma das referências na economia brasileira, o Celso Furtado. Acredito que o Estado deve promover o desenvolvimento, equilibrando o crescimento econômico e a inclusão social. É diferente do outro modelo que faz contraponto a isso, que pensa que o crescimento econômico é capaz de resolver os problemas sociais. Não! É necessário que os dois processos caminhem juntos, o crescimento com

a distribuição de riqueza e com preocupações ambientais.

Quando criança, na zona rural, eu não tinha noção do que era ser economista, mas já despertava interesse pelas atividades que, hoje, são parte do estudo da economia. Por exemplo, trabalhava com o aumento da produtividade agrícola. Lembro de cada atividade econômica. Nós tínhamos lá no nosso sítiozinho uma máquina de descascar mamona, amendoim e tinha também a produção de feijão. Fazia a seleção já daqueles produtos que poderiam gerar um maior aumento de produtividade. Lembro de um episódio disso, nós tínhamos três tipos de amendoim: um amendoim preto, um vermelho e um branco. Fiz uma experiência e o amendoim branco é aquele que apresentava a maior produtividade. A comunidade inteira passou a plantar amendoim branco. Outras coisas com que trabalhava, por exemplo, eram os projetos mais coletivos ligados à comunidade da Igreja Católica da época, em que se discutiam bastante as atividades políticas, econômicas e sociais, já no processo de transição da ditadura militar para o período da democracia no Brasil. A economia faz parte desse debate. Eu gosto de trabalhar com gente.

E a trajetória sempre foi aquela de buscar alternativas que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas. No meu primeiro trabalho de economia, quando estive aqui na Universidade de Taubaté, ao entrar na faculdade de economia, qual era o meu propósito? Era desenvolver um projeto de economia na graduação para melhorar a qualidade de vida dos agricultores familiares, lá do Mato Grosso do Sul. Vim fazer faculdade de economia com o propósito de terminar essa graduação, depois voltar para o Mato Grosso do Sul e trabalhar com a agricultura familiar lá.

Morava em um antigo assentamento, em mudo novo Mato Grosso do Sul, antes de vir para Taubaté, que foi feito a partir de um projeto de reforma agrária. Trabalhando na agricultura familiar, identificava os grandes desafios que eram manter essa atividade agrícola familiar. E, nos anos 1990, nós tínhamos uma grande discussão no Brasil dos projetos de reforma agrária. A Rede Globo tinha uma novela, na época, chamada Rei do Gado, que discutia esse movimento dos trabalhadores rurais. Esse era um assunto bem em pauta na época.

Lembro que na apresentação do meu trabalho de conclusão de curso, cuja temática era a questão agrária, havia mais ou menos em torno de 60 alunos assistindo. O tema chamava muito a atenção. Trabalhei aqui na Universidade de Taubaté. Meu trabalho de conclusão de curso foi orientado pelo professor Cyro Rezende, da História Econômica, discutindo as políticas agrária e agrícola no Brasil, com estudo de caso lá do Mato Grosso do Sul.

Fazer reforma agrária só, e não resolver o problema da agricultura familiar, ou seja, você dá lote para 100 pessoas, e todas elas, passando um determinado tempo, ou a maioria delas, vendem seus lotes. Assim, a reforma agrária precisaria ser um projeto contínuo. Primeiro, era necessário resolver o problema da agricultura familiar e, depois, sim, ampliar os projetos de reforma agrária, até porque, na época, havia um custo muito alto para fazer os projetos de reforma agrária: o governo comprava as terras dos fazendeiros para fazer esse processo de assentamento nos projetos de reforma agrária.

Terminada a graduação, entrei direto no mestrado. Fiz na Universidade de Mackenzie e o professor Márcio Pochmann, que estava iniciando sua carreira na pós-graduação, foi meu orientador. Defendi, em 1999, essa dissertação de mestrado, discutindo a industrialização e o emprego do Brasil nos anos 90.

Como optei por ficar em Taubaté, casei e meu primeiro filho nasceu durante o mestrado, ou

seja, acabei já enraizado aqui em Taubaté, um dos principais centros industriais do Brasil. Saí da atividade agrícola, passei a estudar a atividade industrial. Mas aí o grande debate é, a partir dos anos 90, com o processo de internacionalização da economia, aumentou muito a produtividade do trabalho. E, então, o que os trabalhadores ganharam com esse aumento da produtividade do trabalho?

Os governantes da época diziam sempre que era necessário aumentar a produtividade do trabalho para aumentar a competitividade da indústria brasileira, e, conseqüentemente, essa indústria crescendo, geraria mais emprego e renda no setor industrial. No entanto, o aumento da produtividade do trabalho foi acompanhado pela redução do número de trabalhadores na atividade industrial, ou seja, aquele crescimento esperado não aconteceu.

De 1989 a 1998, fiz uma análise desse crescimento da produção industrial e o crescimento do emprego, pensando na produtividade do trabalho. Terminada a dissertação, fiz concurso aqui na Universidade de Taubaté, na cadeira de História Econômica Geral. Hoje leciono na área de História Econômica e Economia Política, que é a disciplina correlata a essa. E depois, em 2005, entrei no programa de doutorado da Universidade de São Paulo, no Departamento de História Econômica, discutindo industrialização e desenvolvimento regional, com o professor Jobson Arruda.

Qual foi o propósito dessa tese? Analisar como o crescimento das atividades industriais contribuiu para o processo de desenvolvimento. Meu estudo de caso foi o do Vale do Paraíba, mas pensei no Brasil como um todo, ou seja, todos os países que saíram da condição de país subdesenvolvido para desenvolvido passaram em algum momento da sua história pela industrialização. Então, a industrialização nos textos didáticos é quase sinônimo de país desenvolvido. País desenvolvido, país industrializado. Só que, a partir da segunda metade do século XX, muitos países, como o Brasil, África do Sul, Argentina e México, tiveram um avanço das suas atividades industriais. No entanto, esses países não conseguiram superar a barreira do desenvolvimento.

O Bresser Pereira, que é professor de economia brasileira, foi ministro do Brasil em vários governos. Fez um livro lá em 1987, discutindo a industrialização subdesenvolvida. A partir desse texto, fui fazer tese nessa área também, discutindo essa industrialização e o processo de desenvolvimento. E, de um modo geral, nós observamos sempre esse processo de desindustrialização muito precoce no Brasil. O modelo de industrialização incompleta, no Brasil, nós chamamos de indústria, na maioria das vezes, de montadora.

Aquilo que a recém-falecida professora Conceição Tavares colocava, o que falta para nós é o quê? Dentro desses ciclos de crescimento, de curta duração na economia brasileira, é o desenvolvimento do setor de bens de capital. Ou seja, toda vez que ocorre um processo de modernização na atividade industrial, essa modernização é feita de fora para dentro. Assim sendo, todo emprego ligado à tecnologia é gerado nos países desenvolvidos. A implantação dessa tecnologia nos países subdesenvolvidos é poupadora de mão de obra, que financia o processo de produção tecnológica nos países ricos. Então, de um modo geral, nós precisamos pensar que a industrialização é fundamental para o desenvolvimento, mas qual industrialização? Não esse modelo baseado no capital internacional.

Na Universidade de Taubaté, sou professor. Só que, é claro, a atuação de um professor universitário é sempre em três dimensões: ensino, pesquisa e extensão. E eu, como professor de economia, ainda faço uma quarta atividade, que é a atividade administrativa. Então, fui por oito anos

diretor de departamento, quatro anos como diretor do Instituto Básico de Humanidades; e quatro anos como diretor do Departamento de Ciências Sociais e Letras e Serviço Social. Além disso, no meu trabalho administrativo, estou há 15 anos nos conselhos superiores da Universidade de Taubaté. Já passei pelo Consep, Consad, e, principalmente, tenho tido uma atuação mais direta no Consuni.

Qual a minha grande preocupação nos conselhos? Primeiro, agradeço sempre a comunidade acadêmica. Sempre faço essa atuação no conselho a partir da votação dos meus pares. Felizmente, disputei sete eleições e ganhei as sete. Agora vou disputar a oitava e a última. Espero ganhar de novo, mas, se não, vou entender essa realidade. O papel principal nos conselhos, como economista, é trabalhar com a sustentabilidade financeira da universidade associada ao oferecimento de atividades acadêmicas, de ensino, pesquisa e extensão com qualidade.

Uma das bandeiras que sempre defendo dentro da Universidade de Taubaté é que nós temos o melhor dos dois mundos, que é uma crítica que sempre eu escuto falar fora da universidade. A universidade é privada quando faz alguma determinada ação e pública quando faz outra. E esse é o pior dos mundos. Vejo como o melhor dos mundos. Nós temos uma grande competitividade como universidade privada, cobrando mensalidade, disputando com as concorrentes, porque nós não precisamos remunerar o capital. Toda a renda gerada com mensalidades na Universidade de Taubaté é gasta nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativa. Se fosse uma universidade privada, parte desses recursos seria para remunerar o capital dos acionistas. Assim, pelo fato de sermos uma autarquia municipal, não precisamos remunerar o capital de acionista.

Nesse ponto, nós temos uma preocupação também com a sociedade, não somente taubateana, mas com o Vale do Paraíba como um todo. Por exemplo, alguns cursos que têm, como público principal, alunos com menor renda têm uma maior quantidade de bolsas e um impacto maior dessas bolsas na mensalidade do aluno. Já aqueles cursos em que o público tem uma maior renda, de um modo geral, têm um menor trabalho ligado à pesquisa e à extensão, e, conseqüentemente, um menor número de bolsas. E, dessa forma, é possível equacionar isso dentro de um equilíbrio.

Normalmente, gastamos em torno de 8 milhões por ano com bolsa de estudo no orçamento da Universidade de Taubaté. Então, é interessante pensar nessa atuação administrativa, porque a universidade é gerida por nós, funcionários da Universidade de Taubaté. E eu, como qualquer outro funcionário, tenho de ter essa preocupação com a gestão desta universidade.

E, mais recentemente, assumi também o papel de vice-presidente do Conselho Administrativo do IPMT, que é a preocupação com os funcionários que saem da universidade, da prefeitura e da Câmara, lá no futuro, ou seja, as aposentadorias, que são um grande desafio no Brasil, um processo de transição demográfica.

No ensino, trabalho nas cadeiras de História Econômica e Economia Política. A grande vantagem minha em relação à maioria dos professores é que tenho a possibilidade de circular na universidade inteira. Por exemplo, nesse semestre, trabalhando com 12 aulas semanais no ensino, na graduação, trabalhei com cinco cursos diferentes. Então, é importante ver a visão dos alunos, principalmente em economia política, em cada um dos departamentos da Universidade de Taubaté.

Na pesquisa, trabalho bastante também. Estou no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional desde 2010, e, atualmente, sou coordenador geral do programa. No programa,

nós temos um mestrado profissional, que é o mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, e o grande trabalho nosso, a partir do ano passado, foi criar a turma de mestrado em Gestão no campus de Caraguatatuba da Universidade de Taubaté. Hoje, nós temos 34 alunos matriculados no campus de Caraguatatuba, fazendo mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional. No mestrado acadêmico em Planejamento e Desenvolvimento Regional nós tivemos como grande desafio aumentar o número de bolsas, sobretudo bolsa Capes, e agora, mais recentemente também, bolsas do CNPq para os nossos alunos. Isso possibilitou a entrada de alunos jovencinhos recém-formados da graduação, o que também contribui para a melhoria da qualidade do curso.

Também, a partir de 2024, nós tivemos o início das nossas turmas de doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Regional. No passado, fizemos uma parceria com a Universidade de Santa Cruz do Sul cuja turma já está terminando o curso. A turma de Taubaté começou em março de 2024. Trata-se de uma turma excelente. Nós temos 10 vagas de doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Regional. O mais interessante no desenvolvimento regional é que tem tudo a ver com a minha formação. Há alguns professores que têm dificuldade de pensar as linhas de pesquisa com a sua formação, seja de mestrado, graduação ou doutorado. A minha vida inteira acadêmica discute desenvolvimento. Por essa razão, é muito fácil trabalhar com as disciplinas de Economia, Desenvolvimento e Teorias do Desenvolvimento Regional. E o que é interessante em um programa desse é que nós temos uma equipe multidisciplinar, com professores da área da Psicologia, da Enfermagem, da Engenharia, da Economia, da Administração, da História, da Sociologia, Educação, da Comunicação e das várias áreas, todos preocupados com o desenvolvimento regional. Um dos principais indicadores do desenvolvimento hoje são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS). Pensamos o que cada uma dessas áreas pode contribuir para a melhoria nos indicadores de qualidade de vida passam pelos ODS.

O Projeto Rondon é, sem dúvida, a coisa que mais me motiva a trabalhar na extensão. Gosto muito do Rondon, que também tem um alinhamento com a minha linha teórica de economista. Muitas vezes, quando falamos de uma ação do Estado na economia, muitas pessoas já vêm direto discutir assistencialismo. O Projeto Rondon mudou a sua cara a partir de 2004, trabalhando com formação de multiplicadores. Tive a oportunidade de fazer já seis operações do Projeto Rondon, Amapá, Nordeste, Vale do Jequitinhonha, vários lugares do país, conhecendo a realidade do interior. Uma das ações que fazemos sempre é selecionar a cidade que apresenta os piores indicadores sociais para participar dessas operações do Projeto Rondon.

Hoje, considero-me aposentado deste projeto de extensão e estou trabalhando na formação de equipes, tanto de professores quanto de alunos. Por exemplo, agora, em 2024, em julho, a Universidade de Taubaté participou de três operações do Projeto Rondon, em Pernambuco, Rondônia e Lagoinha/SP. Então, meu trabalho foi muito mais ajudar na elaboração das propostas e agora no treinamento da equipe. Pretendo continuar fazendo isso dentro do Núcleo Rondon que foi criado aqui na Universidade de Taubaté. O Projeto Rondon é interessante, é uma oportunidade de conhecer de fato o Brasil. É a oportunidade de você levar estudantes universitários para conhecer essa realidade nacional. Por exemplo, há alguns anos aqui em Taubaté, discutiam-se programas como Bolsa Família. Esse Bolsa Família é só para ganhar voto... É um assistencialismo que acontece, sobretudo, nas regiões Norte e Nordeste, mas quando ele visita uma cidade como Tejuçuoca, lá no interior do Ceará, ou Cajari, no interior do Maranhão, a pessoa vai observar que R\$ 300 faz diferença na vida de uma família que praticamente não tem renda. Então, entender o funcionamento da economia nesses municípios pobres e, principalmente, o que é essa política social, qual

o alcance dela para melhorar a qualidade de vida das pessoas é fundamental. E, principalmente, a formação de multiplicadores, ou seja, que essas pessoas têm autonomia para desenvolver os seus projetos de vida, sendo que projeto de vida cada um tem o seu.

O NUPES, o Núcleo de Pesquisa Econômico e Social da Universidade de Taubaté, também está associado à Pró-reitoria de Extensão. Então, é um núcleo extensionista. Qual o nosso objetivo no NUPES? Produzir indicadores e, principalmente, trabalhar com a melhoria na qualidade de vida das pessoas, ligada às questões financeiras e sociais.

No NUPES, nós já fizemos pesquisas de emprego e renda, por exemplo, na cidade de Taubaté, de Pindamonhangaba e até patrocinado por uma empresa, nós fizemos um trabalho em Rio das Ostras, lá no norte do estado do Rio de Janeiro. O objetivo foi produzir um diagnóstico das cidades, levantando quais os grandes desafios na geração de emprego e renda e a melhoria na qualidade de vida das pessoas. Mas, a investigação principal do NUPES é a pesquisa de cesta básica. Ela é feita desde 1996, ou seja, há mais de 27 anos aqui em Taubaté, São José dos Campos, Caçapava e Campos de Jordão, em que, semanalmente, nós levantamos os preços de 44 produtos de alimentação, higiene pessoal e limpeza doméstica. Essa pesquisa está muito vinculada ao curso de graduação em ciências econômicas. A maior parte dos estagiários são do curso de ciências econômica. Nessa pesquisa, eles conseguem também associar essa teoria à prática e, mais do que isso, prestar serviço à sociedade, quais os produtos que apresentaram preços mais elevados etc. A pesquisa tem uma ampla cobertura da mídia nesse debate de preços. Também nós discutimos, dentro dessas pesquisas do NUPES, a organização do orçamento financeiro familiar. Ou seja, ganhar dinheiro é sempre um grande desafio, gastar é muito fácil. Então, sem um bom planejamento financeiro, o problema é o endividamento das famílias, o que representa pagamento de taxa de juros alta.

Voltando à pesquisa de cesta básica, é interessante que nós, desde 2002, observamos vários movimentos na sociedade. Por exemplo, nós tivemos a greve dos caminhoneiros. Qual o impacto desta greve no aumento nos preços dos produtos que compõem a cesta? Foi muito alto naquele momento. Lembro que, no início da pandemia, nós tivemos um grande desafio, que foi a possibilidade de faltar produtos. Vi algumas imagens, principalmente pelas redes sociais dos supermercados chineses, e esses supermercados com grande falta de produtos básicos. Consequentemente, muitos consumidores brasileiros correram para fazer suas compras e, fazendo estoques em casa, começou a faltar produto. Assim, os preços subiram de itens básicos, como arroz e papel higiênico, principalmente. Então, o NUPES identificou esse movimento e ajudou também na estratégia de ajudar na composição de políticas públicas para enfrentar o problema.

E, mais recentemente, nós tivemos o grande desastre no Rio Grande do Sul, também analisando essa variação dos preços, qual o impacto disso. A nossa grande preocupação sempre foi com o preço do arroz, porque o arroz é um produto que tem um peso muito significativo para as famílias com menor renda. Nós tivemos, em um primeiro momento, uma grande especulação com a comercialização de arroz. Os supermercados colocaram placas limitando o máximo de compra de quatro a cinco pacotes de arroz. O que muitos consumidores começaram a fazer? Mesmo que no mês anterior comprassem um pacote, que era o suficiente para o mês, na época, como o produto estava limitado a cinco, iam lá e compravam 25 quilos de arroz. Consequentemente, alguns tiveram estoque de forma demasiada em casa e, para outros, começou a faltar. Tudo isso acabou gerando um movimento de alta nos preços.

E é interessante que tudo isso tem uma relação direta com as teorias econômicas estudadas.

Por exemplo, atualmente, nós temos dois grandes projetos em discussão no Congresso Nacional: a PEC das blusinhas, ou seja, da importação de roupas da China. Hoje, roupas importadas ou qualquer produto importado, de até 50 dólares, têm uma carga tributária menor. Então, qual é a proposta do governo? Aumentar em mais 20% a tributação de produtos importados, independentemente da quantidade desse item importado. Isso é uma reivindicação do setor industrial brasileiro, ou seja, como a China tem mais competitividade no setor têxtil e vestuário, o aumento da carga tributária ajuda a indústria têxtil brasileira. Isso é importante na geração de emprego e renda.

Todos nós, brasileiros, usamos roupas de um modo geral, ou seja, nós temos uma grande demanda nesse segmento, e o que falta no Brasil é emprego e renda. Então, ao adotar uma política dessa, de proteção a esse mercado, nós temos o quê? Uma geração de emprego e renda. E, por outro lado, no segmento de arroz, o governo fez uma proposta de redução das tarifas de importação de arroz. Por quê? Esse arroz é um produto mais sensível. Então, qual o resultado? Um aumento no preço do arroz no mercado interno acaba prejudicando as famílias com menor renda, principalmente aquelas que têm renda de até um salário-mínimo. Assim, alguém que recebe um salário-mínimo gasta grande parte dessa renda comprando arroz. Já alguém que ganha 20 salários-mínimos pode gastar mais comprando um produto importado e menos comprando arroz.

Ou seja, são medidas que atendem interesses de grupos diferentes. De um modo geral, entre os produtores de arroz e entre os produtores da indústria têxtil, nesse momento, é interessante pensar mais nos produtores da indústria têxtil em função da sensibilidade que nós temos no mercado de arroz. Isso faz parte do debate de política econômica, faz parte das nossas pesquisas do NUPES, principalmente no caso da produção de arroz. É importante, sim, incentivar a produção de arroz brasileira, mas para isso nós poderíamos, por exemplo, tributar o setor de celulose, o setor da soja brasileira e, conseqüentemente, esses recursos poderiam ajudar os produtores de arroz nacional.

A mecânica é fácil, precisa ter vontade política e, em economia, acho que é uma frase importante para o nosso trabalho aqui: economia é estabelecer prioridades. Portanto, os recursos são escassos dentro do sistema econômico capitalista e, algumas vezes, tenta-se fazer essa escassez com qual objetivo? De ganhar dinheiro. Por outro lado, os desejos de consumo são quase ilimitados dentro dessa história. Quanto mais você tem, mais você quer. Assim, toda vez que há um aumento no padrão de renda de uma unidade familiar, facilmente ele sabe o que fazer com dinheiro a mais. Mas quando falta dinheiro, é difícil cortar alguma coisa, estabelecer essa prioridade no orçamento, assim como na gestão pública. Preciso pensar, a gestão pública tem qual propósito? Em uma política desenvolvimentista, o propósito do governo é, principalmente, contribuir para a melhoria da qualidade de vida. Para tanto, nós avançamos muito no Brasil e o país não faz inveja a nenhum país do mundo.

É uma vergonha, por exemplo, discutir, nos Estados Unidos, o fim de um programa de saúde pública, e nós temos um dos melhores programas de saúde pública do mundo. Se os Estados Unidos são a nação mais rica do mundo e não têm a capacidade de fazer um programa de saúde pública básico para a sua sociedade, ou um programa de educação básica para toda a sociedade, nós, brasileiros, temos essa capacidade de fazer. Estamos muito à frente desse país que se diz o mais desenvolvido do mundo. Então, é preciso estabelecer prioridades.

É claro que nós temos fragilidade no processo produtivo. Então, como nós podemos acom-

panhar o processo produtivo? Isso também é estabelecer prioridade de governo. Hoje, por exemplo, é possível um brasileiro pegar a sua poupança e aplicar na Bolsa de Valores americana sem muitos problemas em termos de burocracia. O dinheiro não tem pátria, como diz Milton Santos, um geógrafo marxista, mas as pessoas têm. A fuga de capital ocorre com certa facilidade. Logo, é importante a atuação de um Estado forte para garantir que o capital produzido aqui fique aqui, e as pessoas fiquem aqui. Por isso, é importante discutir as políticas de desenvolvimento regional, como nós podemos melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram nos municípios, em cada região. Para isso, precisa ter uma atuação decisiva do Estado, com a participação ativa da sociedade.

A partir da Constituição de 1988, melhoramos muito isso no Brasil, apesar das tentativas de retrocesso que, viram e mexem, aparecem na política nacional.

Não há dúvida de que o projeto mais gratificante para mim é o projeto Rondon. Primeiro, a possibilidade de conhecer a realidade brasileira. Não sou uma pessoa viajada, conheço poucos países no exterior; sobretudo conheço os países da América Latina, alguns poucos, nunca fui à Europa, nem aos Estados Unidos, mas o Brasil, tenho orgulho de dizer que conheço. Conheço como aluno de estudante de graduação de economia, conheço das minhas viagens familiares e conheço do Projeto Rondon. Quando eu viajo para o Nordeste, não vou para Fortaleza, vou para Tejuçuoca, não vou só para São Luís, vou para Cajari. Em Rondônia, vamos para os municípios mais pobres, assim como Amazônia, vários lugares, estive até no Amapá, lá numa cidade chamada Pracuúba, na divisa, mais próximo das Guianas, no Hemisfério Norte. O Rondon é um projeto muito bacana, traz a possibilidade de conhecer o Brasil e, principalmente, contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, e esse é o meu propósito como economista.

Na nossa carreira de economista, é possível pensar que todos nós precisamos ganhar dinheiro para sustentar a nossa família. Lembrando aqui, sou pai de alunos da Universidade de Taubaté, com três filhos, todos eles fizeram, na Universidade de Taubaté. A caçulinha ainda está cursando, mas todos adoram a Universidade de Taubaté. Então, de um modo geral, a Universidade de Taubaté foi muito importante para a minha vida, na minha formação, no meu projeto de vida e no projeto de vida da minha família.

E, principalmente, pensando nesse propósito, é possível ter um salário, recebendo, pagando as minhas contas nessa história, fazendo aquilo que desejo fazer, não com o propósito de ficar rico, não dá para pensar isso como professor, e não acho também que isso seja projeto de vida. O que é riqueza financeira? Tem de pensar em vários outros projetos de vida. Alguns que não entendem a carreira do economista acham que economista estuda para ganhar dinheiro. O objetivo principal do estudo da economia é contribuir para a melhoria na qualidade de vida das pessoas. É isso que tenho feito, e ainda com a possibilidade de manter o meu sustento com essa profissão bacana.

Definir a UNITAU em uma palavra é difícil, mas posso dizer que estar aqui foi a possibilidade de realizar o meu projeto de vida!

15

Emerson Iser Bêl

Sou Emerson Iser Iser Bêl, cursei Educação Física na UNITAU entre 2006 e 2009. Fui atleta durante boa parte da minha vida, começando a competir com 13 ou 14 anos, e cheguei a ser atleta profissional. Naquela época, viajava muito, e não havia a opção de Educação a Distância (EAD) como hoje, se tivesse, provavelmente teria aderido à EAD. Decidi fazer Educação Física porque era um curso que se alinhava com minha experiência esportiva.

Hoje, resido em Tremembé, mas minha trajetória como atleta começou em 1987. Entretanto, foi em 1988 que realmente dei os primeiros passos no Paraná. Nesse período, fui campeão estadual e recebi convites para integrar equipes em São Paulo. Meu esporte é corrida de longa distância, e tive uma trajetória bastante intensa.

Embora seja comum focarmos nas vitórias, também enfrentei muitas derrotas e desafios ao longo do caminho. No entanto, o saldo foi muito positivo. Fui campeão de diversos campeonatos brasileiros e tenho um recorde brasileiro que mantenho desde 1992. A prova mais importante da minha carreira foi a São Silvestre, em 1997, a qual me abriu portas para várias competições internacionais. Sou o único brasileiro a conquistar títulos em Cross Country na Europa, por exemplo, e obtive várias conquistas significativas no Japão.

Minhas viagens internacionais foram fundamentais para minha carreira, pois ao retornar ao Brasil, trazia toda uma bagagem de experiências do que estava acontecendo fora, entendendo que para se destacar, é necessário competir com os melhores. Embora nem sempre eu ganhasse, essas experiências aprimoraram minha técnica e me fizeram evoluir como atleta.

Tenho o recorde da melhor marca brasileira de 5 mil metros júnior, alcançado em 1992, em Seul, na Coreia do Sul, onde fui oitavo no campeonato mundial. Essa modalida-

de é dominada por atletas africanos, e cada país pode inscrever três competidores por prova. Enfrentei atletas da Etiópia, Marrocos, Uganda e África do Sul, entre outros. Ao correr os 5 mil metros em 13 minutos e 59 segundos, consegui quebrar a barreira psicológica dos 14 minutos, e esse recorde me pertence desde 1992, sendo um dos mais antigos do Brasil — o único que permanece mais tempo intacto é o do Joaquim Cruz, medalhista olímpico.

Na lista das melhores marcas do Brasil, possuo o recorde nos 5 mil metros rasos, além de outras destacadas marcas nos 10 mil metros e 10 quilômetros de rua, onde minha marca é a terceira melhor da história brasileira. Também corri a meia maratona, com um tempo de 1 hora, 1 minuto e 13 segundos, que é a quarta melhor marca brasileira de todos os tempos. Além disso, venci uma etapa do GP de Cross Country em Portugal, uma competição muito tradicional na Europa. Essas conquistas foram gratificantes e significativas em minha trajetória como atleta.

Na verdade, não viajava apenas para o exterior para competir. Minha cidade, no Paraná, é fronteira e bem pequena, com poucos recursos, especialmente nos anos 1990. Assim que comecei a me destacar na minha carreira, fui convidado para integrar a equipe de Londrina, onde treinei na Universidade Estadual de Londrina - UEL. Permaneci lá por dois anos, até que fui contratado por uma equipe na região de Campinas, na cidade de Cosmópolis, onde havia uma usina de açúcar chamada Usina Ester. Nessa época, a equipe tinha muitos atletas, e nosso treinador, Asdrúbal Ferreira Batista, era professor da Unicamp.

Infelizmente, treinei com ele por pouco tempo. Em março de 1992, ele faleceu. Ele era uma pessoa muito importante e avançada para a época, um pesquisador de destaque. Atualmente, seu nome é homenageado na Biblioteca de Educação Física da Unicamp. Durante esse tempo, treinei bastante e sempre participei de estudos. Muitas pessoas da nossa equipe fizeram doutorado com a colaboração dos nossos treinos e realizaram exames de sangue e testes de lactato, de CK2, entre outros. Sempre existiu esse interesse em estudar e em aprimorar; eu sempre gostei muito de estudar.

Além do atletismo, também tinha um grande interesse por eletrônica. Quando morei em Campinas, estudei eletrônica no Colégio Técnico da Unicamp. Nos finais de ano, costumávamos treinar em Campos do Jordão, em busca de um ambiente de maior altitude. Essa prática baseia-se na tese de que o ar rarefeito da altitude estimula a produção de mais glóbulos vermelhos no sangue, melhorando a hemoglobina dentro das células e, assim, potencializando o transporte de oxigênio quando retornamos ao nível do mar.

Esse é um dos fatores que explicam o desempenho dos quenianos e de outros africanos nas corridas, pois eles treinam em altitudes elevadas, o que adapta seu organismo para uma melhor capacidade de transporte de oxigênio. Assim, sempre íamos a Campos do Jordão para treinar, e acabei gostando tanto do lugar que decidi morar lá. Foi em 2004 ou 2005 que comecei a perceber o fim da minha carreira devido a várias lesões.

Na época, eu tinha 32 ou 33 anos, e esse foi o momento em que encerrei minha carreira como atleta. Comecei muito cedo e, devido à intensidade do treinamento, cheguei a um ponto em que as lesões se tornaram uma realidade e meu corpo pediu para parar. Então, aproveitei esse período para replanejar minha carreira. Embora tivesse um grande interesse pela área de eletrônica, na época havia muitas oportunidades de trabalho na Educação Física, especialmente como treinador. Então, decidi estudar Educação Física.

Em 2006, ou talvez no final de 2005, prestei vestibular e passei em primeiro lugar, decidindo então cursar Educação Física. Nos primeiros dias, descia de Campos do Jordão todos os dias para as aulas. No entanto, assim que meu filho mais velho entrou na escola, percebemos que onde estávamos morando, no Horto de Campos do Jordão, ficava longe demais para ele. Assim, a família decidiu se mudar para Taubaté.

Já corria em Pindamonhangaba e participei de um projeto de bolsas. Nos últimos dois anos do meu curso, fui bolsista do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) da UNITAU, sob a orientação do professor Renato Almeida, na área de Fisiologia. Ele foi meu orientador no TCC, e naquela época, o Laboratório de Fisiologia do Exercício estava começando. Tivemos a oportunidade de usar alguns equipamentos novos e aprender a calibrá-los.

Realizei também diversos testes, e meu trabalho de pós-graduação, bem como meu trabalho de conclusão de curso, foi desenvolvido com ele. Essa experiência como bolsista foi um segmento que gostei muito e que me ajudou bastante, durante os anos que atuei como treinador.

Durante esse tempo, estive sempre pesquisando, na vanguarda do conhecimento. A experiência prática que tive foi fundamental e, sem dúvida, contribuiu bastante para minha atuação.

O curso de Educação Física que fiz era uma licenciatura plena, embora não saiba se a nomenclatura mudou atualmente. Na época, havia a opção de bacharelado e uma licenciatura integrada. Durante o curso, criamos vários projetos nas escolas de Pindamonhangaba, alguns deles premiados, e isso contribuiu significativamente para o meu aprendizado. A qualidade dos docentes sempre foi excelente e muito diferenciada, o que me ajudou muito.

A Universidade teve um impacto grande na minha formação, pois oferecia um ensino de alta qualidade com professores muito qualificados. Lembro-me da professora de Biologia, que era fantástica, uma professora exigente que fazia muitos alunos ficarem de DP. Essa exigência marcava sua atuação.

Além dela, o professor Henrique e a professora Lu, que ensinava Atletismo, contribuíram bastante para a nossa formação. Não sei se a professora Lu ainda está na universidade, mas ela merece ser lembrada por seu excelente trabalho.

Tive várias experiências marcantes, inclusive em disciplinas que, a princípio, eu tinha preconceitos, como Filosofia. Na época, pensava: “O que vou fazer com Filosofia se estou estudando Educação Física? Meu objetivo é treinar atletas.” Contudo, as aulas de Filosofia foram incríveis e, surpreendentemente, hoje aplico muitos dos conhecimentos adquiridos nessa disciplina em minha vida pessoal e profissional. Essas aprendizagens têm sido úteis de maneiras que eu não imaginava na época.

É muito legal refletir sobre tudo isso. O projeto em Pindamonhangaba foi mais uma iniciativa ligada ao atletismo, mas eu sempre comentei que, quando entrei no curso de Educação Física, me deparei com um universo de possibilidades que a profissão oferece.

Essa área possui uma versatilidade incrível, pois cada modalidade esportiva representa uma área de atuação distinta. E quantas modalidades existem? O campo de trabalho é gigantesco, sem contar a parte pedagógica, que abrange a licenciatura, o que amplia ainda mais as opções.

Dada essa grande variedade, você precisa escolher uma especialização. Optei por me dire-

cionar para o treinamento, que sempre foi minha área de interesse. Não tenho vocação para ser professor, embora admire muito aqueles que têm essa missão, mas não tinha essa vocação.

Além disso, devido à minha experiência como atleta e ao fato de já ter iniciado a faculdade mais tarde, com 30 e poucos anos, o mercado de trabalho se apresentava de forma diferente para mim. É distinto se formar aos 24 ou 25 anos, comparado a se formar aos 36. Essa diferença de idade traz uma perspectiva e uma bagagem de experiência que influenciou minha escolha pela área de treinamento desportivo.

As lições que aprendi ao longo do caminho foram valiosas. Recentemente, comentei com meus pais que, quando enfrentamos um problema e conseguimos observar a situação de fora, nossa visão sobre o assunto se torna mais clara. Muitas das reflexões que tive durante aquelas aulas na faculdade ainda ressoam em mim.

O conhecimento é sempre valioso. Me lembro de outras questões, como a metáfora da caverna, que nunca esqueci e considero muito pertinente, especialmente no contexto atual do nosso país. Ela ilustra como cada um percebe as coisas a partir de seu próprio ponto de vista. É fundamental absorver ensinamentos como esse. Até hoje, é muito bacana quando encontro os professores, como recentemente encontrei o Maurício no campus de Educação Física, no Bom Conselho. Estive lá para conversar com o Renato sobre um projeto — uma corrida que a UNITAU realiza há dois anos e na qual sou colaborador. Sempre é bom reencontrar os professores.

Esses encontros são uma verdadeira celebração. A faculdade desempenhou um papel muito importante na minha vida, pois trouxe um monte de conhecimento. Isso se reflete não apenas na área em que atuo profissionalmente, mas também em muitos outros aspectos da vida.

Os quatro anos que passei na universidade foram um período de grande evolução. Embora eu tivesse uma experiência prática e vivência bastante intensa de competições, estar na universidade, conviver naquele ambiente, conhecer ideias, autores e pesquisadores... Foi muito importante.

Convivi bastante com o Renato Almeida e participamos de grupos de estudos juntos, o que foi um momento de grande evolução e aprendizado para mim. As técnicas que aprendi naquela época são coisas que aplico até hoje no meu dia a dia, pois ampliaram meus horizontes. Isso não desmerece a vivência que tive anteriormente, que foi muito importante e continua sendo. Essa experiência prática teve seu valor, mas a formação acadêmica me proporcionou outros tipos de experiência uma nova percepção do mundo e sobre como as coisas realmente são.

Por exemplo, tivemos aulas com o professor Beto, que tinha uma visão muito aberta e sempre trazia pontos de vista diferentes. Ele conduzia os debates de uma forma inovadora. Essa abordagem foi importante para mim, especialmente vindo de um ambiente muito técnico e, talvez, um pouco rígido, focado na competição pura. É claro que nesse contexto havia técnicas de treinamento e uma série de outros aspectos, mas a dimensão humana da prática muitas vezes ficava de lado.

Na UNITAU, tive a oportunidade de desenvolver uma visão mais humanizada das coisas. Para mim, a competição era tudo, mas, aprendi a enxergar a situação de maneira mais ampla, o que realmente abriu meus olhos para novas possibilidades. Isso foi desafiador, mas acho que me permitiu superá-los e adaptar-me às novas situações.

O curso foi desafiador, especialmente porque precisei cursar disciplinas para as quais não levava o menor jeito. Por exemplo, sou uma tábua, um “alemão duro” para dançar, mas tive que aprender algumas danças para passar nas provas. Para mim, isso foi um grande desafio, pois a prática era essencial. A Educação Física é bastante variável e, posteriormente, precisei me adaptar ao mercado de trabalho.

Fui a primeira assessoria esportiva em Taubaté, focando na corrida. Hoje, já não atuo mais nessa área, pois tive outras oportunidades profissionais, mas a minha foi a primeira assessoria esportiva da cidade. Treinava amadores, que é, na verdade, o grande mercado atualmente, pois os atletas de elite correspondem a apenas 0,1% ou menos.

Essa experiência me proporcionou uma nova percepção. Embora já tivesse uma sólida experiência como atleta, treinar amadores e pessoas que buscam apenas um estilo de vida mais saudável não tem absolutamente nada a ver com esportes e competição. Se eu aplicasse as mesmas técnicas e princípios utilizados na competição com eles, não teria nenhum aluno. Seria um desastre. As abordagens são completamente diferentes, e sem a formação acadêmica e todo o conhecimento que adquiri na faculdade, não teria como atuar corretamente.

Trabalhei durante muitos anos com a assessoria esportiva. Depois, gerei uma equipe de atletas profissionais subsidiada por um projeto da Prefeitura de Pindamonhangaba, que sempre teve um forte compromisso com o esporte na região. Ali, apliquei meus conhecimentos de fisiologia, unindo prática e teoria. Tinha a prática, mas a teoria me proporcionava informações valiosas para aprimorar ainda mais meu trabalho. Nem tudo que é da prática serve. A gente pode melhorar um pouquinho aplicando conhecimentos teóricos.

Esse é, para mim, o grande propósito. Hoje, acredito que nosso principal objetivo é melhorar a qualidade de vida das pessoas. A atividade física é uma forma de remédio e uma maneira eficaz de prevenir inúmeras doenças. Não sei se a informação ainda é a mesma, mas historicamente, as doenças relacionadas ao sedentarismo eram as que mais causavam mortes no mundo. Por isso, o papel do educador físico é fundamental.

Além de aplicar conhecimento técnico, é essencial considerar o aspecto psicológico por trás da prática de exercícios. Tive uma disciplina de Psicologia do Esporte e aprendemos que a motivação é crucial. Hoje, todos sabem que precisam fazer exercícios físicos — isso é consenso. No entanto, o desafio está em como fazer com que as pessoas se comprometam e mantenham a prática. Costumo dizer que, se todos que pagam a mensalidade da academia realmente fossem, não haveria espaço suficiente lá dentro.

Todo mundo paga, mas quem vai, de fato? Essa é a grande pergunta. Participamos de grupos de estudo com o professor Beto e discutimos muitas questões sobre a adesão das pessoas ao exercício, que é uma área muito importante. Embora todos reconheçam a importância de se exercitar, a verdadeira questão é: quem realmente faz? E por que algumas pessoas conseguem se manter enquanto outras desistem? Precisamos estudar e entender essas diferenças e os motivos que levam cada pessoa a agir de forma distinta. O educador físico desempenha um papel vital nesse contexto e, em minha opinião, está mais relacionado à saúde pública do que ao esporte em si.

Ao observar as coisas pela minha perspectiva, vejo que a atividade física tem um impacto mais significativo na saúde pública do que o esporte competitivo. O esporte de alta competição,

pode trazer sequelas e lesões, além de causar exclusão; quem não se destaca muitas vezes é deixado de lado. O que realmente importa para nossa sociedade é que as pessoas vivam bem e tenham uma vida melhor. E o educador físico contribui significativamente para isso.

Por incrível que pareça, atuo muito nessa área, mesmo que de forma indireta. Muitas pessoas me procuram para conversar sobre corrida, e é gratificante ouvir: “Comecei a correr por sua causa.” Isso me deixa muito feliz. Atualmente, estou atuando em uma nova área, mas ainda mantenho esse vínculo com a corrida.

Atuo na área de eventos esportivos, mas não trabalho mais como treinador. Estou aqui no Paraná para fazer uma palestra esta semana, como parte de um projeto que realiza palestras mensais nas escolas da cidade. Estou programado para falar com cerca de 300 crianças e jovens, o que é uma excelente oportunidade para motivá-los e direcioná-los.

A UNITAU representou uma grande evolução para mim. A primeira palavra que me vem à mente é realmente “evolução”. Como mencionei anteriormente, o convívio com os professores e o contato com conteúdos que eu nunca havia imaginado, mesmo com toda a minha experiência anterior, foram fundamentais para meu crescimento.

É importante destacar a qualidade da experiência que tive na UNITAU. Estou podendo expressar isso, então preciso dizer que a qualidade do que vivenciamos nas aulas, seja no dia a dia ou nas práticas em laboratório, é realmente superior. A Educação Física tinha acesso a laboratórios de anatomia e a uma estrutura muito boa, o que era fascinante.

Não pretendo criticar ninguém, essa não é minha intenção, mas percebo que, de forma geral, a qualidade da formação superior tem sido bastante baixa. Ao contrário, a UNITAU ainda mantém um alto padrão de qualidade na educação. E qualidade é fundamental! A formação em Educação Física que tive na UNITAU foi superior ao que observei no mercado, pois conheço as instituições e como são os profissionais que se formam em outros lugares.

Acredito que a qualidade da UNITAU está acima da média na região, e é importante ressaltar: mesmo que eu tenha tido dificuldades, sempre mantive a convicção de que a UNITAU é a melhor escolha se você quer se formar com qualidade.

A UNITAU sempre estará no meu coração, e desejo que venham mais 50, 100 anos pela frente, superando todas as dificuldades. Estou muito feliz porque atualmente participo de um projeto na universidade: a corrida de rua. Trabalhamos juntos com o Renato, uma pessoa por quem tenho uma enorme admiração. O recado que deixo é este: sigamos em frente, estamos indo bem.

Agora que estou voltando a correr, estou mais animado do que nunca para convidá-los a se juntarem a nós. Atualmente, estou correndo no ritmo MDI, que significa “mais devagar impossível”, mas ainda assim estou correndo! Praticar exercício físico é fundamental para um estilo de vida mais saudável e uma melhor qualidade de vida!

16

Fabíola
Nejar

Sou Fabíola Nejar, estou na UNITAU desde 1999, são 25 anos de caminhada!

Nasci em Campos do Jordão, pertinho de Taubaté e, lógico, se tivesse curso de Nutrição na UNITAU, na época que fiz a graduação, teria feito aqui, não tenho dúvida alguma. Em 1991, fui fazer Nutrição em Campinas, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Apaixonei-me pelo curso, me identifiquei demais. Mas, estava longe de casa. Minhas referências da UNITAU sempre foram muito positivas, meu pai fez Direito aqui, e foi um advogado brilhante. Minha irmã mais velha também, enfim, tenho a UNITAU no meu coração. Mas como não tinha Nutrição, tive que ir embora, não foi fácil me separar da família, portanto vinha todo final de semana para casa.

Após me formar em 1994, concorri a uma vaga no curso de aprimoramento na Unicamp (1995) e continuei morando em Campinas até 2000. Em 1999, a professora Mara Bicudo me convidou para lecionar Nutrição no curso de Enfermagem e Medicina da UNITAU. Como já possuía a especialização, aceitei o convite. As aulas ocorriam duas vezes por semana, e, como visitava meus pais em Campos do Jordão, pude conciliar minhas atividades docentes com as visitas familiares.

Essa experiência docente foi um aprendizado significativo, uma vez que a formação em Nutrição não inclui licenciatura para docência. Compartilhei essa experiência com colegas, aprendendo muito com eles. A disciplina tinha duas horas semanais, algumas vezes divididas entre sábados. Lembro-me de chegar após a aula de farmacologia da professora Isabel, que sempre dividia comigo suas ricas experiências, transformando aquele período em um verdadeiro laboratório de aprendizado.

Permaneci na UNITAU, lecionando Nutrição. Quando a disciplina foi retirada do currí-

culo de Medicina, passando a constar apenas no currículo de Enfermagem, surgiu a oportunidade de trabalhar na creche da UNITAU, que atendia aos filhos de professores e funcionários. A extensão universitária buscava melhorar a alimentação e a nutrição das crianças na creche, função que assumi.

Assim, conciliava minhas horas semanais lecionando no Curso de Enfermagem com meu trabalho na creche, em conjunto com a professora Rosemeire Análio. Trabalhamos juntas em diversos temas relacionados à saúde, alimentação e nutrição infantil.

Em 2003, a professora Maria José Abud me convidou para participar da construção do curso de Nutrição da UNITAU. Juntamente com uma equipe formada pelo professor Marcelo Targa e pelas professoras Nara Fortes, Ana Aparecida Almeida, Andrea Abud, elaboramos o plano pedagógico do curso. Em 2003, já havia concluído meu mestrado e estava iniciando meu doutorado, compartilhando informações com a Universidade Estadual de Campinas, que também estava desenvolvendo seu próprio curso. Como a UNITAU responde ao Conselho Estadual de Educação, trabalhamos em estreita colaboração com a Unicamp, compartilhando experiências e informações. O curso de Nutrição da UNITAU iniciou em 2004.

Assumi a disciplina “Princípios da Alimentação e Nutrição”. Em 2004, o curso era integral e anual, em consequência, a disciplina também era anual tendo uma carga horária bastante ampla com conteúdo teórico e prático. Em alguns momentos, preparei as aulas em minha casa, uma vez que a universidade ainda não dispunha de Laboratório de Nutrição e Dietética. Embora essa situação não me parecesse incomum frente às demandas naturais de tudo que é novo, colegas questionaram minha decisão de assumir o curso nessas condições. Minha prioridade, contudo, era formar muitos nutricionistas para o Vale do Paraíba e para o mundo. Meu filho, recentemente, me perguntou quantos alunos eu já havia formado ao longo da minha carreira; percebo que muitos nutricionistas de sucesso passaram pelo curso e conquistaram seus espaços no mercado de trabalho. Essa realização me motiva e reafirma a importância do curso.

As salas de aula eram amplas, com aproximadamente 100 alunos. O curso era integral e acontecia no prédio de Ciências Agrárias, algo que inicialmente me pareceu inusitado. Porém, durante meu doutorado, passei quinze dias na Universidade de Connecticut (UCONN) nos Estados Unidos, onde constatei a integração do curso de Nutrição com o Curso de Ciências Agrárias. Ao retornar, compreendi a decisão de alocar o curso de Nutrição no departamento de Ciências Agrárias. O curso teve grande sucesso, permanecendo nesse prédio por muitos anos, até ser transferido para o Bom Conselho. A mudança de campus trouxe uma nova visão para o perfil do nutricionista a ser formado, contribuindo também para a ampliação das habilidades e competências do egresso de Nutrição da UNITAU.

O nutricionista tem esse perfil de profissional que entende o alimento da produção ao consumo. É isso que o egresso de Nutrição da UNITAU tem claro, ele analisa, criticamente, suas propostas alimentares, ele conhece o alimento, quais são suas qualidades nutricionais, quais técnicas de pré-preparo, preparo e a elaboração ele deve propor para garantir a adequação nutricional do indivíduo ou da população que ele acompanha. As vivências práticas, especialmente em nosso Laboratório de Nutrição e Dietética são espetaculares. A forma como Dilma Gadioli administra e cuida do laboratório é admirável, engenheira e técnica em nutrição dietética, chegou logo na sequência da formação do curso e permanece sendo uma parceira.

Nunca me arrependi da minha decisão; repetiria tudo, mesmo com as dificuldades iniciais. A experiência de estruturar e organizar um curso de nutrição, formando tantos profissionais, é algo incrivelmente rico e gratificante; algo incalculável.

Agora, após dezesseis anos, reassumi a coordenação do curso em 16 de agosto de 2024. Essa nova etapa apresenta desafios que considero gratificantes, pois adoro desafios. O curso de Nutrição na UNITAU completa duas décadas. Guardo boas lembranças do período em que estávamos no Departamento de Ciências Agrárias. A paisagem é deslumbrante. Minha mãe, inclusive, ministrou uma aula prática sobre para uma das primeiras turmas de Técnica Dietética; essa aula ainda consta no plano da disciplina. Recordo-me de meu pai trazendo minha mãe para a aula e, ao parar em frente ao prédio das Ciências Agrárias, comentou: “Filha, você trabalha no paraíso!”. De fato, o ambiente era encantador e apaixonante.

Durante meu mestrado e doutorado, dediquei-me muito aos estudos, com total apoio da UNITAU. Tornei-me uma “rata de biblioteca”, aprendendo a estudar de forma eficiente e prazerosa. Meu mestrado focou na caracterização da dieta de bebês, envolvendo visitas domiciliares para coletar dados de peso do bebê antes e depois da amamentação. Ao realizarmos as análises estatísticas, os dados coletados sobre a quantidade de leite ingerido não forneceram resultados significativos, impossibilitando sua utilização. Nas tardes de leituras de artigos científicos encontrei um artigo de Drewett que descrevia uma equação de regressão linear para estimativa de consumo de leite materno. Nunca decorei tabuada, mas sempre gostei de matemática, o que me ajudou a enxergar a equação como solução para meu mestrado. A possibilidade de estar na universidade e trocar conhecimentos e experiências é sempre muito especial. No doutorado pude avaliar anemia ferropriva e tempo de clampeamento do cordão umbilical de crianças nascidas no Hospital Regional de Sumaré-SP e me lembro do apoio estatístico e moral dos professores Luiz Fernando Nascimento e Marcos Roberto Furlan.

Em 2024, com o apoio da UNITAU, volto a ser bolsista da Ana Segall-Correia em uma pesquisa nacional, com grupos indígenas do Brasil inteiro. Quando entrei na UNITAU, ainda não tinha terminado o meu mestrado e hoje continuo aprimorando e aprendendo como docente e como pesquisadora. A UNITAU permeia minha vida pessoal e profissional. Sou profundamente ligada à instituição; brinco que, só não sou filha dela, porque não deu tempo, mas meu filho certamente será filho da casa. Minha trajetória na UNITAU é indelével; não consigo imaginar minha vida sem essa instituição que foi, e continua sendo, fundamental para meu desenvolvimento. A universidade transforma as pessoas, e essa transformação é ainda mais evidente e real na UNITAU, em virtude do seu tripé ensino-pesquisa-extensão. Meu desejo é que a UNITAU perdure por muitos anos, formando meu filho, meus netos, e as gerações futuras, perpetuando sua potência e seu impacto positivo no vale do Paraíba e no mundo.

Tem tantas palavras que podem definir a UNITAU mas não sei, acho que “grandiosidade” no sentido de oferecer ensino de qualidade, possibilitando a formação, a construção de profissionais habilidosos e competentes para a vida.

Meu coração fica feliz e brinco que ele pulsa azul. Essa é a forma de agradecer por esses 25 anos. Quero ficar sempre aqui, junto dos alunos, com todas as histórias que vamos carregando. Seria isso, um agradecimento, desse coração pulsando azul, e muito grato por todas as oportunidades que a Universidade de Taubaté me deu e oferece para todos que passam por ela. Gratidão!

17

Felipe Amaral

Sou Felipe Diniz de Faria Amaral e estou na UNITAU desde 2019. Comecei na universidade em dezembro de 2019, e logo em seguida, a pandemia teve início.

A UNITAU já estava presente na minha vida de alguma forma antes disso. Trabalhei para a Fundação Universitária de Taubaté - FUST, que faz parte da instituição, e foi através deles que soube do concurso aberto em 2019, que me possibilitou entrar. Atualmente, sou o secretário do campus de Caraguatatuba.

Durante o tempo em que trabalhei na UNITAU, estive toda a minha jornada na secretaria. Comecei direto no campus da Juta, precisamente quando ele estava se integrando ao departamento de informática. Na época, a secretária da informática assumiu o campus da Juta. Entrei nessa transição entre os departamentos em 2019.

Em janeiro de 2020, fui para o departamento de informática, onde comecei a me envolver com as matrículas e a atender os alunos de lá. Em fevereiro, o campus passou por uma unificação e retornei a Juta, mas agora responsável pelas questões de matrícula. Logo depois, a pandemia começou.

Infelizmente, não conheci a Juta quando estava cheia; fiz essa transição e, em uma semana, a movimentação parou. Assim, durante o início da minha jornada na UNITAU, trabalhava em um campus vazio. Os desafios de trabalhar remotamente e as dificuldades trazidas pela pandemia foram consideráveis. Embora tenha iniciado meu trabalho em dezembro e tenha participado do período de provas, logo o semestre terminou e, quando retornamos, a pandemia já havia se instaurado. Trabalhar de casa, atender alunos apenas pelo celular e administrar a enxurrada de mensagens foi um desafio.

Depois, houve um retorno gradual, e fui conhecendo a UNITAU em sua totalidade. Na verdade, só passei a conhecer o campus fun-

cionando de fato depois que a pandemia foi amenizada. Assim, meu início na UNITAU foi marcado pela pandemia, e eu não vivenciei o funcionamento normal da universidade nesse período.

Quando o retorno ao presencial ocorreu, os alunos demoraram mais para voltar, e, durante um bom tempo, trabalhei quase que sem ter uma compreensão completa de como a universidade realmente operava.

Minha trajetória educacional começou em Pindamonhangaba, onde fiz o ensino médio. Depois, cursei um tecnólogo em Logística, em Guaratinguetá. Na época em que estava cursando Administração, curso não finalizado, ingressei na FUST.

Entreí na FUST em 2017, onde tive meu primeiro contato com o ambiente escolar. É claro que a experiência na faculdade é totalmente diferente, mas na FUST tive a oportunidade de trabalhar na secretaria também. Comecei como auxiliar escolar e, no início, atuava como inspetor, realizando diversas funções; fui inspetor e ADI, passando por dentro das salas de aula.

Com o tempo, enquanto estava nessa primeira escola, a diretora percebeu meu perfil e, em um determinado momento, precisou de alguém para a secretaria e me transferiu para lá. Ela gostou do meu trabalho, e permaneci na secretaria pelo restante do meu tempo na FUST.

Atualmente, já tenho quase quatro anos na UNITAU e mais dois na FUST. Iniciei trabalhando em uma escola no bairro de São Gonçalo, em Taubaté. E quando diretora dessa escola foi transferida para uma escola de ensino integral, que, pelo que sei, já não existe mais, me levou junto, pois ela confiava no meu trabalho.

Isso me proporcionou bastante experiência e vivências que talvez não tivesse conseguido de outra forma, já que ela valorizava a maneira como eu trabalhava. Na secretaria, além de ser responsável por algumas tarefas, eu ajudava a diretora nas questões administrativas. Assim, tive a oportunidade de conhecer a gestão escolar em profundidade.

Embora eu não conseguisse ajudar diretamente na parte pedagógica, às vezes oferecia suporte quando necessário. Trabalhar junto com a diretora na sala dela me permitiu observar e participar de toda a gestão da escola, e isso foi uma experiência muito enriquecedora.

Ao chegar à UNITAU, me deparei com um mundo totalmente diferente. Na escola, mesmo trabalhando na parte administrativa, tinha crianças o tempo todo na porta da secretaria. Às vezes, enquanto estava na secretaria, precisava separar brigas ou lidar com situações dos pais. Assim, antes de entrar na UNITAU, já estava um pouco preparado para lidar com o público, tanto crianças quanto seus responsáveis. Já havia passado por diversas experiências nas escolas, e ao ingressar na UNITAU, a dinâmica era mais tranquila, pois não tinha o contato direto com as crianças, embora tenha gostado muito daquela experiência.

Na UNITAU, meu trabalho era mais voltado à parte administrativa e ao atendimento ao público. Quando fui para a secretaria, trazia minha bagagem pessoal e profissional. Todas as pessoas que conheci no campus da Juta foram essenciais para meu crescimento dentro da UNITAU. Destaco especialmente a Débora Evangelista, que era a secretária que me recebeu. Ela me ensinou muitas das particularidades da universidade, e trabalhei em equipe com a Silvia, a Luciene — que hoje está na PRG — e a Ana, que entrou comigo no mesmo concurso.

Na Juta, a Débora conseguiu transformar a secretaria em um ambiente funcional, onde todos se ajudavam. Nos três anos em que trabalhei lá obtive muitas experiências enriquecedoras e nos-

sa equipe criou um ambiente de confiança e parceria, memórias que guardo com muito carinho. Quando fui convocado a assumir a secretaria do Campus de Caraguatatuba, tive receio dessa transição, pois não conhecia as pessoas do novo campus e não sabia como seria o ambiente. Contudo, criamos uma sinergia muito boa. Minha experiência inicial na UNITAU foi extremamente positiva, pois, apesar do estresse e da correria do dia a dia, conseguimos formar uma equipe coesa, onde todos realmente se apoiavam. A Débora confiava em nós, e essa confiança é algo que levei comigo.

Com isso, tentei trazer para Caraguá essa visão de criar uma equipe semelhante à que formamos em Taubaté. Sou muito grato a todos com quem trabalhei em Taubaté, incluindo os diretores da época, como o professor Luiz, diretor da informática, e o professor Dawilmar, seu sucessor. Eles sempre nos ouviam e perguntavam nossa opinião. Havia uma atmosfera de colaboração, onde todos se comunicavam e trabalhavam juntos em direção ao mesmo objetivo.

Essa experiência positiva como auxiliar foi fundamental. Gradualmente, fui substituindo a Débora quando ela saía de férias. Depois, substituí a secretária da Psicologia nas férias dela pedi ajuda. Durante o segundo semestre de 2022, a Débora saiu da secretaria da Juta e entrou a Pamela, que também me ensinou muita coisa.

Nesse meio tempo, também estive envolvido na organização de eventos para captar cadastros de escolas. Lembro de uma vez em que fui a São Sebastião, relacionado ao Enem, para coletar cadastros para o marketing. Foi nesse dia que conheci a Tanise.

Aquela experiência foi muito corrida, mas eu sugeri que fizéssemos um formulário rapidamente para facilitar a coleta de informações. Assim, poderíamos espalhar o formulário e, no final do dia, ter tudo digitado sem a necessidade de inserir manualmente os leads. Claro, quando a demanda aumentava, ainda precisávamos distribuir papéis, mas começamos a coletar os cadastros dessa forma, e a Tanise ficou impressionada com a dinâmica que criamos. Ela foi uma grande apoiadora e me indicou, dizendo: “O Felipe é uma boa pessoa para isso”, o que me fez ser reconhecido fora do campus da Juta.

Quando substituí as férias da secretária da Psicologia, já havia feito um concurso, mas não fui aprovado; fiquei em segundo lugar. Confesso que cheguei a desistir de Caraguá, achando que não iria acontecer para mim. No entanto, o primeiro colocado acabou desistindo, e tudo mudou rapidamente. Assim, vim para cá em fevereiro de 2023, durante a entrada da segunda turma.

Minha história mudou completamente, passando de Taubaté para Caraguatatuba.

Hoje, além da Lívia, que entrou uma semana antes de mim como técnica, sou um dos membros mais antigos do campus. O coordenador Prof. Dr. Daniel Borges Drummond está aqui desde o início. Participar da história do Campus em seu início, realmente foi um desafio, mas muito gratificante.

O ambiente de trabalho é bastante dinâmico, especialmente por estarmos dentro de um shopping, o que traz desafios únicos. Ao contrário de outros departamentos, onde as funções são claramente separadas, aqui é preciso lidar com a estrutura do campus e as demandas do shopping. Desde que cheguei, tudo estava em obras, o que gerou uma série de situações, como a constante chegada de móveis e a necessidade de interagir com diferentes setores, incluindo o de projetos e a DOM.

Tive um suporte valioso de professores como Daniel e Oscar, o que facilitou essa adaptação. Com a chegada da professora Sabrina, a situação começou a se estabilizar, pois sua presença diária possibilitou um fluxo contínuo de informações e maior assistência. No que diz respeito à equipe da secretaria, inicialmente contava apenas com a Flora, que foi essencial na minha integração. Logo em seguida, o Vitor entrou e conseguimos juntos formar um time coeso, que agora conta com a Vanessa e a Daniela também. A Flora saiu em meados de maio de 2024. Essa sinergia tem sido muito positiva, e sinto que meus ensinamentos estão sendo bem assimilados.

A relação com os professores é bastante colaborativa. Eles buscam nossa ajuda frequentemente, e mantemos um bom diálogo. Já colaborei com eles em atividades, como uma encenação para uma prova de práticas integradoras IV para alunos do 4º período do curso de medicina, pois estou fazendo curso Técnico em Teatro. Essa interação e disposição em ir além das funções habituais fortalecem nosso ambiente de trabalho. Nesta ocasião chegamos, eu e minha colega de curso, e a sala estava organizada para a prova, com cada aluno em seu lugar, e estava lotada. Encenamos uma cena na frente da sala. A professora explicou: “Vocês vão assistir a uma cena e devem anotar tudo o que for falado.” Depois que a cena terminou, a prova efetivamente começou, pois ela entregou a folha somente após a encenação. Antes, tinha dado apenas um papel em branco para que anotassem as informações. Os alunos elogiaram a atividade, e eu achei que foi uma experiência bastante interessante.

A partir desse momento, os alunos passaram a me ver de uma forma diferente. Eles já me enxergavam de outra maneira, pois não sou apenas o secretário; estou sempre por aqui, realizando diversas atividades, assim como a Sabrina. É claro que nem todos os alunos passam pela secretaria ou têm a oportunidade de conversar conosco, mas muitos acabam tendo esse contato. Mesmo quando há alguma divergência nas questões administrativas que precisamos discutir, o saldo final é sempre positivo.

É gratificante notar que, em algumas ocasiões, os alunos trazem lembrancinhas para nós, e eu sempre digo que não é necessário, pois estamos apenas cumprindo nosso papel.

Reconheço o carinho e o reconhecimento que os alunos têm pelo que fazemos. Aqui, busco esclarecer que, embora não seja nossa obrigação dar tudo mastigado aos alunos, tento tornar nosso campus o mais transparente possível. É importante mostrar que, embora as regras existam, estamos aqui para orientá-los. Envio e-mails sobre deliberações e outros assuntos para explicar tudo, com a intenção de que, pelo menos, eu esteja fazendo minha parte. Se a pessoa não ler, a responsabilidade é dela, mas fazemos o possível para deixar tudo bem claro, e acredito que os alunos reconhecem isso.

Muitos alunos passam rapidamente pela secretaria durante o intervalo, apenas para conversar e dar um “oi”. Recentemente, aconteceu uma situação engraçada: uma aluna trouxe uma caixa de bombons, um para cada membro da secretaria. Havia outra aluna sentada ali, observando e perguntando: “Por que vocês estão recebendo bombons? Ninguém pode presentear vocês além de mim!” Isso foi uma brincadeira, mas ilustra como essa relação é boa.

Em todos os semestres aprendi a manter uma certa distância, mas neste último semestre, estou fazendo algo diferente. É a primeira vez que me permito conhecer melhor os alunos. Acredito que meu papel envolve conversar, entender e conhecer as histórias deles. Isso se conecta com o que mencionei antes: muitas vezes fazemos mais do que apenas o que nos é atribuído.

Se um aluno enfrenta um problema e o Daniel ou a Sabrina não estão disponíveis, acolho o aluno e ouço sua história, em vez de deixá-lo esperando pela chegada deles. Por exemplo, se a Sabrina está em um congresso e o Daniel só chega à tarde, tento dar apoio. Sempre busco ter essa visão mais humana, mesmo que não seja uma atribuição formal do cargo.

Estou passando por experiências diferentes, e este semestre, em particular, tenho encontrado mais oportunidades para acolher os alunos e conhecer suas histórias. Acredito que, apesar de manter o lado institucional, estou vivenciando uma abordagem mais pessoal. O pessoal da Liga Acadêmica, por exemplo, tem vindo para as palestras e me convida a participar. Mesmo que as apresentações sejam para os alunos da Liga, eles fazem questão de que eu também assista.

Neste semestre, a novidade foi a aproximação maior com os alunos. Não estou mais apenas atrás do vidro da secretaria; estou tendo uma experiência muito mais ativa. A relação com os alunos tem se mostrado bastante positiva. Temos um grupo de representantes que me ajuda muito. Esses alunos são confiáveis e, quando necessário, eles chamam a atenção da turma, dizendo que não é aceitável que a secretaria tenha que ficar mandando e-mails. Às vezes, mandam um recado rápido e, em poucos minutos, já aparece o pessoal da sala.

Essa parceria com os alunos é muito gratificante. Também trabalho em conjunto com o pessoal do Diretório Acadêmico, que se mostra muito colaborativo. Como mencionei antes, a UNITAU teve um impacto profundo na minha vida. Essa mudança foi radical. Então, qual é o verdadeiro papel da UNITAU na minha trajetória? Vejo que ele transcende o aspecto profissional. Minha bagagem profissional, que já é orientada para buscar melhorias e sempre foi marcada pela automotivação, é parte central do que sou.

Acredito que as conexões que fiz vão além do trabalho. Quando todos estão voltados para um objetivo comum, isso faz toda a diferença. A experiência de ter laços sinceros e verdadeiros contribui para criar vínculos significativos, mesmo que o ambiente profissional não exija isso. Minha experiência na UNITAU, desde o tempo no campus da Juta, tem sido extremamente positiva e essas conexões têm me ajudado profissionalmente.

O campus de Caraguatatuba é uma grande aposta no futuro da universidade. Sinto um pouco dessa responsabilidade, e isso me motiva a dar o meu melhor no atendimento e em fazer tudo dar certo. Na secretaria, queremos muito que o campus prossiga com sucesso. Estamos nos preparando para o aumento de alunos em fevereiro, com a expectativa de iniciar o curso de Enfermagem no período noturno. Estamos buscando entender melhor a área da Enfermagem e o que precisaremos implementar.

Queremos muito que a Enfermagem também tenha sucesso. Sinto essa responsabilidade, mas estou sempre pensando em como fazer isso acontecer. Nossa preocupação vai além do momento atual, nos organizamos para o futuro. Embora o campus ainda não esteja totalmente finalizado e muitos espaços, como laboratórios e salas de aula, estejam em fase de finalização, estamos fazendo progresso a cada dia.

Dito isso, se eu pudesse descrever a UNITAU em uma palavra, acho que escolheria “crescimento”. Essa palavra representa muito da minha experiência aqui, especialmente em Caraguatatuba.

18

Geraldo Alckmin

Minha infância transcorreu em uma fazenda no Instituto de Zootecnia, então chamado Haras Paulista. Meu pai, veterinário, trabalhava na Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, especializando-se em piscicultura. Ele dirigiu o Instituto de Pesca Marítima de Santos e, posteriormente, a Estação de Piscicultura de Pindamonhangaba (atual Instituto de Zootecnia). Nasci nesta cidade, na Santa Casa, assistido pelo Dr. Caio Gomes Figueiredo. Tive uma infância feliz na zona rural, pedalando diariamente até a escola. Concluí o ensino primário no Externato São José, e o ensino fundamental e médio no Instituto de Educação João Gomes Araújo.

Meu primeiro vestibular foi para Agronomia, influenciado pela profissão do meu pai, médico veterinário formado pela Universidade de São Paulo – USP, em 1934. Hesitei entre Veterinária e Agronomia. Prestei o vestibular para Agronomia na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Esalq-USP, mas não fui aprovado. Fiz um cursinho preparatório em São Paulo (Objetivo), na primeira turma. Meus professores incluíam Clezio Morandini, Dráuzio Varella, Heródoto e Barbeiro. Nesse ano, decidi prestar vestibular para Medicina. Conheci o Dr. Paulo Ivaí Dantas da Gama, em Pindamonhangaba, e sua influência me motivou a optar por Medicina. Fui aprovado nas Ciências Médicas de Santos e na Faculdade de Medicina de Taubaté. Optei por Taubaté pela proximidade e menor custo. Iniciei meus estudos em 1972. Na minha turma, havia outro aluno de Pindamonhangaba, o Dr. Antônio José Bettoni Moreira.

Fui aluno da sexta turma da Faculdade de Medicina de Taubaté. A faculdade estava em seus primórdios, situada no prédio do Bom Conselho, ao lado da prefeitura do município de Taubaté. Foram bons tempos. Particpei ativamente da vida estudantil, atuando no Diretório Acadêmico Benedito Montenegro e no COMUT (Congresso Médico Universitário de Taubaté). Na época, tínhamos o Hospital Santa Isabel (atual Hospital Universitário) e o Hospital Regional

(hoje Hospital Estadual, após aquisição pela Irmandade de Misericórdia durante meu governo). A experiência como estudante de Medicina foi muito gratificante. Durante esse período, trabalhei em um cursinho em Taubaté (Max Vestibulares, posteriormente Max Prefac), lecionando química orgânica e química do carbono. Mais tarde, especializei-me em anesthesiologia, realizando residência médica no Hospital do Servidor Público Estadual.

Tanto a Medicina quanto a política exigem afinidade com as pessoas. São trabalhos que envolvem proximidade e interação constante. É notável a quantidade de médicos que seguiram carreiras na política como prefeitos, vereadores ou deputados. A Medicina é apaixonante porque acompanha a vida, desde o nascimento até o fim, nos momentos mais importantes. A política também requer participação ativa na comunidade, um ato de amor ao próximo. Não é obrigatório ser candidato, mas a participação na vida pública é fundamental. Há uma grande semelhança entre o exercício da medicina e a atividade pública.

Meu início na política foi casual. O presidente do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), Paulo de Andrade, visitou a Faculdade de Medicina de Taubaté para filiar meu colega, Antônio José Bettoni Moreira. Seu pai, uma pessoa generosa dedicada a instituições de caridade, também me convidou para filiar-me ao MDB. Na época, tínhamos apenas dois partidos (Arena e MDB), e o MDB atuava na oposição. Quando Betone não pôde se candidatar por motivos de saúde familiar, me pediram para assumir sua vaga. Aos 20 anos, tornei-me candidato a vereador e fui eleito como o mais votado, assumindo a presidência da Câmara Municipal. Como vereador, não havia salário; era um trabalho público, uma honra representar a população. Fui presidente da Câmara (1972-1976) e líder do MDB.

Ao fim do meu mandato como vereador, fui indicado como candidato a prefeito. Havia seis candidatos. Fui eleito aos 24 anos, conciliando meus estudos de Medicina com o cargo de prefeito. Trabalhava como anestesista na Santa Casa e no Hospital de Pindamonhangaba. Meu mandato como prefeito foi prorrogado, gerando uma coincidência com a eleição para deputado estadual. O governador Franco Montoro me incentivou a concorrer, e fui eleito. Depois, concorri e fui eleito deputado federal, em razão da Assembleia Constituinte de 1986. Fui convidado pelo governador Mário Covas para ser candidato a vice-governador e governei São Paulo por quatro mandatos. É possível dizer que se meu mandato como prefeito não tivesse sido prorrogado, provavelmente teria me dedicado integralmente à Medicina após concluir a faculdade.

Em 2018, após perder a eleição presidencial, retornei à medicina, trabalhando no Hospital das Clínicas da USP, fazendo cursos de acupuntura e atuando no Instituto de Ortopedia e Traumatologia. Continuo a estudar, pois a medicina requer atualização contínua.

Minha experiência acadêmica na faculdade e o trabalho como professor me levaram à política. As aulas noturnas, para custear meus estudos, contribuíram para minha trajetória política. Recomendo aos jovens a participação na vida pública e a importância de continuar os estudos. A formação profissional é fundamental, mesmo com a carreira política.

A UNITAU foi e é essencial para a região, oferecendo cursos diversos e possibilitando que os estudantes permanecessem perto de suas famílias, com custo menor. A faculdade de Medicina, na qual me formei na sexta turma, já tem mais de 50 anos e se tornou uma das mais respeitadas instituições na área.

A UNITAU se resume em conhecimento. Proporcionou conhecimento para ajudar a sociedade e salvar vidas. Tenho orgulho de ter estudado na Unitau e de sua contribuição para a região.

19

Guilherme Santos

Meu nome é Guilherme da Silva dos Santos, tenho 26 anos e estudo na UNITAU desde 2022. Meu primeiro contato com a UNITAU ocorreu em 2013, durante uma feira de profissões. Na ocasião, cursava o segundo ano do Ensino Médio, e a escola organizou uma excursão para o evento. Foi ali que surgiu meu interesse em Medicina.

Sou de Caraguatatuba e toda minha trajetória educacional foi na rede pública, do Ensino Fundamental ao Médio. Minha família não tinha muita proximidade com o ambiente universitário. Meu interesse por faculdade surgiu no primeiro ano do Ensino Médio, um sonho que então parecia distante, especialmente Medicina.

Na feira de profissões, visitei vários estandes, sentindo receio, mas sempre retornando à área da Medicina. Desde criança gostava de me imaginar médico e veterinário. Na feira, um museu de anatomia, com um cadáver exposto, me chamou a atenção, gerando mais curiosidade do que medo.

Pensei: “Nossa, que incrível deve ser a profissão médica!”. No entanto, na época, essa era uma realidade distante, devido a minha situação financeira. A experiência marcou profundamente minha trajetória. Particpei de um teste vocacional que indicou Medicina como a profissão mais adequada. Pesquisei os valores dos cursos, mas eram inacessíveis.

Na feira, subindo as escadas, vi um banner com a frase: “Você tem o poder de decidir o seu futuro”. Essa frase me impactou.

Consegui uma bolsa integral para cursar Enfermagem em uma faculdade da região, algo que não seria possível sem este auxílio. Naquela época, não tinha condições financeiras para pagar um curso, seja ele qual fosse. Formei-me em Enfermagem em 2018.

Fiquei com aquele sonho da Medicina

engavetado, em stand-by.

Veio a pandemia e o trabalho na linha de frente de uma UTI como enfermeiro, ao final de 2021, fizeram-me retomar esse desejo. Conversei com minha família, e com uma situação financeira melhor, decidi me preparar para o vestibular.

Sem condições para um cursinho presencial, optei por um curso online. Ao longo dos plantões, estudei para o vestibular, que ocorreu em junho de 2022. Ao descobrir que o campus de Medicina em Caraguá havia aberto as inscrições, pensei: “Deus, que coincidência!”. Apesar de ser um objetivo ainda distante, estudar em uma cidade próxima era um alívio.

Ao abrir as inscrições do vestibular, pensei em fazer a prova como preparação para futuros vestibulares. Após seis meses de estudos, resolvi me inscrever. Para minha surpresa, fui aprovado. Hoje curso o terceiro ano de Medicina na UNITAU. Foi a UNITAU que plantou a semente em mim no segundo ano do Ensino Médio. Quase sete anos depois, estou realizando meu sonho, graças à UNITAU.

Meus pais não concluíram o Ensino Fundamental. Vim de uma família muito humilde. Meu pai tem doze irmãos e minha mãe doze irmãs. Meu pai trabalha na construção civil e minha mãe como faxineira. Meu desejo era mudar a realidade deles.

Amo a Enfermagem, e continuo a trabalhar na área. Concilio os estudos com o trabalho. Durmo pouco, mas é em prol da realização do meu sonho.

Meus pais não tiveram essa vivência acadêmica. Falo para minha mãe: “Mãe, gabaritei uma prova!”. Ela responde: “Isso é bom? Isso é ruim?”. Porque não tem essa base. Como foram sempre condicionados a isso, para eles o estudo era segundo plano. Sempre fui estimulado: “Vamos arrumar um trabalho, vamos trabalhar alguma coisa. Diziam: “no barzinho está pegando gente para trabalhar”, “Seu tio está precisando de gente para fazer bico na jardinagem”. Sempre fui condicionado ao trabalho, o que não é ruim. Mas busquei também essa vivência acadêmica.

Fui filho único até os 21 anos. Atualmente, tenho um irmão mais novo, de 5 anos.

No Ensino Médio, cogitei cursar Enfermagem. Consegui uma bolsa integral no segundo mês do curso de Enfermagem, e com o auxílio do programa de jovem aprendiz da Petrobras, consegui pagar a mensalidade no primeiro mês.

Ao contar à minha mãe o custo do curso de enfermagem, ela ficou preocupada, pois representava quase 80% do seu salário. Ela disse: “Não, Guilherme, como que você vai fazer essa faculdade?”. Foi como um balde de água fria.

A bolsa integral, conseguida posteriormente, me permitiu concluir a graduação. Sempre gostei de ajudar as pessoas, mesmo fora da área da saúde. A enfermagem me permitiu auxiliar, conversar e entender as dificuldades. O trabalho promove a saúde e a educação em saúde, algo que sempre me interessou.

Mudar a realidade de minha família ainda era um desafio. Sempre tive o desejo de fazer uns procedimentos médicos e reativei aquele desejo de fazer Medicina, porque eu uni tanto a parte da realização pessoal, poder ser uma ferramenta na vida de uma pessoa é uma gratificação muito grande. A Medicina permitiria a realização pessoal, ajudando as pessoas. Graças

a Deus consegui superar o padrão geracional, garantindo a conclusão do Ensino Médio, e agora estou cursando uma segunda graduação.

O convívio com colegas de Medicina revelou uma disparidade financeira. Não tive o privilégio de vir de uma família rica. É uma luta. No início, senti dificuldades em comparar minha realidade com a dos colegas, mas aprendi a respeitar as diferentes trajetórias e méritos. Espero que as experiências que estou adquirindo sirvam de exemplo para meus sucessores.

A UNITAU me ajudou muito nisso também. Como fiz enfermagem, eliminei algumas das matérias, e isso diminuiu um pouco na mensalidade nos primeiros anos. E, graças a Deus, com as oportunidades de bolsa que a UNITAU propõe, hoje tenho uma bolsa que me auxilia muito, que é a Bolsa PAM. Então, me faz garantir pelo menos que o salário como enfermeiro consiga arcar com os custos do curso.

Tenho dois padrinhos. Na enfermagem, fiz amizade com dois profissionais que no dia a dia, viram um potencial em mim. Fechamos um acordo, eles me apadrinharam e auxiliam com cerca de 40% do valor da mensalidade, para que, depois, eu pague. Eles decidiram investir no meu sonho. Tem esses 40% do valor da minha mensalidade, mais a Bolsa PAM, e mais o meu trabalho.

A rotina é desafiadora: trabalho como enfermeiro em um pronto-socorro, estudo e me organizo para conciliar trabalho, estudos e relacionamento. Minha rede de apoio, colegas, familiares e noivo, me ajuda bastante. Meu noivo também é profissional da área, me auxilia bastante. Já passou pelo que estou passando, dá umas dicas do que focar mais, o que não focar. Toda essa rede de apoio facilita bastante.

Essa rotina intensa exige organização e planejamento, mas é recompensadora. Tenho fé em Deus, e acredito que, “eu dou o passo e ele me dá o chão”. Um exemplo disso foi o financiamento da rematrícula através de uma rifa. As mensalidades de agosto e setembro de 2024, não sabia como ia pagar. Mas conversei com Deus e fui em frente. Logo depois consegui a bolsa e tudo foi se construindo. Nesses três anos está sendo dessa forma. Estou dando passos e construindo. Quem diria em 2013 que hoje eu estaria cursando Medicina na UNITAU, e que seria aqui na minha cidade. Acho que tinha que ser! Eu não consegui ir até lá, e a UNITAU veio até mim!

A abertura do campus em Caraguá foi fundamental para mim e para muitos outros. Os benefícios são inúmeros. Não é apenas a abertura de um campus, é poder realizar vários sonhos. São realidades que estão sendo mudadas, famílias que vão ser mudadas através da graduação de Medicina. A união de esforços é necessária para o progresso da região.

A Medicina não se resume apenas ao salário, mas também à empatia e ao trabalho em prol do próximo. Quanto ao ensino, a gente participou de uma Olimpíada de Medicina proposta pelo Hospital Albert Einstein, que ocorre anualmente e é dividida em ciclo básico e clínico. A UNITAU providenciou o transporte para a prova, que tem abrangência nacional. O conteúdo da prova era do ciclo básico, e nossos resultados foram bons, o que reforça a qualidade do ensino da UNITAU, uma instituição de referência.

A primeira turma enfrenta desafios, mas a construção coletiva é valiosa. Compartilhamos experiências, auxiliando uns aos outros. Já estamos contribuindo com projetos de extensão em unidades de saúde locais.

Fundamos a Liga de Cirurgia Geral e conseguimos um acordo para estágio no Hospital Casa de Saúde Stella Maris. A liga proporciona experiência prática desde o início da graduação. A UNITAU une método tradicional com a prática.

A experiência de ser da primeira turma é gratificante, pois estamos marcando história. A construção da infraestrutura e a ampliação das instalações da UNITAU foram testemunhas de nosso crescimento. Os desafios são muitos, mas os resultados vêm sendo gratificantes.

A cirurgia é minha especialidade preferida. Ver resultados imediatos é atraente. Casos de apendicite, por exemplo, o problema é resolvido na hora. Gosto da adrenalina, fruto da minha experiência como enfermeiro em UTI neonatal e adulta. Gosto de pacientes críticos, e a cirurgia me dará essa experiência.

Por isso, fundamos a Liga de Cirurgia Geral. Completamos um ano e já conseguimos aprovação para o estágio da liga no Hospital Casa de Saúde Stella Maris. Desde o início, os membros da liga têm a oportunidade de acompanhar cirurgias, diretamente do centro cirúrgico. Esse contato prático é muito valioso. Atualmente, focamos na produção científica, tendo apresentado três trabalhos aprovados no Congresso Paulista de Cirurgia em 2024.

Com a expansão dos cursos de Medicina, a concorrência para a residência médica aumentou. Os editais consideram o currículo, e as ligas acadêmicas contribuem para isso, embora a pontuação não seja tão alta. No entanto, a produção científica, que temos incentivado na liga, tem maior peso nos editais.

Também criamos um projeto de extensão, o Projeto Cicatriz, que está prestes a começar. Visa capacitar os ligantes para auxiliar nas UBS (Unidades Básicas de Saúde) com curativos em feridas crônicas e agudas. Os alunos capacitados dedicarão um dia na UBS para auxiliar profissionais, aliviando a demanda.

A liga tem alcançado novos desafios, o que não é fácil, mas temos visto resultados. No semestre passado, fomos premiados em um ranking de ligas acadêmicas, que avaliou produção científica, eventos, mídias sociais, projetos de extensão e participações em congressos. A Liga de Cirurgia ficou em primeiro lugar, um resultado animador que nos motiva a continuar.

A UNITAU utiliza um método tradicional, mas acredito que a combinação desse método com a prática resultaria em um ensino ideal.

Somos a primeira turma, e isso é especial. Pensamos: “Na nossa época não tínhamos isso”, recordando a ausência de laboratórios e recursos. As turmas 1 e 2 deixaram sua marca, sendo as primeiras ligas a realizar projetos de extensão. É gratificante contribuir para a história da UNITAU e do campus. Quando chegamos, havia apenas um corredor; os laboratórios já existiam, mas não a parte superior. Lembro-me da construção da escada lateral, da expansão da biblioteca e das salas de estudo, e da construção do refeitório e da cantina. É gratificante ver a transformação!

A disciplina de bioquímica foi um desafio, mas conseguimos superá-lo. Tive aulas com a professora Mariana Feijó (uma excelente profissional) tinha padrões muito elevados, o que nos exigiu muito esforço.

Sinto gratidão por realizar meu sonho, plantado em 2013. Tenho um carinho especial pelas feiras de profissões; participo de todas. Às vezes, a rotina pode nos tornar insensíveis a

esse tipo de evento, mas a feira mudou minha perspectiva e sei que muitas pessoas não têm acesso a isso. Sinto gratidão por todo esse caminho, desde a feira de profissões até hoje, por realizar meu sonho, quebrar padrões geracionais e mudar a perspectiva da minha família e da minha vida.

Sobre como consigo dar conta de tudo, creio na frase: “Tenho o poder de mudar meu destino”. É isso que tento fazer: mudar meu destino, quebrar padrões geracionais e mostrar que, com esforço, é possível alcançar os objetivos.

Minha aprovação na faculdade foi uma grande emoção para minha família, que logo se preocupou com as despesas. Disse à minha mãe que serei sua aposentadoria; ela é uma mulher incrível, que trabalha até hoje, faz faxina e cuida do meu irmão. Minha maior motivação é proporcionar a ela um descanso merecido após tantos anos de trabalho árduo. Claro, também quero mudar minha própria perspectiva, mas meu maior objetivo é melhorar a vida dela.

Vivenciei diversas humilhações por ela ser empregada doméstica; alguns patrões eram ótimos, mas outros, infelizmente, menosprezavam-na. Luto para mudar a vida das pessoas. Às vezes minha mãe se preocupa e me pede para eu descansar. Ela compreende e tenta facilitar as coisas o máximo possível.

Para ela, tudo isso é muito novo. Quem conhece minha família e onde moro nunca imaginaria que têm um filho estudante de Medicina. Estar na Medicina já é um milagre, pois rompeu todas as expectativas e me tirou de uma realidade muito diferente.

A UNITAU é uma segunda casa. Espero continuar contribuindo com essa instituição por muitos anos.

Agradeço a oportunidade de ter compartilhado minha história.

20

Heder Ferreira

Sou Heder Nunes Ferreira, médico veterinário com quase 20 anos de formação. Realmente, encontrei meu lugar na medicina veterinária. Amo essa profissão, e tenho uma grande afinidade com a área rural, especialmente com o trabalho em fazendas.

Minha trajetória está intimamente ligada à história de Taubaté, à UNITAU e à medicina veterinária, e considero essa relação muito importante. Estou na UNITAU desde 2021, então estou completando aproximadamente quatro anos aqui.

A história da UNITAU está impregnada na minha família. Sou de origem taubateana; meus pais e meu irmão mais velho são de Taubaté, assim como avós, tios e primos. Meu pai, inclusive, é formado em Engenharia Civil pela UNITAU, e tenho vários primos e tios que se formaram e trabalharam na universidade.

Nasci no Rio de Janeiro, pois meus pais haviam se mudado antes do meu nascimento. Com a chegada do curso de Medicina Veterinária, tive a oportunidade de me aproximar da minha família, algo que sentimos falta, mesmo vivendo em uma cidade tão boa quanto Aracaju. Estávamos com nossos dois filhos em crescimento e, eu e minha esposa, sentimos a necessidade de estar mais próximos da família. A oportunidade veio a calhar.

É uma história interessante, pois ao chegarmos na fase do ensino médio, começamos a definir o que queremos ser na vida. Refletindo sobre algumas décadas atrás, essa escolha era quase sempre voltada para a carreira profissional. Hoje, com a influência dos Youtubers e das mídias sociais, as dinâmicas mudaram bastante.

Sempre gostei muito de esportes e minha intenção inicial era fazer Educação Física. No entanto, minha mãe tinha uma visão diferente e acreditava que essa profissão não me garantiria um futuro promissor. Hoje, percebemos como a Educação Física tem uma valorização

significativa. Mas naquele momento, acabei me deixando levar pela opinião dela, que queria que eu seguisse na área de Odontologia. Foi então que uma tia me sugeriu: “Por que você não faz Medicina Veterinária? Você adora fazendas.” Durante as minhas férias, costumava passar muito tempo com meus tios e primos, que têm uma fazenda em Lagoinha, e isso despertou em mim um amor pela vida rural.

Pensei: “Veterinária é algo que eu vou gostar.” Isso tinha relação com o esporte, sempre em ambiente aberto, natural, vôlei de praia, surf, muita praia e muito mato. Gosto muito desses ambientes, então, entrei com esse foco.

Entre no curso e me identifiquei com ele. Hoje, sinto-me realizado na profissão que escolhi e não poderia estar mais satisfeito com essa decisão. Entrei na faculdade já pensando em mexer com os animais de grande porte. Fazenda, é o ambiente que eu gosto.

Nunca pensei em trabalhar com animais de pequeno porte ou em clínica. Na universidade, me especializei na parte de reprodução animal, hoje trabalho com isso em propriedades rurais, e faço também clínica e cirurgia de grandes animais. Quero estar constantemente no campo. Até falo para os alunos, que para estar ensinando na sala de aula, tem que vivenciar essa rotina de campo. Não pretendo deixar de fazer, por um bom tempo. Estar no meio do mato, na fazenda, mexendo com animais, é prazeroso.

Essa trajetória surgiu a partir de uma oportunidade, que começou na faculdade com a monitoria. Fui monitor das disciplinas de Anatomia e Reprodução Animal, o que já me deu um primeiro contato com a docência. Logo após me formar, ingressei no mestrado em Botucatu, na UNESP, onde despertou meu interesse pela pesquisa e pela docência.

Após concluir o mestrado, meu foco passou a ser a docência, com a intenção de compartilhar o conhecimento adquirido no campo com os alunos, o que considero muito importante. À medida que fui lecionando, descobri o quanto gosto de ensinar e de interagir com os alunos. É gratificante vê-los interessados e aprendendo, e mais ainda quando se formam e se tornam bem-sucedidos.

Embora eu esteja na UNITAU há quatro anos, já leciono há 15 anos em outros estados. Essa trajetória foi, de certa forma, natural para mim. Sempre gostei de ensinar, pois isso me obriga a estudar e me atualizar constantemente. Quando passamos muito tempo no campo, pode ser fácil deixar os estudos de lado, mas a busca pelo mestrado, doutorado e pela docência sempre me motivaram a manter meu conhecimento em dia.

Atualmente, a tecnologia está presente em tudo, e o processo de atualização é muito rápido. Isso me ajuda a me manter atualizado no campo acadêmico, além de buscarmos desenvolver toda a parte de pesquisa, que traz novas perspectivas, tecnologias e técnicas.

Estava muito bem estabelecido em Aracaju, onde lecionei por 10 anos, e minha esposa também estava trabalhando. Era uma vida muito boa, realmente não tenho do que reclamar. Morava de frente para a praia, o que era ótimo. No entanto, trabalhei em uma universidade particular, onde a estabilidade é menos garantida. Após buscar um mestrado e um doutorado, desejava uma carreira docente mais estável, o que costumamos encontrar em instituições públicas.

O interesse em retornar para a região se deu, em parte, por questões familiares. Eu e minha

esposa, com origens no Rio de Janeiro e eu em Taubaté, percebemos a distância em relação à família enquanto nossos filhos cresciam. Por mais que um voo de duas ou três horas possa nos trazer próximos, sentimos a falta dos aniversários e das festas cotidianas. Nossa família sempre foi próxima e esse laço é muito importante para nós. Após nos formarmos, nos distanciamos da família, e isso começou a pesar.

Foi assim que, antes mesmo de sair o curso de Medicina Veterinária, comecei a buscar oportunidades de emprego na região. Isso ocorreu mais ou menos em 2019, e o curso surgiu em 2020.

Aquela mesma tia que me incentivou a seguir a carreira também me informou que a UNITAU estava abrindo o curso de Medicina Veterinária. Fiquei atento, esperando a publicação dos editais. Quando saiu o primeiro concurso para docente no curso, prestei e, fui aprovado. Estou muito satisfeito com essa mudança.

Embora tenha deixado para trás a beleza de Aracaju, uma cidade maravilhosa, a família faz toda a diferença. Ao longo do nosso percurso, o apoio e a segurança que recebi da família foram fundamentais. Apesar da distância, sempre pude contar com esse suporte. No entanto, com o tempo, meus pais foram envelhecendo, e eu queria estar mais próximo deles. Essa mudança realmente nos trouxe para cá e foi um fator agregador em nossas vidas. Acredito que tudo aconteceu como deveria, e confio muito nesse conceito de destino.

Por exemplo, quando estávamos saindo de Aracaju e vendendo nossa casa, tive que assumir aqui, pois já havia passado no concurso. No entanto, não conseguimos vender a casa dentro do prazo de 30 dias que tínhamos para nos mudar. No último dia, estávamos prestes a deixar a casa com uma imobiliária e conseguimos efetuar a venda. Isso mostra como as coisas se encaixaram perfeitamente.

Em relação ao estilo de vida aqui, é um desafio. Eu já tinha uma experiência prévia em coordenação, tendo exercido o cargo por quatro anos, o que foi muito benéfico para mim. Ter vivenciado essa parte administrativa e saber lidar com alunos e questões organizacionais foi crucial.

Entretanto, o curso de Medicina Veterinária aqui na UNITAU estava apenas começando. Na minha antiga instituição, já havia um curso estabelecido, enquanto aqui, eu precisava fazer tudo andar. Isso foi um desafio em diversos aspectos: desde a formação do corpo docente até a criação da matriz curricular que ainda estava sendo desenvolvida. Também era necessário promover o curso para atrair alunos e impulsionar a Medicina Veterinária na região do Vale do Paraíba. Enfrentamos muitos desafios, alguns deles especialmente pesados, principalmente na esfera pública, onde lidar com as burocracias pode ser complicado. Isso me tirou um pouco do sono no início, mas fui me organizando e entendendo como as coisas funcionavam.

Felizmente, conseguimos fazer tudo acontecer. Recebi muita colaboração de todo o Departamento de Ciências Agrárias, dos professores da Agronomia e do diretor do departamento, além dos docentes da Medicina Veterinária que se juntaram a nós e colaboraram muito. No geral, não tenho do que reclamar.

Projetamos a clínica veterinária e o posto de monta na Fazenda Piloto, que são duas estruturas que também podem ser utilizadas por outros cursos. Já tivemos conversas com pessoal da Biologia e da Biomedicina sobre o uso do espaço da clínica. Essa estrutura foi construída

pela UNITAU para ser de uso coletivo, com foco principal na Medicina Veterinária. Agora, nosso objetivo é otimizar esses espaços.

A clínica veterinária e o posto de monta já estão em funcionamento, com aulas acontecendo nesses ambientes. Pretendemos, no início do ano, especialmente na clínica, estabelecer uma rotina de atendimentos à comunidade de Taubaté e do Vale do Paraíba. Isso vai beneficiar não apenas o ambiente universitário, mas também a sociedade em geral, o que me deixa muito feliz.

Recentemente, o curso recebeu reconhecimento, com um prazo máximo para reavaliação, o que é uma grande conquista. Agora, nosso objetivo é continuar esse trabalho e avançar na qualidade do curso. Vejo que todos estão comprometidos em fazer o curso de Medicina Veterinária acontecer, e é exatamente isso que precisamos. Estou muito otimista com o futuro do curso de Medicina Veterinária na UNITAU. Acredito que vamos consolidá-lo, assim como a Agronomia, que já possui 45 anos de história. Espero que a Veterinária também alcance 45 anos e, quem sabe, 50 anos ou mais de excelência. Tenho confiança de que o curso de Veterinária seguirá esse caminho, com muitos anos de sucesso pela frente.

Sobre a pandemia de 2020, vivi essa transição, pois o curso começou naquele ano com outra professora como coordenadora, e as aulas já estavam no formato online. Quando cheguei em 2021, já estava no final da pandemia e na transição para o formato híbrido. Esse processo trouxe diversos desafios, especialmente na reintegração dos alunos às aulas presenciais, respeitando os receios de muitos em retornar.

O curso de Medicina Veterinária, sendo presencial por natureza, enfrentou dificuldades para manter as práticas durante a pandemia, mas essas atividades nunca deixaram de ocorrer. Mesmo no formato online, ajustamos a quantidade de alunos e o espaçamento nas aulas práticas. Graças à minha experiência anterior em outra universidade, consegui finalizar o semestre de forma remota enquanto me adaptava à UNITAU.

Foi um período de muitos ajustes, tanto no ensino online quanto no retorno presencial, mas conseguimos superar esses desafios e reestruturar o curso. Atualmente, estamos totalmente presenciais e funcionando a pleno vapor.

O curso de Medicina Veterinária é dividido em três partes principais. A primeira é voltada para atividades laboratoriais, o que pode frustrar um pouco os alunos ingressantes, pois muitos chegam com a expectativa de lidar diretamente com os animais, mas isso não acontece imediatamente. Inicialmente, eles estudam disciplinas básicas para entender o organismo, desde a célula até os processos bioquímicos, o que exige bastante trabalho em laboratório.

A segunda parte é semiprofissionalizante, onde os alunos começam a ter contato com os animais e realizam práticas em algumas disciplinas. Por fim, na parte profissionalizante, os alunos aplicam o que aprenderam, com disciplinas voltadas para atividades diretamente relacionadas ao exercício da profissão.

Sou professor de disciplinas básicas, concursado na área de Anatomia e Fisiologia Animal. Leciono a parte prática de Anatomia em laboratório, utilizando peças, manequins e outros recursos. Posteriormente, ministro a disciplina de Reprodução Animal, que é minha área de especialização e corresponde à etapa profissionalizante. Nessa fase, os alunos lidam diretamente com animais e técnicas de biotecnologia da reprodução, o que proporciona uma prática muito

mais cativante.

Costumo brincar com os alunos sobre a importância de equilibrar prática e teoria. Se o estudante se dedicar apenas à prática, ele se torna um “prático”, o que é comum na medicina veterinária, especialmente com grandes animais, onde muitas pessoas aprendem empiricamente técnicas de tratamento e manejo transmitidas por gerações. Embora essas práticas sejam valiosas, em alguns casos podem infringir a legalidade da profissão. Por outro lado, quem se concentra apenas na teoria pode encontrar dificuldades na aplicação prática. Por isso, sempre enfatizo a importância de associar teoria e prática. A formação não se restringe à sala de aula, mas também inclui atividades práticas e experiências que os alunos buscam fora da instituição, como estágios e congressos. Isso é fundamental para uma formação com excelência na medicina veterinária, que é um curso complexo, envolvendo o estudo de várias espécies e exigindo dedicação.

Após a formação, o aluno pode se especializar em uma das mais de 80 áreas de atuação do médico veterinário. Durante a graduação, é necessário aprender um pouco sobre cada área. Por exemplo, embora atualmente não trabalhe diretamente com a inspeção de produtos de origem animal, estudei essa disciplina durante minha formação. Com o tempo, os profissionais se concentram em suas especializações, e o estudo se torna mais direcionado.

Além disso, estamos começando a discutir para implementar na UNITAU programas de pós-graduação e residência em clínica veterinária, com o objetivo de oferecer continuidade à formação de nossos alunos. Estamos colaborando com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação para desenvolver esses programas, visando avançar na qualificação profissional e acadêmica da universidade.

Durante meu mestrado, tive a oportunidade de realizar uma jornada na Cornell University, onde fui para estruturar um laboratório de reprodução animal para um professor que estava iniciando suas atividades na universidade. Esse professor é brasileiro e se formou na UNESP de Botucatu. Foi por meio do meu orientador de mestrado que tive acesso a essa vivência. Fiquei lá por seis meses, organizando o laboratório, adquirindo os equipamentos e materiais necessários, e estabelecendo rotinas de trabalho, além de treinar alguns alunos e técnicos locais para manter essa rotina. Essa experiência foi extremamente enriquecedora, pois eu ainda não havia tido a oportunidade de atuar profissionalmente no exterior.

Lá, pude realizar algumas pesquisas utilizando o citômetro de fluxo, um equipamento utilizado para várias análises celulares, focando particularmente na área de análise espermática, que é uma das minhas linhas de pesquisa relacionada à criopreservação de sêmen. Desenvolvemos algumas pesquisas com o uso desse equipamento, e na época, aqui no Brasil, havia apenas um desse tipo. Após meu retorno, levou algum tempo até que a Universidade de Botucatu conseguisse adquirir esse equipamento, se não me engano, foram mais de três ou quatro anos até isso acontecer.

Hoje, o citômetro de fluxo é amplamente utilizado na rotina de sexagem espermática, permitindo distinguir entre espermatozoides do sexo masculino e feminino. Isso possibilita direcionar a reprodução de certas espécies, sabendo previamente se o filhote será uma fêmea ou um macho. É um equipamento extremamente versátil e é aplicado em diversas atividades relacionadas a células.

Quando falamos sobre a produção de alimentos de origem animal, importante destacar que é uma das grandes áreas da Medicina Veterinária, muitas vezes pouco conhecida, envolve a presença de médicos veterinários desde a cadeia produtiva no campo, industrialização dos produtos até na comercialização dos produtos de origem animal nas gôndolas dos mercados. Por exemplo, ao considerarmos a produção de leite, é essencial lembrar que as fêmeas são as responsáveis por essa produção. Portanto, em um sistema de pecuária leiteira, é muito mais vantajoso que nasçam fêmeas do que machos. Inclusive, um macho que nasce de uma vaca leiteira não tem valor agregado significativo no comércio. Hoje em dia, o sêmen que comercializamos do touro pode ser convencional — onde o sexo é aleatório, aproximadamente 50% masculino e 50% feminino — ou sêmen sexado, que apresenta mais de 95% de precisão em relação ao sexo do filhote que nascerá. Essa prática já está implementada no mercado, e várias propriedades da região utilizam sêmen sexado.

O Vale do Paraíba é uma região interessante para esse assunto, pois abriga muitas fazendas. Historicamente, o vale é conhecido pela sua produção de gado leiteiro. A bacia leiteira de São Paulo está localizada aqui no vale. Assim, uma área de melhoria para a região é a instalação de centrais de reprodução. As centrais mais próximas aqui no Estado de São Paulo estão em Sertãozinho e Botucatu, que abrigam as principais unidades, como a Lagoa da Serra e a central Bela Vista, por exemplo. Outra oportunidade de avanço seria o uso de biotecnologias, como a produção in vitro de embriões.

Atualmente, observamos que poucas propriedades na região trabalham com fertilização in vitro, especialmente quando comparadas a outras regiões do país. No entanto, o potencial está presente, pois temos um rebanho bem selecionado e genética de qualidade, resultado de anos de seleção. A questão principal é atrair empresas que se interessem pela região e incentivar os proprietários a valorizarem esses serviços.

Como docente e pesquisador, tenho a perspectiva de implementar um laboratório de produção in vitro de embriões aqui na universidade. É uma meta ambiciosa, mas que ainda precisa ser consolidada. O foco inicial, claro, era estruturar o curso.

Estamos começando a explorar algumas áreas de interesse específicas, e o Posto de Monta é um primeiro passo para isso. Minha perspectiva é que, em alguns anos, possamos ter um laboratório voltado especificamente para pesquisas, mas que, posteriormente, também possa se tornar uma vertente comercial da própria universidade. Vejo um mercado promissor nessa área, e agora basta organizar as peças necessárias para estruturar isso.

Com certeza, a universidade tem um papel extensionista. Precisamos trazer esse papel para a sociedade, especialmente em Taubaté, onde está sediada. Fico feliz em ver que estamos expandindo essa atuação, inclusive com a criação dos campi fora de sede.

Pensando nisso, vejo a possibilidade de inovar com biotecnologias da reprodução, já que há uma clara demanda no mercado e uma carência de empresas e profissionais nessa área. Além disso, nossa clínica foi projetada para funcionar como um futuro hospital veterinário, possuindo a capacidade e infraestrutura necessárias para isso.

No que diz respeito a pequenos animais, essa área já está bem desenvolvida, tanto em serviços de “petshop”, quanto clínicos. Surpreendeu-me bastante a quantidade de clínicas veterinárias em Taubaté. Minha esposa atua na área de pequenos animais, e notei que Taubaté tem

mais clínicas do que Aracaju, que, embora seja a menor capital do Brasil, ainda é uma capital. Vale mencionar que Aracaju cresceu nos últimos anos, mas a quantidade de clínicas aqui é notável.

Voltando ao tema de grandes animais, construímos um centro cirúrgico para esse segmento. Se analisarmos o eixo São Paulo-Rio de Janeiro, hoje não existe um centro cirúrgico ativo com uma rotina de cirurgias em grandes animais. Portanto, nosso objetivo é começar a desenvolver essa demanda, formando uma boa equipe de profissionais, incluindo médicos veterinários e professores, para atuar nesse ambiente e tornar nosso centro uma referência entre os eixos Rio de Janeiro e São Paulo.

Eu trabalho com animais, como cavalos, em propriedades, e, quando precisamos encaminhar um animal para cirurgia, geralmente temos que mandá-lo para São Paulo ou Jaguariúna, onde estão os centros cirúrgicos ativos mais próximo. Minha missão é trazer a condição de instituir uma rotina de cirurgias dentro do setor de grandes animais da clínica veterinária da UNITAU. Existe uma grande amplitude de possibilidades nesse campo, pois, embora a veterinária seja uma profissão generalista, atualmente contamos com diversas especialidades.

A Medicina Veterinária está se aproximando cada vez mais da Medicina. Enquanto a Medicina já se especializou em várias subáreas, a Veterinária também está enfatizando as especializações, o que é um movimento crescente. Quando pensamos na história do curso, ele era inicialmente muito semelhante à Medicina, com uma carga horária de 7.000 a 8.000 horas para a formação. Na minha época, há cerca de 20 anos, essa carga horária já havia sido reduzida para aproximadamente 5.000 horas, em função da necessidade de fragmentação em especialidades.

Hoje, o MEC aceita cursos com carga mínima de 3.900 horas, e a maioria dos cursos atuais trabalha com 4.000 horas ou pouco mais, com a ideia de que, após a graduação, os profissionais façam formação continuada em suas áreas de especialização. Assim, o foco mudou de um aprofundamento generalizado para uma especialização em áreas de interesse. Como mencionei, pretendemos implementar programas de pós-graduação e especializações, trabalhando com profissionais na clínica veterinária em áreas como neurologia, ortopedia, dermatologia, diagnóstico por imagem, entre outras áreas de especialidade. Isso contribuirá para o desenvolvimento de especialidades na Medicina Veterinária na região.

Além disso, vejo duas perspectivas importantes nessa trajetória. A primeira é a minha conexão familiar. Meu pai se formou aqui, e foi a profissão dele que possibilitou minha educação, vindo de raízes locais. Hoje, como profissional atuando aqui, percebo a UNITAU como uma instituição que promove o tripé do ensino, que envolve ensino, pesquisa e extensão. Isso me proporciona a oportunidade não apenas de lecionar, mas de trabalhar em pesquisa e expandir esse conhecimento para a comunidade.

Sinto que estou trilhando um caminho significativo na Medicina Veterinária e na UNITAU, onde posso desenvolver tanto uma carreira docente quanto de pesquisador. Isso, por sua vez, traz benefícios para a população da qual faço parte, tendo minha própria família e origem aqui. Essa conexão confere um significado especial à minha vida profissional e pessoal. Sinto-me gratificado por isso.

Agradeço pela oportunidade de compartilhar minha experiência, é um prazer participar dessa jornada.

21

Isnard
Neto

Meu nome é Isnard de Albuquerque de Câmara Neto. Sou professor da Universidade de Taubaté desde 1997. Nasci no Rio de Janeiro. Cresci à beira da praia. Fui nadador, mergulhador, caçador de peixe, enfim, a infância normal de qualquer carioca que vive na beira da praia, pois nasci em Copacabana. Nessa época, meus amigos e eu gostávamos de montar a cavalo na Hípica da Lagoa. Com isso, falei: “Se tem cavalo no exército, então vamos embora”. E todos nós fomos.

Na academia militar, o próprio prédio não era amistoso. Era todo quadrado. Foi construído por uma empresa alemã. O mais engraçado é que está na memória até hoje. As escadas são de ferro e, ao longo das décadas, foram se desgastando, mas elas ainda estão lá, desgastadas no meio. Estar lá dentro não era lúdico e nem legal. Não foi uma experiência das mais agradáveis. Mas eu saí tenente e me aposentei como tenente coronel, porque o velho Nivaldo Zollner, que era reitor na UNITAU, me ligou e falou: “Tem como você vir para cá? Porque o seu concurso está acabando, não está?” Como eu já tinha sido promovido, fui embora para a reserva e no dia seguinte já estava aqui.

Antes disso, morei no Alto Amazonas e em São Gabriel da Cachoeira. Conheci boa parte do norte do Brasil e depois eu vim para Taubaté, onde eu me assentei. Tive uma filha aqui e ganhei o título de cidadão taubateano, concedido pela Câmara Municipal, por intermédio do vereador Douglas Alberto Carbone, meu amigo.

Sempre gostei muito de ler e de escrever. Por isso, vir para a UNITAU foi delicioso. Um amigo que também estudou aqui me falou que eu deveria fazer, que era muito legal e muito diferente essa visão histórica de uma universidade. Eu me dei muito bem e fui muito feliz no curso de História, em que pese o treinamento. Pelo menos na minha época, foi muito duro, assim como o curso, porque

tínhamos – me lembro como se fosse hoje – provas bimestrais. Vivíamos praticamente fazendo prova. Eram oito ou nove disciplinas. Era prova, prova, prova, prova, prova. Tínhamos de viver estudando e estar sempre atualizados. O curioso era que, para passarmos direto, tínhamos de ter 7, 7, 7, 7. Tínhamos de formar 28 pontos. Caso contrário, iríamos para exame.

Na minha época, já eram quatro anos de curso. Fui da primeira turma do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), que atualmente se chama TG (Trabalho de Graduação). Eu me formei em 1996. Em 1997, fui convidado pela professora Marilena Polinario e pelo finado Pedro Carlos Lourenço Garcia, que era diretor do Balbi, a dar aula no colégio. Desde então, comecei, modestamente, a dar aulas. O termo modestamente não é pela escola, mas pelo meu parco de conhecimento de ensinar. Dessa forma, aprendi a ensinar.

Eu sempre tive a vontade de ensinar, de ser professor e de lidar com a juventude, porque eu sou professor e educador. Tanto que, num período da minha vida, eu fiz pós-graduação na Federal do Rio de Janeiro em atualização pedagógica. Aliás, eu digo o seguinte: eu acho que eu sou mais educador do que professor, porque ser professor não é fácil, mas ser educador é muito mais difícil. Afinal, falar 20 vezes para um aluno jovem uma determinada coisa, para na 91ª vez ele entender metade, é um exercício de paciência.

Por desejo próprio, fui conhecendo o Brasil ao longo do tempo. Na América do Sul, vi as diferenças culturais, mas queria entender isso de um modo sistemático, intelectualizado. Para mim, foi fácil, não tive grande dificuldade. Foi algo natural da minha vida, pois conheci grande parte do Brasil, menos a Ilha de Fernando de Noronha. Cheguei à conclusão de que eu precisava aprender de modo teórico, a ordenar essa questão, principalmente sobre o Brasil e sobre a América do Sul.

Eu recomendo para qualquer um a experiência de viajar e morar em outro lugar. Quando você é jovem, você pode passar fome; você pode dormir no aeroporto, na calçada, na estação de trem e comer qualquer coisa que você não morre. O que vale é a experiência, os lugares aos quais você vai, as culturas com as quais você se defronta e com as quais que você convive. Isso é muito importante para o jovem. Acho que todo jovem deveria ser incentivado e “obrigado” a viajar, nem que seja para sair da sua região: seja para o Nordeste, Sudeste, Norte, para o Sul ou Centro-Oeste. Assim, já estaria fazendo um grande feito: sair da sua região.

A experiência no Balbi foi bem legal. Em que pese, eu não tenho muita paciência com o adolescente. Mas é sempre bom vivenciar. Eu acho que a vida nos ensina, ou pelo menos tenta nos ensinar, e nós devemos aprender a lidar com o que gostamos e com o que não gostamos. O fato de eu não ter muita paciência com o adolescente não significa que eu não me dê bem com ele, mas de vez em quando eu tenho de perder um pouco a paciência. Faz parte da vida. Eles sempre estão em uma fase da vida de estourar; de pegar trem de galope; e eu estava em uma fase da vida de frear. Eu acho que esse é o equilíbrio. Mas, por exemplo, no nível superior, também acontece isso, porque tem muita gente jovem ainda imatura. Então, de vez em quando, é necessário chamar a atenção de maneira assertiva para que compreendam as responsabilidades da vida acadêmica.

Todas essas vivências ajudaram na prática. O dia a dia, o ensinamento, o ensinar, o perguntar, o responder, o orientar TG, o comprar livro, o utilizar livro, o doar livro para aluno etc. Não tem jeito, a prática não tem receita. Se você é um professor afeito, aberto aos seus alunos,

o aprendizado é um. Se você é um professor mais fechado, mais introspectivo, você não gosta de aluno. Tem professor que não gosta de aluno; tem médico que não gosta de paciente; tem mãe que não gosta de filho etc. Na vida tem de tudo. O dia a dia traz o aprendizado que faz você se tornar o que é. Não tem outro jeito, não tem receita, não tem exemplo, referência e nada disso. Como é que alguém pode ser sua referência se a vivência dela é uma e a sua é outra? A sua referência é a sua vida, é a vida que você vive, a vida vivida, como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Quando eu vim para a UNITAU, existia uma classificação chamada Professor Colaborador. Naquela época, não havia muitos professores concursados, então era comum ser convocado sem concurso. Até que o Promotor Sampaio começou a forçar a Universidade de Taubaté a fazer concurso. Houve vezes em que a professora Maria José Milharezi Abud, que na época era Pró-reitora de Graduação, dava a diversos dos conselheiros – e nesse período eu era conselheiro também –, de 10 a 20 processos de banca de concurso. Nesse sentido, os concursos moldaram a Universidade de Taubaté.

O Promotor Sampaio proporcionou à Universidade de Taubaté a entrada de muitas pessoas concursadas. Novas pessoas, novos ares etc. Porém, como muitos, eu comecei mesmo como Professor Colaborador e, aula após aula, surgiu o concurso. Eu lembro que me efetivei em 2003, mas eu já tinha feito esse concurso em 2002. Os anos embaralham um pouco a memória.

A Kátia Motinha, professora de Período Medieval, certo momento, me perguntou: “Por que você não faz mestrado?”, e eu falei que não fazia parte dos meus planos – que eu nem tinha ainda – e que eu não sabia o caminho para isso. Então ela falou: “Eu vou lá com você!”. Ela foi à Universidade de São Paulo comigo, me apresentou ao orientador dela, o professor Carlinhos – Carlos Roberto Figueiredo Nogueira –, também apelidado de Bruxinho, por conta do clássico livro: O Nascimento da Bruxaria. Ele trabalhava com a noção de bruxaria, o imaginário da bruxaria, ou algo assim. No fim, ele me aceitou. Basicamente, com os cuidados dos dois, ela me propôs ir à festa de São Benedito sob o viés histórico e então ele me disse: “Olha, não dá, desse modo não dá. Pegue essa festa 100 anos antes”. Foi assim que eu fui à busca dessa festa 100 anos antes e decidi fazer o mestrado sobre ela.

Foi incidental. A Kátia Motinha quem deu a ideia do São Benedito. Mas, na minha falta de gosto particular e na oportunidade que se abria, eu entrei nessa questão da religiosidade popular e fiz um trabalho razoavelmente bem feito. Mestrado e doutorado.

Fui diretor da FUST (Fundação Universitária de Saúde de Taubaté) no hospital escola, experiência essa que realmente me adoeceu. Foi uma experiência muito pesada na minha existência, porque, quando eu fui para lá, a então reitora, Doutora Maria Lucila Junqueira Barbosa, havia determinado que eu saísse do departamento. Foi uma decisão acertada burocraticamente da parte dela, porque seria impossível eu tentar fazer bem-feito lá e tentar fazer bem-feito aqui. Não daria, seria antitético.

Como eu não entendia absolutamente nada de hospital e da área, acabei fazendo a pós-graduação em Administração Hospitalar para entender melhor. Mesmo assim, aquilo era um inferno. O recurso era pequeno, a UNITAU era obrigada a manter aquele hospital e todo mundo se aproveitava dele. E eu, dentro de um hospital, leigo, que não conhecia administra-

ção hospitalar, me perdi. Para muitos, era um simples: “Vai para lá, se cura e vai embora”, só que as coisas não eram assim. Era mais complexo do que se imagina. Há documentações; processos; prontuários; contratação médica; de enfermeiro, concurso público; enfim, toda uma estrutura administrativa por trás. Havia muitos conflitos, lutas por vaga – não sei se ainda há – luta política para colocar o correligionário de determinado político na frente de outro. Então, era um trabalho muito desgastante. Aquilo me adoeceu, me envelheceu; e olha que eu sou uma pessoa que tem uma grande alegria de viver. Mas, os seis anos que eu passei lá não tiveram alegria nenhuma. Foi horrível. Infernal.

Depois, quando eu entreguei o hospital, na época do reitor José Rui Camargo, o hospital melhorou. Ele foi entregue para uma sociedade, mas não me lembro qual. Mas só com isso foi possível mudar completamente. Eles eram extremamente profissionais, sabiam fazer conta, não tinham a noção de acolhimento que o hospital tinha anteriormente, eram profissionais. O Estado passou a dar muito mais dinheiro e, com mais dinheiro, fica mais fácil a administração. Eu queria ver sem dinheiro, pois eu fazia o impossível, ia ao secretário, ia ao DRS (Departamento Regional de Saúde), e às vezes conseguia um milhão, um milhão e meio, quatrocentos mil, para poder ajudar o hospital a funcionar. Também nunca devi nada, nenhuma folha de pagamento, não recebi nenhum processo. E foi muito duro, bem difícil, principalmente pela falta de condição material e pela demanda imensa. Mas creio que o hospital foi entregue para associações mais estruturadas. Creio que tenha melhorado, pelo menos em termos financeiros.

Eu saí de lá e fui pró-reitor. O prefeito propôs, para o professor José Rui, que eu fosse vice-reitor, talvez em reconhecimento aos serviços que prestei ao hospital escola. A amizade que eu tenho com ele, desde o tempo que estudamos juntos, o Júnior e eu, é de longa data. Fomos contemporâneos aqui nos anos de 93, 94, 95 e 96. Ele fazia História à noite e Direito durante o dia.

Imediatamente, eu saí de lá e fui vice-reitor por quatro anos. Quanto ao professor José Rui, uns quatro ou cinco meses antes, ele tentou se eleger como deputado, e como já tinha tempo, se viu na contingência de me passar o cargo. Dessa forma, me tornei reitor em virtude de sua aposentadoria.

Foi uma dor de cabeça terrível ser reitor, mas a vida é feita de dores de cabeça, não é essa felicidade toda. A vida não é feliz, você tem momentos de alegria, mas foi um momento bem duro, porque recaiu sobre mim a responsabilidade da eleição para reitor. Eu acertei os muitos processos que estavam pendentes na reitoria. Eu, imediatamente, ao assumir a reitoria, me livrei do gabinete, coloquei pessoas que sabiam fazer o serviço e acertei tudo para a eleição da atual reitora, a professora Nara Fortes, com seu primeiro mandato.

Era muito difícil. Você tem a responsabilidade jurídica de conduzir uma eleição de um modo muito legalizado, ler todos os documentos, ver se está atualizado. Parece fácil, mas no dia a dia, todos têm de estar com a documentação em dia juntamente com a comissão de julgamento. É uma responsabilidade jurídica muito grande que chega a dar raiva.

O meu lugar sempre foi na vida. Aceito qualquer serviço, mas tenho certeza absoluta de que quando você quer ser administrador, você não tem o direito de ser amado, você não pode querer ser amado. Eu acho que nós todos somos professores, independente dos cargos

que ocupamos, mas o nosso concurso é de professor; e ora estamos só como professor, ora estamos como professor e como administrador, ora estamos só como administrador, isso é irrelevante. Qualquer atividade de administração e, principalmente, quem lida com gente, acaba sendo mais complexa, então você não pode querer ser amado. Quem me ensinou isso foi a Edna Chamon, secretária de educação do governo Júnior e professora já aposentada. Ela falou para mim: “Se você quer trabalhar com administração, ser gestor; não espere ser amado e não queira ser amado”.

Na administração você já tem problema, assim como na administração de casa, com o filho etc. Onde tem gente, tem conflito, não há jeito.

Penso que o projeto mais gratificante que eu fiz foi sair ileso do hospital escola e sair vivo de lá. Eu acho que foi uma coisa boa. Mas, o projeto que eu considero bem interessante na minha vida, poucos sabem, é que quando eu cheguei aqui, em 2003, a secretária geral ficava com a urna no colo e só votavam a reitoria, a PRG (Pró-reitoria de Graduação) e as finanças. Eu tive a ideia de ligar para o Nivaldo Zollner e falei: “Olha, essa eleição está viciada há muito tempo. Vamos colocar ordem nisso”. Assim, coloquei uma urna em cada lugar: uma na comunicação, uma na agronomia etc. Você acha que o funcionário da agronomia votava em algum lugar? Não votava em nada, nem sabia. Acho que democratizei a eleição da UNITAU.

Depois, candidatei-me a conselheiro. Isso também foi um pioneirismo meu. Hoje está disseminado e não poderia deixar de estar diferente, mas fui eu, como conselheiro, que a cada reunião tirava xerox particular, num lugar qualquer, e distribuía para todos os departamentos de humanidades os atos decorrentes daquela reunião que hoje está normalizada. Eu fui o primeiro a fazer isso. Eu gosto muito da participação de todos. Acho importante isso.

O repasse da Universidade de Taubaté é voluntário. A UNITAU não é obrigada a dar dinheiro para as fundações. Esse repasse, que é muito pequeno, tinha por finalidade não somente a vida vegetativa daquela fundação, mas mantê-la viva comprando papel, consertando uma fotocopadora e coisas dessa natureza. Ou, eventualmente, como já tive a oportunidade de fazer, promover um determinado evento de ciclismo, comprar uma camiseta para promover a fundação entre os ciclistas, entre outros. Tentar projetos no governo foi muito difícil, pois são extremamente fechados. Não conseguia achar o caminho. Talvez tenha sido uma falha minha ou a estrutura cultural do Brasil que já era fechada e não estava abrindo a porta para ninguém novo.

A UNITAU luta. Ela é uma guerreira, uma instituição de muita garra, pois luta pela sobrevivência dela, para pagar os seus funcionários, pagar seus professores e obter alunos em um momento em que tantas faculdades de péssima qualidade estão concorrendo. Cada fase é uma luta e acho que a UNITAU continua lutando para manter a sua grandeza. Eu me lembro de quando era aluno e de quando era professor logo de início. Naquela praça da rodoviária velha, em frente ao Campus do Direito, paravam de 20 a 30 ônibus de Caraguatatuba, Ubatuba, Lorena, entre outras cidades do Vale. Era uma grande quantidade de alunos. Em virtude dessas liberações de outras faculdades, a UNITAU se esforçou pesadamente para sobreviver. Mas, uma coisa é certa também: independentemente da administração da universidade, nunca houve atraso de uma folha de pagamento ou de um fornecedor. De um modo geral, sobrevivemos; mas quando falam da UNITAU, eu sempre penso em luta.

O papel da universidade na minha vida profissional e pessoal, desde os 30 e poucos anos, contando com o Balbi e como professor do nível superior, são 22 anos de atuação oficial. Agora, sem ser oficial, contando com o Balbi, eu tenho mais ou menos 27 anos de universidade. Como estou com 64 anos de idade, são mais ou menos 35 anos de casa. A UNITAU deu início à segunda parte da minha vida, considerando que a primeira foi no exército, quando eu era mais jovem. Os conhecimentos da universidade, as amizades, as brigas, os entendimentos, os desentendimentos, a dinâmica material da vida, a arena dos conflitos que é citada em história, tudo isso significa viver. E viver é lutar e ter conflitos. Quem não quer conflito e não gosta de confusão, que procure outra área e não reclame. Assim, a universidade tem um valor e uma importância muito grande na minha vida.

Como sozinho não se faz nada, que venham outros funcionários, outros professores, todas as qualificações dos servidores mais antigos, aposentados, para que formem o grande mosaico dessa história oral que se está conduzindo.

22

Itamar
Martins

Eu sou o professor Itamar Alves Martins e estou na Universidade de Taubaté há 27 anos, quando iniciei a minha docência, em 1997.

A minha história com Taubaté é recente. Sou de uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul, Paranaíba. Quando jovem, nós íamos estudar fora, porque lá o estudo não era decente. A cidade grande mais próxima, a 280 km de Paranaíba, era São José do Rio Preto. O meu pai já havia levado meu irmão para lá e, quando chegou a minha vez, eu fui fazer o primeiro colegial, onde fiquei até o final do ensino médio.

Na época dos vestibulares, eu prestei para São Paulo e São Carlos; meu pai disse que não poderia pagar, mas como minha tia tinha uma casa em São José do Rio Preto e a gente não pagava aluguel, prestei vestibular lá mesmo. Passei e comecei a fazer biologia, sem saber muito qual área seguir.

Eu não tinha uma paixão pela biologia, mas tinha o convívio. Como cresci em fazenda, no mato, havia uma proximidade com plantas e com animais: eu não tinha medo de cobra, de sapo; eu conhecia as aves, os peixes. Então, para mim, isso era normal por conta da convivência. Enfim, comecei a fazer biologia, fui conhecendo as diferentes áreas e, em certo dia, um professor (Dr. Arif Cais) me chamou para fazer uma coleta no campo. Aceitei e fui com ele. Lá, eu aprendi a identificar os sapos e os seus cantos - o que era difícil no meio do mato com a variedade de anfíbios, e, com isso, ao aprender, já me senti um biólogo.

Na época, eu tinha interesse em veneno, assim como muitos biólogos. Esse meu professor era especialista em anfíbio, também criava escorpião e, com isso, fazíamos uns experimentos. Nisso, de ir ao campo e fazer experimento sem medo, ele gostou e me ofereceu um estágio. Assim, no segundo ano da

faculdade, eu comecei a fazer estágio com ele e fiquei três anos em seu laboratório. No terceiro e quarto ano, eu orientava os estagiários novos. No último ano, o professor me perguntou se eu faria mestrado. Eu respondi que não, achando que não era para mim, mas ele me estimulou a prestar.

Estudei por 6 meses para uma prova em Rio Claro e fui reprovado. Meu professor, procurando me animar, me levou a um congresso em Campinas, onde o orientador dele (Prof. Dr. Jorge Jim) disse que havia uma vaga de mestrado em Botucatu. Meu professor fez o primeiro contato e me disse para telefonar a ele. Conversamos muito rápido, combinei uma reunião. Desse modo, fui aceito e, em dois anos, fiz o mestrado.

Meu possível orientador de doutorado (Dr. Célio F. B. Haddad), por ter uma viagem de dois anos para fora do país, disse para eu ficar e fazer doutorado com meu orientador, o professor Jorge Jim. Aceitei, me inscrevi para bolsa de doutorado e passei. Após, no mesmo período, recebi o convite do meu amigo, professor Valter Cobo, que já trabalhava na UNITAU, para fazer uma entrevista na Universidade. Fiz a entrevista com o chefe do departamento, o Prof. Sérgio Araújo; ele gostou e me incentivou a trabalhar com peixe, pois eu pescava.

Assim, começamos a vir de Botucatu para Taubaté, eu e o professor Valter Cobo. Nós vínhamos no domingo, dávamos aula nas segundas, terças e quartas-feiras. Quarta-feira à noite, voltávamos para Botucatu, onde eu fazia as minhas coletas; tinha o doutorado para tocar. Eu fiz durante dois anos e meio esse bate e volta, semanalmente.

Em Taubaté, ficávamos no alojamento da UNITAU, onde é, hoje, o CEN (Departamento de Comunicação e Negócios). Moramos lá por um bom tempo, enquanto fazíamos o doutorado e eu havia começado a dar aula.

Em 1998, eu comecei a trabalhar com peixes marinhos em Ubatuba, auxiliado pelo professor Valter José Cobo e alguns alunos estagiários. Nesse tempo, eu já fazia meu doutorado com acústica de anfíbios. Nós íamos para Ubatuba, no início, nós tiramos dinheiro do próprio bolso para alugar um barco, realizar as coletas para pegar os peixes e todo material coletado era trazido para o laboratório de zoologia da UNITAU, a fim de usar como material para as pesquisas dos alunos e aulas práticas. Assim, começamos a montar uma coleção didática para os alunos para servir de material para aulas práticas. E, aproveitando a logística de professores lá de Botucatu, da Unesp, conseguimos realizar parcerias de trabalho para nossas pesquisas, o que permitiu montarmos um material muito bom para as aulas e pesquisas.

Colegas de outras universidades, quando veem nosso material disponível, perguntam, impressionados, como conseguimos. Nós respondemos que só fomos lá, nos locais, e pegamos. Meu lema é: faça primeiro, depois você peça.

Dessa maneira, em 2001, defendi meu doutorado e, logo depois, saiu o concurso da UNITAU; ocasião em que saí de professor colaborador para efetivo. Eu fico muito feliz de estar aqui, é um lugar privilegiado entre as serras da Mantiqueira e do Mar e, o litoral, com acesso a anfíbios e a peixes.

Quando defendi meu doutorado, fui chamado para trabalhar no projeto Biota-Fapesp, a convite do Prof. Dr. Célio F. B. Haddad da UNESP de Rio Claro, para estudar a fauna de anfíbios da Serra da Mantiqueira no Vale do Paraíba. Aceitei e, em 2003, o projeto foi aprovado. Dentro do Projeto Biota-Fapesp eu solicitei um subprojeto com anfíbio para mim e, dentro do projeto,

eu consegui R\$ 83 mil reais em custeio e equipamento para a Universidade. Gravadores, microfones, máquinas fotográficas e máquina filmadora, além do dinheiro de combustível para o deslocamento até o campo, assim como para pagar a alimentação dos alunos que trabalhavam conosco (isso por quatro anos).

Durante o projeto, o coordenador me sugeriu um trabalho e eu tive algumas ideias como a de investigar a fauna de anfíbios em diferentes níveis de altitude na Mantiqueira até os 2.500 metros e a relação dessas altitudes com as diferentes faunas. Eu escrevi o projeto, e, então, fui trabalhar em três áreas, no tempo de cinco dias em cada. Trabalhei em Campos do Jordão, em Piquete e em Itatiaia.

Em setembro de 2006, eu recebi um e-mail da Fapesp com a aprovação do meu projeto. Que responsabilidade, eu pensava. Seriam quatro anos, com uma verba de R\$283 mil reais. Logo em seguida do antigo projeto, desenvolvi um outro também na área de anfíbios, pois existem muitas espécies desses animais aqui no Vale do Paraíba: são 115. Com todas essas atividades de pesquisas nós, eu e professor Valter José Cobo, trouxemos para cá a cultura de ter um laboratório, onde o professor fica trabalhando, tem a sua sala e os alunos têm também a deles. Fomos organizando esse local. A universidade, na medida do possível, sempre nos atendia quando solicitávamos armários, estantes, bancadas, freezers etc. Com todas as pesquisas realizadas, senti a necessidade de fazer uma coleção científica e a universidade nos cedeu lugar. Hoje conhecida como a Coleção Científica do Laboratório de Zoologia da UNITAU.

A UNITAU nunca nos impediu de trabalhar em nossos projetos. Muitas vezes, só tomavam conhecimento do objeto das pesquisas quando já as encerrávamos. Em 2003, fui credenciado na pós-graduação em Ciências Ambientais. Fui convidado a fazer parte do corpo docente e foi até engraçado, porque em 2003 eu fui chamado para fazer parte do corpo docente aqui; no ano seguinte, a UNESP me chamou para fazer parte do corpo docente para orientar na pós-graduação lá. Fiquei aqui, mas orientando nos dois programas. Agora, recentemente, em 2020, eu pedi para sair do programa da UNESP e falei: “vou ficar só em casa”.

Fiquei então orientando aqui no programa de Ciências Ambientais da UNITAU. Estou formando uma massa pensante, tenho ex-alunos formados aqui na UNITAU na Noruega, na Islândia, na Austrália há alunos meus, que formei, muito bem e, até hoje me chamam de orientador.

Mas nessa história de pesquisa, acabamos abrindo porta para pesquisas de outras pessoas e tem um comportamento que, às vezes, não é o de pesquisadores. Na herpetologia, eu não vejo muito isso, mas têm alguns casos que o pesquisador é muito ciumento. Se ele trabalha, por exemplo, na Mantiqueira, ele acha que só ele pode trabalhar na Mantiqueira.

Se o pesquisador fica sabendo que há pessoas fazendo alguma atividade na Mantiqueira, ele já fica com ciúmes. Está entrando na minha área. Invadindo o território do pesquisador. Eu nunca tive esse problema, porque a Serra da Mantiqueira é muito grande. O Brasil tem mais de mil espécies de anfíbios, é sapo para todo mundo estudar.

Nunca fazemos pesquisa sozinho. Dá para fazer, eu já fiz e consegui, mas, quando você tem a possibilidade de unir outras áreas fica mais interessante. Por exemplo, eu tenho uma experiência em trabalhar com morfologia e taxonomia, mas eu tenho um outro colega que trabalha com genética, e com genética molecular, um outro colega que trabalha muito bem

com programas de computador, faz uns testes de estatísticas. Então, nos juntamos e o projeto fica bem mais legal.

Agora, recentemente, publicamos uma espécie, somos 8 autores. Um foi especialista em imagem 3D e fez radiografia 3D do animal. Eu fiz a parte de bioacústica, de análise do canto, outro fez a parte de girino e outro fez a parte de história natural. Descrevemos uma espécie nova. Eu já sabia que ela era uma espécie nova desde 1998, porque eu levei, coletamos um bicho aqui, levei para Botucatu e mostrei para o meu orientador. Ele disse que podia escolher um nome, por ser uma espécie nova.

Mas como eu estava com outras espécies descrevendo, só fui trabalhar de novo com esse projeto quando um aluno disse ter descoberto essa mesma espécie. Por fim, nos reunimos e trabalhamos todos juntos. Ele se chama *Odontophrynus toledo*.

O sapo tem meu nome, porque uma colega, que estava em Minas, estava estudando a espécie aqui da Mantiqueira e ela precisava de material. Eu emprestei o material para ela, mandei os sapinhos para ela estudar, porque coletamos esses animais na natureza com autorização do ICMBio e os mantemos fixados em coleção científica. Eu tinha muito material antigo guardado do sapo, pois pesquisei a bioacústica dos sapos. Nessa pesquisa, guardei muita informação que foi o material que mandei. Como minha colega ficou agradecida por receber tanto material com tanta facilidade, ela descreveu a espécie aqui da Serra da Mantiqueira homenageando o meu nome, o nome do gênero é meio esquisito. É um gênero que se chama *Proceratophrys*. Então a espécie se chama *Proceratophrys itamari*.

Recentemente eu assumi a coordenação do Programa de Bolsas de Iniciação Científica. Desde 2002, eu faço parte do comitê de iniciação científica da UNITAU. Quando a Profa. Dra. Viviane Fushimi Velloso me convidou, ela disse que já tinha conversado com a Pró-reitora, professora Mônica Franchi Carniello, e ela já tinha aceitado a indicação do meu nome. Aceitei e, portanto, passei 2023 acompanhando a Profa. Viviane, a fim de me inteirar do que fazer.

Nós submetemos o projeto de renovação das bolsas PIBIC, PIBIC-EM e PIBITI - CNPq agora no começo de maio, a resposta só saiu em setembro, praticamente, porque o CNPq atrasou tudo, mas mantivemos nossos números de bolsas e ampliamos bolsas de PIBIC Júnior (Ensino Médio), que é uma atividade fantástica que temos, para atrair o aluno do Ensino Médio para pesquisa dentro da universidade. Eles serão futuros alunos nossos e pesquisadores. Há meninos que são excelentes.

Vamos fazer uma apresentação no CICTED e eu estou super ansioso para ver a garotada. Gosto de brincar com a professora Raquel Abdalla que eu peguei os “viruzinhos” dela, que é muito interessada nessa parte de Iniciação Científica do Ensino Médio. Não fazia parte dessas atividades desde o ano passado. Passei a ver ao acompanhar a professora Viviane e gostei muito. Desde então, estou dentro da Iniciação Científica, seguindo o regimento e seguindo as ordens do CNPq, aliás, praticamente seguir as ordens deles é a única atividade. Se não seguir, você perde as bolsas.

Eu tive a oportunidade de prestar concurso e ir para outra universidade, para uma UNESP, para outro lugar. Mas não fui, porque, na verdade, quando eu cheguei aqui, eu aprendi a dar aula na universidade, eu aprendi a orientar alunos, eu aprendi a gerir um laboratório de pesquisa e de ensino, que era minha responsabilidade. Eu fiquei aqui vários anos e a UNITAU

me formou. Agora, eu deveria ir para uma universidade grande com um grande salário? Mas o que eu vi dentro das universidades públicas, as condições de trabalho nessas universidades grandes são bem ruins. Não compram nem álcool para o pesquisador fazer as suas fixações. Na UNITAU não, eu sempre tenho todo o material de que preciso.

Trabalhar na USP ou UNESP seria importante. Haveria vários pesquisadores, mas posso me deslocar. Hoje trabalho com pessoas da USP e UNESP. Quando eu peguei o meu primeiro projeto, na FAPESP, meu mesmo, em 2006, eu decidi que seria em Taubaté que iria ficar, pois eu estava num núcleo emergente e aqui há todas as condições, a universidade me dá oportunidade para isso. A universidade me acolheu e sempre me respeitou. Gosto de brincar que em Botucatu sou ex-aluno; e aqui, sou professor.

É engraçado, pois eu recebia 40h, dava aula de manhã e à noite e à tarde atendia os estagiários, uma certa vez, uma professora que ficava à tarde em seu laboratório e dava aula à noite me perguntou se eu morava na UNITAU. Respondi que tinha que atender meus alunos e estagiários dentro do laboratório de zoologia o dia inteiro, cumprindo minha carga horária. E assim desenvolvemos pesquisa, aqui tem oportunidade, espaço, condição, material e aluno interessado.

No departamento de biologia, realizamos feiras de apresentação para alunos do ensino médio, etc. Nós Professores, fornecemos as ideias para os nossos alunos de graduação e eles desenvolvem com êxito sempre. O que quero dizer é que essas condições fazem a UNITAU se tornar uma casa para mim.

Também trabalho junto com os pesquisadores que fazem revisão de lista de espécies ameaçadas de extinção. Quando saem aqueles livros chamados Livro Vermelho de Espécie Ameaçada de Extinção, se você abrir a contracapa, está lá, a Universidade de Taubaté e o Itamar Martins. Ou seja, vamos colocando a universidade dentro de um cenário de excelência.

Eu costumo brincar, “isso aqui é padrão UNITAU, não são essas coisas que vocês estão acostumados por aí, não”.

Em uma palavra, defino a UNITAU como oportunidade. Aqui eu tive a oportunidade de aprender a dar aula, de fazer pesquisa, de orientar alunos e de crescer como professor e como pesquisador dentro da universidade que era considerada “pequena”. Nunca achei a universidade de Taubaté pequena, antigamente diziam que era. Perguntava-me: pequena como? Tantos alunos e tanto espaço... Alguns blocos são maiores que alguns campus da UNESP. Portanto, a universidade não é pequena.

23

Joel Abdala

Meu nome é Joel Abdala, natural de Cruzeiro – SP.

Nasci em 1946, sob o signo de touro – por isso, dizem, é que sou teimoso e que jamais desisto de cumprir os objetivos que estabeleço.

Creio que já nasci professor, porque desde pequeno meu passatempo predileto era ensinar meus amiguinhos a montarem pipas, papagaios, a jogarem bolinha de gude, a andarem de bicicleta. Creio também que fui professor de mim mesmo, porque, quando ingressei no primeiro ano da escola, já sabia ler e escrever. Letras e palavras sempre foram minhas melhores e constantes companheiras. Nunca me faltaram. Sempre que preciso, elas me atendem prontamente. Por isso é que resolvi prestar vestibular para ingresso no curso de Letras da FATEA, de Lorena, onde me formei.

Lecionei na própria FATEA, na Escola Madre Mazzarello, em Cruzeiro, no Instituto Santa Teresa, em Lorena, e em muitas escolas estaduais de Cruzeiro, São Paulo, Poá, Suzano e Taubaté.

Concursado pela Prefeitura de São Paulo, trabalhei em uma escola municipal no bairro Itaim Paulista. Depois, concursado, pelo Estado, ingressei na escola Raul Brasil, em Suzano.

Como pedi remoção para o “Estadão” (Escola Monteiro Lobato), em 1986 trouxe minha família para Taubaté. Foi muito bom, uma virada muito grande na minha vida profissional. Fui aprovado em concurso Estadual para diretor de escola e exerci essa função até 1998. Dentre todas as escolas em que exerci atividades, creio que onde aprendi a ser realmente um professor foi no bairro Arthur Alvim (São Paulo), na Escola Estadual João Ramacciotti. Aprendi sobre a realidade da profissão, sobre as necessidades dos alunos, sobre a importância do coleguismo com meus pares docentes e, principalmente, a descobrir possibilidades de realizar um bom trabalho. Os alunos daquela

escola foram meus primeiros filhos; o diretor, meu primeiro exemplo de bom chefe; os colegas, bons companheiros e inesquecíveis amigos. Lá, passei em meu próprio vestibular, meu próprio concurso, para vencer minhas exigências quanto a ser realmente um profissional merecedor do título de PROFESSOR. Estabeleci, naquela escola, os meus caminhos, iniciei a realização de meus sonhos e tornei-me apto para trabalhos em vários outros campos do cenário da Educação.

Em Taubaté, consegui orientar professores, quando na direção de escolas (Professor Álvaro Ortiz e Monsenhor Evaristo Campista César). Também, creio, consegui orientar alunos e pais, tornando-me uma pessoa realmente ativa, junto à comunidade. Em Taubaté também tive a oportunidade de trabalhar em uma escola cujo nome por si só representa os ideais de seus fundadores e a excelência do ensino que por muitos anos ofereceu aos taubateanos: a Escola Henriqueta Vialta Saad. Naquela escola pude conviver com pessoas com as quais comunguei muitos de meus ideais em relação à profissão e ao ensino.

Como assistente de direção, atuei na escola David Jorge Curi, em Suzano, e, por um curto período, no “Estadão”, em Taubaté. Cabe, agora, discorrer sobre meu trabalho na Unitau. Tenho que resumir (tarefa difícil) tudo que vivenciei, tudo que aprendi, tudo que pude realizar nesta querida instituição de ensino superior.

Em 1987, fui convidado a lecionar Língua Portuguesa para o curso de Secretário Executivo, no Departamento ECASE. No ano seguinte, passei a lecionar também para o curso de Contabilidade, de Administração e de Ciências Econômicas. Naquele dinâmico Departamento tive a oportunidade de conhecer taubateanos ilustres, profissionais competentes, alunos interessados e conscientes da importância dos conhecimentos que adquiriam em seus cursos. Nessa ocasião, prestei o concurso da Instituição para efetivar-me como professor de Língua Portuguesa, para lotação naquele departamento. Aprovado, continuei a trabalhar no departamento, mas, devido a uma inteligente política da administração para oferecer um embasamento sólido a todos os alunos da instituição, com a criação do GELP e da disciplina Português Instrumental, passei a trabalhar principalmente junto ao Departamento de Ciências Sociais e Letras. Lecionei a disciplina Português Instrumental nos cursos do departamento Ecase e nos cursos de Medicina, Engenharia Civil e Enfermagem. No Departamento, lecionei essa disciplina nos cursos de História e Geografia. Quando fui designado para ser responsável pelo GELP, consegui realizar muitos objetivos, meus, do próprio Gelp e da instituição, como formar monitores para atendimento a alunos (de todos os cursos) que tivessem alguma dificuldade relacionada ao uso da língua portuguesa escrita, para realização de seus estudos. Os monitores (alunos dos Cursos de Letras – Português e Inglês e Português e Espanhol) eram criteriosamente selecionados, por meio de provas de redação, conhecimentos gramaticais e entrevistas. Muitos dos monitores do GELP, que recebiam orientações de todos os professores de Português Instrumental, tornaram-se ótimos professores das redes particular, municipal e estadual, e também da própria Unitau. Foi um período muito bom, um período em que professores e alunos se reuniam para organização de participações do Gelp em eventos como a Feira das Profissões, Encontros de Iniciação Científica, revisão de textos para as revistas da Unitau, editoração do Jornal do Gelp, concursos literários, elaboração da apostila de Português Instrumental, que era editada pela Instituição e utilizada pelos professores em todos os cursos em que lecionavam. Essa apostila recebeu solicitações de algumas escolas, para que fosse permitido que seus professores a utilizassem, em suas aulas.

Peço desculpas aos leitores, mas falar da Unitau e de meu crescimento cultural e intelectual durante todos o período em que nela trabalhei leva-me a ficar ansioso, pois tenho ciência de que tudo que fiz e de que tudo que aprendi teve importância para meus alunos, para mim, para meus filhos e para toda minha família.

Então, buscando ser pelo menos um pouco mais sucinto, lembro aqui algumas atividades que me trouxeram muitos conhecimentos e que me possibilitaram um bom desempenho profissional. Dentre elas, muitas participações nos Conselhos da Unitau (de Ensino e Pesquisa e de Administração); participações em sindicâncias; assessoria nas Pró-reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação, de Extensão e Relações Comunitárias e de Graduação. Na Pró-reitoria de graduação, dentre minhas atividades destaco minha participação nos processos de revalidação de diplomas. Fui, também, chefe do Departamento de Ciências Sociais e Letras.

Durante as duas gestões como chefe do DCSL, pude, com a ajuda de todos os professores e alunos, e também de setores da administração da instituição, realizar semanas pedagógicas, com encontros de professores, palestras, manifestações artísticas e exposições de trabalhos de alunos e professores. Nesse período, também era responsável pela atribuição de aulas da área de Humanidades para todos os cursos que ofereciam disciplinas a ela vinculadas. Fazia atribuição de aulas também da disciplina Português Instrumental, para todos os cursos da Unitau. É preciso registrar, aqui, que muito me orgulho de ter organizado, no Departamento de Ciências Sociais e Letras, o cinquentenário dos cursos de História, Letras e Pedagogia, em 2007.

Muitas atividades, muito trabalho, mas também muito aprendizado, muitas alegrias e realizações. Cabe lembrar, aqui, que foi na Unitau que realizei meu mestrado em Linguística Aplicada. Assim, quando me aposentei, em 2015, quando me vi em casa, sem a rotina de vários anos, fiquei doente, deprimido, sem chão, sem ar...

Mesmo agora, lembrando tudo que vivi em todos os lugares em que trabalhei, principalmente naquela querida escola de São Paulo e na Unitau, fico tonto, na roda de todas as boas e gratificantes sensações de ser um profissional que chegou a conquistar o respeito de tantos colegas e amigos. É possível, sim, ficar um tanto orgulhoso, não só por ter procurado ser um bom professor, mas também por ter conquistado tanta simpatia de todos com quem trabalhei.

Hoje, minhas alegrias estão nos e-mails que troco com muitos que assistiram à minha trajetória nesta vida de trabalho e de alegrias, no campo da educação.

Vocês me pedem para resumir a Unitau em uma só palavra?

Fácil!

CAMINHO.

Para terminar, quero afirmar que seria possível, aqui, fazer uma lista especial dos nomes de todas as pessoas que me ajudaram a ser feliz, nesta vida. Seria possível, sim, porque tenho excelente memória; no entanto, no que se refere ao meu aprendizado na Unitau, na confiança especial que recebi de muitos com quem trabalhei, vou citar aqui, sempre com muito carinho, admiração, agradecimento e amor, o nome da grande professora MARIA JOSÉ MILHAREZI ABUD.

24

José Carlos
Sebe

Meu nome é José Carlos Sebe Bom Meihy, e tenho 81 anos. Sou filho de imigrantes libaneses que se estabeleceram em Taubaté, onde passei minha infância e juventude. Minha formação acadêmica ocorreu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde cursei História. Na verdade, meu objetivo inicial era deixar Taubaté e, como muitos jovens dos anos 1960 e 1970, mudar-me para São Paulo e lá completar estudos.

Em São Paulo, eu planejava estudar Sociologia, atraído pela produção de Fernando Henrique Cardoso e por sua proposta teórica, que se afiliada a de Florestan Fernandes, que tanto me fascinava. Contudo, influenciado por fatores familiares — meu pai desejava que eu ficasse na cidade e continuasse seus negócios — acabei combinando Direito com História, área que se aproximava mais da Sociologia e que estava disponível na cidade. Assim, cursei Direito pela manhã, trabalhei na loja de meu pai à tarde e, à noite, frequentava as aulas de História. Com o tempo, a História me cativou de forma definitiva.

Logo no início do curso, conheci quem considero a maior figura do curso de História: a professora Sônia Aparecida Siqueira. Hoje, com 94 anos, lúcida e produtiva, naqueles dias ela me escolheu como aluno e dedicou-se especialmente a mim. Depois de algum tempo de convívio, passados dois anos, convidou informalmente para atuar como uma espécie de “auxiliar de ensino” em seu curso de História Ibérica, e assim me introduziu ao mundo da docência e da pesquisa. Naquela época, o curso de História era predominantemente voltado para o ensino, e não para a pesquisa. A professora Sônia, no entanto, era uma docente exemplar, sempre preparando suas aulas de maneira a atender às necessidades dos alunos e sugerir desdobramentos de temas. Sua pesquisa, internacionalmente reconhecida, versava sobre a Inquisição, mas também se destacava por considerar as especificidades do Santo

Ofício no contexto colonial brasileiro.

Dona Sônia, como a chamávamos, era extremamente exigente com todos os alunos, mas em particular comigo, e além das aulas aos sábados, realizávamos encontros regulares para discutir não apenas textos clássicos de História, mas também ensaios fundamentais de pensadores brasileiros como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Antônio Cândido, entre outros. Essa abordagem, que englobava cuidados historiográficos, envolvia análise documental e aplicação prática na produção de conhecimento. E como ela era rigorosa comigo! Ao olhar para trás, sou profundamente grato por essa base sólida e diferenciada que me proporcionou. Jamais esquecerei essa mestra que, além de me ensinar técnicas de pesquisa, me mostrou o que significa ser professor.

Ainda no terceiro ano do curso, a professora Sônia me confiou a tarefa de ministrar aulas para os calouros, agora com a oficialização da Faculdade. Minha participação envolvia conduzir uma parte da aula dedicada à análise de textos, estruturada em três etapas: uma introdução, depois a discussão de um texto central (o texto da semana) e, por fim, uma reflexão expositiva destinada a problematizar a História. Essa estrutura e o treinamento em análise textual moldaram minha própria metodologia de ensino. Aprendi que o professor em sala de aula é uma figura central, capaz de superar desafios gerais. A Faculdade de Filosofia de Taubaté, por exemplo, possuía poucos recursos: a biblioteca era tão precária que, muitas vezes, os docentes eram obrigados a levar seus próprios livros e outros materiais de apoio para aulas e atividades. Apesar das limitações, os professores eram extremamente dedicados e criativos, apresentando suas aulas de maneira quase teatral. Havia uma resiliência especial entre esses educadores que se moldavam às dificuldades do ambiente.

Além da professora Sônia, que atuou como minha mentora, outra figura influente foi a professora Januária, responsável por renovar o ensino na antiga Filosofia. Januária primeiro foi minha professora e depois colega de pós-graduação. Ambas, como professoras, pertenciam a gerações diferentes: a professora Sônia era parte da geração fundadora, enquanto a professora Januária integrava a geração seguinte, que assumiu a liderança da instituição no tempo em que fui aluno. A professora Geni, colega de Januária, também se destacou como excelente docente, desempenhando um papel de continuidade, já que era professora do curso “clássico”, que, por sua vez, servia de base para os futuros alunos de História.

Foi Dona Sônia quem nos motivou a ir para São Paulo e cursar a pós-graduação. Juntos, a professora Januária e eu fomos os primeiros alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Taubaté a ingressar em programas de pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP), tudo graças à determinação da professora Sônia, que tinha plena consciência de que o progresso do curso dependia da formação de um corpo docente local. Fui o primeiro aluno de Filosofia daquela faculdade a obter um doutorado em São Paulo. Tenho imenso orgulho disso, não por mim, mas pelo significado coletivo de um projeto que se concretizava.

Meu trabalho de doutorado tinha como foco inicial Antônio José da Silva, autor de peças teatrais judaizantes, com teor subversivo em relação à ordem religiosa. A proposta era dupla: utilizar a literatura como fonte histórica e, ao mesmo tempo, examinar as estratégias de vivência judaica na clandestinidade no Brasil Colônia. Contudo, pensando em meu futuro na carreira docente, fui aconselhado a ampliar o tema e assim decidi explorar um assunto mais abrangente: a Companhia de Jesus e sua ação missionária e colonizadora. Minha tese, desenvolvida ao longo de

cinco anos, investigou a permeabilidade da cultura indígena brasileira na poderosa e dominadora Companhia de Jesus, desafiando a perspectiva predominante dos estudos de Serafim Leite, que defendia a primazia dos pressupostos colonizadores na Colônia. Com o idealismo de um jovem dos anos da contracultura, queria mostrar o contrário: como o Brasil, com suas características naturais, exigia limites.

Mesmo antes da defesa do meu doutorado, mudei minha condição funcional e passei de assistente voluntário a “professor assistente”. Assim, comecei oficialmente a lecionar na Faculdade de Filosofia, inicialmente no curso de História, mas, mais tarde, atuei também em outros departamentos, incluindo Sociologia, Antropologia e Serviço Social. Como era comum na época, e devido ao nosso contrato ser de tempo parcial, eu acumulava outros encargos, atuando simultaneamente como professor universitário e docente no ensino médio. Mesmo lecionando História para o antigo curso ginásial e colegial, mantive-me ligado à UNITAU.

Permita-me explicar algo importante para o entendimento da formação da UNITAU: em 1976, quando as faculdades locais ainda eram independentes, o curso de Engenharia decidiu fundar um colégio de aplicação, o Colégio Industrial. O professor Arnaldo Saad foi convidado para ser o primeiro diretor. Com ênfase na formação técnica, mas também com uma abordagem geral, fui convidado a cuidar da área de humanidades e assumi também a vice-direção. Mais tarde, com o afastamento do professor Saad, assumi a direção. Essa experiência foi enriquecedora; além de prestar atenção ao currículo regular, implementei algumas inovações, como aulas extras de inglês, datilografia e até rudimentos de culinária. Posteriormente, o Coleginho como era chamado, foi integrado a UNITAU. Isso durou até 1983, quando precisei tomar uma decisão sobre onde atuar: em São Paulo, na USP, ou em Taubaté. Optei pela USP devido às amplas possibilidades de trabalhos futuros.

Minha trajetória na Faculdade de Filosofia, de aluno a professor, foi frutífera e, de uma forma ou de outra, nunca me afastei de Taubaté, tendo vivido intensamente a proposta de criação da Universidade de Taubaté (UNITAU), processo concluído em 1976 depois de intensa articulação de professores locais. A UNITAU surgiu de uma federação de faculdades independentes que decidiram unir forças àquele tempo, conduzidas pelos professores Alfredo Balbi, José Alves e Sebastião Bonato. Esse processo ocorreu em um contexto político complexo, no início dos anos 1960. Taubaté como todo o Vale Paulista estava impactado com a chegada de multinacionais ao Vale do Paraíba e a conseqüente mudança no modelo de produção brasileiro. Taubaté aspirava a se tornar uma espécie de capital do Vale do Paraíba, e havia um sentimento ufanista nesse sentido. Naquele cenário cabia supor uma escola de nível superior aquilatada como universidade.

Por aqueles dias, na USP, e em muitas universidades concentradas nas grandes cidade, intensificava as críticas aos modelos econômicos vigentes, gerando agitação política, intensos movimentos estudantis. Em resposta a esse cenário, um grupo conservador de Taubaté idealizou a criação de uma universidade local, aproveitando-se do interesse do governo em desfocar a atenção dos centros hegemônicos. Isso combinava os interesses da região com os do governo, que buscava descentralizar a educação e desviar a concentração estudantil crítica das grandes capitais. E a proposta de Taubaté, com esse grupo coerente com a orientação de Brasília, conseguiu concretizar o projeto de fundação da UNITAU com modelo de “autarquia municipal”. Contudo, na minha visão, a UNITAU careceu de uma proposta educacional efetiva durante muitos anos.

Qual seria o papel de uma universidade no Vale do Paraíba? Esse era um desafio latente.

Lembro-me de discussões sobre a possibilidade de criar uma “Universidade da Mantiqueira”, com foco em determinados eixos voltados ao desenvolvimento regional, e de propor um centro de História, semelhante ao de Ouro Preto, em Minas Gerais. Essa ideia foi sugerida pelo professor França, um vale-paraibano que era diretor da USP e tinha ligações com Taubaté, mas o projeto nunca se concretizou. Durante anos, a UNITAU ofereceu cursos que concediam diplomas sem focar em propostas comunitárias, planos voltados para a cidade ou a região. Gradualmente, no ritmo da pressão externa, com o esforço de docentes como a professora Maria Morgado de Abreu, que ministrava um curso de História sobre Taubaté e o Vale do Paraíba, a situação começou a mudar.

Em termos práticos, a UNITAU enfrentava problemas estruturais como a falta de biblioteca, especialistas, recursos audiovisuais e conexões com grandes centros de pesquisa. O ambiente era precário, e o desafio de desenvolver um curso de História Antiga e Medieval, por exemplo, era considerável. Ao mesmo tempo, a inexistência de um campus unitário não favorecia a criação de um espírito de corpo.

Apesar das dificuldades, a universidade sobreviveu. Recordo-me de uma fase em que houve uma intensa compra de prédios, gerando um grande estoque de imóveis até os dias de hoje. Crescia, no entanto, ainda que lentamente, um ambiente de crítica interna construtiva, liderado por alguns professores progressistas que se opunham a ideologia dominante e a orientação da Reitoria. Foi nesse contexto que o Centro Acadêmico local recebeu o nome de “Ulisses Guimarães”, o que não foi uma pequena conquista considerando o contexto da ditadura. É importante mencionar que o controle das aulas era bastante rigoroso; eu mesmo vivi situações surpreendentes. Lembro de uma ocasião em que ministrei um curso utilizando pensadores como Ortega y Gasset, Unamuno e Ganivet e fui denunciado por supostamente difundir “ideias subversivas”.

Desde meu tempo como aluno, sempre sonhei com avanços na historiografia local. Lembro com emoção que organizei a primeira semana de História na UNITAU; foi um grande evento. Nesse mesmo espírito, fundamos a revista “História”, o que nos permitiu estabelecer relações com autores importantes e até participar de encontros nacionais e internacionais. Isso foi uma semente que germinou, e percebo que os avanços coletivos começaram a se concretizar com o surgimento de novas gerações de alunos. Nesse panorama, sem dúvida, o curso de História joga papel importante pois, naturalmente, questiona a função dos estudos regionais. Após minha ida para a USP, em 1983, o quadro de professores evoluiu, com a multiplicação de mestres e de doutores locais.

Em uma reflexão geral, diria que minha experiência na UNITAU foi marcada por um projeto pessoal que se nutriu das circunstâncias do contexto, mas também por perseguições decorrentes da minha postura crítica e do meu engajamento com questões sociais. De início não contava com a simpatia do grupo dirigente. Essa perseguição pesou tanto que se tornou um dos fatores decisivos para minha migração para a USP e meu distanciamento institucional de Taubaté. Ao olhar para esse momento de reflexão, devo afirmar que paguei um alto preço por ter trocado a UNITAU pela USP, pois fiquei pelo menos vinte anos sem ser convidado a participar diretamente de atividades culturais promovidas pela entidade.

Em 1983, já na USP, soube de uma bolsa para ir a Stanford, que incluía toda a minha família e todas as vantagens que eu nunca havia tido até então: biblioteca, casa, carro, assistente, tudo. Com um projeto sobre brasileiros fora do Brasil, ganhei. Essa foi a grande virada da minha car-

reira. Mesmo longe, estabeleci uma estratégia para me manter vinculado às questões do Vale do Paraíba. Uma das iniciativas foi aprofundar meus estudos sobre Monteiro Lobato, especialmente durante sua fase em Taubaté. Além disso, decidi investigar os processos de criminalidade durante a transição da Monarquia para a República, buscando assim conectar-me com questões da história regional. Para se ter uma ideia, minha livre-docência, defendida em 1981, tem o título “Vale de Lágrimas: a História da Pobreza em Taubaté”. Ou seja, mesmo sendo professor da USP na cadeira de História Ibérica, meu trabalho estava focado em Taubaté, algo que carrega um grande significado em minha vida. Pude ainda levar minha experiência iniciada em Taubaté para outras aventuras internacionais tendo lecionado na Universidade de Miami, em Columbia em Nova York, além de passagens por centros europeus, latino-americanos e na África.

Retornei à UNITAU como conferencista, para palestras, apenas em 2012, a convite da professora Januária. Posteriormente, fui convidado a participar de um curta-metragem sobre o aniversário da universidade e estive presente em outras ocasiões esporádicas. Tive algumas incursões jornalísticas na região e, em algumas delas, abordei temas ligados à UNITAU. Curiosamente, após publicar dois artigos críticos sobre a universidade, o reitor José Rui me convidou para colaborar, propondo correção de algumas das divergências. Foi nesse contexto que meu livro sobre Monteiro Lobato foi publicado pela Editora da UNITAU.

Atualmente, a UNITAU está passando por transformações significativas, o que é muito positivo. No entanto, seu florescimento depende da capacidade de superar o isolamento. Nesse sentido, percebo minha participação como um elo e me comprometo com a busca de alternativas. Meu vínculo com Taubaté permanece forte, e as recentes homenagens recebidas, além do convite para integrar a Academia Taubateana de Letras, representam o reconhecimento do meu esforço e de minha conexão com a cidade.

Devo dizer que me sinto emocionado por estar entre os 50 professores convidados para a celebração dos 50 anos da UNITAU. Sinto-me tão honrado que me permito fazer um breve inventário da minha experiência como um todo. Assim, gostaria de ressaltar o lado positivo de ter sido aluno em Taubaté. Primeiro, já mencionei, rendo homenagens à professora Sônia Aparecida Siqueira e à professora Maria Januária Vilela. Recordar minha trajetória por essa Universidade me comove demais.

Há algo mais que gostaria de destacar finalmente: aprendi a dar aula com os professores daqui. E por que isso é importante? Porque a fraqueza estrutural era tão grande, os salários eram tão baixos e o reconhecimento tão escasso que essa missão me motivou imensamente. Ser professor é o maior título que possuo, e devo isso a Taubaté. Estou também feliz por levar o nome de nossa cidade para outra conquista: minha indicação como membro honorário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Para esse momento solene da minha vida, elenquei entre os convidados pessoas significativas da minha trajetória. Nesse contexto, expressei o desejo de ter a presença de meus ex-alunos de Taubaté, entre os quais Raquel Abdala e Suzana Salgado, que, aliás, são expressão da continuidade de um projeto que vai ganhando sentido e achando caminhos próprios.

Não há como contar a minha história sem mencionar a Universidade de Taubaté; isso é inegável. Acredito que a UNITAU foi uma semente plantada em um passado complicado, mas que fertilizou a terra e, agora, 50 anos depois, está pronta para florescer.

25

Felício Murade

Eu sou José Felício Goussain Murade, conhecido como Felício Murade. Estou na UNITAU desde 1988, há 36 anos.

A vida passa pela Universidade de Taubaté e a gente vive todos os momentos dela. Isso é gratificante, porque você faz parte, participa, se envolve, cria laços de amizade, produz e aplica conhecimento. Então, a Universidade é um terreno fértil para que a gente possa exercer a vida em plenitude.

Quando nasci? Nasci em Aparecida, em 1964. Sou de uma família libanesa e quando nasce filho homem, no Líbano, eles disparam rajadas de revólver, metralhadora para comemorar o fato. isto é muito valorizado na cultura libanesa. É uma questão cultural.

Após meu nascimento, meu pai saiu da Santa Casa, passou na Casa Cury, comprou uma caixa de foguetes e subiu a ladeira Monte Carmelo gritando: “é homem, é homem. E nasceu este estouro.”

Meu pai morreu dois anos depois que eu nasci. Sou criado pela minha mãe, uma mulher forte, mineira, chamada Ivone, que se manteve viúva a vida inteira para que ninguém pudesse judiar ou mandar nos seus filhos. Nós somos três irmãos em casa.

Vem da minha mãe o exemplo de que a gente pode fazer diferença na vida do outro e na própria vida. Muitos dos ensinamentos da minha mãe, uma mulher simples, eu apliquei aqui dentro da UNITAU. Principalmente a coragem e não ter medo de participar das mudanças.

Na infância, pensa em uma criança livre, que morava no Centro de Aparecida e que frequentava diferentes lugares: Igreja Velha, lojas, hotéis e casas dos vizinhos, atormentava as pessoas, eu era muito levado que no início dos estudos no primário, fugia da escola.

Na adolescência, meus tios queriam que eu fizesse medicina, mas eu falava que iria

fazer para agradá-los. Dentro de mim, queria fazer algo que lidasse com a informação, com as pessoas.

Fui para PUC Campinas, passei no vestibular de lá e entrei para fazer comunicação no ciclo é básico, optando por jornalismo na terceira série. Nos primeiros dias de jornalismo, na terceira série, o professor, jornalista Mário de Lucca Erbolato, falava que sentia prazer com o cheiro do jornal. Na minha republica, peguei o jornal, cheirei e tive uma bela rinite. No dia seguinte, saí da sala de aula de Jornalismo e entrei para assistir aula de Relações Públicas com os meus colegas do básico.

Durante a aula, a professora de Relações Públicas, Sidnéia Gomes Freitas, perguntou o que estava fazendo ali. Respondi que estava pensando em mudar para aquele curso. Ela falou que não queria quantidade, queria qualidade. Isso só foi um termômetro, uma forma, um sinal para falar com minha mãe. Saí de lá, liguei para minha mãe e pedi transferência para o curso de Relações Públicas.

Na semana seguinte, a professora Sidnéia fez uma prova para estagiário, sendo escolhido aluno bolsista. Durante o estágio, volta e meia, a professora Sidnéia me levava aos cursinhos para fazer palestra. Ela abordava o assunto e, do meio para o fim, passava a palavra para mim. Eu tinha que dar continuidade à palestra.

Quando me formei, dois meses depois, ela me ligou para substituir um professor que estava doente. No final do ano, ele faleceu. Aos 23 anos, comecei a dar aula na PUC Campinas para os meus colegas que estavam no terceiro ano. Pensa o pavor que passei, você ser professor dos seus os colegas de faculdade. Mas em tudo a gente tem que ser honesto. Entrei na sala de aula e falei que precisava começar de alguma forma. E eu estava começando ali, com eles. Iria dar aula de Deontologia da Comunicação. Pedi a oportunidade de dois meses. Se não desse certo, depois viria um professor de direito. Eu usava a criatividade, fazia júri simulado, uma série de dinâmicas. Quando você está começando, tem que ser criativo para poder ocupar espaço.

Para melhorar minha performance, durante 15 dias, no convento Padre Kentenich, no Pico do Jaraguá, fiz um curso para a formação de professores, ministrado pela USP. Participando, também, deste curso, tinha um professor da UNITAU. Quando terminou o curso no domingo à noite, ele perguntou se eu tinha interesse em ser professor na UNITAU. Na segunda-feira cedo, recebi um telefonema do Chefe de Departamento, professor João Batista Gonçalves Pinheiro, me convidando para começar a dar aula aqui na segunda à noite. Vim e comecei com 2 (duas) disciplinas. Observo que existia, na Região, existiam poucos professores de comunicação.

Nos meses seguintes, um professor se separou da esposa e não tinha quem o substituísse, eu assumi as disciplinas dele. Outro professor, Neif Safady, voltando para Caçapava, morreu vítima de acidente e não tinha quem dominasse Pesquisa de Opinião e Mercado. Na época, isso em 1989, assumi as disciplinas dos dois professores. Então, eu era um professor de 25 anos, dando aula de seis disciplinas na Comunicação para que o curso não parasse.

Um dia vi um edital para chefe de departamento, hoje diretor, fixado no mural da sala dos professores. Cheguei na professora Maria de Fátima Silva e perguntei se estavam abertas as inscrições. Ela respondeu que sim, mas disse que havia outra candidata. Nem passava

pela minha cabeça ser diretor, mas três dias depois ela me ligou e falou que as coisas tinham mudado, se eu queria ser candidato e ter o apoio dela. Então, fui eleito diretor da faculdade de Comunicação aos 28 anos, fui reeleito pelos meus pares 4 anos depois. O segredo de tudo, para ser um bom diretor, é você ouvir, colocar-se no lugar do outro, do aluno, do professor e do funcionário, e dar respostas claras e honestas, mesmo que elas não agradem a quem você está respondendo. Esse é o segredo.

Como diretor da faculdade, trabalhei bastante para a aquisição do terreno onde está construído e abrigados os estúdios, a Rádio e TV UNITAU e para importação de equipamentos do Japão para montagem desses espaços.

Na época, recebíamos alunos de todo o Brasil. A oferta de cursos de graduação era muito restrita no País. Então, vinha aluno de Brasília, Londrina, Paraná, de tudo quanto é lugar estudar comunicação na UNITAU.

Como diretor, nós acolhíamos esses alunos que vinham morar em Taubaté. Quando o aluno é daqui, vai e volta para casa. Quando ele vem de fora, tem tempo livre. Então, o Departamento, a faculdade, acaba sendo uma filial da república, da casa dele. Nesse aspecto, nós acolhíamos e desenvolvíamos inúmeros projetos dentro do Departamento.

Em determinado dia, a professora Vanda Aparecida Várzea Cursino, que era pró-reitora de extensão, me chamou e perguntou em que eu poderia colaborar, pois disseram que eu tinha o perfil extensionista. Acabei indo colaborar com ela na COPESA, a Comissão Permanente de Seleção Acadêmica. Depois, convivendo com as pessoas da extensão, fui convidado para participar de um projeto nacional chamado Universidade Solidária, que era presidido pela primeira dama do Brasil, a professora Ruth Cardoso.

Pensando na regionalização do Universidade Solidária, a UNITAU assumiu o protagonismo e de forma piloto, fizemos uma experiência para a regionalização desse projeto. A professora Ana Júlia Urias foi para Caraguatatuba, a professora Helen Francis Silva foi para Santo Antônio do Pinhal e eu fui para Areias, todas no estado de São Paulo.

Areias tinha aquele estigma de cidade morta, plantado por Monteiro Lobato. Percebemos a anomia entre os jovens e resolvemos que iríamos trabalhar a emancipação daqueles alunos do ensino médio. A assessora da Ruth Cardoso, Elisabeth Vargas, chegou em Areias, no dia da atividade. Aqueles jovens pararam Areias e fizeram uma grande festa, denominada Acorda Areias. A ideia de fazer a festa era mostrar que eles poderiam ser empreendedores e assumir projetos próprios.

A assessora viu esta e outras atividades, relatou para a professora Ruth Cardoso, e nós fomos compartilhar essa experiência no encontro para reitores, pró-reitores e coordenadores de extensão do Brasil inteiro, no SESC Vila Mariana. Na época, o professor da Unicamp, Sandro Tonso, falou que só aceitaria regionalizar o Universidade Solidária se fosse nos moldes da Universidade de Taubaté, que utilizava as ideias de Paulo Freire de Leitura de Mundo como base para transformar a realidade.

Tempos depois, fiz uma proposta e fomos para a cidade de Jardim, no interior do Ceará, no semiárido nordestino. Metade da cidade tinha água potável e a outra metade era água salobra. Nós fomos desenvolver esse trabalho lá. Na viagem precursora, que o professor faz antes, observamos que muitos jovens e adultos não tinham registro civil. O prefeito tam-

bém solicitou para resolver o problema da água da chuva, que era misturada com esgoto. E, além disso, também falou que tinha muitos alunos fora da sala de aula. Ele havia prometido arrumar salas de aulas se a gente conseguisse matricular alunos. Quantas salas fossem necessárias. Além de combater a evasão, a gente ajudaria o município a mudar o coeficiente do Fundeb (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) e eles poderiam receber mais recursos.

Nós saímos, fizemos um mutirão de matrícula, colocamos centenas de pessoas que estavam fora da sala de aula. E o prefeito cumpriu a promessa. Ele abriu sala de aula até em igreja e salão paroquial.

Além disto levantamos 120 pessoas sem registro civil. Fizemos um relatório e mandamos uma carta para a professora Ruth Cardoso. Ela passou a carta para o ministro José Gregori, Secretário Nacional de Direitos Humanos. Dois meses depois, fomos informados que o Congresso havia apreciado a gratuidade do registro civil. O principal fator para que as pessoas não tivessem o registro era econômico, financeiro. Elas não tinham cerca de 50 reais para pagar pelo documento. Como que uma pessoa é brasileira e não tem a certidão de nascimento, aquilo que concede para ele o título de brasileiro?

Nós também levamos um estudante de engenharia civil, o Lucas, que era estagiário da Sabesp. Ele tinha a missão de ver o problema da rede de esgoto. O Lucas voltou de Jardim munido de informações e sensibilizou os engenheiros da SABESP e os professores do curso. Juntos fizeram um projeto, separando a água da chuva do esgoto da cidade com implantação de uma lagoa de tratamento.

Nós fizemos muita coisa em Jardim. Só não fizemos chover no sertão, o resto fizemos. E criamos um grande vínculo com a comunidade. Abrimos mão de pousada e ficamos na casa onde as pessoas que vinham do sertão recebiam refeições. No último dia na cidade, na hora de ir embora, começou a chegar gente. Em pouco tempo, tinha mil pessoas na porta da casa. O prefeito veio, agradeceu o trabalho. Nós agradecemos, no carro de som, o apoio das autoridades da cidade e da comunidade, chorando entramos no ônibus que nos levaria embora e saímos da cidade. E, atrás do ônibus, o povo correndo, chorando. É uma lembrança que marca o coração da gente, porque isso a gente não conquista somente com a informação, mas com vivência.

Estas e outras atividades desenvolvidas em Jardim ganharam visibilidade e reconhecimento. Entre 196 universidades brasileiras, nós ganhamos o Prêmio Marinha do Brasil, recebido das mãos da primeira dama do Brasil, professora Ruth Cardoso, do ministro da Educação, Paulo Renato de Souza e do Ministro da Marinha, Almirante Mauro César Pereira. Como prêmio, fomos do Rio de Janeiro a Salvador no navio desembarque de tropa NDD Rio de Janeiro, convivendo com os militares marinheiros. A equipe UNITAU não fez o trabalho em Jardim pensando no prêmio, ele foi consequência do mérito que os alunos desenvolveram na cidade. E a viagem foi uma experiência única e maravilhosa.

Vale lembrar que por mais que se fale disso, que a gente faça pesquisa, que gere saberes, a gente só vivencia o sabor de estar com essa comunidade, vivendo este momento lá no local, em interação com as pessoas. No melhor estilo Paulo Freire, fazendo leitura de mundo, vendo o outro, respeitando o outro e trocando saberes e vivenciando sabores.

Depois disso, em 2007, a professora Maria Lucila Junqueira Barbosa precisava de um professor que coordenasse a Operação Arcanjo, a parte de comunicação, porque o Papa Bento XVI viria à Aparecida e o Exército pediu apoio da Universidade de Taubaté em duas frentes. Uma na área da saúde, com os alunos de enfermagem, e outra na área de comunicação, para apoiarmos o trabalho de assessoria na área. Nós fomos para a Aparecida com 40 alunos, quatro professores, quatro técnicos, e fizemos toda a parte de assessoria de comunicação. Desenvolvemos um site, o “Papa em Aparecida”, na versão em inglês, português e espanhol, e fizemos todo o trabalho de assessoria da operação Arcanjo que cuidava da visita do Papa.

Muitas vezes, por ter esse espaço do Exército, tínhamos imagens privilegiadas e pudemos oferecer importantes contribuições. Uma delas, a imprensa toda esperando o Papa descer pelo lado direito do helicóptero, e ele desceu pelo lado esquerdo. Só nós tínhamos a imagem do Papa recebendo a chave da cidade da mão do prefeito José Luiz Rodrigues.

Além disso, também tínhamos acesso a informações de segurança. Como o Papa ia para a Fazenda Esperança, boa parte da equipe do Exército que estava coordenando a operação foi para lá. Uma equipe de jornalistas da TV Globo estava hospedada no Hotel Sete Lagos e não tinha como sair por conta do esquema de segurança que bloqueou o acesso à estrada. Um dos jornalistas responsáveis ligou e nós conseguimos abrir um espaço dentro do comboio, garantindo que o Jornal Hoje fosse ao ar naquele dia apresentado do Santuário Nacional de Aparecida.

Para documentar a Chegada do Papa Bento XVI no Seminário Bom Jesus, como sou de Aparecida, conheço bastante gente, vi um amigo na varanda da casa onde morava e pedi para nossa equipe ficar na varanda de sua casa. Ele perguntou quanto eu iria pagar, ao que respondi que era uma equipe de estudantes, que não tínhamos como pagar. Já tinha uma emissora lá. Então falei que iria achar outra maneira.

Olhei para a casa do lado, vi uma senhora e pedi uma escada emprestada. Ela me perguntou se eu era sobrinho do Sr. Michel. Eu respondi que sim, e ela me emprestou uma escada alta. Fiquei ao lado do portão do Seminário Bom Jesus segurando a escada, para que o cinegrafista e o fotógrafo pudessem fazer as imagens.

Mas o fato mais memorável ocorreu no último dia, quando estava encerrando praticamente o trabalho. O Papa Bento XVI estava celebrando a missa do meio-dia, em 13 de maio, e a aluna de jornalismo, Michelle Laboissiere, pediu para eu segurar o microfone. Em tom de brincadeira falei que iria entrevistar o Papa. O Barreto, que era cinegrafista, perguntou se eu teria coragem e respondi que, no máximo, iria pagar um mico papal. A porta abriu e o Papa veio andando em nossa direção para embarcar no Papa móvel. Falei para o Barreto ligar o microfone. Ele perguntou o porquê e eu disse vou entrevistar o Papa.

Imediatamente estendi a mão e disse: Papa uma benção para o Brasil. Ele andou cerca de 20 metros até o microfone e falou, misturando italiano, alguma coisa de espanhol e alemão. Não entendi nada do que ele disse, só respondia “amém, amém, amém.”

A hora que o Papa saiu, nós entramos em euforia, porque era a primeira vez na história da humanidade que o Papa falava com um veículo de imprensa porque, até então, ele só falava por meio de porta-voz, de comunicados ou de encíclicas.

Quando souberam disto, o Major Matheus me fez ficar recluso no alto da torre e o general

Floriano Peixoto com a reitora da época, a professora Lucila, acertaram em distribuir essa imagem para as emissoras, porque os jornalistas já estavam nos assediando atrás do material. Essa imagem foi exibida pelas emissoras de TV do Brasil e várias internacionais. Às cinco horas, teve um boletim do Fantástico em que falava que um professor conseguiu um depoimento do Papa. Eu passei mais de dez dias dando entrevistas para os veículos de imprensa.

Isso abriu uma parceria muito próxima com o Exército Brasileiro, principalmente com o Batalhão de Caçapava, e nós, a convite deles, participamos do projeto piloto do estágio de chefia e liderança, inicialmente, para os alunos da UNITAU e depois estendido para universitários do Vale do Paraíba.

Além disso, levamos 120 alunos para Brasília para ter aula de comunicação no Exército e fomos para a para a Amazônia conhecer diversos projetos. Visitamos a base militar de São Gabriel da Cachoeira, a aldeia indígena de São Joaquim e o Pelotão do Exército na cabeça do Cachorro. Nesta Expedição, vimos a presença de instituições de pesquisas internacionais na Amazônia e a questão da preservação do patrimônio nacional, em especial o ambiental.

Também estava programado uma equipe da TV UNITAU, composta por um aluno, o cinegrafista Adriano Barreto e eu, ir para o Haiti, para documentar a presença das Forças Armadas Brasileiras. Em virtude do terremoto, a missão foi abortada.

Tempos depois, em 2010, o Reitor, professor José Rui Camargo, me convidou para ser pró-reitor de extensão e eu assumi esse novo desafio. Na pró-reitoria de extensão, precisávamos fazer a transição de uma extensão que era assistencialista, herdada do regime militar, em que a emancipação do povo não era bem vista, para uma extensão participativa, interativa, colaborativa com as pessoas. Nesta perspectiva, capacitamos os nossos professores para elaborar programas e projetos, atendendo ao edital interno.

No âmbito federal, tinha o ProExt - MEC, que seleciona programas e projetos e apoia a sua realização com recursos financeiros. Pela UNITAU, concorremos com 22 propostas e 7 foram aprovadas contempladas com recursos que, somados, deram R\$ 520 mil. Eram projetos de toda ordem, desde vítima de violência; saúde e envelhecimento; desenvolvimento de empreendimentos econômicos; capacitação de conselheiros municipais; educação infantil; ecocidadania; até patrimônio imaterial.

A UNITAU assumiu protagonismo na extensão brasileira. Participando do fórum de pró-reitores, propusemos a realização do Fórum Regional Sudeste, em Taubaté. Em 2012, realizamos na Reitoria e vieram pró-reitores de extensão das universidades públicas da região Sudeste.

Em 2013, no Fórum de Extensão realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, por uma questão de política de extensão, alguns pró-reitores das universidades públicas me procuraram para que eu fosse candidato a coordenador do Fórum de Extensão da região Sudeste, coordenando, dessa forma, todas as públicas. Eu falei que os pró-reitores das estaduais e federais não votariam em mim, porque era de uma universidade pública municipal. Aceitei o desafio e concorri como pró-reitor da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro que se candidatou. Com 24 votos a favor e 14 contra, fui escolhido para coordenar o Fórum de Extensão das Universidades Públicas do Sudeste. Isso fez com que tivéssemos várias inserções externas no cenário educacional brasileiro.

Tínhamos constantemente assento no MEC para avaliar projetos de extensão, debater o Plano Nacional de Educação - PNE e as políticas nacionais de extensão, representando a região sudeste no Fórum Nacional. Participamos, ativamente, do estabelecimento da curricularização da extensão universitária no PNE.

Também compus comitiva de cooperação internacional. Fomos para a região de Nápoles, na Itália, onde fizemos uma parceria com a Universidade de Nápoles para intercâmbio internacional. Foram estabelecidos projetos de cooperação relacionados às questões de arqueologia, restauração, gastronomia e turismo. Considerando a expertise da Universidade de Nápoles em biologia marinha, também, foi proposto um navio de pesquisa, para ver a fauna e a flora marinha do Brasil. Esse navio seria usado por todas as instituições públicas.

Outra ação, em 2011, a realização do Fórum de Reitores das Universidades Públicas Municipais, por iniciativa da Pró-reitoria de Extensão da UNITAU, aconteceu em Taubaté. O encontro reuniu reitores e representantes das universidades, faculdades e centros universitários municipais. Desse evento, resultou um projeto no qual nós ofertaríamos para o MEC 300 mil vagas de curso superior. Não é federalização, é um convênio de parceria, na qual parte das vagas seriam oferecidas e custeadas pelo MEC. Seria um programa de bolsa mesmo.

Nós fizemos um levantamento de dados das IES municipais e comparamos com as federais. A universidade mais cara per capita por aluno era a Universidade Federal de São Paulo, R\$ 96 mil por aluno/ano. E a mais barata era a Universidade Federal de Amapá, com R\$ 9.600 por aluno. As municipais fariam por R\$ 8.400 por aluno/ano. A oferta seria de 50% das vagas das municipais via Enem. Esse dinheiro viria para a Universidade. A gente teria praticamente 100% das carteiras ocupadas.

O governo estava fazendo a interiorização da oferta de cursos superiores com abertura de faculdades e universidades no interior do Brasil. E nós já tínhamos tudo isso, o governo não teria problema nem de infraestrutura e nem trabalhista, pois as municipais já tinham isto funcionando. Ele repassaria o recurso e a gente geraria ensino, pesquisa e extensão. Seria uma política de inserção social das pessoas que estão no interior do Brasil fora do ensino superior. Vale lembrar que, das 64 instituições de ensino superior, nenhuma estava na capital. Todas estavam em cidades do interior do Brasil.

Quando eu saí da extensão por motivos internos da UNITAU, esse projeto parou junto ao MEC e não andou. Recentemente, a reitora da UNITAU, professora Nara Lúcia Perondi Fortes, me chamou e pediu para atualizar esse projeto, que ela iria tentar algo semelhante, via ANIMES, em Brasília.

Recentemente, fui chamado pela reitora, a professora Nara, para estruturar a coordenação de marketing. Nós criamos a coordenação de marketing, o setor comercial da UNITAU para captar alunos. E também colocamos um CRM, que é relacionamento com o futuro aluno, para que esse aluno encontre satisfação, sucesso na sua jornada dentro da UNITAU e, com isso, faça esforço para não deixar a nossa instituição e concluir o estudo.

Eu estou em vias de me aposentar. Se perguntarem o que gostaria de fazer agora, responderia que gostaria de terminar os meus dias como professor no chão do Brasil, junto às pessoas da minha terra. Mas você vai evoluindo e vai envelhecendo. O que fazia antes: dormir em rede, comer precariamente, a idade e a saúde já não permitem tanto. O que gosto muito

de fazer é justamente sentir o sabor da vida, sentir o sabor do trabalho educacional. O sabor do trabalho educacional, a gente vivencia, experimenta, vivendo a extensão universitária. O professor da Unicamp, Rubem Alves, que morreu recentemente, falava que a pesquisa pode descrever, falar a fórmula química, tudo da jabuticaba. Mas você só vai saber o que é uma jabuticaba se você sentir o “croc” e o sabor da jabuticaba. A pesquisa fala isso, ela explica os processos, as causas, as consequências. A extensão faz com que você pegue esses saberes gerados pela pesquisa, aquilo que foi ensinado na sala de aula, e leve para o chão da comunidade, para o chão do Brasil. Ali, todos juntos, em comunhão, podem saborear esses saberes.

A extensão é o sabor de estar com o outro, de experimentar o novo, de interagir. Como presidente do fórum, coordenador do fórum de pró-reitores das universidades públicas, pude participar ativamente dessa inserção da extensão dentro da universidade. Porque, na época, no período após o regime militar, a extensão ficou muito assistencialista. Era assistência à saúde, assistência à comunidade, socorro etc. Com a redemocratização do Brasil, a extensão se emancipou, mas ela estava fora do currículo escolar.

Nós, pró-reitores de extensão, fizemos gestão junto ao MEC para que a extensão fosse curricularizada. E aí nasceu, dentro dos parâmetros nacionais, dentro do plano diretor da educação, a curricularização da extensão. Tenho muita alegria e orgulho de fazer com que todo aluno possa experimentar a extensão universitária por meio da curricularização. Sendo ele engenheiro, jornalista, publicitário ou médico, ele vai experimentar o sabor da extensão.

Somos uma instituição pública. Todas as mudanças, tudo o que acontece aqui dentro é ditado pela lei de licitação pública, pelos critérios da administração pública. Quando eu entrei na UNITAU, o reitor era o professor Milton de Freitas Chagas. E a gente tinha 12 mil alunos que vinham de diferentes cidades e estados do Brasil.

Com o passar do tempo, o governo foi democratizando o acesso ao ensino superior. Com isto, as demandas foram se tornando estaduais. O aluno já não saía mais de Brasília ou do Paraná para vir estudar em Taubaté, ficava dentro do seu estado. Depois, foi se tornando regionais, macrorregião, e hoje a demanda é microrregional. Então, são cinco, seis, sete cidades em torno do ensino presencial, em torno daquela universidade.

A gente sente a diferença do aluno que tinha tempo livre para poder vivenciar mais atividades. Hoje, o nosso aluno faz estágio, trabalha, mora próximo à Universidade e isto, de alguma forma, interfere no tempo dele dentro da Universidade, principalmente no tempo livre.

A grande mudança que eu percebo é que o aluno vivenciava mais a Universidade, porque ele vinha, boa parte, de fora e os que não vinham de fora, que eram de cidades do Vale do Paraíba, vinham e voltavam para a sua cidade, mas, volta e meia, tiravam um pouso na República dos que eram de fora. Esse pouso conferia uma vida noturna, uma atividade econômica para Taubaté.

A UNITAU não recebe um centavo de dinheiro público municipal. Tem uma política de bolsas na qual oferece ensino e aqueles alunos contemplados recebem o valor, mas nós nos mantemos com a mensalidade do aluno. Isso torna a Universidade diferente.

Enquanto a pública é amparada por orçamento público e as privadas têm dono. Nós somos uma pública e temos que concorrer com a universidade privada e, ao mesmo tempo, cumprir a função social de uma instituição pública. Isso nos dá um DNA muito especial, um

DNA de uma universidade que o governo deveria prestar mais atenção.

As pessoas, ao invés de falar em federalização, de privatização da Universidade, deveriam olhar para a UNITAU e para as outras instituições municipais e reconhecer o mérito. Porque nós fazemos ensino, sim, mas nós contribuimos com a saúde do município, por meio das nossas clínicas, nós contribuimos para o desenvolvimento econômico, por meio das atividades, enfim temos atuação e contribui em diversas áreas.

A Universidade de Taubaté contribui, faz parte da comunidade taubateana e valeparai-bana. Então, vou pedir para você que olhe com muito respeito para o trabalho da Universidade de Taubaté, olhe com muito respeito para as pessoas que estão aqui, para os nossos alunos, professores e funcionários. Estamos fazendo um ensino diferenciado dentro de um DNA próprio. Olhe com muito respeito para a Universidade, que é muito minha, muito sua, que é nossa.

Entendemos que o laço é profissional, mas eu não consigo ter olhar puramente profissional, porque são pessoas que nós convivemos, laços afetivos. É uma grande família com a missão de ofertar ensino, pesquisa e extensão.

A UNITAU é casa.

26

José Roberto
Moura

Eu sou José Roberto Moura, mas comumente apelidado de Zé Beto. Fui aluno da primeira turma da faculdade de Odontologia da Universidade de Taubaté. Formei-me em 1982 e, depois de formado, continuei na faculdade por um tempo como professor de Histologia. É provável que eu tenha sido o primeiro ex-aluno da área da Odontologia a ser contratado pela UNITAU.

Na verdade, não fui contratado realmente por essa área, a da Odontologia, mas sim pelo Departamento de Ciências Biológicas. Por essa época, dei aula nos cursos de Odontologia, Enfermagem, Biologia diurna, Biologia noturna e Medicina. Mais algum tempo se passou e continuei na UNITAU, fazendo atividades como convidado, até concluir o mestrado, que foi feito nessa mesma universidade. Isso tudo gerou um vínculo muito grande entre mim e ela. Desde então, nunca deixei de participar dos encontros anuais e nem das aulas na faculdade de Odontologia quando convidado; e em tudo o que eu fiz na vida, que é bastante coisa, sempre tive muito orgulho de levar o nome da UNITAU.

Minha vontade mesmo não era fazer Odontologia. Havia acabado de completar o terceiro colegial e não sabia ao certo o que fazer: Medicina, Oceanografia ou Engenharia, ou entre algumas áreas parecidas com essas.

Como estava muito indeciso, optei tanto pela Medicina quanto pela Odontologia. Aconteceu dessa maneira: na UNITAU, quando fui me inscrever, haviam de fato sido abertas as inscrições para Odontologia. Pensei em me inscrever, mesmo acreditando que eu não iria seguir na área. Porém, na época da prova de Medicina, um rapaz de São Paulo, filho de uma amiga da minha mãe, veio à minha, onde ficou hospedado para fazer a prova de Medicina. Ele tinha passado na prova de Odontologia, decidiu que de fato seguiria nessa matéria. Esse rapaz, muitas vezes

ao dia, falava-me sobre Odontologia. Na semana inteira em que ficou aqui, me dizia coisas a respeito da área. Dizia que era legal, contava o que se fazia nela. Eu já tinha feito a prova de Medicina, porém, o resultado saiu somente no dia da última prova. Abandonei-a na metade e fui fazer Odontologia. A partir do momento em que eu comecei a faculdade de Odontologia, nunca mais pensei em fazer outra coisa.

Foi muito desafiador, porque fomos nós, da UNITAU, que começamos tudo, iniciando com a construção do primeiro laboratório, no Campus do Bom Conselho, onde as aulas aconteciam. No entanto, ainda não havia o prédio de Odontologia. Para o fazermos, fomos, junto do professor Gerval de Almeida, chefe do departamento de Odontologia na época, conhecer alguns lugares viáveis, aqui em Taubaté, para a construção da clínica, até que ele nos levou ao prédio da Companhia Predial de Taubaté. O prédio estava muito deteriorado, o que nos exigiu um trabalho muito intenso para fazer com que, por volta de maio ou junho do nosso terceiro ano, já tivéssemos a clínica funcionando, e funcionando bem. Foi muito legal. Tivemos excelentes professores, pessoas que nos motivaram muito. Então, apesar de todos os desafios da primeira turma, da faculdade não ser reconhecida ainda, ocorreu tudo bem. Era uma turma composta por 80 alunos. 79 se formaram aproximadamente, foi um número bem expressivo.

Depois que me formei, trabalhei em várias áreas, fiz um pouco de tudo. Na época, a profissão de Odontologia Estética ainda não existia; ela começou no início dos anos 90. Tive contato com algumas pessoas e conheci um outro modo de se trabalhar com a Odontologia por meio de um professor da UNITAU, Paulo Tone, muito amigo do professor Gerval, e que ficou aqui por apenas um ano, o nosso terceiro ano de curso. Mesmo sem ter muitas condições financeiras, ele viajava sempre para o exterior para fazer curso, no começo dos anos 90, 91 ou 92, e me levava com ele. Eu também não tinha muitas condições financeiras, portanto, ia com dinheiro contado. Em vez de eu comprar uma casa, comprar um carro melhor, eu viajava.

Das viagens, conheci grandes personagens da Odontologia, que viraram grandes ídolos meus. A partir daí nós fundamos, eu e mais um grupo de outros profissionais, a Sociedade Brasileira de Odontologia Estética, a qual tive a oportunidade de presidir quatro vezes, e que, este ano, está completando 30 anos de fundação. Também presidi a Federação Internacional de Odontologia Estética, que congrega hoje em dia quase 40 associações do mundo inteiro. Tudo isso que fiz foi muito motivado pelos desafios que vivenciei na época da faculdade. Lá, sempre tem algo que incentiva, que motiva a sair da zona de conforto. Não tendo medo do que está para acontecer, conseguimos progredir e fazer com que os nossos projetos funcionem. Fico muito feliz por isso. De fato, muitas coisas nos incentivaram, como alguma dica de um professor da UNITAU, o tipo de formação que nós tivemos, que foi muito especial, e o fato de termos participado da primeira turma.

Toda essa trajetória que percorremos é muito antiga. Hoje, a faculdade tem uma outra realidade, são 45 anos de existência e nós, professores da década de 80, 90, estamos formados há 42. Então, a realidade é diferente do que era na nossa época, de tudo, realidade social, realidade do país, do mundo, a própria profissão. Mas o que ocorreu há anos teve um papel fundamental para o que está acontecendo agora. Tenho dado palestras e cursos em vários países do mundo, e disso não quero me gabar, quero somente dizer que, para todos os lugares

aos quais vou, já dei aula nos Estados Unidos várias vezes, no Japão, na Grécia, na Lituânia, em Portugal, na Tailândia, na Indonésia, em alguns países da América do Sul, na Venezuela, na Colômbia, no Paraguai, sempre levo comigo o nome da UNITAU. Começo assim minhas palestras: “Eu me formei na primeira turma da Universidade de Taubaté”. Tenho muito orgulho dessa universidade! Fico feliz de verdade com tudo o que aconteceu, por essa razão sempre que me convidam, como agora, a fazer algo na UNITAU, faço sempre com o maior prazer.

Nasci e fiz toda a minha trajetória estudantil em Taubaté: primeiro grau, segundo grau, terceiro grau e faculdade, inclusive uma parte da minha pós-graduação. Isso só me faz ficar mais entusiasmado com a cidade e com a Universidade de Taubaté.

Era professor e fui convidado pelo mestrado. Como ainda não tinha feito, após o convite acabei entrando para o curso. Foi uma época muito legal, pois voltei a estudar e voltei à faculdade, durante três anos.

Depois disso, fui para a Unesp de São José dos Campos. Acho que a disciplina mudou de professor. Eu era assistente, depois o professor saiu, em seguida a equipe inteira. Mas, nunca deixei de estar aqui. Sempre, hoje mesmo, na semana odontológica, vou dar uma palestra. Quase todo ano me convidam e eu aceito com muita alegria.

É muito bom podermos, nós, que já estamos mais velhos, compartilhar a experiência, nossas impressões sobre a profissão de Odontologia, principalmente para aqueles que estão começando e, por isso, têm muitas dúvidas. Essas dúvidas também existiam na minha época, e hoje em dia em razão das muitas informações, e elas podem ser tanto positivas quanto negativas.

Muitas vezes, as pessoas ficam muito perdidas sobre como trabalhar na Odontologia. Não sabem direito o que precisa ser feito, não sabem como começar, não sabem se montam um consultório ou se vão trabalhar para alguém, não sabem qual especialidade devem procurar etc. Então, quando temos a oportunidade de conversar com os estudantes, que estão se formando, ou que ainda estão no curso, devemos aproveitar a oportunidade. É ótimo fazer isso, e eu faço com muito prazer.

Adorava a clínica que nós ajudamos a criar. Assim que a inauguramos, nós, a primeira turma da faculdade, no primeiro dia de funcionamento, trouxemos algumas senhoras do asilo para atendê-las. Era na disciplina de Periodontia. Tenho excelentes lembranças da clínica, do atendimento aos pacientes, da integração com os professores e das risadas. A interação era muito dinâmica, apesar de intensa; mas essa é uma boa lembrança.

A festa vinha depois dos atendimentos. Naquela época, às vezes, encerrávamos o trabalho clínico por volta das duas horas da manhã; depois, saíamos de lá e íamos até o bar.

Antes, as pessoas tinham muito receio de vir à universidade e fazer algum atendimento, devido ao fato de que seriam atendidas por alunos. Hoje, não é mais assim. As pessoas fazem fila para fazerem tratamento na clínica da faculdade.

Depois do curso concluído, montei o meu consultório junto com uma colega, que se formou comigo, Maria Tereza, que também foi professora até se aposentar no departamento. Maria Tereza Fortes Soares D’Azevedo. Montamos um consultório juntos, consegui um emprego na Ford Motor Company como dentista e dava aula aqui em Taubaté.

No primeiro ano de formado, já havia muitas coisas para fazer. Não ganhava muito, mas havia muitas atividades.

Quando montamos a SBOE, a visão sobre Odontologia Estética era muito rasa. As pessoas tinham um preconceito com relação a isso. Éramos muito novos quando isso começou. Muitas faculdades importantes duvidaram da instituição, de seu significado. E hoje é uma das instituições mais importantes no Brasil.

A primeira vez que fui presidente, no ano 2000, foi muito desafiador, porque as pessoas que tinham precedido a mim tinham uma formação no exterior, já tinham feito pós-graduação fora. Mesmo assim, venci o medo e continuei, o que gerou em mim uma experiência muito bacana e, graças a Deus, bem-sucedida.

A partir daí, tivemos outras experiências, outros cargos, mas a primeira foi a mais significativa, porque, a partir dela, me senti mais seguro.

Sou bem resolvido. O que eu aprendi na minha graduação, nos cursos que fiz depois, mesmo tendo sido em uma cidade do interior, ninguém se prejudicou com isso e me ajudou em meu amadurecimento. Sou membro da SBOE e, até o ano passado, fiz parte de todas as diretorias, durante 29 anos.

Agora, creio ser o momento de os jovens começarem a aparecer mais, de darmos lugar a eles. E, até por ser 30 anos, depois de todas essas diretorias, eu, Marcelo Fonseca, Dickson Fonseca, Marcelo Calamita, José Arbex Filho, que somos de outra geração, estamos abrindo espaço para os mais jovens. Não é simplesmente os deixando, mas incentivando que as pessoas mais novas tomem parte do movimento de levar a instituição para frente, talvez em outros moldes, voltado para a realidade atual, até das mídias sociais, que é um pouco diferente do que era quando começamos.

Essas mudanças são tanto em relação a viabilizar uma quantidade maior de procedimentos que conseguimos entregar ao paciente quanto no aumento da necessidade que o paciente acredita que tem da estética na cavidade oral e região peribucal. Há, então, uma grande e maior atenção aos lábios, ao sorriso. Preza-se muito isso hoje em dia, e a odontologia, efetivamente, tem condições de satisfazer as necessidades estéticas das pessoas, sem sair do escopo de sua especialidade e sem se esquecer da saúde.

O mais importante na Odontologia não é a estética. Por isso, sempre digo que a estética é uma consequência de se fazer um trabalho bem feito, do ponto de vista funcional e do ponto de vista da saúde.

O que comecei fazendo na minha vida profissional e ainda faço muito é atender na minha clínica, pois tive logo a oportunidade de montar um consultório pequeno. Hoje, tenho uma clínica maior, com outros profissionais trabalhando comigo, inclusive minha filha, que também foi aluna aqui da Universidade de Taubaté.

Ela coordena a parte de gestão, tanto de pessoas quanto de materiais da clínica. O que mais fiz e o que continuo fazendo é atender pacientes, porque gosto de fazer isso. Quando não estou atendendo, me dedico a cursos, palestras, aulas, tanto no Brasil quando fora dele, e também na nossa clínica, que comporta um espaço em que damos cursos de atualização e treinamento para os profissionais que se interessarem.

Atuei e atuo muito em Taubaté. Tive um consultório em São Paulo durante uma época, mas nunca deixei de trabalhar aqui, sempre estando próximo da UNITAU. Eu a visito muitas vezes e nunca me desvinculei dela, devido à sua relevância, que considero ser bastante grande.

Os primeiros momentos após a minha formação foram bem intensos. Depois, a situação melhorou e, na época do mestrado, aumentou-se essa intensidade.

Sinto-me honrado de poder, eventualmente, contribuir de alguma forma com as pessoas que estão se formando.

Não apenas eu segui a profissão: minha filha e minha sobrinha também foram pelo mesmo caminho.

Ver a UNITAU enfrentando desafios é algo frequente. No entanto, também é de fato comum vê-la vencendo aqueles que lhe são impostos. Do mesmo modo, o começo da Faculdade de Odontologia nos deu muitos obstáculos, e, após a superação deles, muitos resultados, que a levaram até aqui, a 45 anos de fundação.

Quando penso na Universidade de Taubaté, penso na quantidade de amigos que fiz desde a época da faculdade, e que acabei carregando vida afora, isso na época em que fui aluno, professor, em que estava na universidade, fazendo mestrado, dando algumas aulas. Tivemos um grupo voluntário de estética muito bom. Enfim, em todos esses momentos, sempre acabei encontrando pessoas muito legais e muitos deles se tornaram grandes amigos, algo que marcou muito minha lembrança.

Com todos os problemas, a formação que adquiri na Universidade de Taubaté nunca foi precária, por isso em momento nenhum diminuiria a maneira como eu vejo a formação que recebi dela.

A palavra de que me veio à mente para a UNITAU foi “Desafio”. A UNITAU sempre teve muitos desafios, mas todos a meu ver tem sido superados. O fato de ela ser público-privada a leva a ter desafios importantes, mesmo sendo uma autarquia municipal. Por isso, desafio é a palavra.

27

José Rui Camargo

Sou o Professor José Rui Camargo, conhecido por Zé Rui. Ingressei na Universidade de Taubaté no dia 20 de março de 1981 e nela fiz toda a minha carreira universitária, aliás, toda a minha vida, tendo me aposentado no dia 4 de abril de 2018. Foram 37 anos e 15 dias!

Uma coisa interessante durante esse período todo, é que gosto de registrar meu cotidiano e sempre usei agenda de papel. Guardo todas as minhas agendas, desde 1982 até 2018, quando me aposentei. Se eu quiser contar a minha história, é só abrir as agendas em um dia específico para saber o que estava fazendo.

Nasci em São Bento do Sapucaí, uma cidade a 60 quilômetros de Taubaté, na Serra da Mantiqueira, aliás, a melhor cidade da serra. Esqueçam Santo Antônio, Campos do Jordão, Gonçalves.... São Bento é melhor! Desde pequeno, sempre gostei de ler, minha mãe falava que, com cinco anos, eu já sabia ler. Estudei no Grupo Escolar e no Ginásio Estadual São Bento, escolas públicas, em São Bento do Sapucaí. Durante toda minha infância e juventude, participava de atividades na cidade, da diretoria do clube, festivais de música, organizava gincanas, criava eventos. Dessa forma, participei muito ativamente da vida de São Bento. Sempre vou até lá, é a minha terra do coração.

Assim que terminei o colegial, prestei vestibular. Queria ser engenheiro, por influência do meu pai, que era mecânico de automóveis. Ele faleceu muito cedo, eu tinha 12 anos, teve um infarto aos 36 anos de idade. Como sempre quis ser engenheiro, fiz engenharia na antiga EFEI, hoje UNIFEI, em Itajubá.

Taubaté é meu segundo rincão e, inclusive, com muito orgulho, sou cidadão taubateano, pois fui agraciado pela Câmara Municipal com esse título. Em Taubaté fiz minha

carreira, minha vida toda. Comecei a vir a Taubaté no final da década de 1970, porque comecei a namorar uma menina daqui que conheci em uma festividade em São Bento, a Miriam. Por volta de 1978, comecei a frequentar Taubaté, casei-me com ela em 1982, e após o casamento, me mudei para cá.

Em 1981, exatamente dia 20 de março de 1981, ingressei oficialmente na Universidade de Taubaté. Fui contratado como professor colaborador, depois, obviamente, fiz o concurso para professor efetivo, e nunca mais saí. Tinha ido para Campinas para fazer mestrado, mas interrompi o curso e ingressei como professor, mudei-me para Taubaté. Assim, fiz o Mestrado na UNITAU ao final da década de 1990. Inclusive fui um dos criadores do Mestrado em Engenharia Mecânica quando era chefe do Departamento de Engenharia Mecânica. Na época, criamos o mestrado, com uma inspiração do professor Giorgio Giacaglia, um dos maiores gênios que conheci. Terminei o mestrado em Taubaté, sendo o primeiro aluno que se tornou mestre pelo programa de Engenharia Mecânica da UNITAU.

Quanto à minha carreira na UNITAU, no início da década de 1990 eu fui Chefe do Departamento de Engenharia Mecânica, tendo sido reeleito de 1994 a 1996. Depois retornei como Chefe da Mecânica em 2002 até 2004, reeleito também de 2004 a 2006. Em 2006, me candidatei a vice-reitor. Na época não era como hoje, o Reitor vinculado ao vice. Existia uma eleição para Reitor e outra para vice. Quem se candidatou à reitoria foi a professora Lucila, e eu me candidatei a vice. Fui eleito vice-reitor em 2006, e o mandato terminou em 2010. Então, me candidatei à reitoria em 2010, e felizmente fui agraciado com o voto da comunidade acadêmica. Fui eleito Reitor em 2010, reeleito em 2014 e aposentei-me em 2018.

Desde o início da minha carreira na universidade refletia sobre o objetivo de atingir o máximo da carreira. Queria ser reitor, e graças a Deus consegui.

Outra coisa que não mencionei, em 1993, o curso de Matemática e Física estava com poucos alunos, aliás, a área de licenciatura, sempre teve pouco aluno. Infelizmente, no Brasil, o professor não é valorizado. Iriam fechar o curso de Matemática e Física. Para isso não acontecer, assumi o Departamento de Matemática e Física, ficando de 1993 a 1996 também como Chefe do Departamento de Matemática e Física. Felizmente, sobrevivemos àquela época.

Relembrando, comecei como professor de Engenharia, era da área de Exatas e sempre fui uma pessoa muito curiosa, estudava. Na década de 1980, foi preciso dar aulas de Física na Arquitetura, na Agronomia, então, dei aulas em muitos Departamentos, da área de Exatas.

Quando comecei a minha carreira, nem tinha carro. Eu circulava pelos Departamentos de mobilete. Mas sempre gostei de dar aula. Fui uma pessoa de pesquisa, de estudo e de ler bastante. Chegava a estudar 10 horas para dar uma hora de aula, mas muito bom.

Para mim, a sala de aula sempre foi uma coisa muito especial. Dando aula me desligava de qualquer problema, esquecia que estava de mobilete, sem dinheiro, etc. Transmitir o conhecimento era a coisa mais importante. E minha relação, tanto com os alunos quanto com os professores, graças a Deus, sempre foi muito boa.

Mesmo como Reitor, quando alunos, funcionários técnico-administrativos ou professores vinham com reivindicações, eu procurava atender. A porta da minha sala da Reitoria era aberta a qualquer pessoa, não precisava nem anunciar. Tive um bom relacionamento com todos, acredito, com alunos, professores e servidores técnicos-administrativos. Até pela minha

própria característica, acredito que a grande obra da minha gestão na UNITAU foi a relação com as pessoas. Saio na rua e todo dia eu encontro ex-alunos, ex-funcionários, a gente conversa e existe um relacionamento muito bom.

Sempre gostei da área de pesquisa. Minha especialização foi na área de Ciências Térmicas: termodinâmica, transferência de calor, ar-condicionado. Inclusive, uma das coisas que eu fiz quando fui Reitor foi criar a FAPETI (Fundação de Apoio, Pesquisa e Tecnologia Inovação da UNITAU). Criei exatamente para incentivar e valorizar a pesquisa na universidade. Depois a FAPETI cresceu e hoje atua em vários outros campos.

Sempre achei que a UNITAU precisava de mais pesquisa. A área de Biociências é a mais ativa nesse campo. Na área de Ciências Exatas há pouco. O engenheiro não gosta de escrever, de publicar, não tem costume. Foi nessa direção que também criamos o mestrado de Engenharia. O professor Giacaglia, como eu disse, enfrentou o problema e criamos o curso. Me matriculei na primeira turma. O professor Sebastião Cardoso era o professor, já doutor, da área de Engenharia Mecânica. Inclusive me sucedeu como Chefe do Departamento, em 1996. Fizemos pesquisa juntos, independentemente de mestrado. Ele foi meu orientador, e tive o prazer de ser o primeiro aluno a defender dissertação no Mestrado de Engenharia Mecânica. Depois disso fui Coordenador do Mestrado em alguns períodos, antes de entrar na administração superior, na vice-reitoria e Reitoria.

O NUPI – Núcleo de Pesquisa Industrial - também foi uma coisa importante para todo pesquisador, pois a Universidade não tinha muita tradição de apoio para pesquisa. Achei importantíssimo ter um órgão na universidade, para fomentar a pesquisa, e dar apoio na criação e registro de patentes, para o pesquisador proteger a sua criação. Atuei bastante no NUPI e, em 1995, criamos uma fundação privada, não da universidade, chamada FUNCADE, Fundação Colaboradora ao Desenvolvimento das Empresas. Fui presidente desta fundação de 1995 até 1999. Só que era uma fundação, de caráter privado, com CNPJ próprio, e dava apoio aos pesquisadores da indústria na região. Depois da FUNCADE, criamos o NUPI, e acho que também foi um avanço no sentido de tecnologia, inovação e desenvolvimento da universidade.

Quando comecei minha pesquisa, como mencionei anteriormente, sempre estive voltado para o tema da energia, principalmente as energias alternativas. No final da década de 1990, enquanto buscava um tema para terminar meu mestrado na UNITAU, descobri o resfriamento evaporativo. Hoje, esse procedimento é utilizado em diversos locais, como em condicionadores que nebulizam água, resfriando o ar, mediante evaporação. No Brasil, essa tecnologia ainda não era comum, sendo a Suécia, juntamente com o norte da Europa, o local mais avançado nesse conceito. Algumas empresas brasileiras, reconhecendo o potencial do resfriamento evaporativo no Brasil, começaram a se instalar e a desenvolver equipamentos nesta área.

Fui um dos pioneiros na pesquisa de eficiência do uso do resfriamento evaporativo na Universidade de Taubaté. Montei um laboratório com equipamentos fornecidos gratuitamente por uma empresa de Campinas, que enxergou o potencial do sistema e colaborou com a pesquisa sobre o desempenho do sistema, analisando a vazão de água e de ar, além do tipo de substrato utilizado na Europa. Enquanto lá se utilizava papelão corrugado com resina, nós, em Taubaté, investigamos e exploramos a utilização da fibra de coco, buchas de banho e outros similares, que apresentavam superfícies adequadas para a evaporação da água.

Realizamos diversas pesquisas e publicamos muitos trabalhos sobre o tema. Inclusive, escrevi um livro sobre resfriamento evaporativo que continua a ser amplamente utilizado por profissionais da área.

Quando as empresas do Brasil começaram a produzir os equipamentos não existia norma nenhuma. Então, a ABNT pensou em desenvolver normas de como fazer, para certificar o equipamento. Assim, a ABNT criou um grupo de trabalho para criar normas de resfriamento evaporativo. Como eu estava na vanguarda da pesquisa, me convidaram para coordenar esse grupo. Mas infelizmente, o lobby da indústria no Brasil é muito forte. O resfriamento evaporativo até hoje não é utilizado do modo que poderia ser por conta do lobby das empresas de ar-condicionado tradicional, aqueles de compressão. É muito difícil superar um lobby assim.

Enquanto trabalhava no Comitê de resfriamento evaporativo, havia mais de 50 pessoas do outro sistema de ar-condicionado se opondo às nossas ideias. Infelizmente, essa é a realidade no Brasil. Publiquei um trabalho em um congresso em Porto Alegre, onde critiquei a temperatura de projeto do ar-condicionado convencional. Até hoje, os parâmetros de projeto de ar-condicionado no Brasil são baseados nas normas da ASHRAE, que é uma norma americana. Mas o que os padrões americanos têm a ver com o clima brasileiro? Nada! Copiam a norma americana, como, por exemplo, a temperatura de projeto indicada é de 22 graus, o que é muito frio para a realidade brasileira.

Sempre questiono: você já entrou em um local com ar-condicionado e se sentiu bem? A resposta é geralmente não, pois o sistema foi projetado para o clima americano, não para o brasileiro. Fiz um trabalho criticando essa abordagem, o que gerou bastante repercussão. A temperatura de projeto do ar-condicionado no Brasil deveria ser, no mínimo, 24 graus. Mas o uso da norma americana resulta na venda de equipamentos mais caros, que exigem maior potência, o que é um equívoco.

O ar-condicionado consome muita energia, enquanto o resfriamento evaporativo utiliza apenas 20% do sistema convencional. É claro que o resfriamento evaporativo não é viável em todos os lugares, mas poderia ser mais utilizado e aprimorado. Infelizmente, atualmente no Brasil, não vejo mais pesquisas sobre resfriamento evaporativo. Nossas fibras naturais, como a fibra de coco, que demonstraram resultados extraordinários como substrato do sistema em nossas pesquisas, poderiam ser exploradas, mas não estão sendo utilizadas.

Fui vice-reitor, e isso foi também uma consequência da minha atuação no ensino e na pesquisa. Depois do resfriamento evaporativo, comecei a pesquisar sobre sistema termoelétrico direto. As geladeiras hoje, conhecidas como geladeira portátil, que não tem mais compressor, usam o efeito Peltier. Comecei a pesquisar e fiz vários trabalhos aqui em Taubaté, tudo no Departamento de Engenharia. Nós montamos um laboratório de pesquisa nessa área, que despertou o interesse do Fórum de Tecnologia. Ao analisar uma placa que combina os efeitos Peltier – Seebeck, observamos que ela pode ser sobreposta a lugares quentes, resfriando o lado oposto. Essa configuração pode ser utilizada para resfriar a placa do sistema fotovoltaico, gerando energia extra e compensando a perda de eficiência causada pelo aquecimento. Em nosso Departamento de Engenharia, desenvolvemos um sistema completo utilizando placas com efeito Peltier. Esse projeto da UNITAU nos rendeu um prêmio mundial de pesquisa na Suécia. O FORTEC, um Fórum mundial em tecnologia, estava alinhado com essa linha de pesquisa e desenvolvimento de novas formas de aproveitamento de energia.

Sempre tive um bom relacionamento na comunidade acadêmica da universidade e fui muito bem recebido. Tive participações em todos os Órgãos Colegiados da universidade — o Conselho de Ensino e Pesquisa, o Conselho de Administração e o Conselho Universitário (Consuni). A primeira ocorreu em 1989. Por incrível que pareça, mesmo ocupando cargos de direção, eu sempre me candidatava aos conselhos, mesmo como Chefe de Departamento. Como Reitor, deixei de me candidatar, pois me tornei membro nato dos Conselhos. Entre 1989 e 2006, os membros do Conselho eram eleitos a cada dois anos, e eu sempre me candidava, podendo concorrer à reeleição no mesmo conselho. Eu costumava dizer à secretária dos conselhos, Rosana: “Faça as contas, acho que sou a pessoa com mais tempo em Conselhos na universidade, pois entrei em 1989 e saí em 2018. Ninguém ficou tanto tempo como eu.” Acredito que sou recordista de participação nos Conselhos da Universidade.

Parte da carreira acadêmica é integrar-se totalmente ao sistema. Sempre gostei de participar de todas as atividades e também fui membro do Conselho de Curadores da FUST, da EPTS e da FUNCABES.

Além de estar nos Conselhos, participei das Fundações, seja no conselho fiscal, no conselho de curadores ou em qualquer outra função. Acredito que isso é importante. Há quem critique de fora, mas o melhor jeito de mudar o mundo é participar dele. Se você não participa, não conseguirá alterar nada. Às vezes, não é possível mudar, mas é fundamental tentar.

Logicamente não sou nenhuma pessoa especial, mas sempre tive esse pensamento. Não adianta ficar criticando. Se quiser mudar, tenho que estar lá, participar, expressar minha opinião, estar dentro do sistema para que eu possa pelo menos tentar mudar alguma coisa. Na década de 1990 eu já queria ser Reitor, mas ao chegar lá vi que as coisas eram mais difíceis do que imaginava. A Universidade de Taubaté é uma Instituição Pública e como tal está travada de vários modos. O Tribunal de Contas, a Promotoria Pública, a lei de responsabilidade fiscal, logicamente impõe amarras, ou seja, precisamos pensar, trabalhar sem muita liberdade. Já existe um regramento de tudo que se pode fazer. O próprio orçamento é limitado, não adianta querer gastar mais do que o arrecadado, na minha concepção, tudo tem que ser planejado. Mas eu sabia quando eu me candidatei, e procurei fazer o máximo que eu conseguia com os recursos que tinha.

No passado, vivemos um momento crítico, quando outras universidades chegaram em Taubaté. Apesar do Peixoto, prefeito à época, ser um grande amigo meu, sempre pontuei sobre colocar uma concorrência para uma universidade que é nossa. A UNITAU é a Universidade Pública desta cidade. Fico abismado ao ver que o taubateano, por vezes, fala mal da UNITAU. É inaceitável, o povo tinha que ter orgulho de ter aqui, a maior Universidade Municipal do Brasil. Quando uma instituição privada chegou, em 2006 ou 2007, eu começava como vice-reitor, e o preço irrisório dela impôs uma concorrência desleal. Infelizmente, a qualidade é algo que, para boa parte das pessoas, não é valorizada, querem ter o diploma a qualquer custo e entram num sistema que não ensina nada.

Digo isso com consciência, porque eu conheço o sistema de ensino das outras, é muito ruim. No entanto, isso resultou em uma grande queda de alunos na UNITAU. Na arrecadação trabalhamos, tanto como vice quanto como Reitor, com despesas muito enxutas, não estava sobrando dinheiro. Até 2005 a Universidade era “rica” porque não tinha concorrência. A Universidade chegou a ter 12 mil alunos. Perdeu metade dos alunos. Mas conseguimos manter

na faixa de 6 mil até quando me aposentei em 2018. Mas está cada vez mais difícil. Agora tem muitas instituições de ensino superior, embora eu não as classifique como “ensino”. É o mercado de educação, mas torço para que a Universidade de Taubaté continue se mantendo e crescendo.

Outra grande decisão foi a respeito do hospital universitário ser transferido para o Governo do Estado de São Paulo. Não existe instituição de ensino que consiga manter um hospital público. Uma instituição do porte da Universidade de Taubaté, apesar de sua grandeza, não tem condições de sustentar um hospital público. Durante dois anos, negociamos com o governo do estado para transferir a gestão do hospital. Infelizmente, após minha saída, o Júnior Ortiz começou a realizar a municipalização do hospital universitário. Eu o adverti: “Não dará certo, a prefeitura não tem recursos suficientes para manter um hospital. Precisamos do apoio do governo estadual e federal; deve haver um apoio tríplice — federal, estadual e um pequeno aporte municipal”. A ideia era evitar a dependência municipal, pois isso desvia recursos da saúde destinados ao hospital universitário para outros serviços de saúde e creches.

A estadualização do hospital universitário foi uma iniciativa muito positiva, assim como a reforma curricular que implementamos, ao migrar os cursos de um regime anual para semestral. Atualmente, praticamente não existem instituições com regime anual, o que representa um grande avanço.

Durante minha gestão, foquei na valorização dos funcionários e servidores da universidade — professores e técnicos administrativos — e busquei manter um bom relacionamento com as entidades acadêmicas, como DA, CA e DCE. Essa aproximação entre a administração superior e a comunidade acadêmica é um ponto que espero ter deixado como legado.

Sempre procuramos garantir aumentos salariais acima da inflação durante minha gestão, além da implementação de um plano de carreira. Iniciamos uma reforma que envolveu interesses de diversos órgãos, incluindo a Prefeitura e o Instituto de Previdência Municipal (IPMT). O IPMT, obviamente, era contrário a aumentos salariais, pois isso acarretaria maiores custos na aposentadoria dos funcionários. Havia uma resistência, pelo menos na minha época, do próprio Instituto em conceder benefícios aos servidores. Muitas pessoas não percebem essa luta, mas cada vez que tentávamos aumentar os salários, o Instituto pressionava. Embora fosse complicado, fizemos o possível.

Praticamente tudo que consegui ao longo da minha vida e carreira, não apenas em termos financeiros, mas, especialmente, em capital humano, foi resultado de muito esforço. Desde 1981, sempre dei aulas, e saí da sala de aula de graduação em 2012, quando o Ministério Público me proibiu de continuar. Disseram que isso era ilegal, afirmando que eu não poderia ter dois salários. Eu argumentei que não tinha dois salários, pois estava dando aula de graça e porque queria. Contudo, o Ministério Público manteve a posição de que eu não poderia estar na sala de aula. Sempre gostei de lecionar; acredito que todo professor deve ter paixão pela sala de aula.

É importante registrar que estamos falando de uma universidade como uma instituição pública municipal. Em 2011, no Estado de São Paulo, existiam muitas instituições municipais. No Brasil, eram aproximadamente 60 instituições públicas municipais. Em São Paulo, havia 27 em 2011, tornando-se o maior grupo de instituições municipais do País. Aqui em Taubaté,

promovemos várias reuniões e criamos a AIMES, a Associação das Instituições Municipais do Estado de São Paulo, que, graças a Deus, permanece ativa até hoje e se expandiu. O objetivo da AIMES é representar e reivindicar junto aos governos Estadual e Federal a existência dessas instituições públicas municipais, que, muitas vezes, eram totalmente desconhecidas. É absurdo que o Governo Estadual só olhe para os sistemas estadual e federal, esquecendo as municipais.

Fui o primeiro vice-presidente da AIMES, enquanto o Reitor da Universidade de São Caetano, a segunda maior instituição do estado, ocupou a presidência. Por indicação da AIMES, fiz parte do Conselho Estadual de Educação, o que foi uma experiência muito enriquecedora, representando instituições municipais. O Conselho nunca havia tido um representante de uma instituição municipal antes. Quando criamos a AIMES, indicamos três representantes para o Conselho Estadual — eu e mais dois colegas. Esse foi um grande avanço, pois conseguimos dar voz às universidades municipais no Conselho Estadual de Educação, algo muito importante para consolidar nossa presença no sistema de ensino brasileiro. Assim, essa iniciativa foi um passo significativo para que o Ministério da Educação (MEC) reconhecesse a existência de instituições municipais de ensino superior.

Para finalizar, a palavra que me vem à cabeça aqui é gratidão. Tenho muito que agradecer à Universidade por tudo que me deu. A minha vida toda foi UNITAU. A Universidade faz parte de mim. Quero parabenizar a Universidade de Taubaté pelos seus 50 anos. Espero que viva e sobreviva por mais 500.

28

Juliane
Rezende

Eu sou Juliane Rezende, e estive na UNITAU por dois anos cursando mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional. A UNITAU foi um divisor de águas na minha vida.

A cidade onde eu moro tem nome de “Mineiros”, em homenagem ao povo mineiro, pois esta região foi colonizada por pessoas vindas do Triângulo Mineiro. Chegaram, se estabeleceram, havia um córrego, e eles escolheram a margem desse córrego e o nomearam Mineiro. Mais tarde, quando a cidade se tornou município, passou a se chamar Mineiros, embora seja em Goiás.

O sotaque é uma mistura. É um local distante: 460 quilômetros de Goiânia (capital de Goiás), 540 de Uberlândia (“capital” do Triângulo Mineiro), e 500 quilômetros de Cuiabá e Campo Grande. Mais tarde, vieram muitos sulistas. Levei muito tempo para entender que “guri”, termo usado no Sul para se referir a criança, não era algo exclusivo de Goiás. Tudo se misturou.

Hoje em dia, com a indústria canavieira, há muitos nordestinos, mas eu não sofri essa influência diretamente. No entanto, vejo que as crianças que crescem nesse ambiente estão criando um novo dialeto, uma mistura de tudo.

Nasci em Mineiros, sou goiana, nascida e criada aqui. Saí para estudar, ficando dois anos e alguns meses em Goiânia para fazer cursinho preparatório para o vestibular. Fiz o ensino fundamental e médio na rede pública. Depois, fui aprovada e me formei na Universidade Federal de Uberlândia passando lá cinco anos e alguns meses de minha vida. Assim que me formei, voltei para Mineiros, casei com meu marido (que também é daqui) e começamos nossa vida profissional.

Sou formada em Ciências Contábeis e comecei a trabalhar na gestão financeira de uma empresa de revenda de produtos agropecuários.

Nesse período, a Unifimes me convidou para substituir um professor de Administração e Ciências Contábeis. Assim, logo após me formar, comecei a trabalhar e a lecionar. Já se passaram 23 anos na Unifimes. Percorri uma trajetória com diversas funções administrativas na área pedagógica, culminando na minha nomeação como reitora. Nem eu mesma acredito, considerando minha trajetória. Recentemente, crianças me perguntaram: “Como se torna reitora?”. Que pergunta surpreendente e interessante! Eu disse: “Não sei como se torna reitora. Conheço minha própria história: de perseverança e conquistas, sem ter sonhado ou planejado isso explicitamente”.

Minha trajetória na instituição permitiu que eu trabalhasse em todos os setores. Comecei como professora substituta, depois, cinco anos mais tarde, passei num concurso público e me tornei professora efetiva. Fui coordenadora de curso, coordenadora de instituto, coordenadora adjunta, assessora adjunta de pós-graduação, pró-reitora de ensino, pesquisa e extensão e pró-reitora de administração. Minha formação em Ciências Contábeis me permitiu atuar também na pró-reitoria de administração e planejamento. Fui incentivada e nomeada para concorrer à reitoria. Consegui conquistar a confiança da comunidade acadêmica e fui eleita para um mandato de quatro anos, que estou concluindo agora, em 31 de janeiro de 2025.

Estou finalizando meu mandato, vivendo um momento de encantamento com os excelentes resultados. Os resultados da minha gestão surpreenderam, superando minhas expectativas! O clima interno é excelente; não há disputas políticas e provavelmente me candidatarei a um segundo mandato (pois dois mandatos consecutivos são permitidos).

Seguimos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Somos um centro universitário mantido por uma fundação municipal de direito público – isso é tão incomum no Brasil. Nosso perfil é bastante mal compreendido. Não julgo a população por não entender, representamos apenas 2% das instituições de ensino superior.

Somos um tesouro para os municípios que reconheceram a oportunidade de criar uma fundação municipal. Isso nos traz um nível de complexidade ainda maior, especialmente na composição do ensino superior. Acesso a políticas públicas, participação em programas, verbas e fundos, tudo é muito limitado. No entanto, por meio de nossas associações, como a Abruem, onde a professora Nara Fortes – reitora da UNITAU – é vice-presidente, representando as instituições municipais de ensino superior, estamos progredindo.

Sim, eu não conhecia a UNITAU. Foi uma oportunidade que surgiu para mim por meio da associação. Não conseguiria chegar à UNITAU sem antes contextualizar a participação da Unifimes na Associação Brasileira de Reitores e Reitoras de Instituições Estaduais e Municipais. A Unifimes é uma pequena instituição localizada no sudoeste goiano, que completa 40 anos em 11 de março do próximo ano.

Não é só um centro universitário, começamos como faculdades isoladas e nos tornamos um centro universitário em 2011. Para nos manter atualizados, começamos a participar da Abruem como convidados, pois não tínhamos condições de participar efetivamente. Estávamos buscando nos tornar um centro universitário, tínhamos um plano de desenvolvimento institucional e estávamos trabalhando para isso. Nosso corpo docente ainda era pouco qualificado, então, buscamos parcerias na Abruem e conhecemos o professor José Rui (o reitor

anterior) e a professora Nara. Ele, ao discutir a necessidade de convênios para qualificar o corpo docente, nos convidou a conhecer a UNITAU.

A UNITAU estava expandindo o mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Regional. Fui aprovada na primeira turma, fiquei muito feliz e encantada com a universidade e o curso. Sou grata por essa oportunidade; transformou minha atuação como docente e me deu muito suporte para o meu cargo atual. UNITAU está registrada no meu coração. Eu também a represento.

Tenho um grande carinho, não só pela universidade, mas pelas pessoas que conheci durante os dois anos em que fui aluna do mestrado. Agora, como colega da professora Nara, a professora Letícia Maria Pinto da Costa (da Câmara de Extensão) também é uma amiga muito querida e colega competente. A professora Mônica Franchi Carniello também é muito competente, humana e profissional.

Lembro-me de que fui um pouco resistente inicialmente porque, sendo da contabilidade, queria seguir na minha área. Iniciei o curso mais para ajudar minha instituição a se qualificar. Mas fui totalmente surpreendida. Foi como se um novo mundo se abrisse aos meus olhos. Percebi na minha região os arranjos produtivos, as possibilidades e a compreensão do desenvolvimento social e regional. Comecei a perceber as ferramentas que, combinadas, podem alavancar a sociedade. Passei a admirar os pesquisadores que atuam em planejamento e desenvolvimento regional e me transformei; hoje, desejo seguir nessa área.

Assim, aprendi a escrever melhor.

Já fazia orientações, mas o mestrado também me deu muito suporte para me tornar uma professora melhor: a orientar pesquisas, a entender os métodos e metodologias, a estruturar melhor os trabalhos, os perfis dos textos. Foi um período em que pude produzir muito e publicar, pois éramos motivados e instigados. Valeu todo o esforço, o investimento financeiro e pessoal no mestrado.

Pude concorrer à reitoria por ter o mestrado, então, atribuo essa conquista à oportunidade que a UNITAU me deu, me recebendo como estudante. As relações que estabelecemos e a rede de conhecimento que o mestrado da UNITAU proporciona geraram oportunidades para minha carreira que não consigo nem quantificar. Digo que a professora Juliene antes do mestrado da UNITAU é diferente da de depois. Tecnicamente e em termos de relacionamentos, somos bem treinados em oratória, pois sempre estamos defendendo nossas produções. É mais que treinamento técnico, é treinamento comportamental.

De fato, o Programa de Planejamento e Desenvolvimento Regional da UNITAU transforma as pessoas. Não tenho dúvidas, vale muito a pena! Estudei a qualidade dos cursos de Ciências Contábeis nas fundações municipais de Goiás, porque tinha o compromisso de não me afastar da minha graduação e da minha trajetória profissional.

Compreendi a realidade de ser professora de Ciências Contábeis em fundações municipais. Minha orientadora foi a professora Marilza (acho que já está aposentada) e usei instrumentos da psicologia para avaliar a qualidade. Um pouco antes, trabalhava em nossa comissão própria de autoavaliação. A pesquisa contribuiu para nossos questionários internos e usamos como instrumento para aferir a qualidade e a percepção de qualidade.

Essa participação como presidente da Câmara de Extensão na Abruem me estimulou bastante.

A Unifimes, durante todo esse período de participação na associação, foi protagonista na alteração do estatuto para permitir a participação de centros universitários. Nossa reitora anterior trabalhou para conseguir esse direito. Ela queria colaborar ativamente na associação e me pediu para aproveitar as oportunidades para contribuir com a Abruem.

Quando assumi a reitoria, houve a primeira eleição para presidente das câmaras. Como centro universitário, assumimos o compromisso com o ensino e a extensão. Vi o alinhamento com nosso perfil institucional e me candidatei; fui eleita e começamos um trabalho numa época em que a extensão tinha muita demanda porque estava passando pela curricularização da extensão. Encontrámos um momento em que a associação estava ansiosa por estudos e produções da Câmara, e a Câmara estava muito disposta a enriquecer o universo da extensão e fortalecer as instituições associadas. Fizemos dois mandatos bem sucedidos, com muitas produções, encontros e publicações. Algo inédito aconteceu: fui eleita para um terceiro mandato!

Estou muito feliz! Pude contar com o apoio da UNITAU para realizar o quarto encontro da Câmara de Extensão em Taubaté, com a liderança da professora Nara e o apoio da professora Letícia (pró-reitora de extensão da UNITAU). Foi no final do ano passado. A professora Nara recebeu o encontro da Câmara de Extensão; foi o nosso encontro com maior público: um encontro de pró-reitores de extensão, mas tivemos cinco reitores. Houve debates ricos e desdobramentos. Por exemplo, a reitora professora Célia Regina Diniz (da Universidade Estadual da Paraíba) autorizou verbas para projetos de extensão durante o encontro! Foi um impacto direto e imediato do encontro da Câmara sediado na UNITAU.

Nos dois mandatos (quase quatro anos), conseguimos uma grande aproximação e troca de experiências que apoiou as instituições nesse processo tão novo para o país: a curricularização da extensão. Fortalecemos as revistas de extensão das universidades e instituições associadas. Na Câmara de Extensão começamos com publicações de livros e percebemos que poderíamos fazer publicações usando os instrumentos já ativos. Como a Abruem tem 46 afiliadas e a Câmara de Extensão tem 38 instituições, a cada evento presencial, temos um material publicado com vários artigos e relatos de experiência. Esse material tem servido de apoio para as instituições durante quase quatro anos.

Outra questão foi a mobilização política no cenário nacional; nos juntamos a outros fóruns para fortalecer e pressionar o governo federal para criar políticas e linhas de financiamento que contemplem a extensão, para que a lei que obriga as instituições a curricularizar a extensão não se perca (foi uma conquista, uma luta de muitos anos). A Câmara de Extensão foi muito atuante na busca por financiamento.

Trabalhamos também numa rede e num repositório (ainda em construção) para identificar os projetos comuns que as instituições afiliadas da Abruem já produziram, para trabalharmos em rede e termos visibilidade como instituições estaduais e municipais.

Recentemente, uma das maiores preocupações, e um tópico prioritário, é a avaliação da curricularização da extensão. Há muitas perguntas a serem respondidas. Quais são os nossos parâmetros para avaliar? Passamos pela etapa de entender a legislação, preparar os projetos

pedagógicos e implantar os novos currículos. Mas agora, como avaliar? Estamos fazendo o que foi planejado? Tem algo que está sendo feito que não foi contemplado na legislação? O que podemos agregar para fortalecer a extensão? Temos uma agenda para o quinto fórum em Manaus, na Universidade Estadual do Amazonas, que está com uma programação rica e debates para contribuir para as instituições estaduais e municipais, para fortalecer a extensão universitária.

Não posso deixar de dizer a importância da UNITAU, não só em Taubaté e São Paulo, mas em Mineiros. A Unifimes foi contemplada pela existência e capacidade de execução de bons projetos da UNITAU. E ajudou nacionalmente com a professora Nara como vice-presidente da Abruem.

Desejo felicidades à UNITAU, que continue sendo tão bem cuidada. Parabéns a todos que lideram essa instituição tão importante para o Brasil. Agradeço a oportunidade de fazer parte dessa comunidade nesses 50 anos da UNITAU.

29

Lucilei Bonato

Eu sou a professora Lucilei Lopes Bonato e estou no Departamento de Odontologia da UNITAU desde 1981, quando ingressei na graduação em Odontologia e nunca mais saí.

Nascida em Taubaté, meus pais moram muito perto do departamento, o que facilitou meus estudos, pois pude estudar praticamente no quintal de casa.

Desde cedo, fui influenciada pelo ambiente acadêmico familiar. Meu tio, Sebastião Monteiro Bonato, foi reitor e, desde a formação da universidade, essa história sempre fez parte da nossa família. Todos nós estudamos na UNITAU ou antes nas faculdades que a formariam: meus pais, quando ingressei meu irmão já era aluno e depois minha irmã. Somos todos UNITAU.

A escolha pela Odontologia não teve uma influência direta, pois sou a primeira dentista da minha família. Eu queria seguir na área das ciências da saúde e, ao final, escolhi Odontologia, e fui muito feliz nessa decisão.

Costumamos dizer aos alunos, especialmente hoje, que há um leque muito maior de possibilidades de carreiras do que havia há 40 anos. É uma decisão difícil, pois eles só conhecerão exatamente o que irão estudar ao ingressar. Encontrei uma universidade organizada; sou da terceira turma da Faculdade de Odontologia, que se iniciou com a criação da UNITAU. Era um curso novo, com muito a ser feito, já que a primeira turma ainda não havia se formado. Assisti à evolução e modernização do departamento ao longo de todo esse tempo e tive a oportunidade de participar desse processo, que foi muito gratificante.

Além dos laboratórios, onde os alunos realizam disciplinas pré-clínicas aplicando o que aprenderam, temos as clínicas que atendem a comunidade. O estágio e todas as horas complementares dos alunos no departamento de Odontologia são realizados dentro

deste espaço. É um departamento ativo que cuida da saúde da comunidade, o que considero muito importante para os acadêmicos, para a instituição e para a comunidade onde está inserida.

Os alunos são bem preparados, pois têm a oportunidade de vivenciar a prática clínica e saem prontos para o mercado.

Quando ingressei, a primeira turma estava iniciando as disciplinas clínicas, e nós ainda estávamos focados nas disciplinas básicas, o que na época, demorava um pouco mais para avançar. Hoje, os alunos já têm atividades clínicas desde o primeiro período do curso, o que proporciona uma visão mais clara do que virá a seguir. Essa mudança foi muito interessante, e assisti a esse processo de transformação.

Nunca deixei a universidade porque, ao fazer monitoria das disciplinas clínicas, fui me apaixonando cada vez mais. Quando me formei, continuei como voluntária, assim como acontece no programa PID hoje, que é para aqueles que já se formaram e desejam continuar na universidade, em uma experiência de docência. Depois, ingressei como auxiliar de ensino nos concursos que surgiram.

Fiz minha primeira especialização em Odontopediatria na Universidade de São Paulo (USP), onde houve uma seleção para 12 vagas. Acredito que minha experiência na monitoria de Odontopediatria na UNITAU tenha contribuído significativamente para que eu fosse uma das selecionadas. Na época, éramos cerca de 50 candidatos fazendo um pré-curso para a especialização, ter sido monitora, alavancou meu currículo e demonstrou meu interesse.

A própria universidade me incentivou a fazer a pós-graduação; realizei mestrado e doutorado na UNITAU, sempre com o apoio da instituição, que valorizava a formação e a titulação do corpo docente, além do grande incentivo também dos professores com os quais trabalhava. E assim, nunca mais saí.

E depois um segundo doutorado na UERJ, no Rio de Janeiro, devido a um hiato no nosso programa de pós-graduação. Esse hiato já foi solucionado, e agora temos um programa de pós-graduação importante, recebendo alunos de várias partes do Brasil para suas titulações. Fui uma das primeiras alunas do programa de pós-graduação.

Atuei em diferentes áreas na gestão da universidade, o que me proporcionou um conhecimento profundo sobre o funcionamento da instituição. Sendo coordenadora pedagógica do curso de Odontologia por várias gestões, e coordenadora clínica. Durante a pandemia, estava na coordenação e assumimos um trabalho extra para a adaptação docente, necessária em toda a nossa universidade, bem como em todas as instituições de educação. E também prestei assessoria na PREX por alguns anos. O Departamento de Odontologia é localizado em um prédio único. Há um planejamento para unificar os cursos da área da saúde, em um mesmo campus, o que é muito interessante; porém, atualmente, devido à localização das clínicas em um prédio isolado, ao atuarmos em outras instâncias da universidade, além da docência, percebemos como essa experiência em gestão, amplia nossa visão sobre a instituição.

Acompanhei várias reformulações curriculares durante a minha jornada acadêmica. Desde a mudança do curso de anual para o semestral, o que exigiu grande adaptação de todos, até reformulações propostas pelo departamento em conformidade com as novas normativas do MEC. Durante minha coordenação pedagógica, participei diretamente de duas

modificações curriculares e estive envolvida no Núcleo Docente Estruturante (NDE). Trabalhamos na organização de uma nova matriz curricular, e a experiência foi enriquecedora. O educador percebe de perto o que precisa ser modificado no curso, quais disciplinas devem vir antes de outras, e a carga horária de cada uma, por exemplo. Durante a coordenação, analisava currículos de outras instituições para transferências para o nosso departamento, e isso me permitiu observar diferenças, identificar boas práticas a serem assimiladas e perceber aspectos em que estávamos à frente. Lutamos para manter uma carga horária teórica significativa, o que nem sempre é visto em outras instituições atualmente. Participar deste processo foi muito gratificante para minha carreira, pois de certa forma fiz parte, contribuí para a melhoria do nosso curso.

Participei do CONDEP em várias gestões, o que é importante para avaliar, aprovar ou não alterações e solicitações, desde afastamentos de professores até e solicitações de alunos, e mudanças na matriz curricular. Todas as reformulações passam pelo CONDEP, e isso me proporcionou uma carga de conhecimento importante sobre o funcionamento da instituição.

Sou professora da disciplina de Dentística, que se ocupa das restaurações e estética dos dentes.

Fiz mestrado e doutorado em clínicas odontológicas, com foco em Dentística. Embora concursada nessa área, já ministrei outras disciplinas consideradas afins quando necessário. Essa flexibilidade é comum e importante em nossa prática.

O serviço de assistência odontológica prestado pelas clínicas do departamento de Odontologia é amplamente divulgado pela UNITAU através de rádio, TV e redes sociais, e está disponível para a população. Qualquer pessoa que se dirija à clínica ou entre em contato por telefone pode fazer um cadastro e, em seguida, será chamada para uma triagem. Na disciplina de diagnóstico, os alunos, sempre supervisionados pelos professores, realizam a triagem e encaminham os pacientes para as demais especialidades, de acordo com a indicação de tratamento, sendo elas Radiologia, Dentística, Endodontia, Periodontia, Cirurgia, Prótese, Odontopediatria e Ortodontia.

Desde o primeiro período, na disciplina de Prevenção e cariologia, os alunos iniciam a prática clínica. Já as disciplinas das especialidades a partir do quarto semestre do curso e, no sétimo e oitavo períodos, último ano do curso, têm acesso às clínicas integradas, onde realizam o planejamento e tratamento completo dos pacientes, uma vez que já estão aptos em todas as especialidades. Qualquer pessoa que tenha interesse pode se cadastrar e será inserida para o tratamento.

Além disso, a clínica oferece tratamento para pacientes especiais em um projeto de extensão que coordeno desde 2011. Estamos há mais de dez anos com esse projeto ininterrupto, que se tornou importante pelo feedback positivo de alunos e pacientes sobre a experiência no Projeto OPD – Odontologia para pessoas com deficiência. Alguns pacientes deste grupo e seus cuidadores relatam dificuldades enfrentadas para conseguir atendimento em outros serviços. A clínica do projeto tem atendimento semanal, supervisionado por professores, com o objetivo de oferecer uma formação diferenciada para os alunos e atender à comunidade.

Como é um projeto de extensão, qualquer professor que queira participar é bem-vindo. Um dos objetivos é o atendimento multidisciplinar, envolvendo outras áreas da saúde. Já con-

tamos com a colaboração de alunos de Psicologia, Nutrição, Fisioterapia e Serviço Social. A ideia é criar uma clínica que ofereça um atendimento multiprofissional ao público-alvo. Hoje, quando necessário, encaminhamos os pacientes para a clínica de Nutrição ou Fisioterapia, mas nosso sonho é conseguir conciliar tudo isso em um único espaço.

Esse projeto é muito importante e atende pacientes de outras cidades, incluindo a região serrana e litoral que nos procuram para atendimento de pessoas com deficiência.

Outro fator gratificante como professora é o interesse de muitos alunos na participação como monitores voluntários, especialmente nas disciplinas de Dentística. Isso é positivo, pois demonstra que as disciplinas atingem os objetivos junto aos alunos e que eles têm interesse em continuar aprendendo.

O departamento evoluiu bastante em tecnologia, mas ainda precisamos de algumas melhorias. Como coordenadora clínica, tive oportunidade de identificar a necessidade de informatização dos prontuários. Foi desenvolvido um sistema pelo TI com grande participação de dois alunos do curso de Tecnologia da Informação, que eram bolsistas na recepção da nossa clínica, e foram assim escolhidos para ajudar nessa informatização. Hoje, os alunos podem agendar pacientes diretamente no sistema, que está disponível nos computadores da clínica e nos celulares dos alunos. Isso facilitou muito o processo, incluindo a solicitação de novos pacientes, que antes era feita em papel. Esse sistema interno, simplificou também o trabalho da recepção das clínicas, além da geração de relatórios dos atendimentos clínicos. Embora tenhamos feito progresso, ainda precisamos continuar nosso caminho rumo à total informatização dos prontuários.

Recentemente, adquirimos raios-X digitais, que auxiliaram muito, especialmente em relação às ODS, gerando menos lixo. O desenvolvimento do departamento tem avançado bem, mas equipamentos mais novos estão surgindo e são necessários para a vivência dos alunos. Também, ao meu ver, é urgente a revitalização do departamento, que é antigo e sempre precisa de manutenção. Estamos no processo para a construção de um novo prédio, que trará essa modernização, embora saibamos que isso pode demorar. Contudo, contamos sempre com o apoio da administração superior em nossas solicitações.

O curso de Odontologia foi criado em 1979, com a entrada da primeira turma. Quatro anos depois, foi reconhecido oficialmente. Ele possui uma longa história que se entrelaça com a criação da universidade, que está completando 50 anos, e estamos próximos disso também.

Desde minha infância, ouvi muito sobre essa história nas conversas em família. Sou filha de professores, então quem sabe tenha um aspecto genético. Havia um sonho entre um grupo de pessoas influentes na cidade de Taubaté, no qual meu tio estava envolvido, de unir as diversas faculdades existentes. Lembro que havia Medicina, Engenharia, Filosofia, Serviço Social, Direito e Educação Física — a qual minha mãe cursou a primeira turma, inclusive. O sonho desse grupo era criar uma universidade, dada a presença de várias faculdades na cidade. Eles se dedicaram a isso e, através do meu tio, ouvia histórias sobre as visitas ao Rio de Janeiro e a Brasília para estruturar a proposta. Lembro-me da sugestão de que uma instituição municipal teria mais chances de aprovação se fosse constituída como uma autarquia, o que levou a negociações com a prefeitura. E aqui estamos, há 50 anos.

Estamos comemorando 50 anos de uma história que só traz vitórias, porque sabemos o

quanto a universidade é importante para toda a região. Hoje, com os pólos fora de Taubaté, a área de atuação se ampliou ainda mais. Conversando com gerações acima e abaixo da minha, percebo quantas pessoas foram formadas na Universidade de Taubaté. É gratificante ver colegas, por exemplo, que se reuniram recentemente para celebrar nosso 40º aniversário de formação. Muitos deles, que ao se formarem aqui, voltaram para outras localidades, têm filhos que também optaram por cursar Odontologia. Eles frequentemente expressam saudade e comparam nosso curso com outros, destacando o quanto se sentiram mais preparados saindo daqui. Isso é observado não apenas na Odontologia, mas em outros cursos, reforçando a imagem positiva da formação comprometida que a universidade sempre teve com seus alunos e com a sociedade.

Espero que num futuro próximo possamos olhar para matérias como esta e dizer: “Olha, participei dos 50 anos.” Observamos o crescimento da universidade e a preocupação constante com a modernização da estrutura, mantendo-se sempre uma instituição tradicional. Quando foi criada, foi uma das primeiras na região, sem ser federal ou estadual.

A tradição não se perde, e percebo que a universidade valoriza suas raízes, enquanto se preocupa com a modernização para atender às novas demandas dos alunos. Me formei com 22 anos e, agora, aos 62, continuo na universidade, acompanhando a mudança no perfil dos estudantes. O acadêmico de hoje busca coisas diferentes, e a universidade se atenta a isso, inclusive na formação dos professores, para através de novos conhecimentos encantar essa nova geração.

A UNITAU faz parte da minha vida de forma intrínseca; tenho mais tempo de vida universitária do que fora dela. Estou prestes a me aposentar e finalizar essa etapa muito realizada. Meus filhos, com 31 e 29 anos, costumam perguntar: “Mãe, quando você parar, o que vai fazer?” O trabalho é intenso, mas a universidade se mescla à história da minha vida de maneira muito positiva. É claro que, ao longo de uma carreira tão longa, houve desafios e situações que gostaria que fossem diferentes, mas o balanço geral é muito positivo.

Eu acredito na seriedade do que fazemos e no nosso compromisso com a instituição e com os alunos, para que eles se tornem profissionais melhores e contribuam para um mundo melhor.

30

Luiz Arthur

Eu sou o Luiz Arthur de Moura, estou na Universidade de Taubaté há 28 anos. Ingressei pela primeira vez na sala de aula no dia 3 de março de 1996 e esse momento marcou a realização de um sonho. Meu desejo de ser professor nasceu no quarto ano do curso de Direito, hoje equivalente ao sétimo e oitavo semestres. Foi nesse período que despertei para o magistério e me preparei para isso, um sonho que levou seis anos para se concretizar.

Nasci em Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro, mas nunca morei lá. Passei minha infância em Juiz de Fora, Minas Gerais, aos 11 anos fiquei órfão e fui morar em Guaratinguetá, trabalho desde os 12 anos e em 1993 cursei a minha primeira pós-graduação na UNITAU.

Minha trajetória não é comum nos dias atuais. Decidi estudar Direito aos 14 anos, durante uma conversa com três amigos na porta do cinema. Todos nós decidimos seguir a carreira jurídica, e todos ingressamos no Curso de Direito. Um dos meus amigos é o professor Edson Sampaio, que também leciona aqui na Universidade e seguimos amigos até hoje. Desde então, trabalhei rumo a esse objetivo. Meu contato com o Direito começou no Ensino Médio, no Curso Técnico de Contabilidade, antes de ingressar na faculdade. Entrei na graduação já tendo lido três livros de Direito Constitucional.

Lecionei Direito Constitucional por 12 anos, mas minha especialização é em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho, que é a matéria do meu concurso. Em 1993, fiz minha especialização na UNITAU, onde já conhecia a universidade desde a adolescência. Sempre que visitava Taubaté eu passava em frente do Departamento de Ciências Jurídicas, mas nunca havia entrado. As aulas na pós-graduação eram realizadas às sextas-feiras, no antigo prédio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e aos sábados de manhã no

Departamento de Ciências Jurídicas. Esse foi um ano de muito aprendizado e os amigos que fiz naquela época continuam sendo meus amigos até hoje, assim como os Professores com quem ainda mantenho contato. A UNITAU é, sem dúvida, meu segundo lar.

Estou aqui há 28 anos. Nos primeiros anos, lecionei de segunda a sábado, praticamente todos os dias, exceto às quartas-feiras, que reservava para cuidar dos meus processos como advogado. Lecionava de manhã e à noite, e trabalhei no Escritório de Assistência Jurídica por oito anos como Advogado Orientador. Naquele período, de 1996 a 2004, passei mais tempo na universidade do que em casa, apenas não vinha aos domingos. Em 2004, tomei posse como Procurador Autárquico e desde então acumulei as duas funções na universidade: Professor e Procurador. Como Professor, tive que reduzir o número de aulas para conciliar os horários.

Comecei a advogar no dia 13 de julho de 1992, sem a oportunidade de estagiar durante os anos de acadêmico, pois trabalhei no comércio e depois em um Banco; meu estágio obrigatório era realizado durante as férias, de manhã na Delegacia de Polícia e à tarde no Fórum. Apesar disso, tive uma boa formação. Após seis meses, ingressei na Advocacia Pública, onde permaneço até hoje. Fui Procurador de três municípios: Roseira, Guaratinguetá e Potim, acumulando nove anos de experiência. Em Guaratinguetá, comecei a lecionar na UNITAU e, posteriormente, deixei as prefeituras para me tornar Procurador da Universidade por meio de concurso público.

Ser Professor e Procurador da UNITAU é a satisfação profissional de minha carreira, e meu foco está aqui na universidade. Eu realmente adoro trabalhar na UNITAU e gosto muito do ambiente. Alguns colegas já falam sobre aposentadoria. Apesar de estar trabalhando há 46 anos, ainda não tenho idade para me aposentar pelas regras atuais, mas espero, se Deus permitir e eu tiver saúde, continuar trabalhando até os 75 anos.

Tem uma história muito emocionante que eu gostaria de compartilhar. No meu primeiro ano como Professor pedi a um aluno para ler um artigo da Constituição. À medida que ele começou a ler, começou a gaguejar, e alguns colegas riram. Eu não sabia que ele era gago. Chamei a atenção da Turma e pedi que ele lesse novamente. Infelizmente, ele continuou gaguejando e as risadas persistiam. Fiz um esforço para incentivar o aluno a continuar. Ele leu, enfrentando a gagueira com dificuldade, e eu me senti muito envergonhada por ter pedido para ele ler o artigo.

Na aula seguinte, antes de começar, ele se aproximou e pediu que, se eu fosse solicitar a leitura de algum artigo, que eu pedisse novamente para que ele fizesse a leitura. A princípio relutei, mas como ele demonstrou muita determinação, decidi atendê-lo. Na nova leitura, ele leu sem gaguejar. Comecei a bater palmas e a sala inteira se levantou para aplaudi-lo. Depois, ele me confidenciou que passou a semana inteira ensaiando para aquele momento. Anos depois, esse mesmo aluno, já formado, me procurou para compartilhar que estava tomando posse como Oficial de Justiça em São Paulo. Ele me contou que, graças àquela aula, decidiu continuar seus estudos, já que estava pensando em desistir do curso por ser gago e os colegas rirem dele. Essa experiência foi um marco na vida dele, ajudando-o a superar sua dificuldade com a gagueira. Essa história sempre me emociona, porque como professor, sei que minhas palavras podem ajudar um aluno a crescer ou a desistir de seus sonhos. Portanto, sempre busco fortalecer e estimular os potenciais que encontro, mesmo que estejam escondidos.

Estou na UNITAU há 20 anos como procurador e, há 8 anos, sou chefe da Procuradoria Jurídica. A Constituição da República confere à Advocacia Pública um papel fundamental: assegurar que a administração pública cumpra os princípios constitucionais de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Muitas vezes, os administradores tomam decisões com boa intenção, mas nem sempre essas ações são permitidas pela lei. Se isso ocorrer, pode resultar em improbidade administrativa. A Procuradoria Jurídica trabalha para defender não o administrador, mas a administração pública, preservando a coisa pública, o bem comum. Eu fico feliz em contribuir para que a Universidade continue no caminho correto.

Nos últimos 20 anos, esse tem sido nosso trabalho, um trabalho em equipe. Além de defender a UNITAU perante os Tribunais, cuidamos também das ações propostas buscando defender o seu patrimônio e diminuição da dívida ativa, sempre visando o interesse público, que é a essência do nosso trabalho.

Os desafios são constantes e estamos comprometidos em entregar o melhor. A inadimplência é uma realidade que sempre enfrentamos, e somos obrigados a cobrar mensalidades atrasadas, seguindo um prazo, que neste último ano expira no dia 19 de dezembro. Trabalhamos ao longo do ano para cumprir esse prazo e, neste ano, conseguimos terminar nosso trabalho no primeiro semestre, superando as expectativas. Cada membro da equipe atuou para fazer sua parte.

Como Chefe da Procuradoria, uma das minhas prioridades tem sido a qualidade de vida dos servidores, especialmente em relação à saúde mental. Muitos servidores enfrentam condições de trabalho desafiadoras, o que pode resultar em problemas de saúde, como depressão, ansiedade e síndrome de burnout. Estamos sempre trabalhando para evitar essa situação e nos aproximarmos deles, oferecendo um espaço aberto para que se sintam à vontade para compartilhar suas dificuldades. Estamos comprometidos em preservar um ambiente de trabalho saudável.

Atualmente, somos 14 Servidores na Procuradoria Jurídica: 5 Procuradores, 8 Auxiliares Administrativos e 1 Secretário. Estamos subordinados diretamente à Reitoria e atendemos a todas as Pró-Reitoria, Departamentos e Clínicas. Assim, todas as questões jurídicas que envolvem a Universidade passam pela Procuradoria Jurídica. Todo documento que vai para os Órgãos Colegiados (Conselho de Administração, Conselho de Ensino e Pesquisa e Conselho Universitário) geralmente é precedido por um parecer jurídico. Embora estejamos integrados à toda a Universidade, continuamos subordinados à Reitoria. Nenhum processo chega diretamente até nós; eles primeiramente vão para a Reitoria, e a Magnífica Reitora encaminha ou não para a Procuradoria. Elaboramos pareceres que são encaminhados a ela, e dependendo do caso, ela pode não concordar e decidir de forma contrária com a devida fundamentação. Em algumas situações, o parecer jurídico é vinculante, ou seja, deve ser adotado pela Administração Pública a orientação nele contida.

Mas é muito trabalho. Um caso em particular que me marcou foi quando o Hospital Universitário da Universidade de Taubaté, administrado pela FUST (Fundação Universitária de Saúde de Taubaté), enfrentou uma ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público. O Ministério Público argumentou que todos os empregados do hospital pertenciam à UNITAU, e, portanto, deveriam ser contratados por concurso público, já que eram empregados celetistas,

seriam todos dispensados caso não fossem aprovados no concurso. Foi estabelecido um prazo para que isso ocorresse e o Juiz determinou que a Universidade teria um ano para realizar o concurso para todos os empregados do hospital. Se essa determinação fosse mantida, o hospital teria que fechar, pois a UNITAU não teria condições financeiras de manter esses empregados como seus Servidores Técnicos Administrativos. Vale ressaltar que a UNITAU é proprietária do imóvel onde o hospital funcionava, mas a gestão era da FUST.

Recorri ao Tribunal de Justiça, onde fiz sustentação oral e argumentei que, se o Hospital Universitário fechasse, a decisão afetaria não apenas Taubaté, mas toda a Região Metropolitana do Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira, além de Municípios do Sul de Minas Gerais e do Sul Fluminense. As ambulâncias que transportavam pacientes eram provenientes de localidades como Queluz, Jacareí, Ubatuba, Itajubá, Sapucaí-Mirim e Paraisópolis, além de cidades menores da região Sul Fluminense, como Quatis. Sem esse hospital, a saúde pública na região seria severamente comprometida. Felizmente, conseguimos ganhar o recurso e os empregados foram mantidos. Posteriormente, a Universidade firmou um convênio com o Governo do Estado, que passou a gerir o hospital universitário, e, atualmente, a gestão está sob a responsabilidade da Prefeitura.

Outra experiência marcante na minha trajetória foi minha primeira aula, no dia 3 de março de 1996. Ao entrar na sala de aula pela primeira vez, realizei o sonho da minha juventude. Essa imagem está gravada em minha memória, e não posso deixar de agradecer a quem abriu as portas para mim. Eu havia tentado ingressar na Universidade como professor três anos antes, mas não consegui. Foi então que conheci o Professor William Beny Bloch Teres Alves, que, sabendo do meu interesse em lecionar, me convidou para lecionar para uma Turma a disciplina Ciência Política. Embora essa não fosse a disciplina de meu interesse, ele disse: “A porta que abre é a porta que fecha”. Entrei e estou aqui até hoje, pois estava preparado. O professor abriu as portas, e ele mesmo disse uma vez: “Se você não estivesse preparado não teria continuado aqui.” Dediquei-me ao máximo, fiz o concurso para efetivação, pois era Professor Colaborador Assistente e fui aprovado. Hoje, faz 22 anos que sou professor efetivo.

Como disse, decidi estudar Direito aos 14 anos e a vocação para ser Professor surgiu aos 24. Durante minha época de faculdade, existia a figura do monitor, um aluno que se destacava em determinada disciplina e ajudava outros alunos que precisavam de apoio. Fui convidado para ser monitor de Direito Processual Civil e exerci essa função por dois anos. No primeiro ano, tive uma aluna; no segundo, quatro alunos. As aulas eram aos sábados, no período da tarde, após o almoço, no meu caso eu não almoçava, pois não tinha dinheiro, meu almoço era um café e um salgado, mas em troca recebia uma bolsa de estudos de 50%, o que foi uma grande ajuda. Essa foi minha primeira oportunidade.

No quinto ano do curso de Direito, o Professor Carlos Camargo Santos de Direito Administrativo me chamou e disse: “Eu vou fazer um curso em São Paulo e você vai me substituir.” Fiquei surpreso e perguntei: “Mas como assim, eu sou apenas um aluno?” Ele explicou que eu ministraria aulas na minha própria sala. Perguntei qual seria o tema e ele respondeu: “Licitações e Contratos.” Preparei-me durante um mês para ministrar a aula de Direito Administrativo com quatro horas de duração. Quando o professor retornou, ele comentou: “Não vou revisar a matéria; pelas perguntas que fiz, soube que você me substituiu muito bem.” Naquele dia, percebi que era isso que eu queria fazer. Coincidentemente, anos depois, sou eu

quem elabora pareceres jurídicos nos processos licitatórios da UNITAU. Acredito que nada acontece por acaso.

É inegável que eu não seria a mesma pessoa que sou hoje sem a UNITAU. As experiências que adquiri aqui, tanto como Professor quanto como Procurador, são extremamente enriquecedoras. Esse contato com os alunos me obriga a estudar constantemente, especialmente nos dias de hoje, eu venho da época da máquina de datilografia. O computador surgiu para mim quando eu já era advogado, no início dos anos 1990. Hoje, os alunos assistem às aulas com seus smartphones, e se eu disser algo que não esteja em conformidade com os livros, imediatamente eles checam e podem me contradizer. É necessário estar sempre atualizado sobre novas decisões e interpretações para responder a questionamentos que surgem de maneira inesperada — algo que não ocorria no início da minha carreira, mas que agora é bem frequente. Hoje em dia, é raro ver um aluno usando caderno na sala de aula; a maioria dos alunos têm smartphone ou notebook.

Trabalhar na Universidade é um desafio e uma realização profissional. Porém, reitero que não pretendo parar. Se eu parar, talvez perca o entusiasmo. Continuarei trabalhando enquanto puder. No dia em que eu acordar sem vontade de ir à UNITAU, será hora de me retirar. Mas até agora, isso nunca aconteceu.

A Universidade está passando por transformações. Sinceramente, acredito que a minha profissão está em extinção. O que está em extinção? O Professor presencial. A tendência é que os cursos se tornem predominantemente à distância, aulas virtuais, ao vivo ou gravados. Isso já ocorre em vários cursos de graduação e de pós-graduação, até mesmo de mestrado e doutorado. Alguns cursos ainda resistem, como o Direito que ainda não existe na Graduação na modalidade EAD. Contudo, isso é uma questão de tempo. Acredito que, em 10 ou 15 anos, será difícil encontrarmos uma sala de aula cheia de alunos presenciais. A forma de ensino será praticamente toda virtual, os alunos mais novos estão mais adaptados à esta forma de ensino.

Esse movimento é natural, tudo muda e quem não se adaptar às mudanças será excluído; a Universidade de Taubaté precisa se adaptar a essas mudanças para garantir sua sobrevivência. Estou confiante de que ela enfrentará esses desafios e continuará a crescer. Eu não estarei aqui, mas, em 50 anos, teremos muito o que comemorar nos 100 anos da UNITAU.

31

Manoel Sebastião

Sou Manoel Sebastião e estou na UNITAU há 26 anos! Entrei em 1998. Sou de Arapeí, uma cidade pequenininha do estado de São Paulo, no fundo do Vale do Paraíba, na região de Bananal, região cafeeira. O que me trouxe aqui foi o serviço, na época eu trabalhava no armazém. Trabalhei por 14 anos no armazém e depois fui trabalhar numa cerâmica.

Meu cunhado, que trabalhava em uma construtora local, me informou que estavam precisando de pessoas para trabalhar. Assim, vim para Taubaté, mas, infelizmente, quando cheguei, a ENCOL havia falido. Depois disso, tive uma experiência de três meses no Ciro Atacadista, até que ingressei na UNITAU, onde estou até hoje. Iniciei como CLT e, posteriormente, passei em um concurso, o que me permitiu permanecer na instituição. Estamos aqui!

Hoje, trabalho na DOM que é a diretoria de obra e manutenção. Minha função envolve diversas atividades, como a reorganização de salas, troca de cadeiras, carteiras e quadros. Também sou responsável por eventos, desde a montagem até a execução de atividades como vestibulares e feiras de profissões. A dinâmica do trabalho é muito gostosa, embora, em certos momentos, seja corrido, com uma constante movimentação e solicitações. corre pra um lado, corre pra outro. Pede com um, pede com o outro. Mas quando você vê tudo funcionando bonitinho, dá uma satisfação.

Enquanto morava em Arapeí, participei de uma equipe de som em eventos no clube, como aniversários, casamentos e carnaval de rua. Quando trabalhava no comércio também tive contato com muitas pessoas, e hoje na UNITAU converso com os alunos que chegam. Passo algumas informações que sei. Gosto de trabalhar com o público.

Neste domingo, por exemplo, teremos vestibular, e estarei na recepção dos pais dos candidatos, além de um fórum na sexta-feira, na arquitetura. É sempre uma correria intensa.

Trabalhamos muitas vezes à noite e precisamos de mais pessoas para ajudar.

Entre os eventos que organizamos na universidade, o que mais exige trabalho é o CICTED, um evento de grande porte. Nos primeiros anos, éramos um tanto desinformados, mas a cada edição, o evento melhora. Com o crescimento da demanda, a equipe também se expande, e frequentemente solicito ajuda de outros setores, especialmente na desmontagem. Muitas vezes, um evento termina no domingo e já temos aulas na segunda-feira.

Para mim o evento mais gratificante foi no CICTED que aconteceu em dois departamentos, no Direito e na Engenharia Mecânica. Foi tudo ao mesmo tempo. A gente se revezava nos dois lugares.. Essa experiência foi marcante. Não me recordo exatamente quando comecei no CICTED, mas foi há bastante tempo. Antes, precisávamos desocupar salas de aula e retirar as carteiras, descendo tudo para guardá-las. Nos últimos anos, essa logística melhorou, pois já deixamos uma sala preparada e montamos as mesas em círculo, como em uma mesa redonda. Agora, o trabalho está mais tranquilo, sem a necessidade daquela grande movimentação.

O evento cresceu bastante e temos visto muitas pessoas participando. Ver as criancinhas entusiasmadas no Balbi é uma experiência muito muito gostoso, muito bonito!

Quando ocorre o CICTED, todos se envolvem e se preparam. Não são apenas os professores e alunos que se preparam, mas toda a universidade que se mobiliza para o evento. Durante o evento, aproveitamos os momentos livres para observar os cartazes e projetos expostos pelos alunos, incluindo aqueles de outras instituições. Isso é muito gratificante.

As pessoas tiram fotos e guardam recordações, compartilhando o trabalho que apresentaram na Universidade de Taubaté. Fico feliz em poder atender às necessidades das pessoas que chegam e precisam de cadeiras ou extensões.

É gostoso participar e ver que as pessoas foram bem atendidas.

Em média, três meses antes do CICTED, a Reitora Nara e a Alessandra Borges nos informam sobre o evento, e vamos até o local para nos prepararmos. Muitas vezes, isso coincide com a feira de profissões. Quando uma termina, já começamos a desmontar e montar para o CICTED, em um trabalho contínuo de montar e desmontar. Sabemos que, ao trabalhar em eventos, precisamos preparar o local com limpeza e pintura conforme necessário.

Antes, no campus do Bom Conselho havia um alojamento para os vestibulandos. Os estudantes que vinham de fora ficavam aqui hospedados, e logo que cheguei, comecei a trabalhar nesse alojamento, atuando na área de apoio e limpeza. Os visitantes deixavam suas bolsas e utilizavam o salão de espelhos como alojamento. Era um período movimentado, pois antes os vestibulares eram realizados em dois dias, aos sábados e domingos. Às seis horas da manhã, realizávamos a alvorada, e a correria matinal para acordar todos era grande. Os alunos caminhavam até o CEM para fazer a prova. Era uma experiência muito boa.

Dos 26 anos que estou aqui, 24 deles foram dedicados à organização de eventos.

Acho que sou querido pelo tempo que trabalho aqui e por sempre estar disponível. Se precisar de alguma coisa, eu estou ajudando, especialmente na parte de eventos. Participo ativamente de todas as atividades que ocorrem e conheço quase todos os professores da universidade, uns 40% deles me conhecem bem. Com 26 anos de trabalho, é difícil não se familiarizar com as pessoas.

Minhas lembranças aqui são todas positivas. Mas tem uma especial! Recebi uma medalha de reconhecimento em um evento no departamento de Direito, o que me surpreendeu. Foi muito bom, eu não estava esperando! Quando recebi o convite, não imaginava que era para receber uma medalha e foi uma verdadeira honra compartilhar esse momento com tantos funcionários e colegas. Essa medalha é uma lembrança especial da UNITAU que guardo comigo.

Durante meu tempo aqui, percebo que o papel da Universidade é extremamente importante. Muito do que tenho hoje foi conquistado por meio do trabalho na instituição. Com o que ganhei, consegui pagar aluguel, comprar um terreno e construir minha casa. Desde os meus 20 e poucos anos, sempre trabalhei aqui, e tudo o que possuo hoje é fruto dessa experiência.

Atualmente, estou enfrentando um problema no joelho e precisarei fazer uma cirurgia. Ninguém está livre de enfrentar desafios de saúde em algum momento da vida. Assim, ocasionalmente, peço ajuda aos colegas para realizar algumas tarefas, já que é frustrante querer fazer algo e não poder.

Procuro sempre transmitir conhecimento para aqueles que trabalham comigo, tanto na manutenção quanto na organização dos eventos. Quando não estou presente, fico tranquilo, pois confio que eles farão um bom trabalho.

No Departamento de Obras, há diversas funções, como eletricitas e pintura. Eu me concentro na manutenção, jardinagem e eventos. O Reinaldo, que veio da agronomia, cuida da parte de jardinagem, enquanto eu me ocupo apenas dos eventos e das mudanças do dia a dia. Todavia, estamos precisando de mais colaboradores. Temos uma média de seis pessoas trabalhando conosco.

Atualmente, estamos reformando os telhados e mudando as cadeiras das salas, que são parte das demandas diárias.

Atuo em diversos departamentos. Hoje, por exemplo, estive na Agronomia e na clínica veterinária. Tenho participado de muitos eventos em diferentes áreas e observado muitas mudanças na universidade, como as reformas no prédio antigo.

A universidade é um ponto de referência, não apenas para mim, mas também para a cidade e os arredores. Muitas pessoas de outras cidades vêm aqui para serem atendidas na área de Odontologia, no setor Jurídico e em outras atividades da Unitau. Ela desempenha um papel crucial na vida da cidade e na minha.

A UNITAU, ela é tudo isso por causa das pessoas que fazem acontecer. Todo mundo, os professores e as pessoas que trabalham aqui, todo mundo reconhece o trabalho do outro. É um ambiente muito bom. É um lugar onde você se sente bem.

Nós ajudamos a fazer as coisas acontecerem. Sabemos que ninguém é insubstituível; quando um não pode cumprir uma tarefa, outro assume. Mas, enquanto estamos lá, nossa responsabilidade é fazer tudo dar certo, ajudar a fazer o que precisa ser feito. Não somos capazes de realizar tudo sozinhos, mas contribuimos para o sucesso. Devemos sempre buscar o melhor resultado possível, não apenas participar, mas nos esforçar para alcançar os melhores resultados.

Atualmente, sou encarregado de obras e manutenção. Em breve, se Deus quiser, estarei me aposentando.

32

Pretta Ribeiro

Sou a professora Pretta Ribeiro e estive na Universidade de Taubaté por 30 anos. Em 2024, me aposentei da UNITAU. Sou natural de Pouso Alegre, no sul de Minas, e vim para Taubaté para cursar Educação Física, onde construí minha carreira acadêmica e profissional.

Um momento marcante para mim foi quando deixei a educação básica e comecei a quinta série, conhecendo uma excelente professora de Educação Física, que influenciou minha formação humana e esportiva. Admirava tanto aquele modelo de profissional que dizia: “Quero ser essa professora”. Foi assim que surgiu o desejo de cursar Educação Física. Atuei como atleta em Minas Gerais, fiz parte da seleção mineira, joguei vôlei, basquete, handebol, atletismo; depois, profissionalizei-me no basquete e tornei-me técnica de handebol.

A escolha pela UNITAU foi facilitada pelas minhas amigas, também de Pouso Alegre. Morávamos em uma república onde algumas vagas se abriram, e isso foi um dos fatores decisivos para que eu optasse pela Universidade de Taubaté. Tinha uma amiga no curso de Educação Física e, quando chegava à cidade, sempre falávamos sobre o curso. Assim, fui idealizando o que era a faculdade e, quando cheguei à UNITAU, percebi: “É isso mesmo o que quero”. Após concluir o ensino médio, fiz magistério e passei no vestibular em terceiro lugar, graças ao teste físico que era fundamental na época. Sendo atleta, o teste foi fácil, incluindo atividades como abdominais, pular corda, velocidade, agilidade, resistência, flexibilidade, arremesso e lance livre no basquete.

Na faculdade, passei por uma fase muito boa, pois já conhecia as meninas. Logo me identifiquei com alguns professores, como Sérgio Querido, Eunes Ambrósio e Humberto Ambrósio, que promoveram uma interação social entre alunos e professores. Minha tra-

jetória no esporte começou aos 10 anos, quando meu pai estava desempregado e, às vezes, bebia. Minha mãe, de forma sábia, nos colocou no esporte para ocupar nosso tempo. Somos sete irmãos, e apenas eu segui Educação Física; os demais cursaram Pedagogia, Direito e Biologia. A Educação Física escolar me apaixonou e foi nessa área que me especializei até me tornar atleta de alto rendimento.

A UNITAU possibilitou minha formação na graduação, pós-graduação e mestrado. Trabalhei em várias instituições: fiz estágio na Prefeitura de Pindamonhangaba, atuei na Secretaria de Esportes e dei aula na Educação Física escolar, além de 20 anos na Secretaria de Educação Estadual, 33 anos na Secretaria de Esportes de Pindamonhangaba e 30 anos na Universidade de Taubaté. Em uma oportunidade, o professor Renato Souza e Silva me convidou a fazer uma prova para ingressar como professora na UNITAU, e, ao passar, minha vida ficou dividida entre Taubaté e Pindamonhangaba. Foi interessante ingressar na educação básica como professora, pois, além de ser atleta, tinha ampla experiência em habilidades motoras e esportivas. Minha professora de Educação Física escolar teve grande impacto na minha formação humana e esportiva. Sempre compartilhei com meus alunos da graduação essas experiências e aprendizados. Minha formação como educadora começou na graduação, onde aprendi muito com meus professores e também com os alunos. A troca com eles sempre foi enriquecedora, permitindo meu crescimento tanto como aluna quanto como professora. Para alcançar o alto rendimento como atleta, é preciso passar por várias fases: iniciação esportiva, aperfeiçoamento, especialização e treinamento, até se tornar atleta profissional, representando clubes e seleções.

Joguei em Pouso Alegre, Belo Horizonte e tive propostas de Bauru e Maringá, mas, por causa da graduação, optei por Pindamonhangaba, onde joguei basquete profissional por 17 anos. Fundei uma liga de handebol em Pindamonhangaba e implantei a modalidade, tendo como atleta Marcos Ricardo, o Tata, atual técnico da Seleção Brasileira de Handebol. A liga de handebol cresceu, com atletas do Vale do Paraíba na Seleção Brasileira. O curso de Educação Física é vasto, abrangendo licenciatura para escolas de educação básica e bacharelado para atuar fora das escolas. Após a pandemia de Covid-19, aumentou a necessidade de profissionais da área em clínicas e hospitais. Quando tive Covid, quase morri. Fiquei internada 10 dias, e a Educação Física foi essencial na minha recuperação, permitindo que eu realizasse exercícios respiratórios eficazes. Formamos excelentes profissionais para o mercado. Na faculdade, temos atletas de alto rendimento como Thiago Rezende, que recentemente bateu o recorde sul-americano nos 110 metros com barreira, e é uma promessa para a próxima Olimpíada. Se analisarmos a qualidade dos profissionais formados pela UNITAU, especialmente no curso de Educação Física, temos muito o que comemorar nesses 50 anos da instituição.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é fundamental para a formação docente, permitindo que os alunos conheçam a realidade escolar e proponham projetos pedagógicos sob supervisão. Esse programa enriquece a formação e, mesmo com mudanças no governo que reduziram o número de bolsas, ele continua a trazer resultados. Fui diretora do Departamento de Educação Física, uma experiência que me permitiu conhecer a universidade de uma perspectiva administrativa, compreendendo a gestão e os desafios diários. O maior desafio foi prestar o concurso para ingressar na UNITAU como professora. A tensão era alta, mas, ao passar, senti uma grande realização. Inicialmente, meu sonho não era ser professora universitária, mas uma construção ao longo dos anos me levou a esse caminho.

No início, em Pindamonhangaba, não havia muitos alunos no handebol, mas, com o tempo, cheguei a ter mais de 500 atletas. Passei a atuar na gestão esportiva e deixei a quadra para uma ex-atleta minha, a professora Shirlene Mendonça. Hoje, o esporte é uma ferramenta de transformação social, e acredito que a política pública deve oferecer oportunidades para todos, promovendo saúde e inclusão. Em sala de aula, procuro criar um ambiente de socialização e inclusão, onde cada aluno se sente acolhido.

O papel da UNITAU na minha vida foi proporcionar minha formação integral, e serei eternamente grata. Contribuí com 30 anos de dedicação e sempre levarei o nome da UNITAU comigo. É com muito orgulho que celebro os 50 anos da UNITAU. Também tenho planos para o futuro: em 2025, fundarei uma Casa Preta em Pindamonhangaba, um espaço de diversidade cultural, empoderamento e apoio à comunidade negra. Acredito que é importante abrir caminhos para todos e dar voz a quem muitas vezes enfrenta preconceitos. Quero continuar contribuindo para uma sociedade mais inclusiva. Parabéns à Universidade de Taubaté pelos 50 anos.

33

Cristina Balbi

Sou Maria Cristina do Prado Balbi, conhecida como Cristina Balbi. Trabalhei na UNITAU por 35 anos como secretária da Pró-Reitoria, Reitoria e diversos setores. Estudei e trabalhei na Universidade. Mas minha relação com a UNITAU é muito anterior a isso. Sou filha do Dr. Alfredo José Balbi, um dos fundadores da Universidade de Taubaté. Nasci em Taubaté, em 16 de abril de 1954.

Meu pai, carioca, mudou-se para São José dos Campos, no Vale do Paraíba, como advogado. Sua atuação política o levou a ser nomeado inspetor seccional do Vale do Paraíba, litoral norte e sul de Minas Gerais, com sede no IDESA, em Taubaté, o que motivou sua mudança para a cidade.

Seu trabalho envolveu a implantação de escolas de ensino fundamental e médio na região. A escassez de professores qualificados em disciplinas como matemática e física representou um grande desafio. Para contornar essa situação, meu pai contratava engenheiros para lecionar matemática e médicos para biologia, buscando suprir a necessidade da região. Essa iniciativa, aliada à localização da inspetoria seccional em Taubaté, o levou a conhecer o Dr. Sebastião Monteiro Bonato, a quem chamava carinhosamente de “Mussolini”, devido a uma antiga familiaridade desde a época em que o Dr. Bonato estudava no IDESA. Dr. Bonato cursou Direito em São José dos Campos.

Após a graduação, meu pai o convidou para trabalhar na inspetoria seccional, iniciando uma amizade duradoura. Na verdade, Dr. Bonato considerava meu pai como uma figura paterna, dado que não tinha uma forte presença masculina em sua vida.

Eles decidiram, em conjunto, criar uma escola de Filosofia e Letras para atender à crescente demanda da região. Aproveitando a amizade próxima com o então prefeito, Jaurés Guisard, e com o apoio deste, conse-

guiram a desapropriação do prédio que, até hoje, abriga o Departamento de Ciências Sociais e Letras da UNITAU.

O documento que oficializou essa desapropriação foi assinado após um longo período, pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Existem fotos do evento, embora eu não as possuía, mas outras pessoas as guardam. Esse marco inicial deu origem a todo um processo de expansão da UNITAU, com a criação de outras escolas e faculdades, incluindo os cursos de Economia e Direito.

Como as instâncias institucionais para oficializar a criação de Universidades ficavam no Rio de Janeiro, então capital da república, e meu pai era carioca, o apartamento da minha avó era usado para coordenar os trabalhos. O grupo responsável por essa idealização era formado por Dr. Bonato, meu pai, o Dr. Demétrio Badaró e Paulo Schick (único membro com carro na época). O secretário, Beto, documentava os processos. Meu pai abria as portas das instituições; o Dr. Demétrio (grande orador) apresentava os argumentos, e Dr. Bonato registrava as ações tomadas. Devido às dificuldades financeiras, alguns membros precisavam retornar periodicamente à Taubaté, enquanto outros permaneciam por mais tempo hospedados no apartamento da minha avó. Esse processo árduo e persistente levou ao reconhecimento oficial de diversas escolas, culminando na realização do sonho de meu pai e seus companheiros: a criação da Faculdade de Direito. Tempos mais tarde a faculdade, inicialmente pensada pelo meu pai, o Dr. Bonato e José Alves, foi municipalizada.

Os professores foram selecionados criteriosamente, a maioria vindo de São Paulo e preferindo lecionar em Taubaté em vez de instituições paulistas como a USP e Mackenzie. A faculdade utilizava as residências dos professores locais como alojamento. O Sr. Ivandro foi o responsável pelo transporte desses professores ao longo dos anos. Minha mãe colaborou na escolha dos móveis da Faculdade de Direito, aproveitando seus contatos na área de decoração em São Paulo.

A inauguração da Faculdade de Direito foi um evento grandioso, com uma decoração luxuosa.

Houve disputas que marcaram essa trajetória. O professor Bernardo Ortis, filho de um amigo de meu pai, solicitou uma vaga para lecionar na UNITAU. Ele atuou no Departamento de Engenharia e teve desentendimentos com Dr. Bonato. A disputa pela reitoria gerou mais conflitos entre os dois como candidatos. Uma discussão entre Dr. Bonato com um coronel de Caçapava, durante a época do Ato Institucional Número Cinco, culminou na recusa do coronel em assinar os documentos necessários para a inauguração da UNITAU. Meu pai, cansado e sem saúde para lidar com essas situações, se retirou da disputa, deixando Dr. José Alves como reitor interino.

Meu pai esteve na UNITAU por dois anos quando a universidade estava sendo criada, mas ele ia apenas à faculdade de Direito e à reitoria. O reitor descia para falar com ele na cozinha, e essa era uma prática comum também na época do Dr. José Alves.

As últimas homenagens que a UNITAU prestou a meu pai foram a colocação de um busto de bronze, erguido na Faculdade de Direito pelo Dr. Sebastião Monteiro Bonato. Neste busto, levo flores todos os dias 22 de maio (aniversário de sua morte). Há também uma sala e uma quadra com seu nome. Outra homenagem importante foi a escolha do nome de meu pai como

patrono do colégio, reconhecendo seu papel na construção da escola. Há também o nome do Diretório Acadêmico, todas estas homenagens póstumas.

Aliás, antes da faculdade ter um Diretório Acadêmico com seu nome, Ulisses Guimarães foi homenageado por seus esforços em ajudar meu pai a conseguir reconhecimento para as escolas da região. Apesar de Dr. Bonato ter uma personalidade forte e muitas vezes assertiva, ele respeitava profundamente meu pai. A grandiosidade do projeto de construção da faculdade, em termos de tamanho e infraestrutura, era bastante notável. Meu pai antecipava a necessidade de expansão, então, mesmo construindo salas bem grandes ele dizia: “Daqui a alguns anos, não vai caber mais tanta gente!”. E de fato, a universidade teve de construir anexos para atender ao crescimento. A Faculdade de Direito da UNITAU, até hoje, mesmo crescendo, mantém a estrutura original.

A Unitau cresceu muito com a gestão do professor Milton Chagas. Com o Walter Thaumaturgo, o momento era difícil financeiramente. Tínhamos vergonha de dizer que trabalhávamos na UNITAU. O salário era baixo, mas o professor Milton mudou a história. Ele resolveu os problemas financeiros, e a universidade cresceu significativamente. Na época da fundação, era preciso ter faculdades para criar a UNITAU. Meu pai sabia do crescimento da Unitau, mas não previu a rivalidade política com a prefeitura. Na época, a UNITAU, meu pai, o Dr. Bonato e a prefeitura trabalhavam juntos, recebendo verbas governamentais. O governo destinava 15% das verbas: 5% para o primeiro grau, 5% para o segundo grau e 5% para o terceiro grau (universidade). A prefeitura cortou o financiamento para a UNITAU. Essa questão se tornou um padrão, repetindo-se com vários prefeitos.

O professor Milton teve de criar novas formas de garantir a sobrevivência financeira, utilizando os recursos dos alunos. A UNITAU é uma autarquia municipal em regime especial, dependendo da prefeitura e da câmara para aprovações administrativas, mas financeiramente independente. A universidade cresceu apesar dessas dificuldades. Atualmente, não tenho contato com a administração. A imprensa relata o crescimento da universidade, mas é preciso que prefeitura e UNITAU se unam, pois a universidade representa um importante patrimônio público.

A preocupação é que a prefeitura não valorize esse patrimônio público, fruto de sacrifícios de muitos professores, que, em alguns casos, trabalharam sem receber salários para construir a instituição. Desejo que a Unitau continue crescendo, e que haja união entre a prefeitura, a câmara e a universidade, buscando o crescimento da Universidade.

Vou também contar um pouco de minha história pessoal na UNITAU.

Aos 17 anos, entrei na faculdade. Era rebelde, e muitas vezes fugia com os colegas. A secretária ficava desesperada, pois meu pai era diretor e a esperava na porta. Paulinho Airoso, filho do procurador geral, Dr. Rubens Monteiro, costumava dizer: “Eu avisei que ela ia fugir!”. Eu e Paulo entramos e saímos da faculdade em primeiro e segundo lugar, respectivamente. A maioria dos professores me conhecia desde pequena, pois a faculdade de Letras era temporariamente abrigada no prédio da Faculdade de Direito. Meu pai passava muito tempo por lá, e eu costumava passear com meu cachorro pelo local. Estudava muito, pois sabia que qualquer negligência prejudicaria minha imagem. Tudo era muito agradável. Os professores eram amáveis e respeitosos. Um professor, muito bonito e com um cachimbo, fez uma linda

homenagem à nossa turma no último dia de aula. Ele chamou a atenção para dois alunos: Paulo, filho do Dr. Rubens Monteiro, e eu.

Depois de me formar pude voltar como funcionária, iniciando como assistente de pró-reitoria em 1976.

Não tínhamos um projeto específico, mas sim uma iniciativa importante: um congresso internacional de faculdades de Direito em Campos do Jordão, que reunia diversas escolas da área. Esse evento foi muito bem-sucedido.

A CIPA foi, outra grande conquista, pois foi fundada comigo. Meu trabalho na área estudantil, principalmente com a Bolsa de Estudos, também foi muito gratificante. Ajudamos muitos alunos carentes, com entrevistas domiciliares, psicólogos, assistentes sociais e busca ativa por informações para assegurar que a ajuda chegasse a quem realmente precisava. O FIES também foi importante, mas nossa prioridade era ajudar os alunos carentes por meio da Bolsa de Estudos. Sempre lutávamos para garantir que a ajuda chegasse a quem realmente precisava. Tratei a todos com igualdade e respeito.

O ambiente era de muita amizade. Em 1978, o prefeito da época instituiu uma lei que nomeava todos os funcionários temporários da universidade. Em 1978, todos com mais de dez anos de serviço foram efetivados, e eu fui efetivada como secretária de pró-reitoria. Considero que UNITAU teve diversos reitores marcantes. Naquela época, a união entre professores, funcionários e pró-reitores era muito forte e harmoniosa. O DCE (Diretório Central dos Estudantes) promovia a integração entre alunos, funcionários e professores, criando um ambiente muito agradável.

Infelizmente, essa unidade se perdeu com o tempo. Trabalhei na Pró-Reitoria, Vice-Reitoria e vários setores, sempre defendendo os funcionários. Participei da CIPA, lutando pelos direitos dos funcionários, e da Estudantil. Me aposentei com 55 anos, após 35 anos de serviço, para cuidar de minha mãe. Mantenho contato com amigos e colegas.

Minha experiência como funcionária, minha aposentadoria e meu vínculo com a UNITAU são motivo de orgulho para mim. Tenho orgulho de ser filha de meu pai. Meus filhos também estudaram na UNITAU e se formaram. Estou na reta final da minha trajetória, mas ainda sinto orgulho de que meu pai seja elogiado até hoje.

É uma honra fazer parte da história da UNITAU, ter trabalhado com tantos profissionais excepcionais, ter sido amiga de tantas pessoas e ainda ser lembrada com carinho.

A UNITAU representa tudo para mim: minha identidade. Meu pai se casou com minha mãe e se estabeleceu em Taubaté. Se não fosse a UNITAU e o espírito educacional de meu pai, eu não estaria aqui. Ela representa minha vida.

34

Maria José Abud

Sou a professora Maria José Milharezi Abud. Estive na Universidade, trabalhando, desde 1971 a 3 de julho de 2006. Nesse período, fui professora vinculada ao Departamento de Pedagogia, e também fui Pró-Reitora de Graduação da instituição no período de 1993 até 2006, quando me aposentei. Foi um período longo e muito importante, tanto na minha vida, quanto na vida de todos os professores e funcionários da UNITAU, pois foi um período de consolidação da Universidade.

Nesse período tratamos de diversos assuntos, os quais levaram a Universidade a se adequar aos parâmetros da época. Essa consolidação requereu muitos esforços de todos. Além desse trabalho, muito significativo para todos nós, trabalhei nessa instituição com mulheres muito fortes e representativas.

Durante meu período de gestão, época dos concursos da UNITAU, em que tínhamos um número mínimo de professores efetivos e precisávamos fazer os processos seletivos, bem como, acertar os currículos da instituição, lidar com todos esses dados. Foi um período que estudei e aprendi muito.

Para um bom trabalho o estudo é essencial. A minha vida foi sempre voltada para a docência. E a docência te ajuda em outros campos, a lidar com outros dados muitas vezes sensíveis. Reconheço que consegui fazer esse trabalho porque contei com muita gente boa e competente. A gestão da universidade, ao longo do tempo, incluiu a mulher em cargos dessa natureza. Apoiei ativamente a confirmação da presença da mulher em todos os campos da Universidade.

Não sou de Taubaté. Nasci em Itajobi, mas tenho o título de cidadania taubateana. Vim para Taubaté em julho de 1958. Fui criada pelos meus tios. Neste período ele foi removido para Taubaté. Foi no Colégio Estadu-

al Monteiro Lobato que terminei o curso normal e depois fiz a faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Pedagogia. Mais tarde fiz também o curso de Letras.

Foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Taubaté que deu origem à Universidade. Depois da ampliação dos cursos é que foi criada a UNITAU. Quando iniciei minha carreira docente na Universidade, ainda era a Faculdade de Filosofia. Mais adiante, ela se transformou em Universidade. Quando recebi o título de taubateana, disse para alguém que eu só estava lembrando que não era taubateana porque estava recebendo o título, pois minha estava estabelecida aqui há muitos anos.

Ser professora, para uma mulher, já era uma opção mais indicativa à época. Atualmente, vivemos outro período. Sempre tive vontade de ser professora. Eu não fui obrigada. Essa coisa de “levar jeito”, tudo depende do estudo e da sua dedicação. Ser professor está vinculado ao ato de estudar, se aprofundar e redescobrir os mais diversos assuntos.

Fala-se muito em atualização, mas essas grandes “atualizações” da era da tecnologia digital é algo mais recente. Nós, pessoas de minha geração, somos analfabetos digitais, aprendendo com a necessidade, mas também não vivemos mais sem essa tecnologia. É um mundo muito diferente e não sei dizer se já conseguimos sair completamente da modernidade e se já passamos para uma nova era. Estamos no caminho, desenvolvendo e passando por algo bem diferente do que vivi no passado. Mas estar sempre estudando é uma coisa que faz parte da minha vida. Gosto de estudar. Isso não me atrapalha em nada.

Na época, fiz o curso de Letras porque era professora de Metodologia do Ensino, das disciplinas básicas da época, o que seria o primeiro grau. E quando chegava na metodologia da Língua Portuguesa, sentia falta da parte dos conhecimentos linguísticos que eram necessários. Resolvi então fazer o curso de Letras.

Melhorou muito, ficou mais fácil. Mas muita coisa mudou de lá para cá. Em termos linguísticos, os nomes mudaram, e o contexto e os conceitos também de interpretação dessas facetas se alteraram. Vivemos um novo mundo. Mas foi muito importante na minha vida, porque me tornei melhor na metodologia do ensino. Fui uma professora que fazia de tudo também para os meus alunos aprenderem. Eram outros tempos. Eu levava livros, textos, porque, hoje em dia, você tem a internet, tem todos esses recursos que não tínhamos à época. Mas era aquele o mundo que tínhamos para ser vivido.

Estou aposentada, mas desde 2015 passei a contribuir com o curso de mestrado em Linguística Aplicada da Unitau. Estou nesse curso, com colegas excelentes, muito competentes. Tenho orientandos, tenho que ministrar as aulas, mas não é tão difícil assim, porque gosto de estudar. Demanda muito trabalho, mas aprendo muito também. Tenho intenção de parar, porque estou com 82 anos, mas a minha filha tem medo. Acho que ela fica preocupada. Perdi uma filha também, que era professora da Universidade. Isso me abateu muito.

Minhas duas filhas foram professoras, e eu tenho muito orgulho em ser mãe da Adriana e da Andrea.

Quando comecei na UNITAU, era jovem, mas eu tinha muita experiência, porque eu também lecionei, à época, no primário e no secundário. Em 1961, foi a primeira vez que fui ministrar aula numa escola isolada, que atualmente é o Amador Bueno da Veiga, aqui em Taubaté. Eu estava bem inteirada com essa parte de ensino, e a Pedagogia, à época, necessitava de

uma professora que lidasse com essas metodologias. Depois, com todo esse interesse fui fazer mestrado e doutorado em São Paulo. Foi uma vida de trabalho, de família, mas eu consegui vencer, como outros venceram também. Lembro até hoje, com carinho, do rosto dos meus alunos nessa escola.

Era uma classe multisseriada. Você não tem um ano só, trabalha com poucos alunos, mas do primeiro, do segundo, do terceiro ano juntos. Quando penso nisso, confirmo que muitas teorias de estudiosos fazem sentido com a necessidade de hoje. Mas, lembro da interação dos alunos dos diferentes anos e de como era bom para o aprendizado essa dinâmica. Foi muito bom para eles. Consegui alfabetizar aqueles alunos, apesar de todas diversidades. Fui vendo que sabia fazer isso, que conseguia trabalhar e ir adiante.

Quando assumi a Pró-Reitoria de Graduação fui convidada pelo professor Milton de Freitas Chagas que estava na sua segunda gestão. Encontrei gente excelente, muito competente.

Minhas colegas da Pedagogia, participaram em vários cenários da Universidade. Algumas não estão mais aqui fisicamente, mas foram mulheres muito fortes que se destacaram em diferentes campos: empresarial, cultural e político.

A Pró-Reitoria de Graduação é um grande esteio da instituição. É uma referência de trabalho contínuo, porque de lá se consegue ver o todo da Universidade. Acredito que fiz um bom trabalho e ser lembrada por pessoas tão dignas reforça minha ideia de trabalho colaborativo, pois todos também fizeram um bom trabalho.

Durante a minha gestão, a UNITAU abriu novos cursos. Os currículos tinham que ser rearranjados, e foi um tempo de inúmeras mudanças no Conselho Federal de Educação, passando para outro tipo de visão. Passou-se de algo definitivo para ser construtivo. Foi complexo no todo. Os alunos passaram a serem submetidos ao Enade, que chamavam de “provão”, e não foi um período muito fácil para nos adequarmos. Mas, dentre as coisas que foram significativas, aconteceram os concursos dos professores. Isso também foi um desafio. Não tínhamos vagas. Elas foram criadas, então, foi uma luta da Universidade, porque somos uma autarquia em regime especial. Pertencemos ao município e somos uma Universidade que todos os prefeitos deveriam valorizar muito no Vale do Paraíba.

É uma instituição importante para a região. Todos deveriam auxiliar dentro do possível. E também não podemos esquecer que temos de prestar contas, pois somos uma autarquia, e não temos dono. Precisamos dos proventos dos alunos para conseguir manter a Universidade. Portanto, o papel de um reitor é também desafiador nesse contexto.

Acho que todos os trabalhos foram importantes quando eu estava como pró-reitora. Alguns trabalhos realizados pela Pró-reitoria de Graduação, deveriam ser feitos em outras partes da instituição, porém, no começo, eram feitos onde eu estava. Fazíamos diversas funções. Com o passar do tempo, certas atividades se organizaram. As pró-reitorias, na época, eram ótimas. Quando criaram os novos cursos, muitos dos professores, que já estavam na instituição, puderam prestar concurso e engajar nas suas carreiras.

Por exemplo, a Comunicação foi criada e nós tínhamos os professores externos. Antes eram colaboradores e depois foram efetivados. Isso mudou bastante, uma vez que não tínhamos os cargos. Os cargos foram aprovados quando eu estava como pró-reitora. O concurso é uma coisa que precisa existir o tempo todo, porque os professores se aposentam, é um proces-

so dinâmico. Naquela época, qualquer trabalho desafiava a todos, porque das mudanças até a consolidação eram etapas muito longas. Todos trabalharam muito por isso.

Agora, vocês vivem outro momento, diferenciado, difícil também. Por exemplo, estamos fazendo essa entrevista online. Vivemos um período instável no qual as guerras afligem todos nós, porque fazemos parte da humanidade. É um período que temos de levar adiante, fazer outro estudo, outro encaminhamento.

Tenho uma amiga, a professora Elisabeth Ramos da Silva, com quem escrevo há muitos anos. Quando me aposentei, essa amiga me convidou para ajudá-la na organização de um livro. Eu nunca fiquei sem trabalho, sempre fui chamada para desenvolver alguma atividade. Sempre pensam em mim, e isso é muito bom. Às vezes, as pessoas não nos chamam para coisas fáceis, nos chamam para coisas desafiadoras também, e que demandam tempo.

Antes de me aposentar, participei do início da criação do mestrado na área de Educação. Depois, fui para o Mestrado de Linguística, por convite da professora Elisabeth e eu aceitei. Eu e a professora Elisabeth temos mestrado e doutorado na área de Educação e contribuimos na formação de professores de língua.

Eu tenho a honra de ter participado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como aluna e professora, uma célula importante que deu origem à Universidade. Com a criação de outros cursos, a instituição se desenvolveu e estruturando a UNITAU.

Na minha vida, a UNITAU representou um crescimento intelectual, afetivo e de posturas. Valeu e vale a pena! Tenho feito trabalhos, estudado, e aprendido constantemente. É uma instituição que vale a pena ser mantida, levada a novos patamares, cuidada.

Quanto à instituição, eu desejo que ela continue em evidência, que seja dado tudo o que ela precisa e o que os alunos esperam dela também. Ela foi um marco na minha vida, pessoal e profissional.

Para mim, a UNITAU é uma instituição e todos fazemos parte dela. Ela por meio de seus colaboradores, professores e conselhos se aprimora, se restabelece conforme as novas demandas, sempre respeitando os ritos da organização.

Finalmente, parabéns minha querida Unitau!!!

35

Maria Júlia Xavier

Eu sou Maria Júlia e trabalhei na UNITAU desde 1978 até me aposentar em 2008. Foi um período excelente, tanto em termos de carreira quanto como uma parte significativa da minha vida. Recordo-me com muita saudade e orgulho.

Sou natural de Catanduva, uma cidade situada em outra região do estado de São Paulo. Quando tinha cerca de 10 anos, meu pai se aposentou e meus irmãos mais velhos estavam se aproximando da idade de cursar faculdade. Ele decidiu se mudar para um lugar com opções de ensino superior. Isso foi em 1963, e por isso viemos para Taubaté, que na época já oferecia ensino superior. Ou seja, a Universidade foi o motivo da escolha de Taubaté. Naquele tempo, ainda não era a Universidade de Taubaté; eram faculdades isoladas, mas foi pela possibilidade de ensino superior que meu pai decidiu se mudar.

Estudei Psicologia e na época não havia esse curso em Taubaté. Fiz minha graduação fora daqui e, ao terminar, imediatamente ingressei no mestrado na Universidade de São Paulo - USP. Foi durante o mestrado que, enquanto já trabalhava como psicóloga, fui procurada pelo professor Barbieri. Ele me contactou representando o Conselho de Ensino e Pesquisa, que estava analisando a proposta de criação do curso de Psicologia. Ele queria saber se havia a possibilidade de constituir um corpo docente para esse novo curso. Foi nesse momento que fui contactada, e assim começou minha história de trabalho com a universidade.

Minha graduação em Psicologia foi na Faculdade Salesiana de Lorena, hoje centro universitário. A origem do curso de Psicologia no Brasil está relacionada a essa conexão com as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Com o tempo, à medida que a profissão do psicólogo foi se solidificando no país, refletindo também as tendências mundiais, a conexão com saúde mental começou a prevalecer no trabalho do psicólogo.

Independentemente do ambiente — seja na escola, em empresas ou organizações —, sempre existe a orientação à promoção da saúde mental. Isso fez com que a Psicologia se aproximasse cada vez mais das ciências da saúde, uma realidade que se manifestou dentro de nossa Universidade.

No princípio, o Curso de Psicologia integrava o Departamento de Ciências Sociais e Letras, posteriormente instalou-se o Departamento de Psicologia. Quando a Universidade se organizou em Centros, houve um debate bastante acalorado entre os professores — não só do Departamento de Psicologia, mas de outros também — sobre qual seria o mais apropriado para que se afiliasse o Departamento de Psicologia. Foi nessa ocasião que se decidiu que as Ciências da Saúde seriam o berço mais adequado para esse departamento.

A primeira demanda que recebi relativa à UNITAU foi para apresentar uma proposta curricular. Lembro que, na ocasião, elaborei uma proposta muito inspirada nos cursos que conhecia. Um dos aspectos que propus foi que o curso tivesse uma natureza semestral.

No entanto, esse aspecto da proposta não foi aceita, pois a universidade funcionava em regime de seriação anual. Guardo até hoje a versão - escrita à mão - da minha proposta curricular. O que é curioso é que a estrutura semestral foi adotada quando eu estava prestes a me aposentar. As mudanças podem demorar, mas acabam acontecendo. A Universidade também se adapta, responde às realidades existentes, e tem a tarefa de criar novas realidades. A instalação do curso de Psicologia representou um esforço para oferecer uma alternativa de formação na região do Vale do Paraíba.

Quando o curso foi inaugurado aqui, havia poucas opções disponíveis. Por exemplo, em São José dos Campos, onde hoje existem vários cursos de Psicologia, à época, não havia nenhum. Os cursos em Mogi das Cruzes e em Lorena foram pioneiros. Embora Mogi das Cruzes não esteja exatamente no Vale do Paraíba, é geograficamente mais próxima do que outras cidades, como Campinas, que também era um lugar com um curso de Psicologia pioneiro.

O curso de Psicologia da UNITAU formou muitos profissionais, que atuam não só em atendimento clínico, mas também em empresas e escolas, e estão envolvidos na formação de novos psicólogos. Portanto, a contribuição do curso da Unitau às diretrizes de atendimento em saúde mental vai além do Vale do Paraíba e do estado de São Paulo. Nossos alunos se espalham pelo país, ajudando a estabelecer os modelos de saúde mental que o Brasil precisa.

Receber a notícia da instalação do curso na UNITAU foi muito empolgante. Nessa época, eu já estava fazendo mestrado e tinha o desejo de dar aulas. A oportunidade de trabalhar em um curso novo, na minha própria cidade, foi mais do que eu esperava. Pensei que teria que me deslocar para ensinar em outro lugar, uma vez que já dava aulas em Lorena naquela época. As distâncias eram as mesmas, mas o acesso era muito mais complicado.

Além disso, foi emocionante porque tive a chance de trabalhar com várias pessoas que haviam sido meus professores no passado, durante o ensino fundamental e médio. Isso foi realmente especial: sentar em igualdade de condições com pessoas que eu respeitava muito e que contribuíram significativamente para a minha formação. Agora, tornavam-se meus colegas, me ouviam com respeito e queriam saber a minha opinião. Foi um dos meus ritos de passagem na vida.

Um marco significativo nesse ambiente era o respeito mútuo. Além disso, uma curiosida-

de interessante era que muitos dos alunos tinham a minha idade ou eram mais velhos. Eu era bastante jovem, havia me formado há apenas dois anos. Havia os alunos recém-egressos do ensino médio, e vários outros alunos que já haviam cursado outra graduação ou simplesmente que agora podiam fazer o curso que desejavam. Foi algo muito interessante.

À medida que o tempo passa, começamos a lembrar menos dos aspectos críticos da formação e mais sobre as pessoas e suas histórias. Por exemplo, tenho me lembrado de quantos alunos fui madrinha de casamento, de quantas celebrações de formatura participei, de quantos relacionamentos começaram e terminaram — e algumas lágrimas que vi pelos corredores. É curioso como, com o passar do tempo, a gente se lembra menos dos desafios acadêmicos, como o volume de leitura exigido de cada aluno, e mais das expressões e histórias dos alunos que com os quais compartilhei estes meus anos na Unitau, os do início agora com sessenta ou setenta anos.

Sem dúvida, tudo mudou bastante. O tempo passa e, muitas vezes, não percebemos. De repente, um aluno faz uma piada e você percebe que não entende a referência. Por exemplo, hoje há uma infinidade de seriados, e eu posso mencionar um episódio de “Friends”, só para ser respondida com um olhar confuso, porque o aluno nem sabe o que é “Friends”. Isso ilustra como as experiências acumuladas são diversas entre cada um.

Além disso, o perfil dos alunos também mudou. A lembrança que me vem à mente é que passei muitos anos fora da sala de aula — atuei como pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação. Quando voltei para dar supervisão, percebi algo interessante. Perguntava aos alunos sobre as características de desenvolvimento das crianças que atendiam, como, por exemplo, a idade da criança e se ela falava ou andava bem. Muitos alunos ficavam perplexos com a pergunta relacionada ao que era “esperado para a idade”. Ao explorar isso, percebi que muitos alunos não tinham referência de crianças; eram filhos únicos, ou tinham apenas um irmão ou irmã de idade próxima, não tinham primos, vizinhos ou sobrinhos cuja infância acompanhassem.

Diferente do que eu vivenciei, por exemplo, quando entrei na faculdade. Eu tinha vários sobrinhos, o que me fornecia uma noção de como as crianças se comportam. O que é esperado – como andar no primeiro ano de vida – e se isso é considerado um atraso ou não. Essas percepções surgem não apenas do estudo, mas das experiências familiares e cotidianas. No entanto, com o tempo, as famílias se tornaram menores, e as maneiras de conviver mudaram. Assim, esse novo aluno vem para a faculdade com uma experiência diferente.

Não é que falte experiência, mas a vivência deles era diversa da daqueles alunos que eu acompanhara dez anos antes. Embora dez anos possam parecer poucos na história da humanidade, resultam em diferenças significativas nas vivências acumuladas. Por outro lado, esse novo aluno, que já não é tão novo, era familiarizado com a internet e redes sociais, principalmente em torno de 2007, época em que os estudantes já consultavam seus smartphones para obter informações instantâneas.

Isso acabou tornando obsoleta a necessidade de busca de conhecimento que tínhamos antes, quando os alunos vinham à biblioteca para pesquisar. São mudanças naturais que continuam a ocorrer, e a pandemia trouxe mais uma revolução, que aconteceu enquanto eu estava fora da universidade, mas que meus colegas descreveram como instigante e desafiadora.

Isso certamente reconfigurou o ambiente acadêmico, e o retorno às aulas presenciais não foi o mesmo.

Acredito que, enquanto trabalhamos, estamos vivendo a mudança. O mundo ao nosso redor está em constante transformação, e muitas vezes precisamos parar e refletir sobre como tudo evoluiu, mas é importante lembrar que essa mudança ocorre todos os dias.

Retomando minha formação, terminei meu doutorado na década de 1990, em um período de muitas mudanças na legislação universitária, especialmente com a nova Lei de Diretrizes e Bases, que determinava que as universidades deveriam oferecer ensino, pesquisa e extensão. Naquele tempo, a universidade já tinha uma tradição de cursos de especialização, mas estava apenas começando a desenvolver programas de mestrado — ainda não havia doutorados.

A pró-reitora que me precedeu na pró-reitoria de Pesquisa me convidou para ser assessora, e eu trabalhei com a professora Maria San Martin durante seus quatro anos de gestão. Durante esse período, foram criados os mestrados em Linguística Aplicada e Odontologia, e esses cursos ainda não tinham o reconhecimento do Conselho Nacional de Educação. Naquela época, havia na Unitau uma grande rede de cursos de especialização, mas estávamos com apenas esses dois mestrados.

Quando a gestão da professora Maria foi concluída, e após o período de reitoria do professor Milton Chagas, o professor Nivaldo Zollner foi escolhido como novo reitor e me convidou para atuar na pró-reitoria. Os cargos de pró-reitor sempre foram de confiança do reitor. Assumi a pró-reitoria em 1997, e uma das metas principais era regularizar os mestrados.

Precisávamos preservar o que existia e também expandir a oferta de mestrados. Assim, além de trabalhar no reconhecimento dos mestrados já existentes, iniciamos a criação dos mestrados em Desenvolvimento Regional e em Ciências Ambientais. Conseguimos o reconhecimento dos quatro mestrados. Esse processo foi desafiador, pois, como sabemos, no setor de pesquisa, a regra do capitalismo se aplica: os ricos se tornam cada vez mais ricos, enquanto os pobres permanecem na mesma situação.

Isso se refletia nas dificuldades que enfrentávamos para penetrar nesse circuito, pois havia desconfiança em relação às universidades que ainda não possuíam programas de mestrado consolidados. Além disso, nossa condição de universidade pública que cobra mensalidades muitas vezes nos afastava de oportunidades de captação de recursos para pesquisa. Sabemos que esse sistema se retroalimenta: quanto mais pesquisa, melhor a avaliação no *Stricto Sensu*, e isso atrai melhores alunos e professores, além de mais recursos para pesquisa.

Naquele período, também tínhamos uma meta fundamental: a capacitação do corpo docente. Já existia a mentalidade de que o professor universitário precisava se titular. Portanto, a universidade destinava muitos recursos para a capacitação docente, o que levou a um aumento significativo no número de professores ingressando em mestrados. Por exemplo, no Departamento de Psicologia, quando me aposentei, eu era a doutora mais antiga do curso, mas a quase totalidade dos professores do departamento era de doutores, enquanto dez anos antes a maior parte era especialista ou mestre.

Isso foi resultado de uma política da UNITAU voltada à qualificação do corpo docente. Assim, as áreas de atuação da pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação incluíam a capacita-

ção do corpo docente e o fortalecimento dos programas de mestrado, sempre embasados na produção interna de pesquisa.

Além disso, durante o período da professora Maria, foram instituídas revistas científicas que mantivemos posteriormente. Havia um grande evento anual, o Encontro de Iniciação Científica, que se tornou uma Mostra de Pós-Graduação. Depois da minha saída, esse evento foi fundido com a extensão e adquiriu um novo caráter.

Todas as ações estavam alinhadas com uma grande política voltada para posicionar a universidade entre as principais instituições de ensino superior do Brasil, não apenas proclamando ser uma universidade, mas atendendo ao que realmente caracteriza uma instituição universitária. Apesar das vantagens, havia também muitos desafios.

Nesse contexto, durante a gestão do professor Nivaldo, que durou oito anos, a universidade participou sistematicamente de encontros de pró-reitores de Pesquisa e Pós-Graduação e de Extensão. A universidade também patrocinava professores para eventos científicos, tanto no Brasil quanto no exterior, ajudando financeiramente e autorizando a participação. Isso fazia parte da política de formação e retenção de recursos humanos.

O período em que atuei na pró-reitoria, tanto na gestão da professora Maria San Martin quanto depois, quando passei a ocupar o cargo de pró-reitora foi, em minha opinião, um período muito profícuo para a universidade. Nenhuma pró-reitoria funciona isoladamente. Destaco particularmente a harmonia com o trabalho da professora Maria José Milharezi Abud, que foi a pró-reitora de Graduação no mesmo período. Havia um compromisso dos reitores e um esforço coletivo em direção a objetivos comuns.

Ao exercer a função de pró-reitora, durante esse período, houve um episódio importante que a universidade não pode esquecer: a tentativa de intervenção. Quero destacar isso na minha fala.

A UNITAU valoriza sua autonomia, mas isso não significa independência absoluta. Embora seja uma entidade municipal ligada ao município, a Universidade possui regras próprias para a escolha de sua direção e de seus quadros. Assim, quando houve a eleição para reitor, o então prefeito não gostou dos nomes da lista e declarou que não os nomearia, tentando intervir na universidade. Contudo, a Universidade se uniu e questionou: o que dizem nosso Estatuto e nosso Regimento? Estatuto e Regimento afirmavam que, ao término do mandato do reitor, caso não houvesse um novo nomeado, o pró-reitor mais titulado e mais antigo assumiria a reitoria.

Nesse momento, o pró-reitor mais titulado e mais antigo era o professor Marmo. Assim, entre um mandato do professor Nivaldo e o próximo, o professor Marmo foi Reitor da universidade por um ano e meio. Após esse tempo, o prefeito decidiu nomear novamente o reitor e escolheu o professor Nivaldo, que estava na lista tríplice. Essa escolha foi legítima, pois a lista não havia mudado. Assim, o professor Nivaldo retornou ao cargo de reitor. Durante toda essa fase, também atuei como pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação.

O professor Marmo sempre foi visto como um acadêmico brilhante e um matemático talentoso. Gosto de mencionar essa situação, pois, em acordo com seu elevado prestígio acadêmico, ele soube desenvolver o papel que lhe cabia naquele momento. Ele não escolheu ser o pró-reitor mais titulado e mais antigo, nem decidiu que o prefeito não nomearia o reitor.

Contudo, fez jus à responsabilidade que recebeu. Considero esse um ponto alto da carreira do professor Marmo e um momento crucial na história da Universidade, pois demonstrou que esta instituição poderia continuar suas atividades normalmente, com base em sua estrutura legal e em pessoas capacitadas para resistir a ataques à autonomia universitária.

No início, quando percebemos que o prefeito não havia nomeado um reitor, a situação se organizou rapidamente. Havia diversas pendências que precisariam ser resolvidas, e muitas vezes não nos damos conta, de que várias ações dependem da assinatura do reitor. Por exemplo, a folha de pagamento e a nomeação de novos professores ou funcionários. Então, naquela manhã em que notamos a ausência de um reitor, houve esforços de pessoas com relações políticas para tentar resolver a situação, mas percebemos que nada aconteceria. Assim, nossa segurança jurídica e institucional estava no Estatuto e no Regimento da universidade, documentos que deveríamos consultar.

Dessa forma, convocou-se o Conselho Universitário, responsável por dar posse ao reitor. A nomeação do reitor é um ato do prefeito, mas a posse é um ato do Conselho Universitário, que validou a situação e cumpriu o Estatuto. Muitas pessoas ficaram surpresas, pois nem todos acompanham esse processo. Acredito que, mesmo hoje, com mais acesso à informação, nem todos os alunos e professores estão cientes de que a universidade possui um Estatuto e um Regimento.

Acredito que cabe aos órgãos superiores e colegiados esclarecer a importância dessas normas e buscar transparência nas informações, que todas sejam suficientemente divulgadas. Considero que esse foi um momento significativo para a universidade, pois foi uma época de ameaça, mas também de fortalecimento. Se não me engano, o mandato do reitor terminava em um fim de semana, e logo no primeiro dia útil seguinte à sua saída, a situação estava em aberto.

É crucial que as pessoas compreendam a importância de sua função em um coletivo. Quando estou aqui como professora, qual é a minha função? E o que acontece se eu não estiver presente? Acredito que, assim como naquele momento, a universidade já enfrentou outros períodos críticos, e a presença de pessoas que entendem seu papel na comunidade é essencial. Elas sabem que estão ali porque a comunidade precisa delas.

Assim, permaneci nove anos e meio como pró-reitora: 4 anos, um mandato de um ano e meio e mais 4 anos. Após essa atuação, retornei ao Departamento de Psicologia por mais um ano e meio, até me aposentar. As ações e atividades que mais me gratificaram profissionalmente foram diversas. Uma delas foi a integração entre as atividades de ensino e extensão, que acredito que eram muito frutíferas.

O curso de Psicologia, por exemplo, facilita bastante essa integração, especialmente por causa da quantidade de estágios envolvidos. Durante muitos anos, desenvolvi um trabalho que foi também o tema do meu doutorado, focado em grupos de assertividade. Os alunos do quinto ano coordenavam grupos de desenvolvimento de assertividade para os calouros que chegavam à universidade. Esses novos alunos, muitas vezes, ainda traziam consigo características do ensino médio, como timidez e dificuldades para reivindicar seus direitos. Além disso, frequentemente eram impulsivos ao discutir suas necessidades e pleitear o atendimento delas. O tema da assertividade proporcionava uma excelente oportunidade de desenvol-

vimento, pois ser assertivo envolve expressar o que se pensa, sente e deseja sem ansiedade, considerando seus interesses, mas sem desconsiderar os direitos dos outros.

Esse era um trabalho muito interessante que conduzi por vários anos, envolvendo os alunos do quinto ano no atendimento aos calouros, além dos atendimentos que realizavam na Clínica de Psicologia, atualmente Centro de Psicologia Aplicada. Os atendimentos clínicos também são de grande importância, pois muitas vezes representam a única oportunidade de acesso a cuidados de saúde mental para certas parcelas da população.

O papel do psicólogo no trabalho clínico costuma ser mais conhecido. Quando as pessoas pensam em psicologia, frequentemente imaginam um profissional isolado em um consultório, atendendo um paciente de cada vez. Já os atendimentos em grupos, como os de desenvolvimento de Habilidades Sociais, são diferentes, pois envolvem a dinâmica entre várias pessoas, discutindo temas de interesse comum.

Lembro-me de quando comecei a conduzir esses grupos, antes da implementação do código do consumidor. Assim, havia temas que eram relevantes na época e que posteriormente perderam seu sentido. Por exemplo, uma situação comum era: “Fui ao supermercado e comprei um iogurte estragado, como faço para reclamar?”. Isso era um grande desafio e requeria muita assertividade, pois o supermercado não era obrigado a trocar o produto, e essa questão era vista pelos participantes do grupo como uma dificuldade de assertividade. Com o tempo, devido à nova legislação, esse tipo de situação deixou de ser um problema, pois as pessoas passaram a saber que tinham o direito de exigir a troca sem discussões.

Ao mesmo tempo, surgiram novas questões. No início, não apareciam discussões sobre gênero. E isso não significava que não houvesse problemas de violação de direitos de gênero, a questão era que as mulheres ainda não tinham conhecimento de que podiam reivindicar seus direitos. Situações como: “Tive uma experiência desagradável no ônibus, uma pessoa se aproveitou e colocou a mão em mim”. Esse tipo de situação antes não aparecia no grupo de assertividade, pois muitas vezes a ideia prevalente era que, se um homem colocou a mão, a culpa era da mulher. Com as mudanças sociais, as pessoas reconhecem melhor seus direitos e que é preciso reivindicá-los.

É interessante notar que as queixas que surgem em relação à saúde mental refletem as mudanças na sociedade ao longo do tempo. Esse trabalho foi bastante significativo para mim, e tenho boas memórias dele, especialmente ao ver os alunos que conduziam os grupos se desenvolvendo profissionalmente e aplicando o que aprenderam em novos contextos.

No meu último ano de docência, realizamos um projeto de que gostei muito. Acabamos de instituir o estágio já no primeiro ano da faculdade e isso era um desafio. Eram alunos em seu primeiro semestre de graduação. Precisávamos encontrar atividades que eles pudessem realizar, com a bagagem acadêmica que estavam adquirindo naquele semestre. Foi assim que decidimos levar os alunos para as escolas, onde eles faziam levantamentos sobre dificuldades e preparavam pequenos folhetos de orientação.

Por exemplo, abordávamos temas que eles constatavam em suas observações, como os casos de violência contra crianças e então discutíamos como orientar professores para obter resultados positivos. Discutíamos também como conduzir reuniões com os pais, cujo foco era não apenas apontar aos pais o que não se pode fazer, mas também oferecer maneiras de lidar com questões de disciplina de forma não violenta.

Esse trabalho se mostrou muito interessante, pois os alunos estavam aplicando o conhecimento adquirido. Ver que esses estudantes podiam contribuir com a sociedade, reunindo o conhecimento inicial que possuíam e transformando isso em algo útil foi realmente gratificante.

Ensinar sempre foi a parte que mais apreciei. Creio que minha identidade, assim como a de todos, possui muitas facetas. Mas eu realmente gosto de dar aula. Muito, muito mesmo. Ainda dou aula hoje, embora não mais como professora regular. Atualmente, trabalho com um grupo de formação continuada de psicólogos, onde lecionamos online. Além das aulas, faço supervisão de atendimentos, pois trabalho com profissionais em atividade. Sempre ensinei psicologia e continuo a fazer isso, alinhando ensino e prática. Tenho um consultório e, desde a pandemia, meu atendimento é exclusivamente online.

Assim, continuo exercendo meu papel como psicóloga e professora, sempre ensinando o que eu pratico. A UNITAU me ajudou a definir o que significa ser professor, ser psicólogo, ser profissional e ser parte de uma comunidade que nos vê como parte de uma instituição que é maior do que nós mesmos. Portanto, nesse sentido, a Unitau foi muito importante para mim.

Além disso, foi nela que eu consegui sustentar minha família. A UNITAU foi meu local de trabalho, onde tive expectativas que foram constantemente confirmadas ao longo dos anos que trabalhei lá. Nunca, em nenhum único mês, o meu salário atrasou, sempre pude contar com aquele dinheiro. Isso é muito importante. Precisamos confiar na instituição onde trabalhamos para nos sentirmos confortáveis ao desempenharmos nossas funções. A UNITAU sempre honrou seus compromissos.

Outro aspecto que considero fundamental é que a UNITAU foi o lugar onde todos os meus filhos estudaram. Tenho quatro filhos, todos formados e atuando nas suas profissões graças à Universidade de Taubaté. Dois dos meus filhos estudaram Direito, minha filha estudou Jornalismo. Todos graduados pela Unitau. Meu filho mais velho é dentista e fez graduação, especialização e mestrado aqui. Tenho muito respeito pela instituição, pois vejo, na minha família, sua importância para a vida das pessoas.

É uma instituição que leva sua missão a sério. Promove o crescimento não apenas de cada estudante, mas da comunidade e, em última instância, de toda uma nação. Meu vínculo com a UNITAU permanece, mesmo estando aposentada. A cada congresso que participo, em cada trabalho que apresento, e em cada publicação, menciono: “Professora aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.”

Se pudesse resumir a UNITAU em uma palavra, eu diria que é um “berço”. Em duas palavras, eu a descreveria como “berço e abraço”.

A memória é seletiva e esta seletividade pode nos afastar de tantas coisas importantes. No entanto, acho valioso destacar, em minha história na universidade, as interações que tive. Trabalhei diretamente com muitos colegas no departamento – professores e funcionários – durante anos, e, enquanto estava na pré-reitoria, tive muito contato com professores dos cursos de mestrado e com funcionários com os quais vivi o dia a dia.

Ainda assim, percebo que interagi com um número limitado de pessoas, apesar do tempo

de trabalho. Havia funcionários, por exemplo, do hospital, com os quais tive pouco contato, mas que faziam parte do que acontecia na instituição e que faziam a instituição acontecer. Isso me torna consciente de que a UNITAU é muito maior do que conseguimos perceber.

A UNITAU continua viva, ainda é a mesma de sempre, agora com 50 anos, repleta de novas pessoas que não conheço. Isso é o que faz a Universidade existir. Penso nisso como uma ideia de família. Pessoas que nunca conheci, que viveram antes de eu nascer, ou que, mesmo coexistindo em meu tempo histórico, nunca tive a oportunidade de encontrar. Minha família continuará após minha ausência física e, mesmo que alguns nomes sejam esquecidos e suas contribuições não sejam mais identificáveis, isso não significa que desaparecerão. Elas permanecem, transformadas pelas novas realidades que a vida traz.

Por isso, acredito que cada um de nós conta a história da Universidade da qual se lembra, mas a UNITAU é muito mais do que a soma de nossas memórias. Fico agradecida porque essa entrevista me traz a memória, menos dos fatos em si, mas mais das emoções.

36

Maria Lucila Barbosa

Eu, Maria Lucila Junqueira Barbosa, trabalhei por 31 anos na Universidade de Taubaté e me aposentei como reitora da universidade.

Em 1979 iniciei a minha trajetória na universidade, após receber um convite da professora Maria Belém Salazar Posso. Durante esse período, tive a oportunidade de ocupar o cargo de chefe de departamento de enfermagem da UNITAU e, posteriormente, à convite da professora Maria Heena Goffi, como assessora da Pró-reitoria de Graduação. Em 2006 assumi o cargo de Reitora da Universidade de Taubaté, até 2010 quando me aposentei.

A UNITAU, nesses 50 anos de atividade, é uma instituição extremamente relevante, não só para a região do Vale do Paraíba, como também para outras regiões.

Para mim, esses 31 anos de trabalho foram muito gratificantes.

Sou de Guaratinguetá e venho de uma família feliz, com uma boa condição socioeconômica, especialmente para uma cidade do interior. Minha infância foi muito feliz. Somos seis irmãos e eu sou a quinta da família. Meus pais eram muito presentes e meus irmãos bastante unidos. Meu pai era fazendeiro e possuía uma fazenda em Guaratinguetá. Minha mãe era uma talentosa pintora de porcelana, que deixou sua marca como professora na área. Hoje, tenho duas irmãs e 1 irmão vivos. Este é o caminho que percorri até aqui. A partir desse ponto, construí toda a minha história.

Estudei no Instituto Conselheiro Rodrigues de Alves, em Guará.

Tive a oportunidade de ir para São Paulo e lá resolvi fazer um curso de instrumentação cirúrgica no Hospital das Clínicas. Nesse período, recebi uma sugestão da enfermeira chefe para fazer o curso de enfermagem. Fiz o vestibular, fui aprovada e ingressei no curso de enfermagem na Escola de Enfermagem

da Universidade de São Paulo - USP. Foi lá, onde tracei toda a minha trajetória acadêmica até o doutorado.

Após a conclusão do meu curso, fui trabalhar na UTI de tétano da Clínica de doenças infectocontagiosas, do Hospital das Clínicas de São Paulo, onde permaneci por 3 anos.

Neste período, recebi o convite para trabalhar na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP. Ao mesmo tempo recebi o convite para trabalhar na Universidade de Taubaté. Optei por Taubaté por ser uma cidade próxima, da minha cidade natal. Vim em busca de um novo desafio, pois o curso de enfermagem de Taubaté estava sendo implantado naquele período.

O curso de enfermagem em Taubaté começou em 1978, e eu cheguei em 1979. Na Universidade de Taubaté, praticamente toda a área de enfermagem foi construída desde o início. Aproveitamos as disciplinas básicas do campus do Bom Conselho, mas a escola de enfermagem precisava de um hospital para desenvolver suas atividades práticas. Começamos, então, a elaborar todo o curso, procurando locais para estágios, que era a maior dificuldade. Contávamos com o Hospital Universitário e um convênio com o posto de saúde municipal, e realizamos um trabalho para identificar outros locais onde poderíamos levar os alunos para as experiências práticas.

O campus do Bom Conselho abrigava as disciplinas básicas e os laboratórios que atendiam também outros cursos da área de saúde. Um novo laboratório específico foi criado para atender as necessidades da prática do curso de enfermagem.

Com o passar do tempo e os vestibulares anuais a demanda aumentou. As turmas foram se multiplicando e precisávamos ampliar o número de vagas para estágios. Com isso, mais professores foram contratados para atender os alunos de todos os anos. À medida que o curso crescia, recebíamos de 60 a 80 novos alunos anualmente, tornando cada vez mais difícil acomodá-los para os estágios e garantir a contratação de professores.

Para mim, o professor é muito importante. Hoje, parece que a situação é diferente, pois não há o mesmo rigor da época em que cursei minha faculdade e a profissão “professor” está desvalorizada. Quando estava na faculdade, lembro de uma professora que tinha uma abordagem rigorosa. Estávamos com nossos aventais e ela avaliava, sempre buscando o que havia de errado. Caso estivéssemos com as mãos nos bolsos dos aventais, ela batia a régua na nossa mão para corrigir. Até hoje, guardo essa lembrança, era uma situação que nos fazia rir, mas sabíamos da seriedade dela.

No período da criação do curso de enfermagem de Taubaté, lutamos constantemente, pois o trabalho envolvia não apenas aspectos técnicos, também questões administrativas. Estávamos implementando o curso de enfermagem e contratando professores. No início, éramos seis professores sob a direção da professora Maria Belém. Com o passar do tempo, outros docentes foram se juntando a nós, e muitos alunos se tornaram professores do curso de enfermagem, criando um ciclo interessante de formação e aprimoramento.

Minha experiência administrativa começou quando a professora Maria Belém saía de férias e eu a substituí na chefia. Essa convivência próxima me proporcionou uma valiosa experiência. Depois, também trabalhei bastante com a professora Maria Helena Goffi na pro-reitoria de graduação.

Essas experiências foram fundamentais para me preparar à função de reitora de uma universidade desse porte. Atuei como assessora da Pró-Reitoria, realizando levantamentos e estudos sobre a viabilidade de novos cursos.

Parte do meu trabalho envolvia fazer estudos logísticos, como avaliar o quanto seria necessário para implantar um novo curso nas diferentes áreas da UNITAU. Isso incluía analisar toda a legislação pertinente, que era bastante complexa e estava em constante mudança. O crescimento da universidade foi gradual, surgindo a necessidade de novos cursos e áreas de atuação ao longo do tempo.

Trabalhei na universidade até 2010, quando me aposentei como reitora. Sou muito grata à professora Maria Belém, que foi fundamental em minha trajetória. Sempre enfrentei desafios, especialmente ao organizar o curso de enfermagem e iniciar um novo ano letivo. Trabalhar na universidade sempre foi desafiador. Como professora, fui eleita chefe do departamento de enfermagem e, posteriormente, recebi um convite para ser assessora na pró-reitoria de Graduação e contribuir na pós-graduação. Depois, concorri ao cargo de reitora. Foram constantes os desafios que enfrentei ao longo dessa trajetória, realizando e desempenhando diversas funções.

Sempre estive envolvida em órgãos colegiados, além de ter uma experiência em pesquisa. Isso me proporcionou um conhecimento valioso. Não é possível ser reitora de uma universidade sem essa vivência. Os desafios são constantes. Optei por não participar da reeleição, mesmo estando prestes a ser reeleita, pois considero extremamente desgastante ter um mandato de oito anos. Sou favorável a um período de cinco anos, sem a possibilidade de reeleição, pois não vejo valor na reeleição em nenhum cargo. Acredito que, no segundo mandato, a energia e a motivação já estão esgotadas, especialmente quando se trabalha muitas horas por dia.

Na reitoria, participei de discussões interessantes. Como reitora, tive a experiência de estar à frente de muitos assuntos. É um cargo extremamente desgastante.

Lamento a queda no número de alunos da universidade. Sei que houve uma redução significativa, possivelmente devido à concorrência com outras escolas em Taubaté, o que tem dificultado a situação da universidade. Não tenho dados concretos, mas acompanhei pela mídia aberta que essa diminuição realmente ocorreu. O que acho lamentável é que muitos optam por instituições com padrões de qualidade duvidosos.

Comecei a perceber essa concorrência já na minha época, quando algumas instituições ofereciam cursos pela metade do preço para atrair alunos, fazendo com que muitos escolhessem esses programas, independentemente da proposta pedagógica.

Mas gostaria de falar das coisas boas da UNITAU. Um dos projetos que eu mais apreciava era o que envolvia os alunos em parceria com o exército em diversas missões pelo país: o Rondon, que era bastante ativo na minha época. Esse trabalho era muito importante para nós, no departamento e para toda a universidade, com várias áreas e cursos colaborando. Foi um dos projetos mais interessantes e bem-sucedidos que vivenciamos.

Além disso, havia eventos e comemorações do aniversário da universidade, que eram sempre momentos felizes, com a comunidade universitária se mostrando muito participativa.

As experiências mais importantes da minha vida foram as que passei nos 31 anos na Universidade de Taubaté. Foi lá que me realizei como enfermeira e como professora, além de ter a oportunidade de participar ativamente de projetos dentro de uma instituição do porte da Universidade de Taubaté. Para mim, isso ainda é extremamente gratificante, e é uma honra ter feito parte da história viva dessa universidade, como a primeira Reitora mulher. Sinto que devo muito a essa instituição, pois toda a minha carreira foi construída aqui.

A universidade possui um patrimônio incalculável, com muitos prédios. Um dos feitos de que me orgulho é a recuperação dos prédios antigos, que estavam em estado de deterioração. Durante minha gestão como reitora, conseguimos restaurar alguns deles, especialmente o prédio localizado na Rua Visconde do Rio Branco, que estava em péssimas condições e foi recuperado na minha administração. É essencial preservar esses edifícios históricos, e para isso é necessário fazer investimentos e buscar patrocinadores.

Em termos de relacionamento com a municipalidade, a Universidade de Taubaté é respeitada. O grande desafio está relacionado a quem ocupa a prefeitura. É fundamental manter um bom relacionamento com o prefeito para que haja colaboração.

Estou muito feliz em ter sido chamada por um grupo de alunos com interesse em conhecer a história da universidade. Achei uma ótima oportunidade para compartilhar experiências. Só tenho a agradecer por esta chance de falar um pouco sobre a minha trajetória na Universidade de Taubaté, afinal, são 31 anos de história.

Em poucas palavras, a UNITAU foi uma realização profissional.

37

Marluce Leão

Sou Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão. Lecionei na Universidade de Taubaté por 30 anos, período pelo qual sou profundamente grata pelas experiências e pelo apoio dos colegas que contribuíram para minha trajetória profissional.

Sou mineira e me formei em Psicologia em Belo Horizonte. Após a formatura, me mudei para o Vale do Paraíba, onde rapidamente percebi as oportunidades de trabalho. A Universidade de Taubaté se apresentou como uma excelente opção, considerando minhas experiências acadêmicas e profissionais.

Minha formação profissional me permitiu refletir e fazer minhas escolhas. Durante o Ensino Médio, cursei Magistério e Técnico em Contabilidade, no interior de Minas Gerais. Essas formações foram muito úteis tanto na minha carreira em Psicologia, quanto na docência.

Embora não tivesse a intenção consciente de ser professora quando cursei Magistério, a docência se tornou um caminho natural durante o curso de Psicologia. As experiências em estágios profissionais, sobretudo em hospitais psiquiátricos, em Belo Horizonte e São José dos Campos, me aproximaram da docência.

Em um hospital psiquiátrico de São José dos Campos no qual trabalhei, pude colaborar com a coordenação do internato em Saúde Mental para estudantes de Medicina da UNITAU, à época. Essa experiência me aproximou dos professores e alunos. Minha formação em Psicopatologia me levou a lecionar essa disciplina para alunos de Psicologia. Assim, iniciei minha carreira docente na UNITAU.

Quando ingressei, não era um momento de concursos para docentes a Universidade. Anos mais tarde, com a abertura de concursos, trabalhei na graduação, extensão e pós-graduação, inclusive no Mestrado em Desenvolvimento Humano.

Inicialmente, lecionei Psicopatologia por cinco anos no curso de Psicologia da UNITAU. Em 1995, a Universidade implementou uma política de estímulo à formação docente, fornecendo recursos para o mestrado e doutorado. Como a maioria dos meus colegas, concluí ambas as formações na Unicamp.

Dentro do nosso próprio departamento, assumi responsabilidades como supervisora de estágios e orientadora de trabalhos de conclusão de curso. Simultaneamente, participei ativamente da extensão universitária, um presente muito bom na minha vida profissional.

No início dos anos 2000, concluí meu mestrado e trabalhava com foco em Psicogerontologia (Psicologia do Envelhecimento). A extensão universitária demonstrava interesse crescente nessa área. Fui convidada a criar e coordenar um projeto amplo em Gerontologia, que evoluiu de um curso UNITAU aberta à terceira idade” para vários projetos que formaram o Programa de Atenção Integral ao Envelhecimento (PAIE) atendendo a diretrizes da extensão universitária.

Este programa se expandiu ao longo de 20 anos, envolvendo ensino, extensão e pós-graduação. Tenho boas lembranças desse período e do trabalho em equipe. O programa abrangeu diversas atividades, sempre com o corpo docente crescendo e adicionando novas possibilidades.

O PAIE tinha duas vertentes: o trabalho direto com adultos, maduros e idosos; e a formação de recursos humanos para a área da Gerontologia, uma área multiprofissional e interdisciplinar que requer atenção de diversas ciências. Muitos projetos e atividades se desenvolveram ao longo desses anos, envolvendo quase todas as áreas do conhecimento, da saúde às artes.

Deu muito trabalho, mas fomos aos poucos plantando boas sementes que frutificaram e tornaram esse programa bem longo, visto que existe até hoje. Deixei a coordenação quando me aposentei, mas o Programa perdurou, mesmo após minha saída em 2016.

Fizemos uma interação muito boa, não apenas com a comunidade de idosos de Taubaté, mas das cidades circunvizinhas que frequentavam e profissionais voluntários que também contribuía nos vários cursos, além daqueles da própria Universidade. Contamos com a participação de alunos de Medicina, Psicologia, Serviço Social, Direito, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Informática, dentre outros cursos. Criamos oportunidades de formação para alunos, além de fornecer suporte para projetos de pesquisa em Iniciação Científica, de Especialização e de Mestrado. Colaboramos também em projetos de terceira idade da Prefeitura de Taubaté, bem como no projeto do Hospital Dia, para idosos em situação de risco, colaboramos na construção do Conselho do Idoso da cidade, com participação ativa por muitos anos.

O PAIE se consolidou na universidade, promovendo a saúde, os direitos e as atividades socioculturais para a população idosa. Um projeto importante foi o trabalho com a população masculina de idosos, que muitas vezes se mostrava mais resistente à participação em projetos da universidade. Por volta de 1997, com a internet passando a fazer parte do cotidiano das pessoas, uma demanda potencial de ensino chegou para nós, cuja adesão de muitos homens maduros e idosos passaram a frequentar nossos cursos de informática.

Estes cursos de informática gradativamente abrangeram diferentes níveis de complexidade, desde o acesso à internet até a criação de planilhas. A colaboração com a equipe de

informática foi essencial. Nós coordenávamos, mas eles é quem estavam à frente junto a esse público.

Nos anos de 2012 e 2013, concorremos com o PAIE a um edital público do MEC (Ministério da Educação), no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão. Apresentamos um projeto robusto e participamos ativamente dessa concorrência de fomento, tendo a satisfação de sermos aprovados. O financiamento recebido permitiu, por dois ou três anos, otimizar várias atividades. Isso incluiu a oferta de cursos para professores (antes inviável pela falta de recursos), e a produção de materiais importantes, como folders e cartilhas.

Recebemos recursos para produzir e distribuir uma cartilha para a comunidade, além de apoiar diversos outros projetos. Adquirimos insumos essenciais para o dia a dia da secretaria do PAIE, como computadores e diversos materiais. Também reservamos recursos para a publicação de um livro, “Envelhecimento e Desenvolvimento Humano”, que compila estudos e práticas desenvolvidas pelo PAIE. Lançado em 2016, coincidentemente com minha saída do projeto, o livro permanece como um legado, descrevendo nossa trajetória. Foi uma obra coletiva, com contribuições de diversos autores. Inclui relatos de muitos projetos e pesquisas, abrangendo Iniciação Científica, projetos de extensão e pesquisas de mestrado.

O mais importante foi cumprir a premissa básica da extensão universitária, que não se limita a uma única área da ciência ou curso, por isso interagimos muito com a graduação o mestrado. Nosso ideal sempre foi disponibilizar os conhecimentos, a formação e as metodologias entre as diversas áreas. Nossa produção reflete essa visão interdisciplinar, sendo o resultado de um trabalho conjunto entre professores e alunos.

Deixamos este acervo como um legado de nosso trabalho. Isso só foi possível graças também ao financiamento recebido. Agradeço sempre por termos sido aprovados nesse edital, o que nos permitiu desenvolver tantas atividades. Como estava no Mestrado em Desenvolvimento Humano, agradeço também à equipe do programa pela participação.

Nos últimos 10 anos de minha atuação na Unitau, e trabalhando no Mestrado em Desenvolvimento Humano, busquei capitalizar as atividades do PAIE. Colegas aplicavam pesquisas dentro do programa, validando os projetos e gerando novas perguntas. Foi um período de aprendizado imenso, tanto pessoal quanto profissional.

Tenho muita satisfação em ter participado de tudo isso. Foi uma trajetória que foi feita a várias mãos, mas que avalio do ponto de vista pessoal de um aprendizado imenso. Tive um grande crescimento em relação a todas essas experiências, tanto do ponto de vista profissional quanto do ponto de vista também do meu auto processo de envelhecimento.

Acho que fui sempre professora. Cheguei à conclusão de que a minha vocação pela docência começou muito cedo, só não sabia disso na época. E, aos poucos, ela foi se delimitando, a partir do momento em que foi ficando mais claro para mim que tinha mais facilidade de trabalhar com o público jovem e adultos. Fui, naturalmente, vocacionada para trabalhar muito mais com esse público. Tinha interlocução relativamente fácil e isso me agregava, de modo que tinha não apenas disposição, motivação, interesse, mas também prazer em fazer o que eu fazia.

Quando surgiu a demanda de formação de um mestrado interdisciplinar em Desenvolvimento Humano, colaborei com colegas da área da educação, enriquecendo meu conhecimento em novas teorias, práticas de ensino e pesquisa. Essa interação com colegas da educação foi muito enriquecedora. Orientei projetos de pesquisa e trabalhei em gestão de ensino, extensão e pesquisa.

Aposentei-me em 2017, mas continuei trabalhando no mestrado até 2020 e, em seguida, fui convidada a participar de um grupo que implantava a Faculdade de Ciências Médicas Humanitas em São José dos Campos. Lá, lecionei Psicologia Médica, coordeno um núcleo de apoio a discentes e docentes, contribuo no internato de saúde mental para alunos de medicina, combinando psicologia e psiquiatria.

Para mim, a docência assumiu múltiplas facetas: ensino, orientação, gestão. Embora haja controvérsias sobre a importância dos papéis de gestão na docência, considero que eles são importantes e complementares. Sempre aprendi muito nesses cenários todos de formação.

A orientação de projetos de pesquisa, seja na graduação, na especialização mestrado e doutorado, só é possível na minha opinião, como o resultado de uma trajetória de aprendizagem ao longo da vida. As habilidades e competências docentes devem se adaptar às mudanças e às novas diretrizes de ensino-aprendizagem.

Avalio que fiz parte de um processo de muitas transformações do ensino superior, na qual a docência passou a requerer a assunção de múltiplos papéis, o que enriquece a profissão. Creio que ser orientadora de projetos nos vários níveis, é o coroamento de um conjunto de experiências, de aprendizagens que, ao longo do tempo, vamos reunindo. Conhecer esses meandros da educação, faz com que reúna habilidades e competências que necessariamente precisam ir mudando, ir se apoiando nas mudanças e nas novas diretrizes, acompanhando o movimento natural da sociedade. Não há nada que tenha mudado tanto na área da educação como essa questão do ensino. Então faz parte assumirmos esses vários papéis.

Meu maior desafio não foi na formação ou na carreira, porque, considero que fui muito afortunada de estar em determinado momento numa universidade que propiciou apoio para que a nossa pós-graduação fosse possível. Tive oportunidades dentro dessa Universidade de ir a vários lugares, conhecer pessoas e profissionais e ter aprendizagens distintas e graças a grandes trocas.

Devo o desenvolvimento das minhas competências profissionais à Universidade de Taubaté, com muito orgulho. Elas me são úteis e serão certamente por um bom tempo ainda. Estou com 67 anos e faço parte de um dado momento na história em que se aposentar não significa parar de trabalhar. Continuo trabalhando e defendo que se aposentar é uma coisa, parar de trabalhar é outra, e que o parar totalmente de trabalhar nem sempre é necessariamente saudável. Na área da Psicologia tive a oportunidade de constatar isso em vários momentos.

Assim, o que posso dizer é que minha atuação como psicóloga se expandiu para a docência e a promoção da saúde, principalmente com idosos. Hoje me considero mais professora do que psicóloga, embora ambas essas áreas sejam interligadas. Os desafios da docência são grandes, mas gratificantes. A psicologia e a docência se complementam. Muitos dos problemas trabalhados na docência e na comunidade podem enriquecer o ensino.

A UNITAU já existia quando ingressei. Tem uma longa história, sempre se renovando, acreditando em fazer mais e melhor. Por muitos anos, foi a única universidade no Vale do Paraíba. Procurou sempre estar na vanguarda das demandas do mercado e das ciências. Acredito que, apesar das mudanças na sociedade e no ensino superior, a UNITAU tem uma base sólida e uma história rica. Valorizo muito isso. Chegou até aqui com a força de muitos “gigantes” que sustentaram tudo. Parabéns a todos que fizeram parte dessa história, e aos que a constroem agora. Que ela seja longa e próspera!

Creio que, nessa autoavaliação, consegui transitar bem pelas diversas áreas e contextos da universidade, abrangendo ensino, pesquisa e extensão. Durante todo esse tempo, não só me sustentou financeiramente, mas também assegurou meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Sou muito grata à universidade por essa oportunidade de trabalho. Como sempre morei em São José dos Campos, as viagens eram desafiadoras, mas nunca cogitei deixar a universidade. Sou profundamente grata por tudo. Deus me abençoou com saúde física e mental para, durante 30 anos, fazer o que fiz. Isso pode não parecer muito para alguns, mas para mim, superou minhas expectativas; estou muito feliz por isso.

38

Mauro Castilho

Sou o professor Mauro Castilho Gonçalves, e trabalho na Universidade de Taubaté desde 1992. Estou completando 32 anos e meio de atuação. Aproximo-me da aposentadoria, restando cerca de três anos. Ainda tenho muito a ensinar.

Taubaté é minha cidade natal; nasci em 25 de maio de 1966, e toda a minha formação escolar ocorreu aqui. Estudei no antigo Grupo Escolar Dom Pereira de Barros e, posteriormente, na Escola Municipal Ezequiel de Souza, escola padrão do município. Portanto, minha educação básica foi integralmente em escolas públicas estaduais e municipais.

Passei um tempo no Seminário Diocesano Santo Antônio, onde cursei Filosofia, minha área de formação básica. Padre Benedito Augusto Correia, diretor do IDESA por muitos anos, foi meu professor de História da Filosofia e uma grande referência no magistério. Seu método de preparo de aulas, uso da lousa e interação com os alunos sempre me inspirou.

Ingressei no seminário em 1984 e permaneci até 1987. Após isso, iniciei minha carreira no magistério, graças ao Padre Correia. Minha primeira atuação docente foi no Instituto Diocesano Santo Antônio (IDESA), onde lecionei Filosofia, História, Educação Moral e Cívica e OSPB. Essa época marcou a transição da ditadura para a democratização do Brasil. O convite do Padre Correia, diretor à época, foi fundamental para minha entrada no magistério.

A formação recebida no seminário foi essencial, não apenas na base filosófica, mas também na preparação para a docência. Posuo licenciatura em Filosofia. Comecei no IDESA e, posteriormente, ingressei na rede pública estadual de Caçapava, na Escola Estadual Pereira de Matos. Curiosamente, ao assumir o cargo, a escola estava em greve, e eu também entrei em greve. A partir daí,

comecei minha atuação em partidos políticos e sindicatos de professores, com forte envolvimento na APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do de Ensino Social e Profissional). O professor Eduardo Carlos Pinto, de Geografia, foi uma grande referência nas ciências humanas e sociais, e uma inspiração na militância política. Assim, possuo duas referências: o Padre Correia no início, e o professor Eduardo em minha trajetória inicial. Penso que Eduardo ainda não estava na UNITAU quando o conheci; ele lecionava na Escola Saad e em uma escola estadual em Taubaté. Eduardo foi pioneiro em metodologias ativas, criando ambientes inovadores de aprendizagem em uma escola pública. Sua atuação sempre foi uma referência na inovação e credibilidade do magistério. Após o seminário, minha trajetória seguiu pela sala de aula, escolas públicas e privadas.

Tornei-me professor efetivo do Estado, lecionando Filosofia na Escola Estadual Paulo Virgínio, em Cunha. Paulo Virgínio era também o nome da estrada que liga Guará a Cunha, e um dos revolucionários de 1932 e da Revolução Constitucionalista. Essa experiência foi muito enriquecedora. Posteriormente, optei pela vida acadêmica, ingressando na UNITAU pela Escola Alfredo José Balbi (conhecida como “Industrial”, depois “Coleginho”, e atualmente escola de aplicação).

Em 1992, iniciei minhas atividades no Balbi, lecionando História, Filosofia e Sociologia em cursos técnicos (eletrônica, prótese, mecânica, edificações). O Balbi tinha muitos alunos, especialmente à noite. Na década de 1990, também lecionei no ensino médio regular, tanto pela manhã quanto à noite. Uma exigência legal foi a inclusão da disciplina RCTS (Relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade), que eu mesmo desenvolvi e ministrei. Foi uma experiência significativa, especialmente por se tratar de uma disciplina nova nos cursos técnicos. Os alunos apreciaram muito essa disciplina. Na área industrial, dei aula para muitos estudantes trabalhadores do SENAI ou de indústrias, sempre mantendo boas relações com os alunos.

Procurava adaptar meu trabalho às características de cada grupo (noturno, matutino, ensino fundamental...). Essa busca pela adaptação se estendeu ao ensino superior, onde também me relacionei bem com os alunos. Nos cursos técnicos, era importante justificar a inclusão de disciplinas de humanidades para os alunos focados em formação técnica. A luta pela defesa das humanidades sempre foi uma constante, principalmente após a Reforma 5.692/71. A cultura tecnicista ainda persiste no sistema educacional.

Meu ingresso no ensino superior, no curso de Pedagogia, foi inesperado. A Profa. Mércia, minha diretora no Balbi, me convidou para assumir a disciplina de História da Educação, após a aposentadoria da professora Marialice Mesquita e a morte do Padre Correia. Foi um final de semana agitado; preparei a aula sobre a História da Educação antiga, baseando-me em autores como Mário Alighiero Manacorda. O ensino superior era um projeto de vida; as oportunidades surgiram gradualmente, numa espécie de continuum existencial, como diria John Dewey. O convite para lecionar História da Educação na UNITAU abriu as portas para a pesquisa e o ensino superior, me motivando a prosseguir com meus estudos, culminando no mestrado e doutorado, participação em bancas examinadoras, e coordenação de departamentos.

As bancas começaram a me exigir muito, ampliar a bibliografia, criatividade para sugerir encaminhamentos. Especialmente as bancas de qualificação me ajudaram muito a crescer. Depois fui para a PUC São Paulo também, onde fiz meu mestrado e doutorado. É uma uni-

versidade que gosto muito, e comecei a trabalhar lá também. Tudo isso me envolveu num universo acadêmico muito exigente do ponto de vista da produção científica. Que se formos avaliar bem é uma ditadura que se impõe. Todo esse clima acadêmico passou a exigir de mim aprimoramento, treinamento, estudo, ampliar a biblioteca pessoal, comprar livros. Inclusive, me motivou a fazer o pós-doutoramento. E com os contatos que fui estabelecendo internacionalmente, o professor Justino Magalhães, de Portugal, foi o que me acolheu. Fiquei cinco meses em Portugal, onde fiz meu pós-doutoramento.

Enfim, acho que o ensino superior me acolheu e me fez olhar a educação, o ensino, a pesquisa científica de outra forma. Existe uma relação entre essas temáticas que citei, porque a história da educação sempre me acompanhou e me aprimorei muito nessa área. Li autores, acompanhei congressos regionais, nacionais e internacionais de História da Educação. Fiz contatos, ampliei uma rede nacional e internacional, especialmente Portugal e Espanha. O que estudei no mestrado, no doutorado e no pós-doutoramento, teve relação direta com a História da Educação. E nesse aspecto, acho que sou uma pessoa realizada do ponto de vista profissional, acadêmico, porque passei por quase tudo, pela graduação, pelo mestrado, pelo doutorado, pelo pós-doutoramento.

Hierarquicamente, do ponto de vista acadêmico, alcei aqui na universidade as funções de Diretor de Departamento, e atualmente, Diretor de Instituto Básico de Humanidades, e professor titular. No ano passado alcei essa função, essa categoria, que me honra muito aqui na Unitau.

Interessante pensar que a criação dos institutos nas três áreas do conhecimento ocorreu após uma reorganização institucional no início dos anos 2000, liderada pelo professor Nivaldo Zollner, então reitor. A formação básica, oferecida pelos institutos, foi fundamental para fortalecer as áreas de conhecimento. Um exemplo é o Instituto que, atualmente, sou diretor, responsável por coordenar a oferta de disciplinas da área básica das Humanidades, presentes em diferentes cursos. Esse modelo garante a interdisciplinaridade e a articulação entre disciplinas básicas e específicas.

Paralelamente a essa trajetória institucional, tenho um outro forte vínculo com a Unitau. Assumi a coordenação do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH), em 2003, coincidentemente com a conclusão do meu doutorado (agosto de 2003). A professora Maria Célia, então pró-reitora de extensão — atualmente aposentada do Departamento de Serviço Social — me convidou para o cargo. O CDPH sempre esteve vinculado à Pró-Reitoria de Extensão. Na época, também estava assumindo a direção do Departamento de Pedagogia, devido à minha atuação em História da Educação. A professora Maria Célia me convidou para assumir a coordenação do CDPH, pois a professora Olga Rodrigues havia deixado a Unitau e o centro carecia de liderança. Aceitei o convite e, a partir de 2003, iniciei meu trabalho no CDPH.

Considero relevante destacar que o CDPH contribuiu significativamente para meu desenvolvimento profissional, especialmente no que tange ao conhecimento da história regional. Minha especialização em História da Educação, particularmente a brasileira, do período de 1920 a 1930, foi ampliada através do trabalho no CDPH, que me conduziu a trilhar os caminhos da pesquisa histórica regional. Aprendi a valorizar o arquivo como um repositório histórico e historiográfico que demanda preservação, tanto para pesquisas futuras quanto para o treinamento de estudantes na organização de arquivos e no trabalho com documentação e fontes. Fui fascinado pelas fontes impressas e pela documentação empírica. O CDPH se tor-

nou uma verdadeira escola para mim. Embora não tenha aprendido tudo sobre arquivologia, compreendi sua importância como ferramenta essencial para o historiador, não apenas como ciência, mas como instrumento de trabalho. O CDPH me ensinou isso. Por se tratar de um arquivo regional, fortaleceu minha relação com a história regional e minha carreira acadêmica.

O CDPH, fundado no final da década de 1980 pela professora Olga Rodrigues e pelo professor Carlos Rodrigues (Literatura), começou a reunir materiais como documentos, impressos, registros cartoriais e documentação escolar sobre a região. O acervo abarca temas como a história cultural local, Monteiro Lobato e as Semanas Monteiro Lobato, o cinema de Mazzaropi, a Companhia Taubaté Industrial (CTI), entre outros. O objetivo principal foi reunir documentação histórica sobre o Vale do Paraíba, com foco em Taubaté, abrangendo os aspectos econômicos, sociais e culturais da região. Atuando como um laboratório para a disciplina de História Regional, principalmente no curso de História, o CDPH também atende alunos de outras áreas, como Arquitetura (pesquisa sobre as plantas da CTI) e Comunicação Social (estudos sobre o cinema de Mazzaropi). Assim, o CDPH transcende as fronteiras da História, funcionando como um espaço interdisciplinar para a formação de pesquisadores que se dedicam ao estudo da região, do Vale do Paraíba e do Litoral Norte. Como docente nos programas de mestrado e doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Regional da UNITAU, acompanho os alunos em suas pesquisas utilizando as fontes do CDPH, principalmente a imprensa. Um de meus orientandos de graduação também realiza mestrado sob minha orientação, com foco na história do ensino superior na região.

O CDPH reuniu um acervo significativo sobre a história da Universidade de Taubaté. Neste ano de comemoração dos 50 anos da Unitau, contamos com documentação anterior a 1974, incluindo os primeiros cursos e faculdades que se uniram para formar a universidade como a conhecemos hoje. O Centro possui a documentação original que comprova o reconhecimento da Unitau como universidade, após a reunião de extensa documentação e sua submissão ao Conselho Estadual de Educação, órgão responsável pela fiscalização, normatização e reconhecimento de cursos no Estado de São Paulo. No início da década de 1970, Alfredo Balbi, José Alves e outros articularam esse processo, culminando na unificação das faculdades e na formação da Universidade de Taubaté. Assim, o CDPH é um laboratório que acolhe, organiza e disponibiliza um valioso acervo documental sobre a história da Unitau e de seus cursos. O material está organizado em séries e subséries, incluindo fotografias, currículos e planos de ensino. Como exemplo, todo o material referente ao Departamento de Odontologia está devidamente catalogado e disponível. O CDPH realiza exposições mensais; em junho de 2024, o tema foi “Professores”; em agosto, “Prédios”, e assim sucessivamente até dezembro, utilizando seu vasto acervo fotográfico. O acervo iconográfico é rico em material sobre cursos, professores, alunos, eventos e excursões pedagógicas.

Não me considero um historiador da UNITAU, mas sim um grande conhecedor de sua história. Quem possui a mais completa compreensão da história da universidade é o CDPH, com seu vasto acervo documental. Todos nós, a partir dos documentos disponíveis, podemos contribuir para a construção da história da instituição. A UNITAU, como qualquer instituição, vive uma história concreta e dialética, processual, diacrônica e sincrônica. Sua história demonstra mudanças e permanências, adaptando-se às transformações regionais. Em determinados momentos, a universidade exerceu influência regional significativa, posteriormente enfrentando a concorrência de outras instituições.

O Vale do Paraíba passou por transformações, com crescimento urbano e conurbação, exigindo adaptações por parte da universidade. A relação com o município foi importante em alguns momentos, difícil em outros, e até prejudicial, afetando sua autonomia. Mas a UNITAU, como qualquer instituição, enfrenta desafios e conquistas, fracassos e sucessos. Ao longo de seus 50 anos (a partir de 1974), formou muitos profissionais em diversas áreas. A universidade possui um legado que merece ser preservado e valorizado. Precisamos olhar para o passado, mas também para o futuro, considerando as novas gerações. A UNITAU adapta-se às novas demandas, criando e reformulando cursos. A formação de professores e a área da saúde são dois grandes desafios para a universidade.

A Universidade de Taubaté me ensinou a lecionar em nível superior; a planejar e gerenciar uma equipe e departamentos e, de modo geral, a realizar gestão acadêmica. E mais, a Unitau que me incentivou à formação acadêmica. Dizia antes, se tivesse permanecido na educação básica, não teria feito mestrado, não teria feito doutorado, não teria feito pós-doutoramento e não estava nos cursos de pós-graduação, participando de bancas, formando novos pesquisadores. Tenho muita honra de trabalhar aqui, me sinto realizado como professor de ensino superior. Devo muito a ela. Após 50 anos, 32 deles foram dedicados à UNITAU; é uma trajetória longa e gratificante.

A Unitau é a minha universidade! É a minha casa. Dos 50 anos de sua existência, estive 32 deles participando e contribuindo para sua história. É uma trajetória longa.

39

Mércia
Oliveira

Sou a professora Mércia Aparecida da Cunha Oliveira, com uma longa trajetória acadêmica na UNITAU.

Iniciei minha trajetória acadêmica na Faculdade de Filosofia, participando desde o início da criação da UNITAU, junto ao meu marido, o professor Antônio Marmo de Oliveira. Ele participava ativamente das discussões sobre a importância da Unitau e seu papel como universidade, e, desde então, estive presente acompanhando essas reflexões. Minha formação começou com Ciências Biológicas, e, posteriormente, concluí o curso de Pedagogia, já com a UNITAU formalizada como universidade.

O envolvimento e dedicação do meu marido, professor Marmo, foram fundamentais na minha trajetória e no fortalecimento da UNITAU. Ele participou ativamente das discussões que pavimentaram o caminho para a criação da universidade, juntamente com outros professores renomados, como o Professor Dr. Bonato e o professor Joffre Forquim. Com um forte compromisso com a ética e o desenvolvimento da instituição, ele recusou até mesmo um convite para lecionar em uma universidade em Portugal, decisão que fez com que ele permanecesse integralmente dedicado à UNITAU.

Assim, depois que voltei para cursar Pedagogia, me especializei na área de Educação Especial. Quando estava no quarto ano, uma professora me convidou para atuar como monitora, o que fortaleceu meu vínculo com o campo. Concluí também uma especialização em Psicopedagogia na UNITAU, que fundamentou minha atuação em clínicas e escolas, propiciando uma base sólida para a prática educativa.

Em 1986, fui chamada para compor o quadro de professores da Educação Especial, iniciando um envolvimento mais profundo com a instituição, onde meus filhos também estudaram. Desenvolvi um trabalho intenso com grupos de estudos e encontros pedagógicos, chegando a organizar eventos de grande porte com

renomados educadores como o Professor Dr. Mário Sérgio Cortella e Professora Dra. Ana Maria Saul, ambos da PUCSP, a Professora Dra. Leny Magalhães Mrech da USP, Professor Dr. Luiz Carlos Cagliari da Unicamp. Fui também responsável pela criação do diretório acadêmico da Pedagogia, integrando alunos e promovendo um ambiente colaborativo.

Devido à minha experiência em clínica e escolas, fui a primeira docente na área de Psicopedagogia na UNITAU. Coordenei o curso de especialização em Psicopedagogia por 25 anos, atraindo alunos de diversos municípios, que sempre se beneficiaram do curso, especialmente devido ao conhecimento profissional de prefeituras que valorizavam a formação continuada.

Na ocasião da criação do Mestrado Profissional em Educação, fui convidada para desenvolver levantamentos bibliográficos e elaboração de ementas, ao lado de colegas como as professoras Roseli Albino dos Santos e Suelene Donola Mendonça, na área de Educação Especial.

Em paralelo, assumi a direção da Escola FEGO Camargo.

Uma outra experiência profissional muito significativa foi ser diretora do Colégio Balbi. Lá, promovi mudanças significativas, incluindo a implementação de um Grêmio Estudantil ativo e o projeto para uma escola de aplicação; a reestruturação do laboratório de patologia clínica, que, a pedido dos alunos e com o apoio da administração, foi transferido para facilitar o acesso. A dedicação dos alunos era tamanha que prestaram homenagem colocando meu nome no laboratório.

Ao longo dos anos, acompanhei e participei da formação de inúmeros alunos que, mesmo após concluírem seus estudos, mantêm contato e compartilham suas conquistas. Um caso que me enche de orgulho é o de um aluno surdo, que venceu inúmeras dificuldades e atualmente está em processo de qualificação para o mestrado em Educação na USP, sempre demonstrando gratidão pela formação que recebeu.

A UNITAU sempre foi muito mais que um local de trabalho para mim; tornou-se uma instituição de grande valor afetivo e profissional para toda a minha família, pois meus filhos também se formaram nela. Como dizia meu marido, nós passamos, mas a instituição permanece. Ele dedicou sua vida à UNITAU, recusando oportunidades internacionais por compromisso ético com a universidade e atuando na pesquisa e extensão.

Agradeço pela oportunidade de compartilhar essa história e pela lembrança do professor Marmo, um esteio, um pilar para o desenvolvimento da universidade. Marmo criou o primeiro grupo de pesquisa de Linguística e Matemática da UNITAU,

com a Professora Dra. Maria San Martin e o Professor Gíglío ambos do curso de Letras. Ele foi um grande educador e sempre esteve comprometido com o avanço da UNITAU, tanto na pesquisa, lutando por bolsas de estudo, quanto na extensão, tendo deixado um legado que enriquece a instituição até hoje. A universidade era um amor dele.

Com 50 anos de trajetória, a UNITAU é um bem de Taubaté, criada por taubateanos com muita determinação. Desejo que a instituição perdure por muitas décadas, enfrentando os desafios da modernidade e mantendo seu compromisso com a educação de qualidade, a pesquisa e a extensão. E que continue sendo respeitada.

Sinto-me grata por ter feito parte dessa história e espero que ela continue inspirando futuras gerações.

40

Michelle Sampaio

Eu sou Michelle Sampaio, jornalista formada pela Universidade de Taubaté e estou em contato com a Universidade desde 1997.

Sou nascida e criada em Guaratinguetá-SP. Morei um ano em Curitiba, no Paraná, onde em 1996, eu e minha família vivemos uma tragédia. Perdemos minha irmã caçula em um acidente de carro, ela e outros seis jovens morreram na hora. E essa história tem ligação direta com a minha trajetória na Universidade de Taubaté. Na época do acidente, minha irmã tinha 15 anos e eu 17, estava prestes a prestar vestibular. Com a morte da minha irmã, nossa família decidiu retornar ao nosso núcleo familiar, em Guaratinguetá, onde estavam nossos avós, tios, parentes e amigos. Quando retornamos, tomei a decisão de ficar próxima dos meus pais, em Guará, e queria estudar por perto. Uma das possibilidades era a Universidade de Taubaté, uma instituição de prestígio, reconhecida na cidade e na região por ter um bom ensino. Foi então que prestei vestibular, mas para Educação Física.

Sim, primeiro fui cursar Educação Física. Na época gostava muito de esportes, de ir à academia, praticava aeróbica, competição de enduro de bicicleta, trekking a pé, adorava esportes radicais e participava de muitas competições esportivas. Esporte era uma das minhas paixões e achei que poderia ser um caminho profissional. Tinha um sonho de um dia ter uma academia. Quando de fato entrei na Universidade de Taubaté, no prédio do Bom Conselho, comecei a ter contato com o curso de fato, e percebi que não tinha a ver comigo. Pensei em trancar, mas em conversa com os meus pais decidi terminar o primeiro ano de Educação Física. Eu ia muito bem nas aulas práticas, mas as aulas de biologia e anatomia não tinham nada a ver comigo. No final do ano, ainda cursando Educação Física, fui fazer um desfile para uma confecção de roupas e conheci uma jornalista, conversamos e

passsei a me interessar mais pela profissão. Eu iria prestar vestibular de novo na Universidade de Taubaté, mas dessa vez seria para Publicidade e Propaganda. Depois dessa conversa e de pesquisar mais sobre Jornalismo, optei pelo Jornalismo. Passei!

No primeiro dia de aula, quando pisei na Universidade de Taubaté, no prédio antigo da Comunicação, pensei “aqui é meu lugar, daqui eu não saio”. Senti uma energia muito boa, gostei demais dos professores, do departamento, me senti acolhida, interessada pelas matérias, pelas atividades. Criei uma conexão muito grande com os meus amigos, com os professores, e foi incrível viver os 4 anos no Departamento de Comunicação. Me formei feliz e ainda tive a honra de receber o diploma de Destaque do Curso de Jornalismo. Para os meus pais foi um orgulho enorme quando chamaram “Michelle Sampaio”! Para mim também, porque me dediquei bastante, não era a aluna que só tirava 10, mas era muito participativa. Estudava, tirava notas boas, me envolvia muito nas atividades da universidade, nos cursos, nos treinamentos, nas palestras, nas vivências, nos estágios, nas viagens, nos congressos. Isso porque me apaixonei pela universidade, pelo curso de jornalismo. Vivi muito tudo aquilo e concluí o curso com o diploma de aluna destaque foi mágico, maravilhoso.

A maneira como a Unitau apresentava o conteúdo para nós alunos foi o que fez diferença na minha vida e me fez gostar do Jornalismo e ter apreço pela profissão. Além de ter professores extremamente atualizados com o mercado de trabalho, que nos incentivavam nessas vivências e a realmente nos interessarmos pelos diversos conteúdos. Só não se envolvia quem não queria, e eu realmente aproveitei ao máximo tudo! Para mim essa foi a grande diferença no curso!

A atividade que eu mais gostava era TV, estar dentro do estúdio de televisão da Universidade de Taubaté era muito bom sempre. Naquela época, tínhamos o Roberto Donzelini – o famoso Betão - que cuidava do estúdio. Adoro demais o Beto, ele já era um ícone e queridinho dos alunos, a gente era super parceiro, ele ficou muitos anos na universidade e eu tive a honra de estar ao lado dele nesses 4 anos de universidade. Recordo que eu não saía do estúdio, aprendia muito e dava muitas gargalhadas com ele! Lá também tive aula com o professor Maurílio Láua, que me levou para um estágio na televisão. Um grande professor, um grande amigo hoje, Assim, desde muito cedo tive contato com a área que escolhi para seguir carreira, a televisão e assim construí a minha vida e carreira na televisão. Foram quase 25 anos de TV e tudo começou na Universidade de Taubaté. Devo muito à universidade, aos professores, aos meus colegas.

Ser aluna da Unitau mudou a minha vida, foi muito prazeroso estar aqui e vivenciar tudo que vivenciei. Foi muito bom mesmo! Vinha de um momento muito doloroso, tinha perdido a minha irmã caçula, e para nossa família essa tragédia nos machucou muito, e aqui me senti em casa. Gostei da energia do departamento, das pessoas, dos professores, de todo mundo que nos ajudava no dia a dia nas atividades. Amava fazer os trabalhos, escrever reportagens, gravar, fazer rádio, revista. Era demais! Sempre quando falo do Departamento de Comunicação penso nessa energia lá em cima. Trabalho com comunicação hoje, com foco no desenvolvimento humano. Então, penso nessa energia. As pessoas eram alegres, era muito bom estar ali. Os intervalos eram muito interativos, tinha música, baralho. Recordo estes momentos, eu sempre queria fazer tudo, só tenho recordações positivas do Departamento.

No primeiro ano da universidade, residindo em Guará, trabalhava em um jornal impresso. Fiz estágio escrevendo reportagens e, posteriormente, passei a escrever uma coluna social jo-

vem, inspirada no trabalho de José Luiz de Souza, jornalista do Vale Paraibano (na época, ainda não era “O Vale”). Tive a oportunidade de criar uma coluna voltada para o público adolescente, abordando temas de interesse dos jovens, já que havia muitas opções para o público adulto, mas quase nenhuma para os jovens. Comecei a divulgar eventos e festas, estabelecendo meu primeiro contato com o jornalismo profissional. Escrevi reportagens e realizei entrevistas. Minha primeira reportagem foi sobre Frei Galvão, com um padre em Guaratinguetá. Foi marcante para mim, minha cidade natal. Depois, o professor Marcelo Pimentel também me indicou para trabalhar em uma revista, e comecei como repórter ainda durante a graduação. Fiz uma reportagem com o ator Valmor Chagas, hoje falecido, em uma pousada em Guaratinguetá. O professor Maurílio Láua, que dava aulas de televisão, me convidou para participar de um programa que ele tinha chamado “Vídeo Repórter”, e que era transmitido pela extinta TV Setorial (retransmissora da TV Educativa do Rio de Janeiro. O Maurílio trabalhava na Universidade de Taubaté e na televisão, e me indicou, oferecendo um importante pontapé inicial para minha carreira. Sempre o admirei muito como pessoal e profissional. Esse trabalho me tornou apresentadora da TV Setorial, atualmente TV Novo Tempo. Após a formatura, fiz um intercâmbio na Nova Zelândia para aprimorar meu inglês. Ao retornar, surgiu uma oportunidade na TV Vanguarda, que estava contratando jornalistas para a abertura de sua filial em Taubaté. Após um teste, fui contratada e trabalhei na emissora por quase 17 anos. O início foi desafiador, mas muito do que sei aprendi durante esse período. Mas tudo começou na Universidade de Taubaté.

Meus primeiros anos na TV Vanguarda foram um grande desafio. Era muito jovem e recém-formada. Minha experiência na Universidade e na TV Setorial (atualmente TV Novo Tempo) foram fundamentais. Embora houvesse reconhecimento do meu talento, os padrões eram muito mais rígidos na época do que são atualmente, com o advento da internet e a mudança nos meios de comunicação tudo foi mudando. Adaptar-me a esses padrões foi um desafio considerável, e exigiu paciência e resiliência da minha parte. Foi um processo de aprendizado intenso, e me orgulho de ter construído uma carreira vitoriosa e brilhante na emissora, onde trabalhei por mais de 16 anos.

Ser reconhecida nas ruas pelas pessoas foi algo especial. A televisão era um fenômeno cultural, e a visibilidade gerada pela TV me proporcionou grande reconhecimento público. A responsabilidade era grande, mas também era muito prazeroso ter essa relação com os telespectadores. As pessoas sempre foram muito gentis, pedindo autógrafos, fotos e compartilhando lembranças positivas. Ainda hoje, encontro pessoas que me lembram de momentos na televisão. Em quase 17 anos na emissora, nunca tive problemas com o público, sempre fui muito respeitada e querida. Nunca desejei sair de lá. A TV Vanguarda sempre foi meu local de trabalho ideal. Após a gravidez de minha filha, Antonella, as coisas mudaram, e precisei me dedicar a funções mais internas, atendendo a diretoria. Posteriormente, voltei à reportagem e depois à apresentação, mas por pouco tempo. Acredito que tudo o que vivi fez parte do meu processo de crescimento pessoal.

O que sempre me marcou muito? As coberturas que fazíamos das festas da Padroeira, a emoção das pessoas e os depoimentos sempre me emocionavam muito. Acompanhei as visitas dos Papas e a experiência da redação e fora dela foi emocionante. Em São José, tive um momento marcante: fui escolhida pela TV Vanguarda para entregar uma placa para o Rei Roberto Carlos, uma pessoa que gosto e admiro muito também. Parar o show do Rei e entregar a homenagem foi incrível. A repercussão foi imensa, meu celular transbordava de mensagens,

demonstrando o impacto do Rei e o reconhecimento do meu trabalho também. Mas tive inúmeros momentos que me marcaram também. Acho que pessoalmente foi viver minha gravidez na televisão. Isso também foi memorável, com grande repercussão e interação com o público, especialmente com o surgimento das redes sociais. Tudo que postávamos era audiência, porque a Antonella estava na minha barriga e qualquer post dava muita curtida, muito comentário, era o início das redes sociais na televisão. Foi incrível também!

Agradeço aos diretores da TV Vanguarda por todo o apoio e oportunidade de crescimento que me deram. Embora o fim da minha trajetória na emissora não tenha sido como eu gostaria, tudo está resolvido e a página, virada. Sou grata à Deus, aos meus pais, à minha família e todos os profissionais e pessoas que contribuíram para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Após deixar a TV Vanguarda, iniciei uma nova carreira em treinamentos de comunicação de alta performance. Atualmente, trabalho com times e empresas, auxiliando no desenvolvimento da comunicação interna e auxiliando profissionais a se comunicarem de forma melhor e mais eficaz. Essa área é muito desafiadora, mas se relaciona diretamente com meu desenvolvimento humano. Atribuo meu sucesso, em parte, à maneira como me comunico, buscando sempre ser gentil e agradável. Isso vem do meu caráter e da educação que recebi dos meus pais. Essa comunicação respeitosa e educada, provavelmente aprendi muito na infância e me desenvolvi, com certeza contribuiu para minhas relações interpessoais. Sou grata pelas oportunidades que tive na universidade e na televisão, e pelo desenvolvimento profissional que elas me proporcionaram.

Cora Coralina falava muito de que não faz sentido nós deixarmos o conhecimento só conosco, temos que passar adiante, e acredito muito nisso, tenho muito contato com estudantes. Assim, compartilho meu conhecimento com estudantes, atendendo a convites de universidades para palestras e debates, e por isso já voltei muitas vezes à Unitau. Faz parte do propósito de vida que é a comunicação e comunicar com gentileza, passar para frente o aprendizado que tive, retribuir para o mundo o que recebi de outras pessoas de um jeito nobre. Há 25 anos no mercado, percebo diferenças significativas na aspiração profissional dos estudantes. Há duas décadas, a televisão era muito procurada; hoje, há mais interesse em áreas como o jornalismo esportivo e o mercado de youtubers. Contudo, interagir com os estudantes é gratificante, pois posso ajudá-los a visualizar suas trajetórias futuras e inspirá-los a trilhar caminhos adequados.

Sou uma pessoa realizada, com uma família unida e feliz, amigos extraordinários e uma filha maravilhosa. A maternidade me tornou uma pessoa melhor. Agradeço por tudo que vivi e aprendi.

Agradeço profundamente à Universidade de Taubaté, aos professores e colegas. A Unitau transformou minha vida. Sinto-me acolhida, mais feliz e mais conectada com meu propósito de vida, após ter frequentado a universidade. A Unitau foi fundamental em um momento desafiador de minha vida. A universidade continua a ser muito importante para mim.

Há várias palavras para descrever a Unitau para mim, mas a principal é “transformação”, seguida de ética, cidadania, aprendizado, amor, carinho e conexão.

41

Paulo Fortes

Eu sou Paulo Fortes Neto, estou na UNICAMP desde 1984. Entrei como aluno do curso de Agronomia, no departamento de Ciências Agrárias. Depois retornei como professor em 1992, para introduzir a disciplina Microbiologia Agrícola, que era uma novidade na época. Logo comecei a fazer projetos de pesquisa, principalmente na área de reciclagem agrícola de resíduos orgânicos, para transformar resíduos em produtos para serem utilizados com segurança na agricultura.

Nunca esqueço, no primeiro ano de Agronomia, o professor de Iniciação Ciências Agrárias propôs para cada aluno falar sobre um tema: adubação nitrogenada, adubação de fósforo, adubação de potássio e, para mim, caiu matéria orgânica. Não sabia o que era matéria orgânica e fui estudar e acabei descobrindo que ela está presente no lodo de esgoto, lixo urbano e nos esterco dos animais de criação e que quando colocado em contato com as minhocas eles são transformados biologicamente em vermicomposto.

O interessante é que estou até hoje trabalhando com matéria orgânica. Fiz o mestrado na Federal do Rio Grande do Sul, em Microbiologia Agrícola e do Ambiente, com compostagem de resíduos urbano e depois de quatro anos o doutorado na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luíz de Queiroz), na USP em Piracicaba, com aplicação de lodo de esgoto em reflorestamento de eucalipto. O interessante que até hoje, essa pesquisa ainda é relevante, pois ela está relacionada aos conceitos de economia circular. Como por exemplo o conceito de desviar, do aterro, tudo aquilo que tem qualidade para ser reciclado e transformado em fertilizantes orgânicos. Esse viés agrícola dos resíduos orgânicos é interessante, pois verifica se ele é bom para a agricultura, e não se a agricultura é boa para o resíduo. É um trabalho que tem que ter uma qualidade técnica para realizar, pois os resíduos orgânicos têm que ter qualidade agroambiental para ser

utilizado na agricultura.

Orientei alunos de graduação e pós-graduação. Vários alunos atuaram comigo. Mas posso dizer que foi lá na graduação, nos primeiros semestres, que me identifiquei com a Agronomia e com o que estou fazendo até hoje. Inclusive, publiquei vários artigos e livros sobre a reciclagem agrícola de lodo de esgoto e recentemente foi publicado um livro sobre a utilização do lodo de malteria nas culturas de milho e sorgo.

Sou natural de Iguape, Vale do Ribeira, litoral sul de São Paulo. Quando saí de lá, os colegas achavam que eu era paranaense, pois não pronunciava “ti” e sim “te”, talvez isto deve-se ao fato que a minha cidade fica próxima da divisa entre São Paulo com o Paraná. Meu sotaque vem daquela região do Vale do Ribeira, uma região pobre em recursos financeiros, mas rica em recursos naturais e biodiversidade. Este foi o motivo pelo qual optei pela Agronomia.

Desde pequeno, um parente me chamava a atenção. Ele guiava pesquisadores que estavam atrás de uma formiga que tem uma manchinha amarela nas costas, de um passarinho ou de uma planta com característica muito específica. E não eram só pesquisadores brasileiros, mas também estrangeiros. Eu pensava sobre o que estes pesquisadores estavam vendo naquele “mato”. Pois quem morava lá não reconhecia a importância destes recursos naturais.

Pensava sempre em seguir uma carreira que abordasse a questão ambiental. Tinha um curso no Rio de Janeiro chamado História Natural. Pensei em me inscrever, só que ele foi extinto. Quando analisei quais profissões estariam mais direcionadas com essa temática, vi que durante a formação do Engenheiro Agrônomo, ele estuda a atmosfera, a água, a terra, a fauna e a flora. Decidi então que esta seria a minha profissão, ainda mais depois que a questão ambiental ampliou a área de atuação do Agrônomo.

Na época das inscrições para o vestibular, estava em São Paulo fazendo cursinho, e vi que, em Taubaté, tinha Agronomia, que estava ainda em formação, mas já tinha muitos professores com nível de excelência. Foi aí que acabei me inscrevendo, vindo para cá. Fiz o vestibular no prédio de Ciências Jurídicas.

Quando já era aluno da UNITAU, organizei e participei de uma palestra sobre criação de peixes de água salgada em tanque com água doce, após a explicação do pesquisador levantei a mão e perguntei, porque a tainha pula fora da água e ele respondeu que não sabia, mas ele achava que era a alegria de viver. Depois desta pergunta ele me convidou para estagiar num projeto sobre criação de tainhas em tanques de água doce como já era feito com as tilápias.

Tínhamos um grupo de alunos na Agronomia. Na época, um colega começou a criar abelhas na apicultura. Tinha outro colega que estudava fibra da juta, outro, feijão japonês. Via vários alunos fazendo pesquisa e acabei indo para o lado da criação de minhoca. Pegava esterco e restos de culturas agrícolas e podas de gramas do campus e colocava para as minhocas transformarem estes resíduos orgânicos em fertilizantes orgânicos (vermicomposto).

É muito importante essa questão da participação dos alunos em conjunto com os professores no desenvolvimento de pesquisa e extensão. A gente sempre procura envolver todo aluno do primeiro ano em um trabalho prático de pesquisa. Aí já vira um trabalho científico, que ele pode apresentar no nosso Cicted (Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento). Comigo aconteceu isso. Lembro que estava no primeiro ano e o professor José Damião e a professora Marlene Cristina Alves tinham feito mestrado lá em Porto Alegre, na Federal Rio

Grande do Sul, na área de solos. E eu fazia parte do grupo deles em um projeto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Nunca esqueço no dia que chegamos às seis da manhã no departamento e começamos a montar um experimento. Fomos até oito da noite para finalizar todo o plantio. Lembro que a professora teve que ligar o farol da Brasília para conseguirmos finalizar o experimento. Essa era a motivação, fazer alguma coisa prática, coletar os dados e depois transformá-los em resultados e fazer as análises no laboratório.

Um dia, a professora Marlene pegou os meus resultados e me chamou e disse que dava para apresentá-los em um congresso. Fizemos o resumo e fomos participar do VII Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Ciências Agrárias (CBICA) na Universidade Federal da Paraíba. Na época, não tínhamos um planejamento de como iríamos para a Paraíba, não tínhamos dinheiro. Ficamos na reitoria esperando o reitor Professor Milton Chagas nos atender, das oito da manhã até às cinco da tarde. Lembro que ele fez um cheque para gente utilizar na alimentação, pagar a inscrição e a viagem. Ficamos felizes da vida! Depois ele nos apoiou bastante, uma característica que chama a atenção do professor Milton Chagas é que ele sabia o nome de todos os alunos.

Fui bem tratado por todos os reitores, o professor Francisco Pinto Barbosa, o professor Antônio Marmo de Oliveira, o professor Nivaldo Zollner corinthiano igual a mim, a professora Maria Lucila Junqueira Barbosa e o professor José Rui Camargo. Não sei se é pelo meu temperamento, mas tudo que nos pedíamos para desenvolver na Universidade teve apoio. A atual reitora Nara Lúcia Perondi Fortes, nem se fala. Até com os pró-reitores, nunca houve um inconveniente nesse sentido. Todos foram excelentes para mim.

O professor Milton, uma vez, alugou um ônibus e circulou por toda a Universidade com os professores mais jovens. Depois, paramos em um restaurante, lá pelas duas horas da tarde, para almoçar. Foi uma festa. Todos os professores acabaram conhecendo os departamentos. Esta ação fez gente visualizar a Universidade como um todo e isto fez muita diferença!

Como fazia o trabalho com esses dois professores, Damião e Cristina, que fizeram mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eles me falaram para fazer o mestrado e depois voltar para a UNITAU como professor, para dar aula e abrir a disciplina Microbiologia Agrícola. Lembro que estava passando pelo corredor da Agronomia e vi o cartaz da Federal do Rio Grande do Sul, falando sobre o curso de Microbiologia Agrícola do Ambiente. Fiquei sabendo que era o primeiro curso de pós-graduação nessa área. Decidi então em me inscrever.

Na época, não tinha internet, a mãe de um amigo que era secretária da Ford pediu para eu entregar as minhas informações para ela “bater na máquina eletrônica” e montar o meu currículo. Também peguei três cartas de apresentação de pesquisadores que me orientaram nos estágios realizados no Instituto Agrônomo de Campinas. Preparei a documentação e enviei pelo correio. Depois no finzinho de novembro chegou à carta dizendo que eu tinha sido aceito na pós-graduação.

O pior é que fiquei de exame em Administração Rural. Se não passasse, não ia adiantar nada. Chegou o dia do exame e consegui nota no limite e passei. Fui para a pós. Naquele tempo, tinha aquela música: “Deu pra ti, baixo astral, vou pra Porto Alegre, tchau”. Eu passava no corredor e cantava para os amigos!

Na verdade, eu tinha passado na Federal do Pará, em Belém, na área de Solos, e também tinha passado na Federal do Rio Grande do Sul, em Microbiologia Agrícola do Ambiente. Mas não fui para Belém porque achei que era muito calor. Porém quando cheguei em Porto Alegre, em janeiro, aquilo era um forno, era um sol e um calor imenso. Acho que era mais quente que o Pará, no verão.

Acabei entrando na pós-graduação. O que me chamou a atenção é que, quando entrei nesse curso, passava no corredor e olhava na porta o nome dos professores, que eu via nos artigos científicos. Dava até medo de bater na porta! Foi uma experiência interessante.

Nunca esqueço que, quando cheguei, não tinha bolsa. Já em Porto Alegre, nas primeiras semanas, o professor que foi meu orientador, na UFRGS, falou que iria arrumar um quarto na casa dos estudantes, porque estava todo mundo de férias. Ele me apresentou para os alunos, que me aceitaram e fiquei lá.

Aí eles me falaram que quando chegasse em março, fariam uma entrevista para ver se eu me enquadrava. Eu me enturmei e comecei a jogar futebol para o time da casa. O interessante é que eram os alunos que faziam essa organização da casa e no dia da entrevista, eles achavam que eu era da cidade de Caxias do Sul. Eu dizia que era de São Paulo e queriam que eu provasse. Tive que vir para casa, pegar meus documentos e provar que era de São Paulo. Eles me aceitaram e acabei morando lá até que saísse a bolsa.

Depois com a bolsa alugamos um apartamento. Fizemos amizades muito boas na UFRGS. Amizades que continuaram. Foi muito interessante aquela vivência não só de aula, mas o extra-aula.

Fiz o mestrado em dois anos. O Chefe de Departamento da Agronomia professor Luís Antônio Torres da Silva que também me indicou para ir fazer o mestrado, falou que eu poderia voltar para a UNITAU, porque teria uma mudança curricular e eu poderia colaborar com a criação da disciplina Microbiologia Agrícola. Acabei sendo contratado no dia 26/02/1992 e comecei a dar aula aqui no Departamento de Ciências Agrárias.

Em 1997, houve os concursos, mas eu já estava dando aulas desde 1992 e tinha 20 horas. A Nara, agora minha esposa, na época estava na UFRGS, para terminar a dissertação de mestrado. A oportunidade para a Nara vir para a UNITAU, ocorreu porque o professor que dava a disciplina Fitopatologia foi para a UNESP de Botucatu e com isso abriu uma vaga para contratar um professor. Assim o chefe do departamento professor Luciano Ricardo Marcondes da Silva me chamou e perguntou se a Nara não queria vir para assumir a disciplina, pois a contratação poderia ocorrer sem problema, porque eles pegariam as minhas 20 horas e dividiriam 10 para cada um e assim o orçamento familiar não ficaria comprometido. Ela veio em 1993 e assumiu a disciplina de Fitopatologia, e eu Microbiologia Agrícola. Tocamos, juntos, o Departamento de Ciências Agrárias, com o grupo de professores da época.

Como aluno, ainda em 1984, fizemos o V Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Ciências Agrárias, chamado CIBICA. Depois, em 1992, como professor, organizamos no Departamento de Ciências Agrárias a III Reunião Paulista de Iniciação Científica em Ciências Agrárias. Em 1996, apresentamos uma proposta para a Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação Professora Maria San Martin, para montar o I Encontro de Iniciação Científica da UNITAU e tinha como objetivo apresentar ao público interno e externo o que os professores estavam produzindo.

do de pesquisas. Foi aí que surgiu o primeiro encontro de Iniciação Científica, que deu origem ao Cicted. Eu era o presidente da comissão e tinha o professor Wilton Ney do Amaral Pereira que agilizava as coisas. Eu falava que ele era o primeiro-ministro. Nós ficávamos naquela expectativa, pois o prazo para entregar os trabalhos já estava chegando no limite e professores não entregavam os resumos. O trabalho devia ser entregue no Departamento da JUTA, porque o primeiro encontro foi realizado nas dependências daquele departamento.

Nunca esqueço que foi uma professora do curso de Biologia a primeira a chegar e a entregar o resumo. Depois começaram a vir os outros. Com os resumos montamos os anais, pois tivemos uma quantidade de resumos que superaram as expectativas. Eram estudos internos da Universidade, dos professores das várias áreas, exatas, humanas e biociências. Teve repercussão, os alunos como autores apresentaram os trabalhos em forma de painéis e circularam como ouvintes pelo evento. Não havia muitos trabalhos externos, pois o objetivo era para conhecer como estavam as nossas produções.

Essa ideia foi crescendo a cada ano. Sempre chamávamos um convidado para fazer a palestra magna. Nesse primeiro, foi um professor de solos, mas ele era um pouco filósofo, chamado professor Zilmar Ziller Marcos, que infelizmente faleceu no início de 2024. Ele veio falar sobre ciência. Foi o primeiro palestrante desses encontros. Nós tivemos também depois outros cientistas como Professor Crodowaldo Pavan, um geneticista famoso, o Professor Flávio Fava de Moraes, que foi presidente da FAPESP e o Reitor da UNICAMP Professor Carlos Henrique de Brito Cruz era fã do professor Antônio Marmo de Oliveira, que foi reitor aqui.

A maioria dos cientistas, quando vinham nesses eventos, falavam muito bem do professor Antônio Marmo de Oliveira, que também tinha dado aula para eles. Isso ajudava, era importante ter nomes de referência, para dar impacto ao evento.

Em 1994, fizemos o primeiro trabalho de coleta seletiva para a Universidade. Recebemos toneladas plásticas de 200 litros. Eu e a Nara os pintamos de vermelho, verde, azul e amarelo para colocar nos departamentos. Fizemos uma etiqueta pintada à mão e distribuimos por toda a Universidade. Ainda nesses dias, achei um tonel desses, perdido, na Agronomia. O problema é que, naquela época, o município não tinha coleta seletiva, então, o material ficava estocado, e dava um trabalhão para tirar, para levar para os catadores. Acabamos recuando nessa proposta. Agora com a implantação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável teremos de retomar a coleta seletiva. Após introduzir esses temas no conteúdo do ensino de graduação, pesquisa e extensão, vamos ter realmente a prática, que seria a coleta seletiva. É uma proposta muito promissora, porque o município não tem essa coleta e isso ajuda a escoar os produtos.

Estamos fazendo um levantamento e estou interagindo com os professores. O que percebo é que não é só na nossa instituição, mas ainda há uma certa desinformação da importância de fazer a aderência a esses Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que é um assunto relativamente novo para muitos colegas. Sente-se um pouco essa resistência. Mas nós, professores, de uma forma geral, estamos falando sobre esse assunto, só que não estamos conectando com a aderência nos 17 ODS.

Estamos realizando o treinamento via o Profoco (Programa de Formação Continuada da UNITAU) já fizemos várias apresentações e simulações dizendo para os professores como fazer isso, porque temos o prazo até 2030 para ser cumprido. As instituições de ensino estão correndo

para se adequarem. E nós fazemos parte da Rede Brasileira de Universidades Sustentáveis. Isso é um ganho. Agora, estamos cadastrando a Universidade de Taubaté no Centro Sustentável do Caribe e da América Latina. Queremos dar esse passo.

O Centro de Estudos UNITAU Sustentável – CÉUS – surgiu justamente para dar esse engajamento. Temos informações que já estão refletindo na pesquisa, na extensão. É uma jornada para ser feita. A direção superior já abordou esse assunto, ela está irradiando para outros setores da universidade.

Uma experiência interessante foi o convite que recebi para ser secretário de Meio Ambiente de Taubaté. Não é ser convencido, mas eu sempre achei que, um dia, eu ia estar em um cargo similar a esse, pensava que ia ser lá na minha cidade. Porém quando entrei como secretário, tudo aquilo que eu falava em sala de aula, era o momento de aplicar. O interessante era que a maioria dos funcionários que estavam comigo na secretaria e os profissionais que precisavam das documentações para licenciamento foram meus alunos. Isso facilitava muito o diálogo, a conversa, para a gente poder desenvolver esse trabalho.

Realizamos um trabalho significativo no âmbito da preservação do meio ambiente, incluindo a elaboração do Plano Municipal de Mata Atlântica em Taubaté. Fizemos um levantamento que indicou um aumento de 22% na mata nativa da cidade, evidenciando um ganho importante na vegetação natural. Conseguimos financiamento para dois projetos voltados para a construção de fossas sépticas na área rural. Também desenvolvemos o Plano de Arborização urbana para Taubaté. Além disso, mais de 1.200 árvores das praças passaram por tomografias para avaliar a saúde das plantas. E implantamos o licenciamento para empreendimentos de pequeno e médio porte.

Sempre levo comigo a importância do conhecimento teórico para depois ser colocado em prática, lembro-me de quando estive em uma área de compostagem de uma indústria de celulose e a noite o tema da aula era sobre compostagem. Neste dia ocorreu um contratempo na via Dutra que quase me fez atrasar para a aula e, ao chegar, percebi que não teria tempo de tomar banho. Assim, fui direto para a universidade, mesmo sem sentir o cheiro do lodo que estava impregnado na roupa. Quando entrei na sala de aula os meus alunos ficaram impressionados e até brincaram sobre sair pela janela. Aproveitei essa oportunidade para ensinar sobre a realidade do gerenciamento de resíduos sólidos, conectando teoria à prática. Essa abordagem enriquece nossas aulas, tornando o conhecimento mais tangível e aplicável.

Esse conhecimento ajuda a dar segurança para as empresas, o que foi um constante elogio que ouvimos. Contávamos com grupos de professores da UNESP, USP e Federal do Paraná, cada um colaborando com essas empresas em áreas específicas que necessitavam de tratamento para os resíduos orgânicos. Minha área de especialização era transformar resíduos em produtos que pudessem beneficiar a agricultura.

Uma passagem que nunca esqueço foi quando estava no Centro Nacional de Energia na Agricultura e fui convidado a dar uma palestra sobre o uso de lodo na agricultura. Ao olhar a programação, percebi que apenas os grandes nomes do assunto estariam presentes. Fui convidado porque o professor Melfi, vice-reitor da USP, havia sido meu docente durante o doutorado. Ele veio a São José dos Campos para organizar um evento sobre o uso agrícola do lodo pela USP e quando ele perguntou para o engenheiro da SABESP se eles tinham testado o lodo na agricul-

tura eles responderão que sim e o estudo estava sendo realizado no Departamento de Ciências Agrárias da UNITAU.

Durante um evento na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo), o professor Melfi estava discursando e mencionou o nosso estudo como exemplo e me convidou para participar do evento. Naquele momento, eu não tinha nenhuma publicação sobre o tema, mas o fato de ele ter visitado a região e visto o que já estava sendo feito contribuiu bastante para essa oportunidade. Essa experiência também me marcou muito, ressaltando a importância dessas redes de colaboração entre as instituições.

Estar na UNITAU, uma instituição municipal, abriu muitas portas para mim. Lembro que, ao ingressar aqui, meu pai comentou que existiam apenas duas universidades municipais na América Latina: uma em Buenos Aires e a UNITAU. Após a Constituição de 1988, os municípios não podem mais criar universidades municipais, o que torna a nossa ainda mais especial. Taubaté realmente possui um patrimônio valioso.

O design do símbolo da UNITAU é harmônico; acho muito bonito e enxuto. O escudo da UNITAU, me parece, foi desenhado pelo professor San Martín. Lembro que durante suas aulas, ele costumava desenhar polias, e quando saía, dava até pena de apagar a lousa, pois eram desenhos perfeitos.

A UNITAU é um patrimônio da cidade, ela proporcionou todas essas possibilidades. Eu não seria o que sou se não fosse a UNITAU. A gente viu várias transformações e mudanças e sempre para o lado positivo, atendendo às exigências do Conselho Estadual, da CAPES, do MEC. Conseguimos caminhar, hoje podemos criar programas de pós-doutorado. Isso tudo é um ganho. Temos mais de 20 bolsas do CNPq, de Iniciação Científica. Na época que era aluno, esses dois professores, José Damião e Marlene Cristina Alves, montaram um projeto e solicitaram para o CNPq e vieram duas bolsas, e nós dividimos o valor da bolsa para quatro alunos.

Era muito difícil conseguir financiamento naquela época, porque eles falavam que a Universidade era nova, não tinha tradição em pesquisa, mas essa era a nossa realidade naquele momento e que conseguimos superar. Hoje nós temos bolsa do CNPq nas modalidades científica e tecnológica, bolsa CAPES nos nossos programas de pós-graduação. Talvez, quem não está envolvido com esse assunto não entenda, mas a exigência é enorme para conseguir isso. Assim, é possível ver que a Universidade está avançando, e precisamos falar para o nosso público, que ela é um patrimônio, que deve ter continuidade, seguindo esse caminho e sempre melhorando.

Sabemos que os recursos que sustentam a Universidade é vem das famílias ou dos salários dos nossos alunos. Por isso quando vamos fazer um trabalho, uma pesquisa, temos que pensar nisso. Vou lá fazer um orçamento para comprar algo, tenho que pensar que isso tudo vem dos nossos alunos. Ou seja, aquele investimento que foi feito na minha atividade, tem que refletir também para o desenvolvimento e a formação dos alunos. Temos essa preocupação.

Para mim, a UNITAU foi uma excelente oportunidade de fazer a vida acadêmica, com muita liberdade. Estou satisfeito com toda essa trajetória.

42

Quésia Kamimura

Meu nome é Quésia Postigo Kamimura e estou na Universidade de Taubaté desde 2003. Iniciei minha jornada como professora na Unitaú, no campus de Ubatuba, já que morava na cidade na época, e comecei na área de gestão e negócios. O que nos trouxe para Ubatuba foi o gosto meu e do meu esposo de estarmos mais próximos da natureza, da mata atlântica e do mar, em especial nossa conexão com o litoral norte paulista e a nossa casa na região, e, com o tempo, meus pais também se mudaram para a cidade, fortalecendo mais os laços da nossa família com a região.

Muita dessa decisão foi motivada pela busca por qualidade de vida e de nos conectar com a localidade. Ubatuba nos trouxe para a região do Vale do Paraíba, que hoje integra a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Cheguei à região já formada e com especialização concluída. Conheci a UNITAU por meio do mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional. Na época, eu trabalhava em serviços de saúde, tanto públicos quanto privados, e buscava adquirir mais ferramentas de gestão. Foi assim que encontrei o mestrado, por indicação de professores da universidade que eu já conhecia, e decidi iniciar o curso. Sou da terceira turma do mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional.

No programa, não apenas encontrei as ferramentas que buscava, mas também desenvolvi uma visão voltada para a gestão regional. Trabalhei em um projeto que se alinhava com meus objetivos: uma proposta organizativa de gestão e economia, principalmente na área da saúde, em estratégias de recursos humanos, materiais e financeiros. Percebi que um olhar individualizado não atende plenamente às necessidades de atenção integral, tornando essencial desenvolver uma inteligência adequada para gerenciar esses recursos de forma eficaz.

Já atuava profissionalmente na região quando desenvolvi o projeto de mestrado, analisando o litoral norte paulista. Essa experiência estava diretamente relacionada ao que procurava tanto no campo profissional quanto no conhecimento acadêmico.

Minha primeira formação na UNITAU foi no mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, e foi a partir desse momento que comecei a me apaixonar pela academia. Desde então, comecei a atuar na área acadêmica da Universidade de Taubaté. Comecei, como professora, no campus de Ubatuba, finalizei meu mestrado e, em seguida, continuei meus estudos na Universidade de São Paulo, onde cursei doutorado e pós-doutorado. Logo após o doutorado, comecei a atuar no Programa de Desenvolvimento Regional, que atualmente conta com dois cursos de mestrado e um doutorado.

Uma coisa interessante nessa trajetória é que, como egressa do mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, hoje estou coordenadora-adjunta desse mesmo curso. Diversos desdobramentos ocorreram a partir daí, possibilitando-me trabalhar com outros colegas e universidades em projetos voltados para economia e gestão, especialmente na área de serviços de saúde, desenvolvimento e qualidade de vida.

Essa trajetória foi interessante; ao buscar o curso para uma situação que inicialmente parecia mais pontual e imediata, ao longo do tempo, foram oportunizadas outras experiências profissionais, que reconheço como positivas e enriquecedoras, como o ingresso na academia, por exemplo.

Iniciar um mestrado pode trazer desdobramentos que impactam as decisões de vida e novas oportunidades. É uma chance ímpar que abre portas para novas possibilidades. No meu caso, não sabia que isso poderia resultar em um leque amplo de oportunidades no campo acadêmico.

Minha paixão pela academia foi crescendo, e vejo isso como uma importante oportunidade, não apenas para desenvolver os projetos, mas também para formar novas pessoas e professores, atuando em projetos e iniciativas em diversas regiões. É um campo interdisciplinar, onde a colaboração com outros profissionais amplia a maneira de pensar, agir e contribuir para a sociedade de forma propositiva, focando em planejamento e qualidade de vida.

Ao longo do tempo, realizei vários cursos e especializações, e atuei em diversas empresas. No entanto, tomei a decisão de me integrar à academia. Essa decisão não foi repentina; estava focada em minha atuação profissional, e foi possível ir conciliando as duas atividades, acredito que elas se complementam de forma coesa.

A academia oferece a oportunidade de interagir com outros durante o processo de transformação e formação. Proporciona também a integração entre ensino, extensão e pesquisa. Isso é muito interessante, pois no ensino atuamos na graduação; na extensão, nos envolvemos em projetos específicos voltados para a sociedade.

Na pesquisa, atuamos nas investigações relacionadas aos mestrados, aos mestrados acadêmico e profissional, bem como no doutorado, dentro do Programa de Desenvolvimento Regional. E, no desenvolvimento de projetos de iniciação científica e tecnológica que envolve alunos da graduação.

As três vertentes — ensino, extensão e pesquisa — estão fortemente presentes na Uni-

versidade de Taubaté. A instituição constantemente oferece oportunidades de atuação, principalmente na graduação, para formar novos profissionais e prepará-los para o mercado de trabalho e as perspectivas futuras. Trabalhar com essas novas gerações é fundamental. A extensão, por sua vez, representa o vínculo com a sociedade, e a universidade tem uma atuação consolidada e robusta nessa área.

Na pesquisa, as oportunidades se expandem, especialmente no programa, ao mestrado profissional, ao mestrado acadêmico e ao doutorado. As possibilidades são amplas, tanto para a formação profissional quanto para colaborar com alunos na formação de novos professores e pesquisadores em diversas áreas do país, sempre com uma abordagem interdisciplinar, o que é extremamente enriquecedor. Esse processo beneficia tanto a vida acadêmica quanto a experiência pessoal.

Essas oportunidades são valiosas, e a força da extensão traz impactos também no âmbito *stricto sensu*, com mestrados e doutorados que desenvolvem projetos que impactam a sociedade em várias regiões do país, incluindo o Nordeste e o Norte. Assim, a UNITAU ultrapassa os limites da região metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, alcançando outras áreas, como se fosse um braço que se estende por outras partes do Brasil. Isso é interessante e representa oportunidades significativas.

Nem sempre percebemos o quanto uma universidade impacta além da região onde está fisicamente instalada. É sempre desafiador, especialmente porque trabalho em uma área que não prepara diretamente profissionais para a academia no contexto da graduação, diferentemente do que ocorre no mestrado. A graduação concentra-se na formação em Economia e Gestão, e nossa abordagem é voltada para as demandas atuais e futuras do mercado.

Acredito que essa atenção às exigências do mercado é uma preocupação fundamental. Devemos garantir que os alunos estejam preparados para o mundo profissional. É importante ressaltar que essa realidade varia entre as diferentes áreas. Assim, nossa abordagem na graduação é mais focada nesse sentido.

É muito gratificante observar como os alunos se desenvolvem ao longo do curso. Esses jovens me surpreendem constantemente com sua energia, garra e capacidade. Muitos deles enfrentam situações desafiadoras, viajam diariamente, outros ficam distantes de seus familiares para estudar. No entanto, à medida que avançam, nos surpreendem com os resultados que alcançam.

Embora tenha começado o mestrado em 2002, as diversas atividades que realizei não são isoladas; estão juntas e fazem sentido, pois uma contribui para a outra. Foi desafiador, mas bastante interessante. Comecei a encarar novos desafios, e esse era mais um. Cada dia trazia novas experiências, e assim fui atuando ano após ano. Vejo isso como um aprendizado contínuo, algo enriquecedor.

Entre o término do mestrado e o início do doutorado não teve intervalo; meu doutorado começou quase ao mesmo tempo em que finalizei o mestrado. Foi tudo muito sequencial. Lidar com o novo e aprender com as circunstâncias sempre traz aprendizado. Cada dia é uma oportunidade de aprender. Embora os desafios sejam constantes, eles são essenciais para evitar a estagnação.

Enfrentar novos desafios, mesmo com medo, é fundamental. Nunca estamos completa-

mente prontos para tudo. A vida é generosa; sempre apresenta o novo, sem perguntar se estamos preparados. Isso nos ensina sobre nossa própria falta de preparo enquanto aprendemos ao longo do processo.

No período da pandemia, participei de um projeto de extensão voltado à reintegração de desempregados, que foi extremamente interessante. Esse projeto foi bastante marcante para nossa equipe, coordenada em módulos, pelas professoras Monique, Adriana e Quésia, unindo economia e psicologia. Observamos que o número de participantes em nossas salas virtuais e, posteriormente, nas presenciais, estava diminuindo porque eles estavam conseguindo emprego.

Trabalhamos a questão do empreendedorismo, ajudando aqueles que decidiram montar seus próprios negócios, já que muitas funções que exerciam antes simplesmente deixaram de existir. Além disso, abordamos a educação financeira, auxiliando nas planilhas e ensinando como lidar com os recursos financeiros para empreender.

Em uma das etapas finais do projeto, criamos uma “empresa” no miniauditório, onde os grupos de alunos e alguns professores se uniram. A alegria foi contagiante quando anunciamos: “A empresa está aberta, aqui está o seu CNPJ!” Apoiamos os alunos naquele momento de celebração.

No âmbito da pesquisa, nossos programas de mestrado e doutorado também contam com diversas iniciativas interessantes e desafiadoras.

Estou otimista em relação às novas gerações que chegam às salas de aula da Universidade de Taubaté. Essa esperança nos encoraja a acreditar que, com o envolvimento desses jovens, será possível “esperançar” um futuro melhor. Essa experiência e energia são o que trago das salas de aula, e me sinto confiante no potencial que se têm para o desenvolvimento.

Nessa perspectiva, quanto ao planejamento e cenários futuros, me sinto otimista em relação à forma de pensar/acreditar, enquanto, no que diz respeito aos cenários, desafios a serem enfrentados, considero-me realista.

Olha, há muitas histórias, não é? A sua pergunta me fez lembrar de algo que ouvi do professor Robson Barone. Ele contava sobre a força da população de Taubaté que se uniu e não media esforços, pois sonhava com a universidade na cidade. Ele falava sobre o impacto da Universidade de Taubaté na sociedade, desde a criação da instituição.

Como alguém que chegou de fora, senti a força da história da universidade e sua relação com a sociedade. Isso me marcou bastante; eu havia acabado de chegar e ainda não tinha ouvido algo tão significativo.

Ao olharmos para os 50 anos da Universidade de Taubaté, percebemos que isso representa o sonho daquela sociedade que contribuiu para sua fundação. Na fala do professor Robson, seus olhos brilhavam ao relembrar aqueles momentos, desde quando ele era apenas um garoto.

Portanto, os 50 anos da Universidade de Taubaté são uma grande comemoração para Taubaté, e essa cidade merece todos os parabéns.

Fazer parte desse grupo de excelência e ter a chance de contribuir para a formação de

peças que, com certeza, já se destacam como profissionais competentes em diversos setores, não só na nossa região, mas em várias outras, é muito gratificante. Cada encontro representa uma grande oportunidade!

Agradeço, antes de tudo, à existência divina pelas oportunidades que a universidade proporciona a todos que nela passam, seja como alunos e egressos, seja como colaboradores ou funcionários em diferentes áreas e à população da cidade. Sempre encontramos egressos, alunos e profissionais formados pela UNITAU em momentos diversos. A UNITAU é uma grande família que, há 50 anos, realiza o sonho da sociedade de Taubaté.

Resumir seu papel em uma ou duas palavras, é uma tarefa difícil. Se eu tivesse que escolher, diria “fluidez.” É como a água: sempre flui e transforma, nunca é igual, mas está constantemente presente em muitos lugares.

São muitas histórias, várias boas lembranças!

43

Rachel
Abdala

Eu, Rachel Duarte Abdala, estou na Universidade de Taubaté desde 2003. No entanto, minha trajetória na UNITAU iniciou-se bem antes. Em 1986, minha família mudou-se para Taubaté e meu pai, Joel Abdala, ingressou como professor na UNITAU no ano seguinte, em 1987. Assim, conheço a Universidade desde criança, estabeleci desde cedo uma relação com ela. Meu pai aposentou-se aqui, foi professor durante muitos anos, em vários departamentos, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa. Foi chefe do Departamento de Ciências Sociais e Letras por duas gestões. Inclusive, no início da minha carreira, um ano depois que ingressei, foi meu chefe. Atuou também como assessor em diversas pró-reitorias.

Antes de ingressar como professora, iniciei o curso de Direito, em 1995, e nos três primeiros meses desenvolvi uma aversão ao curso. Começou a não dar certo, e foi até um pouco engraçado, porque fui conversar com meu pai, para explicar que eu ia desistir do curso de Direito, e ele reagiu, tentando me convencer a permanecer no curso com o argumento de que “Os três primeiros meses são difíceis mesmo, são chatos”, e assim, eu deveria perseverar e passar o primeiro ano. Lembro que respondi para ele assim: “não, não vai melhorar, não vai, não vou me apaixonar pelo curso, depois vou ficar com o diploma e não vou trabalhar nessa área”. E ele falou assim para mim, “Imagina você argumentando dessa maneira num tribunal!” Eu respondi para ele: “me imagina como professora em sala de aula desse jeito!”. Assim, desisti do curso de Direito e fui, no ano seguinte, cursar História.

E sou professora desde sempre. Trabalhei como professora nos diversos níveis da educação. Estudei no magistério no Estadão, Escola Monteiro Lobato, que começou nesse prédio do Departamento de Ciências Sociais e Letras da UNITAU em 1932 e depois foi para o prédio novo, construído em 1957. Cursei o magistério

e depois atuei no ensino infantil e no ensino fundamental. Antes de me tornar professora na Universidade de Taubaté, trabalhei pelos outros níveis de educação em diversas escolas.

Sempre gostei de História, e, também gostava muito de Língua Portuguesa, talvez pela influência do meu pai, mas pensava que, se eu fosse professora de Língua Portuguesa, nunca conseguiria sair da sombra dele, porque ele é até hoje uma referência na área. Então resolvi fazer História na Universidade de São Paulo. Ingressei no curso em 1996 e me formei em 1999. Na USP, conheci muitas pessoas, tive muitas oportunidades, minha formação foi muito sólida. Quando me formei, tinha a intenção de ser capaz de viabilizar a outras pessoas o acesso que tive, no ensino superior. Como a minha família morava em Taubaté, tive a oportunidade de ingressar como professora na UNITAU. Não entrei concursada imediatamente; trabalhei um ano aqui como professora colaboradora em 2003, e me concurrei em 2004. Uma passagem engraçada é que, quando eu entrei como docente, nas primeiras semanas de aula tomei trote, porque os alunos achavam que eu era caloura. O chefe do departamento, que na época era o professor Cyro de Barros Rezende Filho, professor de História, olhou surpreso ao me ver toda pintada de guache amarelo, e perguntou “O que está acontecendo? E eu respondi: “Falei para eles que eu sou professora, mas eles não acreditam”. Ingressei com 26 anos, era muito nova. No final do primeiro ano, defendi o meu mestrado e tive a sorte de que foi realizado um grande concurso na UNITAU, no final de 2003, e nesse concurso eu fui aprovada na cadeira de Teoria da História, no Curso de História, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras. Assumi minha cadeira em 19 de março de 2004.

A minha posse foi muito peculiar, foi realizada onde são todas as posses da UNITAU, no Salão de Atos da Reitoria, e estavam lá meu pai e minha mãe. Na época o professor Nivaldo Zollner era o reitor. Quando me entregaram a portaria, meu pai continuou batendo palmas, todo mundo parou e ele continuou. Ele entrou num estado de contemplação. O reitor exclamou, espantado: “O que está acontecendo com o Joel?” Alguém respondeu para ele: “É a filha dele”.

Ao longo de 21 anos de atuação na universidade, participei de muitos acontecimentos no departamento, no curso de História e, de maneira mais ampla, na instituição. Fiz amigos, formei professores e presenciei momentos históricos da instituição. É praticamente toda a minha vida profissional. Embora tenha tido outras experiências em outras instituições educacionais, a grande parte da minha carreira profissional foi aqui, construí a minha carreira na Universidade de Taubaté. Eu tenho muitas histórias, histórias engraçadas, histórias tristes, perdi dois alunos... são histórias tristes e felizes que ficaram marcadas.

Vou começar com a história da Beatriz, uma aluna que teve uma síndrome muito rara e que faleceu com 18 anos. Fui ao velório dela. Em uma das disciplinas que leciono, Metodologia do Ensino de História, eu sempre proponho uma atividade que é uma memória educativa, e assim fiz com a turma dessa aluna. Na atividade, eu peço que os alunos escrevam as memórias que têm de seus professores, e ela falou da mãe dela. No velório, levei para a mãe o texto que ela fizera. Foi muito forte, a mãe chorou muito, mas ficou muito agradecida, e me disse: “Eu não fazia ideia de que a minha filha tinha escrito esse texto e que eu era para ela uma referência de professora”. Para mim foi um momento forte, importante, estava ali com os outros alunos, colegas dela, lembrando da sua presença.

E tenho muitas memórias de momentos felizes, como homenagens e festas. Houve uma festa que para mim foi muito marcante, pois vincula a minha memória à da universidade.

Como dizia Mário Quintana, “Eu não acredito em coincidências, acredito em confluências”. Foi a festa de comemoração dos 50 anos dos cursos de História, Letras e Pedagogia. Isso aconteceu em 2007, quando o meu pai era o diretor do Departamento de Ciências Sociais e Letras. Esses foram os primeiros cursos de Ensino Superior do vale do Paraíba. Foram os primeiros, portanto, a completar 50 anos na Universidade de Taubaté. Foi tão importante que, na época, a reitora e os conselheiros realizaram uma sessão solene no nosso auditório. Estavam presentes a reitora, todos os professores, pró-reitores, membros dos conselhos, todos de beca, e houve um grande coquetel, no pátio. Foi uma festa muito grande, que se constituiu como uma marca importante na história institucional, porque celebrou a célula mater da universidade, plantada aqui neste prédio. Eu participei ativamente da organização desta festa. Fizemos até uma revista comemorativa que contava a história do início dos três cursos. Depois vieram outros cursos, o de Direito, o de Medicina, o de Engenharia, e depois, em 1964, foram reunidos esses cursos e criada a Federação Universitária. Em 1974, foi criada a Universidade de Taubaté.

Outras duas festas institucionais que merecem destaque e das quais eu participei ativamente foram a reinauguração do prédio do Bom Conselho e a de reinauguração do prédio do solar da Viscondessa do Tremembé, também após o seu restauro. Ambas as festas foram grandiosas e eu participei ativamente da organização delas. A do Bom Conselho recebeu uma orquestra sinfônica e fogos. Foi uma grande e bonita festa. A entrega destes dois prédios restaurados foi ansiosamente esperada pela comunidade interna e externa.

Ingressei em 2003, no Curso de História, e passei por vários diretores, vários chefes do departamento. O professor Cyro, que foi meu professor no ensino médio, foi meu diretor aqui no Departamento de Ciências Sociais e Letras. Tive uma relação muito cara com o professor Cyro. Depois dele tive como chefe o meu pai, como já mencionei, a professora Solange Terezinha Ricardo de Castro, que era professora de inglês e que sempre me tratou com muito respeito e foi quem me convidou, em 2009, para assumir a coordenação pedagógica do Curso de História. Depois tive como chefes também o professor Eduardo Carlos Pinto, de Geografia, e a professora Cláudia Maria de Oliveira Souza, uma grande amiga, professora de inglês.

Considero a minha indicação como coordenadora pedagógica do Curso de História, pela professora. Solange, como mencionei, uma passagem digna de nota. O coordenador pedagógico de curso é indicado pelo chefe e, como é um cargo de confiança, quando meu pai foi chefe eu não podia ser coordenadora, mas ajudava muito, trabalhei, desde que ingressei na universidade, no curso de História. Quando a professora Solange foi eleita ela me procurou para me dizer que iria manter as coordenações. Ela me disse isso porque acreditava que, por causa da minha atuação no Curso, eu estava no cargo de coordenação do Curso de História. O diálogo que se seguiu foi interessante. Eu respondi: “Mas professora, por que a senhora está falando isso comigo?” Ela rebateu: “Porque você é a coordenadora do curso de História, não é?” Eu falei: “Não, não sou”. Ela respondeu surpresa: “Mas eu vejo você trabalhando o tempo todo pelo curso”. Eu falei: “Sim, professora, mas eu não sou a coordenadora”. Ela olhou muito séria para mim e finalizou o diálogo, incisiva: “Então, a partir de agora você é”. Isso aconteceu em 2009. Atuei como coordenadora do curso de História durante 10 anos, de 2009 a 2019, quando fui substituída por outra professora, e voltei a responder pelo cargo novamente em 2022, a convite do professor Silvio Luiz da Costa, que é o atual diretor do departamento. Ainda hoje estou atualmente como coordenadora do curso, uma atividade que muito me honra na Universidade de Taubaté. Acredito que de tudo que já fiz na universidade, as duas coisas que mais me dão prazer e que

significam o que eu sou é a coordenação do curso de História e as aulas no curso de História. A Universidade abre muitas oportunidades dinâmicas de trabalho, e sou muito grata por isso. Oportuniza aos professores participarem de projetos de pesquisa, de extensão universitária, de eventos, e eu sou uma pessoa muito dinâmica, gosto dessa movimentação. Mas para mim, o contato com os alunos na sala de aula é o mais relevante, não há nada que substitua isso. A coordenação do curso de História permite-me trabalhar por todos os alunos do curso de História. Para mim é muito importante. Por isso, desenvolvo essa atuação com muita dedicação e senso de responsabilidade.

Em 2006 começamos, o Prof. Armino Boll, que era o então coordenador do Curso, e eu, a realizar viagens de trabalho de campo. A primeira foi para as chamadas cidades históricas do vale do Paraíba: Bananal, São José do Barreiro e Silveiras. Em 2009, quando assumi a coordenação, passei a ser a responsável pela organização e realização das viagens de trabalho de campo do Curso que, após alguns anos, por volta de 2012, passaram a ser interdisciplinares, mas eu continuei a organizá-las. Assim, levei os alunos do Curso de História, juntamente com os alunos do extinto Curso de Geografia e do Curso de Letras a outras cidades do vale do Paraíba, como Cunha, Guaratinguetá, Cruzeiro, Jacareí, São Luiz do Paraitinga, e, também, a cidades litorâneas, como Ubatuba e Paraty. Fomos várias vezes a São Paulo, a museus, exposições, arquivos históricos, eventos acadêmico-científicos e culturais. Em 2011 foi realizada a tão sonhada viagem para Ouro Preto. Fomos em três ônibus. A viagem englobou as cidades de Congonhas do Campo e Mariana. Também fomos ao Rio de Janeiro e a Petrópolis.

As viagens de trabalho de campo realmente são um capítulo à parte desta minha vasta história na UNITAU. É muito trabalhoso, mas vale a pena, em virtude do que significam as viagens para a formação dos futuros professores. É uma experiência que faz muita diferença, em diversos aspectos e dimensões.

Também gostaria de mencionar que trabalhei durante oito anos como assessora na Pró-reitoria de extensão, a Prex. Nessa função, trabalhei com quatro pró-reitores. A primeira a me convidar convidou para trabalhar lá foi a professora Sônia de Camargo Vollet Sachs, em 2005. Assumi a coordenação dos eventos. Nessa função criei, com a Edwiges, que era então funcionária da Assessoria de Comunicação, e com a Alessandra Borges, recém-transferida para a Prex, o NAE - Núcleo de Apoio a Eventos, que existe até hoje. Participei ativamente dessa criação. Foi um momento muito importante para a pró-reitoria e para a Universidade, porque os eventos compõem uma atividade relevante na instituição, pois promovem a visibilidade de cursos, setores e da própria universidade. Promove também o contato com a comunidade externa, por meio da divulgação de trabalhos e de pesquisas e, inclusive, fortalece as relações internas.

Depois da Profa. Sônia Sachs, a professora Ana Aparecida de Almeida assumiu a Prex e me manteve como assessora. A sua gestão foi marcada para mim pelo meu início de atuação na organização e na organização do CICTED-Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento, que à época chamava-se ENIC, porque se restringia ao Encontro de Iniciação Científica. Depois é que cresceu, e eu me lembro bem do ano em que foi nomeado como o maior da universidade. Atualmente está na sua 13ª edição. A criação do CICTED respondeu a uma demanda institucional. Ao ENIC foram sendo anexados os demais eventos institucionais: primeiramente, a Mostra de Pós-graduação-MPG e o Seminário de Extensão universitária-SEMEX. Considero que a participação nesse evento pode ser considerada relevante, em minha trajetória.

ria na UNITAU. Desde o começo trabalho na comissão executiva, que é o “pegar na massa”, pois engloba a parte estrutural do evento, os recursos, as salas, as distribuições de salas, a programação e a coordenação dos monitores. Comecei em 2008 nessa função, que me proporcionou amplo contato com alunos de todos os cursos da universidade. Meu contato com os alunos, que sempre foi tão forte, intensificou-se e ampliou-se, nessa minha atuação, e esse contato extrapolou os limites da realização do evento.

Vou citar uma situação que aconteceu, para exemplificar. Uma vez levei os alunos do Curso de História ao arquivo do Estado do Estado. Estávamos voltando pela marginal Tietê, eram 16 h da tarde, o trânsito todo parado, todo mundo dormindo na van, de repente ouço alguém gritando: “Professora!” Olhei para trás e vi que os alunos dormiam, mas vi um menino batendo no vidro, em um carro eu vinha ao lado da van. “Oi, professora, lembra de mim? Eu trabalhei com a senhora no CICTED”. Era um aluno que, na época de minha atuação no CICTED cursava Ciências Agrárias. O CICTED foi e é, há muito tempo, uma referência.

Os alunos de todos os cursos a razão de ser da universidade. Por isso, no CICTED tento ensinar para eles o que é a própria universidade, a partir dessa experiência. É a oportunidade também de ter contato com professores e alunos de outras áreas. É a possibilidade de vivenciar efetivamente o que é a universalidade da universidade. Esse é um princípio muito caro para mim.

Saí da Prex em 2010, quando estava cursando o doutorado. Na época, minha saída gerou um grande impacto.

Depois disso, meu vínculo com a Prex continuou, porque passei a atuar na coordenação de projetos de extensão, função que até hoje desempenho. Já coordenei e atuei em diversos projetos de extensão. O primeiro foi o Projeto do Caminho antigo do ouro, que é o caminho antigo de Paraty a Taubaté, o caminho dos povos originários, que foi utilizado pelos sertanistas (mais conhecidos como bandeirantes) que buscavam o ouro. Foi um trabalho interdisciplinar que envolveu o Curso de Geografia e o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Unitau, o CDPH. Este amplo projeto foi finalizado com a publicação de uma cartilha a ser utilizada nas escolas das cidades de Taubaté e de Lagoinha. Depois atuei em projeto na cidade de Redenção da Serra, na qual realizamos atividades de preservação da memória junto à comunidade e publicamos um livro de relatos de moradores que lembravam da reconstrução da cidade após a construção do reservatório.

Depois, fui demandada pela comunidade de São Luiz do Paraitinga para desenvolver um projeto lá. Acredito que os projetos de extensão devem começar assim, devem começar pela vontade da população. Estou lá desde 2018 desenvolvendo o projeto. Fui muito bem acolhida em São Luiz do Paraitinga, recebida com carinho, gentileza e disposição para trabalhar em parceria. E é um prazer trabalhar com a comunidade dessa cidade, principalmente, com o professor Daniel Messias dos Santos, que inclusive foi meu aluno no Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Humano.

Em 2019, o Projeto em São Luiz do Paraitinga foi ampliado para abranger demandas de Taubaté e de outras cidades do vale do Paraíba, passando a ser denominado A Cultura que vale. Em 2021, convidei o Prof. André Luiz da Silva para participar do Projeto junto comigo.

Em 2016, criei um projeto de extensão, a partir de uma solicitação da Secretaria Municipal

de Educação de Taubaté, mediada pela Prex, para atender escolas de ensino integral. Assim, elaborei o Projeto Educação Patrimonial: conhecendo o Patrimônio de Taubaté. Esse projeto foi, em 2019, ampliado para acolher bolsistas do curso de Letras. Neste momento, o projeto também passou a ter, além da minha coordenação, o envolvimento da Profa. Adriana Cintra de Carvalho Pinto, do Curso de Letras, como professora participante. Já passamos por 18 escolas em Taubaté, nesses nove anos. É um conjunto muito grande de contribuição com a educação e com a preservação da memória e do patrimônio de Taubaté.

Atualmente, estou na coordenação do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano, no qual ingressei junto com a professora Suzana Lopes Salgado Ribeiro, minha amiga querida, em 2014. Em 2019, assumi a coordenação adjunta com a professora Alexandra Magna Rodrigues. Em 2022, a Alexandra assumiu a Pró-reitora estudantil e, conseqüentemente, eu assumi a coordenação geral. É um desafio muito grande. Coordenar um programa de pós-graduação. Não é simples, é muito complexo, mas também é muito gratificante. Em particular, no primeiro ano, em 2023, a tarefa foi enfrentar o desafio da pandemia de covid-19, que impôs situações de excepcionalidade para as quais ninguém estava preparado. Quem está atuando comigo nessa é o professor André Luiz da Silva, meu amigo querido e grande parceiro. Essa é outra história que vale a pena ser registrada. Essa amizade e essa parceria tiveram início quando ingressei na universidade. Foi a primeira e é uma das mais fortes amizades que desenvolvi na universidade.

Quando eu entrei, em 2003, o professor Cyro me informou que eu iria atuar na disciplina de Cultura Brasileira, no Curso de Letras juntamente com outro professor. Eu estranhei bastante. Era uma das disciplinas mais empolgantes com as quais já trabalhei e o tal professor era o André, que é antropólogo. A parceria foi ótima desde o início e foi muito produtiva. Nós fizemos esse trabalho durante seis anos na disciplina de Cultura Brasileira. No primeiro ano trabalhamos juntos até que eu tive que me afastar, porque sofri um acidente, quebrei a perna e o André assumiu as aulas sozinho, até eu voltar. Fiquei três meses afastada, foi um acidente grave. Gostaria de contar essa história. Nesse ano eu lecionava também no campus da UNITAU em Ubatuba. Quando voltei às aulas, depois de três meses, no primeiro dia de aula em Ubatuba eu comecei a falar e falei muito. Eu estava com o tal do furor pedagógico, com vontade de lecionar. Depois de uns 40 minutos, um aluno levantou a mão, fiquei animada pensando que era uma pergunta sobre o assunto da aula, no entanto ele queria saber como eu havia quebrado a perna. Ou seja, percebi que os alunos não haviam prestado atenção em nada do que eu havia falado porque estavam preocupados comigo e interessados com o que havia me acontecido. Parei, expliquei como é que tinha quebrado a perna, e continuei falando, aí levantou a mão de novo e pensei que agora sim, seria uma pergunta sobre o conteúdo da aula. “A senhora está bem agora?” Esse episódio virou exemplo nas minhas aulas de Didática Específica do Ensino da História, porque nos mostra que o vínculo que nós temos com os alunos é mediado pela dimensão humana da educação. Uma mediação afetiva, acima de tudo.

Voltando ao André, no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano nós temos realizado uma parceria muito produtiva, e temos conseguido algumas parcerias boas e conseguimos ampliar as atuações do programa e do curso de mestrado. Estamos animados, pretendemos abrir uma linha de pesquisa nova. Queremos trabalhar com as questões de equidade, de interseccionalidade, as questões raciais e as questões de gênero, porque observamos que tem aumentado o interesse sobre essas áreas.

Outra atuação que eu tive na UNITAU foi com o PIBID - Programa institucional de bolsas de iniciação à docência, financiado pela Capes, em âmbito federal, que começou em 2010 no Brasil, com os cursos de Biologia, Língua Portuguesa e Matemática. No ano seguinte, em 2011, o Programa foi ampliado e passou a abranger mais cursos, incluindo o de História. Assim, a Unitau passou a participar com todas as licenciaturas que mantinha na época, que totalizavam oito. Já entrei no PIBID em 2011, como coordenadora de área e continuo atuando até hoje, no Programa. Foi, e é muito gratificante, porque os resultados são muito claros e porque pude trabalhar com supervisores que foram meus alunos do curso de graduação em História. Foi muito interessante trabalhar com gerações. No Pibid, nas últimas versões do Programa, atuei de modo interdisciplinar com o curso de Letras, liderado pela Profa. Adriana Cintra.

Também queria lembrar que, quando entrei na universidade em 2003, eu era a “caçulinha” dos docentes do curso. Tinha professores já consolidados, o Cyro, a professora Maria Januária Vilela Santos, que é um nome muito importante no curso de História e na Universidade de Taubaté, nacionalmente reconhecido porque a professora escreveu livros de projeção nacional e internacional, assim também como o Cyro. Ao longo desses 20 anos, comecei a receber os professores que me sucederam no curso. Essa semana mesmo, um professor veio me agradecer, “olha Raquel, obrigada porque você me recebeu, eu fui muito bem acolhido”. É interessante como as coisas vão se invertendo. Agora sou uma das mais antigas do curso de História e estou recebendo outros professores, como fui um dia recebida.

Tive um desafio que, para mim, deveria ser superado, e foi superado, assim como diria o meu pai com galhardia. Foi o desafio da Iniciação Científica. No começo, eu não consegui me inserir no Programa de Iniciação Científica. Eu elaborei projetos e os submeti, mas não foram aprovados. Quando ingressei na universidade, eu não tinha ainda o doutorado, então, não podia orientar. Depois, fiquei alguns anos tentando, mandava os projetos e não conseguia que fossem aprovados. Foi frustrante no começo, mas agora consegui. Há alguns anos, estou atuando finalmente na Iniciação Científica, e muito satisfeita em orientar esses projetos de pesquisa. Os projetos têm dado muitos bons resultados, têm ganhado prêmios. Acredito que constituem uma ótima oportunidade para os alunos, e isso me motiva.

Quando finalmente defendi o doutorado, fiquei satisfeita principalmente porque poderia orientar pesquisas de Iniciação Científica. Acredito que o título só se efetiva se você pode colocá-lo a serviço de alguma causa, e para mim, essa era uma causa. Agora estou até orientando alunos do Ensino Médio na Iniciação Científica e tem sido muito, uma experiência muito interessante, gratificante, e as pessoas se surpreendem. Esse para mim foi um desafio. O outro desafio é o acúmulo de trabalho, porque são tantas propostas interessantes, ações interessantes, frentes importantes, que é difícil dizer não, é muito difícil dizer não. Ao contrário do que as pessoas geralmente pensam, há muita demanda na área de História. Já atendi muitas solicitações da imprensa, mediadas pela Assessoria de Comunicação da Unitau. Fui até à sede da TV Cultura, no Rio de Janeiro, para dar uma entrevista sobre Educação.

Atuo nas três frentes, na pesquisa, no ensino e na extensão universitária. Consigo fazer uma articulação entre esses três pilares da universidade, e considero isso um grande mérito. Por exemplo, já orientei trabalhos, como uma pesquisa no mestrado que era realizada por uma arquiteta que foi voluntária no projeto de educação patrimonial, da extensão, e consegui fazer essa junção da pesquisa e da extensão. A primeira dissertação que orientei, inclusive, e penso

que isso é muito curioso, era justamente sobre a extensão universitária. Quando observo exemplos assim fico pensando nas confluências; Isso, para mim, foi outra confluência. Para mim, não é mera coincidência.

Tenho contato muito forte também com os egressos do Curso de História, mantenho esses vínculos, e na feira das profissões tenho a oportunidade de reencontrar muitos deles, que acompanham os grupos de seus alunos. É um encontro de gerações que me deixa muito feliz. Esses egressos fazem questão de passar pelo estande do curso de História e de me apresentar aos seus alunos. Esse tipo de situação também acontece no CICTED.

Uma história que me marcou bastante foi a que envolveu Bruno Luiz Cardoso, que foi meu orientando no Mestrado em Desenvolvimento Humano e atualmente é coordenador de uma escola pública estadual, em Taubaté. Uma vez ele me convidou para falar sobre mulheres para alunos de sua escola, no dia da mulher, e eu fui. Isso aconteceu antes da pandemia, em 2019. Em 2021, ainda no período tenso da pandemia de covid-19, todo mundo usando máscara, na aula inaugural do Curso de História, vieram duas alunas ingressantes me abordar e perguntaram se eu as reconhecia. Eram duas alunas que ouviram minha fala sobre mulheres naquele dia, e me disseram que haviam se decidido a cursar História naquele dia. Esse tipo de situação é emocionante e impactante.

Essa é uma história que para mim é importante. Tem algumas, tem tantas histórias, tantas. Sabe, vou contar um segredo. São tantas histórias que são importantes para mim que estou escrevendo um livro de crônicas a partir das histórias que vivi na Unitaú como professora universitária. Histórias das experiências que a Unitaú me proporcionou.

A Universidade de Taubaté é uma instituição distribuída na cidade. Do meu ponto de vista, isso contribuiu muito para a preservação do patrimônio de Taubaté.

Outro aspecto sobre o qual preciso falar é que, quando comecei na Universidade de Taubaté, havia uma característica peculiar dos alunos do Curso de História. Eles apresentavam um perfil muito claro, eram pessoas mais velhas que os alunos recém-saídos do Ensino Médio. Vinham fazer curso de História motivados por sonhos pessoais. Ouvi frases como “Eu sempre quis cursar História, e depois que eu criei os meus filhos, me desenvolvi profissionalmente, vim agora realizar o meu sonho e cursar História”. Naquela época eram poucos os alunos saídos do ensino médio. Ao longo do tempo essa situação se inverteu. Hoje em dia, no curso de História, recebemos alunos do ensino médio majoritariamente muito jovens, que vêm direto do ensino médio e, vez ou outra, aparece um ou outro aluno mais velho.

A UNITAÚ era uma potência no Vale do Paraíba e na cidade, não havia outras instituições de ensino superior em Taubaté. Hoje há concorrência com outras instituições de ensino superior, o que promove um desafio de se reinventar e pensar soluções. Nós temos, os cursos de licenciatura da área de humanas, e esse setor dá o alicerce da universidade. As universidades começaram com os cursos de humanas. E nós todos, na universidade, não importa qual a nossa profissão, nós todos somos professores. Mesmo que sejam cursos específicos de outras áreas, todos nós entramos em sala de aula e lecionamos, somos professores. A licenciatura, do meu ponto de vista, é a base da universidade. Não só da Universidade de Taubaté, mas de todas as universidades. A UNITAÚ, portanto, enfrenta esses desafios e vejo que, quanto maior o desafio, maior a criatividade para se reinventar, para criar soluções.

Não foi isso que a ditadura nos ensinou? As melhores músicas foram criadas naquele desafio de burlar a ditadura. Aqui é a mesma coisa. Um caminho que tenho visto, principalmente na pós-graduação, no programa de mestrado, são as parcerias. São muito importantes. Na universidade, nós temos parcerias com todos os setores da sociedade. Nos cursos de licenciatura, com as escolas, mas não só. No curso de História, nós temos parceria com áreas da Cultura. O secretário de Cultura é formado no curso de História. Hoje em dia, cresce muito a preservação da memória em instituições privadas, como a Embraer, por exemplo. A pessoa que montou o Centro de Memória da Embraer foi egressa do curso de História da Unitaú. Há vários tipos de atuação possíveis, não só para os alunos do curso de História, mas também para os de outras áreas da UNITAU, profissões que estão surgindo, profissões que não existiam e que estão surgindo. Por mais que a nossa sociedade ainda tenha um ranço de achar que Cultura e que História não serve para nada, a História é o que nós somos. A Universidade de Taubaté chegou a ter 50 anos porque tem uma história de 50 anos. Ao longo de décadas foi construindo essa história. Então, todos nós temos História. Eu, você, todos nós, as instituições. E é isso que nos compõem como seres humanos. Portanto, a História não é supérflua, a História é o que nós somos.

Um aspecto muito importante e especial da Universidade de Taubaté é a sua condição de Universidade Municipal. Inclusive, foi criada a partir de uma iniciativa de professores. Desde os primeiros cursos que mencionei, o curso de História, Letras e Pedagogia, desde a foram criados por iniciativa de professores, que inclusive nem tinham um salário, no início. Foi doado esse prédio aqui pela Associação Artística Literária e os professores ficaram um ano sem receber salário para ver a criação desses cursos. Era um empenho pessoal, uma coisa de princípio, a ideia de que por meio da educação é possível transformar a realidade, a sociedade. Começou assim, e acho que uma instituição que começa com uma iniciativa dessa, tem muito futuro pela frente. Foram surgindo outros cursos e, em 1974, a ideia de formar uma universidade. Nós falamos da extensão universitária e da pesquisa, e é muito importante que se diga também que uma universidade tem muitos cursos e só é universidade porque tem as três áreas, porque tem ensino, porque tem pesquisa e porque tem extensão. Então, centros universitários muitas vezes não tem extensão universitária, não tem pesquisa, ficam restritos ao ensino. A UNITAU é uma universidade. Foi sendo construída com a vontade dessas pessoas ao longo de gerações, e nós já estamos aqui. Eu estou falando que já estou formando gerações também. É muito importante perceber a relação da Unitaú com a cidade – a UNITAU é de Taubaté. Não é uma universidade que está em Taubaté, é uma universidade da cidade, nasceu aqui e tem essa relação. Embora nos recebamos alunos de diversas cidades do país, o maior contingente é da cidade de Taubaté. Essa relação é muito importante. E foi crescendo a preservação do patrimônio, pois várias questões foram surgindo a partir das décadas de desenvolvimento. Contribuí para o desenvolvimento da cidade, está no hino de Taubaté, “és inteira, uma só faculdade!”. É inteirinha uma só faculdade, Taubaté é isso, tem essa vocação. Ainda há um grande desafio, que é fazer a parte cultural. A Universidade de Taubaté, não é qualquer universidade, é sólida, ampla, com profissionais muito competentes, reconhecidos internacionalmente nas suas pesquisas e nos seus trabalhos, e existe em uma cidade histórica como Taubaté. Essa junção ainda está faltando, superar um entrave para otimizar toda a potência que não só a cidade tem, mas também a Universidade.

Nós estamos agora com um grande projeto, com o apoio da professora Monica Carniello, sobre a marca de Taubaté. Ela é especialista na área e estamos fazendo esse trabalho. Nós tam-

bém precisamos entender que a Universidade de Taubaté não é só Taubaté. O curso de História, de Arquitetura e diversos outros cursos fazem os trabalhos de campo, ações de extensão universitária, como mencionei, em Redenção da Serra, São Luiz do Paraitinga, agora estão nos chamando para Paraibuna e São José dos Campos. Nós temos uma localização muito privilegiada e é possível fazer esse trabalho que não se restringe a Taubaté, mas que se amplia a todo o vale do Paraíba. E as viagens de trabalho de campo são muito importantes para a formação dos alunos, nesse momento em que a Universidade está se reinventando, não só nas tecnologias decorrente da pandemia, mas também essa reinvenção de sair dos muros da Universidade. A curricularização da extensão universitária, que hoje é uma realidade em âmbito nacional, também na Universidade de Taubaté aparece na questão de sair dos muros e ao mesmo tempo saber as raízes que nos mantém de pé, que são esses prédios, esse patrimônio histórico que é de Taubaté, é da UNITAU e de todos nós. Essa raiz que nos dá possibilidade de florescer e trazer cada vez mais frutos. Nós vamos para o Rio de Janeiro, Petrópolis, Brasília, mas voltamos sempre para cá.

A UNITAU, para mim, é identidade, é a minha identidade, o que eu sou. O que sou hoje é professora universitária, o que sou há 21 anos, e mesmo que saia daqui amanhã, vou continuar sendo professora universitária.

Penso que, acima de tudo, somos seres humanos marcados por histórias e por relações, e nossas histórias é que nos constituem. Penso também que as instituições, como a universidade, são construídas pelas pessoas e pelas relações que estabelecem.

Em uma das viagens de trabalho de campo, por exemplo, em Ouro Preto, descobri que uma das alunas estava fazendo aniversário e comprei um bolo para comemorar. Quando ela viu o bolo, chorou muito e me disse: “Professora, eu nunca recebi um bolo de aniversário”. Somos o que nos afeta, o que podemos contribuir com a nossa formação profissional, mas também o que nos constitui como seres humanos. Outra vez uma aluna chegou para mim e disse: “Professora, queria muito te dar um presente, mas não tenho dinheiro, então fiz esse cachecol”. Perguntei a ela: “Você fez?” E ela respondeu: “Sim, fui eu que fiz”. Perguntei novamente: “E você escolheu a cor, fez ponto por ponto?”. Outra vez ela respondeu afirmativamente, e eu lhe disse: “Então tem um valor muito maior do que se você tivesse comprado um presente em 10 minutos. Em quanto tempo você fez esse cachecol?” Disse ela: “Uma semana”. Disse-lhe eu: “Pois foi uma semana em que você ficou me mandando energias positivas”. É muito forte tudo isso, todas essas relações.

Quero finalizar contando a vocês e tendo a oportunidade de registrar uma situação que me marcou muito. Na pandemia de covid-19, nos primeiros momentos de intensa incerteza e profundo medo, a primeira pessoa que me ligou foi uma aluna, que me disse: “Você precisa de alguma coisa?”. Ao longo dos anos de meu trabalho na universidade, muitas vezes ouvi críticas sobre como eu me preocupo demais com os alunos. Essa situação consolidou em mim a convicção de que, como professora, essa deve ser a minha maior preocupação, pois foi uma aluna a primeira pessoa que me estendeu a mão num momento de desespero.

Neste momento, participar da comemoração dos 50 anos da UNITAU é, para mim, muito significativo e emocionante, pois a minha vida se mescla à da universidade. Esse é, assim, mais um momento importante, dentre tantos os que vivemos.

44

Reinaldo Xavier

Sou Reinaldo Luiz Xavier, conhecido como Reinaldo Xavier ou simplesmente Xavier. No futebol, meu apelido era Reinaldão. Frequentei a UNITAU por quatro anos, onde me formei em Educação Física.

Agradeço aos professores e colegas que me apoiaram durante esse período. Aprendi muito com ambos. Nasci em Carazinho, Rio Grande do Sul, mas me mudei para Curitiba ainda muito jovem, onde vivi até os 17 anos. Comecei a jogar futebol, profissionalmente, no Curitiba Futebol Clube, e uma oportunidade surgiu para atuar no Esporte Clube Taubaté em 1983. Após oito meses em Taubaté, onde conheci e me casei com minha esposa, fui jogar pelo Palmeiras. Depois, percorri vários clubes pelo Brasil: Atlético Mineiro, Grêmio, Juventus, Bahia, Bangu, entre outros. Acredito que joguei profissionalmente de 13 a 15 anos. Em algum momento, a carreira chega ao fim, e é preciso seguir outro caminho.

Após encerrar minha carreira no futebol, retornei a Taubaté, onde resido até hoje, e onde me formei na UNITAU.

Importante dizer que cerca de 90% dos jogadores sonham em ser profissionais, mas apenas uma pequena minoria consegue alcançar o sucesso financeiro. A maioria precisa continuar trabalhando após encerrar a carreira no futebol.

Ao encerrar minha trajetória no futebol, eu não possuía qualificação profissional. Não sabia fazer nada além de jogar bola. Naquela época, poucos jogadores tinham condições financeiras estáveis, mesmo em grandes times. Meu caso não foi diferente; precisei recomeçar do zero. Voltei aos estudos, concluí o ensino médio e me formei em Educação Física na UNITAU, com a ajuda de excelentes professores.

Após a formatura, graças a qualidade de minha formação, fui aprovado em um con-

curso público para a Prefeitura Municipal de Taubaté, na Secretaria de Esportes, onde trabalho há oito anos, após um período anterior como contratado.

Sendo sincero, inicialmente, não tinha intenção de cursar Educação Física; aos 39 ou 40 anos, eu era professor em uma escolinha de futebol, sem a devida documentação. Um amigo, proprietário da escolinha, me incentivou a fazer o curso. Como eu estava com dificuldades financeiras e tinha família, temi não conseguir arcar com os custos do pagamento das mensalidades. Ele se ofereceu para pagar a faculdade durante o primeiro ano. Trabalhando na escolinha, eu recebia meu salário, e ele ainda custeava meus estudos. O mesmo ocorreu no segundo ano. No terceiro, ele aumentou meu salário, e dividimos o custo da faculdade. Foi uma grande ajuda. Prefiro não mencionar o nome dele, mas agradeço profundamente pela ajuda que recebi.

A faculdade foi um desafio, aos 40 anos, tendo como colegas estudantes bem mais jovens. Mas fui me adaptando e aprendendo com a turma e os professores. Foi um crescimento pessoal e profissional considerável. Aprendi muito na Unitau com os professores que marcaram de forma positiva. Dentre eles posso citar a Professora Maria Aparecida Ribeiro, conhecida como Pretta, o Professor Sérgio Querido, a Professora Virgínia Próspero da Cunha, entre outros.

Do tempo que passei na UNITAU, sinto falta do convívio com meus colegas de turma; já há um churrasco programado para nos reunirmos. Sei que muitos estão empregados em suas respectivas áreas e fico muito feliz em poder encontrar com todos.

Após a graduação, demorei algum tempo para ingressar como funcionário concursado na Prefeitura, pois trabalhei por oito anos como contratado na Secretaria de Esportes.

Atualmente, sou auxiliar técnico no Sub-20 do Esporte Clube Taubaté, combinando minhas habilidades e experiências em futebol.

Utilizo muito o que aprendi durante minha carreira no futebol, tanto com os treinadores quanto com os meus estudos na Unitau. Compartilho esses conhecimentos com os jovens jogadores, transmitindo minha experiência como atleta e minha formação em Educação Física. A UNITAU foi fundamental para esse processo.

O significado da Unitau na minha vida é imensurável. Mudou completamente minha trajetória. Após a aposentadoria no futebol, eu não sabia fazer nada. Graças a Unitau, e a ajuda de um amigo, pude me formar, me qualificar e me estabilizar profissionalmente. Sem a UNITAU, não sei onde estaria.

Tem muita ilusão com o futebol. A carreira de jogador de futebol é muito curta, e poucos se mantêm em níveis financeiros adequados. Muitos atletas não conseguem se planejar financeiramente após a aposentadoria e acabam perdendo tudo.

Meu conselho para jovens que estão buscando se profissionalizar no esporte é: procure conciliar seus estudos com o trabalho, mesmo que seja difícil. E nunca pare de estudar, pois o conhecimento é fundamental para o crescimento pessoal e profissional. Tenho observado que muitos jovens atletas carecem de conhecimento e visão de mundo. Os estudos ampliam o leque de oportunidades e o entendimento de diferentes situações. É preciso não só saber jogar, mas também saber lidar com as diversas situações da vida. Precisamos incentivar os

jovens, orientá-los e ajudá-los a se prepararem para qualquer situação. Não desista de seus sonhos e continue tentando.

Meus amigos que também passaram pela UNITAU estão seguindo carreiras de sucesso. A UNITAU foi e continua sendo um trampolim para grandes profissionais.

A UNITAU foi minha salvação. Ao encerrar minha carreira como jogador, sem outra qualificação profissional, a UNITAU me proporcionou a oportunidade de me tornar professor de Educação Física, com a devida certificação. A formação que recebi na Unitau me proporcionou esse preparo. Comecei a dar aulas, aplicar os métodos adequados e ter sucesso profissional na área do ensino.

45

Robson Monteiro

Eu sou nome é Robson Luís Monteiro, mas sou conhecido na UNITAU como Robson Monteiro. Tenho 63 anos e passei dois terços da minha vida na Universidade, primeiramente como acadêmico, entre 1979 e 1984, e após isso, como estudante de pós-graduação. Comecei minha carreira profissional entre 1984 e 1992 no setor de imprensa, incluindo rádio e jornal. Minha trajetória acadêmica e estudantil está fortemente ligada à Universidade de Taubaté; voltei à instituição em 1993, por meio de concurso, e trabalhei como técnico de laboratório de rádio, que é minha paixão, por um ano e dois meses.

Sou jornalista de formação, mas experientei diversas áreas, incluindo assessoria de imprensa, TV e jornais impressos. Minha vida sempre foi pautada pelo jornalismo, com um forte foco na universidade. Ao longo da minha carreira como assessor, jornalista, professor e técnico, sempre estive presente nos ambientes acadêmicos da UNITAU.

Nasci em Taubaté em 1961 e tenho um profundo amor por tudo que envolve a cidade; meu carinho por ela se deve ao fato de que praticamente toda a minha família nasceu nessa cidade. Embora tenha vivido em outras cidades, como em Videira/Santa Catarina e Campos do Jordão, devido ao trabalho do meu pai, que era bancário, sempre mantive vínculo com Taubaté. Estudei na Escola Estadual Monteiro Lobato, chamado de Estadão, e na Escola Monsenhor João Alves, na Vila São José, concluindo alguns cursos de ensino médio nas cidades onde morei. Conheci a UNITAU através do esporte e de amigos, sempre a considerando minha primeira opção. Fiz vestibular em outras instituições, mas meu foco sempre foi essa universidade, e assim ingressei e construí minha carreira.

Uma lembrança marcante da escola é quando, no primeiro ano do ensino médio no Estadão, minha professora de língua portuguesa me incentivou a criar o jornal do grê-

mio estudantil. Respondi que não conhecia a técnica de escrita necessária, mas ela se ofereceu para me orientar. Reuni amigos e assim comecei minha jornada no jornalismo. Naquela época, usávamos mimeógrafo para imprimir, e os temas abordados eram simples, como datas comemorativas e reivindicações. Despertou em mim o interesse por seguir no jornalismo ou trabalhar como tradutor intérprete, pois sempre gostei de escrever.

No terceiro ano do ensino médio, como torcedor fervoroso do Esporte Clube Taubaté, comecei a sonhar em me tornar repórter esportivo. Descobri o curso de Jornalismo que estava sendo inaugurado no prédio da faculdade de Ciências Jurídicas em 1979, fiz o vestibular e ingressei em 1980. Desde então, percebi que queria mesmo seguir o caminho do Jornalismo, em vez de Letras.

A transição do ensino médio para a faculdade na década de 80 era um processo desafiador, pois saímos de um sistema de ensino mais leve para outro mais rigoroso, exigindo conhecimentos diversos. Quando comecei o curso em 1980, nós, alunos de Jornalismo, éramos mais informais, enquanto os estudantes de Direito se apresentavam de forma mais alinhada. Esse foi um dos primeiros desafios que tivemos que superar. O segundo foi o aprendizado que não se limitava apenas na literatura que o professor indicava, exigia uma busca por conhecimento mais ampla, o que, embora difícil, foi muito enriquecedor.

O primeiro ano na faculdade é quando você conhece os professores e se familiariza com o ensino superior, ao mesmo tempo que precisa se auto-superar. Além disso, trabalhei em um hotel das 11 da noite às 7 da manhã para ajudar a financiar minha faculdade, o que tornava a rotina mais intensa. Meu curso era matutino e, após as aulas, eu voltava para casa para descansar antes de retornar ao trabalho. No segundo ano, consegui uma nova oportunidade profissional que me permitiu reorganizar minha vida.

Esse novo trabalho era na área comercial, sem muito a ver com Jornalismo, que fui estagiário apenas no terceiro ano. O estágio, embora não remunerado, ocorreu em uma emissora de rádio, onde comecei como responsável pela discoteca, selecionando músicas para a programação. Com minha curiosidade, fui adentrando o departamento de Jornalismo, conhecendo profissionais da área e aprendendo muito.

Lembro com carinho de muitos professores. Alguns mais superficialmente porque eram professores que davam duas aulas, enquanto outros, como o professor João Batista Gonçalves Pinheiro, que lecionou Teoria da Comunicação, marcaram mais minha trajetória. Também recordo do professor Hamilton, de língua portuguesa, do professor Nilton Claret e do professor Rubens, da área de rádio, e o professor Duarte que era da área de Ciências Políticas. Cada um deles teve um impacto significativo durante os momentos em que construí minha vida acadêmica e profissional.

Depois de um ano no prédio do Direito, fomos para um prédio da rua do colégio que foi sede do Departamento de Comunicação até 2023. Esse prédio, como mencionei anteriormente, era o antigo Hospital São Jorge, propriedade do Dr. Jorge Bassil. A construção possuía uma rampa na rua do colégio, que servia como acesso a um pronto-socorro. Ao entrar, havia um guichê logo à frente. Fui coordenador de multimeios do departamento e esse espaço se tornou minha sala quando voltei a ser professor. Trabalhei com Silas na área de multimeios, e no fundo do prédio ficava o laboratório de rádio, onde também atuei. Nos primeiros dias, o

prédio passou por adaptações; havia uma escada de acesso do térreo ao primeiro andar, onde ficava a rampa, e usávamos máquinas de escrever Lettera da Olivetti para elaborar os textos, que ficavam expostas em mesas sob a escada.

À medida que o número de alunos aumentava, o reitor da época, Professor Milton de Freitas Chagas, percebeu o potencial do curso de Jornalismo e começou a investir na melhoria das instalações. Assim, construíram uma sala de redação, proporcionando uma estrutura mais qualificada para o Departamento de Comunicação Social. O prédio, que antes era um hospital, tornou-se um espaço acadêmico. Posteriormente, foi construído um novo anexo com quatro andares, abrigando um laboratório de informática, um laboratório de multimeios e uma série de outros investimentos. Também foi adaptado um prédio vizinho para abrigar o laboratório de TV e o estúdio da nossa rádio FM UNITAU, projeto do qual tive a honra de participar.

Cheguei à Universidade de Taubaté em 1992, após uma década no mercado de trabalho. Ingressei por concurso público como técnico de laboratório em julho e, no ano seguinte, como auxiliar de ensino.

Quando a vaga surgiu, o professor João Batista, ciente da minha trajetória na imprensa radiofônica, me incentivou: “Robson, faça o concurso. Quem sabe você seja aprovado e possa auxiliar o professor da área.” O professor em questão era o Padre César Moreira, jornalista renomado e diretor da Rádio Aparecida. Tive a oportunidade de aprender a ser professor com o Padre César, que se aposentou meses depois para participar de um curso em Roma. Após quatro meses ao seu lado, assumi as aulas em 1993.

De 1993 até 2021, ministrei diversas disciplinas: Rádiojornalismo I e II, Assessoria de Imprensa, Telejornalismo I e II, além de aulas no curso de Relações Públicas, produção de rádio e TV para relações públicas e edição eletrônica com o uso do PageMaker. Essas são as disciplinas que mais me recordo. Substituí colegas temporariamente devido a licenças maternidade e outras razões, mas, em geral, essas foram as principais à frente das quais atuei. Na verdade, era titular da disciplina de Rádiojornalismo, cargo para o qual fui aprovado em concurso. Como se diz na carreira docente, “ou eu era amado ou eu era odiado”.

Para não soar presunçoso, mas para enfatizar minha atuação, sempre procurei estabelecer um respeito rigoroso com os horários nas minhas aulas. No rádio e TV, é essencial respeitar os prazos de entrega e apresentação de materiais. Por exemplo, se um telejornal começa às 7 horas, o material precisa ser entregue até às 6h55, para que possamos organizar tudo. Infelizmente, muitos alunos não compreendiam essa exigência, já que em outras disciplinas os professores costumavam ser mais flexíveis.

Recordo de um caso específico, de um aluno um pouco mais velho que eu, que estava cursando Jornalismo. O laboratório estava à disposição, e avisei que a aula começaria às 7 horas, dando uma hora para a produção do jornal. Avisei que fecharia a porta do laboratório exatamente às 8 horas. Embora eu tenha permanecido com eles até 10 para as 8, quando fui para o laboratório junto ao técnico Gerson Mário, muitos alunos chegaram apenas cinco minutos antes das 8, entregaram o material e entraram no laboratório.

Esse aluno em particular chegou às 8h01 e encontrou a porta fechada. Ele bateu, mas não a abriu. Ele terminou o jornal, mas não recebeu a nota. Ficou um mês chateado e sem conver-

sar comigo, mas eventualmente se tornou meu amigo. Ele virou jornalista de rádio e aprendeu, na prática, a importância da pontualidade em nossa profissão, algo pelo qual até hoje ele me agradece. Atualmente, já aposentado, ele sempre recorda essa experiência com gratidão.

Quando falo sobre minha relação com os alunos, é importante destacar que, mesmo sendo rigoroso, sempre gostei de ouvir o lado deles. Ao longo da minha carreira, tive vários alunos “problemáticos”, muitos dos quais enfrentavam dificuldades pessoais ou não tinham uma formação adequada no ensino médio. Eu tinha paciência e frequentemente ficava após o expediente para conversar com aqueles que precisavam de ajuda para compreender a matéria ou desenvolver um trabalho. Essa disponibilidade era uma parte fundamental do meu ensino.

Como mencionei antes, ou eu era amado ou não. Até hoje, tenho inúmeros amigos que me enviam mensagens pelo WhatsApp, perguntando sobre indicações de cursos de especialização, pós-graduação e aprimoramento. Muitos alunos que na época não entendiam minha postura tornaram-se meus amigos; outros não mantiveram contato, mas alguns se aproximaram e conversam comigo ao me encontrarem na rua.

Fui repórter esportivo por 10 anos e conheço bem locais como o Maracanã, o Morumbi e o Mineirão, além de praticamente todos os estádios do interior de São Paulo. Em 1983, após me formar, surgiu uma vaga de repórter na Rádio Difusora Taubaté. Fiz o teste, passei e ingressei na equipe esportiva da rádio. Um grande orgulho da minha carreira é que, na Difusora, comecei como estagiário e cheguei a editor-chefe, alcançando esse cargo por meio do meu esforço e capacidade, sem nunca ser arrogante.

Durante 9 anos, atuei como repórter, conciliando reportagens esportivas com jornalismo geral, e passei 4 anos como editor-chefe da Rádio Difusora Taubaté, além de 2 anos na Rádio Band Vale FM 102,9. O rádio sempre esteve em meu sangue e, embora atualmente seja apenas um torcedor, o esporte foi uma parte importante da minha vida como repórter. Essa dedicação me custou a atenção que deveria ter dado à minha família, pois a maioria dos jogos ocorria nos finais de semana, e eu trabalhava de segunda a sexta. Essa é uma lacuna que busco preencher até hoje. Vários alunos se tornaram jornalistas esportivos influenciados pelas minhas aulas de rádio jornalismo na Universidade de Taubaté, como Cláudio Nicolini, editor da TV Band Vale, e Marcelo Espanha, que se destacou na área de assessoria de imprensa e treinamento em comunicação.

Nos primórdios do curso, o jornalismo esportivo fazia parte das aulas teóricas. A partir dos anos 2000, com a ajuda do Gerson e da própria Universidade, recebi equipamentos para aulas práticas. Minha disciplina tinha uma carga horária de 120 horas, com 60 horas específicas para a teoria no primeiro ano e 60 horas práticas no segundo ano. Os alunos iam ao estúdio para praticar jornalismo esportivo e fazer narrações de futebol. Para ilustrar, eu gravava os jogos em videocassete, com aquelas fitas enormes! Convidava narradores esportivos para as aulas, que narravam os lances enquanto os alunos atuavam como repórteres. Muitas vezes, as falas davam margem a comentários inesperados, como qualidades físicas dos jogadores, mas isso servia para estimular a prática e a criatividade dos alunos.

Assim, muitos se tornaram repórteres, inclusive Tony Assis, que foi para São Paulo, e Ednelson Prado, que também fez carreira no jornalismo esportivo. O Padre, que também

trabalhou na nossa rádio FM, era outro companheiro. Essa atividade me deixava satisfeito, pois combinava teoria e prática, mostrando a eles como apresentar notícias, improvisar, usar entonação e construir frases de forma adequada. Eu sempre permiti que assistissem, através de um “aquário de vidro”, como eu realizava as tarefas.

Na disciplina de Telejornalismo, aplicava a mesma metodologia. Reunia os alunos das disciplinas Tele 1 (base) e Tele 2 e, com uma câmera em mãos, íamos à Praça Santa Terezi- nha para eles praticarem ao fazer links e boletins. Embora cometêssemos erros e tropeçássemos nas falas, no final todos conseguiam produzir os boletins de forma satisfatória. Guardo muitos desses vídeos com carinho. Um dos meus alunos, Geisel Rodrigues, hoje está na TV Morena, em Cuiabá. Recentemente, ele me enviou uma mensagem perguntando sobre algo e compartilhou um link da matéria que havia produzido. Fiquei feliz em dizer que percebi o quanto ele melhorou desde os tempos da faculdade. Envie-lhe um vídeo de um boletim que ele fez e comentei: “Olha, esse era você no terceiro ano, e agora veja essa nova matéria”.

Na televisão, você não pode apenas decorar; é necessário ter conhecimento sobre o assunto para improvisar e agir com naturalidade. Se você apenas recitar um texto, não conseguirá se conectar. Quando expliquei isso, o aluno ficou grato e enviou uma mensagem agradecendo. Eu reafirmei: “Está vendo? Era isso que eu tentava mostrar para vocês. Não queria ser duro, mas sim trazer a realidade para a sala de aula.” Essa abordagem sempre foi a essência do meu trabalho em rádio e TV.

A transição para a aposentadoria foi tão dolorosa quanto foi minha entrada como aluno. Aposentei-me da UNITAU em dezembro de 2021, mas continuo ativo no mercado. Enquanto estava na UNITAU, trabalhava 60 horas por semana, incluindo 40 horas como funcionário da Câmara de Vereadores de Pindamonhangaba, onde atuo na assistência de imprensa parlamentar. Esse ritmo frenético, trabalhando 40 horas durante o dia e 20 à noite, foi desafiador. Deixá-lo foi difícil, pois precisei quebrar uma rotina intensa que incluía preparar aulas e compromissos nos finais de semana. No entanto, ao mesmo tempo, consegui cuidar melhor da minha saúde e da minha família, apesar de ter sido um processo doloroso.

As dores dessa transição refletem a necessidade de dedicação. Se você não se dedicar, não cresce. Ser professor exige um comprometimento semelhante ao de um médico ou advogado. Esse ritmo exige que você abdique de certas coisas, mas a gratificação vem dos feedbacks dos alunos e do reconhecimento pela sua produtividade técnica. As amizades que se formam e o carinho que os alunos desenvolvem são gestos que levamos para a vida toda. A UNITAU desempenhou um papel fundamental na minha trajetória, não só pela minha formação acadêmica, mas também pelo reconhecimento que recebi de reitores, pró-reitores e chefes de departamento. Estabeleci amizades duradouras e construí relações com colegas que considero amigos até hoje.

Agradeço à UNITAU pela estabilidade financeira que me proporcionou, permitindo que eu construísse meu patrimônio. Mais importante ainda, sou conhecido como o professor Robson da UNITAU, e isso me enche de orgulho!

Se eu tivesse que definir a UNITAU em uma única palavra, diria “vida”.

Minha trajetória na UNITAU foi acadêmica, mas também atuei como assessor do reitor Nivaldo Zollner e da professora Vanda Aparecida Várzea Cursino, na pró-reitoria de exten-

são. Trabalhei com a professora Eliana Maria Guedes na Comissão Permanente de Seleção Acadêmica (COPESA). Conservo momentos importantes em minha vida na UNITAU. Fui professor, assessor e assistente de reitores, incluindo os professores Nivaldo Zollner e Antônio Marmo de Oliveira, além de ter trabalhado com o professor Francisco Pinto Barbosa.

Fui responsável pela elaboração do primeiro manual do candidato ao vestibular durante a gestão da professora Vanda e pela criação do primeiro Jornal Interno da reitoria. Um momento marcante da minha carreira foi quando participei da programação da rádio FM UNITAU, sob a supervisão do professor João Batista Gonçalves Pinheiro. O trabalho na rádio é algo que me orgulho profundamente, pois reconheço sua importância para o município de Taubaté.

Tive a honra de ser mestre de cerimônias na festa de 25 anos da Universidade de Taubaté. A antiga secretária, Rosana Pereira, frequentemente me convidava para comandar eventos da UNITAU, e participei de mais de 15 formaturas da Comunicação Social, além de colações de grau em diversos departamentos, como Agronomia, a pedido do professor Paulo Fortes, e Odontologia, sob solicitação do professor Vanderlei Angarano. Essa atuação fora das salas de aula foi uma parte da minha carreira que realmente apreciei.

A vivência com pessoas mais experientes, que compreendem a complexidade da Universidade, é inestimável. Um exemplo é a professora Vanda Aparecida Várzea Cursino, uma pessoa de coração generoso, que via a universidade além da esfera acadêmica e administrativa, focando também na dimensão humana. Aprendi muito com a professora Vanda, assim como com o professor Nivaldo, um homem altamente culto. Do professor Milton Chagas, absorvi a importância do rigor, a capacidade de produzir textos precisos e a manutenção de princípios de honestidade.

Cada uma dessas figuras acrescentou algo significativo à minha formação, moldando-me como profissional. Embora tenha citado esses três nomes, poderia mencionar muitos outros com quem trabalhei, como a professora Maria Célia Minamisako, que substituiu a professora Vanda, e o vice-reitor Celso Ferro, um homem extremamente humano. Ao longo do tempo, tive a oportunidade de conviver com inúmeras pessoas que contribuíram para o meu crescimento tanto como ser humano quanto como profissional.

46

Rosemeire Análio

Sou Rosemeire Isabel Ramos Análio, fui docente na Universidade de Taubaté por 29 anos, a minha história na instituição começou antes desses 29 anos como docente, pois iniciei minha vida na instituição como aluna, no final da década de 70, no antigo “Colégio”, que hoje todos conhecem como Colégio Doutor Alfredo José Balbi. Na ocasião para ingressar no curso, era necessário realizar uma prova de admissão e com a minha aprovação, eu fiz o curso técnico em Patologia Clínica, assim como alguns professores da nossa universidade que hoje lecionam na Odontologia e na Enfermagem, somos “filhos da casa” do colégio.

Após conclusão do ensino médio, eu prestei vestibular para o curso de Enfermagem na UNITAU, onde estudei de 1984 a 1986. Naquela época, o curso era em período integral e tinha duração de três anos, mas agora a duração é de quatro anos, embora a carga horária ainda seja bastante significativa. Minha escolha pelo curso se baseou no fato de que sempre proporcionou uma formação teórica e prática sólidas, o que atrai muitos alunos para curso de Enfermagem da instituição.

Na época, prestei vestibular para dois cursos e fui aprovada tanto para o curso de Enfermagem quanto para o curso de Biologia, mas optei pela Enfermagem. Minha escolha estava ligada ao cuidado; pois desde criança cuidei da minha irmã mais nova, e essa experiência influenciou minha decisão. Além disso, minha avó paterna foi parteira. Embora não a tenha conhecido pessoalmente, sempre ouvi histórias sobre ela de meus pais, e isso reforçou minha ligação com a área. Desde minha entrada na escola, minha intenção era trabalhar em pediatria, e essa foi exatamente a especialização que escolhi após me formar.

Formei-me na turma de 1986 e, no ano seguinte, fui para São Paulo. Lá, trabalhei

em um hospital de assistência médica e indústria, chamado AMICO (Assistência Médica a Indústria e Comércio), na Vila Mariana. Logo busquei uma vaga na pediatria, mesmo sem a especialização na época. Foi curioso, pois, naquela época, como não havia internet, a busca por empregos se fazia através de anúncios em jornais. Nos fins de semana, pegávamos os anúncios e, na segunda-feira, partíamos para São Paulo. Aqui no Vale, a possibilidade de contratação de enfermeiros era bastante limitada; geralmente, se contratava um enfermeiro para gerenciar o hospital, mas não para as unidades.

Iniciei a busca por um emprego na região e, ao apresentar o meu currículo, recebia os seguintes comentários: “Suas notas foram muito boas, mas você não tem experiência”. Foi nesse momento que pensei: “Se eu não tiver uma primeira oportunidade, nunca terei experiência.” Decidi, então, ir para São Paulo à procura de melhores oportunidades e fui em diversos hospitais para distribuir o meu currículo.

Em um dos hospitais, a chefe de enfermagem me surpreendeu ao comentar como era inusitado encontrar uma jovem de 21 anos interessada em pediatria, normalmente um campo escolhido por profissionais mais experientes. Expliquei à ela que sempre gostei de crianças e que queria fazer a minha especialização nessa área. Ela informou que, infelizmente, não havia vagas em pediatria, mas que poderia deixar o meu currículo para uma oportunidade no pronto-socorro. Respondi que não faria isso, pois não era a área que desejava e que, além disso, tinha exemplares limitados do meu currículo. Então, uma vez que não havia vaga para Pediatria pedi que se pudesse, me devolvesse meu currículo — uma ingenuidade da minha parte.

Ela, por sua vez, explicou que ninguém devolvia currículos, que esses sempre ficavam na empresa para futuras oportunidades, e então eu concordei com sua justificativa. Após nos despedirmos, mas quando estava saindo do elevador no térreo do hospital, um segurança me abordou e disse que a diretora de enfermagem desejava conversar comigo novamente.

Retornei à diretoria de enfermagem e a diretora comentou que apreciou a minha honestidade e talvez a minha falta de experiência. Ela me ofereceu uma oportunidade na pediatria, mas precisava saber quanto tempo eu levaria para me mudar de Taubaté para São Paulo e, como eu não pude estipular uma data, ela me deu o prazo de 30 dias para mudar de cidade e assumir o cargo, e assim aconteceu.

Vim para Taubaté, onde minha família morava e avisei os meus pais, que voltaria para São Paulo para procurar um local para morar; pois a diretora do hospital havia mencionado um pensionato de moças, próximo ao hospital e foi assim que mudei e consegui o meu “primeiro” emprego. Nesse hospital da AMICO, eu trabalhei durante cinco anos e a cada ano, recebi uma promoção na minha área.

Enquanto fazia a minha especialização na Escola Paulista de Medicina, uma professora da Enfermagem UNITAU, me encontrou em um evento e comentou: “tem uma vaga na escola para docente e sempre gostei do seu jeito nas aulas, acredito que você poderia ser docente na universidade e que tal tentar o concurso?” Eu respondi: “nossa, mas ser docente é uma responsabilidade enorme; especialmente com apenas cinco anos de formada!”

Nesse momento, ela me encorajou, dizendo: “você dá conta, tenho certeza e seria bom você voltar para Taubaté, onde tem sua família.”

Fiquei um pouco balançada com a possibilidade de emprego, pois minha mãe estava com problemas de saúde e por isso decidi retornar para Taubaté e tentar a vaga na Enfermagem UNITAU. Eu fiz a prova, passei e comecei a lecionar como professora assistente, ou colaboradora assistente, como era chamada na época.

A decisão de me candidatar foi decisiva, influenciada pelas palavras daquela professora. Ela me disse que acreditava que eu tinha o perfil para a docência, pois não basta ter conhecimento em uma área; é preciso gostar de ensinar. Assim, decidi tentar, abvida é feita de desafios e precisamos nos renovar para não nos tornarmos acomodados; pois a acomodação reduz a nossa produtividade.

Ao chegar na instituição, encontrei ex-professoras que me receberam calorosamente, que se tornaram minhas colegas de trabalho e depois amigas. Investi na minha carreira acadêmica na UNITAU, fiz concursos e mestrado.

A primeira cadeira que ocupei na instituição como docente foi já na disciplina de Enfermagem Pediátrica; pois a minha vivência profissional foi voltada às crianças, aos adolescentes e suas famílias. Trabalhei em todos os setores da pediatria, clínicos e cirúrgicos e no início foi assustador, pois eu tinha apenas 21 anos quando entrei na UTI pediátrica, que é um ambiente desafiador, com perdas constantes. Minha visão de pediatria estava voltada para o nascimento e o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, mas na UTI precisei lidar com falecimentos. Busquei apoio psicológico e orientação da chefe sobre como entender que os óbitos não eram reflexo da minha assistência.

Na década de 80, enfrentamos uma epidemia de meningite na cidade de São Paulo e na época, trabalhávamos voltados para uma assistência de enfermagem curativa, antes da implantação do SUS e da Constituição de 1988. não havia uma assistência abrangente; as pessoas só buscavam ajuda quando doentes, às vezes diante de uma situação grave, e aí frequentemente não havia o que fazer.

Entre na Universidade de Taubaté na década de 90, após a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que desde o seu início teve como objetivo a assistência de saúde integral, desde a promoção a saúde aos indivíduos e a sociedade.

A minha especialização, no final da década de 80 na Escola Paulista, foi em Pediatria Social e Puericultura, que já tinha como foco a promoção da saúde em crianças e adolescentes, no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento e na orientação às famílias sobre como cuidar das crianças para garantir um desenvolvimento saudável.

Minha proposta ao ingressar como docente na UNITAU não foi apenas ensinar o que aprendi na graduação, mas sim abordar essa nova perspectiva de promoção à saúde infantil. Estávamos em um momento crucial, começando a implementação do SUS, que visava garantir atendimento à saúde para todos, independentemente da classe social ou da formalidade na relação de trabalho do cidadão.

É um sistema de saúde recente e que ainda precisa de muitas melhorias e os profissionais de saúde têm a consciência de que pode e deve melhorar. Recentemente, o SUS completou 30 anos, e embora seja recente, para os profissionais parece um centenário. Foram muitas batalhas para garantir que todos tenham acesso à saúde.

Enfrentamos grandes desafios na saúde e assim como na educação e se soubermos gerir, podemos obter resultados significativos e positivos. No entanto, não podemos perder o nosso sistema de saúde universal; isto é, para TODOS, nós devemos avançar em respeito a todos que lutaram para garantir o direito à saúde em nosso país.

Por exemplo, os venezuelanos ao atravessarem a nossa fronteira e adentrarem em nosso território nacional, adquirem o direito de serem atendidos pelo SUS, muitos vêm para nosso país em busca de trabalho, de atendimento médico, pois em seu país de origem por diversos problemas que enfrentam, principalmente os relacionados a democracia, não possuem políticas sociais que garantem esses direitos primordiais ao ser humano. Mesmo no país mais rico do mundo, os Estados Unidos, não garante aos seus cidadãos um Sistema Universal de Saúde.

No início da década de 90, era difícil os jovens entenderem o conceito de promoção de saúde, de sistema único de saúde; pois eles vivenciavam uma assistência em saúde, apenas em hospitais e com as pessoas já doentes. Quando falávamos sobre atuação em escolas e postos de saúde, isso parecia algo estranho e impossível.

Muitos dos professores do nosso curso de Enfermagem foram formados em outras instituições, como a Enfermagem da USP, onde a promoção da saúde já era preconizada em postos de saúde, eu acredito que ao chegarem no interior, no Vale do Paraíba, sentiram a falta desse enfoque nos cursos da área de saúde do país. Quando nós, ex-alunas, começamos a trabalhar na década de 90 com essa proposta de promoção e prevenção de doenças, muitos ficaram felizes em termos também essa perspectiva de ensino e atuação profissional.

Alguns professores ainda não sabiam como seriam realizados os estágios práticos fora da área hospitalar, e eu propus os postos de saúde, assim como as escolas de educação de educação infantil, onde encontraríamos as crianças e suas respectivas famílias. Os alunos estranharam a ideia, pois vieram com a expectativa de “salvar vidas” e pareciam achar estranho que isso pudesse acontecer fora do hospital.

Com a propagação das informações pelos meios de comunicação e com o início da Internet, essa estranheza de uma assistência de saúde fora da área hospitalar foi sendo dissipada e, mostrou que era possível oferecer esse tipo de assistência em outros locais da nossa sociedade, onde houvesse a presença de indivíduos.

Nós, os professores, éramos os responsáveis por conseguir os campos de estágio. Visitávamos ex-alunos e gestores para estabelecer parcerias. Na época, essa tarefa era muito difícil, pois muitos não entendiam o que poderíamos fazer em escolas e nos postos de saúde (serviços de saúde voltados à Atenção Primária). No início, a proposta oferecia que ficássemos na sala de vacinas, aplicando vacinas ou administrando medicamentos.

Nesse período, foi fundada a creche da universidade, destinada a oferecer assistência multiprofissional para os filhos de funcionários e, futuramente, de alunos. Fui convidada a ajudar na implementação da creche e a participar do projeto. Havia uma visão negativa em relação às creches, com a ideia de que eram apenas locais para “depositar crianças pobres e doentes”. Em reuniões, expliquei que essa não era a nossa intenção.

Nossa proposta era criar um espaço onde as crianças fossem assistidas de forma integral, considerando tanto o crescimento quanto o desenvolvimento. Reunimos professores de enfermagem, pedagogia, serviço social e psicologia. A princípio, foram os professores que

buscaram a creche para seus filhos, e isso gerou uma demanda por parte dos funcionários administrativos.

Trabalhamos com os filhos de funcionários de 1991 a 1993. A partir de 1993, foi necessário realizar uma avaliação socioeconômica, pois, embora os professores tivessem acreditado em nosso trabalho, havia pessoas com renda menor que precisavam das vagas.

Foi durante a gestão do professor Milton Chagas que a creche foi aberta, sob a direção da Pró -Reitoria de Extensão, do Departamento de Serviço Social e com o apoio de diversos professores. A creche representou uma oportunidade de demonstrar que poderíamos oferecer assistência integral às crianças de até cinco anos de idade. Também serviu como campo de estágio para os meus alunos, permitindo que realizássemos avaliações de crescimento e desenvolvimento, entre as atividades a avaliação de peso-altura e, por isso, as devidas orientações sobre a nutrição infantil. Além disso, orientávamos as famílias sobre cuidados quando as crianças ficavam doentes e mantínhamos um controle rigoroso da carteirinha de vacinação (calendário de imunização). A imunização das crianças era uma prioridade.

É triste ver que esse compromisso se perdeu em nosso cotidiano atual, especialmente com a propagação de notícias falsas sobre vacinas. Lamentamos ter lutado tanto para garantir as vacinas contra doenças que podem ser fatais, e agora alguns não levam seus filhos à vacinação, baseados em teorias da conspiração. Neste mês, por exemplo, estamos na batalha pela prevenção do câncer de mama e do colo do útero. Embora não haja vacina para o câncer de mama, existe uma vacina para o colo do útero.

Temos a vacina contra o HPV, que previne 90% dos cânceres de colo do útero, mas muitos não levam seus filhos para vacinar. É triste constatar que, apesar dos avanços, estamos involuindo nessa área, priorizando fofocas e ódio em vez de conhecimento, o que não agrega valor à humanidade.

Eu lecionava no departamento e como enfermeira pediátrica, era responsável pela assistência em saúde das crianças na Creche UNITAU; pela manhã das 7:30 até 13:00, lecionava as aulas teóricas e supervisionava os estágios (aulas práticas), e no período da tarde, na creche, cuidava da assistência às famílias, não apenas às crianças. Trabalhei como enfermeira na creche de 1991 a 2006, quando precisei me afastar para assumir a chefia do departamento, que na época exigia dedicação exclusiva, impossibilitando minha permanência na creche.

As situações surgem e, em determinados momentos, é preciso assumir a responsabilidade. Sempre me dei bem com minhas chefes aqui, muitas das quais foram minhas ex-professoras, mas às vezes enfrentamos certos impasses. Um dia, uma amiga muito querida me disse que é fácil falar de fora, mas precisamos ver se conseguiríamos transformar as coisas de dentro. Ela me propôs concorrer à chefia e colocar isso em prática.

Na época, foi difícil disputar a eleição para chefia de departamento; pois a outra candidata foi a minha professora de Enfermagem Psiquiátrica, a enfermeira Selma Regina Abruzeze, uma pessoa muito querida, que infelizmente faleceu recentemente e devido sua relevância no magistério na área de Enfermagem foi homenageada (in memoria) na Câmara Municipal de Taubaté. Quando me inscrevi na disputa para chefia, conversei com a Selma, esclarecendo que disputaria o cargo, sem me nomear como a “melhor opção”, disse à ela: “as pessoas (na época somente docentes votavam para chefia) me conhecem há mais de 15 anos e acredito

que já sabem o que sou capaz de realizar para o curso de Enfermagem; por isso deixemos para elas a decisão desse momento.”

Naquele período, 2006, nas eleições de chefia, não havia a participação de alunos e funcionários técnico administrativo; apenas os docentes votavam, os do curso de Enfermagem, da área das ciências biológicas e de outros cursos da Universidade, cujo os docentes lecionavam no departamento. Acabei vencendo e assumindo em um momento difícil para o departamento; pois houve a decisão de realizar uma reforma no prédio do Campus do Bom Conselho e fomos o único departamento ou curso a ser transferido para um prédio temporário durante a reforma.

O curso foi transferido parcialmente; pois o 1º ano ficou no Bom Conselho devido a necessidade de uso dos laboratórios de Anatomia e de Enfermagem, enquanto que do 2º ao 4º ano foram para um local distante, em uma das saídas do município, o prédio do Departamento de Informática, na Avenida Marechal Deodoro, na saída para a cidade de Pindamonhangaba. Foi um momento complicado de exercer o cargo de chefia, não pelo comportamento de funcionários e professores, que entendiam a necessidade da reforma do prédio e que isso geraria sacrifícios temporários, mas sim pela reação dos alunos, principalmente os que já cursavam do 2º ano em diante e que reclamavam do deslocamento, por terem feito a opção pelo curso no vestibular devido a sua localização no Campus Bom Conselho.

Os laboratórios de Prática de Enfermagem foram mantidos no Bom Conselho e; por isso quando alunos do 2º ao 4º ano precisavam utilizá-los o deslocamento do Departamento de Informática para o Campus Bom Conselho era significativo e, por isso as reclamações eram constantes. Foi uma gestão desafiadora, mas que com a colaboração dos envolvidos conseguimos superar.

Infelizmente, existe uma certa dificuldade em nossa universidade; pois os prédios não formam um campus único, eu acredito que pela dispersão dos cursos em vários prédios distribuídos pelo município, o que dificulta a convivência acadêmica, a propagação do conhecimento, além dos valores que cultivamos na instituição.

Na época da reforma, enquanto lidávamos com as dificuldades inerentes às mudanças, tivemos uma oportunidade única para os docentes e os alunos; pois participamos junto ao Exército Brasileiro da “Operação Arcânjo”, em Aparecida durante a visita do Papa Bento XVI, com o objetivo de prestar assistência em saúde aos romeiros.

A comunidade acadêmica do curso ficou muito empolgada com a experiência de prática profissional e do momento histórico para o nosso país. Para esse momento a Universidade mobilizou diversos setores como Pró-Reitoria de Extensão Universitária, Transporte, Almo-xarifado, entre outros para que parte dos envolvidos (alunos) pudessem se deslocar para o município de Aparecida diariamente, enquanto alguns docentes ficaram alojados em uma escola do município para a gestão logística.

Na ocasião, o professor Dr Felício Murade, do Departamento de Comunicação Social, foi o interlocutor da Universidade de Taubaté junto ao Comando do Exército Brasileiro de Caçapava. A universidade, dentre uma de suas tarefas no evento, ficou responsável pela assistência de enfermagem aos romeiros, com a participação de docentes e acadêmicos nas Tendas de Saúde montadas pelo Exército nas dependências da Basílica.

As situações e desafios aparecem e em determinados momentos, precisamos assumir a responsabilidade. O desafio de prestar a assistência de enfermagem a centenas deromeiros durante o evento foi gigantesco, mas quando trabalhamos unidos por um mesmo objetivo, deixamos de ser professores- alunos e nos tornamos uma equipe em busca do melhor de cada um de nós. Foi um trabalho muito bonito e relevante para a formação profissional, pois os alunos puderam entender e experienciar que a atuação da(o) enfermeira(o) não se restringe ao hospital ou ao ambulatório (instituições de saúde); é necessário ser presente e atuante onde houver pessoas que precisem de assistência.

Nas Tendas de Saúde, realizamos diversos tipos de assistência, mas normalmente estavam vinculados ao atendimento de hipertensos, diabéticos e relacionados a curativos. Primeiro, porque as pessoas com a perspectiva de chegarem na Basílica, ficam animadas, ansiosas, saem romarias na madrugada e, por vezes sem tomar desjejum, tomar os medicamentos que fazem parte de sua rotina de cuidado. Por isso, nos atendimentos constatamos hipertensos e diabéticos descompensados, além de queixas de cefaléia por não terem dormido bem.

Ao chegarem para o atendimento, o nosso trabalho consistia em averiguar as queixas e sentimentos das pessoas, tentando atendê-las da melhor forma possível. Infelizmente, algumas precisaram ser encaminhadas para internação devido a parâmetros de pressão arterial e glicemia extremamente alterados. A maior parte do atendimento envolvia oferecer analgésicos ou cuidar dos pés de pessoas que chegavam muito feridas, lavando-os, realizando massagens e fazendo os curativos.

Bem, continuando nossa conversa sobre a reforma no Campus Bom Conselho, cabe ressaltar que durante a permanência do curso de Enfermagem no Departamento de Informática, nós fomos muito bem recebidos pelos docentes e, especialmente pelos alunos, que ficaram animados com a presença de mulheres em um departamento essencialmente masculino. Essa convivência com os colegas e alunos da informática resultou em colaborações significativas e avanço no desenvolvimento de pesquisas conjuntas, além de amenizar os transtornos decorrentes da distância entre os dois espaços destinados ao desenvolvimento do curso de Enfermagem.

Depois de meses em reforma, no final do ano, nós tivemos a reinauguração do nosso espaço no Campus Bom Conselho, com um momento glorioso e especial, uma apresentação musical da Fundação Artística da UNITAU.

O curso de Enfermagem foi inaugurado em 1978 e sempre funcionou no Campus Bom Conselho, por isso a nossa mudança para outro prédio da instituição causou grande desconforto e temor de que não voltaríamos para o “nosso espaço”, mas felizmente retornamos e em melhores condições para a execução do projeto político pedagógico.

Em anos subsequentes, após a minha saída da chefia do departamento e o retorno à docência, diversas foram as mudanças curriculares no curso, decorrentes de modificações no Sistema de Saúde e também no perfil social de nossos egressos e da própria instituição educacional, o que acarretou a constante necessidade de aprimoramentos e adaptações no desenvolvimento da minha prática docente.

Com a minha aposentadoria, no 2º semestre de 2019 vieram novos desafios na minha vida pessoal; pois foram décadas dedicadas ao processo ensino -aprendizagem e também,

nesse momento de desligamento, eu fui surpreendida com o diagnóstico de Câncer do Endométrio, que teve como consequência imediata a realização de uma histerectomia total, em novembro de 2019. Entretanto a reviravolta ou o “repensar a vida” aconteceu não só na minha vida, mas para todos; pois surgiu logo no início de 2020 foi decretada pela Organização Mundial de Saúde, a Pandemia do COVID 19, que causou uma reviravolta no mundo e principalmente para os profissionais da área de saúde, exigindo repensar e reformular muitas questões e práticas profissionais. No momento, eu acredito que após 5 anos ainda estamos nos adaptando a essa “nova vida” pós-pandemia.

Durante a Pandemia, por já estar aposentada e em tratamento oncológico, eu pude ficar em isolamento social, mas amigas docentes da Enfermagem UNITAU, dos demais cursos da área de saúde e os nossos egressos estavam na linha de frente, no combate a essa doença terrível, assustadora, que ceifou muitas vidas, inclusive de profissionais de saúde, amigos da área médica, de enfermagem, fisioterapia e ex-alunos dos nossos cursos, eles estavam em sua prática profissional cotidiana e, por vezes não puderam se cuidar adequadamente, adoeceram e faleceram em decorrência da COVID 19.

Embora uma boa parte dos profissionais de saúde tenha sobrevivido a esse “horror”, alguns infelizmente morreram e deixaram familiares e amigos perplexos e desolados; pois a cada óbito era inegável a dificuldade de lidar com a perda de um ente querido.

Perdemos profissionais jovens, pessoas que estavam começando suas vidas profissionais, recém-casados com filhos pequenos e essa doença os levou para sempre. Muitos de nossos ex-alunos trabalham em diversas instituições distribuídas pelo país e até no exterior, em ONGs como Médicos Sem Fronteiras e, durante o período da Pandemia, ocasionalmente me ligavam à noite para desabafar.

Em seus relatos afirmaram que os plantões estavam extremamente difíceis, tinham a necessidade de manter-se paramentados dos pés à cabeça durante todo período do exercício profissional para evitar a contaminação, fato que os impedia de atender às suas próprias necessidades de alimentação, eliminação e descanso. A situação os obrigava a fazer uso de fraldas descartáveis devido a falta de “tempo” para ir ao banheiro e também pela dificuldade em retirar toda a paramentação.

Esse momento da prática profissional desses profissionais foi desafiador e ao mesmo tempo, angustiante; pois por muitas vezes não puderam evitar o sofrimento das pessoas que vivenciaram a doença.

Além disso, muitos estavam preocupados com a saúde de familiares e amigos suscetíveis à doença, por pertencerem aos grupos de risco como idosos e portadores de doenças crônicas e, por isso optaram pelo afastamento de suas casas, do convívio familiar e se hospedaram em hotéis para a devida proteção familiar, especialmente os possuíam pais idosos ou filhos pequenos.

Alguns profissionais ficaram meses sem frequentar sua própria casa, mantendo apenas contato por meio de chamadas de vídeo para saber se todos estavam bem, com medo de transmitirem a doença.

Foi uma “experiência humana” de proporções imensuráveis, somente quem vivenciou essa doença em seu cotidiano profissional pode realmente descrever o pânico que se instalou,

pois ninguém sabia de onde a doença vinha, como lidar com ela ou para onde ir. O sentimento de impotência era avassalador e os dias pareciam intermináveis.

Em minha vivência sobre o período da Pandemia, também encontrei dificuldades e medos como todos, mesmo sendo uma profissional de saúde; pois como paciente oncológica e filha de uma pessoa idosa, não podíamos sair de casa para os devidos acompanhamentos de saúde com receio de contaminação.

Acredito que levará um bom tempo, para que as pessoas diretamente envolvidas na assistência em saúde, acalmem os seus corações e consigam se reequilibrar emocionalmente; pois o número de vidas perdidas em no nosso país, em decorrência da Pandemia foi alarmante e inacreditável.

Quando escolhemos ser profissionais de saúde, muitas vezes temos a utopia de acreditar que podemos resolver a maioria dos problemas e que há uma solução para cada doença. Os jovens que estão entrando na profissão agora, especialmente após a pandemia, perderam um pouco desse “romantismo”. É uma profissão bonita, que devemos abraçar com coragem, mas é fundamental reconhecer nossos limites. Não somos onipotentes e muito menos onipresentes, não somos “Deuses” que tudo solucionam e vidas salvam. Somos seres humanos “cuidando” de outros seres humanos, com nossas falhas, virtudes e limitações, pois também adoecemos e morremos. Enquanto profissionais de saúde, vemos nossos pais e irmãos envelhecendo, e, ao ingressar na faculdade com 17 anos, não temos a noção do que é o envelhecimento e muito menos, o que é o processo da morte. Entramos no curso de Enfermagem pensando em nascimento, vida e felicidade, mas em nosso futuro cotidiano profissional vamos enfrentar às doenças, às sequelas decorrentes dessas doenças, os acidentes e até mesmo a morte e, para essas circunstâncias precisamos nos preparar com conhecimento técnico científico.

Estou fazendo essa reflexão de vida e profissão nesse momento de fala sobre o meu percurso profissional na instituição; pois eu solicitei a minha aposentadoria em abril de 2019, e a minha Portaria de Aposentadoria foi deliberada, exatamente no “Dia do Professor”, em 15 de outubro. Durante os meses de desligamento da vida acadêmica, entre o pedido e a entrega da minha Portaria de Aposentadoria, eu tive que abandonar o meu papel de “enfermeira-docente” e vivenciar a situação de “paciente”; pois realizei no período uma biópsia no útero e descobri que estava com Câncer de Endométrio. Esse fato ou intercorrência determinou o meu desligamento, de maneira tranquila da instituição, sem drama, traumas ou angústias; pois naquele momento o desafio era “cuidar de mim e vencer a doença”; pois a confrontação com uma doença como o câncer nos leva a reavaliar muitos aspectos da vida. Sou de uma família pequena; composta por pai, mãe e duas filhas, eu sou a primogênita e, em nossa família, todos, fomos acometidos pelo câncer que deixou minha mãe mastectomizada dos 60 aos 84 anos devido à um câncer de mama e, infelizmente levou o meu pai e a minha irmã à batalharem sem alcançar o sucesso contra a doença, falecendo.

Ao receber o diagnóstico de Câncer, eu me perguntei o que seria da minha mãe, idosa com 82 anos, se algo acontecesse comigo e foi aí que entrou o companheirismo fiel do meu marido, que me afirmou que tudo se resolveria e que eu deveria deixar a enfermeira de lado e me deixar ser “cuidada pelos familiares, amigos e até ex alunos” que agora atuam como profissionais e foram responsáveis em me assistir nesse momento tão desafiador.

Durante a batalha contra a doença foi gratificante receber das pessoas que ajudei a formar, toda a assistência pertinente às minhas diversas necessidades biopsicossociais e assim, conclui que “valeu a pena”!

Durante a vida acadêmica, eu desenvolvi projetos de extensão universitária com docentes de outros departamentos de ensino, em escolas de educação infantil do município e, assim mesmo aposentada, eu realizei algumas atividades, já como voluntária, em 2020 e em 2021, no Programa Saúde na Educação, em parceria com a minha amiga e parceira, a professora Maria Stella Zollner.

Em anos subsequentes, eu recebi convites para lecionar em outras instituições de ensino superior, mas decidi mudar o meu caminho e priorizar o meu autocuidado; uma vez que comecei a cuidar de outras pessoas desde os meus 20 anos, de maneira profissional. Eu tenho consciência de que uma vez enfermeira e professora, esse papel me acompanhará por toda minha existência, eu sempre estarei cuidando de alguém; agora, tenho amigos que envelheceram e, quando precisam, buscam minha ajuda.

Outro objetivo da minha vida agora, é conscientizar as pessoas sobre a necessidade de autocuidado e, para atingir esse objetivo eu converso com as pessoas só rê a minha vivência como profissional de saúde acometida pelo câncer de endométrio.

Desde a descoberta do câncer, compartilhei toda a minha experiência — desde os exames até o tratamento — para demonstrar “que qualquer um pode ficar doente”, mas o que fazemos com a doença é uma escolha: podemos nos deixar levar por ela ou lutar para superá-la. Todos podem adoecer; um profissional de saúde não é imune, muito pelo contrário e, enfrentar tudo com determinação pode nos levar à cura.

Amigos da área, ex alunos e agora parceiros profissionais me convidam para eventos na área de Enfermagem, realizam contatos frequentes para trocas de experiências e, por isso enquanto eu puder transmitir conhecimento e aprender com os outros, continuarei atuante como “cuidadora”, missão da Enfermagem, o “cuidar”.

Fiz algumas mudanças necessárias em minha vida, priorizando as relações humanas em família, com amigos e dedicando-me ao autocuidado físico, psicológico e espiritual.

Agora, como enfermeira e docente aposentada, eu participo de projetos que sempre pensei em realizar, como dedicar meu tempo livre para atividades novas e que me propiciem “felicidade e bem estar”. Para atingir esses objetivos comecei a frequentar como aluna, o Centro Cultural Toninho Mendes, aqui em Taubaté, entrei para o coral comunitário e nas oficinas de Desenho e Pintura; uma paixão desde a infância, que agora estou me dedicando.

Esse ano iniciei um novo desafio, além das artes, eu entrei para um grupo de ginástica e alongamento. Ao mesmo tempo, encontro espaço para, de vez em quando, conversar e ajudar minhas colegas de profissão em suas instituições de trabalho.

Conviver com jovens durante muitos anos, me mostrou o quão importante é mantermos nossa mente aberta e inquieta para o aprendizado constante. Quando trabalhamos com o conhecimento, percebemos que não podemos perder tempo, é essencial transmitir isso para as próximas gerações.

Uma pessoa idosa ou aposentada tem muito a contribuir para a sociedade; a troca de co-

nhcimento, às experiências e informações adquiridas em sua vivência traz benefícios aos envolvidos na relação seja ela qual for. Acredito que isso nunca se perde. Eu continuo lendo de tudo um pouco ou dos mais diversos temas, estudando e fazendo cursos; pois se eu ou alguém precisar, sei onde encontrar as respostas.

Para mim, a instituição UNITAU (Universidade de Taubaté) foi a minha porta de entrada para o conhecimento, uma abertura para a troca de saberes e para a “humanidade”. Somos muito focados no ensino presencial e acredito ser ainda difícil abrir mão dessa vivência, mesmo com todo avanço da tecnologia, porque as pessoas que entram no campo do conhecimento, sejam alunos ou professores, são receptivas para o conviver e o aprender.

Embora a tecnologia e o EAD sejam ferramentas importantes, não podemos perder a convivência acadêmica. Nenhum de nós se forma para cuidar de máquinas; queremos usar a tecnologia para cuidar de seres humanos, isso é o nosso diferencial, por exemplo, mesmo os alunos que nos procuram para cursarem as engenharias, da computação, elétrica e a mecânica, buscam criar um mundo melhor para os seres vivos, carros melhores e mais confortáveis ou aeronaves que possam nos levar a outros planetas, mas o foco sempre será o ser humano e o nosso planeta. A universidade me proporcionou isso; me acolheu na adolescência e me formou como mulher, cidadã e profissional. Uma instituição que, no início, era pequena e localizada em uma região do país, hoje possui alunos espalhados por todo o território nacional e até no exterior.

Se eu tivesse que resumir a Universidade de Taubaté em uma palavra, diria que foi “instigante”, em todos os sentidos. Acredito que esse “bichinho” que nos instiga a explorar novos lugares e a acreditar em nossa capacidade é fundamental. Tudo em nossas vidas começa com uma base sólida, primeiramente com a nossa família e depois, a nossa educação em instituições de ensino, não há como negar, se você tem uma estrutura familiar consistente e uma educação de qualidade, estará preparado para buscar e adquirir o conhecimento necessário para a construção de um mundo melhor para todos.

47

Sabrina Morais

Eu me chamo Sabrina Ferreira Monteiro Morais, sou de Pindamonhangaba e egressa da UNITAU. Iniciei minha trajetória dentro da universidade em 2002 e, entre idas e vindas, retornei em 2022 como professora emergencial na Enfermagem. Depois, como professora emergencial na Saúde Coletiva, no internato do curso de Medicina de Taubaté.

Fiz dois concursos: uma como temporária de Enfermagem Cirúrgica e um de Fundamentos de Enfermagem, Semiotécnica em Enfermagem, Sistemas de Saúde e Políticas Públicas de Saúde. Em setembro de 2023, veio a proposta de ir para Caraguatatuba e assumir, em um primeiro momento, o laboratório de simulação e habilidades. Antes mesmo de começar em Caraguatatuba, no final de setembro, quando fui assinar a minha efetivação em uma reunião que tive com a reitora Prof^a. Nara Fortes, recebi a proposta de assumir a coordenação administrativa do campus. Foi uma proposta que me deixou meio apreensiva devido à responsabilidade, mas não pensei muito em dar a resposta, já que esse desafio faria uma grande diferença na minha vida acadêmica e profissional. Esse era meu objetivo, depois de ter passado pela fase do mestrado, já era uma ideia para o crescimento profissional.

Em 2001, meu pai fez a proposta para meu irmão e eu ingressarmos na universidade. Foi um momento em que ele achou pertinente, pois conseguiria dar conta dos dois na universidade ao mesmo tempo. Fizemos um cursinho preparatório e depois prestamos o vestibular, eu para Enfermagem e meu irmão para Engenharia Mecânica. Passamos e iniciamos essa trajetória em 2002. Infelizmente, no final desse mesmo ano, meu irmão sofreu um acidente e teve de deixar a universidade. Foi um período bem difícil para toda a família, mas continuei na enfermagem e foi uma maneira de entender melhor e conseguir ajudar com toda a situação que ele estava

vivendo, porque tive professores que me auxiliaram muito nesse caminho. Uma delas é a professora Carminha, que, com a sua inteligência na parte de feridas e curativos, me auxiliou muito no cuidado dele e o tratou por muito tempo, me ensinando a cuidar de todas as lesões. Foi uma experiência única, devo muito a ela e, também, à professora Sônia, que trabalhava com ela no ambulatório de especialidades.

Ingressei no Hospital Regional em 2004, durante a graduação, fiquei um ano e um mês trabalhando na UTI como técnica de enfermagem e, logo que me formei em 2005, fui promovida como enfermeira. A UNITAU não saiu da minha vida mesmo após o término da minha graduação, porque, no Hospital Regional, os residentes e os internos da UNITAU fazem toda a parte hospitalar. Durante todo o período de 17 anos que eu estive dentro do Hospital Regional, estive dentro da UNITAU indiretamente. Os professores que são os receptores da Medicina na UNITAU em sua maioria são médicos do Hospital Regional, então, sempre estive na formação desses profissionais da medicina.

Quando estava no hospital, fiz especialização em Clínica Médica Cirúrgica, porque era o setor que trabalhava, atuando dentro da neurocirurgia e da enfermagem cirúrgica. Em 2009, fui fazer parte da docência já pensando nessa área acadêmica. Me especializei, comecei com cursos técnicos e, por volta de 2012, apareceu a primeira oportunidade para a realização do mestrado. Eu fazia parte de um grupo de pesquisa, na Unifesp em São Paulo, em enfermagem neurológica e neurocirúrgica. Porém, tranquei esse mestrado em 2013 e dei uma pausa na vida acadêmica. Decidi mudar a minha trajetória e comecei a fazer especialização em acupuntura, o que me levou para a medicina chinesa. Assim, me aprofundi e comecei a atender nesta área. Eu via a necessidade dos pacientes que estavam internados comigo, principalmente os neurocirúrgicos, que às vezes a cirurgia não era só o ponto final para a cura daquela dor e que tinha algo por trás que remetia a essa dor. Na medicina chinesa nós vemos muito isso, que a dor é a ponta do iceberg e que se não tratar a causa, não está tratando nada.

Esse olhar integral das práticas integrativas se iniciou nesse movimento e foi algo que deu muito certo. Primeiro, fazer os médicos entenderem a importância das práticas integrativas como complemento da medicina tradicional; depois, ver o quão benéfico era essa questão dos pacientes que estavam com dor melhorarem com a acupuntura. Durante anos, mesmo trabalhando no hospital, atendia concomitantemente a domicílio, isso até a pandemia.

Em 2017, veio o desejo de retornar ao mestrado, então, fui atrás da minha primeira orientadora na neurocirurgia e em neurologia, mas ela já tinha se aposentado. Um colega me falou: “Sabrina, você está nas práticas integrativas, faz o seu mestrado nessa área. Vai conseguir misturar o que é sua paixão hoje com algo com o que vai conseguir trabalhar”. Com isso, fui atrás de um grupo de pesquisa que fosse voltado a essas práticas integrativas. Encontrei um na USP e fui lá sem imaginar que eu teria que marcar entrevista antes. O dia da reunião era uma segunda-feira, 5 horas da tarde, e simplesmente fui lá. Tinha visto por foto quem era a professora responsável e fiquei esperando na porta. Me apresentei, falei de onde eu era, que era acupunturista e disse: “Querida saber se posso assistir a uma aula”. Ela me perguntou: “Mas, você marcou entrevista comigo?”. Falei que não e ela perguntou: “De onde você veio mesmo?”. Disse: “Eu vim de Pindamonhangaba”. Ela falou: “Não vou fazer você ir embora. Fica e assiste a aula, mas você deveria ter marcado uma entrevista antes”, pedi desculpa e no finalzinho da reunião, ela me perguntou se poderia fazer a entrevista naquele momento e é

claro que aceitei. Eram 8 horas da noite, pensei que eu chegaria tarde em Pindamonhangaba, mas estava lá. Fiz a entrevista e a professora Ruth Turrini foi um norte e um porto seguro na minha vida. Até hoje faço parte do grupo de pesquisa do projeto que desenvolvemos. Ela me ensinou muito, não foi só minha orientadora, mas foi uma amiga durante todo esse período, o que foi fundamental, porque nós conseguimos construir e trabalhar com acupuntura durante o mestrado.

Em um primeiro momento, iríamos trabalhar com pacientes neurológicos, pois há uma grande quantidade de publicação em acupuntura e dores em pacientes neurocirúrgicos, desde dor na lombar à cefaleia. Ela me indagou: “Vamos fazer outra coisa?”. Então, pensei no que poderia ser, mas não me vinha nada à cabeça. Nesse meio tempo, um amigo que é fisioterapeuta, também um egresso e professor da UNITAU, Felipe Lemos, tinha um paciente que precisava de apoio e me pediu ajuda. Ele tinha um glioblastoma multiforme, tinha feito uma cirurgia neurológica, fez tratamento oncológico, quimioterápico e radioterápico, mas o tumor estava recidivando novamente. Por conta de todas as medicações, ele estava com muitas reações dos quimioterápicos. Foi então que o avaliei esse paciente que, gradativamente, foi tendo uma melhora surpreendente com o tratamento. Com o passar das sessões, ele foi despertando e voltando a comer, pois antes estava com sonda. Quando eu chegava, ele já me reconhecia e sabia que dia era. Resumindo: quando parei do tratamento, ele me falou que estava bem e que conseguia levar a filha ao altar. Era o sonho dele: casar a filha e poder entrar acompanhando-a. Após sua melhora, estava andando e pedalando. Fazia questão de ser atendido no consultório. Ele estava bem, me mandava vídeos de quando iam à praia e de quando a filha se casou. Foi muito gratificante esse contato com ele. Dessa forma, o projeto de iniciou. Se deu certo com ele, pode dar com outros pacientes.

Por ironia do destino, eu que estava há 13 anos na neurocirurgia, tive que mudar de setor por uma questão de incompatibilidade com a nova coordenação. Senti que achava que eu era uma referência e que poderia ser ameaça para ela. No fim, ela achou melhor me trocar de setor e fui para a oncologia. Foi um choque, porque para nós, que estamos no setor neurocirúrgico, vivemos na pressa para reanimar, puxar carrinho e é tudo muito dinâmico, pois são pacientes que precisam de muita atenção. Na oncologia, há pacientes em cuidados paliativos, que estão em processo terminal. E essa foi a grande virada de chave. Somei o cuidado com esse paciente que tive mais os do setor de oncologia e notei que eles precisavam de uma prática integrativa para suas reações adversas à quimioterapia. Então, pensei: “Essa é a resposta de Deus”. Falei com a professora, finalmente sabendo com o que iríamos trabalhar e disse: “Vamos trabalhar com a efetividade de um protocolo de acupuntura e auriculoterapia no alívio de náuseas e vômitos em pacientes em tratamento oncológicos, com tratamento quimioterápico, com drogas de alto e moderado grau hematogênico”. É isso que eles precisam, pois já sofrem e lutam com um tratamento oncológico, além de apresentarem reações adversas às medicações quimioterápicas. Havia um diferencial muito grande na prática; nós começamos e desenvolvemos o projeto, que foi bem aceito pela equipe do hospital, e fiquei por lá até 2021.

De 2020 a 2021, estive na UTI COVID, realizando todas as disciplinas do mestrado de forma online, incluindo minha orientação. Sofri bastante ao desenvolver meu projeto, pesquisando e escrevendo, sem ter contato direto com minha orientadora. Embora ela tenha sido muito presente ao longo dos anos, quando chegou a hora da coleta de dados, em 2021, a

situação da pandemia já tinha melhorado um pouco. Decidi, então, pedir para sair do hospital para me dedicar 100% à coleta de dados, já que tinha pacientes com protocolos tanto pela manhã quanto à tarde. A instituição não aceitou minha saída facilmente, pois preferiam que eu adaptasse meus horários. No entanto, sentia que era um ciclo que se fechava no Hospital Regional, e percebia que tinha muito a aprender; a pandemia nos ensinou a valorizar muitas coisas.

A coleta de dados ficou parada por um tempo devido à pandemia, e meu projeto foi impedido pelo comitê de ética. Somente em 2022 consegui realizar toda a parte da coleta e iniciar as análises necessárias. Nesse momento, a UNITAU retornou à minha vida de outra forma: o comitê de ética liberou meu projeto e consegui retomar as atividades. Minha orientadora me alertou: “Sabrina, você não vai conseguir fazer isso sozinha. Serão muitos pacientes e vários questionários. Vai precisar aplicar acupuntura, realizar auriculoterapia. Como você vai administrar tudo isso? Não tem alguém da UNITAU, um aluno ou bolsista, que possa te ajudar?”. Eu respondi que precisaria verificar quem estava disponível.

Minha orientadora se prontificou a ajudar e entrou em contato com a professora Belém. Ela perguntou: “Professora, tem alguém das práticas integrativas na universidade?”. A professora afirmou que conhecia a professora Vânia Giareta e sugeriu que a procurássemos. Assim, ela entrou em contato com a professora Vânia, explicando a situação. A professora Vânia respondeu: “Pode pedir para ela vir que irei conversar com ela”.

Dessa forma, retornei à UNITAU indiretamente em julho de 2022 para a coleta de dados. Conversei com a professora Vânia, e uma aluna se mostrou interessada em me auxiliar por um tempo, mas, devido à sua carga horária, acabou se afastando. Posteriormente, no segundo semestre, após nossa conversa, a professora Vânia me avisou sobre uma vaga emergencial na enfermagem cirúrgica. Respondi que tinha interesse. Ela pediu meu currículo para encaminhar à coordenação. Assim, retornei à UNITAU em agosto de 2022, ainda enquanto realizava a coleta de dados.

Ao entrar na UNITAU, comecei como emergencial na Enfermagem Cirúrgica e fiquei até dezembro com a disciplina. No começo de janeiro de 2023, fui chamada como emergencial novamente, para poder acompanhar os internos em Saúde Coletiva e fiquei por 4 meses. Nesse internato, também conheci uma pessoa maravilhosa, a professora Fabiana. Ela é uma fonoaudióloga, que também estava como emergencial, e nós formamos uma dupla durante aquele período. Nós passamos por uma entrevista com a professora Natália e acabamos abrindo campos de estágio para os alunos. Fomos em várias ILPIs para poder ter esses campos de estágio, fizemos desde trabalhos de cobertura vacinal das crianças, até atendimento a idosos, mostrando a importância para esses alunos do internato de medicina que é o cuidado tanto com a base, que é o início das crianças, mas também com a parte dos idosos e o quanto eles contribuem, que são os dois eixos de maior atenção. Foi bem gratificante.

Depois, em abril, maio e junho, fiquei dedicada a terminar a minha dissertação. Nesse momento, ficamos imersos em um mundo só nosso, fechando todos os dados, estatísticas e discussões. Em meio a isso, havia sido aberto o edital de dois concursos: um para temporário de Clínica Cirúrgica e de Enfermagem Cirúrgica, e outro para efetivo de Enfermagem em Políticas Públicas e Saúde Coletiva. Prestei os dois. Passei em primeiro lugar no temporário de Clínica Cirúrgica e de Enfermagem Cirúrgica e em segundo no de efetivo de Enfermagem

em Políticas Públicas e Saúde Coletiva. A professora Tamiris, coordenadora do laboratório de simulação de Taubaté, foi a primeira colocada. Iniciei em agosto como temporária de Clínica Cirúrgica e comecei acompanhando as turmas, a Enfermagem Curricular e a parte Cirúrgica também, dando aula de práticas integrativas para os alunos de Enfermagem do período noturno. Em setembro, veio a proposta de ir para Caraguatatuba e assumir o laboratório de simulação de habilidades. Aceitei a proposta, que era para ficar três vezes na semana e ainda estava na Enfermagem na segunda e na sexta. Quando foi metade de setembro, a professora Nara Fortes me chamou para conversar e propôs que eu assumisse a coordenação administrativa do campus da UNITAU em Caraguá. Foi um choque.

Foram momentos de muita aprendizagem. Algo que não imaginei, pois, quando prestei o vestibular para Enfermagem, a minha ideia era desenvolver a minha trajetória nessa área, o que fiz nos 17 anos que permaneci no Hospital Regional. Depois, tinha a ideia de me desenvolver na parte acadêmica e ir para a docência, mas quando prestei o concurso para ser docente, não tinha em mente iniciar uma carreira administrativa dentro da universidade. Posso dizer que foi um privilégio ter sido chamada para essa missão. Aprendi diversas coisas que jamais imaginei, por exemplo: a fazer ETP e a TR, que são os documentos que precisamos desenvolver para poder fazer a parte de licitação de compras da universidade. Fui autodidata e aprendi a lidar com esses documentos. Foi desafiante, porque foi recente reestruturar e organizar toda a parte administrativa do campus, desde confeccionar protocolos operacionais, de organizar o estoque de materiais que já estavam aqui, a organização de laboratórios, o que não seria completo sem a equipe que tenho. Desde o primeiro dia, todas as pessoas foram essenciais, pois não tem como ser gestor sem uma boa equipe. Nós precisamos ser líderes, pois é ele que cativa e leva as pessoas a terem o mesmo olhar e a cumprir o seu papel da maneira correta, com amor, carinho e dedicação.

Conseguimos reestruturar e montar uma equipe no campus de Caraguatatuba. Começou pela secretaria com o Felipe, o Vitor e a Flora, depois teve o pessoal do laboratório. Ultrapassamos alguns desafios. A Lívia, a Júlia e a Ana Paula, que foram escolhidas criteriosamente, hoje exercem muito bem o trabalho, mesmo com todos os percalços, porque todo mundo é novo aqui, então nós estamos aprendendo juntos. E não poderia deixar de fora o Prof. Daniel que me acolheu super bem e com quem trabalho dividindo a parte administrativa e pedagógica.

Quando cheguei na biblioteca, quem cuidava era só a Sandra, estava como emergencial. Ficou um período grande conosco e, após ela, veio a Aline e a Elisa, trabalhando bem, já agregando e fazendo parte da família da universidade.

Somos uma grande família, porque todo mundo fala a mesma língua. O Fernando, que é o técnico do laboratório de informática, é mais quieto, mas também desenvolve seu papel: o pessoal da portaria, as meninas da limpeza; todos são muito colaborativos. Na minha visão, a estrutura vai refletindo não só na equipe que trabalha dentro da universidade, mas também nos alunos. Por ser um campus fechado, de uma configuração diferenciada, nós acabamos ficando mais próximos, já que os alunos ficam mais tempo dentro do campus. Conseguo ver no olhar quando a pessoa está bem ou quando não; a preocupação na semana de provas também é notada. Quando há eventos, as equipes são facilmente fechadas, os alunos estão sempre solícitos, prontos para qualquer desafio. Tenho um grande carinho por todos os alunos aqui do campus. Vemos o respeito deles por quem está à frente e até onde eles podem chegar,

como podem contribuir e tudo isso faz a diferença. Ter um ambiente em que todos interagem, todos se respeitam e todos têm um compromisso com a universidade – e nós temos esse compromisso com a formação, porque estamos formando médicos, pessoas que vão cuidar de nós no futuro –, então temos de pensar quem é o profissional que irá cuidar de nós.

Tenho a missão de levar para eles o conhecimento, para que me devolvam isso no futuro. Eles têm que refletir quais são as premissas e os valores da parte ética, têm que estar cientes para poder desenvolver de maneira efetiva o papel deles, pois temos que pensar na humanidade. As pessoas estão perdendo a humanização, a empatia, o amor ao próximo e, na área da saúde, não tem como não ter isso, então é uma grande responsabilidade da minha parte como professora e de toda a equipe, de mostrar essa questão para os alunos que serão um profissional que cuidará do próximo, para que tenham respeito.

Na disciplina de Práticas Integradoras são apresentadas aos alunos as disciplinas básicas, como Anatomia, Bioquímica, Biologia, Genética. Para integrar com o que o médico vai ter futuramente, que é pegar um caso clínico e ligar à disciplina, é necessário ter um médico para conduzir. Então, entrei como enfermeira e tinha uma farmacêutica, a professora Noelma, de Bioquímica, e, também, uma médica, a professora Mayra. No começo, nós tínhamos que conduzir o aluno a entender como a Anatomia e a Bioquímica estavam relacionadas ao caso clínico. Eles perguntavam: “Por que estudar isso? Por que estou estudando ciclo de Krebs e glicogênese, neoglicogênese?”. Nessa matéria, eles conseguem ter essa visão. Foi a primeira disciplina em que trabalhei.

No início de 2024, iniciei com a disciplina de Medicina e Espiritualidade. Inicialmente, serviria de apoio para a equipe de Taubaté, mas assumi a disciplina sozinha e foi um grande desafio, pois você tem de fazer os alunos entenderem que não é sobre religião nem nada ligado à religiosidade. Já nas primeiras semanas, os alunos entenderam a temática e foco da disciplina. Foi uma disciplina que fez uma diferença muito grande, pois a medicina e a espiritualidade, no cuidado dos pacientes, são essenciais. Trata-se da empatia, perdão e estresse, de como os pacientes são únicos sobre seus momentos de dor e no que eles se apegam ou não. Uma pessoa espiritualizada encara de maneira diferente uma doença.

Nós fizemos uma vivência de toque terapêutico, com óleos essenciais, quando estavam perto de fazer as provas. Então, viram a diferença do que é se sentar e meditar. Eles entenderam essa ligação e que o poderiam construir dentro da vida profissional, assim como respeitar a religião de cada paciente e o momento que ele está vivendo.

Trabalhamos também, de maneira gratificante, a parte de Educação e Saúde, uma disciplina optativa, que era da professora Stella Zöllner, pois fizemos um trabalho para comunidade, junto com a pastoral da saúde dentro da disciplina, com uma curricularização da extensão. Nós levamos para as crianças da catequese da comunidade São Francisco, em Caraguá, toda a parte de higiene bucal, saúde, higiene corporal, prevenção de afogamentos e fizemos um fechamento legal com a disciplina.

Na disciplina de Saúde Coletiva e Epidemiologia, que foi o meu concurso e o da Tamiris, que dá aula comigo, fizemos um outro formato de disciplina, não só com a parte teórica, mas com a vivência da prática. Conseguimos fazer as vivências nas Unidades Básicas de Saúde de Caraguá com visitas pontuais no Hospital Stella Maris, na parte de epidemiologia, para

que entendessem a parte do serviço de comissão de infecção hospitalar, correlacionando a epidemiologia e a saúde coletiva, como também de onde vêm as políticas públicas e os dados epidemiológicos.

Fizemos uma visita em uma comunidade quilombola, na qual faremos um trabalho de Saúde Pública, mostrando aos alunos que eles terão diferentes pessoas em uma UBS, portanto, eles têm que conhecer a cultura e os saberes, tornando dessa vivência algo importante para o respeito.

No semestre atual, tem Medicina e Espiritualidade 2, disciplina na qual os alunos têm uma vivência de conteúdos anteriores, mostrando a Medicina e Espiritualidade dentro de cada especialidade, com cardiologistas, oncologistas, médico de cuidados paliativos.

Agora, estou em Técnicas de Enfermagem dentro da área da Medicina, que é uma proposta que possibilita a eles entenderem e já terem a prática de fazer a passagem de uma sonda vesical, uma sonda nasogástrica, saber fazer uma higienização de mãos correta, calçar luvas, paramentação, desparamentação, o funcionamento do acesso etc. Ou seja, é uma disciplina que quis iniciar esse semestre pela importância de toda a vivência que tive dentro da área hospitalar. Ter essa noção é ser um profissional melhor. A importância de saber fazer uma prática correta e não ficar 100% dependente da enfermagem para fazer um curativo ou as coberturas que ele pode utilizar para fazer um curativo é fundamental, pois eles precisam entender o porquê de trocar um curativo, seja por ficar fechado por muito tempo ou por conta do medicamento.

Já fizemos três dias de mutirão da saúde em que puderam fazer uso da educação e saúde, acompanharam consultas de nutricionistas e de médicos como cardiologista, ginecologista e oftalmologista; também houve exames como eletrocardiograma, ultrassom etc. Assim, puderam trabalhar juntos e participaram das palestras, fizeram ações voltadas à prevenção de acidentes como afogamentos, a corrente de retorno, o câncer de pele e a importância da hidratação. Esse projeto vai continuar acontecendo, principalmente no verão.

Em Caraguá, fizemos o evento da UNITAU na Sua Vida na praça de eventos, concomitantemente com um chamado de Geek Games, então tinha um público jovem ali. Participamos de duas Feiras de Profissões, nas quais nós conseguimos mostrar o que os alunos de Medicina estudam e o que eles fazem, levamos as ligas, simuladores, os torços de ressuscitação; foi muito legal a convivência daqueles que estão descobrindo a profissão. Fizemos também a semana de volta às aulas no início do semestre, que foi uma inovação, pois falei para eles que havia um formato de mostrar as ligas dentro da sala de aula e que poderiam fazer uma palestra para mostrar o que é. Pensei: “Vamos fazer a feira das ligas? Nós podemos fazer no pátio, na área de convivência, cada um faz a sua mesa e mostra o que são os projetos de extensão, as ligas. Os calouros vão ter a oportunidade de ir em cada uma e verificar o que mais chama atenção, assim, vão querer participar. Eles toparam e participaram, foi empolgante. A ideia é: a cada semestre, na primeira semana de aula, fazer a feira das ligas em um dia pontual, mas de maneira que eles consigam conhecer o que cada liga tem como proposta. Na última feira, trouxemos a empresa que faz a parte de curativos e o quarto e quinto período tiveram essa aula com eles, de todas as coberturas. Esse movimento já foi feito pensando na ação da romaria, porque alguns alunos vão trabalhar na operação padroeira. Também teve o treinamento de liberação de panturrilha com os fisioterapeutas. Fizemos todos esses treinamentos para

que eles possam fazer o melhor possível pelos romeiros.

Assim, trazemos oportunidades de crescimento e de retorno para a comunidade. Nunca foi sobre ter o conhecimento só para mim. Não faz sentido ser uma pessoa que queira crescer e não ter o objetivo de levar nada para ninguém. Isso falo para os meus filhos: “Se você não puder fazer nem um pouquinho pelo outro, não tem valor nenhum o que você fez”. Todo aprendizado tem que ser compartilhado, ver as pessoas crescendo é muito gratificante. Fazemos um cidadão de bem e acho que isso é o que mais importa na vida; na minha vida, pelo menos, importa. A UNITAU entrou na minha vida com esse propósito: de fazer o melhor pelo outro. Vamos fazer o melhor pelo outro, vamos pensar no próximo, não é só por ser enfermeira, mas que o cuidar está muito internalizado em mim.

Nós fizemos a cápsula do tempo de cada turma. Falei para eles: “Vai ter uma hora que terão mais árvores que a Mata Atlântica”. Estou vendo um projeto com o pessoal do meio ambiente de começar a plantar essas árvores na orla. Na minha visão, o universo conspirou um pouquinho para eu fazer um preparatório. A cada dia que passa, me apaixono mais pelo campus de Caraguá. Apesar de estar longe da família e de toda a logística, espero que consiga ver essa turma formada e esses alunos levando essa proposta de cuidar do próximo e ser um cidadão melhor para o mundo. Se eu formar um médico que leve esses ideais de humanização, de cuidado e empatia, vou ficar em paz. Se eu conseguir isso, significa que minha missão foi cumprida, pois o profissional de saúde tem de ter esse olhar.

No ano que vem, o campus vai acolher a Enfermagem e eles irão se complementar. Quero que trabalhem juntos, estejam nas mesmas ligas, outros projetos de extensão. Quero a Enfermagem com a Medicina trabalhando junto. Isso vai ser o diferencial da UNITAU de Caraguá. Vamos formar uma equipe multidisciplinar que se respeita desde o início e, ao caminharem juntos, na hora que eles chegarem nas áreas em que forem trabalhar, dentro de consultório, dentro de UBS ou na área hospitalar, vão ver o quanto vão ter ganho com esse início de bagagem.

A cada dia nós construímos um degrau e vamos aprendendo uma coisa diferente. É uma construção de vida. Da mesma maneira que para mim foi uma construção, para o meu irmão não foi. Ele foi interrompido. Voltou para a faculdade depois de dois anos, chegou a fazer mais três anos de engenharia. Mas, infelizmente, o nosso país está muito aquém de acolher as pessoas portadoras de necessidades especiais. Então, muitas portas foram fechadas para um profissional que tem uma inteligência absurda. Ele consegue desenvolver muito bem o trabalho há nove anos na Leroy, mas fica evidente que não era o que queria e, às vezes, isso me impacta um pouco.

Meu filho, também iniciou engenharia e parou, mas foi para a Logística e se formou.

No fim, a UNITAU sempre esteve na minha vida.

48

Samuel Costa

Meu nome é Samuel Lúcio Costa. Sou de São Luiz do Paraitinga-SP e ingressei no curso de Tecnologia em Produção Audiovisual da UnitaU em fevereiro de 2024, por meio do vestibular online. Minha entrada na universidade se deu por indicação. Muitos amigos e colegas estudam na UNITAU, embora em outros departamentos. Todos gostam muito da universidade e recomendam. Assim, sempre desejei estudar na UNITAU. Na verdade, minha matrícula ocorreu já em 2023, após concluir um curso de extensão em edição durante julho e agosto, consolidando meu interesse em seguir na área.

Estudei em escolas públicas em São Luiz do Paraitinga durante toda a minha vida, concluindo o Ensino Médio em 2021. Sempre fui apaixonado por artes visuais – desenho e áreas afins. Minha mãe era fotógrafa por hobby, e desde criança estive imerso nesse mundo. Ela sempre nos fotografava, a mim e meu irmão, gravando vídeos de aniversários. Sempre gostei muito de cinema. Durante o Ensino Médio, iniciei atividades relacionadas a isso, na escola. Entendo isso como uma continuação, de certa forma, do sonho da minha mãe, que não conseguiu seguir a profissão de fotógrafa por diversos motivos. Somente recentemente, este ano, já na faculdade, compreendi que estava dando continuidade ao sonho dela.

Trabalhei no Museu de São Luiz do Paraitinga – Casa Dr. Oswaldo Cruz – como estagiário, realizando diversas funções. Participei de alguns programas de incentivo à cultura, o que reforçou minha vontade de seguir na área.

Após a formatura, comecei a procurar instituições de ensino superior, questionando colegas e amigos. Não esperei muito tempo; após o Ensino Médio, procurei e ingressei na faculdade. Trabalhei por um curto período. Em 2023, encontrei o curso de Audiovisual em Taubaté, próximo à minha cidade.

Optei por ele imediatamente; o curso tem duração de dois anos, e a proposta do tecnólogo me agradou.

O curso tem sido excelente! Aprendo muito mais do que esperava, a troca de conhecimento é incrível. Algumas coisas já estavam em meu inconsciente, e é interessante perceber como as aulas retomam conhecimentos adquiridos ao longo da vida, além da escola, solidificando meu repertório. O curso técnico enfatiza a produção contínua, um diferencial importante. Atualmente, realizo estágio na TV UNITAU, o que também considero uma grande oportunidade, pois complementa meu aprendizado em sala de aula. É uma experiência única estudar em uma universidade com uma emissora de televisão! Muitas vezes me pego pensando que estou trabalhando em um estúdio profissional e isso é muito legal. Ainda que minha participação seja pequena, a experiência é incrivelmente enriquecedora.

Na minha turma, as percepções sobre o curso são diversas. Contudo, a maioria compartilha uma visão semelhante à minha. O curso é novo, e temos a oportunidade de fazer parte de algo inovador, com novas turmas e pessoas, criando novos projetos.

O aspecto mais desafiador, para mim, de estar cursando a faculdade é a distância entre São Luiz e Taubaté. Entretanto, o esforço vale a pena. Penso que tudo o que fazemos por aquilo que gostamos compensa. Essa é uma verdade que sempre levo em consideração.

A viagem para Taubaté exige empenho. Há momentos em que penso em desistir. Contudo, me esforço ao máximo, pois não venho de uma realidade em que muitas pessoas da minha área conseguem se formar. Faço um esforço adicional para superar os desafios. Os professores são excelentes, tento absorver o máximo de conhecimento possível em cada aula. As atividades práticas são importantes, pois aprendemos muito com elas. Embora a teoria seja crucial, a prática faz toda a diferença.

Estou no segundo semestre do curso, e estou gostando muito de disciplinas como direção de arte. Essa área, que inicialmente não me atraía tanto, tornou-se um grande interesse. Gostava mais de roteiro, mas a direção de arte, fundamental para qualquer produção, combina com meu perfil e experiência anterior com artes visuais.

Não consigo definir exatamente o que a universidade representa em minha vida, mas é um sentimento de reencontro. Este ano tem sido um período de reafirmação, de me reconectar com coisas que eu gostava quando criança, ou que aprendi a amar com pessoas importantes para mim.

Acredito que a UNITAU pode ser definida, para mim, como continuidade. Acho que é isso! Um encontro com minha própria história, continuando a trajetória. As oportunidades que tenho tido este ano têm me ajudado a me conhecer melhor. Muitos frequentam a universidade apenas para estudar. No meu caso, as oportunidades, as relações que construí com as pessoas, tudo isso tem sido fundamental para meu desenvolvimento pessoal.

49

Selma Gobbo

Eu sou Selma Notari Gobbo, atualmente secretária da Reitoria da UNITAU. Nasci aqui em Taubaté e sou filha da casa, pois estudei na Universidade. Me formei no curso de Secretariado Executivo em 1991 e, logo após me formar, entrei na instituição por meio de concurso, em 1992. Desde 1989, estou vinculada à Universidade.

Embora tenha nascido em Taubaté, passei minha infância em outras cidades, como Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo e Blumenau. Voltei para Taubaté aos 14 anos e, até então, só vinha visitar parentes. Minha infância foi, em grande parte, vivida fora daqui.

Durante a adolescência, já havia concluído um curso de secretária administrativa no SENAC e, aos 17 anos, ingressei na faculdade. Na época, era importante se posicionar no mercado de trabalho, e o curso oferecia essa oportunidade rapidamente. Tanto é que, no primeiro ano de faculdade, consegui um estágio remunerado na Villares, onde permaneci até me formar.

O curso era bem acessível e se pagava muito bem para o profissional, ao ponto que, com menos de 50% do que eu ganhava, eu conseguia pagar a faculdade. Foi um dos motivos pelos quais escolhi esse curso. Era uma faculdade que dava acesso rápido ao mercado de trabalho.

Era muito gostoso, porque, naquela época, havia muitos alunos. A Universidade contava com mais de 10 mil estudantes. As aulas eram no prédio da rua Expedicionário Ernesto Pereira, onde hoje funciona o Colégio UNITAU. O ambiente era muito movimentado, a rua fechava e havia barzinhos por perto, o que tornava tudo uma delícia. Era uma faculdade bem agitada, com um clima muito bom.

Tive a oportunidade de ter aulas com grandes professores. O professor Walter, que mais tarde se tornou reitor, e o Dorival foram alguns dos meus professores. Algumas pro-

fessoras também, como a senhora Marisa, que depois foi para a pró-reitoria de finanças, mas a maioria já se aposentou. Professor Joel Abdalla, ótimo professor de português. O professor Orlandino também deu aula para mim. O Aloísio, que deu aula de economia e foi vice-prefeito de Taubaté.

Mantenho contato com algumas pessoas, alguém que casou com um amigo, então a gente acaba convivendo, mas faz muito tempo. É um pouco difícil manter contato próximo. Apesar disso, tenho algumas amigas. Com o tempo, as atividades vão mudando e as pessoas também, mas algumas amizades permanecem.

A Márcia, por exemplo, que hoje é secretária no Colégio UNITAU, estudou comigo no ensino médio. Nós fizemos o colegial juntas. Nos reencontramos aqui na Universidade, embora não durante a faculdade. Eu terminei a faculdade em 1991, e em 1992 comecei a trabalhar aqui.

Quando me formei, o mercado de trabalho estava difícil. Foi uma época que mandou um monte de gente embora. Tanto é que, da turma dos estagiários da época, ninguém ficou empregado. Então, comecei a prestar concursos e vim para UNITAU. Recebi propostas de outras oportunidades, mas preferi ficar e fazer minha carreira. O ambiente de trabalho aqui é maravilhoso. Muito gostoso. O pessoal é acolhedor. Depois me casei e tive filhos. Minha filha se formou aqui, fez direito pela UNITAU também.

Tive várias oportunidades, passei por vários setores, fui encarregada de Folha de pagamento, fui diretora de RH, secretária de departamentos e hoje, estou aqui na Reitoria. A gente acaba pegando amor. É muito tempo, tem muita gente querida e isso faz com que a gente vá ficando. Mas agora já estou quase saindo para me aposentar.

No RH, você acaba conhecendo todo mundo, tudo passa por lá. Comecei a trabalhar com folha de pagamento mesmo, tinha contato com todas as secretarias, com os funcionários que iam lá perguntar, questionar, ver alguma coisa. Tinha contato com os pró-reitores e com os reitores. Na época, o professor Milton, era pró-reitor de administração e reitor. Era tudo muito próximo. A gente já resolvia tudo por ali mesmo.

Depois dessa primeira função, fui para a arquitetura. Na época, tinha prestado concurso para secretária e me chamaram. Não queria ir para lá, pois gostava da folha de pagamento. Era um serviço bem agitado, mas passava rápido o tempo, eu gostava muito. E era completamente diferente de secretaria.

Já tinha mais de 10 anos na Universidade quando fui para a secretaria. Não sabia nada. Tive que começar do zero. É lógico que o RH ajudou muito, porque toda a parte de legislação e leis eu já sabia. Essa parte dominava, mas não sabia nada da parte acadêmica. Fui aprendendo aos poucos. Como conhecia bastante gente, ia atrás e descobria como fazer isso e aquilo. E o pessoal sempre foi muito receptivo. As pessoas gostam de ajudar aqui na Universidade. Há muita gente que se dispõe a colaborar.

Na época do professor Milton, a Universidade estava crescendo muito. Foi ele quem comprou vários prédios e expandiu a Universidade pela cidade. Nesse ponto, o crescimento foi significativo. Depois dele, entrou o professor Chiquinho, que ficou por pouco tempo. Em seguida, veio o professor Nivaldo, que foi responsável por levar a UNITAU para Ubatuba, onde foi aberto um campus, que marcou o início da expansão da Universidade para além

de Taubaté. Foi quando ela começou a ser mais conhecida fora da cidade. Quando eu entrei aqui, só tinha a UNITAU na região, não tinha outra faculdade. Pessoal de Campos do Jordão e Ubatuba vinha tudo para cá.

Depois veio o professor Marmo. A professora Lucila, que começou a revitalizar os prédios. E depois veio o professor José Rui, que continuou esse trabalho. O professor Isnard ficou um tempo só, quando o professor José Rui saiu para concorrer à eleição.

Daí entrou a professora Nara que, para mim, não tem igual. Porque ela realmente tem um amor por essa Universidade que eu nunca vi. Ela tem uma garra, vai atrás, acompanha de perto. Passou pela pandemia. Se não fosse esse trabalho, de todo mundo dar as mãos e ir atrás, não sei o que seria de nós. Nós conseguimos. Com o trabalho de todo mundo, nos demos muito bem. Colocou todo mundo on-line, todo mundo trabalhando, os alunos não ficaram sem aula. Foi maravilhoso esse trabalho.

Eu vim para Reitoria na época do professor José Rui. A Vânia, que era a secretária aqui, já estava para se aposentar e falou com o RH que precisava ver alguém para ficar no lugar dela. Ela saiu de férias e a Cláudia, que era a diretora de RH, disse que me mandaria para cá, porque eu já conhecia as leis.

Vim, primeiro, para substituir a Vânia durante umas férias. Depois, com a mudança do pessoal, ela acabou se aposentando e eu vim para cá de vez. Ela tinha falado que ia aposentar, mas, no fim, acabou ficando mais uns dois anos. Nós ficamos juntas, depois, o professor Isnard me chamou para ser chefe de gabinete dele.

Já estava na Reitoria e acabei ficando. Conhecia a professora Nara desde que ela entrou aqui, em 1993. Nunca tinha trabalhado diretamente com ela, mas já a conhecia desde aquela época. Acabei dando uma volta, fui diretora de RH na época. Depois, fui para a secretaria da Enfermagem e Nutrição e de lá para a Reitoria.

A secretária, na verdade, é o maestro do departamento, ela faz tudo. Tem que administrar o funcionário, o material, os professores, porque, no fundo, é ela que fica ali cobrando plano de aula, isso e aquilo. Ela é quem organiza tudo. Funciona como uma ponte com o diretor, mas, na prática, a organização acaba ficando nas mãos dela, tanto no cuidado com funcionários quanto com os alunos. O diretor fica dois anos, ou quatro se for reconduzido, mas depois muda. Quem conhece realmente o departamento, quem mantém tudo funcionando é a secretária.

Tive que aprender tudo. Foi difícil, porque era uma área completamente diferente da administrativa, mas a gente pega rapidinho. Como eu já conhecia a dinâmica da Universidade e todos os setores, para mim foi mais fácil. Depois, quando voltei, só precisei me atualizar.

Quando entrei na Universidade, fiz o meu concurso, ainda usávamos máquinas de escrever manual, aquelas grandes. O computador estava começando a ser introduzido, mas era bem diferente de hoje. Não tinha internet, era aquele computador de tela verde, sem programa pronto. A gente tinha que fazer tudo.

Como sou formada em Processamento de Dados, tinha facilidade. Para mim, foi fácil. O pessoal estava “apanhando” ainda, porque estávamos saindo da máquina para começar a usar o computador, e o ser humano é resistente a mudanças. Foi legal pois peguei todas essas

mudanças. Eu sou da época que o professor escrevia com giz. Não tinha projetor ainda na nossa época, eram slides passados na transparência. Hoje é tudo moderno, a tela é digital.

Acompanhei a criação do campus Caraguá. Fomos lá ajudar a montar. É uma diferença gritante. Temos tecnologia. Na minha época, não tinha nada disso. Hoje, a Universidade é uma referência em vários cursos no Brasil. Não quer dizer que não dá mais trabalho, pois dá também. São coisas a mais que você tem que fazer, mas é lógico que facilita bastante. Na nossa época, para fazer folha de pagamento, a gente fazia cálculo na mão. Fazia continha e depois colocava os valores no computador. Não tinha um programa que já calculava, era na ponta do lápis, em uma ficha. Cada professor e funcionário tinha uma ficha. Hoje, você põe uma falta e ele já calcula o desconto e está tudo pronto.

O primeiro sistema, foi o Consist. Foi o que mudou para começar essa parte gráfica, saiu da folha e tinha aquela telinha verde. A gente teve que parametrizar tudo. Para quem entra hoje está maravilhoso. Na secretaria era assim também. Se precisasse fazer uma matrícula, era tudo manual. Tinha a ficha do aluno ali, a disciplina que passou, a que não passou. Hoje, entrou no sistema, já vê qual DP o aluno está, a matrícula e pronto.

A Universidade tem esses funcionários. Funcionários que entram e ficam 30 anos, não saem da noite para o dia. Naquela época, precisava mesmo de muitos funcionários, pois era tudo manual, na ponta do lápis. Para você ter esse controle, precisava de bastante gente mesmo. Tinha mais professores também, tudo era maior. A Universidade tinha aulas de manhã, de tarde e de noite. Hoje já tem prédios que não abrem nos três períodos. Reduziu, pois tem muito EAD (ensino a distância).

Para mim, trabalhar na área administrativa é melhor, pois você não tem contato com o público externo. Você vai, faz o seu trabalho e pronto. Agora, você entra em um departamento, tem contato com aluno, com pai de aluno, com marido, com namorado, com todo mundo. Essa parte de secretária é bem desafiadora. Tem que administrar os funcionários e os alunos, ter o contato direto, porque precisamos encantar o cliente, para ele continuar na casa. Isso é bem desafiador. Os adolescentes hoje são bem diferentes da nossa época, que aceitamos tudo. São questionadores, querem saber dos direitos.

Na Universidade, além do serviço, você aprende muita coisa. Está todos os dias aprendendo. Cada dia é uma coisa nova. Conheço bastante gente. O pessoal fala que eu conheço todo mundo. Gente, eu estou há 30 anos na Universidade. Os mais novos que às vezes vão direto para o departamento, a gente acaba não entrando em contato. Mas isso é muito gostoso. Você vai para as comemorações, encontra as pessoas. Porque aqui, como há muitos departamentos separados, tem gente que você só vê nessas ocasiões. A gente fala muito por telefone, mas o contato pessoal é só nesses eventos. Esse convívio é muito gostoso, muito bom.

Quando minha filha se formou, eu entreguei o diploma na mão dela. Isso é muito legal também. Ela cresceu aqui. Começou em outra faculdade e veio transferida para UNITAU. Ela viu a diferença. Eu sempre falei que a Universidade é maravilhosa. Me formei e fiz a minha pós na UNITAU. A qualidade de ensino que tem aqui, não é em qualquer lugar que você acha. Temos professores muito bons e de referência. Eu defendo a UNITAU porque, sinceramente, a qualidade é muito boa.

Trabalhávamos em secretaria e pegávamos currículos de outras faculdades. Você vê a di-

ferença. Meu marido chegou a fazer uma especialização EAD em outra instituição e percebeu que nossa filha, que estava no ensino médio, tinha uma maior qualidade no ensino. Não deveria ser assim, não é porque é barato que não vai ter qualidade. Lógico que hoje tem muita concorrência, mas a qualidade é tudo. Se você tem base, você vai longe.

Acho que sou uma pessoa querida na Universidade, tenho muita convivência com todo mundo.

Gratidão, para mim, essa é a palavra que define a UNITAU. Tudo que construí na minha vida, tudo que fiz, devo ao serviço que tive aqui. Me formei aqui, fiz a minha pós-graduação, minha filha se formou aqui.

50

Sérgio Badaró

Meu nome é Sérgio Salgado Ivahy Badaró e tive aproximadamente 37 anos de experiência no Sistema de Ensino Superior de Taubaté, onde iniciei minhas atividades em março de 1967. Aposentei-me como professor da UNITAU em 2002. Durante esse período, entre 1967 e 1994, também exerci o cargo de promotor de justiça.

Nasci em Pindamonhangaba, onde meu pai morava. Quando a Faculdade de Direito de Taubaté foi criada, hoje conhecida como Departamento de Ciências Jurídicas da UNITAU, meu pai passou a lecionar lá, tendo dado a primeira aula da faculdade.

Em 1960, ele mudou-se para Taubaté. Nessa época, fui para São Paulo para iniciar o curso de Direito na Faculdade de São Francisco. Quando estava no quarto ano, comecei também a estudar Ciências Sociais na USP. Assim, passei a fazer Direito à noite e Ciências Sociais durante o dia.

O curso de Direito possui duração de cinco anos. Quando entrei no quarto ano de Direito, ingressei em Ciências Sociais. Após me formar, comecei um doutorado na Faculdade de Direito de São Paulo.

É impossível negar a influência da história familiar nesse processo. Meu bisavô, avô, pai, eu e meu filho todos seguimos carreiras como professores e advogados. Talvez isso seja um reflexo do nosso DNA. Contudo, devo confessar que minha vocação era absolutamente irresistível.

Trabalhei com dois amigos: Luiz Olavo Batista, que recentemente se aposentou como professor de Direito Comercial na USP, e Aluísio Nunes Ferreira Filho, que foi deputado federal, vice-governador e senador. Em uma conversa, Luiz Olavo nos convenceu a cursar Ciências Sociais. Na época, Aluísio estava começando a Faculdade de Direito, enquanto eu estava prestes a entrar no quarto ano. Fizemos o vestibular e ingressamos juntos. Na

verdade, o curso de Direito conferia o diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, embora hoje seja apenas bacharel em Ciências Jurídicas. A área de Ciências Sociais sempre me seduziu, e essa foi uma das razões pelas quais decidi cursá-la.

Durante o curso de Ciências Sociais, havia um convênio entre a Universidade de São Paulo e a Universidade de Paris, no qual professores franceses vinham lecionar no Brasil e professores brasileiros iam para a França. Tive a oportunidade de fazer um curso de História do Pensamento Econômico com uma das maiores autoridades no assunto, o professor Paul Hugon, cuja obra é clássica na área.

Após concluir o curso de Direito, comecei a trabalhar como promotor. Um dia, na faculdade, souberam que tinha formação em História do Pensamento Econômico, pois era uma disciplina obrigatória no currículo mínimo de Ciências Contábeis, Econômicas e Administração. Foram até mim e me convidaram para dar aulas, algo que já estava nos meus planos.

Iniciei meu trabalho na Faculdade de Ciências Contábeis e Atuariais, que mais tarde se tornou Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, em Taubaté. Na época, essa faculdade era uma autarquia municipal de regime especial, assim como a Faculdade de Direito, de Filosofia, de Engenharia, de Serviço Social e mais tarde a Faculdade de Medicina e Educação Física, que surgiram inicialmente como faculdades.

Comecei a lecionar História do Pensamento Econômico e realmente me dediquei ao doutorado com o intuito de ensinar. A minha intenção sempre foi lecionar na área do Direito, abarcando conhecimentos de Economia e Política Econômica. Assim, iniciei minha trajetória acadêmica na Faculdade de Ciências Econômicas.

Meu pai lecionava na Faculdade de Direito e, embora eu não quisesse desmerecer minha própria formação, sempre me lembrei de um poema de Camões que retrata um dilema similar: “Sete anos de pastor, Jacó servia a Labão, pai de Raquel, serrana bela. Mas não servia o pai, servia a ela, e só a ela que o prêmio pretendia. Mas o pai, usando de astúcia, em lugar de Raquel, lhe deu a Lia.”

Para mim, Raquel era como o curso de Direito, enquanto a Economia não chegou a ser como Lia, porque realmente me apaixonei pela área. Adorei estudar Economia.

Comecei a advogar em abril de 1994, após ter trabalhado como promotor e professor. Na verdade, em março de 1994, logo depois de me aposentar, comecei a advogar, pois as funções não são compatíveis e há um impedimento legal que proíbe atuar como promotor e advogado simultaneamente.

Mas, já que você mencionou três, houve uma situação curiosa. No final de 1967, houve uma eleição na Faculdade de Ciências Contábeis para diretor e vice-diretor. Acabei compondo a lista tríplice e fui nomeado vice-diretor da faculdade.

Assim, no final de 1967 e início de 1968, eu era professor e vice-diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, além de desempenhar o papel de promotor. Tecnicamente, esse cargo era considerado uma extensão da função docente, pois apenas quem exercia a docência poderia ser diretor ou vice-diretor. Contudo, fui eleito vice-diretor e, de acordo com a legislação federal, os mandatos foram transformados em mandatos de quatro anos.

Infelizmente, o diretor da faculdade, professor Ulisses Vieira, faleceu em um acidente de

carro quando estava a caminho de São Paulo para uma reunião no Conselho Estadual de Educação. Em virtude da legislação federal, com a sua morte, assumi automaticamente o cargo de diretor e cumpri o restante do mandato.

Fui eleito novamente em uma lista tríplice e nomeado oficialmente como diretor da faculdade. Naquela época, não existiam departamentos — apenas faculdades, que eram instituições de ensino superior autônomas. Quando a Universidade de Taubaté foi criada, optou-se por estruturar a universidade administrativamente e didaticamente em departamentos, organizados em áreas.

Desse modo, havia as áreas de Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências da Saúde. O curso de Direito ficou na área de Ciências Humanas, mas deixou de se chamar Faculdade de Direito, passando a ser o Departamento de Ciências Jurídicas. A Faculdade de Economia tornou-se o Departamento de Ciências Administrativas e Econômicas (ECAD), e a Engenharia passou a ser o Departamento de Ciências Exatas e de Engenharia. Essa era a estrutura da época.

É curioso, porque quando fiz a faculdade de Direito, fiz algumas escolhas das quais não tinha certeza, mas uma tinha: jamais seria juiz ou promotor. No entanto, tinha certeza de que seria advogado.

Meu sonho acadêmico era atuar como advogado de alguma pessoa acusada criminalmente. Contudo, a vida traz muitas surpresas. Um grande amigo, tanto dos meus pais quanto meu, me chamou para me dizer que eu deveria fazer concurso para o Ministério Público. Neguei, mas ele insistiu, afirmando que o prazo de inscrição terminava no dia seguinte e que eu deveria me inscrever. Felizmente, entrei na carreira e identifiquei-me imediatamente com a função de promotor de justiça.

Quando me aposentei, achei curioso o fato de estar realizando finalmente o meu sonho de estudante. A relação entre minha atuação como promotor e como professor é bastante significativa. Meu primeiro júri ocorreu em dezembro de 1967.

Faço júri até hoje. Completei quase trinta anos como promotor e, agora, trinta anos como advogado. Essa experiência foi ótima; imagine alguém que é dono de um bar e já foi garçom — ele conhece os dois lados. Mais do que isso, como promotor, eu divergia de advogados. Hoje, como advogado criminalista, divirjo de promotores. Saber divergir é crucial porque o seu oponente, em latim, adversus, não é seu inimigo; ele simplesmente defende uma posição no mais das vezes oposta a sua.

Mesmo como promotor, sempre tive bom relacionamento com advogados que tenho como amigos e, agora, como advogado, continuo mantendo essas boas relações com promotores. Vivemos em uma época no Brasil em que, ao divergirmos de alguém, parece que essa pessoa se torna nosso inimigo mortal. Graças à minha experiência de vida, fui poupado desse tipo de visão.

Costumo contar que não posso divergir de um promotor — que é meu amigo e que respeito — de forma visceral, fora dessa divergência profissional.

Minha relação como professor está intrinsecamente ligada à minha formação acadêmica. Comecei na Faculdade de Ciências Econômicas e, posteriormente, passei a dar aulas na Faculdade de Direito.

Embora não tenha me aposentado como professor da Faculdade de Ciências Econômicas, posteriormente passei a dar aulas na Faculdade de Direito, inicialmente como substituto de um colega por um semestre. Depois, comecei a lecionar Direito Penal e posteriormente me tornei professor titular dessa disciplina. A conexão entre minha atuação como promotor e professor era total; havia um processo mútuo de retroalimentação. O exercício da promotoria me ajudava enormemente nas aulas, e a docência, ao disciplinar, organizar e sistematizar o conhecimento, era fundamental para o meu trabalho como promotor.

No magistério, surgiu uma nova dimensão interessante. Minha experiência como vice-diretor e depois como diretor me fez perceber a universidade como um campo fantástico para atuar.

O Sistema de Ensino Superior de Taubaté passou por três etapas: uma inicial, em que havia estabelecimentos isolados, uma etapa intermediária, quando estávamos estruturados como uma federação de faculdades e a etapa atual, quando passou a ser a Universidade de Taubaté. O reconhecimento da Universidade de Taubaté ocorreu em 1976, transformando a federação em universidade.

Trabalhar na área da educação, especialmente em legislação de ensino, foi apaixonante. Criar a universidade exigiu um arcabouço legislativo que incluía leis municipais, decretos, portarias e resoluções. Na época da federação, foi formada uma comissão de legislação e normas, da qual tive o prazer de fazer parte junto a outros professores, entre eles Nelson Pesciotta, meu amigo de longa data. Nossa relação era curiosa, pois quando estudei no Colégio Estadual e Escola Normal João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba, ele era meu professor. Anos depois, na Faculdade de Ciências Contábeis, éramos ambos professores; depois fui diretor e ele ainda atuava como docente. Posteriormente, se tornou pró-reitor enquanto eu continuava como professor.

Trocamos de posições de diversas maneiras. Algo que poucos conhecem é que naquela época várias universidades foram criadas no Brasil. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro foi a que se formou mais rapidamente, criada para ter como reitor o irmão do presidente da República na época, durante o regime militar. A Universidade de Taubaté foi a segunda mais rápida, com o processo de autorização levando menos de um ano — aproximadamente onze meses.

A criação da universidade, entre 1974 e 1976, foi uma fase interessante, pois envolveu a inclusão no âmbito de atuação do Conselho Nacional de Educação e posteriormente no MEC. O processo em si durou menos de um ano, começando em 1976 e finalizado no início de dezembro do mesmo ano.

Fui professor desde 1967, e naquela época, quando as faculdades foram criadas, o mercado de trabalho para o ensino superior não era como é hoje. Muitos profissionais foram atraídos ou chamados a lecionar na educação superior.

Começava a expansão do ensino superior no Brasil e o doutoramento foi substituído por uma nova legislação federal que criou o sistema atual, abrangendo graduação e pós-graduação, tanto lato sensu quanto stricto sensu.

O stricto sensu inclui mestrado e doutorado, voltados para o magistério, o que não era o caso anteriormente. Muitos lecionavam sem formação pedagógica.

Concordo que isso é um absurdo, mas era uma contingência do momento. Era difícil encontrar professores qualificados, especialmente em áreas como a Medicina. Por exemplo, se um grande cardiologista estava disponível, eu não hesitaria em perguntar: “Você não gostaria de dar uma aula sobre cardiologia?”

Tive a sorte de ter um exemplo inspirador em casa. Minha esposa, com quem me casei em 1970, é formada e possui mestrado e doutorado em Pedagogia pela USP. Ela lecionou no ensino fundamental, no ensino médio, no ensino superior e na pós-graduação. Qualquer dúvida pedagógica que eu tivesse, ela estava sempre disposta a ajudar.

Lecionar é realmente fascinante. Uma regra interessante é que ninguém sabe tanto que não possa aprender, e ninguém sabe tão pouco que não possa ensinar.

Se você vê o processo educativo como realmente interativo, percebe que, ao dar aula, você na verdade está estudando junto com os alunos — isso é extremamente enriquecedor.

Enfrentamos desafios significativos, como a transformação da Faculdade de Ciências Contábeis e Atuariais em Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, um processo que finalizou no Conselho Nacional de Educação, no Rio de Janeiro. Outro grande desafio foi a criação da Universidade de Taubaté, que foi uma verdadeira epopeia, sem qualquer pretensão pessoal de minha parte, mas para honrar e dignificar o trabalho em equipe.

A estruturação da universidade envolveu a elaboração de todo o arcabouço legislativo, e tivemos o apoio integral da Prefeitura para o projeto. Na época, a Federação de Faculdades estava ativa, e a reputação do ensino superior de Taubaté era de altíssimo nível — o que é difícil de afirmar, já que fazia parte desse cenário.

Recentemente, lembrei-me de uma situação. Enquanto trabalhava no Tribunal de Justiça, um relator de um processo comentou: “Gostaria de chamar a atenção para o fato de que fui seu aluno.” O revisor também mencionou que tinha sido meu aluno, assim como o terceiro membro, que fez o mesmo

Havia uma grande empresa de engenharia no Brasil, chamada Hidroservice, que publicava editais dizendo: “Precisamos de engenheiros civis. Damos preferência para formados na Escola de Engenharia de Taubaté.” Além disso, nos concursos para o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, a média de aprovados oriundos da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Taubaté era de 25%.

O padrão de qualidade que estabelecemos era muito alto. Quando o processo começou a tramitar no Conselho Federal de Educação, essa vantagem era evidente. A reputação do Sistema de Ensino Superior de Taubaté era bastante elevada.

Foi uma jornada gratificante, apesar das muitas dificuldades enfrentadas. Houve um esforço coletivo e a história das pessoas que levaram adiante esse projeto é fundamental. Desde aqueles que idealizaram a instituição, há figuras que merecem ser mais reconhecidas. Um exemplo fora da minha área é o da professora Maud Rego Sá de Miranda Monteiro, que, em uma discussão sobre quem era o pai da Faculdade de Filosofia de Taubaté, que é a origem do ensino superior na cidade, afirmou com autoridade: “Olha, eu não sei quem foi o pai, mas a mãe fui eu.” A contribuição dela para a Universidade de Taubaté foi fantástica.

Como de outras pessoas, cada uma em sua área. Lembro desse fato, pois ela é uma dessas

figuras que, muitas vezes, acaba esquecida, enquanto outros são amplamente reconhecidos.

Faço questão de mencionar isso por uma razão simples: é uma questão de justiça. Realmente, a contribuição dela foi extraordinária.

Trabalhei na área de extensão de serviços à comunidade, principalmente na elaboração de projetos, uma vez que uma das pró-reitorias é a de extensão.

A ideia era relativamente simples: qual é a mercadoria básica de uma universidade? O conhecimento. Um dos modelos universitários abrange três áreas. Essa estrutura reflete uma concepção filosófica de universidade. É essencial gerar conhecimento por meio da pesquisa, transmitir esse conhecimento e aplicá-lo na extensão. Essa é a essência do que representa a universidade: gero conhecimento, transmito-o e o aplico.

Nunca me envolvi diretamente nessa área, mas a pró-reitoria de extensão à comunidade foi uma iniciativa importante. Se me perguntar, não desenvolvi projetos dentro da universidade, pois não tive oportunidade. Entretanto, ajudei no reconhecimento de cursos, como os de Ciências Econômicas e Administração, e trabalhei bastante no projeto do retorno da Medicina.

Você mencionou desafios. Houve um período em que a Faculdade de Medicina era uma autarquia municipal. Ela foi transferida para a Irmandade de Misericórdia e depois voltou para a Universidade de Taubaté. Durante essa transição, a delegada de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura em São Paulo afirmou: “Enquanto eu for delegada, o curso de Medicina não vai para a Universidade de Taubaté.” Nesse cenário, envolvi-me bastante.

Havia comissões didático-pedagógicas, jurídicas e administrativas, e participei ativamente de todas.

Um dos principais desafios foi de natureza pessoal, pois nunca havia sido diretor de uma faculdade. Quando fui chefe de departamento, conhecia todo o corpo docente — desde os mais antigos, antes mesmo de começar na universidade. Nunca enfrentei grandes problemas com o corpo docente e não tive que lidar com greves. Minha gestão foi relativamente tranquila.

O mandato do chefe de departamento durava dois anos. Quando a Universidade de Taubaté foi criada, passei a ser pró-reitor. Após um certo tempo, já não poderia continuar como chefe de departamento.

Os desafios diários eram intensos, mas lutando ao lado de pessoas competentes, empenhadas e idealistas, tudo se tornava mais fácil. Trabalhar sozinho é difícil, mas com pessoas que têm um objetivo comum, a dinâmica muda.

Embora não houvesse um único ideal, superar os desafios do ensino superior era fundamental para mim. Minha esposa, com quem estou casado há 53 anos — em dezembro completaremos 54 anos juntos —, costuma brincar dizendo que eu tive uma amante durante sete anos: a Universidade de Taubaté. Durante o período de 1976 a 1983, se você me perguntasse quantos dias de férias tive, diria nenhum.

Não tive férias, feriados ou fins de semana. Na verdade, tanto os feriados quanto os fins de semana eram essenciais para meu trabalho como promotor, pois eu ia diariamente ao fórum, manhã, tarde e noite. Não havia alternativa.

O desafio foi grande, e me empenhei ao máximo. A Universidade me proporcionou imensa

gratificação.

Quando ocorreu o reconhecimento da Universidade de Taubaté, houve uma cerimônia no Salão Nobre da Faculdade de Direito, onde fui convidado a fazer uma fala. Imagine como seria estar em um momento tão significativo, o reconhecimento de um sonho compartilhado por todos os presentes.

Durante minha fala, lembrei de um episódio histórico de 1697, quando um taubateano chamado Antônio Dias armou uma bandeira. Normalmente, essas bandeiras contavam com a presença de um padre, que nesse caso era o padre Faria Fialho. Sabe onde fica a JK, ao lado do ginásio municipal? Aquela área era o sítio do padre Faria.

Os habitantes de Taubaté foram a Minas Gerais em busca de um ribeirãozinho, motivados por uma bandeira anterior. O que estou relatando está documentado no livro “Cultura e Opulência do Brasil.” A expressão dele menciona que “um mulato de Taubaté abaixou e pegou algumas pedras do fundo do ribeirão e levou para Taubaté. Quando chegou lá, levou-as para o Rio de Janeiro e as mostrou a um português, pois essas pedras eram pretas. O português passou os dentes nas pedras e elas reluziram pois continham 97% de ouro.”

Para comparação, uma joia de ouro de 18 quilates possui apenas 75% de ouro, enquanto aquelas pedras tinham 97%. Essa descoberta mudou a história do Brasil — aliás, mudou o mundo. Há quem diga que a Revolução Industrial Inglesa ocorreu porque o ouro de Minas Gerais ia para Lisboa e, num segundo momento, para a Inglaterra. Assim, foi um bandeirante de Taubaté que descobriu essa riqueza.

Quando a Universidade de Taubaté foi criada, essa imagem me veio à mente: agora ocorria o inverso. Pessoas de fora uniram-se aos taubateanos para redescobrir o “ouro”. Falei de Nelson Pesciotta, mas também poderia mencionar Joffre Alves Furquim, de Pindamonhangaba, José Renato Guaycuru San Martin, Osvaldo Collus, Sebastião Monteiro Bonato, de Paraibuna, e José Alves, além do professor Alfredo José Balbi que veio do Rio de Janeiro. Todos se reuniram e perceberam que ali havia riqueza, ainda que encoberta, como que no fundo de um rio; então, decidiram separá-la e mostrá-la ao mundo.

Agora, cabe àqueles que estão no comando da Universidade de Taubaté continuar essa missão. A universidade é sinônimo de conhecimento. Quero lembrar um ditado popular: “dinheiro não aceita desaforo.” Portanto, por favor, não desperdicem essa riqueza. Não desvalorizem esse patrimônio. É um assunto muito caro para mim e representa o sacrifício de muitas pessoas, infinitamente maior do que o pouco com que contribuí. É um legado que não deve ser considerado em hipótese alguma.

Essa jornada foi incrível. Tenho muitas histórias, fatos e memórias que são fragmentos dessa história espetacular.

É realmente muito interessante. Espero que você realize um ótimo trabalho, mostrando à geração atual o sacrifício, o esforço e a determinação de um grupo de professores e pessoas que, nas décadas de 1970 e 1980, construíram essa realidade.

Certamente é possível reconhecer três nomes: professor Balbi, José Alves e Bonato. Muita gente os chamava de “trindade maldita”, reflexo do ciúme que existia. Quero encerrar chamando-os de “trindade bendita”.

51

Stella Zöllner

Eu sou Stella Zöllner, e, a primeira vez que entrei no campus do Bom Conselho, tinha 17 anos. Foi há 51 anos. Nunca mais saí daqui como aluna, como professora, como diretora, como coordenadora pedagógica.

Sou de Piraju, cidade localizada no Vale do Paranapanema cujo nome significa Peixe Dourado. Antes de me mudar para Taubaté, vivi em Campos do Jordão e Cruzeiro. Em 1973, mudei-me para Taubaté para estudar Medicina.

Naquela época, a Faculdade de Medicina era administrada por outra instituição, e meu pai veio antes para estabelecer a família em um lugar onde existissem faculdades, permitindo que os filhos pudessem estudar sem sair de casa.

Fiz os cursos de Medicina e de Letras, e meu irmão se formou em Jornalismo, todos na UNITAU. Meu pai tornou-se professor de Pediatria na Faculdade de Medicina. Conheci a cidade e o campus por meio dos contatos que ele fez em seu trabalho.

Lembro que a primeira vez que entrei como aluna para realizar minha matrícula, estava de mãos dadas com meu pai. A escolha pela Medicina foi inspirada por ele, mas sem pressão. Ele sempre me deu total liberdade para decidir. Na minha família, temos pessoas em diversas áreas, como Comunicação Social, Direito e Saúde, embora em menor número. Fui seguindo meu caminho e amo o que faço. Sou plenamente feliz.

Meu mini currículo, em resumo: finalizei a graduação em Medicina pela UNITAU, embora tenha iniciado em outra instituição, terminei a faculdade na época dessa transição. Também me formei em Letras na Universidade de Taubaté, onde concluí o Mestrado em Patologia Geral e a Especialização em Saúde Pública e fiz meu doutorado na UNESP.

Sobre a Faculdade de Medicina de Taubaté, é importante contar a história corretamen-

te, pois existem versões não autorizadas. Em 1974 e 1975, tive a companhia de Geraldo Alckmin, que era um amor de colega e uma excelente pessoa, mesmo já sendo político na época. Tínhamos como provedora a Irmandade de Misericórdia de Taubaté. A faculdade era muito boa.

Tivemos um ótimo curso, mas, no final do sexto ano, a faculdade estava prestes a fechar, era uma possibilidade real. Naquele momento, o interventor do MEC, que foi quem assinou meu diploma, entrou em cena. Era alguém que nunca me deu aula e, embora não tenha nada contra ele, faltou a afetividade de ter tido um contato direto.

A UNITAU assumiu a faculdade, mas esse processo não aconteceu da noite para o dia; passou por várias instâncias, como a câmara municipal e outras etapas. A faculdade só existe hoje porque a UNITAU se esforçou muito para mantê-la.

Vivemos momentos intensos, incluindo protestos reais, não aqueles “de faz de conta.” Lembro-me de quando estávamos no pátio do Bom Conselho e havia helicópteros da polícia sobrevoando. Aqueles eram momentos marcantes do movimento estudantil.

Quanto ao trote, detestei, pois era bastante violento. O trote do curso de Medicina era agressivo, enquanto o de Letras foi bem mais leve e divertido. A tradição de trote pesado na Medicina não traz benefício algum; deveria ser uma brincadeira saudável, como colocar a camiseta do avesso ou promover doações de sangue. Na Faculdade de Letras, por exemplo, recebi um “diploma de burro” escrito em latim, uma brincadeira leve e bem-humorada.

Eu sou uma pessoa cheia de energia e sempre fui assim. Comecei Medicina com apenas 17 anos, muito jovem, e me formei aos 23 anos. Depois disso, decidi cursar Letras. Na época, fui informada que não precisava fazer vestibular, apenas apresentar um estudo de currículo.

Assim, pedi o estudo de currículo e fui dispensada de uma disciplina chamada “Estudo dos Problemas Brasileiros”. O restante do curso teria que cumprir, e adorei isso, pois era o que eu queria, então aproveitei para estudar Literatura Inglesa, Literatura Portuguesa e Latim. Foi uma experiência incrível.

Depois, fiz o mestrado, e o final do curso de Letras coincidiu com o início do mestrado. Também fiz uma especialização em Saúde Pública e concluí meu doutorado em 2000.

Um dos professores que me marcou muito durante o curso de Medicina foi meu pai, Doutor Helcio José da Costa, que lutou para que a faculdade não fosse fechada e continuasse a existir ligada à UNITAU.

Outro professor que lembro com carinho é o Prof. Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra, que dava aulas de Psiquiatria e sempre se vestia elegantemente. Curiosamente, acabei me tornando parente dele, pois sou casada com o sobrinho-neto dele, mas na época em que estudei, não sabia disso!

O Professor Demóstenes Orsini era muito famoso e havia trabalhado com um Prêmio Nobel de Fisiologia. Ele era temido pelos alunos devido à sua severidade.

Alguns professores que marcaram minha trajetória incluem o professor Sebastião Duarte de Barros Filho, especialista em Pediatria, que atendeu minha primeira filha na ocasião de seu nascimento; a professora Léia Speranzini, que fez meu primeiro parto, e o professor Gílio Giacomozi, do curso de Letras. Também lembro muito bem do professor Hamilton, de Língua Portuguesa, e da professora Belinha, que lecionava Literatura Brasileira.

A professora Ana Helena, que ensinava Didática, era maravilhosa.

E quem mais lembro?! O professor Samuel John Powell, de Literatura Inglesa, era sério, impunha respeito, embora eu o achasse normal. O professor João, que dava aulas de Latim, era excelente.

No mestrado, havia alguns professores de fora. Lembro mais dos professores da área de Saúde Pública no curso de especialização. A Professora Nádia, da Vigilância Sanitária, e o Professor Eduardo, lecionava Estatística e era da Enfermagem, que também me marcaram. A professora Egle, especialista em Saúde Pública, é outra lembrança forte.

Todos os dias da minha vida são importantes, e acredito que posso servir da maneira que entendo as coisas. Não me considero uma pessoa importante; tive a oportunidade de servir. Atuei como professora na UNITAU e encerrei minha carreira como professora titular, um título que conquistei pela dedicação ao longo do tempo. Lecionei na disciplina de Patologia Geral, trabalhei com educação em saúde e desenvolvi diversos projetos de extensão universitária.

Na parte administrativa, tive a oportunidade de auxiliar o professor Oscar César Pires, um querido amigo que me convidou para coordenar a área pedagógica do curso de Medicina. Naquela ocasião, pensei: “Deus é perfeito e fez a figura mais completa”. Eu já tinha experiência na Licenciatura em Letras, o que me permitiu trazer esse conhecimento pedagógico para a instituição.

Mais tarde, fui diretora do Departamento de Medicina, tanto em Taubaté quanto em Caraguatatuba, durante a implantação desse campus. Essa foi uma experiência intensa e desafiadora, e sou grata por ter feito parte desse processo, pois adoro desafios e valorizo a vivência desse tipo de dinâmica.

Estava no Bom Conselho com meu coordenador pedagógico e amigo, professor Oscar César Pires, quando fomos convocados pela professora Nara e pela pró-reitora de graduação da época, professora Ângela, para ajudar a dar sugestões sobre o novo campus em Caraguatatuba. Fomos parte de um grupo de trabalho onde discutimos sobre laboratórios, necessidades, espaços adequados para a didática e demandas de pessoal. O campus foi inaugurado em um lindo mês de agosto, cheio de felicidade! É um campus completamente diferente do Bom Conselho, com espaços modernos e interativos. Apesar das belezas distintas de cada local, acredito que ambos são muito interessantes e que a qualidade do ensino é a mesma.

Os alunos têm perfis um pouco diferentes: em Caraguá, muitos são mais velhos e já têm uma ou duas graduações, enquanto em Taubaté os alunos são geralmente mais jovens, na sua primeira graduação. Mas, no geral, desejo que todos se tornem bons médicos, com as bênçãos da UNITAU.

Tem sido uma grande oportunidade, e como parte da minha filosofia, vejo minha função como professora como um privilégio. Através das disciplinas que ministrei, como “Saúde na Educação” e “Patologia Geral”, trabalhei formando médicos.

Não adianta simplesmente passar o conteúdo programático; isso já está nos livros! Meu objetivo é tornar esse conteúdo acessível e compreensível. Utilizo muitas imagens e poucas palavras nas minhas apresentações e promovo discussões significativas. Trago exemplos da prática clínica, como: “Como você deve observar seu paciente?” Lidar com um paciente com uma doença vai além da doença em si; é fundamental considerar o paciente como um todo, incluindo a família

e o contexto. O diagnóstico deve ser entendido nessa perspectiva. Essa abordagem, que conecta teoria e prática, realmente funciona.

Lembrei de uma lembrança muito divertida! Trabalhei com minha equipe no lançamento de um livro de Patologia Geral e fizemos fotos pelo campus inteiro. A mais divertida foi em uma sala da Educação Física, onde todos nos deitamos no chão e as fotos foram tiradas de cima. Foi excelente! Além disso, não posso deixar de mencionar os projetos de extensão, que me emocionam profundamente. Projetos como o “Hospital do Ursinho” e “Foco na Mente” são memoráveis para mim.

Contribuí também para “Controle Ambiental”, um projeto desenvolvido em parceria com a Prefeitura de Taubaté. Durante minha carreira na Vigilância Epidemiológica, consegui unir a UNITAU à prefeitura, e esse projeto de extensão ainda existe até hoje. Acredito que a extensão é uma parte essencial e valiosa do nosso trabalho!

O “Hospital do Ursinho” é uma adaptação de um projeto internacional de estudantes de Medicina, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde. Nesse projeto, transformamos brinquedos em pacientes. Montamos um hospital de brinquedos, com mesinhas e bichinhos. Um aluno pega o ursinho, outro pega o cachorro, e a criança assume o papel de pai ou mãe do brinquedo, trazendo-o para que nossos estudantes o tratem. Trabalhamos a angústia e o medo que as crianças sentem em relação aos profissionais de saúde de forma lúdica, ensinando sobre saúde de uma maneira divertida.

O Projeto “Foco na Mente” também é muito interessante. A saúde mental é um desafio imenso. Esse projeto nasceu da iniciativa de dois alunos de Medicina, o Lucas e o Yuri, que me abordaram com a ideia: “Eu sei que estamos fazendo uma proposta para a PREX, mas podemos fazer outra? Essa outra nós vamos tocar pessoalmente.”

Eu respondi: “Mas não dá tempo, temos apenas 24 horas.” Eles insistiram: “Vamos fazer, e a senhora lê depois.” Eles conseguiram completar a proposta do projeto em 24 horas e foi amplamente aprovado.

O projeto inicialmente tinha um nome complicado que não fazia sentido, então o renomeamos para “Foco na Mente”. Temos uma sala no campus que funciona como um plantão de acolhimento para pessoas que estão estressadas, nervosas devido a provas, ou que buscam um espaço tranquilo. Essa sala fica próximo ao laboratório de Anatomia.

O projeto possui também um Instagram que se destacou durante a pandemia e continua ativo, com meditações, postagens, orientações e dicas culturais sobre saúde mental. Atualmente, temos um projeto de meditação e relaxamento com horários divulgados no Bom Conselho. No Instagram, os alunos têm a liberdade de realizar suas meditações a qualquer momento.

Estamos trabalhando em um aplicativo em parceria com o pessoal da Engenharia de Computação, focado em abordar a violência em suas diversas formas. Não sou mais a coordenadora, pois estou aposentada, mas estou envolvida como voluntária. O Projeto “Foco na Mente” agora é coordenado pelo Prof. Ricardo Marcitelli, e contamos com a ajuda de duas psicólogas voluntárias, além da professora Juliana Santos, que está no “Hospital do Ursinho”.

O Projeto “Foco na Mente” existe também no Campus Caraguatatuba, estando plenamente ativo.

O projeto “Controle Ambiental” se dedica ao combate de doenças como Dengue, Chikungunya e Zika, além de lidar com escorpíões e outros animais peçonhentos. Atualmente, é coordenado pela professora Francine, que atua em Parasitologia. Contribuo como médica voluntária nesse projeto. Estou muito feliz com esse trabalho!

Todas as experiências são importantes. A carreira médica permite que você seja muito útil às pessoas, mas também traz desafios imensos diariamente. Você tem a responsabilidade de receber um paciente, ouvir sua história e elaborar um diagnóstico e um tratamento que funcionem. Isso pode ser desgastante fisicamente, mas o emocional é o que realmente conta. A satisfação de cumprir meu dever, fazendo meu trabalho com amor, me torna incansável. Eu amo a Medicina!

Mesmo quando estou cansada, isso não importa; chego em casa e descanso. Meu amigo Oscar e eu compartilhamos a ideia de que, quando amamos o que fazemos, saímos felizes para trabalhar. E é exatamente assim que me sinto: feliz em ir trabalhar, apesar de todas as dificuldades que a vida possa trazer. É gratificante ver um paciente melhorar e avançar em seu tratamento. Essa sensação é maravilhosa!

Gostaria de compartilhar uma experiência que acredito ser singular. Na época, era uma médica muito ativa, fazendo plantões em várias áreas, e tinha apenas 27 anos quando sofri um infarto agudo do miocárdio. Quase morri de verdade. Depois disso, parei de trabalhar e fiquei meses afastada, tendo que recomeçar minha carreira.

Essa experiência foi extremamente marcante. Estava na UTI, sem saber se sobreviveria àquela noite. Fiz um pacto com Deus: “Senhor, vou ficar quietinha, não vou perguntar ‘Por que eu?’ e vou me dedicar ao máximo para me recuperar. Se o Senhor puder me dar a chance de criar minha filha até que ela tenha 18 anos” (ela tinha apenas quatro na época) “eu ficarei muito feliz.”

Consegui me recuperar maravilhosamente. Hoje, minha filha tem 45 anos. Fiz um novo trato com Deus, pedindo: “Senhor, aguenta mais um pouquinho.”

Estava ótima, mesmo tendo quase morrido. Abandonei uma carreira de pronto-socorro e plantões, mas segui minha trajetória na área de consultório, que foi muito significativa e gratificante.

“Você se sente feliz por ter quase morrido?” Fico feliz por ter sobrevivido! Por ter vivido uma experiência intensa, por ter me fortalecido e por ter conseguido recomeçar. Naquele momento, era 1983 e entrei para a docência em 1991, enquanto estava no mestrado. Pausei o mestrado, mas depois retornei.

A UNITAU é a minha casa. É onde estudei, me formei, fiz minha pós-graduação e onde trabalho. Estou aqui agora, absolutamente à vontade, porque sou parte da equipe da UNITAU. O aposentado não é excluído; ele é alguém que já fez a sua parte. A Universidade de Taubaté é realmente minha casa. Segurança, afeto, bom trabalho e bem-estar... vou parar por aqui, pois sou prolixa.

Meu marido se formou na UNITAU, na área de Odontologia. Ele passou pelo Colégio UNITAU, fez mestrado e doutorado em Endodontia. Minhas filhas também se formaram pela UNITAU. Maria Luiza, minha mais velha, fez Publicidade e Propaganda, enquanto a Fernanda, minha mais nova, se formou em Psicologia e depois em Direito. Atualmente, ela é aluna do mestrado em Desenvolvimento Regional. Assim, toda a nossa família é parte da UNITAU. E meu coração é azul!

52

Susana Veiga

Eu sou Susana Veiga. Eu estou na Universidade de Taubaté há 19 anos, desde agosto de 2005.

Não sou de Taubaté, nem do Vale do Paraíba, na verdade. Moro em São José dos Campos, e faço frequentemente a viagem para Taubaté para trabalhar. Não vou todos os dias, mas essa jornada faz parte da minha rotina. Sou natural do Paraná, perto de Foz do Iguaçu, e vivo na região há 20 anos.

A minha história é um pouco engraçada. Embora seja do Paraná, toda a minha formação acadêmica, incluindo a graduação e o mestrado, foi realizada na Universidade Federal de Santa Catarina. Muitas pessoas, devido aos cursos de engenharia, acabavam se mudando para trabalhar na Embraer, e meu irmão foi um deles. Ele começou a trabalhar na Embraer em São José dos Campos.

Enquanto trabalhava em Florianópolis na Universidade Federal, comecei a dar aulas de matemática. Durante as férias, costumava visitar meu irmão e minha cunhada para ajudar a cuidar dos meus sobrinhos. Nesses períodos, eu e uma amiga, irmã da minha cunhada, saíamos com eles e outras pessoas, e foi assim que conheci meu marido. Nos conhecemos em uma dessas férias, começamos a namorar e, eventualmente, eu decidi me mudar. O namoro ficou sério, e eu precisei buscar uma nova oportunidade de emprego.

Já tinha completado minha graduação e mestrado, além de ter experiência em outras universidades, então procurei algo que estivesse alinhado ao que eu já havia feito. Encontrei um concurso na UNITAU para professor de matemática financeira em 2005, fiz a prova e passei. Assim, meu namoro também se concretizou, casei e acabei ficando na Universidade até hoje.

Fiz Licenciatura em Matemática, e sem-

pre tive uma afinidade especial por essa área. Desde o ensino fundamental, a matemática sempre despertou em mim uma verdadeira paixão, embora não tenha prestado vestibular especificamente para esse curso. Na época, há quase 25 anos, a área de Tecnologia da Informação - TI estava em alta, e a engenharia da computação era uma das profissões em evidência. Na Federal de Santa Catarina, eu poderia escolher um segundo curso caso não passasse no primeiro. Assim, acabei passando para matemática, não para ciência da computação. Decidi começar o curso e, ao me envolver, percebi que realmente gostava do que estava fazendo e nunca abandonei.

Antes de começar o estágio obrigatório na universidade, trabalhei no ensino básico. Atuei em diversas escolas no município de São José na grande Florianópolis, lecionando para alunos do sexto e sétimo ano, além de ter dado aulas no ensino médio, em instituições tanto públicas quanto privadas.

No início, foi bastante desafiador. Eu ainda não tinha me formado quando surgiu a oportunidade de lecionar em uma escola. Fui em busca de experiência, embora me sentisse um pouco insegura. Comecei a dar aulas com apenas 20 anos, e havia alunos quase da minha idade na sala de aula. Ganhar a confiança e o respeito dos estudantes foi um grande desafio. No entanto, eu tinha certeza de que estava no caminho certo. Era gratificante ver os olhinhos dos alunos brilharem quando eu trazia algo novo ou os incentivava. Muitos deles viviam em um bairro carente e não tinham esperança de ingressar na faculdade, então dizer a eles que era possível e ver a mudança na atitude deles foi uma experiência transformadora. Isso reafirmou minha vocação para a educação.

Eu entrei direto na Universidade de Taubaté, meu primeiro emprego no Vale do Paraíba. Depois, trabalhei em outras instituições, mas iniciei minha carreira como professora de matemática financeira. Na época, ainda não existia o Instituto Básico de Exatas, então fui admitida no Departamento de Gestão e Negócios. Posteriormente, fui transferida para o Instituto Básico de Exatas, mas minha disciplina de concurso é matemática financeira.

Atualmente, trabalho em duas frentes na UNITAU: continuo lecionando matemática financeira presencialmente nos cursos de administração, economia e contabilidade, e também atuo na educação a distância. Desde 2008, sou parte da equipe da modalidade de educação a distância da universidade, e hoje sou coordenadora pedagógica de todos os cursos da EAD-UNITAU. Em vez de coordenar apenas um curso, coordeno todos, gerenciando coordenadores e professores.

Costumo brincar que o coordenador pedagógico é alguém que “bisbilhota” tudo; meu papel envolve mediar o que oferecemos em termos de ensino com as equipes administrativas e de TI. Faço a ponte entre coordenadores, professores, secretaria e o time de TI, sempre pensando nos materiais, conteúdos e atualizações. Junto com os coordenadores e professores, desenvolvemos as matrizes curriculares e discutimos projetos de extensão e atividades complementares. Transito por todos os cursos da educação a distância e trabalho com praticamente todos os envolvidos nessa modalidade.

Me encontrei na educação a distância e acredito plenamente em seu potencial. Através dela, conseguimos levar o ensino universitário a lugares onde o formato presencial não chega. Aqui no Vale do Paraíba, e agora também no litoral norte, a educação a distância nos per-

mite ter alunos de diferentes regiões, de norte a sul do Brasil, inclusive do Pará, Maranhão e Rio Grande do Sul. Essa diversidade de realidades é enriquecedora.

Embora o ensino seja a distância, não estamos distantes dos alunos. Temos contato direto e conhecemos suas histórias, desafios financeiros, questões familiares e os sonhos que desejam realizar. É extremamente gratificante ver quando alcançam suas metas; muitos dos nossos alunos nos contam que são a primeira pessoa da família a obter um diploma de ensino superior. Isso demonstra que, apesar da modalidade, construímos laços significativos. Essa conexão com os alunos é algo que me realiza profundamente.

Acho que os formatos são muito diferentes. O aluno que faz um curso presencial, ele quer ter esse contato diário, quer ter essa conversa, ele precisa que o professor esteja ali e fale, “olha, tem uma atividade para fazer”, “não esquece que a gente tem uma prova”, quer estar ali. O aluno da educação à distância deve ser mais autônomo, não quer necessariamente esse contato diário, é um aluno mais livre, faz as coisas por conta e segue caminhos diferentes.

Às vezes, no ensino presencial, é apresentado o conteúdo e o aluno segue a sequência que é determinada, estudando conforme apresentado pelo professor. No entanto, o aluno à distância pode seguir um caminho totalmente diferente, às vezes até estudando de trás para frente, organizando seus estudos de maneira diversa. Mas não dá para idealizar. Observamos que, muitas vezes, os alunos a distância enfrentam mais dificuldades com a tecnologia do que os alunos presenciais. Por isso, precisamos ter um cuidado redobrado para identificar essas dificuldades e oferecer suporte, orientando-os: “olha, faça isso, faça aquilo”. Isso traz um nível de complexidade adicional.

Acredito que a pandemia aproximou a educação a distância da modalidade presencial. Muitas pessoas costumavam ver o ensino a distância como algo fácil e simples, que não exigia muito estudo. Contudo, com a pandemia, quando todos precisaram se adaptar ao trabalho remoto e ajustar seus materiais para o aprendizado, tanto os professores quanto os alunos tiveram que criar novas rotinas. Isso proporcionou uma nova perspectiva sobre as dificuldades do ensino a distância. Uma aula que você ministra presencialmente não pode ser replicada exatamente na educação a distância; é necessário adaptá-la, torná-la mais atrativa para que o aluno não perca o interesse. Por exemplo, vídeos muito longos podem se tornar cansativos, exigindo que eu pense mais nas minhas estratégias de ensino.

Com a pandemia, as pessoas perceberam a seriedade e os desafios do ensino a distância. Isso também levou os professores da universidade a valorizarem o trabalho desenvolvido e a integrar algumas metodologias que aprenderam na EAD em suas aulas presenciais, tornando-as mais interativas e tecnológicas.

Uma diferença marcante que percebo na EAD, especialmente como coordenadora pedagógica, é a necessidade de um trabalho colaborativo mais intenso e interdisciplinar. Precisamos trabalhar em conjunto com os coordenadores de diferentes áreas, como pedagogia, matemática e agronegócio, pensando em atividades conjuntas. Isso requer um forte senso de equipe; sem ele, não conseguimos atingir nossos objetivos. Na educação presencial, os departamentos da universidade estão fisicamente distantes, como o Departamento de Agronomia e o Departamento de Gestão e Negócios, o que pode dificultar o contato entre diferentes áreas. Já na EAD, esse contato é essencial. Precisamos trabalhar juntos, e essa é uma grande diferen-

ça que sinto, além de ser um desafio para mim como coordenadora pedagógica, pois é necessário integrar todas as áreas ao mesmo tempo. Porém, essa experiência também se torna uma oportunidade de aprendizado, permitindo-me conhecer melhor os cursos de outras áreas.

Nós temos os nossos momentos presenciais. Como os professores, coordenadores, funcionários, tem esses momentos que a gente trabalha muito junto, presencialmente, então estamos no polo sede, mas também ao mesmo tempo quando nós estamos de forma remota. A gente está o tempo todo tendo que realizar reuniões, tendo que conversar de forma síncrona ou assíncrona, às vezes para se acertar, às vezes não é possível fazer tudo presencialmente, então nós vamos trabalhando de forma remota, mas, assim, sempre em conjunto. Eu tenho que trabalhar com os professores de várias áreas diferentes.

Nossa equipe na EAD-UNITAU não é tão grande. Somamos cerca de 20 professores e coordenadores. Apesar disso, contamos com funcionários das áreas de secretaria, TI e biblioteca, formando uma equipe que, embora não seja formalmente um departamento, atua como tal.

Um projeto interessante que vivenciei na universidade foi o PIBID. Isso porque, nele o aluno tem a prática, vai para a sala de aula para ver como o professor está atuando. Como estão implementando projetos e vendo na prática o que acontece. Acredito que o PIBID é muito enriquecedor para os alunos, porque eles estão em um curso de licenciatura enquanto aprendem a ser professores, orientados por mentores que já atuam na área. É uma experiência valiosa, tanto para os alunos quanto para nós, pois, embora não estejamos nas salas de aula da educação básica, estamos em paralelo com nossos alunos que estão lá.

O desafio é diário. Todos que trabalham na educação precisam se reinventar constantemente. O professor precisa estar sempre atualizado, estudando, o que exige tempo para se dedicar ao trabalho. Sabemos que todos nós na educação trabalhamos bastante, e hoje parece que não há como evitar isso. Estamos sempre em sala de aula, preparando aulas, desenvolvendo novas ideias e conteúdos. Ao mesmo tempo, precisamos nos atualizar, e isso requer tempo, que deve ser equilibrado com a família, filhos e outras responsabilidades. Assim, um dos maiores desafios ao longo desses 19 anos na universidade tem sido encontrar esse equilíbrio entre tempo para a família, estudo e trabalho. Isso se torna ainda mais desafiador para mim, já que não moro em Taubaté, mas em São José, enfrentando continuamente o tempo de deslocamento.

A UNITAU é o meu trabalho, minha dedicação e onde vejo meus planos para o futuro. É um lugar onde aprendo diariamente, tenho amigos e colegas. A universidade está presente na minha vida todos os dias; trabalho de segunda a sábado, e é difícil imaginar minha vida sem a UNITAU. É onde realizo meu trabalho, cultivo amizades e interajo com meus alunos.

Embora desafiador, para mim, cada dia é uma oportunidade de aprendizado. A universidade constantemente me desafia com novos projetos, disciplinas e alunos, o que enriquece minha experiência profissional e pessoal.

53

Vanda Cursino

Eu sou Vanda Aparecida Várzea Cursino. Cursei graduação em Serviço Social ainda na antiga Faculdade de Serviço Social de Taubaté, tendo sido aluna da primeira turma, que teve início em maio de 1966, nas dependências do Seminário Diocesano, na Av. Grana-deiro Guimarães. O reconhecimento do curso ocorreu em 3 de abril de 1970, quando da graduação dessa turma, no Teatro MetrÓpole. O primeiro corpo docente era formado pelos professores Ulisses Pereira Bueno, fundador e diretor, Benedito Olegário Resende Nogueira de Sá, Idalina Monteclaro César, Lia Maura de Andrade, Maria Antonieta Guerreiro, Luiz Vieira, Pe. Correa, Dionísio Leite da Costa, Lolito, entre outros.

Meus primeiros estágios foram no Hospital Sta. Isabel da Irmandade de Misericórdia de Taubaté, concomitantemente no Juizado de Menores da Comarca de Taubaté, hoje chamado de Vara da Infância e Juventude, onde implantei o Serviço Social - SESO, com a anuência do Dr. Caetano Ferreira Munhoz, Juiz titular da época. Este SESO foi posteriormente, implantado em outras comarcas da região. Em 1970, após a formatura, fui convidada pelo professor Ulisses Pereira Bueno para ser instrutora de ensino da disciplina Introdução ao Serviço Social e supervisora de estágio. E, assim permaneci até 1973.

Em 1971 casei-me e fui morar em São Paulo, onde trabalhei no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo do IAMSPE, como assistente social. Também fui concursada como assistente social da Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo, onde atuei no setor de Desfavelamento e na Central de Planejamento Social desse mesmo setor, na elaboração de programa de capacitação social para a população residente em favela. Em 1976, nós voltamos a residir em Taubaté, e em 1977 fui dar aulas na Faculdade de Serviço Social Ministro Tarso Dutra da Fundação Valeparaibana de Ensino, em São

José dos Campos, período que se estendeu até 1983, onde ministrei Serviço Social de Caso, Serviço Social de Grupo, Pesquisa Social e Planejamento Social. Em 1980, a convite do colega professor Geraldo Vilhena de Almeida Paiva, assumi a chefia da Divisão de Ação Comunitária do Departamento de Promoção Humana e Saúde, da Prefeitura de São José dos Campos, atuando nos setores de desfavelamento, habitação popular, desenvolvimento do artesanato joseense, ação comunitária e supervisão de alunos de Serviço Social.

Sempre gostei muito do ensino e de atividades de ação comunitária que visam o desenvolvimento humano e social, e desta forma, sempre que possível, procurei integrar essas duas áreas. Em 1970, e depois em 1976, atuei em Taubaté no Consórcio da Promoção Social do Vale do Paraíba. Esse Consórcio, com sede em Taubaté, teve por administradores os senhores Márcio Baroni e Tarcísio José de Souza e Silva. Esse Consórcio era integrado por cinco municípios da microrregião, a saber, Taubaté, São Luís do Paraitinga, Redenção da Serra, Natividade da Serra e Jambeiro. A equipe técnica era multiprofissional com estagiários supervisionados. As prefeituras dessas cidades se uniam, e apoiados com recursos financeiros da Secretaria de Promoção Social do Estado de SP, desenvolviam-se projetos sociais e culturais de interesse da população local, como motivação para a implantação de diretorias e lideranças para os centros comunitários, grupos de mães, e grupos de jovens dessas comunidades.

Retornei ao Departamento de Serviço Social da UNITAU em 1985, a convite do professor Dionísio Leite da Costa, que na época era o chefe do Departamento de Serviço Social. Foi uma satisfação, iniciei com a disciplina História de Serviço Social, para a qual fiz concurso. E depois lecionei Serviço Social de Grupo, Planejamento Social, e supervisão de estágio. Isso foi de 1985 até 1989. Nesse período, me entusiasmei e fiz o mestrado em Planejamento Regional Urbano-Rural.

No período de 1989 até 1993 fui Chefe do Departamento de Serviço Social. Dentre os projetos que elaboramos neste período e que foram implantados, destacamos a Creche da UNITAU, a UNITAU Aberta à Terceira Idade, e o Programa de Apoio aos Estudantes e Servidores da UNITAU - PAE.

A professora Luísa Erundina, deputada federal, também foi professora deste Curso de Serviço Social da UNITAU. Também fomos colegas na Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo, embora eu fosse lotada no setor de Desfavelamento e ela no de Creches. No meu período na chefia, ela era a prefeita de São Paulo, e veio, a meu convite, participar da solenidade de Jubileu de Prata desse curso. A professora Luíza Erundina discorreu sobre o período em que foi professora neste curso, pois, fazia mestrado na PUC na mesma turma da professora Maria Emília Gama Nogueira de Sá, que à época era a chefe desse departamento de Serviço Social, e que foi a convite desta, que veio ministrar aulas no Curso.

Tenho felizes recordações desse departamento, tanto que, quando fui integrar a administração superior, continuei ministrando aulas até me aposentar. Sempre senti que esse contato direto com os alunos era um estímulo. Através dessa interação sabia-se que outras atividades poderiam ser realizadas, atendendo-se às expectativas e necessidades dos alunos.

De 1987 até 1990, também fui assessora técnica da Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação, a convite da Pró-reitora professora Maria Emília Gama Nogueira de Sá. Nesse período destaco o nosso Projeto a Arte na Vida e a Vida na Arte, destinado aos alunos do ensino funda-

mental das escolas públicas de Taubaté, com o objetivo de interação e aprendizado através do artesanato local. Para tanto, houve o apoio financeiro do Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Ministério do Trabalho, mais a participação das figureiras do Bairro da Imaculada e do escultor taubateano Demétrio, e a orientação da professora Maria Salete de Abreu, da Pedagogia, o encerramento do projeto foi uma grande exposição das obras confeccionadas pelos alunos, no Teatro São João. Também na PRPPG tive a satisfação de acompanhar o planejamento e a implantação de vários cursos de especialização, e do primeiro mestrado em Odontologia com três áreas de concentração. E, especialmente acompanhei, ainda na PRPPG, um programa da administração superior, que permitiu que professores interessados pudessem cursar mestrado e doutorado em outras universidades credenciadas, com bolsas da CAPES/MEC, e apoio financeiro da própria UNITAU, para que esta universidade pudesse ampliar o quadro de docentes titulados.

Em 1993, fui convidada pelo então Reitor, o professor Milton de Freitas Chagas, para assumir a Pró-reitoria de Extensão - PREX. Na época, o professor Nilo Bueno Patrício, que era o Pró-reitor Estudantil, se aposentou e passei a acumular a Pró-reitoria Estudantil, e consequentemente a Comissão Permanente de Vestibular – COPEVE.

Naquela época, também assumi a Presidência da Fundação Musical da UNITAU, que possuía uma orquestra sinfônica extraordinária, e uma Camerata, sempre conduzidas pelo Maestro Teixeira Barreto. A Fundação Musical sempre participava de todos os eventos solenes desta Instituição. A Orquestra da UNITAU sempre se apresentava no Teatro São João, na solenidade de início do ano letivo, em comemorações e solenidades, quando vinham visitantes à UNITAU, como exemplo, se apresentou numa das visitas da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM, e para outras autoridades. São atividades que não existem mais. Estão mudando os tempos, surgindo outras necessidades. Contudo, acredito ter sido um período muito produtivo para o crescimento cultural da universidade.

Era muito produtiva a ligação entre as equipes das duas Pró-reitorias, das quais guardo ótimas recordações. Destacamos os projetos educacionais de Educação Continuada para os professores do ensino fundamental e médio das redes estadual e municipal de Taubaté e região; as Revistas da UNITAU confeccionadas na própria PREX, com colaboração dos docentes e da PRPPG; Revistas do Direito; as Pesquisas Sociais realizadas em alguns municípios da região, para identificar as necessidades e aspirações de suas populações executadas pelo professor José Henrique Morgado de Abreu, do Serviço Social; as exposições culturais; os eventos no Teatro São João (peças teatrais, apresentações culturais e musicais, e, as Semanas dos Departamentos; o Escritório de Assistência Judiciária do Direito; a Clínica de Psicologia; o Centro de Estudos e Extensão de Ubatuba; as Bibliotecas; os Programas Universidade Solidária e Alfabetização Solidária, realizados em municípios do Nordeste e no Vale do Paraíba, estes dois últimos foram apoiados pelo governo federal. Essas atividades, bem como as demandas ao Vestibular da UNITAU tiveram sucesso graças às excelentes e dedicadas equipes de professores e funcionários das duas Pró-reitorias, bem como os Chefes e professores de vários Departamentos que aderiram aos projetos.

No Programa Universidade Solidária, a UNITAU, por dois anos seguidos, ganhou prêmio destaque. Era uma viagem dos alunos até Abrolhos - BA. Lá, o presidente da época, Fernando Henrique Cardoso, junto com a senhora Ruth Cardoso, criadora desse Programa, embarca-

ram no navio da marinha, o NDD Ceará, e acompanharam as equipes vencedoras até o Rio de Janeiro. Foram as equipes de Taubaté, e mais outras duas universidades, que ocuparam o segundo e o terceiro lugares. Nós ficamos em primeiro. A participação das equipes foi tão bem-sucedida que a Sra. Ruth Cardoso solicitou que, em seguida, a UNITAU realizasse esse mesmo Programa em três cidades desta Região, em Santo Antônio do Pinhal, Bananal e Caraguatatuba. Na reunião de avaliação do Programa em Brasília, o professor Felício Goussen Murade, que coordenou uma das equipes vencedora, agraciou a Sra. Ruth Cardoso com uma Arca de Noé confeccionada pela Edith, uma das irmãs figureiras de Taubaté. Posteriormente, a Sra. Ruth Cardoso encomendou às figureiras, através da PREX, uma Arca de Noé igual, para presentear o casal Bill Clinton e Hillary Clinton, quando em visita oficial à Brasília.

A Alfabetização Solidária também foi bem proveitosa em seus objetivos. Esses programas da Universidade Solidária e Alfabetização foram criados pela citada professora doutora Ruth Cardoso. Uma equipe de professora do Curso de Pedagogia, desenvolvia treinamentos da educação continuada em cidades do Nordeste, previamente selecionadas pelo Programa, participar da mobilização da Alfabetização Solidária. E, durante as férias de julho, esses mesmos professores do Nordeste ficavam durante quinze dias na UNITAU, sob treinamento pedagógico, atividades culturais e visitas às cidades turísticas desta região. Eram mantidos contatos permanentes com as equipes visitantes do Nordeste.

Destaque entre os inúmeros cursos de extensão oferecidos aos professores, alunos e à comunidade em geral, era o de Extensão em Processo Civil, ligado ao Curso de Especialização em Processo Civil, coordenado pelo professor doutor José Roberto Bedaque, do qual participavam vários docentes de destaque nacional na área do Direito, e que há cada ano reunia quase dois mil alunos.

Cabe ressaltar que, o Programa de Apoio ao Estudante- PAE, implantado quando estávamos na Chefia do Departamento de Serviço Social e na assessoria à PRPPG, atendia os estudantes, professores e funcionários. A equipe era constituída pela professora Maria Elisa Moreira da Medicina, pelo professor Pe. Frederico Meirelles, de Filosofia e Letras, e outros professores da Psicologia que se revezavam no plantão do Programa PAE, gerando uma interação e solidariedade entre os alunos. Às quartas-feiras, havia um grande movimento no campus do Bom Conselho, quando era celebrada a missa dos estudantes na Capela de N. S. do Bom Conselho. Depois, o padre Fred teve de se afastar, porque assumiu, à época, a paróquia da Vila das Graças. O Pe. Afonso Lobato, que era aluno do curso de Direito, o substituiu, no período em que foi aluno da UNITAU.

Vários foram os seminários realizados à época da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, em parceria com o Departamento Jurídico da Prefeitura de Taubaté. Ressaltamos também, as Semanas de Estudos dos Departamentos, a exemplo do ECASE sob a direção do professor Claudio Di Biasi, como exemplo, quando um dos palestrantes foi o Eng. Osiris Silva, um dos fundadores da Embraer, com mais de duas mil pessoas lotando o Teatro São João para ouvi-lo sobre suas experiências em administração.

Para divulgar os cursos de graduação e laboratórios da UNITAU, a COPEVE implantou o Projeto Conheça a UNITAU. Com o ônibus da UNITAU, eram trazidos alunos de escolas particulares e públicas, para conhecerem os laboratórios e ouvirem rápidas palestras sobre os mesmos. As visitas eram agendadas previamente, com os funcionários e os professores dis-

correndo sobre as suas atividades e projetos dos laboratórios e sobre os cursos. Era um excelente marketing para o Vestibular. Inicialmente, os professores iam às escolas para fazer o convite, para falar sobre o que os alunos iriam visitar e conhecer. A COPEVE participava de todos os eventos de vestibular da Capital, especialmente o realizado no Colégio São Luís. A equipe fazia essa divulgação com os folders e marca-textos gerais e de cada curso. O ápice de candidatos ao vestibular da UNITAU nesse período foi de 12 mil inscritos.

Nessa época, a COPEVE implantou um Alojamento para os candidatos que vinham de outros municípios e estados, e não mais encontravam vagas em hotéis e pousadas nesta cidade. Os candidatos eram alojados no Prédio do Bom Conselho, dormiam em colchonetes cedidos pelo Comando de Aviação do Exército – CAVEX. Havia uma equipe de funcionários que coordenava e também dormia no local. Alguns alunos de graduação da UNITAU participavam e colaboravam. Era um apoio para os candidatos ficarem apenas no período do vestibular. Durante as provas os alunos recebiam em suas mesas chocolates e água, doados pelas empresas Nestlé e Minalba.

Conheci alguns candidatos ao Curso de Direito, como exemplo, entre outros, que vieram do Estado do Mato Grosso para o vestibular e ficaram nesse alojamento, e depois permaneceram na cidade, com muito sucesso em suas atividades profissionais.

A Pró-reitoria Estudantil em parceria com a Pró-reitoria de Finanças, e também em conjunto com os Diretórios Acadêmicos desenvolviam atividades solidárias em apoio aos alunos com dificuldades financeiras, quando os casos eram comprovadamente de difícil solução a curto prazo.

A Pró-reitoria Estudantil, naquela época, gerenciava o Sistema Municipal Único de Bolsas de Estudos – SIMUBE. Eram os professores do departamento de Serviço Social que faziam as entrevistas, as visitas quando necessárias, e os relatórios. Havia cuidado e embasamento técnico para selecionar os alunos com dificuldades financeiras, mas que também possuíam interesse real em seus cursos. Não há alegria maior do que se constatar um aluno que, com muita dificuldade financeira e pessoal, fez o curso de sua vocação com dedicação e conseguiu concluir com sucesso. Entendo que os professores além de transmitirem conhecimentos devem estimular seus alunos a buscarem seus ideais.

A PREX também implantou e era a responsável pelo Centro de Apoio ao Litoral Norte da UNITAU, na Rua Guarani, em Ubatuba, sob a coordenação da professora Jane Mathias Kater, da Odontologia. O centro de apoio era especialmente, uma forma de divulgar a UNITAU. Nele eram desenvolvidos o Programa UNITAU Aberta à Terceira Idade, projetos de biologia marinha com o professor Sergio Araújo, da Biologia, e, ainda, os cursos de extensão em língua portuguesa e inglesa, e outros cursos rápidos de interesse da comunidade local. Os alunos de graduação da UNITAU também ficavam alojados no local, quando os professores desenvolviam atividades na região.

Posso citar entre tantos pró-reitores, professores, funcionários e alunos, aqueles que colaboraram diretamente nas atividades da PREX, PRE e COPEVE, sendo eles: as professoras assessoras Elvira Aparecida Simões de Araújo e Maria Inez Romero, ambas da Psicologia; e a professora Beth Magalhães do ECASE. E, o professor Roberto Rodrigues de Letras; as professoras Nara Perondi Fortes e Lídia Carelli Barreto da Agronomia; os professores Antônio Mar-

mo de Oliveira e o professor Reinaldo Alvarenga, da Matemática/Física; a professora Jane Mathias Kater, da Odontologia; a professora Terezinha Madureira, do Colégio da UNITAU; os professores Fernando José Fagundes, José Felício Goussen Murade, Renata Monteiro, e Robson Monteiro, estes da Comunicação Social; a professora Olga Rodrigues Nunes da História; os professores José Henrique de Abreu e José Rogério Lopes, do Serviço Social; professoras Livia Vierno e Maria Dolores da Arquitetura; professoras Neusa Banhara e Maria Tereza da Pedagogia; os professores Sérgio Araújo e Ana Júlia da Biologia, e outros. E, entre os funcionários e funcionárias, a Gerluce Schneider, Graça Beraldo, Elena Guisard Miranda, Celina e Cecília Guedes, Sandra, Rosicleide, Cristina Balbi, Zélia, José Eduardo, Marlene Lessa, Margarida Giunta, Eugênia Ivo, Olga Eugênia, Márcia, Juliana, Claudia, Vera, Alessandro, Maurício, Silas, Ednaldo, Éder, Maurinho entre tantos outros. Sendo que na administração superior da UNITAU, daquela época, e que também colaboraram com a PREX, foram: os Reitores, os professores Milton de Freitas Chagas e Nivaldo Zollner; e os Pró-reitores: as professoras, Maria Emília Gama Nogueira de Sá, Maria San Martim, Maria José Milharezi Abud, Maria Júlia Xavier, e os professores Wanderley Antônio Angarano, Paulo San Martim e José Carlos Florençano. Fico feliz de ter essa oportunidade para compartilhar, e citar pessoas queridas e que foram muito importantes na minha vida profissional na UNITAU.

A Unitau foi minha segunda casa, foi a realização de um sonho. Ainda estudante, ansiava ser professora no Serviço Social. Quando ministrava aulas, aspirava ser chefe desse curso. E, a Pró-reitoria de Extensão, acredito ter sido uma consequência de minha atuação naquele departamento.

Sinto-me agradecida com a oportunidade de compartilhar meu afeto à UNITAU, aos professores, aos funcionários e alunos, fundamentais à realização de tantos programas e projetos socioeducativos. Àqueles que por um lapso não tenha citado nessas memórias peço que me perdoem e sintam-se abraçados. A educação é realizada por um conjunto de variáveis, na busca constante do desenvolvimento humano e social, adequando-os para que sejam concretizados.



1. Estudantes da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Arrecadação de fundos para as vítimas nordestinas do rompimento do Açude de Orós, Ceará | 1960
2. Equipe de futebol "Os Corujas", formada por professores, estudantes e funcionários da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras | década de 1960



3. Estudantes da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Viagem pedagógica ao Rio Grande do Sul | década de 1960

4. 1ª Turma da antiga Faculdade de Serviço Social | década de 1960

5. Cerimônia da Colação de Grau da 1ª Turma do curso de Ciências Econômicas | 1967

6. Estudantes da 1ª Turma do curso de Ciências Econômicas. Cerimônia de Colação de Grau | 1967



7. Estudantes do curso de Letras. Antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Cerimônia da Colação de Grau | 1967

8. Estudantes da 1ª Turma do curso de Engenharia Civil, da antiga Escola de Engenharia de Taubaté. Colação de Grau | 1967



9



10

9. Cerimônia da Colação de Grau da 1ª Turma de Engenharia Civil, da antiga Escola de Engenharia de Taubaté | 1967

10. Estudantes do curso de Pedagogia na Cerimônia da Colação de Grau | 1968



11

11. Estudantes da 1ª Turma do curso de Ciências Biológicas no Laboratório da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras | 1968



12

12. Cerimônia da Colação de Grau da 1ª Turma do curso de Odontologia | 1978



13

13. Cerimônia da Colação de Grau na Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho. Curso de Direito | 1983



14

14. Prof. José Carlos Sebe Bon Mehy, entrevistando a Profa. Isabel de Carvalho Vieira e o Prof. Joffre Alves Furquim para o Projeto Memória | 1982



15

15. Estudantes da 1ª Turma do curso de Medicina do Campus Caraguá | 2022

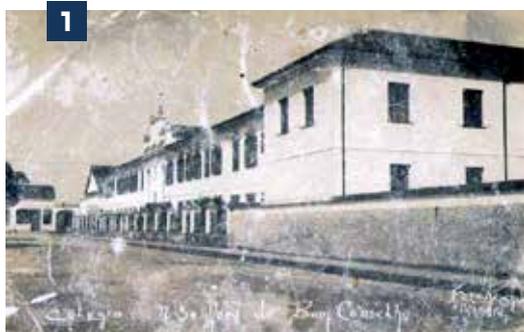


16

16. Comemoração dos 20 anos da ACOM - Central de Comunicação - no encerramento da 1ª Secon (Semana de Comunicação e Negócios) | 2024

foto: Jaine Monteiro

foto: Léo Poli



- 1. Fachada do antigo Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho | sem data
- 2. Construção do Departamento de Ciências Jurídicas | década de 1970



- 3. Antigo Campus do curso de Arquitetura e Urbanismo | década de 1980
- 4. Fachada do Departamento de Ciências Sociais e Letras | década de 1980



- 5. Atual Campus do curso de Arquitetura e Urbanismo | década de 1990
- 6. Fachada do Campus JUTA | década de 1990



- 7. Fachada da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | década de 1990
- 8. Fachada da Pró-Reitoria de Administração | década de 1990
- 9. Entrada do antigo Departamento de Informática | década de 1990



- 10. Fachada do Colégio "Dr. Alfredo José Balbi" | 1995



11. Fachada do atual Campus Bom Conselho | década de 2000

12. Fachada do antigo Campus Gestão e Negócios, atual Departamento de Comunicação e Negócios | década de 2000

13. Departamento de Ciências Agrárias | década de 2000



14. Estudantes no Departamento de Ciências Jurídicas | década de 2000



15. Fachada do antigo Departamento de Comunicação Social | década de 2000

16. Fachada do Centro de Laboratórios de Comunicação do Departamento de Comunicação Social | década de 2000

17. Fachada da Reitoria | década de 2000



18. Estudantes na escadaria central do Departamento de Ciências Sociais e Letras | década de 2000



19. Solar da Viscondessa do Tremembé, atual Pró-Reitoria de Extensão | década de 2000



20. Fachada do Campus da Universidade em Caraguá-SP (Litoral Norte) | 2022

foto: Leonardo Oliveira



1. Prof. Dr. Felício Murad abrindo a Campanha Extensionista de Prevenção à Dengue na Praça Dom Epaminondas | década de 1990



2. Estudantes visitando a Feira de Profissões da Universidade de Taubaté | década de 1990



3. Estudantes embarcados no avião da Força Aérea Brasileira participando do programa piloto "Universidade Solidária" | 1996

4. Estudantes na pista em direção ao avião da Força Aérea Brasileira | 1996



5. Antiga Fundação Artística Musical da Universidade de Taubaté abrindo o 4º Encontro de Iniciação Científica | 1999



6. Mesa de abertura do 4º Encontro de Iniciação Científica | 1999



7. Estudantes de Medicina realizando ações de extensão universitária de prevenção à surdez na Praça Dom Epaminondas | 1999

8. Professores e estudantes do antigo curso de Geografia em evento acadêmico com o Prof. Dr. Milton Santos | 1999



9. Abertura da 23ª Semana Jurídica "O Profissional do Direito na Sociedade em Mudança" | 2000



10. Abertura do 6º Encontro de Iniciação Científica e 2ª Mostra de Pós-Graduação | 2001



11. Estudantes visitando o stand do curso de Jornalismo na Feira de Profissões da Universidade de Taubaté | 2001

12. Professores de Filosofia vestidos de filósofos gregos na Feira de Profissões da Universidade de Taubaté | 2001

13. Estudantes visitando o stand do curso de Ciências Biológicas na Feira de Profissões da Universidade de Taubaté | 2001



14. Estudantes visitando o stand do curso de Ciências Agrárias na Feira de Profissões da Universidade de Taubaté | 2001



15. 7º Encontro de Iniciação Científica | 2002

16. Profa. Stella Zollner abrindo a 15ª Semana da Biologia "Saúde & Meio Ambiente" no auditório do Campus Bom Conselho | 2002

17. Estudantes do 25º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) | 2002



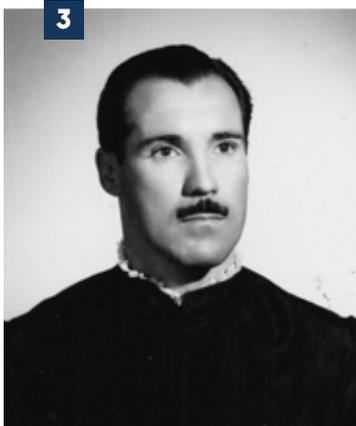
18. Abertura do 8º Encontro de Iniciação Científica e 4ª Mostra de Pós-Graduação | 2003



19. Prof. Dr. Nivaldo Zollner abrindo o 1º Seminário de Extensão Universitária no Departamento de Arquitetura e Urbanismo | 2003

20. Abertura da 23ª Jornada Agrônômica e 4ª Exposição de Produtos e Serviços Agropecuários do curso de Ciências Agrárias | 2003

- 1. Direção da Faculdade de Direito de Taubaté em evento de Colação de Grau | final da década de 1960
- 2. Estudantes em evento acadêmico-cultural no Pátio do atual Campus Humanidades | década de 1980



- 3. 1º Reitor da Universidade de Taubaté, Prof. Dr. José Alves, da Faculdade de Direito | 1973
- 4. Antigo Reitor Prof. Sebastião Monteiro Bonato, no Departamento de Ciências Jurídicas em Colação de Grau | década de 1980
- 5. Antigo Reitor Prof. Walter Thaumaturgo, no auditório do Departamento de Ciências Jurídicas em Colação de Grau | década de 1980

- 6. Antigo Reitor Prof. Milton de Freitas Chagas, no Gabinete da Reitoria | década de 1990
- 7. Prof. José Felício Murad, com o antigo Reitor Prof. Dr. Nivaldo Zollner e Lúcia Paiva | décadas de 1990-2000



- 8. Prof. Joel Abdala com integrantes do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa (GELP) na escadaria central do atual Campus Humanidades | 1998
- 9. Antigo Reitor, Prof. Dr. José Rui, expondo o convênio com a General Motors para a formação dos estudantes do Campus JUTA | 2003



10

10. Estudantes e professores no auditório do Departamento de Ciências Jurídicas assistindo à abertura da XXIII Semana Jurídica | 2000



11

11. Profa. Dra. Stella Zollner, no lançamento do seu livro "Patologia Geral Prática" no auditório do Campus Bom Conselho | 2000

12. Profa. Dra. Nara Fortes e Prof. Dr. Paulo Fortes em evento acadêmico no Departamento de Ciências Agrárias | década de 2000



12

13. Prof. Luiz Arthur de Moura, representantes da administração superior e docentes em evento acadêmico no Departamento de Ciências Jurídicas | década de 2000



13



14

14. Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves, em orientação de alunas do curso de Pedagogia | década de 2000



15

15. Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves em reunião no Gabinete da Reitoria | década de 2000



16

16. Estudantes e Prof. Dr. Valter Cobo, do curso de Biologia, em Trabalho de Campo na cidade de Ubatuba-SP | década de 2000

17. 4ª Mostra de Serviços Agropecuários do Departamento de Ciências Agrárias | 2003



17



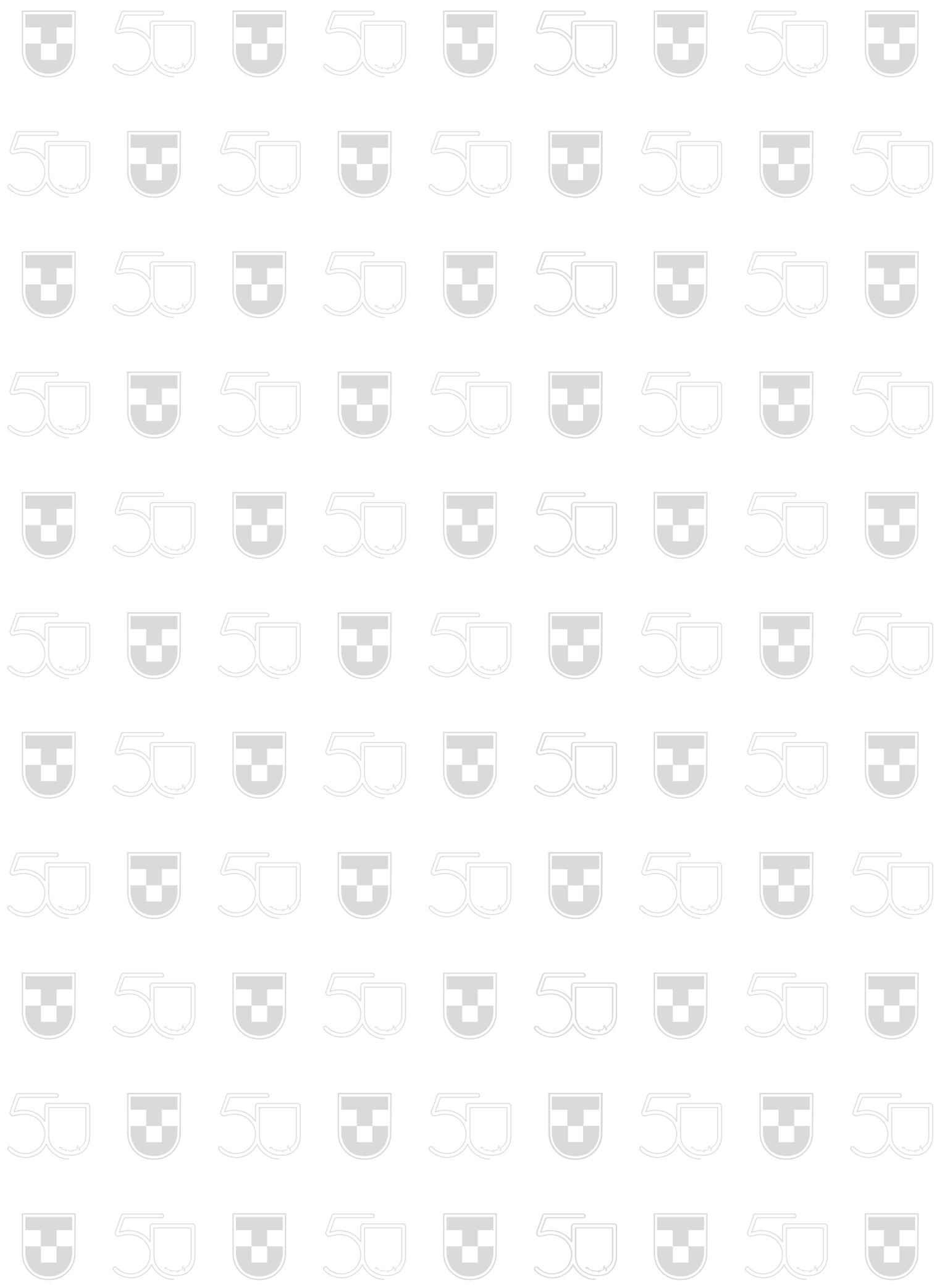
18

18. Dr. Geraldo Alckmin Filho, recebendo o título de Patrono do XXIX Congresso Médico Universitário | 2001



19

19. Antigo Reitor Prof. Antônio Marmo de Oliveira, no Gabinete da Reitoria | 2001





UNITAU
Universidade de Taubaté



edUNITAU
EDITORIA DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

unitau.me/50anos



ISBN: 978-85-9561-176-4



CDL

9 788595 611764